

CRISTINA AGUIAR

OS TRONOS DA LUZ
I

A

PROFECIA
DE HEDHEN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A Profecia de Hedhen

A Profecia de Hedhen

Por Cristina Aguiar

Fortaleza/2011

Apresentação

A Terra de Hedhen, após uma primeira era abençoada, vive agora em um mundo infestado pelas trevas. Vive-se a realidade dos sacrifícios humanos e da subserviência forçada. A única esperança de todos está no cumprimento de uma Profecia. Esta fala de uma mulher, a Herdeira, que deveria surgir e unir os povos na luta para expulsar o mal e trazer de volta a luz que existia antes da queda dos Primeiros Tronos.

O livro é ambientado em um fictício mundo matriarcal, onde homens e mulheres vivem de forma igualitária, exercendo as mesmas funções. A história procura ser dinâmica, intercalando romance, magia, drama, humor e aventura na medida certa.

PRÓLOGO

Fuga na Noite

Quando ela nasceu, Hulda a segurou nos braços. Uma menina de pulmões fortes, ela pensou. Um gemido que vinha do leito, a fez voltar à atenção para a rainha que agonizava após o difícil parto.

— Hulda... — ela sussurrou com dificuldade. — Deixe-me ver o meu filho...

Hulda abaixou a criança até os braços sem forças da mãe.

— É uma menina, senhora - ela disse. — Uma futura rainha.

Cirene, a rainha de Salema, cidade principal da terra de Hedhen, beijou a filha e pôs a mão sobre a cabecinha, ainda desprovida de cabelos.

— Ela será uma rainha, sim... Uma rainha mais justa do que fui.

A criança começou a chorar e Hulda a passou para os braços da parteira que a levou para um quarto adjacente. Cirene pegou a mão de Hulda.

— Preciso lhe falar antes que a vida me deixe...

Hulda sentou-se.

— Estou pronta para ouvir e a obedecer, minha rainha.

— Não deixe que minha filha seja criada por Atalia. Minha irmã cultua uma deusa cruel e quer reviver antigas conquistas de tempos que não devem voltar mais. Deborah deve ser uma esperança de novos tempos. Há muitos anos, não nasce uma rainha de linhagem pura.

— Não sei como fazer isso aqui no palácio, senhora. Atalia não suporta a minha presença e ela será a regente até que sua filha se torne adulta.

— Então, você deve tirar Deborah daqui.

Hulda não respondeu, por estar surpresa demais, diante da proposta da rainha.

— Hulda, os dias antigos não podem voltar e permanecer. Seria o fim de tudo. A escuridão virá enquanto minha filha cresce e se torna uma mulher. Estará no seu sangue o zelo pela luz.

— Minha rainha, a senhora foi ao Altar de Shilloh?

— Sim, eu fui. Ela tem uma missão a cumprir, Hulda. O equilíbrio de Hedhen, que havia no início, será restaurado através da união dos dois grandes Tronos. A Era dos Luminares estará de volta e haverá paz e justiça novamente.

A rainha apertou mais forte a mão de Hulda.

— Prometa que cuidará dela.

— Com minha vida se for preciso, senhora. Partirei ainda essa noite, e sua filha um dia retornará e se sentará no trono que lhe está destinado. Eu prometo.

— Que o Pai-Criador esteja com você, minha amiga e conselheira...

Hulda sentiu que a força da mão da rainha ia se esvaindo. Quando os olhos dela se fecharam, e o peso da morte se fez sentir no lugar, Hulda permitiu-se chorar pela amiga.

Ela deveria sair antes que a notícia da morte da rainha se espalhasse. A noite seria o seu escudo de proteção. A parteira, que era fiel à rainha, contaria que a criança morreria de algum mal terrível e, por estar desfigurada, ela achou por bem, enrolá-la em uma mortalha. Os medos e superstições não deixariam ninguém se atrever a desembrulhar o corpo da criança.

Hulda tomou o caminho da montanha. Ela foi a pé, seguindo o rio. Sabia bem para onde ir. A menina em seus braços era leve e dormia tranquilamente.

— Durma, pequena. Sua vida não será fácil. Durma enquanto pode.

Perto do amanhecer, ela encontrou a trilha que levava as grutas. O mato havia subido o suficiente para cobri-la e escondê-la dos viajantes. Era uma subida difícil, mas Hulda tinha os pés de corça, e não se cansava com facilidade.

Antes do amanhecer, ela chegou a entrada de uma gruta enorme. Dentro dela, o caminho prosseguia pelo interior da montanha. Antes de alcançar o caminho, havia um grande lago de

água transparente e fresca. Hulda sentou-se nas margens do lago com a respiração ofegante.

— Agora podemos descansar, minha princesa.

Ela retirou o manto e o estendeu dobrado em dois, sobre um espaço no chão, onde a areia era macia, e depositou a criança que ainda dormia. Hulda sorriu. Aquela menina era um dos Luminares profetizados no início dos tempos. A mulher pousou a mão suavemente sobre a superfície das águas e estas se agitaram. Como se tivesse ouvido o som de uma campainha, um vulto surgiu vindo de dentro da montanha. Era uma mulher e se vestia igual a Hulda.

— Irmã, o que a traz aqui? E quem é essa criança?

Hulda contou toda a história a Miriam. Esta olhou para os céus e agradeceu ao Pai-Criador.

— A Profecia é real e vai se cumprir.

— Duvidava disso? - perguntou Hulda.

— Não posso negar que houve momentos em que achei que não havia mais esperanças para Hedhen.

Miriam olhou para a menina com ternura.

— O que fará com ela?

— Ela deve crescer longe daqui. Vou levá-la para o norte, e deixá-la a salvo com um amigo.

— O norte - repetiu Miriam com um tom sombrio na voz.

— O que foi?

— Uma fumaça negra tem subido de Hazorah. Dizem que suas forjas estão criando novas carruagens de ferro. Um exército está sendo preparado.

— O poder de Hazorah está renascendo? Desde quando?

Miriam olhou para a menina ali deitada.

— Faz nove meses.

Atalia observou o rosto pálido da rainha e o cobriu com um véu. Ao lado desta, um pequeno corpo todo embrulhado em panos de linho. Ela deveria estar contente. A rainha morreu e seu herdeiro também. Este, – no caso – não seria problema, pois segundo Ihe disseram, havia nascido homem. Os homens não

herdavam os títulos das mães. Ela agora era a rainha, mas ainda não se sentia tranquila. Algum segredo parecia mover-se pelo ar. Ela o podia sentir.

— Senhora, está tudo pronto para o funeral - a notícia lhe foi dada pela sacerdotisa-chefe de Salema.

— Que seja rápido! — ela falou ríspidamente.

O ritual foi feito com todas as pompas que a rainha Cirene merecia, e o povo chorou sua morte.

Atalia passou uma vista pelas pessoas ali presentes em frente ao mausoléu. Viu a Ordem Branca do Templo prestando-lhe homenagens com as espadas douradas e refulgentes para o ar, e fez uma careta. As coisas mudariam. Os tempos mudariam. Atalia era rainha.

— O que fará enquanto a menina cresce?

Miriam havia acabado de alimentar a pequena com leite fresco e a pôs nos braços de Hulda.

— Procurarei o menino. Ele também precisará ser achado.

— Não cabe a você, fazer isso.

Hulda a encarou.

— O que quer dizer?

— Faz parte da missão dela, Hulda. É um dos sinais, se lembra?

Hulda respirou fundo.

— Nunca me atentei para tal fato. E o que eu farei durante esse tempo?

Miriam sorriu e pôs a mão de Hulda sobre a cabecinha de Deborah.

— Ela é sua missão. Precisa instruí-la e treiná-la. Ela deve saber quem é, e o que deve fazer. Não é algo que lhe vai ser oculto. Hulda, você precisa criar uma guerreira.

— Nunca! Ela veio para dar um fim a essa raça de guerreiras, como poderia ser uma?

— Sendo a melhor, mais justa, mais corajosa e a mais verdadeira das amazonas. Será também a última delas, pois ao sentar no trono, ela mudará a ordem das coisas. O que deve cair é

a violência, o orgulho, a cobiça e a sede de sangue que Atalia quer restaurar.

— E como tornarei Deborah, uma guerreira diferente das outras?

— Ensinando-a sobre o Pai-Criador.

Hulda olhou ternamente para a criança e sorriu no seu íntimo.

— Tem razão, Miriam. Ela pode ser diferente.

O semblante de Miriam ficou carregado como se uma nuvem de preocupação pousasse sobre ela.

— Ouça, você precisa se certificar de todos os fatos referentes à Profecia antes de tomar qualquer decisão.

— Para isso, eu precisaria ir a Ilha dos Profetas. Não posso me separar dela. Pelo menos, não agora!

— Deixe-a em um local seguro e vá! Não espere muito, Hulda. Há mais fatos nessa história que desconhecemos.

O funeral estava pronto para ocorrer. A cerimônia já havia seguido todos os rituais e o povo começava a se cansar embaixo do sol causticante. Atalia, toda vestida de negro, olhava fixamente o pequeno corpo da criança. Subitamente, ela ergueu o braço antes que os sacerdotes tocassem-no.

— Esperem! Antes que o encerrem na câmara funerária, eu desejo ver o meu sobrinho. Não posso viver com isso pesando em meu peito.

O sacerdote olhou para a sacerdotisa-chefe e recebeu sua aprovação. Respeitosamente, ele foi desatando as faixas que encobriam a criança. De repente, um murmúrio perpassou a multidão. O sacerdote, de mãos trêmulas, olhou para a rainha. Atalia não esboçou nenhum gesto de surpresa. Apenas podia-se ver o brilho frio e gélido em seus olhos negros como a noite. No lugar do corpo da criança, havia um boneco de louça e pano. Ela virou-se para Kyara, a capitã de suas tropas e sua mais fiel confidente.

— Tragam-me a parteira - ela sussurrou por entre os dentes. — Queimem esse embrulho! - ordenou aos sacerdotes.

Ao final daquela cerimônia, vários sentimentos agitavam os corações: Alguns aguardavam com ansiedade e angústia o que resultaria da ira da rainha; outros voltaram para casa com uma alegre esperança no coração.

A parteira foi jogada diante do trono de Atalia. A mulher tremia e a rainha sorriu. Não seria difícil retirar dela o que queria.

— Você fez o parto de minha irmã e ela não teve um boneco! O que foi que nasceu dela e que destino lhe foi dado?

A mulher guardou silêncio.

— Você tem família. Um marido e duas criancinhas, não é? O que você acharia de vê-los arder na fogueira como sacrifício à grande deusa da terra?

— Não! - a mulher atirou-se aos pés da rainha.

— Então, diga-me o que eu quero saber.

A mulher respirou fundo.

— A criança nasceu desfigurada e morta! Ela foi queimada. O último pedido da rainha antes de morrer. Eu juro!

Atalia fez um sinal para Kyara e duas crianças, um menino e uma menina, ambos gêmeos, foram arrastados para dentro por duas guerreiras.

— Meus filhos! - a parteira tentou correr para eles, mas foi impedida por Kyara.

— Seus filhos morrerão aqui mesmo, à sua frente, se não contar a verdade - a voz da guerreira era tão fria quanto a da rainha.

— Uma menina! - exclamou a mulher. — A rainha teve uma menina! Forte, saudável, perfeita!

Atalia ficou em pé com o rosto sem cor.

— E onde ela está?

— Isso eu não sei, eu juro! - a mulher falava entre soluços. — Hulda, a profetisa, a levou. Ela disse que a menina deveria ser protegida para que o povo tivesse uma esperança, mas não me disse para onde a levaria.

Kyara lançou um olhar para a rainha. Atalia desceu os degraus e passou pela mulher em pranto sem nada dizer. Parecia

em estado de choque.

— Majestade, o que devo fazer com eles?

— Tire-os de minha frente e de minha terra. Que sejam banidos para sempre!

Kyara preferia ter matado a todos e se surpreendeu com a atitude da rainha, mas cumpriu as ordens sem questionar.

O velho Héber levantou os olhos e viu a carruagem que trazia uma visita inesperada.

— Hulda, minha amiga, o que a traz aqui?

Hulda desceu com a pequena Deborah nos braços e se aproximou do homem grisalho e obeso.

— Preciso de sua ajuda, meu velho amigo.

Héber levou Hulda para uma das tendas coloridas do acampamento e ouviu a sua história.

— Não foi muito prudente ter vindo para cá. Hazorah está se erguendo. O rei Jabim é amante das artes mágicas dos velhos feiticeiros e colocou o poço da visão para funcionar novamente. Se, Atalia se unir a ele, encontrará a menina rapidamente.

Hulda ficou calada e pensativa por um tempo. O velho Héber observou a pequena marca na cintura da menina. Uma meia lua.

— A marca do destino. Uma Luminar autêntica!

Ele suspirou e levantou-se.

— Pode me acompanhar? Preciso lhe mostrar algo.

Hulda deixou a menina dormindo e acompanhou Héber até uma tenda menos colorida e com toques mais graciosos. Lá dentro, uma jovem mulher amamentava uma menininha da idade de Deborah.

— Esta é Jael, minha neta. Também nasceu recentemente.

Hulda o olhou, estarrecida.

— Ela também tem uma marca – Héber falou solenemente. — Uma estrela. Você não veio aqui por acaso, minha amiga.

Hulda aproximou-se e viu a pequena estrela no lado direito da menina. Era uma menina de apetite. Tinha uma cabeleira

de cachos castanhos e pele branca e translúcida.

— Outra Luminar!

— Elas não podem ficar aqui, Hulda. Suas vidas correm perigo.

— Para onde eu poderia ir? Antes tinha que proteger uma, agora são duas!

O velho mordeu os lábios.

— Existe um lugar - disse a mãe da menina. — Atravessando o Grande Rio, existe uma terra em que o povo é aparentado conosco. As mulheres são guerreiras, mas adoram o Pai-Criador, como nós. Elas se tornaram guerreiras para defender suas cidades enquanto os homens iam para a guerra. É um lugar onde a harmonia ainda reina.

— Gades! - lembrou-se Hulda. — Tem razão. Elas estarão seguras lá.

Naquela noite, ficou decidido que Héber levaria as meninas para Gades, enquanto Hulda iria para o Litoral e embarcaria para a Ilha dos Profetas, a fim de pesquisar tudo sobre a Profecia e depois voltaria. Antes de ir, ela disse a Héber que as meninas deveriam ser treinadas nas armas. Era uma prerrogativa, para o que elas iriam passar quando chegasse a hora. Assim ficou acertado.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1 Deborah e Jael

O tempo foi passando e as meninas foram crescendo junto às montanhas, intercaladas por verdes vales e muitas cachoeiras. Hulda sempre as visitava. Do outro lado do rio, a terra jazia em um véu de desesperança. As conquistas ordenadas por Atalia eram sempre um verdadeiro massacre. Quase todos os reinos de Hedhen, eram-lhe tributários e Jabim, o rei feiticeiro de Hazorah, criou um exército poderoso e indestrutível que portava armaduras de ferro.

Cidades eram saqueadas, os homens eram mortos e mulheres jovens eram levadas para se incorporarem ao exército de guerreiras de Atalia.

Hulda viu as meninas crescerem longe dessa realidade e se sentia aliviada. Atalia continuava sua busca pela sobrinha e, a cada ano que se passava, sentia-se mais ameaçada. Suas conquistas eram apenas um pano de fundo macabro para realizar essas buscas.

Vinte e três anos! Hulda suspirou ao ver as duas moças lutando na campina verde do vale. Já eram duas mulheres feitas. Deborah era mais alta. Tinha uma expressão sempre atenta nos olhos grandes e negros que combinavam com os cabelos, uma pele bronzeada e uma autoridade natural que emanava dela. Jael era um pouco mais baixa, de cabelos castanhos, olhos cor de mel, e uma agilidade muito peculiar. O corpo era bem proporcionado e atlético. Ambas eram conscientes da missão que tinham pela frente e treinavam para estarem prontas, quando o momento chegasse. Hulda sentou-se sobre a relva e ficou observando a luta equilibrada.

As espadas se tocaram no ar com firmeza. Deborah deu um giro e Jael pulou para trás com uma cambalhota, conseguindo amparar um segundo golpe que vinha por cima. Devido à posição, ela caiu e Deborah aproveitou para prender-lhe as pernas com os joelhos enquanto empurrava a espada de Jael para baixo.

— Não pode vencer sua rainha, Jael - Deborah falou. —
Aceite isso.

Com um esforço supremo, Jael juntou os joelhos e empurrou Deborah, que caiu de costas e se viu na mesma situação em que havia deixado à irmã de criação.

— Só que você ainda não é a rainha - Jael rebateu.

Deborah a empurrou, e ambas se levantaram. Após uma série de golpes, as espadas se chocaram com tal força que acabaram caindo ambas no chão.

— Consideraria isso um empate - disse Hulda ao se levantar.

As moças esqueceram o treinamento e correram para ela. Fazia mais de um ano que Hulda não aparecia. Os abraços foram efusivos.

Elas sentaram-se sobre tapetes no terraço da casa onde as moças viviam. Era uma casa armada na encosta da montanha e de lá se podia descortinar uma bela vista da cachoeira que caía formando um lago límpido e convidativo.

Enquanto comiam, a conversa girou em torno das muitas viagens de Hulda e no que ela tinha visto pelo caminho.

— A situação do outro lado do rio está cada vez pior. Saques, sacrifícios humanos são oferecidos à deusa da terra, meninas são convocadas para o exército de amazonas e sujeitadas a um treinamento cruel e sádico, a fim de que o seu lado selvagem seja trabalhado.

Deborah ouvia o relato com uma grande sombra no olhar. Podia-se ver que ela sofria com a situação.

— Quando chegará o tempo? - ela perguntou. — O reinado de Atalia tem que acabar antes que ela acabe com o mundo que conhecemos.

— Creio que o tempo virá mais rápido do que imaginamos. Você se sente pronta?

— Como saberei se estou pronta? Aqui não há muito que se fazer além de treinar. Se a pergunta é sobre a agilidade com as armas, a resposta é sim, embora eu ache que não é só isso. Estou errada no que digo?

Hulda sorriu.

— Não, você está certa. O problema é que você terá que passar por uma prova muito pessoal, antes de começar a sua missão. E essa prova, Deborah, eu desconheço como será.

— Não é difícil imaginar que está próximo, pelas notícias que trouxe com você - disse Jael que escutava tudo em silêncio.

Deborah ficou séria e se fechou em pensamentos. Jael já estava acostumada a esses momentos e não se surpreendeu quando a irmã levantou-se e foi caminhar pela parede do terraço com os olhos cheios de preocupação, fitando o horizonte.

A moça fez uma pausa antes de fazer uma nova pergunta.

— Hulda, tem notícias de meu avô? Já são quase dois anos, desde que o vi pela última vez. Por que ele não retornou mais para cá? Ele está...

— Não, ele não está morto, Jael.

— Então, o que está acontecendo?

— Héber é um velho teimoso. Ele insiste em morar na fronteira de Hazorah. Jabim ficou sabendo da habilidade que o seu povo tem em trabalhar com o ferro e deu a Héber a responsabilidade de forjar as armas e armaduras de seu exército.

Jael encarou Hulda com a expressão de perplexidade estampada no rosto.

— Meu avô tem trabalhado para Jabim?

— Contra a sua vontade.

— Isso deve estar acabando com ele.

Hulda pegou a bolsa que trazia sempre consigo e procurou algo lá dentro.

— Foi bom perguntar por ele. Seu avô não lhe esqueceu, menina.

Ela retirou de dentro da bolsa, uma adaga feita de ferro e bronze.

— Ele fez especialmente para você.

Jael pegou a adaga e a observou atentamente sem conter a admiração. O material não se parecia com nada daquele mundo.

— O presente perfeito para você - comentou Deborah ao voltar.

— Já viu algo assim? - Jael passou-lhe a adaga.

Deborah deslizou lentamente os dedos pela superfície da arma.

— Ferro - ela olhou para Hulda. — É verdade que esse mineral caiu do céu?

— É o que dizem.

Deborah devolveu-a a irmã.

— Use-a com sabedoria.

Jael prestou atenção no tom de advertência usado por Deborah.

— Vou me lembrar disso - ela respondeu pegando a adaga de volta.

Héber ignorava o encantamento que havia no ferro que vinha da montanha. Jabim, usando antigos ritos que aprendera em Babilos, criou um mineral propício para os seus fins de conquista. O ferro de seu exército tornava os guerreiros quase indestrutíveis e as armas traziam em si, um veneno mortal. Era um veneno que não matava de imediato, mas que mantinha o corpo vivo e aprisionado em um mundo etéreo, até que sua utilização não fosse mais necessária. Através do poço das visões, ele conseguia saber de cada movimento de seus homens.

Naquele momento, ele sorria ao contemplar a visão das terras, além do Grande Rio. Foi para lá que a profetiza Hulda havia levado um exemplar feito com o ferro de sua montanha, enviado pelo velho e tolo, Héber. Há muito tempo que os passos de Hulda eram vigiados, mas ela sempre conseguia despistar os seus rastreadores. Até aquele momento, devido a um deslizamento de um grande amigo.

Atalia entrou na torre do palácio de Salema e olhou para o tanque que continha água do poço das visões. Era sua maneira de ficar em contato com Jabim. Naquele momento, ele estava dando a notícia que ela esperava ouvir há mais de vinte anos.

— O outro lado do Grande Rio - ela repetiu. — Só pode ser lá. Junto aqueles renegados.

— Posso agir? - Jabim perguntou. — Seu filho espera ansioso por ordens minhas.

Sísera, o filho de Atalia, era o comandante das tropas de Jabim.

— Sei como meu filho age. Diga-lhe para se conter ou pode por tudo a perder.

— Ele saberá como agir. Darei notícias em breve.

Na fortaleza-prisão de Haros, Sísera recebeu as ordens do rei. O seu exército já estava pronto. Ele preparou-se com esmero.

Cada peça da armadura que ele vestia era como parte de um ritual. Para ele, cada campanha engendrada era um sacrifício à grande deusa, sedenta de sangue. Ele era um homem de feições desfiguradas devido às cicatrizes que trazia no rosto, e isso aumentava seu ódio e sua amargura. Aconselhado por Jabim, ele levou o arco e uma aljava cheia de flechas com pontas de ferro, cheias de encantamento. Eram flechas que já tinham um destino certo: Hulda. A profetisa dessa vez não escaparia. E, finalmente, para o descanso dos senhores daquelas terras, o paradeiro da Herdeira indesejada seria revelado.

Hulda conseguiu se descontraír durante o tempo que passou em Gades. As pessoas eram felizes e despreocupadas no lado oriental de Hedhen, e não pareciam preocupadas ou assustadas com o que acontecia do outro lado do rio. Na terceira noite que estava lá, houve uma festa para comemorar o aniversário da construção da ponte. Esta era o orgulho da cidade, pois marcava um trabalho de esforço conjunto.

Ela batia palmas e sorria, vendo os casais dançando ao som de uma quadrilha festiva. Deborah aproximou-se com uma caneca nas mãos.

— Trouxe para você - ela passou a caneca para Hulda. — Está se divertindo?

— Muito - ela deu um gole no líquido morno. — O que é isso? É saboroso!

— Chá de menta. Uma especialidade das mulheres a qual nenhum homem resiste. Muitos casamentos acontecem avaliando-se o gosto desse chá.

Hulda olhou-a incrédula.

— Está brincando, não está?

— Claro que estou! - disse Deborah, sorrindo.

Hulda passou os olhos pelo povo.

— Onde está Jael?

— Lá atrás, contando história para as crianças. As pequenas adoram isso.

— Ela parece ter muitas histórias para contar.

— Jael é caçadora e tem um acervo muito bom para entreter uma plateia pequena e exigente.

— E você, não beberá?

Deborah sentou-se sobre a relva e cruzou as pernas.

— Já bebi demais.

Hulda sentou-se ao seu lado.

— Quer conversar?

— Sinto o ar pesado - os olhos dela estavam fixos na ponte. — É como se algo estivesse pronto a cair sobre nós.

Hulda olhou em direção a ponte e aguçou os olhos proféticos. Ao fechar os olhos, a imagem ficou bem clara. Tochas. Muitas tochas se aproximavam do rio e logo estariam na ponte.

— Tem razão - ela soltou a caneca. — Estão muito próximos!

Deborah levantou-se em alerta.

— O que você viu?

— Um exército - Hulda também se levantou.

— Vou avisar Jael.

Hulda a segurou pelo braço.

— Vocês devem sair daqui. Agora!

Deborah lhe lançou um olhar decidido.

— Cresci aqui, Hulda. Esse povo é o meu povo. Há muito tempo que eles deixaram as guerras de lado. Eu não permitirei que sejam massacrados, sem que eu esteja aqui para ajudá-los.

— Sua vida é preciosa, Deborah!

— A deles também é! Já pensou que o momento pode ter chegado?

Hulda suspirou e lhe soltou o braço.

— Espero que Jael seja mais sensata que você.

— Não conte com isso! - Jael respondeu.

Elas se viraram e viram a moça em pé atrás delas. Ela se aproximou e se colocou ao lado de Deborah.

— Vou ficar e defender a minha família.

Hulda respirou fundo. Não adiantaria retrucar com aquelas duas.

— Muito bem, vamos avisar o povo para se prepararem.

— Vou mandar as crianças e os mais velhos para o abrigo das cavernas - disse Jael.

— A fogueira! É preciso apagá-la - Deborah saiu para resolver isso.

Sísera já podia ver a ponte. Ele ergueu a mão e o exército parou. Ele chamou dois homens. Seus corpos eram quase completamente cobertos pela armadura.

— Vão à frente, e verifiquem se a ponte é segura.

Eles se foram e Sísera mandou que um acampamento fosse montado ali. Enquanto isso, erguia-se um poste sagrado, símbolo da deusa da terra. O sacerdote se aproximou seguido por dois homens com vestes cerimoniais, seus ajudantes. Eles traziam um homem, escolhido entre os guerreiros, e este estava sobre o efeito de alguma droga, – quase inconsciente. Os ajudantes o fizeram se ajoelhar diante do poste sagrado, e o sacerdote, após proferir palavras em uma língua sinistra, pegou uma faca e cortou a garganta do guerreiro. O sacrifício estava feito.

Sísera ergueu a espada e deu um grande brado na hora em que os homens voltavam da inspeção.

— A ponte é segura! - eles disseram.

— Montem! - foi a ordem de Sísera. — Matem todos, menos a profetisa! Ela é minha!

Há muito tempo eles não lutavam. As habilidades guerreiras, no entanto, estavam latentes e eram passadas de pai para filho e de mãe para filha - era parte de sua cultura. Após as crianças e os velhos estarem em segurança, eles se abrigaram e ficaram à espera

Jael, em torno da colina, liderava um grupo de jovens arqueiros. Deborah posicionou os homens e as mulheres em torno do perímetro da aldeia. Espadas, machados, lanças e qualquer outro instrumento que pudessem usar como arma, era aceito entre eles. Hulda ficou com os guerreiros mais experientes, escondidos pelas casas. Os momentos de espera eram cruéis.

Quando o exército de Sísera se aproximou com o brilho das tochas, Deborah sentiu que seu tempo havia chegado e a tensão a fez apertar o cabo da espada ainda mais. O exército parou no meio do terreiro. Sísera olhou em volta, preocupado.

— Eles se prepararam - ele sussurrou para si mesmo.

Adiantando o cavalo para o centro, ele gritou:

— Entreguem-me Hulda, a profetisa, e nada lhes acontecerá! Caso contrário, poremos fogo em suas casas e mataremos a todos. Sua história deixará de existir, pois ninguém sobreviverá!

Um dos homens de Sísera, nervoso pelo silêncio, atirou uma flecha no ar. Esta caiu sobre um rapaz que estava no topo da colina e ele soltou um grito. Jael viu que era chegada a hora.

— Preparem-se - ela disse.

Os arcos estavam prontos.

— Atirem na direção das tochas. Agora!

Uma chuva de flechas caiu sobre o exército de Sísera, muitas delas penetrando os pontos vulneráveis da armadura. O povo de Gades tinha a habilidade de enxergar no escuro. Vários homens caíram. Ele soltou um berro ensandecido e o exército invadiu. Deborah ergueu a mão e o grupo que ela comandava deu o sinal que os outros precisavam, a ir de encontro aos invasores, correndo. O exército de Sísera viu-se cercado de guerreiros habilidosos e flecheiros que pareciam enxergar na escuridão.

As espadas se chocavam umas com as outras por toda a parte. Sísera ainda não vira sinal da profetisa ~~profetiza~~. Hulda lutava contra aqueles que tentavam queimar as casas. Ela usava com habilidade, um bastão de bronze, mas a sua preocupação estava com as duas vidas que precisava defender. Pela janela, ela viu Deborah, que desferia golpes com agilidade. A moça ia abrindo caminho por onde passava, e Jael dava o seu apoio com as flechas que vinham lá de cima.

Deborah o viu à sua frente. Ficaram cara a cara no meio da batalha. Sísera era alto, forte e assustador. O brilho dos olhos

cruéis gelava a alma de qualquer um. Ele lançou-se sobre ela, que amparou o golpe com firmeza. O homem a olhou surpreso. Eles se afastaram e deram alguns passos em círculo. Um estudando ao outro. Sísera atacou novamente. Deborah defendia-se e atacava ao mesmo tempo. Os golpes desferidos por ela o fizeram tropeçar e quase cair. Furioso, ele desferiu um golpe rasteiro. Deborah pulou na hora e virando-se, acertou-lhe o pulso com a ponta da espada. Ele gritou e soltou a sua arma no chão. O homem a encarou perplexo.

— Eu sou o filho da rainha de Salema, soberana de toda a terra de Hedhen. Você não poderia ter me desarmado, a não ser que fosse...

Antes que ele completasse a frase, dois homens vieram em seu auxílio. Deborah virou-se e passou a lutar com os dois. A agilidade dela era impressionante. Sísera correu até a espada, mas parou e olhou para trás. Lembrou-se das flechas de ferro e pegou o arco que trazia nas costas.

Jael observava a cena com olhos de águia. Sísera estava preparando uma flecha para Deborah. Ela viu que a irmã estava dando toda a sua atenção aos homens que a cercavam, que agora eram três. Ela ordenou que atirassem neles para ajudar Deborah. Sua atenção, no entanto, estava voltada para Sísera. Ela correu até a borda da colina e preparou o arco. As flechas foram disparadas quase na mesma hora.

Deborah ainda viu os homens caírem ao seu redor pelas flechas dos arqueiros de Jael, quando uma voz interior a fez voltar-se a tempo de erguer a espada em defesa própria, e desviar a perigosa flecha para o lado. Ela viu Sísera ser atingido na altura da rótula, um local desprotegido pela invencível armadura, por uma flecha do arco de Jael. Olhando para cima em direção a arqueira, o homem parecia não acreditar na própria derrota, mas a dor no joelho e a raiva o fizeram soltar um berro que chamou a atenção dos seus homens.

— Recuem! Para a ponte! Bater em retirada!

Animados pela quase impossível vitória, o povo os perseguiu até que nenhum deles restasse daquele lado do rio. Um grito de vitória ecoou ao som da trombeta e deu ânimo a um antigo povo guerreiro que, afinal, não havia esquecido suas raízes.

Jael e Hulda aproximaram-se de Deborah, que descansava ajoelhada ao lado da espada. Hulda pôs a mão em seu ombro.

— Serei sincera – a voz da profetiza estava trêmula. — Não pensei que fôssemos conseguir.

Jael sentou-se ao lado de Deborah e jogou o arco de lado.

— Achei que ele fosse te matar— ela disse com os olhos fixos na ponte.

— Ele não pode me matar — a voz de Deborah era arrastada. — Mas agora ele sabe quem eu sou.

Ela olhou para cima e encarou Hulda.

— Acho que o tempo chegou.

Hulda suspirou.

— Sim, ele chegou. Vocês estão prontas.

Jael ergueu-se silenciosamente e caminhou até a ponte. Ela retirou do cinto a adaga de ferro que lhe fora dada por seu avô e a ficou admirando por um tempo.

— O que ela está fazendo? - perguntou Hulda.

— Agindo com sabedoria - respondeu Deborah com um olhar de satisfação.

Jael jogou a adaga no rio e voltou com o passo firme. O seu olhar cruzou com o de Deborah, que se erguia apoiada na espada.

— Usei-a da forma certa? - ela perguntou ao pegar o arco no chão.

— O que diz o seu coração?

— O meu coração está leve agora — Jael sorriu e passou por elas em direção a aldeia.

Hulda olhou para o rio e meneou a cabeça.

— Tenho visão profética, mas algo me escapa. Pode me esclarecer?

— Aquilo era ferro de Hazorah. O encantamento maligno de Jabim está na fonte daquele mineral. De que outra forma eles poderiam ter seguido o seu rastro?

— Héber...

— Ele agiu por amor, mas desconhecia o alcance da magia de Jabim.

Hulda encarou Deborah, perplexa.

— Deborah, você está desenvolvendo um dom muito raro. A sua intuição é quase profética.

— E isso lhe espanta?

— Eu desconhecia que esse dom pudesse lhe acompanhar.

Deborah olhou novamente para a ponte e viu o povo ainda se regozijando com a vitória e uma sombra caiu sobre os seus olhos.

— O que foi? - perguntou Hulda.

— Não gosto desse dom, Hulda.

Hulda pôs o braço ao redor de sua cintura e a puxou.

— Vamos, anime-se! Na vida há vitórias e derrotas. Hoje é um dia de vitória. Vivamos esse momento sublime e inesperado, e regozijemos com esse povo maravilhoso. Hoje, você e Jael se tornaram motivo de futuras canções.

Deborah sorriu e deixou-se levar.

CAPÍTULO 2

Na Estrada

Atalia, na torre, recebia a mensagem de Jabim através das águas do poço das visões.

— Sísera falhou - ele disse com gravidade.

— Conheço o meu filho e você também o conhece. É um valoroso guerreiro. Algo aconteceu para ter provocado sua derrota. O que está me escondendo?

— Ele disse que foi derrotado em pleno campo de batalha por uma mulher.

Atalia respirou fundo em expectativa.

— Uma mulher derrotou o meu filho? Nenhum homem seria capaz de derrotar o herdeiro do trono de Salema, a não ser...

— A Herdeira natural de toda a terra de Hedhen - o rei completou. — Aquela a quem você tanto teme.

— Ele pensa assim?

— Sísera está confuso, porque havia duas mulheres e ambas o venceram. Ele não saberia dizer qual das duas é a Herdeira.

Atalia ficou em silêncio, meditando profundamente sobre aquilo.

— Minha rainha?

— Preciso conhecer a Profecia, Jabim. Algo me escapa e não gosto de me sentir impotente. Vou agora e peço-lhe que cuide do meu filho.

— O seu filho é como se fosse meu filho. Logo estará forte novamente para liderar meu exército forjado no ferro. Ocupe-se com esse mistério.

E assim terminou a breve comunicação entre eles.

Elas saíram no cair da noite. Não havia necessidade de despedidas, pois a idéia de que Deborah e Jael iam apenas viajar com Hulda por um tempo, foi bem recebida pelo povo e não despertaria suspeitas. Apenas os mais velhos sabiam da verdade.

Os três cavalos foram guiados pela trilha que seguia o rio através das montanhas. Elas cobriram uma boa distância sem serem vistas por ninguém em uma viagem silenciosa. Com um espaço de três horas para o amanhecer, Hulda ergueu a mão e parou.

— Acho que merecemos um descanso.

— Onde estamos? - perguntou Jael.

— A poucos metros do fim da trilha. Amanhã, cruzaremos o rio e ficaremos expostas.

— Expostas a quê? - Deborah perguntou ao descer do cavalo.

Hulda também desceu com um gemido. Sentia o corpo dolorido.

— Acho que a idade está me pegando - ela disse com a mão nas costas. — Qual foi mesmo a sua pergunta? Ah... me lembrei! A cobertura que havia na terra de Gades termina com a trilha. Até alcançarmos a cobertura das Cavernas de Sal, estaremos viajando por uma área sem proteção e cheia de espiões a serviço de Atalia.

— Então, vamos aproveitar essas poucas horas para comer alguma coisa e descansar - sugeriu Jael. — Algo me diz que não vamos poder fazer isso amanhã.

Na manhã seguinte, Deborah foi a primeira a se levantar. Preparou uma vasilha com chá de ervas, após se banhar no rio. Estava bem disposta e mais presente do que na noite anterior. Jael, ao contrário, teve um sono agitado e por esse motivo, Hulda deixou que ela dormisse mais um pouco. A profetisa provou o chá e suspirou.

— Tão bom quanto o de menta!

— Há muitas ervas saborosas para fazer chá por aqui — Deborah pôs mais um pouco de água para ferver e um punhado de folhas maceradas. — Isso deve dar para encher um dos odres.

— Chá de viagem?

— Restaura as forças e mata a fome — ela respondeu com um gesto afirmativo de cabeça.

Hulda levantou-se e despertou Jael. A moça acordou com olheiras profundas e Deborah, preocupada, aconselhou-a se banhar no rio. Quando Jael voltou, sentiu o espírito renovado com o chá de ervas.

— Agora, sinto-me capaz de prosseguir.

— Então, vamos - Hulda montou. — Precisamos cruzar aquele rio antes do anoitecer.

A marcha foi longa e sem paradas. Ainda havia sol quando alcançaram o vau do rio, que tinham que cruzar. Hulda respirou fundo.

— Lembrem-se que quando atravessarmos esse rio, a cobertura nos deixará.

Jael olhou para trás e imaginou qual seria o seu papel nessa história? Deborah tinha um trono pelo qual lutar, mas e ela?

Pelo que lutaria? Não seria melhor desistir de cumprir o seu destino e voltar? Nesse momento, ela sentiu uma mão no seu ombro e se voltou. Deborah lhe olhava com atenção. Os olhos negros pareciam ler o que se passava na sua alma.

— Não tenha medo de seguir em frente - Deborah falou.

— Tenho medo de pisar na escuridão, Deborah. Não sou como você. Não consigo sentir o que está lá na frente e nem mesmo sei se lá é o meu lugar. Não enxergo nada!

Deborah sorriu. Um sorriso franco, aberto como um raio de sol.

— Não tenha medo. Eu mostro o caminho para você.

Jael sentiu que sua confiança voltava e teve a certeza de que seguiria a Herdeira para onde quer que ela fosse. Hulda gritou por elas lá na frente, onde o vau era mais fácil de atravessar.

Era uma pousada simples. Elas desceram dos cavalos e se aproximaram devagar. Algumas carroças carregadas de mantimentos estavam paradas na frente. Lá dentro, uma dezena de pessoas conversava, bebia, fumava e, jogando conversa fora. Elas amarraram os cavalos na estaca e entraram. Em uma das mesas havia um grupo de guerreiras de Salema. As amazonas jogavam dados e apostavam moedas. Estavam tão distraídas que não ergueram o olhar para a porta. Hulda pôs as duas mãos sobre o balcão e o homem que estava atrás dele olhou-a admirado. Conhecia uma profetisa quando via uma e as respeitava.

— Senhora? Deseja um quarto?

— Um quarto, não. Gostaria de sua permissão para passarmos a noite no celeiro.

Jael e Deborah prestavam atenção ao grupo de guerreiras.

— Vai ser uma noite fria - o homem disse.

— Estamos preparadas para isso.

— Há bastante palha no andar de cima.

Hulda sorriu agradecida e pediu leite, pão e uma porção de queijo fresco para levar.

O celeiro era espaçoso e tinha várias baias vazias que podiam abrigar seus cavalos. Elas subiram a estreita escada de madeira e deram com um grande espaço cheio de palha estocada. Jael jogou-se em cima do “colchão” natural.

— Quente e macio! Não vai ser uma noite tão ruim.

Hulda foi até a janela que se abria para os fundos da pousada, e observava o movimento. Viu quando o grupo de guerreiras se foi. Ela respirou aliviada.

— É, acho que vai ser uma noite tranquila.

Deborah sentou-se e descalçou as botas, dando um descanso aos pés.

— Quanto tempo até chegarmos as Cavernas?

— Essa e mais uma noite.

Hulda abriu o saco e jogou pão e queijo para cada uma. O leite teria que ser compartilhado da mesma garrafa.

— Por que você estava inquieta? - perguntou Jael — As guerreiras de Salema constituíam ameaça para nós?

— No momento, não. Elas nada sabem sobre vocês, portanto, não há o que temer. O meu receio foi que, ao ver vocês, elas resolvessem incluí-las no exército. Esse alistamento relâmpago é uma das táticas de Atalia para aumentar sua força. Patrulhas como essa, andam a procura de novas recrutas em cada aldeia e pousada da região.

— Talvez fosse bom colocarmos umas barrigas de mentira - brincou Jael.

— Ou fingirmos alguma doença - completou Deborah com um sorriso.

— Pensaremos nisso depois. O que importa é que o perigo já passou, felizmente.

Choveu naquela noite. Os pingos da chuva entravam pela janela e pelos buracos do teto do celeiro molhando as três viajantes exaustas. A certa altura, Hulda abriu os olhos e observou a escuridão em volta, tentando ouvir no silêncio pesado da noite. Um barulho diferente dos pingos que caíam lhe chamou a atenção.

Pareciam sussurros e o rastejar de alguma coisa. Ela estendeu o braço a fim de acordar Deborah, que dormia ao seu lado.

— Eu ouvi – respondeu a moça com a mão pousada no cabo da espada.

Jael, que se encontrava próxima a janela, também estava acordada e alerta com o arco já preparado em cima do corpo.

Foi muito rápido. Pareciam sombras que se confundiam com a noite. Três pularam pela janela e três subiram a escada. Formas sem rosto que se escondiam por trás de capas negras.

Deborah forçou o corpo para frente e sentou-se com a espada esticada. Esta atravessou uma das sombras que se desfez em pó. A moça ficou em pé sem compreender o que era aquilo.

Jael, de joelhos, atravessou duas com uma só flecha, enquanto Hulda agitava o bastão no ar em movimentos circulares e abatia mais duas do outro lado do aposento. Deborah virou-se a tempo de ver a última sombra preparando-se para cair sobre Jael e, imediatamente, jogou a espada que cortou o ar como se fosse uma lança. Esta fez a sombra desaparecer numa fumaça negra. Jael observou a fumaça que foi sumindo aos poucos. Ela assustou-se quando a irmã pôs a mão no seu ombro.

— Tudo bem? – Deborah perguntou.

— O que eram essas coisas? – Jael falou com a voz trêmula.

Deborah olhou para Hulda a espera da resposta.

— Espiões de Atalia. Criaturas repulsivas criadas através de sua magia.

Curiosa, Deborah aproximou-se de um monte de poeira negra espalhada no chão e chutou levemente com o pé. A poeira se espalhou como cinza.

— E de que são feitos?

Hulda apoiou-se no bastão.

— Não tenho certeza. Talvez só existissem em nossas mentes.

A moça a encarou com o olhar duvidoso. Jael apanhou uma de suas flechas que foram usadas e viu a cinza grudada na ponta triangular.

— Não acredito nisso. Para mim eram bem reais.

Deborah embainhou a espada.

— Vamos embora! Não é seguro ficarmos aqui.

— Ficou louca? – protestou Jael. – Vamos morrer congeladas lá fora.

Hulda suspirou.

— Jael está certa. Não vamos sobreviver uma noite lá fora.

Deborah suspirou resignada.

— Certo, mas vamos dobrar a guarda. Vocês dormem, eu vigio.

— Tudo bem, eu rendo você daqui a duas horas – disse Jael.

Dessa forma, elas se acomodaram novamente para dormir. Deborah sentou-se ao lado da janela com a espada descansando sobre o colo. Ela viu o dia clarear, pois o sono a havia deixado e ela não viu necessidade de acordar Jael. Hulda mexeu-se, mas não acordou. Lá embaixo, os empregados começavam o seu dia de trabalho. Jael acordou e foi ficar ao seu lado, ainda sonolenta.

— Por que não me acordou?

— Perdi o sono – respondeu com um sorriso.

Jael sentou, olhando-a com preocupação.

— O que está acontecendo com você? Está escondendo algo de mim? Nunca tivemos segredos antes.

Deborah lhe lançou um olhar terno e respirou fundo.

— Sinto como se um grande peso fosse cair sobre mim a qualquer momento. Quando tento ver o meu futuro, só vejo escuridão.

— Você disse que o futuro não estava escrito.

Deborah sorriu.

— Tem que acreditar em tudo o que eu digo?

Jael sorriu de volta.

— Aprendi a confiar em você.

O resto do dia foi calmo e sem contratemplos. Finalmente, ao entardecer, alcançaram as margens de outro rio. Do outro lado descortinavam-se as montanhas nuas de rochas amareladas que brilhavam ao sol. Hulda suspirou aliviada.

— Quando atravessarmos este rio, estaremos sob a cobertura dos Anciãos. Esta será a nossa última noite mal dormida.

A voz de Hulda não passava muita confiança. Jael não deixou que Deborah tomasse a frente daquela vez.

— Eu fico de vigia essa noite, Deborah. Você precisa descansar. Não tem feito isso com muita frequência: A irmã olhou para ela agradecida e sorriu.

— Tem razão, não vou discutir com você.

Hulda fez companhia a Jael até tarde naquela noite. A profetisa contou histórias sobre os lugares que visitou e tornou o momento mais alegre. Deborah dormia profundamente do outro lado da fogueira.

— Acho que vou me deitar agora – disse Hulda.

— Obrigada por me fazer companhia.

Hulda deu um beijo carinhoso na testa da moça.

— Chame-me se não aguentar passar a noite. Deixe sua irmã descansar. Ela vai ter uma jornada muito longa para começar em pouco tempo. Todo momento de descanso é bem-vindo.

— Está bem.

Jael passou a noite em claro, em decorrência da ansiedade. Pela manhã, estavam todas bem dispostas para atravessar o rio. Os cavalos, já descansados, não ofereceram dificuldades. Além disso, o rio não era profundo e suas águas estavam calmas. Logo pisaram o solo do Deserto de Sal. Hulda abriu um sorriso.

— Estamos seguras agora! – ela apontou para um aglomerado de montanhas rochosas. — As Cavernas ficam após aquelas rochas.

As moças olhavam em volta com o coração angustiado. O deserto era assustador com o seu aspecto seco, sem plantas e debaixo daquele sol escaldante. Tão diferente de Gades!

— Hulda, por que esse lugar parece tão triste? – perguntou Jael.

A mulher sorriu.

— Vocês vão aprender a encontrar a beleza desse lugar.

— Beleza? Nesse lugar? – Deborah balançou a cabeça sem estar convencida. — O que esse lugar tem para oferecer, afinal?

Hulda encarou a moça com a expressão grave.

— acredite-me, você vai descobrir isso muito em breve.

Deborah tinha muitas perguntas a fazer, mas já havia aprendido a virtude da paciência quando se tratava de Hulda.

CAPÍTULO 3

As Cavernas do Sal

Entre as montanhas havia uma trilha encoberta. Hulda ia à frente servindo de guia, e as outras, acompanhavam em silêncio. Elas admiravam a disposição das Cavernas do Sal, que lembravam uma cidade escavada na rocha. Hulda entrou por um caminho que levava até a mais alta das cavernas. Esta era cercada por um parapeito que formava um espaçoso terraço ao ar livre, o qual eles chamavam de praça. Lá, três homens de túnicas da cor de areia as esperavam. Um deles, de cabelo e bigode preto, aproximou-se com um sorriso para Hulda.

— Estou feliz em vê-las chegar em segurança.

Ele ajudou a profetiza a desmontar.

— Tivemos apenas um pequeno contratempo no caminho – ela disse deixando-se ajudar. — Coisa fácil de resolver.

Hulda virou-se para as moças que já haviam desmontado.

— Deborah, Jael... Este é Salum, um dos principais sacerdotes das Cavernas do Sal.

Ele olhou para elas com interesse. A aparência de Deborah o deixou impressionado. Tinha a elegância e autoridade de uma rainha, além da expressão grave e desconfiada, mas o olhar da moça era muito mais profundo do que ele esperava, Estava

diante de uma profetiza! Ele fez uma breve reverência para surpresa dela.

— A Herdeira!

Ao virar-se para Jael, sorriu ao ver o corpo jovem e atlético, acompanhado por um ar de impaciência próprio da juventude. O olhar dela passava coragem e determinação, além de uma enorme lealdade no coração.

— A Guardiã!

Jael olhou confusa para Hulda. Era a primeira vez que alguém a chamava por esse título.

O homem bateu palmas e dois jovens surgiram para cuidar dos cavalos.

— Vamos entrar – disse Salum. — Existe uma ceia nos esperando lá dentro. Vamos deixar os assuntos sérios para depois.

Jael aproximou-se de Deborah.

— O que eu devo guardar?

Deborah sorriu.

— A paciência realmente não é a sua virtude.

A ceia foi simples e saborosa. Comeram em silêncio. Quando terminaram, eles foram para outro espaço. Este era mais escuro e rodeado de bancos. Apenas a luz de algumas tochas nas paredes clareava o ambiente que cheirava a incenso de mirra. Nos bancos havia outros anciãos e algumas pessoas que se trajavam de forma diferente.

Deborah e Jael foram levadas a um banco que ficava no centro. Hulda sentou-se entre Salum e um rapaz alto, loiro, de olhos brilhantes e profundos. O homem, que parecia ser o mais velho de todos, caminhou para trás de uma grande mesa. Deborah notou que o rapaz loiro a olhava com vivo interesse e sustentou o olhar de volta. Eles pareciam estar ligados por algum destino em comum. A voz do ancião a fez voltar o olhar para a mesa.

— Este é um grande dia para a Comunidade. A Profecia está se cumprindo. Temos aqui conosco aquela que vai restaurar a ordem na terra de Hedhen. O equilíbrio que foi quebrado em

tempos antigos será ligado novamente. E aqui também está aquela que deverá assegurar o cumprimento integral da Profecia.

Jael escutava sem piscar os olhos. Já fora chamada de Guardiã, e aquela nova função vinha mostrar que o seu papel era bem maior do que imaginava. Deborah, ao seu lado, olhava para baixo. Estava tensa e preocupada com a responsabilidade que lhe era imposta: restaurar a ordem na terra!

Aquela era uma cerimônia que tinha o propósito de apresentá-las como cumpridoras da Profecia. Após um discurso cansativo, Salum as conduziu para um salão ao lado onde havia apenas mais três homens vestidos como ele, e o rapaz loiro. Eles aguardavam sentados no chão sobre tapetes de lã. Elas se acomodaram nos lugares que lhes foram reservados. Salum falou com a voz clara e firme:

— Há vinte e três anos, Hulda fugiu do palácio de Salema carregando nos braços uma criança – ele olhou Deborah nos olhos. – Era uma menina. Filha legítima da rainha Cirene, de Salema, e que trazia no seu corpo a marca da Profecia. Pode nos mostrar a marca, Deborah?

A moça olhou para Hulda e sentiu a sua aprovação. Então, ela levantou-se e ergueu a túnica, que usava solta sobre a calça de tecido grosseiro, virando-se de costas e expondo a cintura. Todos murmuraram ao ver a marca do Luminar Menor: a meia-lua. Sentindo-se constrangida ao ser observada por todos, não esperou nenhum consentimento para baixar a túnica e virar-se de frente. Olhou com firmeza para Salum. Ele sorriu e disse:

— Pode sentar-se, Deborah.

Ela obedeceu, sem desviar os olhos dos dele.

— Como podem ver, uma marca única e legítima. Ao fugir, Hulda buscou abrigo com alguns nômades amigos. Lá chegando, quis o destino que ela encontrasse outra criança, que havia nascido na mesma hora que Deborah, e que trazia o símbolo da estrela. Jael...

— Eu não vou mostrar, senhor! – a resposta brusca de Jael surpreendeu a todos. – Não passamos vinte e três anos de nossas

vidas escondidas do mundo, para chegarmos aqui e sermos analisadas como produtos de uma caravana.

Todos a olhavam com surpresa e espanto, inclusive Deborah e Hulda. A irmã agarrou o seu braço com firmeza e a forçou a encará-la.

— Jael, ouça bem, minha irmã, o que vou lhe dizer – o olhar dela era severo. — Se nós vivemos todos esses anos em segurança, foi porque eles nos protegeram! Não acha certo que exijam uma prova de nós? Há muito em jogo aqui, lembra?

Jael hesitou, mas acabou cedendo diante da atitude de Deborah. Foi a contragosto que ela se levantou e fez o mesmo que a irmã para mostrar a marca da pequena estrela nas costas. Salum sorriu para Deborah em agradecimento.

— Obrigado, Jael – ele disse com a voz paterna. — Pode sentar-se agora e nos perdoe pela exigência das provas, mas é para isso que as marcas estão aí. Para serem mostradas no devido tempo - hoje.

Ela sentou-se, envergonhada pela própria atitude.

— Não, eu é que devo me desculpar, senhor. Acho que tenho que aprender a controlar meus impulsos.

Salum sorriu divertido, e o homem que estava ao seu lado tomou a palavra:

— Eu sou Otoniel – ele disse. — Estudei a Profecia durante toda a minha vida e apenas conheço parte dela. Digam-me, o que vocês sabem?

— Muito pouco, senhor – respondeu Deborah. — Foi nos dito que acharíamos as respostas aqui.

O homem levantou-se e caminhou pelo aposento. Ele era um pouco mais alto que Salum e tinha menos cabelo que este. De repente, ele parou por trás das moças.

— Os seus caminhos tomarão rumos diferentes, de agora em diante.

— Senhor – Jael respirou fundo. — Qual é o meu papel na profecia?

Otoniel sorriu.

— Precisa aprender a esperar, minha jovem.

Ela virou-se para ele.

— Eu fui chamada de “Guardiã”. O que eu devo guardar? Eu sempre soube qual era o papel de Deborah, mas nunca soube qual era o meu.

Otoniel ergueu a mão e ela se calou.

— Terá a sua resposta daqui a pouco. Só peço-lhe um pouco de paciência.

Ele virou-se para Deborah.

— Levante-se, Deborah, “Mulher de Lapidote!”.

Ela obedeceu, tentando compreender aquele novo título. Otoniel pôs as mãos sobre seus ombros.

— Saberá o que isso significa por si mesma. Você deverá penetrar no reino de Atalia. Não em Salema, pois ainda não está pronta para isso. O povo lhe aguarda, e é a ele que você deve buscar primeiro.

Ele virou-se para o rapaz loiro e lhe fez um sinal. Este se ergueu e deu um passo para dentro do círculo.

— Eu sou Barak, filho de Abinoão, líder do povo da Floresta de Quedes. Temos lutado contra as forças de Sísera no norte, mas somos poucos em face do exército de Jabim. Tudo o que conseguimos até agora foi iniciar algumas guerrilhas. Os clãs precisam se unir e eles só farão isso quando a “Herdeira” se revelar. Eles aguardam o cumprimento da Profecia e nunca perderam as esperanças.

Deborah estava assustada com o tamanho de sua missão.

— E como eu devo me apresentar para o povo? Devo apenas mostrar a marca como fiz aqui?

Otoniel a soltou e cruzou os braços atrás das costas, dando um suspiro solene.

— Não. Descobrirá isso quando souber o significado de “Mulher de Lapidote”. Durante esse tempo, misture-se ao povo. Conheça-o, ame-o. Quando descobrir o significado, vá para o Deserto do Sul. Lá haverá uma última prova para você.

Jael ergueu a mão pedindo permissão para falar e Otoniel sorriu.

— Senhor, e quanto ao Luminar do Sol? Onde está ele?

Otoniel deu um novo suspiro e baixou a cabeça.

— Ele está no mundo, mas ainda não sabe disso.

— Pode explicar melhor? – pediu Deborah.

— Ele não é como vocês. A marca do “Rei” não deve ser visível para a sua própria segurança. Ele saberá quem é, por meio de vocês.

Deborah estava ficando impaciente com tantos mistérios.

— Peço-lhe que nos diga logo o que temos que fazer! Já vi que a nossa responsabilidade é muito maior do que nos foi passada. Se temos a esperança de toda Hedhen em nossas mãos, por favor, seja claro e nos diga o que fazer!

Ele ergueu a mão e ela aguardou a resposta.

— A verdade é que uma parte da Profecia está oculta e nunca foi lida. É ela que vai revelar o desenrolar da história.

Ele olhou para Jael, que também havia se levantado.

— Ela deve ser encontrada, guardada e movida de seu lugar, no tempo certo, pela Guardiã – ele virou-se para Deborah. — Nesse tempo, ela deverá chegar as mãos da Herdeira, que a lerá e ratificará na presença de pelo menos duas testemunhas. Neste momento, o Rei conhecerá a si próprio, pois sua marca se tornará visível.

Estas palavras tinham um significado que ia além da capacidade profética de Hulda e Deborah. Otoniel suavizou o rosto e sorriu.

— Isso é tudo. Sintam-se livres para fazerem aquilo que quiserem. Aproveitem o tempo de calma que ainda está em seu alcance.

Otoniel barrou o caminho de Jael.

— Venha comigo, filha de Héber. Tenho algo para lhe mostrar.

Ela o seguiu em silêncio. Eles passaram por uma ponte de madeira que ligava a gruta em que estavam, à outra um pouco maior, e que se abria em várias passagens. Otoniel pegou a passagem que se abria à direita e Jael o seguiu. Ao chegarem a um vão iluminado, ela percebeu a presença de algumas pessoas que

andavam de um lado para o outro. Ali havia muitas camas, mas poucas estavam ocupadas. A maioria, por idosos. Ela julgou que estivessem em uma enfermaria.

Otoniel pôs a mão no seu ombro e a guiou até a última cama. Ela notou que o homem que nela estava era jovem, de pele clara e bronzeada e cabelos negros e espessos. Parecia dormir tranquilamente, apesar do ferimento que tinha no lado da cabeça.

— Há dois dias esse rapaz chegou aqui – explicou Otoniel.
— Ele foi atacado perto da fronteira, antes de atravessar o rio.

— Quem é ele? E por que me trouxe para vê-lo?

Otoniel respirou fundo.

— O nome dele é Héber.

Jael olhou para Otoniel com incredulidade e surpresa.

— Como... – ela começou.

— O seu avô foi morto por Sísera.

A moça sentiu as pernas fraquejarem e Otoniel a guiou até uma das camas vazias e sentou-se ao lado dela.

— Este rapaz é filho do filho mais novo de Héber, e herdou o nome do avô.

— Meu primo! – ela atentou para o belo rosto do rapaz.

— Sim. Ele trouxe notícias do norte. Uma facção da tribo juntou-se a Sísera e tomou a liderança do povo Quenita.

Jael apertou o cabo da espada com a respiração tensa. Um pensamento, claro como a água de uma fonte, lhe sobreveio.

— Eu sou a filha da filha mais velha, não é isso?

O homem sorriu.

— Sim, e você deve voltar e lutar pela liderança de sua tribo.

— E quanto à missão?

Ele pôs a mão no ombro dela. Aquilo dava conforto.

— Quando você voltar e pegar de volta o que é seu, ela terá começado.

Ela virou-se para o belo rosto de Héber.

— Então, esse é o meu caminho?

Deborah e Barak caminhavam pelo parapeito que dava para o Mar de Sal. Além - mar , que não passava de um grande lago, podia-se ver o verde das montanhas. Ele apoiou-se na pequena murada que rodeava uma grande plataforma natural a que chamavam de "praça".

— Você é um sonho que se torna realidade – a voz dele era profunda e sincera. — Para mim e para muitos que terão a sua esperança de volta.

Ela sorriu sem graça e olhou em direção ao Mar de Sal.

— Suas palavras me confortam, Barak – ela fez uma pausa antes de continuar. —Minha visão tem um limite, para mim mesma. Quando tento olhar pra frente, vejo apenas escuridão e sinto medo.

Ele tocou na mão dela tomado por um impulso. Queria poder confortá-la e livrá-la do medo e do peso da responsabilidade, mas não podia. Ela fechou os olhos como se estivesse absorvendo a força que ele lhe passava.

— Você não pode ver o seu futuro porque tem que viver para escrevê-lo.

Ela abriu os olhos e o encarou fixamente.

— Você confia em mim?

A pergunta o surpreendeu.

— Por que pergunta isso?

— Você tem sido o comandante desse povo, preciso saber se confia em mim.

Ele a olhou nos olhos e pôde ver o que ela não via.

— Eu seguiria você até a morte.

Deborah ficou sem respostas. Foi assim que Hulda os encontrou.

— Barak – ela chamou.

O rapaz virou-se como se estivesse despertando de um sonho. Deborah voltou-se para a vista do mar.

— Salum quer falar com você sobre a organização do exército do norte – Hulda disse ao se aproximar.

— Ótimo! Eu preciso muito da ajuda que ele me prometeu. Onde posso encontrá-lo?

— Na biblioteca.

Barak agradeceu e passou por ela de cabeça baixa. A mulher virou-se para Deborah.

— Barak é um bom homem. Leal e honrado.

A moça suspirou.

— Quero partir.

— Partirá. E será mais cedo do que pensa.

Deborah virou-se para Hulda e de repente, uma visão, rápida como um raio e nítida como a mulher que estava à sua frente, passou diante de seus olhos.

— Preciso ver Jael! – ela disse com urgência. — Onde ela está?

— O que você viu?

Deborah não respondeu e passou por Hulda apressadamente. Esta a seguiu.

Jael levantou-se da cama ao ver Hulda e Deborah entrarem na enfermaria. A irmã parou diante do rapaz moreno deitado na cama e deu a volta para examiná-lo de perto. Jael foi ficar ao lado dela.

— Esse é Héber, meu primo – ela explicou.

Deborah viu que o ferimento do rapaz era um corte profundo.

— Precisa esperar por ele – Ela falou suavemente. — Não pode voltar sozinha.

Jael contou-lhes toda a história que foi passada por Otoniel. Quando ela terminou de falar houve alguns minutos de silêncio. Foi Hulda quem o quebrou:

— É incrível como a história vai tomando o rumo segundo a vontade do Pai-Criador. Esse é o seu chamado, Jael, mas Deborah está certa. Você não pode ir sozinha.

— E o que devo fazer, Hulda? – a moça parecia atormentada pela dúvida. — O meu avô foi morto! O meu povo foi traído!

Deborah pôs a mão no ombro da irmã de criação.

— Espere seu primo acordar e se recuperar. Com certeza, ele terá muito a lhe dizer. Não queira passar na frente do tempo. A

minha missão e o sucesso dela depende da sua, lembra, Guardiã?

Jael baixou a cabeça e suspirou.

— Nunca pensei em voltar para o meu povo dessa maneira.

Hulda pôs a mão sobre a cabeça dela.

— Jael, filha de Héber, líder da tribo dos quenitas – ela falou com solenidade. — Aquela que conhecerá o segredo do Leviatã.

Deborah olhou curiosa para a profetisa.

— Leviatã?

Hulda sorriu.

— Jael saberá de que falo, quando assumir o seu lugar.

Hulda voltou-se para Deborah.

— Jael terá que esperar, mas você não.

Deborah assentiu resignada.

— Sei que o momento chegou. Quando devo partir?

— Procure descansar essa noite, e esteja pronta para partir amanhã.

Jael olhou incrédula para Hulda.

— Partir? Nós mal chegamos! Por que ela terá que ir tão cedo?

Hulda respirou fundo e fechou os olhos.

— O nosso tempo encurta a cada dia. Às vezes, o relógio nos surpreende e precisamos correr contra ele.

CAPÍTULO 4

A Mulher de Lapidote

No dia seguinte, à noite, Deborah, vestida com uma roupa comum de viagem, ou seja, uma túnica folgada sem cinto e de cor vermelha, calças pretas e botas de pele, desceu sozinha a trilha que levava até seu novo cavalo, que já estava preparado lhe esperando. Já havia se despedido de Hulda e Salum, recebido instruções e as orações de bênçãos. Lá embaixo, Jael a esperava segurando o cavalo pelas rédeas. Era um bonito corcel negro de pelo brilhante, chamado Bruma. Deborah parou diante dela.

— Acho que não nos veremos por muito tempo, minha irmã – Jael falou com lágrimas nos olhos.

Deborah pegou a rédea que ela lhe estendia.

— A verdade é que estaremos sempre juntas, não importa a distância – a voz da Herdeira estava trêmula. — Sei que vou sentir você ao meu lado e me alegrarei com isso.

Jael pareceu surpreendida.

— Deborah, você tem medo?

A moça mordeu o lábio e baixou a cabeça.

— Só queria saber por que não consigo ver o meu futuro como vejo o de outros.

— Como viu o meu?

Um sorriso tímido surgiu nos lábios de Deborah.

— Sim, é isso. Exatamente como vi o seu.

Jael era mais baixa que Deborah, mas mesmo assim, colocou ambas as mãos sobre os ombros dela.

— Deborah, o seu futuro está encoberto pela Profecia. Você faz parte direta dela e terá isso revelado no seu devido tempo.

Deborah se surpreendeu com Jael.

— Quem fala é a Guardiã?

Jael sorriu.

— Eu sou a Guardiã e você é a Herdeira. Para isso nascemos e vivemos. É hora de assumirmos, o nosso destino.

Elas se abraçaram demoradamente.

Quando se separaram, Deborah subiu em Bruma. Jael admirou a autoridade e dignidade que emanavam dela. Deborah aprumou-se e olhou para Jael nos olhos.

— Deixarei de pensar no futuro e cumprirei o meu papel.

— Faça isso e lembre-se de que somos a esperança dessa gente.

— Até breve, minha irmã – disse Deborah.

Jael ficou vendo-a sumir na escuridão da noite e elevou uma prece para o Pai.

Deborah iniciou sua viagem pela terra. Observou cada povoado e cada pessoa que encontrou no caminho. Eram pessoas simples e acolhedoras, mas também eram oprimidas e assustadas. De vez em quando, ela encontrava uma patrulha de amazonas no caminho, mas tentou manter-se afastada de contatos desse tipo. Ela estava viajando pelas terras de Atalia já por uma semana e passava as noites dormindo ao relento, sob a luz da fogueira. Mas aquela noite seria fria e o seu corpo pedia o conforto de algum lugar quente. Após uma curva da estrada, ela viu a luz tênue de uma lamparina que brilhava por entre duas árvores. Aproximou-se da casa, que era pequena, mas estava provida de um pequeno celeiro ao lado. Uma mocinha de cabelos vermelhos pegava água de um poço com um balde amarrado a uma corda. Ela ergueu os olhos e se assustou ao ver Deborah no cavalo.

— Posso ajudá-la, minha senhora? – ela gaguejou.

— Procuo um lugar para passar a noite – Deborah falou com suavidade. — Vai ficar muito frio para dormir ao relento.

A mocinha hesitou. Parecia assustada.

— Não temos quartos sobrando. Nossa casa é pequena.

Deborah sorriu.

— Posso ficar no celeiro — ela apontou. — Só quero me abrigar do frio.

A menina percebeu que estaria em segurança na presença daquela mulher de aspecto tão nobre. Ela soltou o balde no chão.

— Espere enquanto vou chamar a minha mãe.

Enquanto a menina corria para dentro da casa, Deborah desceu do cavalo a fim de descansar o corpo. Ela aproveitou a água do balde e deu um pouco a Bruma. Em seguida, meteu novamente o balde no poço e o retirou cheio. Quando a menina voltou estava acompanhada de uma mulher alta e corpulenta.

— Minha filha me disse que está a procura de um lugar para dormir. - a mulher perguntou com desconfiança.

— Sim, senhora. Como eu disse a sua filha, essa noite vai ser muito fria e eu não gostaria de dormir ao relento.

A mulher compreendia e observou Deborah com muita atenção.

— Venha comigo.

Deborah a seguiu até o celeiro. O lugar era bem mais espaçoso do que aparentava. Era também quente e confortável. Havia muita palha espalhada pelo chão.

— Temos duas baias desocupadas. Pode colocar o seu cavalo em uma delas.

Deborah concordou em silêncio enquanto analisava o lugar. No centro, uma escada estreita levava a outro andar.

— Você... está com fome? – a mulher perguntou.

— Estou, sim.

A mulher suspirou.

— Muito bem, eu mandarei Rute trazer algo para você comer.

Ela saiu do celeiro sem olhar para trás. Deborah sabia que a mulher estava com medo. Ela tinha o mesmo medo que vira nos olhos de outras pessoas que encontrou pelo caminho. Depois que ela acomodou e alimentou Bruma, Rute entrou com uma bandeja.

— Eu trouxe pão e leite fresco.

— Obrigada, Rute – ela agradeceu passando a mão nos cabelos da menina. Em seguida, pegou a bandeja e sentou-se sobre a palha.

— Não quer me fazer companhia?

Os olhos da menina brilharam.

— Posso?

— Claro! Sente-se e me ajude a devorar esse pão. É grande demais para uma só pessoa.

Rute pegou o pedaço que Deborah lhe oferecia.

— Está indo para Salema? – ela teve a coragem de perguntar.

— Não. O meu caminho não passa por lá.

— Achei que estivesse indo se alistar no exército de amazonas – Rute parecia surpresa.

Deborah franziu as sobrancelhas.

— Por que achou isso?

— Você parece uma guerreira – o comentário saiu de forma natural.

Deborah deu de ombros.

— Uma mulher precisa ser uma guerreira para viver nesse mundo. Mas isso não a torna uma amazona.

Ela percebeu certo alívio nos olhos da menina. Nesse momento, o som de patas de cavalos se aproximando da casa chegou até elas. Rute correu até a porta. Um grupo de dez amazonas havia parado em frente à sua casa e discutiam com sua mãe.

— Desculpe, eu tenho que ir! – ela saiu correndo do celeiro.

Deborah não teve tempo de perguntar o que estava acontecendo, mas podia sentir que não era algo bom. Ela levantou-se e pegou a espada por precaução. Saiu e foi caminhando lentamente para frente da casa. O grupo de amazonas cercava mãe e filha, enquanto a primeira apelava:

— Por favor, é toda a comida que temos!

A mulher alta e magra, que parecia ser a líder, falou com voz arrogante:

— Tudo? Um mísero saco de cereal é o que você chama de tudo? Deveria me agradecer por eu não mandar tocar fogo em sua casa.

Rute abraçou-se com a mãe enquanto a mulher ordenava que o saco fosse colocado na montaria do cavalo. Deborah resolveu intervir ao ver o estado de suas anfitriãs.

— Desculpe, mas o saco é meu por direito – ela falou chamando a atenção das mulheres. — Cheguei aqui primeiro.

A líder desceu do cavalo e deu dois passos em sua direção. A mulher era tão alta quanto Deborah. Esta permanecia parada com as mãos descansando sobre a espada e com os olhos e sentidos atentos. Rute apertou a mão da mãe.

— E quem é você? – a líder perguntou, perscrutando o rosto de Deborah, encoberto pela escuridão da noite.

— Apenas uma hóspede – foi a resposta simples.

A mulher riu alto.

— E acha que tem prioridade sobre o exército da rainha?

Deborah deu dois passos firmes adiante e seu rosto ficou exposto à luz da lua. Os olhos estavam fixos nos olhos da líder.

— O direito que me cabe vem da Tradição, e nem sua rainha pode anulá-lo.

A mulher parou de rir e hesitou. Ela conhecia a Lei da Tradição, uma das mais antigas leis de Hedhen.

— Será que não percebeu que está em desvantagem?

O semblante de Deborah não se alterou e nem o seu olhar deixou de fixar o alvo.

— Estou disposta a lutar pelo que me pertence.

A mulher, então, puxou a espada e a apontou para a Herdeira.

— Então, terá que lutar com todas!

Deborah ergueu a espada e segurou-a com firmeza na frente do corpo.

Miriam, a mãe de Rute, puxou a filha para um canto seguro. De lá elas puderam assistir toda a luta. Deborah lutava com a agilidade de uma leoa. Em poucos minutos, todas as espadas das adversárias estavam no chão, inclusive a da líder. Esta ergueu os braços, espantada.

— Não sei como isso aconteceu, mas reconheço a sua vitória.

Deborah guardou a espada em silêncio. A líder olhava as espadas no chão a sua volta.

— Como fez isso sem derramar sangue?

Deborah sorriu.

— Focalize o seu alvo nas armas. A derrota não precisa vir com a morte.

A líder, agora mais amistosa, aproximou-se dela.

— Por que não vem conosco para Salema? O exército precisa de guerreiras como você.

— Obrigada, mas o meu caminho é outro.

A mulher voltou para o cavalo, resignada. Montou, mas antes de ir embora, dirigiu-se a Deborah mais uma vez.

— Eu me chamo Eunice. Se mudar de idéia, me procure.

— Farei isso.

Quando as mulheres se foram, Rute correu para pegar o saco, mas Deborah barrou-lhe o caminho.

— Espere, pequena! – o olhar dela era severo. — Você tem que entender uma coisa: eu tenho a posse desse saco perante a Lei da Tradição, e isso deve ser respeitado.

Rute pareceu surpresa e decepcionada, mas Deborah manteve a expressão grave.

— Aprenda a respeitar o direito dos outros, e estará agindo para mudar este mundo para melhor.

Então, ela voltou-se para Miriam e sorriu.

— Como eu não vou poder carregar esse saco pesado no meu cavalo, resolvi dá-lo a vocês.

Miriam aproximou-se dela admirada.

— Suas atitudes me espantam, minha senhora!

Deborah pôs a mão acolhedora sobre o ombro da mulher.

— Vamos, eu ajudo a carregar o saco – ela disse ainda sorridente.

Miriam a convidou para compartilhar de um delicioso chá de ervas. Quando se levantou para voltar ao celeiro e dormir, Rute perguntou se podia lhe fazer companhia. Deborah aceitou com um sorriso.

— Eu entendi a lição – a menina disse enquanto caminhavam.

— Achei que entenderia. Você é uma menina inteligente e de grande valor para sua mãe.

— Tem mesmo que ir embora amanhã? – ela perguntou com a voz triste.

— Receio que sim.

De repente, Deborah parou com os olhos fixos na montanha. Havia muitas luzes de tochas acesas como se marcassem um caminho para o alto.

— O que é aquilo? – ela perguntou.

— É a semana das tochas – respondeu Rute. — O Ritual de Lapidote.

Deborah olhou espantada para a menina ao ouvir o nome.

— Lapidote?

— Sim, é o ritual da Ordem de Zelofeade, que vive naquela montanha e aguarda o cumprimento da Profecia. Todos os anos, na mesma época, elas acendem as tochas.

— Para quê?

A menina deu de ombros.

— Dizem que a Herdeira vai voltar, e que apenas ela será capaz de acender a Tocha de Lapidote. Muitas candidatas surgem, mas a semana sempre passa sem que a Tocha seja acesa.

Deborah respirou fundo. Estava tão perto de cumprir o seu destino! Ela sentia o coração acelerado.

— Rute, se eu concordasse em ficar mais um dia, você me levaria até lá amanhã?

Rute a olhou surpresa.

— Claro! Vai tentar acender a Tocha?

Antes que Deborah respondesse, Miriam chamou a filha. Antes de se despedir, Rute pegou a mão da moça com firmeza.

— Eu gostaria que você fosse a Herdeira.

Ela saiu correndo, deixando Deborah entre encantada e espantada.

Maalá olhava desanimada para a Tocha apagada em um nicho encravado na rocha. Todos se foram naquele primeiro dia e a Tocha não fora acesa.

— Um dia se foi e nossa esperança com ele – ela murmurou. – Cansei de esperar. Estou envelhecendo e vejo tudo se esvair como um sonho.

Hogla olhou preocupada para a amiga.

— Não diga isso, Maalá. Poucas candidatas apareceram hoje e amanhã teremos mais uma chance. Tenha fé!

Noa entendia os sentimentos de Maalá. Elas partilhavam da mesma esperança e sabiam que aquele era o ano decisivo para o cumprimento da Profecia. Ela caminhou até a mesa onde descansava um enorme arco de ferro, pegou-o nas mãos sentindo o seu peso e suspirou.

— A cada ano as candidatas diminuem – ela comentou.

Hogla lançou um olhar silencioso para Tirza, que permanecia encostada a uma árvore de braços cruzados. Esta identificou o pedido de socorro naquele olhar e sorriu.

— É verdade, Noa. Sabe por que elas diminuem? Porque nenhuma delas é a Herdeira. A verdade é que têm algumas que ficamos torcendo para que não consigam erguer o arco.

Noa teve que sorrir. Milca, sentada em um dos bancos, espreguiçou-se sonolenta.

— Vamos dormir. Amanhã será um novo dia e nossa esperança estará renovada. Sinto a necessidade de descansar.

Maalá sentou-se ao seu lado com um suspiro cansado.

— Podem ir. Eu quero ficar mais um pouco aqui, pensando.

Ela sentiu uma mão em seu ombro. Era Noa.

— Eu lhe farei companhia.

Maalá sorriu agradecida para a jovem e fiel amiga. As outras se despediram e se foram para o Retiro da Ordem.

— Sabe, Noa – disse Maalá, — temo que tudo isso em que acreditamos seja uma grande mentira, que a Profecia é falsa e que nada vai mudar.

Noa apertou a mão da mulher mais velha.

— Não perca as esperanças, minha amiga! Nunca! A semana ainda não terminou, muito pelo contrário! Temos quatro dias a mais pela frente.

Maalá sorriu amargamente.

— Lembra-se do início? Jovens guerreiras faziam filas a fim de usar o arco e tentar acender a Tocha. A maioria, hoje, está no exército de Atalia.

— Nisso você tem razão. O número tem diminuído assustadoramente a cada ano.

Maalá levantou-se.

— Bem, aguardaremos como sempre! O que pretende fazer quando a semana acabar?

Noa sorriu e ficou em pé.

— Quer mesmo saber? Espero estar fazendo uma reverência para a Herdeira, e me preparando para uma longa, longa batalha.

Maalá sorriu e bateu no ombro da amiga.

— Que seja, Noa! Vamos, quero partilhar mais um pouco dessa fé que você tem, enquanto caminhamos para o Retiro.

Deborah passou o dia ajudando Miriam e Rute a cuidar do sítio. A noite, ela estava pronta para seguir com Rute até as tochas. No caminho, encontraram algumas pessoas que subiam com a esperança de ver a Profecia se cumprir. Deborah deixou Bruma amarrado em uma árvore e seguiu Rute até uma clareira. Lá em cima havia uma pequena multidão que se acotovelava para ver o resultado daquela noite. No centro, uma fila com cinco moças caminhava em direção a uma mesa onde descansava um grande arco. A primeira moça caminhou até a mesa e pegou o pesado arco nas mãos com um suspiro. Parecia bem pesado.

— É um arco de ferro – murmurou Deborah. – Não me admira que ninguém tenha conseguido acender a Tocha.

— A Herdeira fará isso! – falou Rute. – É o que a Profecia diz.

Rute falava com paixão e convicção.

— Vai tentar? – a pergunta surpreendeu Deborah.

— Não! – a moça respondeu com um sorriso.

Rute olhou para ela e cruzou os braços.

— E por que não?

Deborah lhe sustentou o olhar e fez um ar de mistério.

— Ainda não é a hora – foi tudo o que disse.

Rute não entendeu e Deborah permaneceu calada, observando. Nenhuma das candidatas cumpriu a Profecia e as cinco mulheres de branco, que deveriam compor a Ordem de Zelofeade, tinham as feições derrotadas pelo desânimo.

— Vamos embora – disse Deborah.

— Vai voltar amanhã? – Rute não ia desistir.

— Eu vou embora amanhã, pequena.

Pela manhã, a pequena Rute entrou correndo no celeiro e o encontrou vazio. Voltou correndo para a casa e esbarrou com a mãe ao entrar.

— Rute, o que houve? O mundo vai se acabar?

A menina apontou o celeiro, ofegante.

— Ela se foi, mãe... – a menina parecia desconsolada. —
Por que não se despediu de mim?

Miriam ajoelhou-se e abraçou a filha.

— Ela deixou um recado pra você. Disse que ia precisar sair muito cedo para tratar de um negócio particular, mas que antes de seguir viagem passaria novamente por aqui para se despedir.

Rute não se sentiu reconfortada com a notícia.

— Ela não podia sair agora.

— Por que não?

— Ela tinha que tentar acender a Tocha!

Miriam passou a mão no cabelo da filha e sorriu.

— Esqueça a Profecia, Rute. Precisa parar de sonhar com coisas que não existem.

A menina olhou séria para a mãe.

— A senhora é que está errada em ter deixado de acreditar.

A mãe ia retrucar, mas como sempre, Rute a deixou, correndo antes que conseguisse dizer qualquer coisa.

Deborah acampou em um ponto do monte, um pouco mais alto e isolado. De lá ela podia ver as tochas acesas. Precisava saber o momento certo de agir. E assim, ela passou o seu tempo ali, se alimentando apenas de água. Era preciso manter o corpo limpo. Assim, chegou o fim daquela semana e, durante um sonho, ela teve a resposta. Era chegado o momento, no último dia! Ela levantou-se, e caminhou até uma bolsa de pele de carneiro e a abriu. Tirou de lá uma veste branca e limpa. Preparada para aquele momento. Após se lavar no córrego do rio que passava por ali, ela se vestiu e pôs a espada dentro da bainha presa às suas costas. Estava pronta.

Na clareira, o desânimo marcava o último dia de tentativas. Poucos continuaram a ir, na esperança de ver o milagre acontecer. Por insistência de Rute, Miriam a levou até a montanha. Elas se misturaram as poucas pessoas que estavam assistindo.

Apenas duas candidatas haviam se apresentado, e a primeira delas acabava de falhar.

— Noa, vamos encerrar logo isso! – implorou Maalá. – Não há mais esperança, não consegue ver isso?

Noa estava com os olhos fixos em alguém que chegava. Maalá voltou-se e também a viu. Era uma mulher alta e jovem, de cabelos e olhos negros, tinha o corpo bem proporcionado e uma postura nobre. Ela se aproximou de Noa e sorriu.

— Posso tentar?

— Claro... – a moça indicou a mesa e o arco.

A segunda candidata também havia desistido e, assim como as pessoas ali reunidas, tinha o olhar fixo na estranha que acabara de chegar. Rute apertou a mão de Miriam.

— É ela, mãe! Ela veio!

Deborah caminhou até a mesa e analisou o pesado arco. Ao tocá-lo, ele se tornou leve em suas mãos. Ela olhou para cima e viu a distância da Tocha que deveria acender. Recebeu a flecha incandescente das mãos de Hogla, e a preparou no arco com facilidade. Ao aprumá-lo e mirar no alvo, ela sabia que estava pronta a selar seu destino de uma vez por todas, e sentiu medo. Isso a fez hesitar e baixar o arco com indecisão. Mas isso foi perceptível apenas para ela, que logo se recompôs e, decidida, mirou e atirou a flecha com precisão. A Tocha foi acesa instantaneamente com o roçar da pequena flecha. Houve gritos e urros de exaltação e alegria. Deborah olhou para trás e viu as cinco mulheres de branco ajoelhadas. A mais velha chorava, sacudindo os ombros devido aos soluços.

Deborah dirigiu-se ao povo ali reunido.

— Esse é o dia pelo qual tanto esperaram. A Profecia começou a ser cumprida, e um novo tempo começa a partir de hoje. Temos inimigos poderosos a combater, por isso precisamos ficar unidos. Famílias, clãs e tribos. Sem divisões ou dissensões. Somos um povo que clama com a mesma dor, e apenas juntos seremos fortes. Pensem nisso quando forem dormir em suas camas essa noite. Precisamos aprender a dar glórias ao Pai, criador de todas as coisas, e Aquele que inspirou a Profecia. A “mãe”, que o povo dessa

terra adora, tem sede de sangue e poder. Ela não passa de uma criação do Pai, já que seus adoradores a chamam de natureza. E é para glorificar o nome do Pai e dar início ao estabelecimento de sua ordem que eu estou aqui. Quem está comigo?

Todas as mãos foram erguidas entre gritos e palmas. Depois o povo foi se afastando com a chama da esperança renovada em seus corações. Deborah sentiu dois braços se enlaçarem em sua cintura, e viu Rute. Ela deu um beijo terno na cabeça da menina.

— Você viu em mim aquilo que eu era, Rute. Não vou me esquecer disso.

— Eu sabia que você ia voltar.

Deborah sorriu.

— Eu nunca fui embora.

Maalá ficou intrigada.

— Então, por que esperou tanto tempo?

— Eu precisava esperar pelo momento certo. Não podia ser antes e nem depois.

Noa respirou aliviada.

— E agora que está aqui, sabe o que fazer?

Deborah ficou séria e olhou em volta para as cinco mulheres.

— Preciso fazer uma viagem longa e cansativa, mas estarei aqui a tempo de falar com os chefes do povo.

Ela percebeu os rostos preocupados e sorriu.

— Eu cheguei, minhas amigas. Se me afastar agora é para termos muito tempo juntas pela frente. Olhem para aquela chama que arde, e creiam que eu vim para ficar.

Milca apanhou o arco de ferro no chão e sentiu a dificuldade para levantá-lo. Com as duas mãos o entregou a Deborah que o pegou com a mesma facilidade com a qual pegaria um arco normal.

— Eu acredito – disse Milca, espantada.

— Por causa do arco? – perguntou Deborah. – Ele é leve para mim porque faz parte do meu destino. Foi feito para minhas mãos, e designado a mim pela Profecia. Não tenho superpoderes,

mas posso me apropriar daquilo que está escrito e decretado pelo Pai ao meu respeito.

Noa pôs a mão no ombro dela e sorriu.

— Então, vá! Mas volte logo. Não nos prive de sua presença por mais tempo do que já ficamos.

— Eu voltarei o mais rápido que puder. Prometo.

CAPÍTULO 5

A Rainha dos Queneus

Jael encontrou Hulda na estrebaria.

— Mandou me chamar? – a moça perguntou.

— Chegou a sua hora, Jael. Sente-se pronta?

Jael hesitou antes de dar a resposta.

— Eu não sei se estou pronta, Hulda. Entretanto, eu tenho que estar, e só terei certeza disso se eu partir.

Hulda sorriu e chamou a moça para ver algo na última baia. Era um cavalo de um tom quase dourado. O pelo brilhava e a crina, um pouco mais clara, era abundante.

— Este será seu fiel companheiro.

Jael admirou o cavalo e passou a mão sobre o pelo brilhante.

— É lindo! Como se chama?

— Deram-lhe o nome de Solaris, por causa do pêlo quase dourado.

— Solaris – repetiu Jael. – Gostei do seu nome, companheiro.

— A Guardiã merece uma montaria veloz.

Jael respirou fundo.

— Quando devo partir?

— Essa noite. Héber está pronto para ir com você?

— Sim, ele já está recuperado e se sente bem.

Hulda tinha algo mais a dizer, mas não sabia como abordar.

— Hulda, diga logo o que está pensando, por favor!

A mulher suspirou.

— A sua missão inicial não será fácil, Jael. Enfrentar a rebelião de uma tribo guerreira é uma grande tarefa. Talvez você tenha uma grande prova pela frente.

— Concluindo?

— Tente conter seus impulsos, menina! Você será uma líder com grandes responsabilidades.

Jael sorriu.

— Aprendi muito nesse tempo que passei aqui, acredite. Otoniel foi um professor paciente. Se eu não me sinto pronta, é pelo peso que a tarefa exige. Eu sei quem sou, Hulda. Sei também que Deborah precisa de mim na liderança dos Queneus. Confie em mim.

Hulda a abraçou.

— Eu vou confiar, filha! Vou confiar.

Jael e Héber tornaram-se bons amigos. O primo era inteligente e divertido. Isso fez com que a jornada fosse leve e tranquila. Paravam para dormir ao relento e caçavam o próprio alimento. Treinavam espadas um com o outro, e exercitavam a mira com o arco, em meio as árvores da floresta. Na medida, em que chegavam perto da região norte, território das tribos Quenitas, Jael foi ficando tensa e preocupada. Após cortarem o caminho em direção às montanhas, Héber guiou Jael para dentro de uma trilha estreita em meio a um desfiladeiro comprido e profundo. Ele podia ouvir a respiração tensa da moça.

— Teme alguma coisa?

— Já sentiu que cada passo seu era esperado e observado por alguém?

Ele riu.

— Não, eu nunca fui casado!

— Você não me escuta, Héber – ela lamentou. – Estou partilhando um pedaço sério da minha vida com você, sabia?

— Eu sei, desculpe. É que eu achei que um pouco de humor aliviaria a tensão.

— Tudo bem. Estamos perto ou passaremos a noite nesse lugar?

— Chegaremos antes do anoitecer, eu garanto.

Quando a trilha chegou ao fim, Jael surpreendeu-se ao ver um grande e verdejante vale. Era um cenário muito bonito. Chegava a ser inebriante.

— Vejo fumaça por trás daqueles morros – ela apontou.

— É para lá que estamos indo. Os remanescentes da sua tribo. Aqueles que não perderam a esperança.

Ele pôs a mão dentro do saco que levava ao lado da sela e retirou um shofar pequeno, coberto com lã de ovelha. Ele o examinou solenemente antes de passá-lo para ela.

— Isso era de Héber, nosso avô e nosso líder. Uma marca de sua autoridade que não caiu nas mãos dos rebeldes. É seu agora, e você deve anunciar sua chegada.

Ela sentiu o peso do shofar. Era leve e sólido. Jael, no entanto, hesitou diante do que ia fazer.

— Esses remanescentes... sabem quem eu sou?

Héber sorriu.

— Toque o shofar, e eles saberão.

Ela olhou para ele com incredulidade, mas algo no olhar do rapaz a fez confiar em seu julgamento. Ela levou o shofar até os lábios e soprou. O som saiu alto e claro, enchendo o ar, e envolvendo as montanhas em volta. Era mágico, inebriante.

— Veja! – apontou Héber.

Duas flechas de fogo se cruzaram no ar acima do local da tribo.

— Eles reconheceram você.

Ela guardou o shofar e desceu a colina atrás de Héber.

Deborah fitou o deserto que se estendia à sua frente e as montanhas de pedra, desprovidas de vegetação. Apesar da semelhança, ela sabia que as Cavernas do Sal estavam longe. Carregava com ela um suprimento de quatro odres cheios de água. Era só isso que ela se permitiria ingerir durante o tempo que

passasse ali. O sol implacável fazia sua cabeça girar. A paisagem sempre igual a fazia pensar que estava perdida.

— Como posso estar perdida, se nem ao menos sei para onde ir? – ela falou com um riso amargo.

Durante a noite, o frio e os animais eram um tormento. Ela acendia a fogueira e ficava fitando o dançar do fogo. Assim foi durante dois dias seguidos. Nada aconteceu. Na manhã do terceiro dia, uma tempestade de areia a surpreendeu e o camelo sumiu, deixando-a só no meio do nada. Com apenas meio odre de água pendurado no ombro, ela se pôs a caminhar em qualquer direção. A única coisa que a impulsionava era a certeza de ser a Herdeira, e de que sua morte não viria naquele deserto. Com o sol a pino, essa certeza se desfez em dúvidas. Exausta, ela caiu de joelhos e soltou um brado de raiva e desespero. O brado tornou-se um grito de dor ao sentir a mordida de uma cobra, que estava camuflada na areia, e enfiou as presas cheias de veneno em sua panturrilha. Ela tentou tirar o veneno com uma faca, mas o mundo começou a girar em sua volta. Ela pôs um gole de água na boca e se forçou a ficar em pé. A perna pesava uma tonelada e uma náusea repentina a fez cair de costas.

Jael foi recebida com gritos de alegria dos mais jovens, e com olhares desconfiados dos mais velhos. Ela sabia ser necessário conquistar a confiança daquela pobre gente tão sofrida, e tão cheia de esperança. Sua primeira atitude foi pedir que Héber a levasse até sua tenda e reunisse o Conselho dos Anciãos.

— Conselho dos Anciãos? Não temos isso aqui.

— Então, vamos criar um – ela replicou. – Reúna os homens e as mulheres mais velhos. Busque-os por suas cãs, pois elas são sinal de sabedoria.

Héber a levou até a tenda do líder que era ocupada por Abiatar, irmão mais novo de Héber, o velho. Este cedeu o espaço com uma expressão enigmática no olhar. Jael olhou em volta, e pousou os olhos no tio.

— Obrigada por cuidar de minha tenda, meu tio.

O homem fez uma mesura com a cabeça, e saiu sem nada dizer. Jael encontrou o olhar divertido de Héber.

— Isso diverte você?

— Não sabe o quanto é difícil para esses homens aceitar ordens de mulheres.

— Eles vão ter que se acostumar com isso – ela disse, sentando-se numa almofada. – Muitas coisas vão mudar daqui pra frente. Não se aplaina o caminho sem cortar árvores e derrubar montanhas.

Héber sorriu.

— Eles vão gostar de que fez.

— E o que eu fiz?

— Os anciãos. Eles vão gostar de ser ouvidos.

Jael sorriu de volta para o primo que saiu para cumprir as primeiras ordens.

Longe dali, Deborah sofria com o calor externo e com o frio interno que chegou com a febre. Imagens desconexas, rostos desconhecidos e deformados surgiam em sua mente. Ela sentiu um líquido ser derramado em seus lábios secos. Era viscoso e amargo e a fez tossir.

— Precisa beber tudo – disse uma voz distante. – Seu corpo precisa combater o veneno.

Ela foi obediente à voz e tomou o terrível líquido. Ao tentar abrir os olhos, sentiu dor ao ver a luz. O frio aumentou e ela gemeu entre tremores violentos. Quando Deborah voltou a tentar abrir os olhos, era noite. Os tremores haviam passado, e ela aproveitou para observar o ambiente em que estava. Era uma caverna diferente das Cavernas do Sal. Essa possuía desenhos estranhos nas paredes, e um pequeno lago se formara em seu interior. Ela estava deitada em cima de um cobertor de pele de camelo. Sua perna foi imobilizada e envolvida por faixas no local da mordida da cobra. Ao sentar, a cabeça rodou e doeu como se um martelo a tivesse atingido. Ela soltou um gemido enquanto cobria o rosto com as mãos.

— Você é mais forte do que pensei – disse a mesma voz que ela ouvira durante o sono.

Ela ergueu a cabeça e viu um homem de pequena estatura, um pouco maior do que um anão, cujas vestes se assemelhavam a dos sacerdotes das Cavernas do Sal.

— Onde eu estou?

— Está onde deveria estar – foi a resposta simples.

— E como eu cheguei aqui? Não havia nada, apenas o deserto.

O homem riu.

— Na verdade, eu encontrei você graças ao seu camelo. Você não estava longe daqui. Mais um dia de caminhada e chegaria. O problema foi a cobra.

— Quantas horas eu dormi?

— Dois dias inteiros de muita febre e delírio.

Deborah não soube o que responder diante da surpresa.

— Você disse dois dias?

— Menina! Você foi picada por uma víbora! É um milagre estar viva. Se não fosse a Profecia, sua vida teria sido tirada de você.

Ela atentou para o homem, que parecia ser bem mais velho do que aparentava.

— O que eu tenho que fazer aqui?

— Em primeiro lugar, se recuperar. Precisa passar por uma prova difícil para o seu espírito, e precisa de um corpo forte para sustentá-la.

Ela voltou a deitar no cobertor sentindo um sono repentino. Era verdade o que ele falara sobre ela precisar se recuperar.

— Durma e descanse. Amanhã, nós conversaremos com mais clareza.

Ele pousou a mão pequena na sua testa e ela dormiu um sono tranqüilo.

Jael saiu da tenda e ficou admirando as estrelas que brilhavam como tochas. Ela resolveu caminhar pelo acampamento e

no caminho ia conversando com as pessoas e escutando suas queixas e necessidades. As moças estavam entusiasmadas para iniciarem os treinamentos de guerra junto com os rapazes. O clima de esperança crescia. Ela sentia o coração leve ao voltar para a tenda.

— Mudou muitas coisas por aqui, inclusive a minha casa – comentou uma voz atrás dela.

Ela se virou e deu de cara com o tio. Ele lhe sorria com simpatia, mas os olhos continuavam obscuros.

— Espero que me perdoe por essa súbita mudança – ela respondeu polidamente. – Está bem alojado?

— Muito bem, não se preocupe. Pra falar a verdade, tirou um fardo de minhas costas. As pessoas me tomavam por líder apenas pelo fato de eu ocupar aquela tenda... temporariamente.

Ela sorriu com cautela.

— Deve ter sido um grande peso, reconheço.

— Posso acompanhá-la até sua tenda, minha senhora?

— Claro, meu tio.

Jael não se sentia bem na presença daquele homem de olhar sombrio, mas não faria julgamentos precipitados. Deborah a mandaria usar a sabedoria sempre. Ela respirou fundo ao se lembrar da irmã.

— Acha mesmo que pode montar um exército contra Sísera?

— Eu não pretendo montar um exército. De onde tirou essa idéia?

— Pensei que fosse essa a intenção.

— A minha intenção é unificar as tribos, e dar um apoio ao verdadeiro exército que está se formando com Barak. Aí sim, poderemos pensar em lutar contra Sísera.

O homem riu.

— Acho que desconhece o poder de Hazorah.

— Acho que desconhece o poder da Profecia.

Abiatar baixou os olhos diante do olhar da moça.

— Agradeço pela companhia, meu tio.

— Foi um prazer. Boa noite.

— Boa noite – ela disse, aguardando que ele se afastasse.

Jael entrou na tenda, exausta pelo dia tenso e pela longa viagem. As almofadas eram convidativas, mas seu espírito estava inquieto. Deborah não saía de seus pensamentos. Por qual prova ela teria que passar?

Era noite quando Deborah se levantou e foi mancando até a porta da gruta. O homem pequeno estava lá, sentado, os olhos fechados como se estivesse em oração. Ela não quis incomodá-lo e resolveu aguardar da forma mais silenciosa possível.

— Sente-se aqui ao meu lado – ele falou ainda com os olhos fechados.

— Eu não pretendia incomodá-lo.

Ele virou a cabeça e olhou para ela com um sorriso.

— Sente-se forte agora?

— Sim, graças a você.

Ele estendeu a mão.

— Venha, sente-se aqui.

Ela obedeceu.

— Já observei que sabe controlar suas emoções. Está ardendo de curiosidade e ainda não me fez nenhuma pergunta.

Ela sorriu.

— Ultimamente, parece que meus passos estão todos encaminhados, e eu tenho medo de fazer algo que não devo.

— Você é livre para tomar decisões.

— Não me sinto assim.

— Não se sente livre? A Profecia é um peso pra você?

Deborah não respondeu e o homem a interrogou com o olhar.

— Sim, no sentido de ser uma grande responsabilidade – ela respirou fundo, antes de continuar. – Sinto-me presa a ela, e tenho medo de não ser capaz de cumprir o que está escrito.

Ele pôs a mão pequena em seu ombro e ela sentiu a cabeça mais leve e os pensamentos mais claros.

— Este é só o começo de sua jornada, Deborah.

Ela olhou pra ele com curiosidade.

— Pode me dizer o seu nome? É justo, já que sabe o meu.

— Nathan. Sou um eremita. Vim para cá por vontade própria, e me tornei um estudioso da Profecia. Esse lugar é especial.

— Especial? Em que sentido?

— Só existem mais dois lugares semelhantes a esse, em toda terra de Hedhen. Não falarei disso agora, pois é algo para ser discutido amanhã. Faz parte da prova que você terá que passar.

Ela sentiu-se estremecer.

— A grande prova – ela murmurou.

— Vamos entrar. Fiz uma sopa de legumes fresquinhos. Vai ajudá-la a ficar mais forte.

Ela se levantou e foi atrás de Nathan.

— Como consegue legumes frescos nesse deserto?

— Eu os planto, é claro!

Ela parou na porta intrigada.

— Vai me explicar isso amanhã, também?

Ele riu enquanto enchia uma tigela de barro com sopa.

— Você aprende rápido.

Héber levou Jael até um monte de onde se podia enxergar a outra parte da tribo que compactuava com Jabim. Era uma parte bem maior do que ela esperava.

— Como eles vêem a situação? – ela perguntou.

— Seguem um líder de boa oratória, e perderam a fé na Profecia.

— E se essa fé fosse renovada? Eles me apoiariam?

Héber olhou para ela surpreso.

— Que atitude pretende tomar? O nosso tio Harã é diferente de Abiatar. Ele é um guerreiro, e não vai abrir mão do povo com facilidade.

— Então, Harã é um lobo sagaz, enquanto Abiatar é uma serpente astuta – ela comentou como para si mesma.

— Não confia em Abiatar?

Ela olhou para o rapaz e sorriu.

— Você confiaria numa serpente?

Héber pareceu intrigado.

— O que aconteceria se fôssemos lá?

— Existem pessoas boas que só estão desse lado por medo. Eles a escutariam se soubessem que é a Guardiã. Mas é preciso ter cuidado, pois os homens de Sísera rondam por aqui constantemente.

Ela ficou calada, olhando o horizonte e pensando. Héber a admirou ali, como estava agora. Séria, montada com um orgulho de soberana, o manto azul escuro dos queneus, uma faixa prendendo os cabelos cacheados na testa e o arco inseparável nas costas. Ele achou que podia passar o dia inteiro ali, observando a beleza jovem e selvagem de Jael.

— Quero que você envie um mensageiro, e que ele seja discreto. Preciso saber quando as tropas de Sísera estarão numa distância segura. Temos um assunto tribal para resolver onde não cabem terceiros.

— Pretende resolver da forma tribal?

Ela riu.

— Eu preciso recuperar o que é meu. Existe outro meio mais racional?

Ela virou o cavalo e ele a seguiu.

Nathan levou Deborah para o recinto mais fundo da gruta. Após eles passarem por um longo túnel, chegaram a um recinto de paredes escuras. No centro, havia um poço natural cuja água era tão escura quanto as paredes, a ponto de confundir água com pedra. Deborah observava tudo em silêncio, e Nathan admirou-se do autocontrole da moça.

— Esse poço é como outros que você já deve ter ouvido falar. Um deles está em Salema, no palácio de Atalia. O outro em Hazorah, no palácio do rei Jabim. Mas este que está na sua frente representa a fonte original.

— Um poço das visões – ela disse com a voz pausada, e o olhar fixo na água escura.

— Por muito tempo, Jabim e Atalia têm se comunicado através deles, e planejando estratégias para cobrir mais o mundo

de sombras.

— Eles podem se comunicar através da água? – Ela estava surpresa e curiosa ao mesmo tempo.

— É como eu disse.

— Nathan, por que algo assim existe? Essa mágica devia ser usada para o bem, e não para o mal.

O homem assentiu.

— Pense, Herdeira! Três poços. Três luminares. Eles, definitivamente, não estão sendo usados da maneira correta.

Ela encarou o homem.

— O que eu tenho que fazer?

Ele apontou para o poço.

— Mostre-se para Atalia. Faça-a ver que você está viva, apesar das tentativas dela em lhe eliminar no caminho das Cavernas do Sal. Ela precisa ver você, Deborah. Ela precisa sentir a sua força e temer.

Deborah sentiu que estava a ponto de travar uma batalha.

— E como eu faço isso?

— Toque na superfície da água levemente, e pense no local em que deseja ir.

Ela aproximou-se do poço e se ajoelhou. Respirou fundo e estendeu a mão levemente para tocar na superfície do líquido escuro. De repente, era como se ela houvesse sido transportada para o vácuo, e estivesse flutuando apenas com a água movimentando-se na sua frente. Talvez aquele fosse o estado no princípio de tudo, antes da luz existir.

Atalia sentiu o chamado e subiu as escadas em direção à torre. Poderia ser Jabim com novidades do norte. Lá em cima, as águas se agitavam no tanque que lhe servia de poço das visões. Ela tocou-lhe a superfície, e uma imagem foi se formando diante dela. Uma mulher alta, jovem, vigorosa, de olhar firme e sereno, cabelos negros e lisos. Atalia recuou.

— Quem é você?

— “Por que pergunta? Você sabe quem eu sou”.

Atalia não conseguia encontrar palavras. Jamais havia pensado em encontrar sua oponente daquela forma.

— “Vim para lhe dizer que seu tempo acabou” – a voz da Herdeira era calma. – “A Profecia está se cumprindo, e não há como pará-la agora”.

— Eu posso tudo, inclusive parar a Profecia! O poder está em minhas mãos! Eu sou a rainha de Salema!

— “Um poder e um título que não lhe foram dados”.

A rainha estava apavorada, mas isso apenas a estimulava em sua raiva.

— E que não me vão ser tirados. Nunca!

— “A luz voltou a brilhar, e seu esplendor aumenta a cada dia. A escuridão não prevalece sobre a luz”.

Atalia riu alto, numa gargalhada insana.

— Que luz? Esse povo está sob o meu domínio, e o seu medo é maior do que a sua fé.

— “Não sabe que o povo encontrou a luz? A sua fé renasceu. Um exército está se formando, e a trombeta soará em cada região da terra de Hedhen, a fim de congregá-lo para a guerra. O meu exército”.

— Não!!! É mentira!

A imagem da Herdeira foi sumindo.

— “Quando nos encontrarmos frente a frente, não haverá nada nos separando”.

— É verdade — a rainha sussurrou para si mesma. — Nada estará nos separando.

Nathan correu para segurar Deborah, quando ela caiu desfalecida após o contato. Ela esteve na fronteira entre dois mundos, e deveria ser forte para refutar os ataques que seriam feitos ao seu espírito.

Naquela noite, Héber entrou no acampamento e se dirigiu para a tenda de Jael. Abiatar observava a atitude de ambos, e sabia que planejavam algo.

Ela indicou uma almofada e ele sentou.

— E então? — havia ansiedade na pergunta dela.

— Sísera passou pela tribo há dois dias atrás. Não há perigo em ir até lá.

— Essa é uma boa notícia.

Ele parecia preocupado.

— O que foi?

— Quando eu vim pra cá, vi o tio Abiatar reunido com um grupo de anciãos. Ele não costuma fazer isso.

Ela suspirou.

— Depois que eu cheguei, faz parte de sua rotina diária.

Héber pegou na mão dela.

— Jael, tenha cuidado. Prometa-me isso!

Ela sorriu sem retirar a mão.

— Certo, eu prometo.

No dia seguinte, Héber e Jael juntaram-se a um grupo de mercadores que estavam de passagem, e entraram na tribo quenita que ficava no sopé da Montanha de Ferro. Jael parou o cavalo e contemplou a Montanha de longe. Héber emparelhou com ela.

— O que foi? – ele perguntou.

— Não pensei que ela estivesse tão perto – ela sussurrou.

— Está vendo aquele monte a nossa direita?

Ela assentiu.

— De lá, nós podemos ver a muralha de Hazorah.

— Inacreditável!

Sem dizer mais nenhuma palavra ela se voltou para juntar-se novamente a caravana. A tribo sabia praticar o comércio, mas no rosto das pessoas havia desânimo, desesperança e tristeza. Era como se carregassem um enorme fardo nas costas. Héber e Jael desmontaram e ele a levou até uma tenda onde um homem estava ocupado, observando as patas de um cavalo.

— Naor – Héber chamou.

O homem ergueu os olhos e se alegrou ao ver o rosto do rapaz meio escondido pelo capuz de lã grossa.

— Héber! O que o traz aqui, garoto? Sabe que Harã pôs a sua cabeça a prêmio!

— Eu sei disso. Vim aqui porque precisava lhe apresentar a uma pessoa.

Ele apontou para as costas de Naor. O homem se virou e deu de cara com Jael que o encarava encostada a uma estaca da tenda. A expressão dela era grave.

— Quem é você? – ele perguntou.

— Jael, filha de Héber, e chefe dessa tribo – ela respondeu com naturalidade.

Naor sentiu as pernas tremerem e sentou em um banco de madeira.

— Então, é verdade o que dizem por aí?

— O que estão dizendo por aí? – ela perguntou.

— Que a Profecia está se cumprindo.

Ela sorriu.

— É verdade. Um exército está se formando no sul e outro no leste. A Herdeira se revelou, e o tempo da luta é chegado.

Naor balançou a cabeça.

— E nós aqui, servindo de lacaios para aquele feiticeiro!

— Naor, qual é a posição da tribo? – perguntou Héber.

— Muitos têm medo de Harã e não se pronunciam, mas ninguém está contente em trabalhar para Jabim.

— Onde está Harã? – ela perguntou

— Foi ao encontro de Sísera, mas deve estar voltando esta noite.

Naor olhou preocupado de um para o outro.

— O que vocês vão fazer?

— O que acha que eu vou fazer, Naor? – Jael perguntou.

Ele respirou fundo.

— Eu gostaria que ficasse, senhora.

Ela sorriu.

— Prepare a tribo para esta noite. Eu vou lutar pelo meu lugar de forma legal.

Naor sorriu e aprovou.

— Farei isso agora mesmo.

O homem saiu correndo e esbarrando nas pessoas, a fim de dar a notícia. Héber estava sério.

— Tem plena certeza de que está fazendo o certo?

— Não – a resposta dela foi categórica. – Estou sendo instintiva, só isso.

Ele a olhou boquiaberto.

— É brincadeira, não é?

Ela pôs a mão sobre a dele de forma carinhosa e como resposta seus dedos se entrelaçaram.

— Eu sei usar meus instintos, não se preocupe.

Ele não conseguia desviar os olhos dos olhos dela.

— Acho que... não suportaria perder você.

Ela sorriu e beijou a mão dele antes de se afastar.

— Aonde você vai?

— Preciso ficar sozinha por algum tempo – ela respondeu sem se virar. — Você compreende, não é?

— Claro.

Era noite. De repente, um cavalo chega a galope. Um rapaz saltou, ofegante.

— Harã já sabe do desafio, e está se aproximando!

Mal ele acabou de falar e uma trombeta tocou. O toque era diferente da trombeta de Héber, pois Harã criara uma para si mesmo. Dez minutos depois, um homem acompanhado de uma dúzia de cavaleiros, entrou a galope na tribo. Era um homem grande e forte, de grande barba e longos cabelos. Ele parou e ergueu a mão.

— Quem ousou lançar um desafio a mim? – ele berrou. – Quem se acha digno de meu título?

Como resposta, a trombeta de Héber foi ouvida. O povo parou surpreso e espantado. Os olhos buscavam ver alguma coisa entre sussurros e gritos das crianças. Harã olhou em volta com o olhar penetrante.

— Quem é você? Apresente-se!

Sem alarde, o povo foi abrindo caminho para Solaris passar carregando Jael. Ela trazia a trombeta na mão direita e parou diante de Harã.

— Uma mulher! – ele deu uma grande gargalhada.

— Está pronto? – ela perguntou sem desviar os olhos dele.

— Quem é você?

— Jael, filha de Héber e rainha dos queneus.

O sorriso dele murchou.

— Os queneus já possuem um rei.

— Não, eles possuem um usurpador.

Ele puxou a espada. Era uma espada longa e afiada feita com o ferro de Hazorah.

— Lutaremos no chão.

Ela concordou e saltou do cavalo, enquanto pegava a espada da bainha em suas costas. Era igualmente longa, mas a

lâmina parecia brilhar em suas mãos. Ele avançou para ela que se desviou com um giro acertando—o na cintura. Harã cambaleou e conseguiu firmar-se de pé. Novamente ele atacou, mas teve seu golpe desviado pela espada dela. Jael se movia com rapidez e agilidade sobrenaturais. Quando ele viu que estava perdendo, fez sinal para seus homens entrarem na briga. Jael percebeu e iniciou uma série de giros e golpes que acabou arrancando as espadas de todos os inimigos, inclusive a de Harã. O povo aplaudiu e deu vivas pela vitória dela. Alarmado com a derrota julgada impossível, Harã pegou a espada do chão e a ergueu no ar.

— Jael, cuidado! – gritou Héber.

Ela imediatamente virou-se com a espada na frente do corpo, e aparou o golpe do tio.

— O que está fazendo? Você perdeu! – ela gritou.

— Eu ainda tenho a espada em minhas mãos!

Ele a surpreendeu com uma rasteira e ela caiu de costas juntando os joelhos e empurrando o pesado corpo de Harã com a força das pernas. Ele cambaleou e ela se ergueu, mas não a tempo de desviar-se do golpe que ele desferiu para frente. A lâmina da espada penetrou entre suas costelas acima da cintura. Ela gritou, mas ainda conseguiu puxar a espada da mão dele e acertá—lo com o cabo no meio da testa. O homem caiu para trás desfalecido. Ela soltou a espada e sentiu a vista escurecer, mas Héber a amparou antes que caísse.

Jael acordou em um lugar estranho. Havia silêncio e uma tênue névoa a rodeava. Ela sentia o corpo leve. Leve demais. Ela se levantou e começou a caminhar seguindo uma estrada que se estendia a sua frente. Pensamentos e questionamentos vinham como tempestade, bombardeando a sua mente. Teria ela morrido? A estrada terminava em uma ponte. Ela não podia ver o rio embaixo devido à névoa, mas algo a fez parar antes de prosseguir. Uma mão pousou em seu ombro.

— Não é hora de cruzar a ponte – disse uma voz querida e conhecida.

Jael virou-se e ficou frente a frente com Deborah. Ela lhe sorriu.

— Você? Como...

— Algo aconteceu conosco, minha irmã. Mas nem eu e nem você devemos cruzar essa ponte. Esse não é o nosso destino.

— O que aconteceu com você, Deborah?

— Não importa mais. O que importa é que estamos bem, e que precisamos voltar.

Deborah caminhou em direção a uma estrada paralela e Jael a seguiu.

— Senti sua falta – ela disse.

— O meu coração sempre esteve com você, assim como eu sei que o seu sempre esteve comigo.

Jael sorriu.

— É mesmo você?

Deborah parou e se virou com um olhar divertido.

— Somos nós, Jael. O estranho é o lugar em que estamos. Acho que chegamos a fronteira da morte.

— Por que isso?

— Talvez seja mais um teste.

— Mais um? Por quantos mais teremos que passar? Isso nunca acaba?

Deborah respirou fundo.

— Esse é o nosso legado. Agora venha, não podemos passar mais tempo do que o necessário aqui. Precisamos voltar.

Elas chegaram a uma bifurcação. A estrada dividia-se em duas.

— Acho que precisamos nos despedir, não é? – Jael perguntou.

— Por pouco tempo. Muito em breve nos encontraremos no mundo dos vivos, e poderemos desfrutar de cada momento juntas. Acho que temos muito que contar uma a outra.

Jael sorriu.

— O que foi? – Deborah perguntou.

— Eu estava pensando que, quando chegar à hora de atravessar aquela ponte de verdade, eu gostaria de estar ao seu

lado.

— Esse é um mistério que não está sujeito a revelações, mas eu também gostaria que fosse assim.

De repente, a névoa ao redor delas aumentou a ponto de encobrir uma da outra. Elas entenderam que era hora de ir.

Deborah acordou sentindo o corpo descansado. Nathan devia estar lá fora, aguardando que ela acordasse. Ela sentia-se incrivelmente bem, e era como se suas forças houvessem sido renovadas durante o sono. Ao ficar em pé, não sentiu mais o ardor do veneno da cobra em sua perna. Ela se agachou e observou que não havia mais cicatriz nenhuma. Nathan surgiu na porta e parou surpreso.

— Você conseguiu! Passou pelo teste! – ele disse ao mesmo tempo em que se ajoelhava na frente dela.

— O que você está fazendo, Nathan? – Deborah perguntou confusa.

— Até passar pelo teste, não havia como saber se era realmente a Herdeira.

Ela sorriu.

— Por favor, levante-se. Não estou acostumada a ver as pessoas se ajoelhando na minha frente. Isso me deixa constrangida.

— Você deve ser honrada! – ele replicou.

— Você já me honrou. Agora se levante, por favor.

Nathan ficou em pé.

— O que aconteceu comigo? Eu andei por lugares estranhos em meus sonhos, e uma parte deles foi tão tenebrosa que não consigo lembrar. Nos meus sonhos eu vi Jael.

— Você esteve inconsciente por três dias. Passou por uma luta espiritual contra os poderes da escuridão enviados pela rainha. Eu não podia interferir, mas houve momentos em que pensei que ela venceria.

Deborah podia lembrar alguma coisa na medida em que ele falava.

— E quanto a Jael? Havia uma ponte.

Nathan assentiu preocupado.

— Ela cruzou a ponte?

— Eu não a deixei ir.

Ele respirou aliviado.

— Então, ela está viva, não se preocupe.

Deborah ficou tensa.

— Era verdade? Ela estava mesmo lá?

— Vocês chegaram perto da morte, mas não cruzaram a fronteira.

Ele percebeu que aquilo havia perturbado a moça.

— Ela está bem, Deborah. Agora, você precisa se recuperar do sono, e voltar para o povo que a espera.

— Eu me sinto bem, Nathan. Arranje-me água para o caminho e uma montaria, e parto agora mesmo se possível.

Ele sorriu.

— Acalme-se, mulher de Lapidote! Aguarde o dia nascer e verá que o caminho de volta não é tão penoso quanto pensa.

Ele a tomou pela mão.

— Venha e compartilhe comigo uma porção de sopa de legumes. Há três dias que não come e não bebe nada.

Ela sorriu agradecida, e deixou-se levar até a fogueira.

Jael abriu os olhos lentamente tentando se lembrar de onde estava. Sua cabeça doía e a vista estava embaçada.

— Ela acordou! Graças ao Pai!

Alguém pegou a mão dela. Era uma mão forte que lhe passava segurança e proteção.

— Héber? – ela perguntou num sussurro.

— Eu estou aqui, Jael. Estive aqui o tempo todo.

A voz dele parecia comovida.

— O... que aconteceu... comigo?

— Você ganhou a luta, mas foi ferida.

A luta. Ela lembrou.

— Harã...

— Ele não vai mais ser um problema.

Ela tentou sentar, mas uma dor no seu lado direito a fez gritar.

— Calma! – Héber pediu. – Você esteve muito mal, por isso é melhor continuar descansando. Está muito fraca.

— O que... houve com ele? – ela perguntou ofegante.

— Falaremos sobre isso depois.

— Droga, Héber!... – ela reclamou fazendo uma careta.

Ele passou a mão pela testa dela com movimentos suaves.

— Precisa descansar pelo bem do seu povo. Eles oram e fazem vigília por você, desde o dia em que foi ferida.

— Meu povo? – a voz dela começou a ficar tranquila.

— Sim, o seu povo.

Ela mergulhou num sono abençoado. Quando voltou a acordar percebeu que já era dia e que sua mente estava mais clara. Ela tentou lembrar os acontecimentos durante a luta, e se lembrou do ataque de Harã com a espada. Ela pousou a mão sobre a ferida que estava coberta e enfaixada com ataduras. O seu lugar na tribo foi conquistado a duras penas. Mas o seu pensamento estava em Deborah. Ela a vira durante o sono. Ela não a deixou cruzar a ponte e lhe disse muitas coisas que não conseguia lembrar. Nesse momento, Héber e Naor entraram na tenda. Ela virou a cabeça em direção a eles e interrogou Héber com o olhar.

— Está melhor, agora? – ele perguntou.

— O suficiente para ouvir a sua resposta a minha pergunta – ela respondeu, séria.

Héber sentou-se ao seu lado.

— Ele morreu, Jael. A pancada na cabeça foi fatal.

Ela o olhou como se não acreditasse no que ele dizia.

— Eu matei o meu tio?

Naor pôs a mão sobre a dela e respirou fundo.

— Você o venceu em combate, e lhe deu uma morte honrada. Se ele houvesse escapado da luta com vida, o povo o teria matado pela traição em lhe atacar pelas costas.

Ela não tinha palavras.

— Jael – Héber falou. – Estamos em guerra, e pessoas vão morrer. Infelizmente, algumas morrerão pelas nossas mãos.

Ela fechou os olhos por alguns segundos e manteve a respiração controlada. Quando os abriu, olhou direto para o primo.

— Quero que faça algo pra mim.

— O que eu posso fazer? – ele perguntou surpreso.

— Envie um mensageiro até a região montanhosa de Salema. Preciso ter notícias de Deborah. Preciso saber se ela está bem.

— Por que precisa fazer isso?

— Nós quase cruzamos a ponte juntas – ela respondeu com a voz cansada.

Héber e Naor se entreolharam, assustados.

— Acho melhor fazer o que ela pediu – disse Naor.

— Está bem – Héber respondeu.

Antes de sair, ele deu um beijo na testa da rainha dos queneus.

— Que bom que voltou pra m... pra nós.

Ela sorriu, pois podia sentir o coração cantar de alegria.

CAPÍTULO 6

As Correntes de Ferro

Hulda surgiu na entrada da Grande Caverna, ao ser avisada da chegada de Deborah. A profetisa correu e abraçou a moça, que era como uma filha para ela.

— Você conseguiu! Eu sabia que conseguiria.

Deborah respondeu ao abraço em silêncio. Hulda percebeu o cansaço em seu rosto.

— Devia ter aguardado um pouco mais antes de voltar. Parece exausta.

— E estou.

Hulda sorriu.

— Então, venha! Precisa de banho, comida e cama!

— Não, Hulda, eu preciso de respostas!

— Que respostas?

Nesse momento, Deborah olhou para a entrada e viu Salum, Otoniel e Barak irem ao seu encontro. Os três curvaram as cabeças para ela. A moça respirou fundo ao ver aqueles homens poderosos se curvando diante dela.

— Vim em busca de notícias sobre Jael, e não sairei daqui sem tê-las – ela falou com a voz firme e preocupada.

Hulda a encarou confusa.

— O que aconteceu? Você viu alguma coisa?

Foi a vez de Deborah olhar para ela angustiada.

— Não diga que não sabe. Eu vim até aqui porque não poderia continuar sem ter notícias.

Hulda olhou para os dois sacerdotes, mas ambos estavam igualmente atônitos. Foi Barak quem se aproximou de Deborah com um sorriso tranquilizador.

— Ela está bem. Um de meus homens chegou do norte, e esteve hospedado na tribo dos quenitas. Jael recuperou a liderança da tribo, mas foi seriamente ferida em um duelo com Harã. Quando ele saiu de lá, ela já estava se recuperando.

O alívio nos olhos de Deborah falou mais a Barak do que meras palavras.

— Tenho certeza que posso confiar em suas palavras – ela disse.

Ele adiantou-se e estendeu o braço para ela. A moça sorriu e o acompanhou para dentro.

— Precisamos de um banquete essa noite, para comemorar a vitória – disse Salum.

— Vou providenciar – Hulda respondeu em concordância.

Otoniel continuava olhando para o horizonte. Ele sorria sozinho com seus pensamentos. A pequena Jael havia crescido em suas responsabilidades. Agora, era a rainha dos queneus e a Guardiã da Profecia. Ele estava orgulhoso por ela e ansiava por reencontrá-la logo.

Jael abriu a porta da tenda e se emocionou ao ver o seu povo ali reunido, aguardando por ela. Houve palmas e gritos de

alegria. A moça sentiu os olhos umedecerem, mas respirou fundo, pois precisava se comportar com firmeza.

— Quenitas! Somos um só povo novamente. Hoje, eu os declaro livres para optar pelo lado que desejarem. As amarras de Hazorah não estão mais sobre vocês. Quem escolher ficar comigo, terá a cobertura da Profecia, e lutará pela esperança que nunca morreu em seus corações. Vim para cumprir o meu papel, e tomar o meu lugar. Um lugar que me pertence por direito de herança. E é como rainha dos queneus que eu declaro a vocês a minha posição. Apoiarei o exército que está sendo formado por Barak, filho de Abinoão, e esta tribo será adicionada ao exército profético da Herdeira. Quem está comigo?

Com a exceção de alguns anciãos influenciados por Abiatar, todos ergueram as mãos.

— É suficiente – ela disse, sorrindo. – Agora, enquanto a guerra não chega até nós, tirem essa noite para comemorar.

Imediatamente, o som de vários instrumentos musicais foram ouvidos, e fogueiras foram preparadas para a carne que seria assada e servida em abundância. Jael caminhava por entre a multidão, misturando-se ao povo e sendo conhecida por ele. Héber a acompanhava de perto.

Ela parou diante de uma das fogueiras e ficou observando as chamas.

— Já teve notícias de Deborah?

— Não. O mensageiro ainda não retornou, mas acho que deveria ficar despreocupada.

— É, eu sei.

Ele a avaliou com atenção.

— Outra coisa a preocupa?

— Viu o tio Abiatar após o meu pronunciamento?

Héber olhou em volta desconfiado.

— Não o vejo em parte alguma.

— Vamos ficar de olho, Héber. Temos uma serpente entre nós, que está tentando espalhar seu veneno em pequenas doses.

Atalia se recolheu em seus aposentos no palácio de Salema, a fim de recuperar a energia perdida na tentativa de atingir a sua oponente. Ela se sentia exausta, pois mesmo com toda a magia usada, ela não fora capaz de alcançar o resultado esperado. A Herdeira estava novamente fora de seu alcance, e isso era algo que a deixava profundamente perturbada. Aguardava com ansiedade algum comunicado de Jabim. A porta foi aberta e Kyara, sua comandante, entrou como lhe fora ordenado. A rainha estava na cama, encostada em almofadas e com profundas olheiras.

— Mandou me chamar, minha rainha? – Kyara perguntou com uma reverência.

— Preciso que reforce a patrulha na região. Sinto uma grande ameaça no ar.

— Tem motivos para sentir isso, senhora.

Atalia ficou em alerta.

— O que quer dizer?

— Esta manhã chegou notícias da região montanhosa. A Tocha de Lapidote foi acesa, e a Ordem Branca está novamente ativada.

Atalia ergueu-se da cama com brusquidão.

— Eu quero aquela Ordem dissolvida, destruída! Entendeu, Kyara?

— E quanto a Herdeira? Se a Tocha foi acesa, ela...

— A Herdeira precisa de um exército, não é? Destrua esse exército, antes que passe a existir e se torne um problema para nós.

Kyara fez uma nova reverência e saiu para cumprir suas ordens.

Deborah e Barak partiram cedo naquele dia. Nuvens escuras prenunciavam tempestade.

— Deve ser difícil carregar um fardo tão grande nas costas – ele comentou de repente.

— O seu fardo também não tem sido leve – ela lembrou.

— Não pode haver comparação entre os dois.

Ela suspirou. Estava gostando do ar frio que a brisa trazia. Não queria pensar em coisas obscuras.

— Me fale de você, Barak.

— De mim?

— Você já nasceu com uma espada na mão comandando um exército, ou teve alguma outra função na vida?

Ele sorriu sem graça.

— Eu era artesão.

Ela olhou para ele surpresa.

— Poderia imaginar qualquer coisa, menos isso!

— Decepcionada?

— Deveria? Era algo vergonhoso pra você?

Ele balançou a cabeça negativamente, e seu olhar pareceu preso ao passado.

— Pra falar a verdade, foram dias felizes. Eu gostava de aprender coisas novas com meu pai, de trabalhar com a madeira e com a pedra, tirando delas formas diferentes. Era um trabalho prazeroso.

— O seu pai ainda é vivo?

— Sim, mas está velho. Ele nunca deixou a profissão, mesmo nesses tempos de guerra. Acho que é isso que o mantém vivo.

— E sua mãe?

— Morreu quando eu tinha dez anos. Eu era pequeno, mas guardo lembranças dela.

Deborah ficou em silêncio com seus pensamentos.

— E você, Deborah? Como era a sua vida antes de ser a Herdeira?

— Não me lembro de ter tido uma vida normal. Invejo você, meu amigo

Ele ficou surpreso, mas preferiu não interromper.

— Sei o que está pensando, Barak. A inveja é um sentimento mesquinho, mas também é humano. Eu não conheci minha mãe, mas sei o quanto ela foi uma pessoa nobre. No entanto, eu gostaria de ter tido um tempo com ela. Meu pai morreu muito antes do meu nascimento, e minha tia quer me matar. Fui

levada para o meio de um povo que não era o meu, e a única pessoa que eu podia chamar de mãe, não podia ficar comigo.

— Hulda?

Ela assentiu com um sorriso triste.

— A única pessoa que esteve o tempo todo presente na minha vida foi Jael. Não somos irmãs de sangue, mas a Profecia nos fez irmãs no espírito. Esse é um vínculo que não dá pra quebrar.

— Mas sua vida em Gades deve ter sido boa...

— Eram boas pessoas, mas desde o início ficamos sabendo que estávamos ali para sermos treinadas. Não houve realmente um momento em que eu tenha me sentido uma pessoa diferente da que eu nasci para ser. Consegue me entender?

— Mais de que imagina.

Ele apontou uma estalagem na estrada com um pequeno cais voltado para o rio.

— Posso te convidar para ter um dia normal? Ali deve ter uma boa comida e música.

Ela riu e o encarou com os olhos brilhando.

— Você me ensinaria a pescar?

Ele se surpreendeu.

— Não acredito que não saiba fazer algo tão simples!

— Acho que posso gastar um tempinho para aprender.

— Pra começar, que tal uma corrida?

Ele esporeou Alvorada, seu corcel branco levantando poeira. Deborah seguiu atrás. Pela primeira vez, em muitos dias, sentia-se livre para viver um pouco.

— Jael! – gritaram do lado de fora da tenda.

Ela saiu e viu o olhar atônito de um garotinho. Ele parecia assustado.

— O que foi? O que aconteceu? – ela perguntou aflita.

— A montanha... Acho que vai explodir!

Jael abaixou-se e pôs as mãos sobre os ombros magros do menino, fitando—o nos olhos.

— Como você se chama?

— Zacarias.

— Zacarias, tente se acalmar e me diga o que você viu.

O menino respirou fundo e apontou para o monte que tinha vista para Hazorah.

— Eu e meus irmãos estávamos brincando lá em cima, quando vimos a fumaça subir. Acho que o rei Jabim está zangado conosco, e vai acordar seus dragões.

Jael sorriu.

— Não existem dragões, Zacarias. Quanto ao rei, você está certo, ele deve estar muito zangado com o que aconteceu aqui.

Ela se ergueu e passou a mão assanhando os cabelos crespos do menino.

— Pode me levar até lá?

— Eu? A senhora viria comigo?

Como resposta, ela lhe ofereceu a mão. A tribo estava recolhida em seus afazeres e muitos preferiram tirar o dia para descansar depois da festa. Jael sabia que não adiantaria procurar por Héber, pois este estava empenhado em encontrar Abiatar e um grupo de anciãos que vinham lhe dando ouvidos. Ela e o menino alcançaram o topo do monte, onde duas outras crianças estavam encolhidas atrás de uma pedra observando um estranho espetáculo. Jael aproximou-se da única árvore que existia ali em cima, e apoiou-se nela com uma das mãos. Os olhos fixos na estranha nuvem alaranjada que se formara sobre Hazorah. Ela podia ouvir o ribombar de algo parecido com trovões. A nuvem parecia ter origem em uma montanha. A Montanha de Ferro.

— Pelos céus! O que pode ser isso? – ela exclamou.

— A magia de Hazorah – respondeu uma voz desagradável.

Ela virou-se e viu-se de frente com o seu tio. Abiatar tinha um ar orgulhoso e confiante.

— Viu o que acabou de provocar? Será a ruína de todos nós.

Ela virou-se para as crianças assustadas.

— Zacarias, leve seus irmãos para casa e cuide deles. O ar não está bom para se brincar hoje.

O menino obedeceu sem tirar os olhos dos dela. Eles pareciam se entender.

— Então – ela começou a falar quando ficaram sozinhos, – eu provoquei aquilo? Onde o senhor esteve durante esse tempo?

— Onde mais eu estaria? Lutando pelo que acredito ser o melhor caminho para o povo.

Jael tinha vontade de explodir toda a raiva que estava sentindo, mas se conteve.

— Não pode lutar contra a Profecia! Será que não entendeu isso ainda?

Ele agarrou o braço dela e o apertou.

— Você não é a Profecia! E sei que esta não poderá se cumprir sem você.

Aquelas últimas palavras assustaram Jael.

— Como...

Antes que ela terminasse a pergunta, percebeu que Abiatar não estava sozinho. Era tarde para qualquer reação. Uma corrente negra e fina foi passada por sobre a sua cabeça e presa ao pescoço. Na mesma hora, ela sentiu as pernas fraquejarem e caiu de joelhos com náuseas. Outra corrente prendeu seus braços às costas.

— O que está... acontecendo comigo? – ela murmurou.

— O ferro de Hazorah tem poder sobre você. Ele foi feito com essa finalidade. Por que acha que quase morreu com um ferimento tão simples?

Dois homens vestidos com armaduras de ferro a ergueram do chão. Ela reconheceu o perigo, mas não tinha forças para lutar.

— Sísera a espera defronte de Hazorah – disse Abiatar. – Entenda, minha sobrinha, a melhor maneira de não deixar que a Profecia se cumpra é eliminar você.

Dessa forma, presa e enfraquecida, Jael foi arrastada pelo lado oposto do monte até um grupo de cavalos que aguardavam impacientes ao lado de uma carroça. No íntimo, ela se maldizia por ter sido tão tola em ficar sozinha com Abiatar.

Zacarias não era tolo. Ele entendeu o alerta nos olhos da sua líder, e antes de chegar ao pé do monte ordenou ao irmão do meio que levasse a irmã para casa e, depois, fosse procurar Héber e contar sobre Abiatar. Ele iria voltar e tentar ajudar Jael. Quando ele voltou, viu que a líder havia sido presa com correntes de ferro, e entendeu que iam levá-la para a carroça que aguardava ao pé do monte. O menino adiantou-se à própria idéia e correu para a carroça. Lá, ele se deitou embaixo de um volumoso pedaço de lona. Mal se percebia que estava ali de tão magro que era.

Jael foi jogada na carroça. Ela se sentia cansada até para abrir os olhos, embora se esforçasse por não fechá-los. Era inútil tentar se livrar sozinha das correntes, pois o menor esforço exigiria uma força que ela não tinha naquele instante. Os homens montaram nos cavalos e a carroça começou a andar. Ela pensava em Héber, no seu povo nas mãos de Abiatar, e no que a esperava no acampamento de Sísera. Ela havia dado um passo errado e toda a Profecia corria perigo naquele momento.

Quando começava a se desesperar, viu a cabeça de Zacarias surgir debaixo do pedaço de lona que forrava a carroça. Ele sorriu, e ela sentiu vontade de chorar tão grande foi o seu alívio. O menino rapidamente retirou as correntes que prendiam os braços dela, e depois a que lhe rodeava o pescoço. Foi como se uma onda de energia lhe tomasse os sentidos e ela despertasse de um sono, renovada. Sentia que estava viva e ativa novamente. Ela fez um sinal para que Zacarias ficasse em silêncio. Procurando pela carroça, ela achou um saco com pedaços de madeira cortada de forma circular, destinados a algum tipo de construção. Sorrindo, pegou dois deles. Cada um media meio metro. Respirando fundo, ela se ergueu e bateu na cabeça do carroceiro. O homem caiu para frente e a carroça parou. Aturdidos com o barulho, os dois homens se voltaram de seus cavalos para ver o que acontecia. Antes que o que estava mais próximo pensasse em agir, Jael jogou um dos pedaços de madeira que o acertou no nariz e o fez cair do cavalo, desacordado. O terceiro homem saltou do animal com ar enfurecido. Jael pulou da carroça e o encarou numa luta frente a

frente. Ele com a espada e ela com o pedaço de pau. No primeiro embate, a espada de ferro derrubou a madeira no chão. Ela se jogou para o lado, se desviando dos golpes que, agora, ela sabia que poderiam ser mortais, devido ao material da espada.

— Jael, pegue! – gritou Zacarias.

Ele jogou a espada do outro homem que jazia desacordado. Ela a pegou no ar e partiu para o ataque. O homem não era páreo para a sua agilidade e logo estava no chão, desarmado e ferido. Ela pôs a ponta da espada na garganta dele.

— Diga a Sísera que eu vou ter que recusar a hospitalidade dele, mas que em breve nos encontraremos em batalha, e que tenho outra flecha preparada para ele. Mas ainda não chegou a hora.

Ela montou em um dos cavalos.

— Zacarias, pegue essas correntes. Eu quero levá-las.

O menino colocou as correntes num saco de pano e pulou na garupa de Jael.

— Foi um guerreiro valente, Zacarias – ela falou com gravidade. – Salvou a minha vida, e não vou esquecer isso nunca.

— Eu achei que era isso o que queria de mim – ele falou com simplicidade.

Ela sorriu e voltou a galope para a tribo. Abiatar teria o que merecia, e ela teria respostas para as dúvidas que a atormentavam com relação àquelas estranhas correntes.

Abiatar estava sentado na tenda de Jael, rodeado pelos anciãos que o escutavam e seguiam. Era um grupo de oito homens sem contar o mentor da traição. Héber entrou na tenda. Ele estava furioso.

— Onde está Jael? O que aconteceu?

Abiatar levantou-se.

— Acalme-se, meu rapaz! Jael não faz mais parte dessa tribo. Eu sou o chefe tribal com direitos hereditários comprovados por todos aqui. E todos nós concordamos que a Profecia é parte de um passado esquecido, e que Hazorah nos oferece o futuro. Se

quiser fazer parte dele, será bem—vindo, caso contrário, considere-se banido!

Héber olhava aturdido para os anciãos. Alguns concordavam com cada palavra de Abiatar, mas outros permaneciam com os olhos baixos e envergonhados.

— O povo já sabe disso?

O homem riu com ironia.

— O povo não precisa saber, pois não tem que decidir nada.

Em resposta, o povo começou a gritar do lado de fora. Eram gritos alegres. Héber correu para a porta da tenda. Para seu alívio, viu Jael chegando com Zacarias na garupa. As pessoas, que ao verem Abiatar na tenda principal, pensaram que a rainha os houvesse abandonado, exultaram ao vê-la de volta. Jael saltou do cavalo e parou diante de Héber. O rapaz a abraçou impulsivamente. Ela respondeu ao abraço. Depois, sem dizer nada, entrou na tenda. Abiatar deu dois passos para trás e caiu sobre as almofadas. Ela caminhou até ele sem desviar os olhos.

— Eu quero vê-lo fora daqui ainda hoje, meu tio. A pena por traição é ser apedrejado, mas eu estou lhe dando apenas o exílio. Um cavalo o espera para levá-lo a Hazorah. É lá que está o seu coração, não com esse povo.

Ela olhou para os anciãos em volta.

— E quanto a vocês, dou-lhes a liberdade de escolher. Se quiserem acompanhar meu tio, essa é a hora. Mas, se resolverem ficar, na primeira tentativa de conspiração e traição, a pena será aplicada em sua totalidade.

Dos oito homens, apenas três seguiram Abiatar. Este, ao sair, olhou para Jael como se ela fosse um fantasma.

— Você não podia ter escapado – ele murmurou.

— Eu disse que você não podia lutar contra a Profecia.

Ele se foi e ela se viu sozinha na tenda com Héber e Zacarias. O menino havia sentado em um canto com o saco das correntes no colo.

— Héber, chame Naor até aqui.

— Naor? Ele tem algo a ver com isso?

Ela foi até o menino e pegou o saco, despejando as correntes no chão. Héber olhou das correntes para ela sem compreender.

— Acredito que Naor tenha as respostas que eu preciso sobre essas correntes.

— Eu vou chamá-lo.

Ele a olhou demoradamente, antes de sair.

— Você está bem?

Ela sorriu de um modo triste e cansado.

— Estou bem, não se preocupe.

Ela virou-se para Zacarias e suspirou.

— Zacarias, vá com Héber procurar Naor.

O menino levantou-se entusiasmado e seguiu o capitão da tribo com orgulho. Jael caiu sobre as almofadas e ficou ali com o olhar parado, perdida em pensamentos.

Durante o almoço, Barak observou Deborah atentamente. Ela parecia ter estado ausente durante a pescaria, mas o semblante voltara a suavizar.

— Notei que durante a pescaria você parecia ter estado em outro lugar – ele comentou, enquanto mexia a sopa de peixe.

— Achei que o silêncio durante a pescaria fosse algo sagrado.

Ele a encarou, preocupado.

— O seu silêncio era por outra coisa, não era?

Ela afastou o prato com um suspiro. A estalagem estava quase vazia, apesar de ser hora de almoço.

— Era, mas já passou.

Ele continuava aguardando que ela continuasse.

— Vi e senti algo que me alertou de um perigo eminente, mas a inquietação foi dando lugar a uma sensação de consolo e, de alguma forma, eu sei que agora está tudo bem.

Ele cruzou os braços.

— Acho que essa é toda a resposta que vou conseguir de você.

Ela riu.

— Não precisa de outra.

A atenção deles foi atraída por um barulho que vinha da porta de entrada. Ambos se levantaram e foram ver o que se passava. Algumas pessoas reuniam-se à volta de um homem, que arrastava um rapaz até uma tora usada para cortar madeira. A pequena aglomeração gritava: “Punição ao ladrão!”. Barak atravessou a barreira humana e se colocou entre o homem e o rapaz.

— Pare! O que esse rapaz fez, e o que pretende fazer com ele?

O homem, um rude lenhador, enxugou o suor na manga da camisa.

— Ele tem roubado as galinhas das redondezas há algum tempo, mas agora conseguimos pegá-lo.

— E o que vão fazer com ele? – Deborah repetiu a pergunta de Barak.

— O que se faz com os ladrões: Decepar suas mãos! – gritou uma mulher.

Barak olhou nos olhos do rapaz.

— É verdade que você roubou?

Ele assentiu assustado, quase sem levantar a cabeça.

— Preciso alimentar meus irmãos, senhor. Ninguém me dá emprego porque eu sou estrangeiro. Meus pais morreram durante a viagem, e tenho três irmãos pra cuidar.

Deborah sabia que a lei dava razão aos aldeões e o culpado havia acabado de confessar o crime.

— A lei está do lado de vocês – ela falou alto para que todos ouvissem. – Um castigo fácil e rápido resolverá o problema imediato de vocês. Mas, eu me pergunto: e quanto aos outros estrangeiros que surgirem por aqui? A lei também os protege, ou não sabiam disso?

As pessoas olhavam umas para as outras confusas.

— Se vão aplicar um castigo, baseado na Lei da Tradição, devem primeiro conhecê-la por inteiro, para evitar que a injustiça também seja cometida por vocês!

Ela passou pelas pessoas que foram abrindo caminho até o centro e apontou para o rapaz.

— É verdade que esse rapaz procurou trabalho entre vocês?

Um homem mais velho se aproximou cabisbaixo.

— Ele se ofereceu para consertar o telhado de minha estrebaria, mas eu temi por ele ser um estranho.

— Ele trabalhou como remador em uma das minhas balsas enquanto estive doente – disse um outro homem.

Deborah o olhou com interesse.

— Ele lhe causou problemas durante esse tempo?

— Não, ele foi um bom remador. Era rápido!

Ela riu apesar de intrigada com aquilo.

— E por que não ficou com ele?

— Por ele ser estrangeiro, moça – o homem respondeu envergonhado. – As pessoas daqui não gostam de estrangeiros.

Uma mulher aproximou-se dela, limpando as mãos na barra da saia.

— Eu o vi passar com os irmãos pela estrada de manhã. Durante a noite, eles voltaram pedindo comida e eu os enxotei. Enxotei porque tive medo.

Deborah virou-se para o homem que ia arrastando o rapaz, e depois para os que o apoiavam naquele gesto. Ainda observando aqueles indivíduos enfurecidos, ela passou o braço em volta dos ombros da mulher.

— Medo por ele ser um estrangeiro, ou medo de agir contra essa lei criada por homens?

O homem que arrastava o rapaz deu um passo a frente.

— Está fazendo uma acusação contra nós? Quem é você para fazer isso?

— Ela é a Herdeira! – disse Barak, com a voz dura.

Ouviram-se novas murmurações.

— Isso é verdade? – o homem perguntou atônito.

— Sabe onde fica a Palmeira das Abelhas? – ela perguntou.

— Sim.

— Daqui a dois dias, leve o seu caso até lá. Enquanto isso, eu peço que não faça nada por conta própria, para que a pena não se aplique a você também.

Ela virou-se para todos.

— É meu dever assegurar a justiça nessa terra, e isso quer dizer que eu devo lhes fazer compreender a verdadeira lei.

Deborah apontou para o rapaz.

— Há uma lei que protege os estrangeiros e os pobres. E pelo que vejo, ela tem sido violada. Não queiram tomar o lugar de juízes!

A mulher que havia falado caminhou até o rapaz e o abraçou.

— Eu cuidarei dele e de seus irmãos, até o dia do caso ser julgado.

Barak sorriu para Deborah. Ela também estava satisfeita com o resultado. Quando eles iam voltar para a estalagem, o rapaz agarrou-se aos pés dela.

— Obrigado, senhora! Meu pai tinha razão quando nos fazia lembrar da Profecia, e de que um dia ela iria se cumprir.

Ela pôs a mão na cabeça do rapaz.

— Como é o seu nome?

— Tito.

— Tito, tenha fé. O seu caso será julgado com justiça, eu lhe asseguro isso. Até lá, não roube mais galinhas, está bem?

Ele balançou a cabeça com energia.

— Não! Eu nunca mais farei isso de novo, senhora!

Quando eles entraram na estalagem, Barak respirou fundo e coçou a cabeça.

— Esse não foi bem o dia normal que imaginamos.

— Está tudo bem, Barak. Eu devo aceitar quem e o que eu sou. Às vezes, eu acabo esquecendo de que posso fazer o bem a essas pessoas e mudar suas vidas. Esse tem sido um dos melhores dias que já passei, acredite.

— Bem, acho que depois de tudo, é melhor seguirmos viagem.

— Tem razão, acho que já marcamos nossa passagem por aqui.

Quando eles se foram, o ladrão havia sido esquecido, e o novo assunto das rodas era a Profecia. O povo começava a despertar.

Naor e Héber ouviram com atenção o relato de Jael e de como ela fora subjugada com facilidade pelas correntes. Ao final, Héber parecia aturdido, mas Naor mantinha uma expressão séria e preocupada.

— Você sabia de alguma coisa sobre isso, Naor? – Héber perguntou.

O homem levantou-se e caminhou pela tenda com ar pensativo.

— Logo no início de nosso envolvimento com Hazorah, o rei Jabim convocou voluntários para trabalhar na própria Montanha de Ferro. Ele queria que homens habilidosos fossem treinados em uma nova forma de usar o ferro da montanha. Era uma técnica antiga, que ele havia resgatado através de conhecimentos ocultos de magia. Nunca mais vimos os nossos irmãos, que foram para lá, e nem ouvimos mais falar sobre o resultado dessa técnica. Acredito que possa ter algo a ver com o que lhe aconteceu.

Jael sentia a cabeça doer.

— Abiatar disse que o ferro havia sido feito com essa finalidade. Feito para os Luminares. Uma arma projetada para impedir que o poder da luz volte.

— Acha que ele teria poder sobre a Herdeira? – perguntou Héber.

— Depois do que passei e senti, não duvido de nada. Isso me assusta porque até hoje, a vida de Deborah parecia totalmente protegida pela Profecia. Agora, é notório que a escuridão forjou uma arma que a pode derrotar. E a derrota da Herdeira é a derrota de todos nós e do mundo pelo qual ansiamos. Saber que Hazorah possui um poder assim é assustador e... pensar que Salema também o possa conhecer é inimaginável. Atalia o usaria sem escrúpulos.

Ela se ergueu decidida.

— Preciso ir até as Cavernas do Sal, Héber.

— Acalme-se, Jael! Você não pode sair daqui agora.

— Eu preciso contar isso a Hulda! Eles precisam saber e alertar Deborah.

Héber ergueu-se e pôs a mão sobre o ombro de Jael.

— Eu vou.

— Héber, eu vou precisar de você para preparar o exército – ela disse. – Se eu não posso ir, você também não pode.

— Eu posso! – disse Naor.

Ambos viraram-se para ele.

— Deixe-me ir, Jael – ele pediu. – Sinto-me culpado por essa situação.

— O que está dizendo, Naor? Você não tem culpa de nada.

— Você não entende... Eu queria ser voluntário, mas tinha minha família pra cuidar. Ajudei a formar a equipe que criou essas coisas!

Jael olhou para Héber e encontrou aprovação nos olhos dele.

— Está bem, Naor. Leve as correntes com você. Hulda saberá o que fazer com elas.

Ele sorriu agradecido.

— Partirei ainda hoje – ele disse fazendo uma reverência antes de sair.

— Espere! – ela chamou.

Naor voltou-se da porta e ficou aguardando. Jael foi até ele e o abraçou.

— Você não teve culpa. Não estou deixando você ir para espiar nenhum pecado. Estou deixando que vá porque confio em você, assim como confio em Héber.

O homem sorriu emocionado e saiu sem dizer nenhuma palavra. Jael sentiu a mão de Héber em seu ombro.

— Agiu muito bem – ele disse.

— Espero que sim.

— E agora, o que faremos, minha rainha?

Ela virou-se para ele com o ar sério.

— Mande um mensageiro para a outra metade da tribo. É hora de unir o povo! Temos um exército para preparar.

Ele sorriu satisfeito.

— Cuidarei disso.

Deborah e Barak seguiram seu caminho sem mais problemas. Já era fim de tarde quando chegaram na bifurcação da estrada. Ele parecia triste.

— Acho que precisamos nos separar agora – ele disse.

— Por pouco tempo. Logo estaremos todos reunidos para a grande batalha.

Ele a fitou profundamente nos olhos. O olhar dele brilhava e fazia Deborah sentir-se flutuando em uma brisa fresca e suave.

— Não me olhe assim, por favor – ela falou desviando o olhar.

Barak se surpreendeu ao vê-la de maneira tão fragilizada.

— Desculpe, eu não pude evitar. Às vezes, eu sonho que nossos destinos possam estar de alguma forma unidos. É como se você fizesse parte de mim.

Ela permaneceu em silêncio, e Barak pensou ter visto uma lágrima em seu rosto.

— Deborah?

— Barak, você sabe que eu não posso me permitir sentir isso!

Ele pegou a mão dela. Estava gelada.

— Sentir o quê? O que sente por mim?

Ela respirou fundo e puxou a mão. Depois, olhou para ele de uma maneira que transparecia toda a dor que estava sentindo.

— Por favor, não gaste o seu amor comigo.

Ele queria replicar, discutir, argumentar, mas sabia que só ia fazer papel de tolo. Ela tinha razão e cabia a ele aceitar, como ela estava fazendo.

— A Profecia exige um preço muito alto de você – ele falou com tristeza.

— Eu sei, mas não ousou contestá-la.

Havia um zelo especial no tom de voz dela ao falar na Profecia. De repente, Barak se deu conta de que estava tentando cortejar a Herdeira! Ele tinha um papel a cumprir no destino daquele mundo e estava agindo como um rapazote apaixonado.

— Pelos céus! Você tem razão, Deborah. Vamos esquecer o que houve aqui e voltar a pensar naquilo que realmente importa.

Ela concordou com um gesto de cabeça.

— Siga o seu caminho em paz, meu amigo – ela disse com a voz pausada. – Quando chegar a hora, eu mandarei notícias.

— Eu estarei esperando com o exército pronto.

Ela sorriu e virou o cavalo em direção ao caminho da esquerda. Barak ficou vendo-a partir e em seguida tomou seu próprio caminho.

CAPÍTULO 7

A Palmeira das Abelhas

Jael e Héber, sentados na areia, observavam a nuvem que subia da Montanha de Ferro, em Hazorah. Estava ali, estática e espessa. Uma nuvem escura como a terra a qual cobria.

— Algo está sendo feito naquela montanha, Héber – Jael falou de modo arrastado. – O mal se move muito perto de nós.

— Às vezes, eu me pergunto se poderemos mesmo segurá-lo.

Ela o olhou com gravidade.

— Não podemos duvidar.

Ele devolveu-lhe o olhar.

— Então, devo acreditar que você não tem dúvidas?

— Não, eu não disse isso! Claro que eu tenho dúvidas, mas não posso deixar que me dominem. Senão eu vou enfraquecer e não vou conseguir fazer o que é exigido de mim.

Ele não respondeu, apenas voltou a olhar em direção à nuvem.

— Existem muitas coisas ocultas que se originam dali – ele disse. – Coisas antigas, que nem o mais velho e sábio ancião conhece. Dizem que esse poder é compartilhado com Salema.

Ela respirou fundo.

— Nesse caso, a queda de Hazorah será decisiva para o rumo dessa guerra.

— Será a conquista da terra do Norte, e o primeiro passo para a mudança que todos esperam.

— Amanhã, quando o restante da tribo chegar, inicie o censo. Preciso saber quantas pessoas temos aptas para a batalha.

Ele sorriu orgulhoso.

— Não se preocupe com isso. O esquema já foi montado e faremos o registro de uma forma imediata.

Ela suspirou e se ergueu sacudindo a areia da roupa.

— Nesse caso, só nos resta descansar.

Ele a seguiu colina abaixo. De repente, uma pequena sombra se interpôs em seu caminho. Héber levou a mão à espada, mas Jael o deteve com um gesto.

— Zacarias? – ela chamou.

O menino, então, saiu da sombra para a luz da lua.

— Eu estava vigiando seus passos, senhora. Podia haver algum perigo escondido.

Ela sorriu.

— Muito bem, Zacarias! Eu, porém, ficarei mais tranquila em vê-lo defender sua casa. Seu pai foi com Naor, e sua mãe está só.

Ele concordou e se foi. Héber ia comentar algo, mas desistiu.

— O garoto salvou a minha vida, Héber. Veja-o como um futuro guerreiro. Tenho certeza de que você era assim com essa idade.

Ele riu.

— Bem mais teimoso, eu diria. No meu caso, por exemplo, eu a seguiria escondido e ainda acamparia na porta da sua tenda.

Ela olhou para trás preocupada.

— Acha que ele pode ter feito isso?

— Não. Ele é fiel demais a você para não cumprir uma ordem sua. Nisso somos iguais.

Jael deixou que Héber a levasse até a tenda e depois se despediram.

Os dias que se seguiram foram dias de preparação e confirmação. Deborah assentava-se à sombra de uma palmeira, e a ela vinham pessoas de todas as regiões. Tudo isso foi desencadeado com a primeira Assembléia, na qual ela foi aceita pelo povo como uma nova líder, cuja sabedoria era suficiente para julgar até mesmo os problemas mais simples. Logo, não havia mais vizinhos brigando por terras ou escravizando seus irmãos por causa de dívidas. Qualquer conflito era imediatamente levado até ela, que os avaliava com sabedoria e discernimento. Em um desses dias, dois casos dos que ocorreram podem ser destacados. Em primeiro lugar, a aproximação de três pessoas que ela reconheceu como o jovem que ia ter as mãos cortadas na estalagem, o homem que ia aplicar a sentença e a mulher que se ofereceu para ajudar. Deborah olhou-os com viva curiosidade e satisfação, pois o rapaz continuava com as mãos.

— Aproximem-se! – ela pediu.

Eles se aproximaram timidamente, e a mulher foi a primeira a falar.

— Senhora, nós viemos, antes de tudo, agradecer a sua intervenção naquele dia. Evitou uma grande tragédia, e poupou as nossas almas de queimar no inferno. Esse rapaz, no tempo em que esteve comigo, mostrou-se um jovem de boa índole, e consegui ver nele o filho que me faltava.

Deborah sorriu e olhou para o rapaz.

— E como estão seus irmãos?

Ele respondeu com certa timidez.

— Estão comigo, na casa dessa boa mulher, que nos acolheu e tem cuidado de nós. Eu não tenho palavras para agradecer. Devo-lhe minha vida e fidelidade eterna.

— Os irmãos dele são crianças adoráveis, senhora! – a mulher disse.

Deborah, então, olhou para o homem. Ele mantinha a cabeça baixa e segurava o gorro nas mãos. Quando ele percebeu

que ela o observava, deu um passo a frente e ajoelhou-se.

— Eu reconheço que errei, e vim na intenção de pedir o seu perdão. Nenhum homem tem o direito de agir como juiz sobre outro, se essa função não lhe for delegada por um poder superior.

Deborah suspirou aliviada pela mudança na atitude daquelas pessoas.

— Eu, em nome do Grande Pai, perdôo você.

O homem ergueu-se com um sorriso sincero.

— Fico muito feliz ao ver que abriram os seus corações para que a verdadeira justiça entrasse.

O rapaz deu um tímido passo à frente.

— Senhora, fale mais sobre o Grande Pai.

Ela, então, olhou em volta e percebeu que todos a olhavam de volta com expectativa.

— O Grande Pai não é a natureza – ela falou para todos. – Ele não é a terra que lhes dá o fruto no tempo da colheita. Ele é mais do que isso. Ele é o Criador de tudo o que existiu, existe e que virá a existir. A Ele pertencem os tempos e as eras. Nada do que ocorre, ocorre sem a sua permissão.

— E quanto à deusa? – perguntou alguém. – Quem ela é diante do Grande Pai?

— A “deusa”, da forma que lhes é apresentada, não existe! – houve murmurações – Ela, como mãe natureza, é uma criação do Grande Pai. Não nego a sua importância para nós, como natureza, pois estamos ligados a ela por nossa humanidade, e é nosso dever cuidar para que seja preservada, já que é um presente do Pai – Nesse momento, Deborah se ergueu e pôs a mão no tronco da palmeira. – Essa árvore me dá sua sombra e lhe sou agradecida por isso, mas não vou chamá-la de deusa ou árvore sagrada, pois sei que ela só está aqui pela permissão do Pai. Vocês entendem isso?

— Então, a natureza seria nossa irmã e não nossa mãe? – perguntou um homem.

Deborah assentiu.

— Na condição de sermos ambos, criações do Pai, sim – ela respondeu e em seguida aproximou-se do rapaz que estava no

centro, pondo a mão sobre a cabeça dele. – A diferença é a de que Ele, o Pai, nos fez para ter domínio sobre a natureza, para cuidar dela. Não percebem que somos as únicas criaturas dotadas de razão? A natureza nos serve e não nós a ela! No entanto, deve haver respeito com aquilo que o Pai nos deu, para que haja um equilíbrio no mundo.

— E por que ela exige sacrifícios humanos? – perguntou uma mulher. – Esse ano é a grande Festa do Solstício e haverá um grande sacrifício para termos anos de fartura. Isso é necessário?

O olhar de Deborah se entristeceu e seu coração pesou.

— Os sacrifícios foram criados pela ignorância humana. Existem aqueles que acreditam firmemente em um princípio vital ativo na terra, no fogo, no vento e na água. Eles acham que podem controlar esse princípio vital através de ofertas e sacrifícios. Mas isso não é verdade! Quantos grandes sacrifícios foram seguidos por anos de seca intermináveis?

Muitos aprovaram suas palavras.

— O homem foi criado a imagem do seu Criador. A ele foi dado o domínio e a responsabilidade sobre toda a terra. Seu corpo não deve ser usado para engrandecer algo que lhe é inferior. Use o corpo de vocês em louvor ao Pai, pois só a Ele pertence essa honra.

As perguntas cessaram. Ela aproximou-se dos três e os abraçou a cada um individualmente.

— Fiquem em paz, cada um de vocês.

Enquanto a multidão era dispersa, Maalá aproximou-se de Deborah na companhia de um rapaz.

— Deborah, esse é Joakim. Ele veio da tribo dos Queneus e está a sua procura.

Deborah o olhou com curiosidade e apreensão.

— Joakim, seja bem-vindo – ela disse com a voz calma. – Vai tudo bem na sua tribo?

Ele curvou respeitosamente a cabeça antes de falar.

— Sim, minha senhora. Vim a mando de minha rainha, Jael. Ela me enviou a sua presença para ver se estava bem.

Deborah sorriu aliviada.

— Sim, eu estou bem como pode ver. Agora, venha e me acompanhe. Eu quero que me conte tudo o que tem acontecido em sua tribo, e de como Jael tem se comportado.

Deborah ficou sabendo que o rapaz havia chegado uma semana antes e, como ela ainda não havia voltado, ele aguardou em uma estalagem. Ela teve um relato detalhado de tudo o que havia acontecido na luta pela liderança dos Queneus e de como Jael havia sido ferida. Agora, já recuperada, ela iria iniciar a unificação da tribo e a formação do exército.

— Quando pretende retornar, Joakim?

— Hoje mesmo, senhora, pois já cumpri a minha missão. Além disso, eu quero estar presente para ajudar Héber no treinamento do exército.

— Desejo-lhe uma viagem segura. No entanto, antes que parta, gostaria de lhe entregar algo para levar à sua rainha.

A pedido de Deborah, Hogla havia colocado a flecha, que foi usada para acender a Tocha de Lapidote, em uma sacola de peles atada com tiras de couro. O rapaz recebeu o pacote como se recebe algo de muito valor.

— Diga a Jael que guardei isso pra ela, e que deve ser usada com sabedoria.

— Direi cada palavra sem omitir nada.

Deborah sorriu e se despediu do rapaz com um aceno de cabeça, se afastando logo a seguir. Ela subiu pelo caminho que levava ao topo da montanha e foi se sentar à sombra de uma árvore, sozinha com seus pensamentos. Era quase noite, e Deborah permanecia ali, observando o sol se pôr no horizonte. Noa subiu até ela.

— Já é noite. Não vai cear?

— Não apresse as coisas, Noa – ela respondeu sorrindo. – É “quase” noite. Veja como os últimos raios de sol desse dia estão lindos!

Noa observou o céu e conteve a respiração. Os raios lançavam cores avermelhadas sobre as nuvens que se amontoavam como flocos de algodão, dando um colorido diferente que cobria todo o perímetro do céu sob o qual estavam.

— Há muito tempo eu não paro para observar o céu – Noa murmurou consigo mesma.

Ela ajudou Deborah a levantar, e quando ambas estavam descendo a colina viram que havia um tumulto se formando em torno da Palmeira.

— Parece que aconteceu alguma coisa – Noa disse.

Deborah apressou o passo, e quando chegou na clareira teve logo conhecimento do que estava acontecendo. Milca, durante uma patrulha, encontrou uma intrusa que havia burlado a barreira de segurança que elas criaram na margem do rio. Nesse momento, a moça estava de joelhos e com as mãos amarradas às costas. O que chamou a atenção de Deborah foi a armadura negra das amazonas. Milca e Maalá eram as mais exaltadas. Elas discutiam o que deveria ser feito com a cativa. Estavam em meio a mais exaltada das discussões quando viram Deborah e se calaram. Milca foi a primeira a falar.

— Uma espiã de Atalia, Deborah! – ela disse apontando para a moça. – Ela conseguiu burlar o nosso bloqueio, e sabem-se lá quantas não devem tê-la seguido?

— Não convém manter essa mulher aqui! Precisamos lhe dar um fim! – gritou Maalá.

— Não, Maalá! – respondeu Milca. – É preciso conhecer o plano de Salema. Não vamos ter outra oportunidade para isso!

E a discussão seguia, dividindo as pessoas que se amontoaram para ver o debate. Deborah olhava atônita para as duas mulheres que brigavam entre si com palavras alteradas e, então, seus olhos buscaram a prisioneira. Era bem jovem e mantinha a cabeça baixa. Os cabelos de um castanho escuro lhe cobriam o rosto.

— Basta! – Deborah gritou e elas pararam.

A Herdeira caminhou até a moça.

— Olhe pra mim – ela pediu.

Lentamente, como se obedecesse a uma ordem que era impossível de se evitar, ela ergueu os olhos, e Deborah pôde ver o medo genuíno instalado lá dentro. Eram olhos grandes e

amendoados, mas sabiam falar. Deborah suspirou e virou-se para as amigas.

— Quem deu a vocês o poder de julgar? – o tom de voz dela era severo. – Não aprenderam nada comigo durante esses dias? O que pretendia fazer com ela, Milca? Torturar? – Milca baixou a cabeça envergonhada. – E você, Maalá? Espero que o “fim” que queria lhe dar fosse apenas enviá-la de volta. Caso contrário, confesso que fiquei assustada com o que propôs.

— Deborah... – Maalá tentou se explicar.

— Eu não acabei – ela disse erguendo a mão.

Noa começou a dispersar o povo até que ficaram apenas Deborah e a Ordem de Zelofeade, além da moça.

— Eu julgarei o caso dela como julgo o de qualquer um que venha a mim, entenderam? Espero que isso não venha a se repetir.

Ela caminhou até a raiz em forma de banco sobre a qual se assentava para julgar e fez sinal para Tirza e Hogla levarem a moça até ela. A prisioneira olhava com admiração para Deborah e, daí por diante, não baixou mais a cabeça.

— Como é o seu nome? – Deborah perguntou.

— Hadassa, minha senhora.

— E quem é você, Hadassa? Seja sincera comigo, é tudo o que peço.

— Eu venho de uma tribo que fica localizada depois do Mar de Sal, na região das minas de cobre. Há duas semanas, uma patrulha de amazonas nos atacou. Mataram minha família e fui alistada como amazona contra a minha vontade.

Ela respirou fundo e olhou para as mulheres em volta.

— Eu estou sozinha. Desertei do exército durante uma patrulha. Isso foi a três dias atrás. Eu perdi minha família, não tenho para onde ir, e cultivei durante esse tempo como amazona, a idéia de fugir e me integrar ao exército profético.

— Ficou louca? – esbravejou Milca. – Você é portadora de uma armadura negra!

Hadassa respirou fundo e olhou para Deborah.

— Há muitas como eu, portando essa armadura e sonhando com a liberdade. As amazonas não pedem permissão para se apoderar de nossas vidas. Simplesmente chegam e te levam, depois de destruir tudo o que mais amava.

As lágrimas escorriam pelo rosto da jovem.

— Eu, porém, se tenho que morrer, prefiro que seja aqui e pelas suas mãos, senhora.

Deborah levantou-se.

— Ninguém vai morrer. Hogla, por favor, leve-a para dentro do Retiro e a mantenha em um aposento seguro. Mais tarde eu lhe darei a sentença pessoalmente.

Quando Hogla se foi com Hadassa, Milca e Maalá tomaram o lugar desta em frente de Deborah.

— O que aconteceu com vocês? – ela perguntou em um tom calmo e tranqüilo.

— Zelar pela segurança é minha missão – respondeu Milca. – Estou acostumada a enxergar as armaduras negras como inimigas em potencial. Principalmente agora que estamos para entrar numa guerra.

— É verdade, Deborah – confirmou Maalá. – Erramos por não esperar por você, mas foi uma situação nova, e a idéia de ter o nosso território invadido pelas amazonas me assustou.

Deborah voltou a sentar.

— Compreendo o temor de vocês, mas lembrem-se de que aldeias estão sendo saqueadas para se conseguir recrutas para o exército. Isso é um fato! E se fosse Rute? Ela se tornaria sua inimiga também?

As duas mulheres baixaram as cabeças.

— Ela falou a verdade. Eu li isso nos olhos dela. Acreditem em mim quando digo que ela tem uma missão muito importante e desempenhar nessa história. Esqueçam a cor da armadura que talvez seja mais pesada para ela do que para vocês.

Deborah virou-se para Noa.

— Aliste-a no exército profético, e assegure-se do seu treinamento.

— Farei isso.

Deborah aguardou que mais alguém se pronunciasse, mas o silêncio era total.

— Chega de julgamentos por hoje, eu estou faminta! – ela se levantou e caminhou abraçada com Milca e Maalá.

CAPÍTULO 8

O Convite Para a Guerra

Barak chegou ao acampamento principal de suas tropas, na Floresta de Quedes. Havia uma tensão no ar. Os homens pareciam inquietos e inseguros, e ele temeu que todo o trabalho, que havia sido realizado para a unificação dos clãs do norte, tivesse sido em vão. Parecia que a situação era por demais, sensível para resistir a uma crise. Ele resolveu se reunir com seu pai, Abinoão, e seu melhor amigo e segundo no comando, Eúde. A reunião ocorreu em uma pequena clareira coberta pelas folhagens de três grandes árvores.

— O que aconteceu enquanto estive fora? Deixei aqui um exército quase formado e pronto, e agora encontro homens amedrontados, pensando em desistir.

Abinoão suspirou profundamente, pois sabia muito bem o quanto o filho havia trabalhado duro em prol daquela causa.

— Eles dão ouvido às histórias que chegam com os mercadores. Sísera lidera um grande exército de carruagens de ferro. Ferro amaldiçoado é o que dizem. O povo é supersticioso, filho. Não se pode culpá-los.

Barak olhou para Eúde em busca de conselhos. O amigo sempre demonstrou bom senso e sempre esteve ao seu lado em todos os momentos mais difíceis.

— O que mais posso fazer? A Profecia está se cumprindo, isso não basta?

— A fé deles não é tão forte, Barak – disse Eúde. – A Herdeira já apareceu, mas está longe daqui. Eles não a viram, e não a ouviram falar.

Barak encostou-se numa árvore com aspecto cansado.

— Deborah está ocupada montando o seu próprio exército. Não posso exigir isso dela.

Eúde pôs a mão no ombro dele.

— Aguarde mais um pouco antes de tomar qualquer decisão. O sinal ainda não foi dado e, quando acontecer, nós teremos um tempo de preparação. Continuarei com o treinamento até lá. Tentarei, também, ao meu modo, estimular a coragem deles.

— Mas não esqueça que o confronto com os líderes das famílias é inevitável – lembrou o pai.

— Estou ciente disso, pai. Eúde, eu peço que continue a preparar o exército. Eu vou até a terra dos Queneus, a fim de conseguir notícias do exército de lá. A hora se aproxima muito rápido.

E assim ficou estabelecido.

O tempo passou. Rute e Miriam juntaram-se ao acampamento da montanha quando Deborah, gradualmente, começou a mudar o discurso, e incentivar a importância de uma guerra para se conseguir a liberdade. Eram discursos que alertavam para o sentimento nacionalista, desconhecido em toda a Terra de Hedhen, e para a definição de povo, que não era conhecida na época. A cada dia, uma multidão maior se reunia diante da Palmeira. Não mais para que suas causas fossem julgadas, mas para ouvir as palavras inflamadas, que saiam da boca daquela mulher.

— A única barreira existente entre nós e o futuro de justiça que idealizamos, é o exército de Hazorah. Um exército de ferro e carros notáveis. Mas, acreditem meus amigos, quando digo que o Pai está no controle de tudo. Ele tornará o fraco forte, e dará força ao braço das mulheres. Acabou o tempo da opressão. Nesse momento, eu me levanto como “mãe” entre vocês, e tomo para mim as suas causas.

A cada discurso, mais e mais pessoas aceitavam o convite à batalha sem questionar. Desse momento em diante, Deborah ficou conhecida como a “Mulher de Lapidote”, ou seja, “a mulher da

chama”, cujo discurso inflamava os corações e fazia renascer a coragem.

Hulda estava satisfeita com as notícias que chegavam da região montanhosa. A cada dia, ela via caravanas inteiras cruzando o deserto com o propósito de se unirem ao exército profético. Uma noite, em que ela e Salum caminhavam despreocupados na sacada de pedra, após a última refeição, ouviram a trombeta soar. Alguém chegava.

— Quem estará chegando numa hora dessas? – Salum observou. – Isso é estranho.

— Considerando o tempo em que estamos vivendo nada é estranho para mim – ela disse correndo em direção a entrada.

Dois homens cansados e maltratados pela viagem atravessaram a porta. Pelas roupas que usavam Hulda logo os identificou. Eram quenitas! O mais velho e mais alto trazia um saco pendurado nas costas.

— Eu sou Naor, da tribo dos quenitas, e vim em busca da profetiza Hulda a pedido de Jael, minha rainha! – ele disse sem demora.

— Eu sou Hulda, Naor – a profetiza aproximou-se do homem. – Quais as notícias que Jael tem para mim?

Ele, em resposta, jogou o saco no chão e o apontou.

— Preciso que veja uma coisa.

Os dois homens foram levados para dentro e alimentados. Segundo Naor, devido o número muito grande de patrulhas amazônicas no caminho, foi necessário fazer muitos desvios. Do contrário, teriam chegado bem antes. Salum mandou chamar Otoniel, e juntamente com Hulda, foram ouvir o que Naor tinha a dizer. O homem, então, lhes contou toda a história das estranhas correntes e do ferro que era fabricado na montanha com artes mágicas.

— Jael sentiu o efeito do ferro e ficou preocupada – ele concluiu.

— É compreensível que tenha ficado – disse Hulda. – Eu fiquei! Jamais pensei em algo assim. Aparentemente, a Profecia era uma proteção suficiente para manter a vida dos Luminares, mas parece que o “outro lado” pensou em criar suas próprias armas.

— Nada ocorre sem um propósito, Hulda – Otoniel falava solenemente. – Não devemos perder a fé na Profecia.

— Como assim, Otoniel? Jael quase morreu ao tomar contato com essas coisas! – Hulda parecia revoltada.

— Sim, Hulda, ela “quase” morreu. Segundo Naor, o jovem Zacarias estava lá para providenciar o escape. Mais uma vez, a Profecia se manifestou em defesa da vida de uma Luminar.

Hulda cruzou os braços.

— Então, devemos encarar isso como algo inofensivo? Algo que jamais irá causar o efeito esperado?

— Não, Hulda. Não foi isso o que eu disse.

Otoniel levantou-se.

— Hulda, Salum, pensem comigo... É a Profecia que protege a vida de nossas meninas, até agora. Mas existe algo obscuro sobre o qual não conhecemos nada. A segunda parte da Profecia. A Profecia que está selada! Se algo tão terrível assim existe, temo que seu propósito esteja para ser revelado, quando o selo for quebrado.

Hulda e Salum trocaram olhares.

— Se isso for verdade, Deborah talvez tenha razão em temer o futuro. Já lhe foi pedido tanto, o que mais pode estar encoberto? – Hulda se lamentou.

— O tempo de sabermos disso se aproxima, mas ele ainda não chegou. Há outras prioridades, com as quais devemos ocupar nossas mentes, meus amigos.

Otoniel assumiu um ar solene.

— O que estou dizendo é que chegou a hora. Não há mais motivos para esperar. A guerra está para acontecer, pois o cenário está pronto.

Salum e Hulda concordaram em silêncio.

— Naor, descanse de sua jornada, pois brevemente nós partiremos – disse Otoniel.

— “Nós”, senhor? – Naor estava confuso.

O sacerdote virou-se para os companheiros e sorriu.

— Salum, você também deverá partir em direção à Floresta de Quedes. Barak precisará de seus conselhos.

Hulda respirou fundo ainda fitando as correntes em cima da mesa.

— Irei para as Montanhas de Salema e me unirei a Deborah na organização do exército profético.

Otoniel pôs a mão no ombro dela.

— Hulda, eu também gostaria de lhe pedir para adiar o assunto das correntes. Não seria bom preocupar Deborah nesses momentos decisivos.

— Mas, Otoniel, ela precisa saber que existe uma ameaça! Ela deve entrar na batalha preparada para tudo. Além do mais, sabe que não consigo esconder nada dela. A intuição profética de Deborah é superior a minha.

Otoniel suspirou.

— Bem, assim seja. Faça o que achar melhor

Jael estava assistindo o treinamento dos arqueiros no campo que foi preparado no vale.

— Jael! – Era a voz de Héber.

Ela voltou-se e viu o primo chegar ao lado de um rapaz alto e loiro que ela identificou como Barak.

— Observe o treino para mim, Zacarias. Eu volto logo.

Ela caminhou até os dois homens e cumprimentou Barak com uma inclinação de cabeça.

— Comandante Barak, é uma honra tê-lo aqui – ela falou com sinceridade. – estava mesmo pensando qual de nós daria o primeiro passo.

— Eu me espantei ao ver parte do seu exército reunido do outro lado da colina. Jamais pensei em ver a tribo quenita unida novamente. Cumpriu bem sua missão, Jael.

Enquanto caminhavam pelo acampamento, Jael sentiu a preocupação e intranqüilidade que pesavam na voz de Barak. Ele não lhe parecia seguro.

— O que o preocupa, Barak? – ela perguntou de repente.

— Estamos para começar uma guerra que mudará a face do mundo que conhecemos. Você não está preocupada?

Ela parou de andar e olhou para ele.

— Não tente desviar o assunto.

Ele suspirou e acabou lhe contando o problema com os capitães de sua tropa. Já havia tomado a decisão de ir falar com Deborah, mas não tinha certeza de estar agindo certo. Jael ouviu tudo sem interromper o desabafo do rapaz. Ela tinha conhecimento de todo o trabalho e esforço, que foram empregados por ele na consolidação e unificação dos clãs do norte. Ele conseguiu formar uma força poderosa na luta contra Hazorah, e agora estava a ponto de perdê-la.

— Não faça o que eles querem Barak – ela respondeu. – Não vai adiantar.

— Acha que Deborah não vai concordar?

— Ela não vai concordar. Eu, no lugar dela, não concordaria, e acredito que nem você o faria.

Ele pôs as mãos na cabeça num gesto de desespero.

— Me ajude Jael. O que eu posso fazer?

Ela pensou um pouco.

— Venha comigo.

Ele a seguiu até a tenda dela. Jael foi até um baú e retirou alguns rolos empoeirados dos quais separou um. Ela o abriu em cima de uma mesa. Era um mapa de toda a região que ia de Salema até Hazorah. Ela traçou um caminho que partia de Quedes e marcou um ponto que ficava a meio caminho entre este lugar e as montanhas de Salema.

— Aqui existe um lugar de repouso. É uma clareira criada por viajantes. Eu e Héber passamos por lá, em nossa viagem para cá.

— E o que você propõe? – ele perguntou curioso.

— Leve seus capitães para lá, e mande-os aguardarem. Depois, vá até as montanhas e exponha o problema para Deborah. Nesse caso, eu tenho certeza de que ela concordará em ir com

ocê. Haverá tempo de ir e voltar, cada um para o seu lado, antes da saída dos exércitos.

Ele ainda não parecia seguro.

— Barak, Deborah não vai se arriscar a perder a força do seu exército! Ela vai fazer o possível para que tudo corra bem. O que ela não pode fazer é deixar que o exército profético marche, sem a sua presença.

Ele resolveu que ia seguir os conselhos de Jael. Antes de voltar, porém, ele quis ir até o topo da colina a fim de ter uma vista de Hazorah. A fumaça continuava subindo da Montanha. Era um espetáculo assustador.

— Eles estão reunindo os exércitos e forjando mais armas – ela disse. – A guerra acontecerá logo.

— Então, acho que devo me apressar – ele disse.

Ela estendeu a mão que ele lhe oferecia. Barak a apertou com firmeza.

— Você mudou. Jael, filha de Héber. Tornou-se uma mulher sábia e digna de ser ouvida. Foi o Pai que não me deixou partir antes de vir até aqui.

Eles se despediram e Jael ficou ali sozinha, observando a fumaça negra. Mais tarde, naquela noite, o mensageiro que fora enviado por ela a fim de saber notícias de Deborah, retornou. Héber o levou até a sua tenda.

— Joakim, eu fico feliz com o seu retorno! – Jael falou sorrindo. – Que notícias me traz?

— A Herdeira está bem, minha senhora. Ela também me fez a mesma pergunta a seu respeito.

Joakim estendeu para Jael o saco de couro, que continha a flecha de ferro.

— O que é isso? – ela perguntou ao receber o saco.

— Um presente da Herdeira.

Jael desenrolou o couro e fitou, admirada, a pesada flecha de ferro que tinha nas mãos. Era um ferro polido e brilhante que fazia a sua ponta emanar uma luz quase sobrenatural. Héber aproximou-se para vê-la melhor.

— É a flecha com a qual ela acendeu a Tocha de Lapidote
— disse o mensageiro. — Ela também mandou lhe dizer para usá-la com sabedoria.

Jael sorriu e voltou a enrolar a flecha.

— O Pai me mostrará a hora de usá-la, então.

Barak conseguiu convencer seus capitães a seguirem-no até a clareira de repouso. Lá chegando, eles montaram acampamento. Abner, o mais velho, aproximou-se de Barak.

— E agora?

— Eu irei até a Herdeira e a trarei até aqui. Espero que isso seja o suficiente para convencê-los de que ela está entre nós.

— Acha mesmo que só isso bastará? — o homem perguntou.

Barak o encarou e montou em Alvorada.

— Espero que sim, Abner. Conto com o bom-senso de vocês. Aguardem-me aqui! Voltarei antes da noite de amanhã.

— E se não voltar?

Barak encarou Abner e depois olhou em volta para os demais capitães.

— Eu vou voltar. Estou cumprindo minha palavra para com vocês. Tudo o que peço é que cumpram a sua.

Na Montanha de Ferro, Sísera observava a forjadura de uma grande espada negra. Ela estava sendo forjada ao seu pedido. Forjada segundo o segredo dos antigos. Uma espada especial de ferro. O ferro negro de Hazorah. A espada que derrotaria a Herdeira. Ele a pegou depois de pronta e sentiu o seu peso.

— Uma espada digna de um futuro rei! — ele disse enquanto passava o dedo na sua superfície.

Lá fora, as tropas se reuniam e preparavam os temidos novecentos carros de ferro. A batalha seria ganha e Sísera sairia dela como herói. Fechou os olhos, e ficou ali, ouvindo os gemidos que vinham das celas que cercavam o perímetro em torno da área de forja. Eram prisioneiros que estavam ali há muito tempo. Alguns

já haviam morrido em suas próprias celas. Outros foram presos recentemente. Ele gritou:

— Podem gemer! Vocês terão muitos motivos para isso, quando eu voltar vitorioso. A Profecia é uma farsa, e essa batalha vai provar isso. Gemam, seus tolos! Gritem e se desesperem, pois é chegada a hora da minha vitória. O “Leviatã” se erguerá das águas!

O exército profético estava pronto e estruturado. Deborah observava o trabalho de suas amigas ao fazerem a revista de todos pela terceira vez. Tirza e Hadassa preparavam os cavalos, com a ajuda de Miriam, enquanto Maalá e Noa cuidavam da contagem das pessoas alistadas. A cada dia eram acrescentadas mais a lista. Milca e Hogla cuidavam da vigilância e defesa do território. Ela passeava pelo acampamento, acompanhada de Rute. Nesse momento, Milca chegou correndo.

— Deborah, um rapaz está a sua procura. Ele se chama Barak, e disse que tem urgência em lhe falar.

Deborah empalideceu de repente. O que Barak estaria fazendo ali?

— Deixe-o entrar, Milca. Ele é o comandante das tropas de Quedes.

Deborah mandou Rute ir ajudar a mãe, enquanto aguardava Barak. Ele chegou caminhando ao lado de Milca. O olhar de ambos se demorou mais do que devia um no outro. Barak lembrou-se de sua condição, e caiu sobre um dos joelhos baixando a cabeça.

— O que o traz aqui, Barak? – ela perguntou com dificuldade.

— Precisamos conversar, pois o destino dessa guerra depende disso – foi tudo o que ele disse.

Deborah ouviu tudo o que ele lhe disse sem interromper nenhuma vez. Eles estavam sentados à sombra da Palmeira.

— E isso é tudo, Deborah. Não sei mais o que fazer. Sei que o nosso tempo está ficando cada vez menor e é preciso agir com rapidez.

— Eu vou com você. Falarei com seus capitães e, caso eles se recusem a lutar, será chegado o momento de exercitarmos a nossa fé no Pai e no que Ele pode fazer. O que importa é que nós fizemos a nossa parte.

Ele olhou para ela comovido. Deborah, após alguns segundos, se levantou.

— Dê-me apenas o tempo de pegar o meu cavalo – ela disse.

— Eu espero você.

Era noite, quando Deborah e Barak chegaram à clareira. Lá, havia uma dezena de barracas montadas. Meia centena de homens surgiu e caminhou em direção a eles com passos vacilantes. O luar estava claro e dispensava a luz de tochas.

— Aproximem-se, capitães de Quedes! – Barak gritou com voz possante. – Deborah está aqui comigo. Ela veio para lhes falar e espantar o medo de seus corações, a fim de lhes restaurar a coragem.

— Como podemos ter certeza de que é mesmo a Herdeira? – perguntou um dos homens.

Deborah suspirou e olhou para Barak.

— Vamos ter calma – ela disse. – Não se pode culpá-los pela dúvida. A tarefa que temos pela frente é muito árdua.

Ela aproximou Bruma do centro da clareira e olhou em redor.

— Homens de Quedes – ela começou a falar. – Filhos das florestas e homens valentes que pertencem às tribos do norte. Chegou o momento de mostrar o seu valor, cumprindo o papel que lhes foi designado pelo Pai. Não duvidem! Não é tempo para dúvidas, mas para ações! Está escuro e não podem ver meu rosto, mas escutam a minha voz. É a mesma voz que Atalia ouviu e tremeu. A mesma voz que ergueu um povo montanhês, que parecia morto, e o transformou num exército. Não devem duvidar de mim e nem de si mesmos.

Abner aproximou-se.

— Senhora, nós queremos ver o seu rosto.

— Fala por si mesmo, ou pelos que estão com você, Abner, filho de Simei?

O homem se admirou.

— A senhora me conhece?

Deborah desceu do cavalo e aproximou-se do homem. Ela era tão alta quanto ele.

— Pare de semear palavras de dúvidas entre os seus irmãos! – ela falou para que apenas ele ouvisse. – Eu vejo honra em seu coração. Não obscureça isso. Pelo contrário, use-a para contagiar aqueles que estão com você. Aceite o comando de Barak, pois ele foi escolhido pelo Pai.

Ela voltou-se para os outros homens.

— Eu vim, mas não posso ir com vocês para Quedes – ouve murmurações e protestos. – A Profecia exige que eu marche com o meu exército, e eu devo cumprir o que está escrito. O meu exército, no entanto, precisa da força de vocês. Eu preciso de vocês em Quedes, nas fileiras do norte, ao lado dos Queneus. Vocês são todos homens valentes, e saberão escutar a voz do coração.

Abner ficou ao lado dela.

— Ouçam a Herdeira! – ele gritou. – Precisamos voltar para os nossos postos e assumir a nossa posição nessa guerra. Barak estava certo desde o início. Nós é que perduramos com a nossa teimosia. Mas isso é passado. Venham, vamos voltar!

— Mas não vimos o rosto da Herdeira! – gritou uma voz quase infantil.

Abner sorriu e pôs a mão no ombro de Deborah.

— Mas ouvimos suas palavras que são ardentes como tochas!

Quando Barak acompanhou Deborah de volta até o fim da clareira, parou e a obrigou a virar-se para trás. Ela trazia Bruma pelas rédeas.

— O que foi?

— Precisa mesmo voltar agora, nessa escuridão?

A moça respirou fundo, e depois sorriu.

— Acho que tenho mais medo de ficar aqui, Barak.

Ele tomou as mãos dela e as apertou com firmeza.

— Deborah, por que não podemos ser sinceros conosco pelo menos uma vez? A guerra está quase à nossa porta. Eu não sou um Luminar e não tenho como saber se estarei vivo no final dessa batalha.

Ela ergueu uma mão e a passou no rosto dele com uma ternura infinita. Barak fechou os olhos.

— Eu amo você, Barak – ela disse quase sussurrando. – Amo com toda a força do meu coração, e queria ter uma vida normal ao seu lado como sua esposa e mãe de seus filhos.

Ele abriu os olhos e a olhou ao mesmo tempo encantado e surpreso.

— Mas sabemos que isso é impossível – a voz dela tinha uma dor profunda de renúncia.

— Por que você não pode ser a Herdeira e ter uma vida normal?

— Eu devo partilhar um trono com o Luminar Maior quando este se revelar. É algo que está além da minha compreensão, assim como tudo nessa Profecia que rege a minha vida. Eu desisti a muito tempo de tentar entender e aprendi apenas a aceitar e a obedecer.

Ele a abraçou como se quisesse mantê-la ali pela eternidade.

— Como eu amo você!

Os dois se fitaram fixamente sem dizer palavras. Não havia necessidade delas.

— O seu destino lhe trará felicidade? – ele perguntou afastando-se dela.

— A luz é boa, Barak. Se a felicidade não estiver com ela, onde mais estará?

Ela virou-se e montou no cavalo, sumindo na escuridão. Barak só voltaria a vê-la novamente no dia da Grande Batalha.

CAPÍTULO 9

A Grande Batalha

Héber e Jael estavam debruçados em cima do mapa, estudando o melhor local para posicionar as tropas, quando um homem irrompeu imperioso para dentro da tenda. Eles ergueram as cabeças simultaneamente. Jael sorriu e correu para abraçar o homem idoso e cheio de autoridade sacerdotal que havia entrado. Ele a embalou nos braços como se fosse uma filha.

— Otoniel! – ela falou. – Não esperava sua visita.

— Há muito tempo eu anseio vir aqui, filha de Héber, o Velho. Ouço falar de seus progressos e me alegro por cada notícia recebida.

Ele caminhou até Héber e pôs a mão forte sobre o ombro do rapaz.

— E quanto a você, meu garoto? Não parece nem um pouco com aquele rapaz pálido e quase morto que apareceu nas Cavernas do Sal. Tenho diante de mim um guerreiro tribal!

Héber sorriu.

— Graças aos seus cuidados, Otoniel.

— Hulda veio com você? – perguntou Jael.

Otoniel tornou o semblante sério.

— Não. O lugar dela é ao lado de Deborah, nessa hora.

— Nessa hora? Então, é por isso que está aqui? Chegou o momento?

Otoniel ergueu a mão para frustração de Jael.

— Sim, Jael, chegou o momento. Você está pronta?

Ela olhou para Héber e o rapaz sorriu confiante e encorajador.

— Nós estamos prontos, Otoniel – ela respondeu. – Todos nós, quenitas.

Hulda havia chegado ao acampamento da montanha e soube, com desagrado, da ida de Deborah com Barak há cerca de dois dias. Noa tentou explicar a situação, mas a profetiza parecia não ouvir. Ela andava de um lado para o outro diante da palmeira, inconformada.

Quando Deborah chegou, ao final daquele dia, encontrou uma Hulda enfurecida e irritada com o que ela achava ter sido um

comportamento incoseqüente. Sentada sob a palmeira, ela ouvira as reclamações da profetisa sem se pronunciar, até aquele momento.

— Sabe o que está dizendo, Hulda? Podíamos ter perdido uma força importante. Além disso, eu não chamo o fato de evitar uma nova divisão das tribos como um “comportamento incoseqüente”. Aqueles homens estavam dispostos a deixar tudo para trás e desistir da guerra. A minha presença era necessária ali.

— Para quem, Deborah? Para eles ou para Barak?

Deborah se levantou e caminhou até Hulda com o olhar fixo.

— Eu tenho feito tudo que a Profecia exigiu de mim sem reclamar e com um espírito de obediência que eu não pensava possuir. Às vezes, esse caminho é difícil... Muito difícil. Mas eu já cheguei até aqui e não vou voltar atrás. Por favor, não use a sua ira para me ferir com coisas que estão além da minha vontade. Isso é cruel e não combina com você.

Subitamente, tomada por um arrependimento genuíno, Hulda abraçou a moça que era como uma filha para ela.

— Por favor, Deborah, me perdoe. Eu estou com os nervos em colapso porque o momento está chegando e acho que acabei descontando em você. Justamente com a única pessoa que não merecia isso.

Deborah a apertou com firmeza.

— Obrigada por ter vindo, Hulda. Quando sairmos, eu peço que marche ao meu lado.

— Foi para isso que eu vim, filha.

Barak chegou ao acampamento da Floresta de Quedes com uma confiança renovada. Os capitães estavam prontos para seguir cada ordem sua. Ele viu Salum lhe aguardando na entrada do acampamento. O sacerdote ergueu a mão em saudação, e Barak desceu do cavalo, fazendo uma reverência diante dele.

— Salum! Sua presença aqui significa o que eu estou pensando?

— Sim, Barak – a voz dele era calma e profunda. – Vejo, pelos rostos dos seus homens, que está tudo pronto.

O rapaz sorriu.

— É só dar o sinal, meu senhor, e nós partiremos.

Dessa forma iniciou-se a marcha em direção à planície. Era uma vasta área plana que ficava entre dois montes e era cortada por um ribeiro raso. O mais alto deles era o Monte Taborah, local tomado pelo rei de Hazorah e usado para oferecer sacrifícios à deusa da terra. As carruagens de ferro do rei Jabim, sob o comando de Sísera, contavam com o apoio de uma força armada e poderosa de guerreiros e mercenários cujas armaduras negras e polidas pareciam inatingíveis. Algumas das amazonas de Atalia se encontravam em meio a esse exército, apenas para dar apoio aos desejos da rainha, pois certamente um exército tão poderoso como aquele não precisaria de ajuda.

Jael e Héber estavam montados em seus respectivos cavalos sobre um planalto elevado que guardava o caminho para o mar. Atrás deles, havia um exército formidável de homens e mulheres cuja coragem e vontade de vencer, eram maiores de que qualquer medo. Os turbantes azuis, da cor do céu noturno, escondiam seus rostos, mas podia-se ver o brilho de ansiedade em cada olhar. Otoniel estava parado, em pé, olhando o horizonte e aguardando. Jael tinha o shofar pousado em uma perna e a espada firmemente segura na mão. Nas costas, ela trazia o arco inseparável e, na aljava, muitas flechas. Uma, no entanto, ela guardava para ser usada em um momento muito especial.

Do outro lado, um outro exército surgiu. As roupas verdes de várias tonalidades era uma indicação clara de onde eles tinham vindo. À sua frente estava Barak. Os cabelos loiros ondulavam ao vento e ele apreciava a brisa fresca com os olhos fechados. Ao seu lado marchava Salum. Ele reconheceu o exército azul dos Queneus e sorriu. Aquela batalha havia promovido o que parecia ser impossível: a união de tribos que estavam separadas há muito tempo, tanto entre os Queneus, quanto na floresta de Quedes.

Barak abriu os olhos e lançou um olhar confiante em direção aos aliados. Faltava pouco.

Sísera observava os inimigos com desdém. Os dois exércitos unidos não davam nem a metade do exército de ferro. Ele acariciou a espada que mandara forjar e galopou por entre as tropas, a fim de inspecionar tudo. Kyara e as amazonas de sua mãe estavam prontas e ansiosas pela selvageria da batalha. Sísera se perguntava se haveria algo mais perigoso do que uma mulher tomada pela fúria. Não demoraria muito e ele estaria levando os despojos de presente para sua mãe, em Salema. Jabim que esperasse a sua parte.

De repente, o vento pareceu parar. Vindo do sudeste surgiu um clarão. Parecia uma grande onda que se movia pela planície. Foi quando chegou mais perto que todos puderam ver a imensidão do exército profético onde todos trajavam branco. O branco sob o sol parecia refletir a sua luz. À sua frente estava Deborah. Ela marchava com a espada embainhada nas costas e as duas mãos nas rédeas de Bruma. Em contraste com as roupas da dona, o animal tinha o pêlo negro e brilhante. Hulda vinha logo atrás com a Ordem de Zelofeade. Parecia inacreditável que montanheses pudessem formar um exército tão grande. Em cada rosto havia confiança, coragem e esperança. Deborah parou, e o exército se posicionou entre os Queneus e os homens de Quedes.

Sísera notou o susto e o pasmo nos rostos de seus homens. Ele próprio vacilou ao ver a estranha luz que parecia sair daquele exército.

— Homens de Hazorah, lembrem-se de que vocês são o exército mais forte e poderoso da terra de Hedhen! A deusa nos foi favorável em nos dar o segredo do ferro que vive escondido na terra. Se a divindade está do nosso lado, e o nosso número é superior, por que eu vejo medo em seus olhos? Aprontem-se, pois a batalha começará a qualquer momento.

Otoniel caminhou até o cavalo e o montou satisfeito. Virando-se para Jael, ele disse:

— Toque o shofar, Guardiã.

Ela obedeceu de imediato. O som se espalhou pelo vale e foi ouvido claramente por todos.

Barak pegou o seu próprio shofar e olhou para Salum esperando confirmação. O homem confirmou que o momento era chegado. O rapaz soprou e o som, forte e agudo, soou como resposta ao reconhecimento do que fora anunciado.

Os capitães sentiam o coração bater mais rápido, pela expectativa da vitória.

Sísera, ao ouvir os toques das trombetas, sentiu a necessidade de tomar uma posição de alerta. As carruagens foram postas em ordem de batalha.

Deborah fechou os olhos ao ouvir os toques de shofar. Quando eles pararam, ela respirou fundo, tentando escutar o silêncio. A paz, que parecia emanar daquele momento, foi quebrada por um trovão. Este foi logo seguido por outro mais forte, e o céu, que antes estava limpo e azul, tornou-se de um cinza pesado.

— Vamos aguardar a obra inicial – Deborah disse ao abrir os olhos.

A chuva começou a cair torrencialmente. O pequeno ribeiro começou a receber uma maior quantidade de água. Percebendo o perigo, Sísera ordenou que as carruagens avançassem antes que não houvesse mais passagem. Apesar do ataque, nenhum dos três exércitos se moveu. Então, algo maravilhoso aconteceu. As carruagens, uma a uma, começaram a quebrar as rodas e a atolar na lama que se formava. Poucas conseguiam passar do rio cujas águas aumentavam, mas acabavam atoladas e inutilizadas nas suas margens.

Quando todas as carruagens ficaram fora de combate, Deborah tirou a espada da bainha e a ergueu. A chuva cessou e o único barulho que se ouviu foi o brado que ela deu. Era o sinal para avançar. Os três exércitos, que agora formavam o grupo de número superior, avançaram simultaneamente em direção ao vale.

Jael e os Queneus atiravam flechas e fundas sobre os homens amontoados no lado das carruagens; Deborah e o exército

profético avançaram pelo centro; Barak guiou seus homens para cercar a retaguarda de Hazorah.

Sísera lutava cegamente. Todo o seu exército parecia estar esfacelado, sem ordem de combate. Era uma questão de sobrevivência e de tempo. Ele encontrou Barak no campo de batalha e os dois homens se avaliaram, de igual para igual. Ao ver o medo nos olhos de Sísera, Barak avançou. O comandante de Hazorah sentiu a energia que fluía daquele rapaz e temeu. Buscando a fuga por entre os guerreiros que lutavam, ele escapou de Barak.

Deborah lutava como uma abelha soltando seu ferrão em defesa da colméia. Um objetivo superior era alcançado com aquela vitória. Ela se sentia feliz por ter chegado até ali. De repente, ela se viu frente a frente com Kyara, a comandante das amazonas de Atalia. A mulher deu um passo vacilante para trás ao vê-la. Deborah partiu para o ataque que foi refutado com muita dificuldade pela amazona. Kyara logo percebeu que não agüentaria por muito tempo lutar contra aquela mulher, que valia por um exército. Em um gesto, do qual ela se arrependeria depois, deixou a espada cair no chão de propósito. Deborah parou o ataque e a olhou, sem entender aquele gesto. Kyara sorriu ao vê-la hesitar, pois sabia que a honra e o valor moral não deixariam a Herdeira matar uma inimiga desarmada. Deborah encostou a espada no peito dela e disse:

— Eu não poderia esperar muito de alguém como você.

Depois disso, ela se afastou, deixando Kyara envergonhada e irada consigo mesma.

O exército de Jabim estava perdendo. Faltava pouco para a vitória final. Muitos já batiam, em retirada. Deborah avistou Sísera ao longe. Ele conseguiu alcançar um cavalo e se dirigiu para o caminho que levava ao outro lado do monte Taborah. Ela voltou a montar em Bruma e o esporeou ao encalço de Sísera.

Jael estava se orgulhando da sua tribo. Os queneus lutavam de uma maneira que somente um povo, certo de alcançar

a vitória, lutaria. Héber estava auxiliando Barak e ela olhou em volta. Os inimigos estavam ficando escassos. Ela conseguiu ver o momento em que Deborah partiu em perseguição a Sísera.

— O Leviatã se acovardou – disse uma voz atrás dela.

Ela virou-se e viu um dos homens de sua tribo. Ele estava com o braço ferido, mas feliz.

— Você disse “Leviatã”?

— Sim, minha senhora. Era como nossa tribo se referia a Sísera, antes de parte de nós ter se aliado a ele.

Jael, então, lembrou-se das palavras de Hulda, nas Cavernas de Sal: “Aquela que conhecerá o segredo do Leviatã”.

— É isso mesmo que você está pensando, Jael – disse Hulda ao se aproximar e ouvir a conversa.

— Eu devo matá-lo, e não Deborah – ela pensou alto.

Hulda pôs as mãos em seus ombros.

— Precisa correr, filha!

Sem mais nenhuma palavra, a moça saltou sobre a sela de Solaris, e partiu como o vento atrás de Deborah.

Eles estavam longe do barulho da guerra. Sísera, ao ver-se perseguido pela Herdeira, voltou-se com a espada de ferro na mão e a aguardou, pois sabia que havia chegado o momento de colocar o seu plano em ação. O seu exército invencível havia sido derrotado, mas ele ainda podia sentir o sabor da vitória. Nem tudo estava perdido.

— Quer reivindicar o trono que será meu por direito, Herdeira? Façamos isso, então. Não vou mais fugir.

Ele saltou do cavalo e ela fez o mesmo. Ambos ficaram andando em volta um do outro por algum tempo. Sísera mantinha um sorriso confiante nos lábios.

— Parece bem confiante para um comandante que acaba de perder uma guerra – Deborah falou com a atenção direcionada à espada negra que ele portava.

— Posso ter perdido uma guerra, mas não perderei o meu trono! – ele disse enquanto atacava de surpresa.

Deborah aparou o golpe e cambaleou para trás, surpresa com o peso da espada que ele carregava. O seu instinto dizia que o mais importante era defender-se dos golpes do que atacar, pois um poder maléfico parecia fluir daquela arma. Foi o que ela fez com sucesso por algum tempo, apesar do esforço que fazia para manter a própria espada nas mãos. Ela conseguiu, ainda, desferir um golpe no antebraço esquerdo dele. Foi nesse momento, que ela pisou numa toca de coelho e afundou o pé, perdendo o equilíbrio e abrindo a guarda. Sísera, então, aproveitando-se da situação, avançou a espada, provocando um corte profundo no braço direito dela, obrigando-a a largar a própria espada no chão. Apesar de ser um ferimento aparentemente comum, ela gritou ao sentir uma onda de fogo invadir o seu sangue, e caiu no chão, entorpecida pela dor. Um intenso tremor a acometeu e ela se sentiu presa ao chão. Ela viu Sísera se aproximar e erguer a espada novamente, mas se sentia impotente para se mexer. Foi a mesma sensação de quando foi picada pela víbora no deserto. Um poder desconhecido para ela a havia atingido de uma forma violenta e inesperada e, de repente, tudo parecia estar perdido.

Jael chegou ao momento em que viu Deborah cair, e soube que a hora chegara. Ainda no cavalo, ela puxou a espada e galopou em direção ao "Leviatã". Sísera foi surpreendido com a chegada dela e teve que saltar para o lado, para não ser pisoteado por Solaris. Jael desferiu um golpe da espada na hora em que passava por ele, e conseguiu atingir o punho de Sísera. Isso o fez soltar a espada com um grito de raiva. Ele olhou para Deborah, que parecia incapaz de tentar qualquer coisa, e sorriu maldosamente. Jael deu meia volta no cavalo e preparou o arco. Sísera ergueu-se e sua sombra ficou sobre a Herdeira.

Quando ele virou-se para Jael, esta atirou uma flecha que bateu na armadura de ferro e caiu no chão. Ela saltou do cavalo e atirou outra, cujo efeito foi o mesmo. As flechas não adiantavam, e o gigante se aproximava com passos lentos e a espada novamente na mão.

Deborah tentou, num esforço que esgotou as forças que lhe restavam, levantar-se, mas o peso de seu próprio corpo era

demais para ela que sentia como se correntes invisíveis a estivessem prendendo. Ela não conseguia se mexer e mal podia manter os olhos abertos. Um cansaço sobrenatural tomou conta dela, enquanto seu braço parecia queimar lentamente.

Jael pensou em abandonar o arco e enfrentar Sísera com a espada. Suas flechas estavam acabando e não faziam nem cócegas nele. Ele parou a certa distância, e atirou a espada como se fosse uma lança. Jael pulou para o lado e caiu dentro de uma vala. Não era um bom local, pois ela ficaria encurralada. Ela ouvia as gargalhadas dele e seus passos, fortes e arrastados, que se aproximavam. Ela fechou os olhos e respirou fundo.

— Como eu posso matar esse gigante, Pai? Eu sou menor do que Deborah, e ele conseguiu subjugá-la. O que eu poderia fazer contra ele? Qual é o seu segredo?

Ela, então, lembrou-se do presente de Deborah. A flecha de ferro que acendeu a Tocha de Lapidote!

— Ferro contra ferro – ela murmurou. – Esse é o segredo!

Mas a flecha se encontrava guardada na bolsa de couro que estava na sela de Solaris. Para conseguí-la, ela teria que chegar até o cavalo. Quando ela viu a sombra de Sísera se aproximando, arrastou-se para o outro lado da vala a tempo de se desviar de outro golpe da espada. Irritado, ele desenrolou o chicote que trazia pendurado ao cinto.

— Parece que está presa em uma armadilha – ele comentou divertido.

Jael podia ver Solaris trotando solto próximo a Bruma, que não saía de perto da dona. Ela assoviou de uma forma quase inaudível para os ouvidos humanos, mas que foi ouvido de forma clara pelo cavalo que galopou em sua direção. Sísera estalou o chicote no ar. A ponta quase atingiu o alvo. Jael se jogava de um lado para o outro a fim de se desviar dos golpes. Um deles a atingiu nas costas, formando uma linha em diagonal do ombro a cintura, e cortando com facilidade o tecido de sua roupa. Ela gritou e parou para tomar fôlego, apoiada na parede da vala. Um novo golpe se seguiu. Ela sentiu os joelhos cederem, e pensou que se Solaris não chegasse rápido, ela não conseguiria escapar da armadilha de

Sísera. Quando o gigante ergueu a mão para desferir um novo golpe, o cavalo saltou a vala e Jael agarrou-se ao arreio, sendo puxada para fora. A ponta do chicote bateu contra a parede da vala e fez subir uma nuvem de poeira aos seus pés. Ela, então saltou para a sela e agarrou a flecha de ferro, pondo-a no arco.

Sísera, cansado da brincadeira, e ignorando que aquela flecha era especial, voltou-se em direção à Deborah, que se encontrava num estado de delirante agonia e parecia estar tendo convulsões.

Jael o viu erguer a espada mais uma vez para terminar o que havia começado. Ela mirou o alvo e atirou. A flecha cruzou os ares e atravessou o capacete de ferro do gigante de uma frente à outra. Sísera teve morte instantânea e caiu por cima da Herdeira, ao mesmo tempo em que largava a espada negra.

CAPÍTULO 10

O Ferro Negro

Hulda, Héber e Barak encontraram uma cena que os deixou temerosos. Jael estava ajoelhada ao lado de Deborah, que jazia inconsciente no chão. Ao lado delas, o corpo de Sísera estava tombado. O homem ainda trazia no rosto o horror do momento de sua morte, causada pela flecha que, grotescamente, lhe traspassara a cabeça.

Barak saltou do cavalo, o coração acelerado pelo medo, e correu até elas. Ele notou a palidez no rosto de Deborah e olhou para Jael em busca de uma resposta.

— Eu não cheguei a tempo, Barak... Eu não consegui – Jael parecia estar em choque.

Hulda aproximou-se devagar e ajoelhou-se ao lado de Jael.

— Ela está...

— Não, ela não está morta – disse Héber, ao ver a espada negra que estava caída no chão.

A segurança na voz do rapaz fez com que todos olhassem para ele.

— Ela foi ferida pelo ferro negro de Hazorah. Naor me contou os efeitos que ele causa. É um material diferente do que feriu você, Jael. Este é mais forte, e dizem que sua origem veio do céu.

Jael levantou-se e encarou o primo. Barak, entretanto, não conseguia parar de olhar o rosto de sua amada.

— Existe cura para isso? – Jael perguntou.

— A resposta só pode estar em um lugar. A Montanha de Ferro e suas forjas. Os homens que fabricam essas armas devem ter as respostas.

Jael virou-se para Hulda.

— Hulda, cuide dela. Eu e Héber vamos até a Montanha de Ferro.

Barak se ergueu.

— Sozinhos? Estão loucos? O rei Jabim ainda está no palácio, e deve haver tropas posicionadas para a sua proteção.

— E o que propõe, Barak? Não sabemos quanto tempo temos até a vida de Deborah se esvaír – respondeu Jael, deixando o rapaz sem respostas.

Nesse momento, outras pessoas se aproximavam. Era a Ordem de Zelofeade. As mulheres galoparam velozmente ao ver o que tinha acontecido. Elas tinham confiança extrema na Profecia e no seu cumprimento, dessa forma conseguiram manter uma atitude equilibrada diante da difícil situação. Elas ouviram em silêncio o plano de Jael.

— Não vai ser difícil tomar o palácio – disse Maalá. – Ouvimos dizer que Jabim fugiu antes da guerra ter início, e se escondeu em meio a caravaneiros que iam em direção a Salema. O local está praticamente abandonado pelas tropas que o seguiram. Lá, só deve haver alguns servos, e os prisioneiros que ele mantinha na Montanha de Ferro. Os forjadores de suas armas.

Hulda respirou fundo.

— Maalá, eu preciso de sua ajuda para levar Deborah para o acampamento. Sinto-me culpada pelo que aconteceu. Eu deveria ter lhe avisado sobre o ferro.

Jael a olhou espantada.

— Como assim? Ela não sabia? Eu mandei Naor com as correntes para avisar vocês. Era preciso que ela estivesse preparada para isso!

— Nós cometemos um grande erro, Jael – Hulda sentia-se prostrada pela culpa. – Mas não é hora de discutirmos isso. É hora de agir! Vão logo, e que o Pai esteja pelejando por vocês.

Noa deu um passo à frente, decidida.

— Eu vou com vocês!

Jael sorriu agradecida e logo os quatro partiram: Jael, Héber, Barak e Noa. Esta batalha seria diferente, pois o seu inimigo era o tempo.

Eles se aproximaram do palácio de Jabim, prontos para refutar qualquer ataque. Um grupo de Queneus foi convocado às pressas para segui-los até o palácio. Para surpresa deles, no entanto, os portões foram levantados e algumas pessoas saíram. Eles não estavam armados. O mais velho aproximou-se e se prostrou diante dos cavalos.

— Somos servos do rei Jabim, mas agora seremos seus servos, se permitirem – ele disse.

— Onde está o rei? – perguntou Jael.

— Ele se foi e nos deixou para trás. Não temos motivos para manter nossa lealdade a ele.

— Levante-se e diga o seu nome – pediu Barak.

— Eu sou Simeí, superintendente administrativo do palácio e chefe dos servos. O palácio será aberto para vocês e para a Herdeira.

Jael estava desconfiada, mas não havia muito tempo para interrogatórios.

— Simeí, eu vou entrar com você e verei se o que diz é verdade. Caso não seja, meus amigos colocarão o exército para cima de vocês, entendeu?

O homem se inclinou.

— Verá que eu não estou mentindo, senhora.

Ela o seguiu com o arco em punho, pronta para dar o sinal ao menor perigo. Lá dentro, no entanto, não havia nada a temer,

apenas rostos assustados de mulheres, velhos e crianças. As baías estavam vazias e nenhuma carroça se encontrava ali. Eles haviam abandonado aquelas pessoas à míngua. Jael guardou o arco e desceu.

— Simei, mande meus amigos entrarem.

O homem obedeceu de imediato.

Quando os quatro estavam reunidos, Simei aguardou.

— Precisamos chegar às forjas da Montanha de Ferro – disse Héber.

O homem pensou um pouco.

— Existe uma passagem que leva do palácio a Montanha. É um compartimento secreto no quarto do rei.

— Precisa nos levar até lá – disse Barak.

— Sigam-me.

Simei os levou até o quarto de Jabim. Era um aposento grande, de paredes escuras e entalhes repletos de figuras mitológicas pertencentes a muitas culturas diferentes. O servo, então, aproximou-se da parede que ficava de frente para a cama e empurrou uma pequena alavanca. A parede fez um barulho e começou a se afastar, revelando uma porta estreita e um caminho, que parecia uma rampa e levava para cima. Havia tochas nas paredes, e estavam acesas iluminando a trilha. Eles seguiram o homem. Atravessaram uma ponte e, quando viram o rio de fogo que corria lá embaixo, perceberam que já estavam na Montanha. Jael sentiu um leve mal estar, mas nada falou. Após a ponte, eles chegaram a um espaço amplo rodeado de celas. Muitos rostos surgiram de dentro delas. Eram homens magros e maltratados que sofriam com a escravidão imposta naquele inferno de fogo.

— Estes são os forjadores das armas de ferro e das carruagens – disse Simei.

Héber puxou a espada e correu em direção a uma das celas para quebrar o cadeado. Barak o imitou e foi seguido pelas mulheres. Logo, estavam todos soltos. Um dos homens jogou-se aos pés de Barak.

— Obrigado por nos salvar, senhor – ele disse em prantos.

— Aqui, entre vocês, existe algum forjador que trabalhe com o ferro negro? – perguntou Héber.

Três homens deram um passo à frente.

— Quem foi ferido pelo ferro, senhor? – perguntou um deles.

Héber olhou para Jael e esta lhe deu permissão para falar a verdade.

— A Herdeira!

O homem respirou fundo, pesaroso.

— Então, ele conseguiu. Sísera me forçou a forjar aquela espada com o ferro amaldiçoado pelos poderes ocultos dos sacerdotes de Jabim. Então, ele matou a Herdeira?

— Não, ela não morreu ainda – disse Jael, dando um passo à frente. – Precisamos da verdade e com urgência. Existe uma cura?

O homem olhou para os outros dois que estavam mais atrás e sorriu. Um deles voltou para a cela e trouxe de lá uma pequena garrafa de vidro contendo um líquido verde claro. Ele a colocou na mão de Jael.

— Fizemos isso sem ele saber. Algo tão maléfico não poderia deixar de ter uma cura. Nós abençoamos a água em nome do grande Pai, e ela se transformou nesse líquido transparente. Derrame sobre a ferida e deixe que a Herdeira beba um pouco. Isso reverterá o efeito do ferro em seu corpo.

Jael olhou fixamente nos olhos do homem.

— Você é queneu?

Ele assentiu com um brilho no olhar.

— Todos nós somos.

Ela sorriu.

— Eu sou Jael, filha de Héber e rainha dos Queneus. Considerem-se livres, meus irmãos!

Os homens, emocionados diante da revelação, se inclinaram diante da moça em reverência.

— Vocês ouviram isso? – Noa perguntou, enquanto caminhava até um portão que se mantinha fechado. – São gritos! Há pessoas lá dentro.

Barak aproximou-se e tentou abrir o portão, mas não conseguiu. Não havia trancas e nem sinal de abertura.

— Apenas o rei Jabim consegue abrir esse portão – disse o servo. – Ele usa palavras estranhas no lugar de chaves.

— E quem está lá dentro? – perguntou Noa.

— Reis e príncipes das terras que foram escravizadas pelo exército de Sísera. Eles são mantidos ali, fora da vista de todos. Agora que o rei se foi, não há como abrir aquele portão.

— A Herdeira poderá abri-lo – disse Jael com convicção.

Ela virou-se para o primo.

— Héber, cuide para que esses homens recebam alimento e roupas no palácio. Eu vou levar a cura para Deborah, antes que seja tarde.

Barak se adiantou.

— Irei com você, Jael.

Ela concordou e ambos saíram apressadamente fazendo o caminho de volta. Ao cruzar a ponte, ela tropeçou e Barak a amparou.

— Está tudo bem com você?

— Sim, eu acho que é a proximidade com esse ferro maldito que me faz ficar assim. Vamos logo sair daqui.

Logo, eles estavam no quarto do rei e dispararam em direção ao pátio e aos cavalos.

Hulda ouviu o tropel dos cavalos e correu para a porta da tenda. Jael desceu e parou diante dela com o olhar ansioso. Barak vinha logo atrás.

— Vá, Jael! Ela ainda está viva.

Naor estava lá dentro e alegrou-se em ver a moça entrar, acompanhada de Barak e Hulda.

— Desenfaixe a ferida, Naor – ela ordenou.

Ele obedeceu sem questionar. Jael aproximou-se e respirou fundo.

— Pai, que seja feita a tua vontade! – ela falou.

Jael derramou o líquido dentro da ferida aberta. De uma forma sobrenatural, ele não se derramou para fora em nenhuma gota. Em seguida, Jael ergueu a cabeça de Deborah e despejou, pelos lábios entreabertos e ressequidos da moça, um pouco do

líquido. No início, nada aconteceu, mas, de repente, o peito de Deborah subiu e desceu num ritmo respiratório que podia ser notado. Naor bateu as mãos, estarrecido e feliz. Jael se deixou cair sentada sobre as almofadas e suspirou aliviada ao sentir a mão de Hulda em seu ombro. Barak fechou os olhos e ergueu uma prece de agradecimento ao Pai-Criador.

No dia seguinte, Hulda entrou na tenda e encontrou Deborah acordada. A moça tinha uma expressão preocupada no rosto quando olhou para ela.

— Sente-se melhor? – perguntou Hulda, enquanto sentava-se nas almofadas.

— O que aconteceu, Hulda? O que aconteceu comigo? – A voz de Deborah soava fraca e sonolenta.

— Você e Sísera se enfrentaram quando a batalha já estava praticamente ganha para o nosso lado...

Deborah suspirou.

— Eu não estou falando da batalha. Eu me lembro muito bem de tudo. Quero saber o que aconteceu comigo. O que me atingiu fazia parte de alguma magia desconhecida que era muito forte pra mim. Eu senti que ia morrer. Que magia era essa, Hulda?

— Deborah, você ainda está...

— Eu estou bem!... – ela tentou se erguer num impulso, mas parou ao sentir uma dor aguda e profunda no braço. – Ai!

Ela, automaticamente, pôs a mão sobre a ferida e se deixou encostar na almofada que lhe servia de travesseiro. A dor súbita a tinha deixado sem cor, e bolhas de suor se formaram em sua frente.

— Viu só? Você ainda não está bem para os assuntos sérios. Precisa descansar.

Em resposta, Deborah fechou os olhos e pareceu cair num sono profundo.

Noa havia assumido o comando do exército profético e estava organizando a ida de todos para o antigo palácio de Jabim. Barak também foi ao seu ajuntamento para fazer o mesmo com o

povo da floresta de Quedes. Apenas os Queneus permaneceram na planície, aguardando a recuperação de Deborah. Hulda caminhou entre as tendas procurando Jael, mas não a encontrou. Ela viu Naor e se aproximou.

— Naor, onde posso encontrar Jael?

Ele apontou em direção a estrada que levava ao cenário de sua batalha com Sísera.

— Ela disse que queria ficar sozinha, Hulda.

Hulda suspirou irritada.

— Uma quer arrancar uma resposta de mim, não importa muito a circunstância; outra foge para não responder ou para não perguntar. Cansei de ser posta de lado nas decisões. Sou Hulda, a Profetisa, e não farei menos do que o meu trabalho.

Dizendo isso, ela seguiu na direção apontada por Naor. Ela encontrou Jael sentada a um metro da espada negra de Sísera, que lhe pertencia por direito de guerra.

— Não vai se apropriar do seu espólio? É sua propriedade agora. – Hulda perguntou.

— Não ousou tocar nessa arma – Jael respondeu sem levantar a cabeça.

Hulda olhou em volta. O corpo de Sísera não estava mais lá.

— O que fizeram com o corpo?

— Eu não sei. Quando cheguei aqui havia sumido. Deve ter sido levado por algum sobrevivente do seu exército, se é que houve algum.

— As amazonas de Salema abandonaram a batalha antes do final.

Jael sorriu com desprezo.

— Não merecem ter esse nome. A coragem deveria ser sua característica e não a covardia.

— Sua coragem vem da torre alta de Atalia. Seu poder maléfico lhes dá confiança e coragem. Se elas entraram nessa guerra, foi porque tinham toda a confiança depositada nas carruagens de Sísera.

Jael levantou-se e aproximou-se da espada, observando o brilho que emanava do ferro negro que formava a lâmina.

— Eu me pergunto o que Atalia sabe sobre isso?

Hulda suspirou e aproximou-se da moça pelas costas.

— Você sente alguma coisa, Jael?

Jael fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Sinto um cansaço terrível se apoderar de mim. É como se meu corpo fosse se tornando muito pesado.

Ela cambaleou ao dizer isso e Hulda a puxou para longe da espada.

— Não chegue perto! – ela falou assustada. – Errei em não avisar Deborah, portanto, não me faça errar com você também.

Jael a fitou fixamente tentando entender.

— Por que não a avisou? Era mais um teste?

— Os sábios também erram, Jael. Talvez devesse ter sido assim, para que você cumprisse o que lhe era devido.

Jael relembrou a batalha com Sísera na sua mente e estremeceu, pois havia sentido medo de falhar. Houve momentos, quando estava na vala, em que sua esperança se esvaiu.

— E agora, Hulda? O que vai acontecer?

— Vamos aguardar a recuperação de Deborah e marchar para Hazorah. O reino do norte foi conquistado e teremos um período de paz. O palácio de Jabim deixará de ser um símbolo de opressão e a mina de ferro da montanha deverá ser soterrada, a fim de que a fumaça negra que sobe de lá não se estenda mais pela terra.

Jael suspirou e concordou.

— Precisamos mesmo de um pouco de paz.

— Venha, vamos voltar e ver como está sua irmã. Só estarei tranquila quando a ver em pé com aquele olhar profundo e confiante novamente.

Deborah sentiu um calor agradável no braço e um alívio imediato da dor. Ela abriu os olhos e viu uma pequena figura ao seu lado. Ele estava de cabeça baixa e sua mão envolvia seu ferimento.

— Nathan... – ela sussurrou com um sorriso fraco.

— Cheguei depois da batalha, mas na hora certa – ele disse erguendo a cabeça e sorrindo.

— Você está sempre me ajudando nessas horas.

— Você se sentirá mais forte agora.

Ela tentou sentar e notou que o braço não doeu.

— O que você fez?

— Dei a você um remédio para o espírito. É nele que o ferro negro age. Você não ficaria boa nunca se continuassem cuidando apenas do seu corpo.

— O que sabe sobre isso, Nathan?

Ele sorriu de maneira misteriosa.

— Mais do que você ou qualquer pessoa possa imaginar.

— E não vai me dizer o que é?

Ele ergueu a mão com o olhar divertido.

— Será uma história para ser contada em um lugar mais apropriado, e num momento adequado para recebê-la. Tenha paciência.

Nesse momento, Hulda e Jael entraram na tenda. A profetisa, ao ver o homenzinho, caiu de joelhos e curvou-se de uma forma respeitosa.

— Mestre Nathan! Não o esperávamos tão cedo!

— Levante-se, Hulda – ele disse com simplicidade. – Cheguei na hora certa, pelo que vejo.

Jael também se ajoelhou e fez uma reverência para o pequeno sacerdote enquanto o olhava com curiosidade.

— Jael, filha de Héber, nós teremos um longo tempo juntos, você e eu. Sua missão está se aproximando. Está chegando a hora da Guardiã se manifestar.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele pegou a mão de Hulda.

— Agora, venha Hulda. Temos muito que conversar.

Quando eles saíram, Jael olhou para Deborah e notou que sua aparência havia melhorado. Ela se aproximou e sentou ao lado da irmã.

— Suas forças estão voltando! Hoje pela manhã eu passei por aqui e a vi dormindo. Parecia tão fraca que me preocupei e temi

por sua recuperação.

— Salvou a minha vida, Jael – Havia um tom de gratidão na voz de Deborah.

Jael sorriu sem graça.

— Você é a Herdeira, Deborah. Não poderia morrer.

Deborah pôs a mão sobre a dela.

— Tem razão, eu não poderia mesmo, graças a você. É uma heroína dessa guerra e o seu feito deverá ser conhecido e cantado pelas gerações futuras.

— Minha maior recompensa é poder estar falando com você novamente.

As duas sorriram e se abraçaram.

— Deborah, eu gostaria de lhe perguntar uma coisa... Sobre algo estranho que aconteceu comigo. Foi quando eu fui ferida por meu tio Harã. Passei dias entre a vida e a morte, segundo Héber, e nesse período, eu tive uma espécie de visão. Havia uma ponte...

— Que eu não a deixei atravessar – completou Deborah.

Jael parou surpresa e a olhou com expectativa.

— Nós estivemos mesmo lá?

Deborah assentiu afirmativamente.

— Nessa época, eu estava no deserto e passei por um teste de nível espiritual que me deixou vulnerável por dias. Eu também fiquei na fronteira da vida e da morte como você. Eu também vi a ponte.

— Deborah, isso é incrível! Eu estou assustada com o rumo que as coisas estão tomando. Nós conseguimos chegar até aqui e vencemos uma grande batalha. A Profecia, pelo poder do Pai, tem nos dado sua cobertura, mas sinto que existe um mal muito maior prestes a ser liberado.

— Você está certa, Jael. Ainda não é o fim. Apenas parte da Profecia foi cumprida. É necessário que a parte selada seja aberta para que haja a vitória completa.

Jael respirou fundo e passou as mãos no rosto. Deborah passou o braço pelos seus ombros.

— Não se aflija com a missão que tem pela frente, Jael. A ansiedade nos deixa muito sensíveis, mas você só tem que aprender a confiar no que já foi decretado. Além do mais, você amadureceu com a experiência. Acredito que esteja pronta para iniciar sua jornada a qualquer momento.

Jael sorriu para a irmã.

— Suas palavras me confortam, Deborah. Agora eu percebo o quanto elas me fizeram falta.

A cura proporcionada por Nathan teve um efeito sobrenatural sobre Deborah. No dia seguinte, os Queneus levantaram acampamento a fim de seguirem para Hazorah. Na frente iam Deborah, Hulda e Jael, seguidas por Nathan e Héber. A Ordem de Zelofeade aguardava a comitiva no meio do caminho. Elas tocaram trombetas quando se uniram ao cortejo. As pessoas das aldeias próximas, ao saberem da derrota de Jabim, correram para ver a Herdeira passar. A multidão acenava e dava vivas por onde passavam. Deborah acenava e sorria para as pessoas. O rosto de cada uma expressava gratidão, esperança e uma genuína felicidade com a liberdade adquirida.

Os portões do palácio estavam abertos e havia gente no pátio, nas muralhas, nas arcadas e nos portões. Barak, Salum e Otoniel aguardavam no alto da escadaria. Deborah, após subir, virou-se para o povo e disse:

— Meus amigos, vocês fazem parte de um mundo novo. Aqui, o mal não encontrará morada novamente. Ele ainda existe no sul, mas não atingirá mais o norte. A justiça e a união dos povos são os dois alicerces, nos quais essa nova sociedade será formada. É tempo de paz. Ainda não é a paz completa, mas apenas um prenúncio dela. Vamos construir juntos, esse mundo que parece arruinado, e fazê-lo florescer em honra daquele que merece todos os méritos: Deus, o Grande Pai.

Houve aplausos e muitos gritos de júbilo.

— Agora, aproveitem esses dias de festa que lhes são oferecidos pela vitória, e vivam a alegria que transborda em seus corações.

Ela entrou, seguida por Jael, pelos sacerdotes das Cavernas do Sal, pela Ordem de Zelofeade, e pelos comandantes dos exércitos representados por Héber e Barak.

Enquanto o povo comemorava do lado de fora, Deborah foi conduzida por Jael, Hulda, Barak, e Héber até o quarto de Jabim e à porta secreta que levava diretamente à Montanha de Ferro. A Herdeira respirou fundo e se preparou para entrar, mas Hulda a segurou pelo braço.

— Espere! Você acabou de se recuperar de um ferimento grave, causado pelo ferro amaldiçoado dessa montanha. Não acho que seja uma boa idéia embrenhar-se ai dentro.

Nathan e Salum iam entrando a tempo de ouvir o argumento de Hulda.

— Deixe-a ir, Hulda – disse Nathan. – Não vai lhe acontecer nada, eu lhe garanto.

— Como pode ter certeza, mestre Nathan? – a profetisa perguntou, confusa.

— acredite em mim, eu sei do que falo – disse o homenzinho sorrindo.

Ele virou-se para Deborah com um olhar cúmplice.

— Confia em mim, Herdeira?

— Até agora você tem me dado motivos para confiar – ela respondeu com um sorriso.

— Então, vá! Existem pessoas lá embaixo que precisam de você.

Héber deu um passo à frente, a fim de mostrar o caminho, e Deborah o seguiu. Barak foi atrás, mantendo-se em silêncio, mas consciente de que Deborah aceitava a sua presença ali. Muitas vezes seus olhares se encontraram e, mesmo sem a necessidade de palavras, transparecia um sentimento profundo e latente que os envolvia por completo. Salum e Hulda seguiram o rapaz, mas quando Jael preparava-se para fechar o cortejo, Nathan falou:

— Fique, filha de Héber. Você já fez esse caminho por duas vezes e sentiu o seu efeito. Estou enganado?

Ela quis protestar, mas se rendeu diante do olhar penetrante do pequeno sacerdote.

— Não, o senhor não está enganado. Mas, diga-me, eu lhe peço, por que Deborah pode ir e eu não?

Nathan suspirou e lhe estendeu a mão.

— Venha comigo, e eu lhe explicarei no caminho.

— Aonde vamos?

— Dar uma volta por aí – ele disse com um sorriso. – O palácio é grande o suficiente para proporcionar uma longa conversa.

Ela aceitou a mão que ele lhe estendia e o seguiu com uma obediência voluntária que espantou a ela mesma.

Deborah sentiu a opressão daquele lugar ao observar as celas, agora vazias, onde homens eram colocados e tratados como animais, obrigados a fazer o serviço proposto pelo inimigo para a destruição de seu povo.

— Eles estão bem, agora? – ela perguntou a Héber.

— Sim, eles foram levados para a enfermaria que foi organizada dentro do palácio, a fim de recuperarem as forças e a saúde.

Ela olhou em volta, caminhou observando as ferramentas usadas nos trabalhos, e as correntes, que eram usadas para prenderem—nos uns aos outros durante o trabalho forçado junto às forjas. Um aposento que se abria após as celas possuía uma abertura, como um poço profundo e um andaime de madeira que servia como elevador.

— Eles eram mandados para baixo, a fim de escavar no mais profundo da montanha – observou Salum.

Subitamente Deborah ergueu a cabeça e olhou em volta como se estivesse a procura de algo.

— Deborah? O que foi? – perguntou Hulda.

— Eu posso ouvir os lamentos daqueles que ainda estão presos aqui. Onde fica o portão sem tranca, Héber?

O rapaz a guiou até a parede que ficava de frente para as celas. Ela aproximou-se do portão negro e estendeu a mão para

sentir a superfície. Hulda temeu pela consequência daquele gesto, mas Deborah parecia não ter sido abalada.

— Esse portão foi feito para que a minha entrada fosse impedida, mas algo está barrando o efeito que teria sobre mim.

Ela sabia que Nathan lhe havia passado algo que a havia curado e que lhe estava protegendo da magia oculta nascida naquelas fundações.

Deborah deu, então, um leve empurrão e o portão se abriu. Héber e Barak se entreolharam espantados. Eles tentaram, mas não conseguiram abrir o portão da primeira vez que lá estiveram.

— Está escuro aqui dentro – ela disse.

Barak voltou e pegou uma tocha das que estavam espalhadas pelas paredes. O fogo iluminou um corredor estreito que descia como se fosse uma rampa. Não dava para ver o fim. Logo, enquanto avançavam, os gritos e os lamentos puderam ser ouvidos por todos. Um cheiro de morte subiu até eles. Hulda parou. Um medo súbito apoderou-se dela. Salum pôs a mão no seu ombro.

— Tenha coragem, minha amiga – a voz dele era suave. – Não esqueça de que estamos no coração do reino do inimigo, ou do que resta dele. O mal aqui é mais sentido do que observável.

Deborah ouviu e olhou para trás.

— Eu receio que seja dos dois modos, Salum. Logo iremos ver a face do que foi criado aqui.

Eles chegaram, enfim, ao final do corredor. Uma outra porta fechava o caminho. O material era o mesmo do portão. Deborah o empurrou e este cedeu de imediato. Barak passou à frente com a tocha e soltou uma exclamação abafada.

Nathan guiou Jael até uma varanda que se abria para o pátio lá embaixo. O povo estava alegre e se divertindo. Eram dias de festa.

— Eu tive que revestir Deborah de uma arma muito especial para que a sua vida fosse poupada – disse Nathan. – O ferro negro a estava corroendo por dentro, no espírito. Eu precisava agir rápido.

— Que tipo de arma é essa da qual está falando?

— Uma arma espiritual. É como uma armadura que não se pode ver. Algo que pode proteger, mas se for necessário, também pode ser usada para atacar. É algo que está oculto até mesmo para muitos sacerdotes. Alguns deles diriam que é um mito.

Jael sorriu.

— Se salvou Deborah com isso, não pode ser um mito.

— Exatamente, mas é necessário acreditar, para que essa arma tenha alguma utilidade.

— Como assim?

Nathan sorriu.

— Você teria enfrentado Sísera com armas que seus olhos não podiam ver?

Jael não respondeu.

— No entanto, elas seriam mais eficazes do que quaisquer outras existentes nesse mundo.

— Isso quer dizer que se a armadura for tirada, Deborah morre?

— Não, necessariamente. Existem maneiras de se curar o espírito para que ele se torne forte novamente. Nesse momento, porém, seria um risco ficar sem ela.

Jael parecia preocupada e apoiou-se no parapeito olhando o horizonte com o olhar tenso.

— Precisa confiar, Jael – ele disse. – Terá que ser revestida por uma armadura como essa quando sua hora chegar.

Ela olhou pra ele intrigada.

— Minha hora?

— Sim, sua hora. Até aqui você apenas ajudou Deborah a realizar a missão dela. Está chegando a sua vez, e terá que enfrentar um caminho árduo e perigoso.

— Pode falar-me sobre isso?

— Agora não. Ainda há tempo para se divertir. Vá lá para baixo e procure relaxar. É imperativo que descanse a mente das preocupações. Vim especialmente para cuidar de você e prepará-la para esse momento.

— Descansar? Mas, eles estão lá embaixo...

Nathan ergueu a mão e ela se calou com um suspiro resignado.

— Lá embaixo, pode ser um inferno na terra, mas não existe mais nenhum perigo. O que vai acontecer lá é um maravilhoso ato de libertação. Um motivo de alegria, e, portanto, mais um motivo para comemorar. Vá, criança, e se divirta um pouco!

A luz da tocha iluminou um grande recinto natural escavado na rocha sólida. Ao seu redor estavam dispostos os mais variados instrumentos usados para a tortura e execução de prisioneiros. Acima de suas cabeças havia dezenas de gaiolas, penduradas por grossas correntes presas a determinados pontos da parede. Alguns gemidos e lamentos pareciam partir delas. Pequenas aberturas na base da parede em volta davam a impressão de celas. Em alguns instrumentos jaziam corpos sem vida. O cheiro da morte enchia o lugar.

Eles olhavam em volta, tentando assimilar o terror daquela cena sem perder o controle.

— Se o inferno existe, nós estamos nele – sussurrou Barak.

Deborah precisou fechar os olhos e respirar fundo para manter-se no controle.

— Vamos soltar as correntes das paredes e liberar as gaiolas – ela disse.

Cada um se dirigiu para uma corrente até que uma a uma foram sendo soltas. Quando as gaiolas caíram no chão, eles viram que em algumas só havia ossos, em outras, cadáveres, e um pequeno número apenas continha pessoas vivas. Héber e Deborah ajudaram a abrir as portas e libertar os prisioneiros. Gritos começaram a vir das aberturas. Barak procurou uma entrada que levasse até as portas das celas, mas não encontrou.

— Eles colocaram as grades após terem jogado as pessoas lá dentro – falou Hulda.

Héber olhou em volta e encontrou um pesado machado. O rapaz o usou para quebrar as grades. Ferro contra ferro. Funcionou

e as aberturas foram cedendo. Na medida em que uma janela era aberta, pessoas eram resgatadas para a vida. Havia velhos, homens, mulheres e crianças. Estavam magros e pálidos, mas muitos mantinham um ar de dignidade.

— Acalmem-se – disse Barak com um sorriso emocionado.

– A vida veio lhes sorrir novamente, e acredito que o tempo irá curar as más lembranças vividas nesse lugar.

As pessoas que foram encontradas vivas foram agrupadas no primeiro recinto e longe daquele lugar de morte. Os rostos pareciam assustados, no entanto, guardavam uma nobreza inata que os maus tratos não puderam arrancar.

— Héber, leve-os para a enfermaria e assegure-se de que vão receber o tratamento que merecem – pediu Deborah.

— Não vai lhes dar nenhuma palavra? – ele perguntou.

Ela deu um sorriso tristonho e respirou fundo.

— Desculpa, Héber, mas me faltam palavras para dizer a essas pessoas. O sofrimento delas e o horror pelo qual passaram não vão ser curados com nada que sair da minha boca. Elas precisam de alguém que lhes trate do corpo primeiro, para que possam se acostumar com a vida novamente. Quando chegar o momento, eu falarei com elas.

Ele concordou e saiu para cumprir a ordem. Salum e Hulda o ajudaram a guiar as pessoas pela saída. Barak aproximou-se de Deborah.

— Você está bem? – ele perguntou preocupado.

— Quero lhe pedir uma coisa, Barak – ela falou com a voz rouca e cansada. – Destrua todas as entradas possíveis para esse lugar. Ele não deve ser pisado por pés humanos novamente. Que a maldição que foi criada aqui seja enterrada para sempre. O mundo deve esquecer que um dia esse lugar existiu.

Ele sorriu e lhe estendeu a mão.

— Acredite quando digo que farei esse trabalho com imenso prazer.

Ela aceitou a mão que ele lhe oferecia.

— Respondendo a sua pergunta, eu estou bem. Sinto o coração pesado pela tristeza e sofrimento que deve ter existido

aqui, mas penso que isso foi sentido por todos nós.

Ele ergueu a mão dela e a levou aos lábios, beijando-a com ternura.

— Lá em cima, tem uma festa que durára, muitos dias. Será que não podemos nos alegrar um pouco, sem termos que falar em Profecia, destino ou missões?

Ela sorriu com um brilho no olhar.

— Nos alegrar? Sim, eu acho que podemos.

Ele a puxou para a saída.

— Então, vamos sair daqui e participar da vida que se encontra lá em cima.

Longe dali, em Salema, Atalia angustiava-se pela falta de notícias da guerra. Ela tinha total confiança na força e no poder de Hazorah. Mas, agora, o seu coração estava aflito. Ela nada pudera ver através das águas do poço. Jabim parecia não estar do outro lado para lhe responder as perguntas ansiosamente formuladas. Ela tentava mais uma vez obter a visão com encantamentos variados, mas de nada adiantou. O poço continuava sereno.

De repente, ela ouviu o som de trombetas anunciando que alguém chegava. Ansiosa, ela correu e desceu a escadaria até a sala do trono. De lá, a sacada oferecia uma vista panorâmica de toda a extensão da cidade—fortaleza de Salema. Ela esperava ver Sísera, o filho, chegar com os troféus que lhe prometera, e entrar pelas portas do palácio com a dignidade de um príncipe, que saberia reinar com mãos de ferro. Ele, que era o seu único filho e herdeiro. A única pessoa que realmente amava no mundo.

O que ela avistou, no entanto, encheu seus pensamentos com uma névoa agourenta. Um grupo de amazonas a cavalo se aproximava. Era um grupo pequeno, e apenas uma carruagem seguia com elas. Seria Sísera que a vinha guiando? Ela saiu da sacada e dirigiu-se ao trono de marfim, aguardando a chegada de quem quer que fosse.

Kyara entrou na sala do trono andando lentamente e de cabeça baixa. Ela fez uma reverência diante da rainha e deixou-se ficar de joelhos.

— Onde está o meu filho? – Atalia perguntou aflita.

— Lamento informar, majestade, que o príncipe Sísera está morto. Nós resgatamos o seu corpo e o trouxemos na carruagem que lhe pertencia.

Atalia sentiu o sangue gelar nas veias. As palavras de Kyara tiveram o poder de congelar seu coração, caso contrário, ela teria morrido ali mesmo. Seu filho, morto? O poderoso Sísera? E onde estavam suas amazonas? O exército que enviara para combater?

— Nós perdemos o norte, majestade – Kyara pareceu adivinhar os pensamentos de Atalia. – A Herdeira e seu exército venceram a batalha e tomaram Hazorah. O nosso grupo foi afortunado em ter escapado.

Atalia ouviu tudo em silêncio e assim ficou por alguns angustiantes minutos.

— Quem matou o meu filho? – ela perguntou em uma voz gélida e baixa.

— Eu o segui e vi quando confrontou a Herdeira. Ambos duelaram e ele conseguiu vencê-la com a ajuda do ferro negro. Ia matá-la e conseguir a vitória quando surgiu a rainha dos Queneus e investiu contra ele. Ambos lutaram e ela venceu. No outro dia, não esperei para ter notícias do estado da Herdeira, que parecia estar muito mal. Chamei duas companheiras e conseguimos levar o corpo de Sísera dali, e o trouxemos para Salema. Essa é toda a história.

— Eu não me chamo Atalia se não proporcionar um triste fim para essa “rainha dos Queneus”.

— Ela também é um dos Luminares, majestade.

Atalia ergueu-se do trono.

— Então, deverá ter o seu destino compartilhado com o da Herdeira.

— Não acredito que a Herdeira tenha escapado com vida – afirmou Kyara.

Atalia riu amargamente.

— Não seja tola, Kyara! Se ela tivesse morrido, eu saberia. Mas eu a sinto ainda mais forte, como uma ameaça pairando sobre mim.

Atalia, então, voltou-se para a sacada e viu o céu ficar nublado.

— Ainda temos tempo de nos preparar – ela falou consigo mesma. – A luz ainda está distante e vai demorar a chegar.

Ela virou-se para a comandante das amazonas, com um novo brilho no olhar.

— Quero que inicie uma nova série de patrulhas. Não vá para o norte, mas para o oriente. Naquela terra temos um aliado poderoso. Precisa, também, repor as amazonas que perdemos e fortificar o exército. Onde está Jabim? O que aconteceu com ele?

— O rei Jabim abandonou o palácio e desapareceu, senhora. Ninguém sabe do seu paradeiro.

— Covarde! Deixou o meu filho com a tarefa difícil e negou-lhe o seu apoio. Ele estará condenado se pisar nestas terras. Agora vá, Kyara! Antes de sair, porém, mande chamar as sacerdotisas, pois tenho que preparar um funeral digno de meu filho. Muitos sacrifícios serão feitos amanhã em sua honra.

CAPÍTULO 11

O Poço de Jabim

Hulda juntou-se aos sacerdotes que se encontravam na sacada da torre do palácio, observando a festa lá embaixo. Otoniel parecia preocupado e com o olhar distante. Nathan, pelo contrário, balançava o corpo ao som da música. Salum apenas observava com olhos curiosos.

— Acho que esse palácio nunca ouviu esse som antes – comentou Salum.

— Está errado, Salum – disse Nathan, ainda se balançando com a música. – Nos primeiros tempos, esse lugar era iluminado pela luz dos Tronos. Antes das trevas cobrirem—no com a escuridão e com o fogo, a luz era soberana nesse lugar.

— E agora, ela foi restituída – completou Hulda.
Otoniel deu um longo suspiro.

— Essa alegria nos faz até pensar que acabou. No entanto, um grande vazio não traz prenúncios bons. Aquilo que nos está encoberto na Profecia pode manifestar algo que está além do que imaginamos.

Nathan virou-se para ele com a expressão grave.

— É tempo de festa, Otoniel! Um prenúncio que não é nada agourento, e sim, um prenúncio da alegria duradoura que virá no final.

— Eu creio nisso, mestre Nathan – disse Hulda com sinceridade.

O homenzinho começou a bocejar.

— Eu gostaria muito de aproveitar mais essa festa, no entanto, minha viagem foi longa e ainda não pude ter um descanso razoável. Além do mais, logo começarei uma outra jornada não menos cansativa.

— Eu não entendo, Nathan – perguntou Otoniel. – Por que você tem que acompanhar Jael nessa missão? Não acha que ela está preparada para enfrentá-la sozinha?

Nathan sorriu pacientemente.

— Otoniel, assim como eu, você estuda a Profecia desde criança. Ambos nos dedicamos a ela de diferentes modos. Você busca entender o que está escrito, apoiando-se em documentos antigos e relatos de sábios. Essa é, sem dúvida, a maneira mais ortodoxa e não há nenhum mal nisso. Eu, no entanto, busquei esse conhecimento de uma forma mais direta. Como fiz isso? Aprofundando-me no que estava nas entrelinhas dos documentos que você também estudou. A ortodoxia, muitas vezes, por medo de errar, rejeita o que não compreende. Existem coisas relacionadas à Profecia que apenas eu poderia elucidar. Falo isso sem vaidade. Quando chegar o momento certo, Jael precisará de mim. Eu tenho que estar ao lado dela e garantir que ela consiga ir até o fim.

— Você fala de “entrelinhas” e critica a nossa ortodoxia – lamentou Otoniel. – Cuidado, meu amigo, para que isso não soe como blasfêmia.

Nathan olhou para ele com seriedade e cruzou as mãos nas costas.

— Blasfêmia? Meu amigo, eu julguei que você estivesse ciente das mudanças que advirão ao nosso mundo. A ordem estabelecida será mudada e novos tempos virão na terra de Hedhen.

Otoniel apontou o dedo em direção ao nariz de Nathan.

— Acredito nesse mundo novo de que você fala, mas creio que é fazendo o que está escrito, obedecendo sem contestações, que a vitória virá. Não tente julgar a minha fé!

Ao dizer isso, Otoniel passou por ele e se foi caminhando em direção as escadas que levavam ao pátio. Hulda e Salum, que ouviram o debate sem se pronunciar, aproximaram-se do pequeno sacerdote.

— Ele se ressentido de algo – disse Salum. – Tenho notado a sua perturbação há algum tempo.

— Otoniel depositou a sua confiança em bases frágeis – lamentou Nathan. – Ele não entende que chegamos a um ponto da Profecia em que palavras já não são mais tão necessárias. O que foi escrito no passado está se cumprindo diante de nossos olhos. Não é mais tempo de ler, e sim de agir.

Assim como aconteceu na primeira assembléia das Cavernas do Sal, Deborah e Jael encontravam-se novamente diante dos sacerdotes a fim de discutir o futuro. Eles sentavam-se em cadeiras, formando um círculo na torre do castelo. O sigilo era necessário, por isso aquele local foi o escolhido.

— Deborah – começou Salum, — você alcançou uma posição de liderança a qual nunca pensou em exercer, não é verdade? E agora, qual será o seu próximo passo? A paz do norte deve ser mantida a qualquer preço, até que toda a Profecia se cumpra.

A moça olhou em volta com uma segurança no olhar que antes não possuía.

— Alianças devem ser formadas o quanto antes, Salum – ela falou. – Os reis que foram libertados devem voltar e reerguer seus reinos como nossos aliados. Isso unificará o norte de uma

maneira mais sólida e objetiva. O fundamento da casa deve ser firme, para que ela não venha a cair.

Otoniel suspirou e cruzou as mãos.

— E você acha que eles estariam dispostos a fazer aliança com Hazorah? O trauma pelo qual passaram pode torná-los inimigos mortais de nossa causa.

— Eu já tive a oportunidade de visitar alguns deles na enfermaria. São homens sofridos, mas bastante lúcidos para tomar decisões – disse Deborah. – Eles jamais seriam inimigos do Novo Reino, pois para isso teriam que se associar com as mesmas trevas que os aprisionaram. Eles sabem disso.

— Isso é verdade – confirmou Jael, olhando para Otoniel. – Eu estava com Deborah em uma dessas visitas, e vi como foi reconfortante para eles tomarem consciência de que o cativeiro havia terminado. Os que não forem nossos aliados optarão pela neutralidade.

— E são esses que deverão ser convencidos – comentou Hulda.

— Eu já falei com Barak – disse Deborah. – Ele se ofereceu para ir como embaixador a esses reinos e solidificar as alianças.

— Excelente escolha – Salum falou com um sorriso.

Nathan limpou a garganta e se endireitou na cadeira, ficando com as costas eretas.

— Suas decisões foram muito sábias, Deborah. Agiu com discrição e iniciativa. São fortes características de uma boa líder.

— Eu não posso ser menos do que esperam de mim, Nathan. Mas isso é um grande esforço para um ser humano falível de erros como eu.

Otoniel soltou uma exclamação abafada, quase um protesto.

— Não devia falar assim! Você é a Herdeira! A Profecia se cumpre em você!

Deborah olhou para Otoniel com uma expressão confusa.

— Perdoe-me se sou ignorante quanto a Profecia, que parece se confundir com a minha própria pessoa, Otoniel – ela falou

diretamente para o sacerdote. – Mas eu ainda não sentei no trono prateado do Luminar da Lua. Eu sou falível, sim. Sinto medo. Sinto dor. A minha vida não é imortal. Será que pode pensar em mim dessa forma? A toda hora você atira fardos mais pesados sobre mim, ao me lembrar dessa condição divina. Eu sou tão humana quanto qualquer um aqui.

— Talvez você precise dedicar mais do seu tempo ao estudo dos escritos antigos. Isso varrerá a ignorância que sente para longe – Otoniel falou de forma irredutível.

Deborah respirou fundo e se calou. O silêncio era o caminho mais sábio a se tomar nessa discussão.

— Jael, está pronta para partir? – a pergunta súbita veio de Nathan.

A moça foi pega de surpresa, enquanto encarava o sacerdote que a havia ensinado a ter coragem de ser ela mesma. Otoniel estava mudado e aquilo a intrigava. Ele parecia confuso, como se algo lhe escapasse. Ela olhou para Nathan e respondeu sem hesitar.

— Sim, eu estou pronta.

— Por que tão rápido Nathan? – Deborah perguntou.

— Atalia não está adormecida, Deborah. A morte de Sísera e a derrota de Hazorah serão motivos para multiplicar sua fúria. Quando ela se erguer novamente vai buscar, como nós, novos aliados. E vai tentar impedir a todo custo que a Profecia Selada seja encontrada. Precisamos partir, enquanto ela ainda está fraca e abalada. Ganharemos tempo com isso.

— E quando partiremos? – Jael perguntou.

— Daqui a três dias. É o tempo que será necessário para deixar a casa em ordem, estou certo?

Ela sorriu da maneira direta do sacerdote falar. Estava começando a se acostumar com isso.

— Perfeitamente. Héber já está preparado para assumir a liderança dos Queneus na minha ausência. Isso me dará tempo de reunir o povo e oficializar a troca de autoridade. Mas, antes, eu gostaria de perguntar se alguém teve notícias de meu tio Abiatar. Ele não foi visto durante a batalha e nem estava entre os mortos.

Ele representa um perigo para a minha tribo, e eu temo que ainda esteja por aí, esperando uma oportunidade.

— Abiatar, com certeza, estava no séqüito que seguiu o rei Jabim durante a fuga – disse Hulda. – Ele deve estar bem longe daqui, e não representa nenhum perigo imediato.

— Mas, quanto à segurança da sua tribo, não se preocupe – disse Deborah. – Héber terá todo o meu apoio.

Jael sorriu em agradecimento.

— Bem, acho que isso me deixa livre para partir o quanto antes.

— Será mesmo, muito bom que comece sua jornada, livre de preocupações Guardiã – Nathan falava em um tom paternal.

Hulda ergueu-se.

— Antes de encerrarmos essa assembléia, eu gostaria de colocar um último ponto a ser discutido.

— E o que seria? – Salum estava curioso.

— A ameaça do ferro negro paira sobre os Luminares. Aqui, nessa montanha, ele não será mais forjado. No entanto, eu me pergunto de onde será a sua fonte? Nada foi encontrado até agora, que coloque o seu ambiente natural aqui.

— O ferro negro não tem a sua origem em Hazorah – disse Nathan. – Existe a possibilidade de Salema se aliar com a terra do qual ele se origina, por isso é importante que nossa partida seja breve.

— E que terra é essa, Nathan? – Deborah perguntou. – Achei que o problema do ferro negro havia sido solucionado.

— O problema imediato, sim.

— Conhece a origem desse ferro? – Jael parecia ansiosa.

Nathan levantou-se e caminhou lentamente em meio às cadeiras, com as mãos nas costas.

— A terra é Babilos. Uma das cidades mais antigas da terra de Hedhen. Dizem que antes de seus muros serem erguidos, uma pedra negra caiu do céu, deixando um rastro de fogo atrás de si. Com o tempo, os homens foram perdendo o medo e se aproximando da estranha rocha. Até que conheceram os segredos daquele metal celeste e forjaram armas. Armas que eram

poderosas para vencer quaisquer inimigos. Uma classe em especial foi criada para estudar o ferro negro. Eles uniram os poderes que fluíam da própria energia que o revestia, aos encantamentos aprendidos no oculto, com os livros proibidos da magia. Foi esse conhecimento que Jabim trouxe para Hazorah.

— Babilos! – exclamou Salum. – Isso fica ao oriente de Salema. Atalia, com certeza irá buscar o apoio dessa cidade amaldiçoada.

— Como algo tão terrível pode vir do céu? – a pergunta de Jael parecia inocente.

Nathan sorriu.

— Ele não era terrível, até ser utilizado com o fim de destruir o poder da luz. Os homens o fizeram assim.

— Ele poderia ser restaurado a nosso favor? – Deborah tentava compreender o raciocínio do pequeno sacerdote.

Nathan suspirou.

— A única coisa que poderá fazer isso, será a união dos tronos e a luz, que deverá emanar deles.

Deborah se levantou e caminhou até Nathan, ficando ambos no meio do círculo.

— Mas que magia tão forte é essa, que só pode ser destruída após tudo se cumprir? Não é de origem humana, pois vem do meio das estrelas. Por que ela existe, Nathan?

— O poder dos Luminares também vem do céu – completou Jael, aproximando-se dos dois. – Essa energia foi criada em oposição a nós, não foi? Ela poderia estar na Profecia Selada?

Nathan ergueu as mãos.

— Eu não sei, minhas filhas! Não tenho resposta para tudo.

— Eu não entendo... Por que a Profecia conteria algo que pode nos destruir? A que fim se propõe? – Jael falou quase para si mesma.

— Teremos que achar a Profecia para saber – Nathan respondeu. – O ferro negro pode ser uma criação puramente humana. Não vamos tirar conclusões antes do tempo!

Salum ergueu-se.

— Acho que podemos dar por encerrada essa reunião.

Deborah, que havia caminhado até a janela, virou-se para o grupo.

— Hulda, Nathan. Vocês podem ficar mais um pouco? Eu gostaria de lhes falar em particular.

Eles tornaram a sentar. Os outros foram saindo em silêncio, refletindo sobre tudo o que havia sido dito.

— Isso é loucura, Deborah! – exclamou Hulda. – Sou totalmente contra tal decisão.

A moça buscou o olhar de Nathan. O sacerdote estava calado e pensativo.

— É uma decisão arriscada a se tomar — ele disse.

— Eu não desconheço os riscos. Mas, eu preciso ir a Salema! O meu coração me impulsiona a ir para lá.

Hulda balançou a cabeça.

— Por que isso agora, Deborah? Você vai a Salema, mas não dessa maneira. Não é viável.

Nathan ergueu uma mão e Hulda parou.

— Seja sincera, filha. O que a motivou a isso?

— Sabemos que a estabilidade do norte está segura por enquanto. Temos aqui pessoas capazes de governar, como a Ordem de Zelofeade, por exemplo. Não tenho nada para fazer, enquanto a Profecia não for achada. Essa é a hora pela qual eu tenho esperado! Eu preciso ver o lugar onde eu nasci. Preciso saber o que o povo achava dos meus pais. Eu quero conhecer o meu povo, me misturar a eles. Sentir o que eles sentem. Quando falamos em Salema, parece que só nos vem à mente o mal personificado por Atalia. Mas existem pessoas dentro daqueles muros, e eu quero conhecê-las.

Hulda pareceu hesitar um pouco.

— Você estará muito exposta.

— Não levarei nada comigo que possa me denunciar. Nem minha espada.

Nathan admirou-se.

— E como pretende ir? De que maneira?

Deborah sorriu.

— Tenho outros dotes além de lutar com uma espada, Nathan.

Ele chamou Hulda para um canto e começaram a conversar entre si. Deborah suspirou e foi até a janela. O sol estava se pondo e um vento fresco agitou seus cabelos. Ela fechou os olhos e recebeu o agrado do vento.

— Muito bem, você nos convenceu – disse Hulda.

Deborah virou-se espantada.

— Consegui mesmo?

Nathan sorriu.

— Sim, consegui. Mas tem uma condição, Deborah.

— Qual?

— Hulda vai com você.

— Hulda? Mas o rosto dela será facilmente reconhecido por lá!

A mulher sorriu enigmática.

— Eu também tenho os meus dotes, minha querida. Não vou soltá-la, sozinha, naquele covil de lobos. Nem pense nisso!

Deborah sorriu e abraçou a profetiza.

— Obrigada por permitir.

Nathan tossiu para lhes chamar a atenção.

— Eu e Jael deveremos estar de volta em menos de seis meses. Isso, se não houver complicações. É imperativo que esteja aqui quando voltarmos.

— Estarei aqui antes disso, Nathan. Não pretendo demorar tanto tempo.

O homenzinho suspirou.

— Otoniel não vai gostar nada disso – ele murmurou quase para si mesmo.

Deborah, após ficar algum tempo a sós na varanda, seguia o corredor em direção aos aposentos que foram preparados para ela. Todos os elementos que lembravam o reinado de Jabim foram tirados e substituídos por outros mais leves. Ela escolheu um quarto que tinha vista para o jardim e que escondia a velha Montanha de

Ferro. Uma figura surgiu em meio às sombras. Deborah parou e aguardou que ela se aproximasse. Era Jael.

— Pensei que estivesse dormindo.

— Estava esperando você. Parece até que não querem nos deixar conversar.

— Então, não está com sono?

Jael sorriu.

— Nem um pouco. E você?

— Lembra-se de como costumávamos cavalgar a noite, lá em Gades?

— E dormir contando as estrelas? Claro que lembro.

Deborah girou, sorrindo de maneira cúmplice, e saiu correndo em direção a porta que levava a estrebaria. Jael seguiu atrás. Estava tudo calmo e silencioso. Elas pegaram Bruma e Solaris e só montaram após terem passado o portão. Foi uma cavalgada livre e destituída de preocupações. Após cruzarem uma ponte, desceram para a margem do rio e soltaram os cavalos. Jael desabou deitada na grama. Deborah sentou-se ao seu lado com as pernas cruzadas.

— Como eu senti falta desses momentos! – Jael exclamou.

— É, eu também.

— Deborah, eu soube da sua decisão de ir a Salema.

— Quem te contou? Hulda? – Ela perguntou como se já esperasse por isso.

Jael confirmou com um sorriso.

— Ainda somos uma família – ela comentou.

Deborah deitou-se.

— Vai me recriminar por isso? – havia certa apreensão na voz dela.

— Claro que não! Eu só queria saber uma coisa... Você e Barak, eu pensei que existisse algo entre vocês...

Deborah suspirou profundamente.

— Eu o amo, Jael e sei que ele também me ama.

Jael sentou-se.

— E por que o está deixando ir para aqueles reinos distantes? E por que você vai partir para o lado oposto ao dele? Não

é tempo de acertar as coisas?

Deborah também se sentou.

— Ainda não. Não, enquanto a minha vida for um enigma mesmo para mim. Não tomarei nenhuma decisão nesse sentido, até ler a Profecia. Nós dois conversamos e concordamos que seria melhor assim. A missão que temos pela frente, e as vidas que dependem disso, nos obrigam a sermos altruístas quanto à própria felicidade. Eu percebi isso ao ver o rosto das pessoas que foram resgatadas lá embaixo. Jael, a nossa missão é mais importante do que nossas próprias vidas! É por isso que eu quero ir a Salema. Na verdade, eu preciso ir.

Jael continuou escutando. Ela também havia sentido isso, ao ver a expressão de alívio das pessoas que foram deixadas para trás por Jabim. Eles sabiam que um novo tempo havia chegado.

— Quero me identificar com meu povo – Deborah continuou. – É o meu povo de nascimento. Eu nasci ali, e se não houvesse sido tirado o meu direito de reinar, as coisas poderiam ser diferentes. Eu também poderia ter sido influenciada por Atalia e estar do outro lado, agora.

Jael sentiu a dor na voz da irmã e pôs a mão no seu ombro como gesto de conforto.

— Você nunca seria do “outro lado” – disse Jael. – A sua própria essência clamaria contra isso.

— Esse é o problema. Todos me vêem como um ser divino, com plenos poderes para mudar o curso da história. Mas eu me sinto muito humana, Jael. Abdicar de viver o meu amor com Barak doeu mais do que o golpe da espada de Sísera. Pensar no futuro me dá medo. E eu preciso ser um pouco eu mesma, antes que a segunda parte da Profecia seja lida e meu destino esteja traçado diante de mim.

— E não pode ser você mesma com o homem que ama?

— Eram duas escolhas, dois caminhos – Deborah levantou-se e caminhou até a beira do rio. – Viver uma felicidade plena, mesmo que momentânea, com ele, ou enfrentar o meu passado e encontrar a pessoa que existe aqui dentro – ela apontou para o coração.

Jael foi ficar ao lado dela.

— E você escolheu a segunda.

— Eu achei que, de acordo com o que a Profecia vai dizer, talvez exista uma chance de eu e Barak vivermos essa felicidade, no final de tudo – a voz dela estava embargada. – Mas, outra chance de me sentir parte do meu próprio povo, e de me identificar com ele, eu não vou ter.

Jael jogou uma pedrinha no rio.

— Sabe de uma coisa, eu entendo você.

— Sei que entende – Deborah falou com um sorriso triste. – Você passa pelo mesmo dilema. Está tão ligada a Profecia quanto eu. Por isso não tem coragem de assumir o que sente por Héber.

Jael não ficou surpresa em saber que Deborah havia percebido seus sentimentos.

— E não farei isso, enquanto não voltar dessa viagem – disse Jael. – A Profecia prende a nós duas.

Deborah passou o braço pelos ombros da irmã encostando a cabeça na dela.

— Ninguém disse que ia ser fácil. Afinal, somos a Herdeira e a Guardiã. E, sinceramente, não quero abdicar desse título.

— Nem eu.

Uma sombra aproveitou a quietude do palácio para andar pelos corredores. Ele sabia que caminho seguir. Em uma expedição anterior pelo edifício, havia descoberto a direção. Ao chegar ao fim do corredor, ele entrou em um aposento destituído de decoração. Ali, em algum lugar, ocultava-se uma passagem secreta para o porão.

Ele também conhecia a passagem. Foi fácil abri-la e descer pela escada iluminada por tochas. Lá embaixo, um vão se abria após o último degrau. Era pequeno, mas com espaço suficiente para conter uma coisa: o poço sagrado de Jabim. Uma porta de comunicação com o reino de Salema e com o mundo espiritual.

Ele sentou-se sobre o último degrau, pensativo. Uma dúvida cruel pairava sobre ele. O que poderia acontecer se ele

ativasse o poder daquele poço? E ficou por horas remoendo as próprias dúvidas.

Finalmente, a decisão. Ele levantou-se e pousou as mãos sobre as águas escuras. Estas se agitaram suavemente, como se quisessem mostrar o poder que tinham.

Deborah despertou gritando e assustando Jael, que dormia na grama ao seu lado.

— O que foi? – Jael perguntou olhando em volta.

Deborah não respondeu e Jael notou que ela estava pálida, segurando o braço direito de encontro ao corpo. Um suor frio escorria-lhe pela frente. Jael lembrou-se do que Nathan havia lhe dito sobre a armadura, e de como Deborah precisava dessa cobertura. A ferida ainda não estava totalmente cicatrizada. Algo havia acontecido para que a armadura espiritual fosse rompida.

— Deborah, nós precisamos voltar! Eu vou buscar os cavalos.

Jael foi rápida. Quando os cavalos estavam prontos, ela ajudou Deborah a montar. Em seguida, subiu em Solaris e puxou Bruma pelas rédeas. De vez em quando ela olhava para trás. Deborah ia curvada sobre o cavalo e lutava para não cair. Quando finalmente chegaram, Jael saltou e encontrou Nathan aguardando ao pé da escadaria. Ele correu até ela e a ajudou a descer Deborah. A moça estava quase inconsciente e foi difícil, para Jael, apoiá-la e seguir Nathan em silêncio até uma das baias vazias na estrebaria.

— Deite-a aqui, rápido!

Ela obedeceu. Estava intrigada, mas percebia a urgência. Deixaria as perguntas para depois.

— Ela está sofrendo um ataque espiritual. As forças encontraram uma porta através da ferida e aproveitaram-se do momento do sono, quando ficamos vulneráveis – ele explicou.

Afastando a mão de Deborah do local da ferida, ele colocou a sua própria mão no local. Jael notou uma espécie de luz avermelhada se irradiar por todo o braço. Deborah gritou. Nathan, de olhos fechados, murmurava algumas palavras indefiníveis.

— Reaja, Deborah! – ele exclamou. – Precisa reagir.

Jael assistia tudo de olhos arregalados. De repente, como se obedecesse a um comando de Nathan, Deborah abriu os olhos. Uma luz irradiava-se deles. Era como se fossem feitos de vidro e refletissem o sol. Ela olhava fixamente para cima e apertava as mãos sobre a palha seca em que estava deitada. A luz em seu braço de vermelha foi ficando branca. Nathan retirou a mão e respirou aliviado. A luz nos olhos de Deborah foram se apagando e ela desmaiou.

— Eu acho que sei o que está causando isso — Nathan falou.

— E o que é? Tudo parecia tão bem.

O sacerdote olhou para Jael de uma maneira tão firme que a colocou em alerta.

— Jael, não temos tempo a perder. Você terá que fazer isso. Lá dentro do palácio existe um poço. O poço das visões. Ele servia de comunicação entre Hazorah e Salema e constitui uma passagem de um mundo para o outro. Um portal. O ataque que pode ser enviado através desse portal é estritamente espiritual.

— E o que eu tenho que fazer?

— Apenas uma coisa pode estar causando isto em Deborah. O portal foi ativado e uma comunicação foi aberta. Encontre o poço e desative-o.

— Mas, Nathan, como eu faço isso? Onde está esse poço?

— Eu lhe direi tudo o que precisa saber, mas você tem que ser rápida. Deborah conseguiu reagir ao primeiro ataque, mas não está pronta para enfrentar outro. O seu corpo físico ainda não foi totalmente sarado.

Jael, após ouvir todas as instruções de Nathan, saiu correndo para dentro do palácio. Se aconteceu realmente o que ele falou, ela deveria encontrar junto ao poço a pessoa que o ativou. No final do corredor principal, a porta que ele lhe indicara estava aberta. Ela entrou no aposento e buscou a alavanca da porta secreta, mas não teve muito trabalho. A porta também havia sido aberta! Ela desceu pela escada com muita cautela. Podiam-se ouvir vozes sussurrantes lá dentro e uma luz estranha. Ela puxou a

espada e pisou no último degrau. Um homem estava maravilhado na beirada do poço. Ele mantinha os braços abertos e a cabeça curvada para trás com os olhos fechados. De seus lábios saíam palavras sussurradas. Na luz que se projetava do poço havia um reflexo. Parecia uma mulher, mas não dava para ver muito bem o rosto. De repente, a espada voou da mão dela e foi cair contra a parede. O homem abriu os olhos e virou-se.

— Abiatar! — ela exclamou surpresa.

Ele, ao invés de responder, partiu para cima dela com uma força descomunal agarrando-lhe a manga da túnica e arrastando-a para o poço. Jael desequilibrou-se e caiu de joelhos. Nesse momento, ela viu os olhos gélidos e cheios de maldade que a fitavam daquela luz. Ela quis se levantar e se afastar, mas Abiatar a manteve ali com firmeza. Algo a enfraquecia.

— Veja, minha rainha! — ele gritou. — A mulher que matou o seu filho.

Jael sentia que a imagem que a fitava era bem real. Atalia! Ela tentou se lembrar das palavras de Nathan. O que ela tinha que fazer? A água! O segredo estava na água. Ela tinha apenas que tocá-la e o portal se fecharia. Ela lutou para se libertar, pois Abiatar segurava seus braços enquanto a mantinha ajoelhada e de frente para a imagem. Um murmúrio cadenciado saía da boca de Atalia. A rainha estava enviando um novo ataque. Foi com esforço que Jael conseguiu usar as mãos de Abiatar como apoio e erguer as pernas para o ar, tocando a água com os pés. No mesmo instante em que a água foi agitada, a luz se desvaneceu. Foi como se nunca houvesse estado ali. Abiatar soltou os braços de Jael e cambaleou para trás. Ela correu para pegar a espada e virou-se para ele. O homem a fitava com os olhos arregalados. De repente, ele caiu de joelhos e, depois, de bruços. Uma adaga estava enfiada em suas costas. Na escada, atrás dele, estava Otoniel. Jael correu até o tio e constatou que havia morrido. Ela olhou para o sacerdote com certa perturbação.

— O que você faz aqui, Otoniel?

— Eu... Acho que posso perguntar a mesma coisa, não?

Ela não respondeu e passou por ele em direção a escada. Precisava voltar para a estrebaria.

— Eu ouvi vozes e a luz — ele falou. — Apenas segui a direção certa.

Ela virou-se ainda perturbada.

— Chame Salum e Hulda. Nós temos que conversar sobre isso.

Dito isso, ela saiu correndo, pois tinha pressa.

Na estrebaria, Deborah abriu os olhos e encontrou Nathan fitando-a com o olhar ansioso. Ela sentou-se devagar, pois o braço voltara a doer.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

— Parece que alguém encontrou o poço das visões e se propôs a usá-lo.

— Eu não sabia que ele podia me atingir dessa forma — Deborah parecia assustada.

— A armadura não conseguiu conter o ataque, porque este a pegou durante o sono. É preciso estar consciente para que ela funcione. Além disso, a ferida ainda não está completamente curada.

Deborah o encarou como se buscasse alguma resposta que ele estivesse ocultando.

— Já passou bastante tempo, Nathan. Já devia estar curada. O que você não quer me dizer?

— Eu não estou escondendo nada de você, Deborah — ele falou sem muita convicção.

— Não faça isso comigo, Nathan — ela falou com firmeza. — Eu aprendi a confiar em você.

Ele se ergueu e caminhou de um lado para o outro. Deborah nunca vira Nathan tão perturbado.

— Não aqui — ele parou olhando para ela. — Não agora.

Ela ia falar quando Jael irrompeu para dentro. A moça estava ofegante devido a carreira.

— Abiatar — ela falou. — Foi ele.

— Você o pegou? - perguntou Nathan.

— Ele está morto. Otoniel o matou.

Deborah e Nathan se entreolharam surpresos.

— O que Otoniel fazia por lá? - perguntou o sacerdote.

— Eu lhe fiz a mesma pergunta, Nathan, mas não tive respostas. Pelo menos, ainda não.

Ela ajudou Deborah a levantar.

— Você está bem?

— Estou.

Jael voltou a olhar para o sacerdote.

— Pedi a ele que chamasse Hulda e Salum. Devem estar a nossa espera, agora.

Nathan se colocou de frente para Jael.

— E quanto a você, Jael?

— Eu?

— O que você viu lá no poço?

Ela deu as costas para ele e suspirou.

— Eu a vi — ela falou num sussurro. — Ela também me viu. Eu acho que nunca vou esquecer aquele olhar.

— Atalia? — ele perguntou.

— E quem mais poderia ser, Nathan?

Ela sentiu a mão de Deborah em seu ombro.

— Ela agora conhece você, Jael.

— Isso ia acabar acontecendo, não ia?

Nathan suspirou preocupado.

— Não precisava ter acontecido. Isso torna a sua missão ainda mais perigosa. Ela agora sabe sobre você, e vai tentar impedir que chegue ao seu destino.

Jael virou-se e encarou os dois.

— Acho que isso não muda nada. Antes eu só tinha que driblar os espiões. A Profecia me escolheu para carregar esse sinal, e eu vou honrar essa escolha. Pelo menos, eu agora também sei quem é minha inimiga.

Deborah sorriu orgulhosa da atitude da irmã.

— Acho que você está certa, Jael — ela disse. — E acho também que devíamos voltar ao palácio, e esclarecer tudo o que aconteceu aqui.

Ela fixou os olhos em Nathan.

— Tudo

Ele entendeu e baixou a cabeça.

Eles se reuniram na sala do final do corredor. A mesma que tinha a porta secreta.

— Abiatar deve ter se escondido em algum lugar obscuro do palácio e esperado que surgisse uma oportunidade para contra atacar — sugeriu Salum.

— Não, Abiatar não era nenhum tolo - disse Jael. — Ele não agiria sozinho.

Ela olhou rapidamente para Otoniel.

— Desconfia de mim, Jael? — havia espanto e mágoa na voz dele.

— Eu não sei o que pensar. Às vezes eu penso que não o conheço mais. Não tem agido como o homem sábio que me ajudou nas Cavernas do Sal.

Ele olhou em volta.

— Bem, se eu tenho estado nervoso e irritado, é porque sinto que algo escapa a minha compreensão. Por favor, entendam que é difícil para um homem como eu, que aprendeu a confiar na Lei da Tradição, aceitar certas coisas.

— Eu entendo você, Otoniel — falou Nathan.

Hulda ergueu os braços.

— Acredito que essa discussão não levará a nada.

— Levará sim — pronunciou-se Deborah. — Levará a uma divisão entre nós. É isso o que querem? Otoniel e Nathan, vocês passaram a vida estudando as mesmas coisas, mas tiveram revelações diferentes. A compreensão de um não invalida a do outro. Por que não somar os conhecimentos e parar de brigar? Foi o conhecimento a cerca da Profecia "documentada", feita por Otoniel, que nos trouxe aqui. Porém, sem o conhecimento aprofundado dos mistérios espirituais, que Nathan se propôs a estudar, também não teríamos chegado aqui. Acredito que Abiatar não agiu sozinho, Jael. Ele possuía um grupo que foi exilado juntamente com ele, não é verdade? — Jael concordou com um aceno. — Proponho fazer uma

busca pelo palácio, antes de começarmos a tecer acusações uns contra os outros.

Salum sorriu.

— Sábias palavras — ele comentou.

Deborah virou-se para os sacerdotes.

— E então? Que resposta vocês irão dar?

Otoniel suspirou.

— Estou disposto a ouvir e tentar compreender a interpretação de Nathan. Além disso, eu quero me desculpar com todos aqui por ter agido de forma tão estranha aos seus olhos. O fato é que eu estava lutando internamente contra minha própria convicção.

— Eu também estou disposto a ouvir você, meu amigo - disse Nathan.

Deborah sorriu satisfeita.

— Bem, então vamos nos apressar a resolver esse mistério e descobrir se Abiatar agiu sozinho ou não.

Antes que todos se dispersassem, ela pegou o braço de Jael.

— Fique mais um pouco — Deborah pediu. — Você e Nathan.

O sacerdote consentiu em ficar.

Deborah, Nathan e Jael atravessaram o pátio em direção ao jardim. Eles queriam privacidade para a conversa que iam ter. Deborah parou diante da fonte central e virou-se para o sacerdote.

— Ainda me deve uma resposta, Nathan.

Ele teve que se render a insistência dela.

— O ferro negro é um material puro, que caiu do céu em tempos imemoriais. Ele traz em si a essência do universo e da luz que o habita.

Jael lançou um olhar assustado para ele.

— A essência dos Luminares? É disso que está falando, não é? Por isso o seu efeito é tão fatal? Seria uma medição de forças?

Nathan suspirou.

— Sim. Quando Sísera mandou forjar aquela espada, ele esperava operar um efeito permanente na Herdeira.

Deborah o olhava sem compreender.

— Ele plantou em você um ponto fraco, que tira a sua vantagem como Luminar. Por isso eu a revesti com a armadura.

— Então, nunca vai sarar? Como pode um material tão puro, que veio do próprio céu, causar um mal tão grande?

— Não é o material em si, Deborah. O objeto não possui alma. Os homens que o manipulam, sim. E eles descobriram uma grande arma, pode ter a certeza disso.

Deborah respirou fundo e fechou os olhos. Jael nunca a vira daquele jeito. Ela parecia revoltada com a situação.

— É por esse motivo que eu não posso permitir que vá para Salema, Deborah.

Ela o encarou, desafiadora.

— Prenda-me aqui se quiser, Nathan. Porém, eu lhe digo uma coisa: Não há nada nesse mundo que me impeça de ir até lá. Nem mesmo a decisão do Conselho.

Ele deu um passo para trás, surpreso.

— Isso não faz parte do seu caráter — ele analisou. — Você sempre foi obediente em tudo, por que isso agora?

— Porque eu sei que não conseguirei seguir em frente sem ter feito isso!

Havia tanta convicção na voz dela que ele parou para refletir.

— Salema fica próximo a Babilos — ele falou, tentando um último argumento. — E o poço de Salema está ativado. Deborah, eu peço que pense bem...

— O poço serve de portal entre Salema e outro lugar. O poço de Atalia não vai me atingir, porque serve apenas como uma porta de entrada. Será inútil, enquanto minha presença não for conhecida por Atalia. Quanto a Babilos, eu não pretendo ir até lá e, além do mais, estarei usando a armadura. É a única arma que pretendo levar.

Jael cruzou os braços.

— E quanto a mim, Nathan?

O sacerdote virou-se para ela ainda atordoado.

— Eu tenho que aprender a usar essa armadura o quanto antes — ela disse. — Atalia, com certeza, vai usar isso contra mim, também. E eu não quero que minha missão falhe. Nenhum de nós quer isso.

— Foi por isso que eu os chamei até aqui - disse Deborah. — Vocês logo estarão partindo e o tempo é curto. Aproveitem esse momento para conversar a respeito.

Ela virou-se para Nathan e sorriu.

— Eu ainda confio em você, Nathan. Eu só lhe peço que se concentre na missão de Jael. Dela depende o futuro de todos nós.

Quando Deborah se afastou, ele virou-se para Jael e sorriu.

— Bem, então vamos começar o treinamento, minha pequena Guardiã?

— Pequena? Eu vou te mostrar quem é pequeno aqui, "Nathanzinho".

Ele soltou uma gargalhada, e bateu uma mão na outra, pronto para começar.

CAPÍTULO 12

O Eclipse

Jael estava sentada sobre um morro. Lá embaixo, estava o acampamento queneu, com suas tendas coloridas. Héber aproximou-se e sentou ao seu lado. Ela tinha nas mãos o shofar e deslizava os dedos pela superfície áspera.

— Você parte amanhã — ele falou com a voz pesada. — Não demore muito.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Não pretendo demorar.

Ela passou o shofar para ele.

— É seu, até a minha volta.

Ele hesitou em pegar o símbolo da autoridade tribal.

— Pegue-o, Héber — ela insistiu. — Não existe mais ninguém a quem eu poderia confiar isso, você sabe disso.

— Está bem — ele falou enquanto pegava o shofar. — Mas não quero ter que carregá-lo por muito tempo.

— Também vou sentir sua falta, primo.

Ele sorriu sem graça e baixou a cabeça. Jael notou o quanto ele ficava diferente do guerreiro que na verdade era. Parecia mais um menino que não sabe como reagir em determinadas situações.

— Acha que vão me aceitar como chefe?

— Por que não aceitariam? — ela falou dando de ombros.

Ficaram em silêncio por algum tempo. De repente, ele suspirou.

— Existe tanta coisa que eu queria dizer, mas não consigo!
— ele parecia frustrado.

Ela, rapidamente, pôs a mão sobre a dele.

— Então, não fale — a voz dela era suave. — Vamos deixar para quando eu voltar.

Ele a encarou.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que, cada decisão que eu tomar daqui pra frente, só será possível após a minha volta.

Ele podia ler nos olhos dela uma promessa. Uma promessa que lhe falou fundo ao coração.

— Jael, eu...

Ela não o deixou completar. Os lábios dela colaram-se aos dele, selando a promessa como algo real. Foi um beijo suave e demorado, pois nenhum dos dois queria parar.

— Eu... — ele sussurrou, sentindo o hálito dela próximo ao seu.

— Não fale nada, Héber — ela pediu. — Quando eu voltar, nós conversaremos.

Ela se levantou e desceu o morro, deixando-o atordoado e se sentindo o mais feliz dos queneus.

Aquela manhã foi agitada. Era o dia da partida para muitas pessoas. Ela recebeu a embaixada que ia seguir os antigos reis aos seus reinos de origem e fazer alianças. Barak ia como

embaixador. Ele pediu isso e Deborah aceitou, pois sabia o motivo real da decisão dele. Com palavras diplomáticas e sinceras, ela ganhou a confiança dos reis mais velhos. Aqueles homens haviam conseguido recuperar a dignidade perdida nas prisões de Hazorah e, agora, lhe eram agradecidos. Antes de chegar à porta, Barak voltou-se para ela e sorriu. Havia em seu sorriso tristeza e esperança. Deborah firmou-se nessa última e sorriu de volta.

Depois, foi a vez de Nathan e Jael. Ela notou que a irmã estava com um brilho diferente no olhar. Eles partiriam sob a bênção do Conselho e não fariam alarde. Os cavalos já estavam prontos para a longa viagem. Deborah abraçou a irmã com firmeza.

— O que aconteceu com você? — Deborah perguntou. — Parece diferente.

— Me prometa uma coisa, Deborah.

— O quê?

— Quando eu voltar, não adie mais a sua felicidade, independente do que a Profecia irá revelar. Mesmo que ela dure minutos, valerá a pena.

Deborah entendeu e a abraçou novamente.

— Gostaria de ter a sua coragem.

Jael se afastou e abriu passagem para Nathan.

— Escute com atenção, Hulda e Salum não irão permitir que você faça a viagem para Salema. Eles seriam capazes de prender você na torre a fim de evitar isso, acredite.

Ela riu da maneira sorradeira com a qual ele estava lhe alertando.

— Se quiser mesmo ir, terá que encontrar os meios para isso. Apenas esteja de volta a tempo.

Ele falava baixo e dava a impressão de estar dando conselhos a ela. E, na realidade, era o que ele estava fazendo.

— Obrigada, Nathan — ela falou, beijando o sacerdote na testa.

Em seguida, os dois se foram. Deborah foi até a sacada e os viu partir.

— Agora, só nos resta esperar os resultados — comentou Hulda ao lado dela. — Eu nunca imaginei que Jael ficasse pronta

para esse momento. Ela parecia tão impulsiva e tão imatura, que eu me perguntei muitas vezes se a Profecia não havia errado.

Deborah olhou para Hulda, surpreendida com a afirmação.

— Chegou a duvidar da Profecia, Hulda? É isso o que está me dizendo?

— Sim, é exatamente isso — a mulher soltou um doloroso suspiro. — Existem decisões que ela nos força a tomar, e que às vezes podem parecer cruéis.

Deborah voltou a olhar para o horizonte. Ela sabia muito bem onde Hulda estava querendo chegar e não podia permitir que continuasse.

— Nossas vidas devem ser poupadas por uma causa maior, essa é a verdade — continuou Hulda. — Somos apenas instrumentos, mas no futuro essa posição será recompensada.

— A Profecia tem seus "fins", Hulda, mas quem faz os "meios" somos nós. Você diz que somos instrumentos, e está certa ao afirmar isso. Mas não esqueça que somos instrumentos conscientes e livres para tomar decisões. Você fugiu comigo quando nasci. A minha sobrevivência era o que a Profecia exigia, mas a fuga de Salema e o ardil para enganar Atalia foi mérito seu. Ambas corremos o risco de termos sido capturadas e mortas. Entenda uma coisa: a Profecia não nos garante uma vida sem riscos, sem dores ou aflições. Coisas sobrenaturais acontecem conosco, mas continuamos sendo humanos. Pessoas de carne e osso.

— Você teria morrido se Jael não tivesse entendido a tempo o que a Profecia já havia decretado sobre a morte de Sísera — Hulda replicou. — Não podemos mudar o que já está escrito, portanto, precisamos ter muito cuidado com nossas decisões.

Deborah a encarou com o olhar sério e acusador.

— Isso não teria acontecido, se eu tivesse sido informada do perigo que havia naquele ferro!

— O que você quer insinuar? — a profetisa estava surpresa.

— Estou apenas dizendo que nós erramos independente de quem somos. Enquanto estivermos nessa natureza, vamos errar e acertar. É um processo natural. Eu também errei naquele dia, ao

achar que poderia enfrentar Sísera sozinha. Confiei no fato de que a Profecia me deixava invulnerável e não atentei para a verdade.

— E onde está a verdade?

— A verdade é que o Pai é maior do que a Profecia. Esta foi criada por Ele, e para a entendermos precisamos conhecê—lo primeiro. A Ele, o Criador. A sua vontade é a verdade. E o que eu vejo, Hulda, é que ninguém aqui parece perceber isso.

Ela, então, se apressou a sair sem dizer mais nenhuma palavra, deixando Hulda para trás sem entender o que estava acontecendo.

Na estrebaria, ela encontrou Bruma preparado da maneira que havia solicitado a Hadassa e Rute. As duas meninas compactuaram com ela no plano que fora concebido naquela manhã antes da audiência. A intuição de Deborah lhe fez agir com rapidez. O aviso de Nathan só veio confirmar que estava certa. Ela lamentou ter deixado Hulda de uma maneira tão brusca, mas era o único jeito dela conseguir seguir em frente sem estar debaixo de uma desobediência para com o Conselho, já que anteriormente Hulda e Nathan haviam concordado com a viagem para Salema. Ela temeu que Hulda chegasse a propor a permanência dela em Hazorah, por isso tentou direcionar a conversa para algo que também a estava perturbando. Ela só esperava que Hulda refletisse sobre o que foi dito. Ela montou e saiu a galope em direção ao acampamento queneu, embora não fosse esse o seu destino.

Noa leu e releu as ordens de Deborah. Ela caminhava de um lado para o outro, inquieta. Foi realmente um fato inesperado e cabia a ela a pior parte: contá—lo ao Conselho. Ela decidiu que o faria, mas não oficialmente. Ela procuraria Hulda e exporia o caso. A profetiza estava no pátio ao pé da escadaria quando ela a encontrou.

— Hulda, eu preciso lhe falar com certa urgência — Noa não queria perder tempo.

— Acho que sei do que se trata — a voz de Hulda parecia tranquila e conformada. — Venha, Noa, vamos aos meus aposentos.

Hulda, sentada em uma cadeira, escutava o teor da carta que Noa tinha nas mãos.

— Ela pensou em tudo — a profetiza suspirou. — Você no comando da guarda e eu no lugar de regente.

— Parece até que já esperava por isso — Noa comentou intrigada.

Hulda sorriu.

— Eu também sou profetiza e tenho uma intuição acurada, lembra? Eu devia ter percebido isso pela nossa conversa dessa manhã. Ela não me deixou chegar aonde eu queria, pois sabia que isso a impediria de agir. Pelo contrário, ela disse coisas que me fizeram pensar. Talvez ela saiba o que está fazendo, por ter uma compreensão melhor da vontade do Pai do que nós. Isso pode fazer parte do destino dela e não nos compete impedir.

— Confiar e esperar - disse Noa. — É o que sempre fizemos. Falo pela Ordem de Zelofeade. E nossa espera foi recompensada.

— Então, é isso que devemos fazer: confiar e esperar.

Noa sorriu e passou a carta para as mãos de Hulda.

— Tem alguma ordem para mim, senhora?

— Sim, Noa. Descanse por hoje e amanhã faça uma vistoria pelos acampamentos, principalmente pelo dos Queneus. Deborah prometeu ajudar Héber, e acredito que ela não tenha tido tempo de passar por lá. Eu ficarei aqui e cuidarei do Conselho.

Noa fez uma reverência e saiu.

Era quase noite quando Deborah alcançou o acampamento da embaixada. Ela parou sobre uma colina e avistou as tendas armadas próximo a um braço de rio. A fumaça da fogueira recém-acesa já podia ser vista à distância. Ela desceu e deixou Bruma solto pelo pasto. Sentou-se e ficou observando o movimento até que anoitecesse plenamente. Em um dado momento, ela o viu se distanciar das tendas e caminhar até o rio. Parecia solitário e triste. Deborah ainda lutava consigo mesma a esse respeito. Valeria a pena cultivar uma esperança que poderia

não vingar nunca? Ela poderia se levantar e ir embora, mas isso seria agir com covardia. O que fazer diante desse dilema?

Barak sentou-se numa pedra e apoiou a cabeça nos joelhos. Finalmente a noite chegara e ele poderia ter um momento de solidão. Nessa solidão, pelo menos, ele poderia tê-la perto, ainda que fosse por pensamentos. A sua decisão de partir era dolorosa. O motivo, no entanto, não era apenas o de se afastar de Deborah, mas parecia haver algo mais que o atraía para o norte. Ele precisava se concentrar nisso a fim de se manter firme. Ele ergueu um pouco a cabeça ao ouvir passos se aproximando e suspirou. Estava aborrecido, pois queria ficar sozinho.

— Barak?

Ele voltou-se ao ouvir aquela voz firme, e ao mesmo tempo suave, que amava tanto. Pensava ser fruto de sua imaginação, mas se enganara. Ela estava ali, parada a uns dois passos de distância.

— Deborah? O que você... — ele não encontrava as palavras.

— Nós não nos despedimos — ela falou, estendendo a mão para ele.

Ele pegou a mão dela e levantou-se, ficando os dois frente a frente. Ele se aproximou mais e ela deixou que ele a beijasse. Um beijo hesitante no início, mas que foi correspondido com ardor.

— Você é mesmo real? — ele falou, cheirando os cabelos dela.

— Eu vim por que precisava lhe dizer uma coisa.

Ele a olhou com expectativa.

— Existe algum sacerdote nessa comitiva? — a pergunta dela parecia ter urgência.

— Sim... Salum enviou um grupo de cinco representantes... Por quê?

Ela sorriu com os olhos brilhando.

— Quer casar comigo, Barak?

A pergunta o desarmou. Ele esperava tudo, menos aquilo. Estava além de qualquer sonho que ele pudesse ter anelado.

— O que você está fazendo, Deborah?

— Estou te pedindo em casamento. Você casaria comigo, mesmo sabendo que a revelação da Profecia poderá ser algo que venha a nos separar para sempre?

— Eu me casaria com você ainda que o mundo acabasse amanhã.

Ela se sentia emocionada e falou com a voz embargada.

— Essa pode ser a nossa única noite juntos, Barak.

Ele a abraçou, apertado.

— Então, não vamos perder tempo.

O velho sacerdote, no início, ficou assustado ao ser acordado por Barak. Quando ele soube o que estavam querendo que ele fizesse, ficou mais assustado. No entanto, todos já haviam notado o sentimento dos dois e aquela decisão repentina causava-lhe alegria. Assim, ele consentiu em realizar a cerimônia íntima. Sob a luz da lua, apenas os três, acompanhados de mais dois jovens sacerdotes que foram servir de testemunhas, se encontravam no topo da colina. Deborah e Barak, ajoelhados e de cabeça baixa, recebiam as bênçãos sacerdotais do matrimônio. Quando terminou, o sacerdote afastou-se chamando as testemunhas e se foram, deixando-os a sós. Barak ergueu-se e estendeu a mão para a esposa.

— "Levante-se, minha querida, minha bela, e venha comigo. Veja! O inverno passou; acabaram-se as chuvas e já se foram. Aparecem flores na terra, e chegou o tempo de cantar; já se ouve em nossa terra o arrulhar dos pombos. A figueira produz os primeiros frutos; as vinhas florescem e espalham sua fragrância. Levante-se, venha, minha querida; minha bela venha comigo. Minha pomba que está nas fendas da rocha, nos esconderijos, nas encostas dos montes, mostre-me seu rosto, deixe-me ouvir sua voz; pois a sua voz é suave e o seu rosto é lindo".

Ela levantou-se sorrindo, ao reconhecer os versos de uma poesia antiga dos tempos de paz, e respondeu:

— "Coloque-me como um selo sobre o seu coração; como um selo sobre o seu braço; pois o amor é tão forte quanto a morte,

e o ciúme é tão inflexível quanto a sepultura. Suas brasas são fogo ardente, são labaredas do Senhor. Nem muitas águas conseguem apagar o amor; os rios não conseguem levá-lo na correnteza. Se alguém oferecesse todas as riquezas da sua casa para adquirir o amor, seria totalmente desprezado".

Ele estendeu a mão e soltou a trança que prendia o cabelo dela, deixando-o cair pesado e solto.

— "Você é toda linda, minha querida; em você não há defeito algum. Abra-me a porta, minha irmã, minha querida, minha pomba, minha mulher ideal, pois a minha cabeça está encharcada de orvalho, o meu cabelo da umidade da noite".

Ela segurou a mão dele e a pôs sobre o seu coração.

— "Eu pertenço ao meu amado, e ele me deseja. O seu braço esquerdo esteja debaixo da minha cabeça e o seu braço direito me abrace".

Sem mais palavras os dois se uniram e se tornaram um só.

O sol já havia surgido no horizonte quando Jael acordou. Ela e Nathan haviam passado o dia inteiro sem fazer uma única parada e ela sentia o corpo dolorido. Ela estranhou ao ver o sacerdote ajoelhado de frente para o sol. Nathan sacudia o corpo como se estivesse chorando. Ela, então, levantou-se e foi até ele. Parou surpresa ao ver que ele não chorava, mas ria.

— Nathan? O que aconteceu?

Ele apontou para o sol, e foi aí que ela viu. O susto a fez cair sentada ao lado dele. No sol, subindo lentamente, uma sombra ia cobrindo a superfície dourada. Ela nunca havia visto aquilo.

— Pelo Grande Pai, o que é aquilo?!!!

— Algo aconteceu esta noite, minha pequena Guardiã. Os Luminares, pela primeira vez, aparecem unidos nesta era. A última vez em que estiveram assim, o mundo ainda vivia debaixo de sua luz.

— Então, isso é bom?

— Sim, isso é muito bom.

Eles ficaram observando o eclipse enquanto este durou. Quando a sombra do luminar menor cobriu o luminar maior, foi possível ver uma grande estrela piscando no céu, próxima aos dois astros. Nathan riu com vontade.

— Veja, Jael, lá está o seu sinal!

— O que acha que aconteceu, Nathan? – ela perguntou maravilhada.

— A vontade do Pai se cumpriu, e nós continuamos no caminho certo.

Barak acordou com Deborah deitada ao seu lado, no leito improvisado, embaixo de uma macieira. Ela dormia com a perna direita sobre o corpo dele e a cabeça descansando em seu braço direito. Ele não queria se mexer para não acordá-la e quebrar o encanto daquele momento. Logo eles teriam que se despedir, mas dessa vez seria diferente. Havia uma esperança. Ele olhou para o sol e se assustou ao ver o que estava acontecendo. O movimento involuntário que ele fez acordou Deborah. Ela levantou a cabeça e estranhou a expressão no rosto dele. Seguindo o seu olhar, ela viu o sinal que se descortinava no céu. Ela sorriu pela possibilidade do que aquele sinal poderia sugerir. Olhou para Barak e viu que ele estava assustado.

— Não deve ter medo — ela disse com suavidade. — Esse sinal não é ruim. Não para nós.

Ele, então, a olhou nos olhos e o medo passou.

— Sabe o que significa?

— Significa que algo muito importante aconteceu essa noite.

Ele sorriu e a abraçou de encontro ao corpo.

— Não preciso de nenhum sinal do céu para saber disso

Lá embaixo, o movimento no acampamento já havia começado. Eles sabiam que a hora da despedida estava chegando.

— Deborah, eu tenho certeza de que essa não foi a nossa única noite juntos.

— Acredito em você, Barak. Mas, ainda que fosse a última, estaria viva para sempre dentro de nós.

Eles deram um prolongado beijo antes de se levantarem para se vestir.

— Para onde vai, agora? — ele perguntou enquanto a observava vestindo a roupa simples de viajante.

— A Estrada Real não fica longe daqui. Pretendo me unir à primeira caravana que passar. Todas vão para Salema.

— Vai assim... Sem armas? — a voz dele tinha um tom de apreensão.

— Não vou precisar delas.

— Deborah, eu gostaria que ficasse. Por que não vem comigo? A sua visita aos reinos do norte seria muito bem recebida.

Ela sorriu compreensiva.

— Eu sei me cuidar, Barak. Além do mais, eu não faria isso, se não estivesse debaixo da vontade do Pai.

Ele ficou intrigado e ela explicou:

— Ninguém vai conhecer a vontade Dele, enquanto estiver preso a letras, e aceitá-las sem uma compreensão profunda.

— O que quer dizer? A Profecia está sendo interpretada de modo errado?

— Não. Mas, o Pai quer ser conhecido. Para isso, a Profecia existe. Para entender seus verdadeiros propósitos, é preciso conhecer a vontade daquele que a criou. É nessa vontade que eu tenho agido, embora possa parecer estranho para alguns.

— Por isso vai a Salema?

— Existem pessoas lá. Muitas pessoas. Eu não acho que a vontade do Pai seja marchar para dentro da cidade com um grande exército e exterminar o mal pela raiz. Esse não é o caminho.

Ele a ajudou a montar, ainda que não houvesse a necessidade.

— Esse é o pensamento que todos possuem. A conquista é a solução final.

Ela o encarou, preocupada.

— Você também pensa assim?

— Acho que nunca parei para pensar nisso. Apenas segui o pensamento ortodoxo. Foi o mesmo que aprendi desde pequeno.

Ela suspirou e olhou para o sol que já estava quase descoberto pela sombra da lua. Ela entrelaçou os dedos aos de Barak.

— Essa noite aconteceu uma coisa especial conosco — ela falou com seriedade. — Talvez tenha um significado maior do que pensamos.

— Maior? O que poderia ser maior do que aquilo que nós vivemos esta noite?

— Me prometa uma coisa, meu marido — ela sorriu ao dizer essas palavras. — Prometa que vai buscar a vontade do Pai.

— E como eu farei isso?

— Não se prenda as letras da Profecia. Tente ler o que não está escrito com tinta. Preciso que me prometa isso.

— Eu prometo — ele falou com sinceridade.

Ela se inclinou e eles deram um último beijo.

— Eu preciso ir — ela disse.

— Não deixe de voltar — ele a abraçou pela cintura. — Amo você, minha esposa.

Ela sorriu e afastou-se a galope pelo outro lado da colina. Barak só desceu após o cavalo sumir de vista. Ninguém no acampamento, com exceção dos sacerdotes, soube o que havia acontecido naquela noite, e poucos chegaram a ver o sinal no céu.

CAPÍTULO 13

A Caminho de Salema

Deborah viu a caravana cruzar o rio e adentrar pela via da Estrada Real. Ela cavalgou até o grupo, que era numeroso, e se aproximou de um homem idoso que dirigia uma carroça cheia de sacos de cereal.

— Bom dia, meu senhor — ela saudou.

— Oh, bom dia! — ele falou como se estivesse acordando de um cochilo.

— Essa caravana está indo para onde?

— Para Salema, é claro! Todas as caravanas se dirigem para lá essa época do ano.

— Verdade? E o que tem de especial por lá?

Deborah fingia um desinteresse, embora estivesse muito curiosa.

— O mês que se inicia é o mês do Solstício. A época do Grande Sacrifício à deusa—terra. Além de Salema ser uma grande cidade, está fervilhando de gente, que chega de todas as partes para assistir as comemorações, que incluem os jogos de luta e o próprio sacrifício que já mencionei.

Deborah sentiu o coração apertar de tristeza ao ouvir a motivação daquelas pessoas. Mas ela não iria desistir agora. Esse parecia ser o momento certo para conhecer a cidade na qual nascera.

— O senhor vai pelo sacrifício?

— Eu? Não, mesmo! Não acredito nessas coisas. Uma deusa que exige a morte para tornar a terra fértil? Tem algo de errado nessa história, mas quem sou eu para falar? Vou pelos negócios. É lucrativo para quem vive do comércio.

Ele a analisou pela primeira vez, com o olhar atento e curioso. Ela se vestia com simplicidade e trazia uma bolsa de couro cruzada no ombro. Não havia nenhum tipo de arma, apenas uma sacola presa à sela do cavalo.

— Como se chama?

— Chame-me pelo nome que quiser.

Ele sorriu entendendo que ela queria guardar algum segredo. Aquele tipo de resposta era comum entre os viajantes solitários.

— Muito bem, eu a chamarei de Lídia. Tem onde ficar lá em Salema?

— Não, estou sozinha e nunca estive nessa cidade antes.

— Então, fique comigo. Eu me chamo Silas e tenho uma casa em Salema. Não é a primeira vez que levo os meus produtos para lá.

Ela sorriu.

— Agradeço e aceito sua oferta.

Foi assim que Deborah iniciou a sua jornada para Salema tendo ao lado um novo amigo.

Desde que iniciaram a viagem em direção ao sul—oriental, Nathan buscou oportunidades para esclarecer Jael quanto às verdades da Profecia. Ela era uma aluna atenta e curiosa. Seus questionamentos davam motivos para longos discursos por parte do sacerdote.

— Então, qual é a razão de se acreditar em um Criador onipotente, se suas ações sobrenaturais não são aceitas?

Ela perguntou, enquanto partia um pedaço de pão branco e o passava a Nathan. Eles estavam descansando embaixo de uma sombra para se proteger do calor do dia.

— Acho que é natural do homem temer aquilo que não compreende.

— Daí vem a razão de se buscar o conhecimento para, de posse dele, vencer o medo — ela falou em tom de afirmação.

— Sim, acho que é isso. No entanto, o medo também está em dar esse primeiro passo. A busca não é para todos.

— Apenas para os valentes e corajosos?

Ele pensou um pouco antes de responder.

— Não, de maneira nenhuma! O humilde, cujo coração se inclina para buscar esse conhecimento, pode muito bem alcançá-lo.

Jael sorriu e balançou a cabeça.

— Isso não requer coragem? Não precisamos ser guerreiros ou heróis para alcançar essa virtude. Basta um coração disposto.

Ele a olhou com admiração.

— Daqui a pouco, você é quem me estará instruindo.

Ela se recostou a uma pedra e cruzou os braços.

— Agora, vamos deixar de filosofar um pouco e me diga: o que temos que fazer? Passamos um dia e meio viajando e você ainda não me disse nada. Só lhe peço para ser claro e objetivo, Nathan. Minha mente não funciona como a de Deborah. Ela seria capaz de encarar uma discussão com você por dias, mas eu não.

Ele respirou fundo e tomou um gole de água no odre.

— Seguindo este caminho, vamos chegar a cidade de Aroer. Esta cidade foi a guardiã dos textos da Profecia na sua época mais remota. Matriarcal por obra do acaso, não se aliou ao reino de Atalia. Pelo contrário, perpetuou os textos que falavam de uma Herdeira que mudaria o contexto desse mundo, trazendo de volta a luz e o equilíbrio que existiram nos primeiros tempos. A Era de Ouro de todos os povos de Hedhen.

— Por que você disse que essa cidade se tornou "matriarcal por obra do acaso"?

— O seu regime original era o patriarcado. A guerra sobreveio, e os homens foram obrigados a partir e deixar as mulheres com os velhos e as crianças na cidade. Todos sucumbiram e nunca mais voltaram ao lar. As mulheres tomaram a proteção da cidade em suas mãos e posteriormente a organização.

— E como o texto da Profecia foi parar em suas mãos?

— Eles descendiam do mais velho dos patriarcas, que sobreviveram ao avanço das trevas, quando os Luminares se apagaram. Ele detinha a Profecia completa e a deixou como legado ao seu povo. Antes de morrer, o último de seus descendentes enviou o texto aberto para as Cavernas do Sal, a fim de serem devidamente guardados e estudados. A parte selada foi escondida e só poderá ser achada por aquela que é indicada como a Guardiã, pela Profecia.

Jael suspirou e fechou os olhos.

— Então, nós temos que chegar a essa cidade e tentar descobrir alguém que saiba qual a direção a tomar. É isso?

— O fato é que talvez não seja tão fácil assim.

Ela abriu os olhos e o encarou.

— O que quer dizer?

— Vai ter que provar que é a Guardiã para conseguir essa informação. A cidade é muito bem guardada e, qualquer mulher, que porte uma espada ou um arco, é confundida com uma amazona.

— Por que nada é fácil nessa vida, Nathan? — ela falou com uma ponta de desânimo.

Ele pousou a mão sobre o braço dela.

— Não encare os desafios dessa forma, menina. Você nasceu para isso, para esse momento.

Ela sorriu para ele e voltou a fechar os olhos, mas não conseguiu descansar.

Atalia passeava pela sacada do seu quarto.

— Senhora?

Ela virou-se ao ver a sacerdotisa-chefe entrar. A velha mulher fora chamada para um propósito sinistro. A rainha apontou em direção aos montes que se erguiam após o Grande Rio.

— Preciso que ordene os espiões da sombra para verificar uma presença naqueles montes. Uma ameaça paira no ar e eu me sinto inquieta.

— Se houver algo, os espiões devem agir?

— Não. Eles já demonstraram ser inúteis em batalhas, pois somem ao menor golpe. Há muitas patrulhas de amazonas dispostas naquela região. Se houver algo, eu quero que seja notificado a elas. Mas deve fazer isso já. Não quero mais perder territórios nessa guerra.

A mulher saiu com uma reverência e foi cumprir a tarefa sombria.

A viagem seguia sem transtornos. Naquela noite eles chegariam a cidade de Bezer.

— Não sei se seria aconselhável pararmos na cidade – ele falou com o ar pensativo.

Ambos se encontravam sobre os cavalos, observando a cidade de longe, do topo de um monte.

— Podíamos ficar por aqui e acampar em uma dessas cavernas – ele parecia decidido. – Esse deserto é cheio delas.

— É verdade, mas se não pararmos para comprar comida, não vamos agüentar até a próxima cidade.

Ele suspirou, pois sabia que ela estava com a razão. Água não era problema para eles, pois desde o início vinham seguindo pela margem oriental do Grande Rio. Mas a comida era importante

e o caminho até a próxima cidade poderia significar mais de um dia a partir dali.

— Vamos parar em uma caverna, como você disse – ela notou que o sacerdote estava cansado. – Eu vou até a cidade e compro aquilo que vamos precisar. Não há necessidade de demorarmos por aqui.

— Não gosto da idéia de você ir sozinha.

— Não temos escolha, Nathan.

Ela fez o cavalo galopar até uma caverna grande o suficiente para abrigá-los e Nathan se limitou a segui-la. Após descerem, Jael deixou os cavalos soltos, como era o costume deles e entrou na caverna junto com Nathan. Ela desabou no chão duro. Estava exausta e pretendia apenas descansar um pouco. Nathan não estava menos cansado. Ele parecia fraco e encurvado, sentado do outro lado da caverna.

— Você também está sentindo, não é? – ele perguntou.

— O quê?

— Um cansaço sobrenatural, como se suas forças estivessem sendo sugadas de você.

— Talvez tenha sido a viagem... – ela respondeu sem muita certeza.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Estamos muito perto de Salema, e o alcance do poder de Atalia pode chegar até aqui. Não descarto a possibilidade de ela ter erguido algum tipo de encanto nos arredores.

— Se é assim, o que faremos? Preciso ir até a cidade.

— Aguarde o anoitecer. Deixe-se fazer notar o menos possível.

Ela concordou, embora não gostasse do que a noite poderia esconder.

Quando a caravana parou para acampar, Deborah ajudou Silas a acender uma fogueira. Ao tentar se levantar, o velho soltou um gemido e levou as mãos às costas. Ela observou-lhe o rosto pálido.

— O que foi, Silas?

— Minhas costas... Isso ainda vai me fazer ficar em casa definitivamente, para a felicidade da minha esposa...

Ela sorriu com o comentário e o ajudou a sentar devagar.

— Acho que posso ajudar você.

— Como?

Ela pegou a bolsa que trazia consigo e retirou de dentro um pequeno vidrinho contendo um óleo cheiroso e morno.

— O que é isso? – ele estava curioso.

— Levante sua túnica e me deixe passar isso em você.

Ele a olhou com espanto e ela arqueou as sobrancelhas.

— Vamos, Silas, não seja tímido! É só um remédio. Além disso, você tem idade para ser meu avô!

Ele fez o que ela mandou. Deborah esfregou as mãos com o óleo e iniciou uma massagem que fez o músculo inflamado das costas de Silas, relaxar. Ele respirou com alívio quando ela terminou.

— Está melhor? – perguntou ela, voltando para o lugar.

— Melhor? Eu não sinto mais nada! Você tem um dom raro, Lídia.

Ela ia responder, quando ouviram o tropel de muitos cavalos em marcha. Uma patrulha das amazonas passou em direção a Salema. Deborah observou as guerreiras vestidas em pesadas armaduras negras.

— Pretende juntar-se a elas quando chegar a Salema?

A pergunta surpreendeu Deborah que sorriu sem jeito.

— Não. Eu não gosto de guerras.

Silas olhava intrigado para ela.

— Eu não acho que você seja uma simples viajante, Lídia.

Ela o encarou sem palavras, apenas aguardando com expectativa o que ele ia dizer.

— Aprendi muitas coisas na minha vida em caravanas. Vi muitas coisas e conheci muitas pessoas diferentes. Conheço a alma das pessoas através de um simples olhar. O seu guarda muitos segredos.

— E isso o incomoda?

Ele sorriu de maneira divertida.

— Nem um pouco, menina! Sinta-se a vontade em minha companhia, e saiba que tem em mim um amigo.

— Obrigada, Silas – ela falou em um tom sério. – Pessoas, assim como você, são raras hoje em dia.

Ele sorriu sem graça e se deitou com o pretexto de descansar. Deborah levantou-se e resolveu caminhar entre as pessoas que se acomodavam próximas aos seus animais. Ela observou como se comportavam, suas conversas, sua alegria. Um casal a convidou para experimentar uma sopa quentinha feita de ervas. Ela aceitou e passou um longo tempo falando sobre o uso das plantas como alimentação, com a mulher. Quando já estava totalmente escuro e só havia a luz das fogueiras para se guiar, ela se despediu e caminhou de volta. No caminho, ia refletindo sobre a diversidade das pessoas que estavam ali. Eles iam até Salema para adorar uma deusa que exigia sacrifícios humanos em troca de bênçãos. No entanto, não eram pessoas más, apenas mal—direcionadas para uma adoração enganosa. Ela não sabia se deveria sentir-se triste ou feliz. A ignorância a entristecia, mas era um conforto saber que havia bondade naqueles corações, e que ninguém era totalmente mal.

Quando a noite caiu, Jael levantou-se e caminhou até a entrada da gruta. Era possível divisar uma neblina que envolvia o caminho até a cidade. Não era uma neblina comum. Ela podia sentir que havia algo sinistro ali. Um tremor percorreu o seu corpo e uma forte dor de cabeça a fez desabar de joelhos, apoiando-se fracamente na parede de pedra. Um torpor a envolvia e a puxava para fora da consciência. Ela sobressaltou-se, ao sentir a mão de Nathan sobre o seu ombro e ao ouvir as estranhas palavras que ele dizia.

— Venha, Jael – ele falou gentilmente.

Ela deixou-se levar por ele. Mal sentia as próprias pernas. Nathan a deitou e pôs a mão na sua testa. Ele continuava a dizer aquelas estranhas palavras. A dor foi diminuindo aos poucos e ela adormeceu.

Silas acordou antes que o sol nascesse e espantou-se ao ver “Lídia” sentada embaixo de uma palmeira. Ela estava de pernas cruzadas e fitava o céu ainda escuro e estrelado. Ele pensou em se aproximar, mas achou melhor ficar onde estava. Era comum perder o sono quando o fim da viagem estava próximo. E Salema parecia causar muitas expectativas na moça.

Mal sabia ele que Deborah estava travando uma batalha que não era visível aos olhos humanos. Ela estava pronta para dormir quando sentiu algo estranho no ar. Ela sentou-se e viu uma nuvem escura partir da direção de Salema para o oriente e imediatamente soube do que se tratava. Nathan e Jael deveriam estar naquela direção. O ataque foi direcionado a eles. Ela fez a única coisa que poderia fazer naquele momento. Levantou-se e buscou um local reservado e tranqüilo para entrar nessa batalha. Envolvida pelo escudo da armadura espiritual, ela posicionou-se na brecha.

Nathan sentou-se exausto, quando viu que Jael havia dormido. Ele sentiu-se grato pela intervenção de Deborah. Era quase como se a pudesse sentir ali ao seu lado. Quando o dia estava clareando, Jael voltou a si e viu Nathan olhando para ela preocupado.

— O que aconteceu comigo? – ela perguntou ainda fraca.

— Havia um encanto no ar. Não vamos parar naquela cidade, Jael. Seria a morte para você. Devemos prosseguir.

— Não sei se vou conseguir, Nathan. Ainda sinto o meu corpo sem forças.

Ele retirou um pequeno odre de dentro da bolsa e o aproximou dela.

— Erga a cabeça e beba isso! – era mais uma ordem do que um pedido. – O gosto não é bom, mas cortará o efeito do encanto.

Ela obedeceu e tomou uma boa quantidade do líquido amargo e oleoso sem reclamar. Ao final já se sentia melhor e conseguiu sentar.

— Que tipo de bebida foi essa que você me deu? Nunca tomei nada tão ruim.

Ele sorriu.

— Funcionou, não foi?

Ela levantou-se devagar e apoiou as costas na parede até firmar as pernas.

— A armadura não funcionou – ela comentou.

— Talvez você não a estivesse usando.

— E como eu vou saber se a estou usando ou não? Não consigo vê-la e nem senti-la, Nathan. Acho que minha fé não é suficiente.

— Acalme-se, Jael, isso leva tempo – ele falou ternamente. – É um processo como qualquer outro.

Ela respirou fundo e caminhou até a entrada. Lá fora, o tempo parecia normal e sem ameaças.

— Deborah me ajudou a lutar pela sua vida – disse Nathan.

Jael se virou para ele surpresa.

— Ela esteve aqui? Como?

— Eu senti a presença dela batalhando ao meu lado. Eu não teria conseguido sozinho.

Jael voltou a sentar mais perto de Nathan e o olhou de frente.

— Eu quero que me ensine, Nathan. Eu preciso me aprofundar nesse mistério, porque minha vida está totalmente dentro de algo que eu não compreendo. Não dá para usar uma armadura invisível, se eu não entendo como ela funciona, ou o que eu devo fazer para que funcione. O meu pensamento é muito prático, sempre foi. Eu preciso enxergar com os olhos do espírito.

Ele sorriu satisfeito.

Silas observou “Lídia”, enquanto ela o ajudava a recarregar a carroça com as mercadorias. Ela tinha o aspecto cansado e preocupado.

— Acordei durante a noite e vi você embaixo da palmeira – ele falou casualmente. – Perdeu o sono?

Ele achou que ela não fosse responder, mas após uns segundos de silêncio, ela o fez.

— Sim, é verdade. Eu não consegui dormir.

— Ainda não se acostumou à vida de viajante?

Ela o olhou, intrigada.

— Com o que eu devo me acostumar, Silas?

Ele pulou para o assento e pegou as rédeas.

— Parece muito ansiosa para chegar. Isso está tirando o seu sono e eu me pergunto o motivo. No entanto, sou bastante discreto para não perguntar.

Ela sorriu diante da franqueza do homem.

— Você é bastante observador. Tenho que tomar cuidado com isso.

Ele a olhou, divertido.

— Devo tomar cuidado com os seus segredos?

Ela montou em Bruma e o encarou fixamente.

— Se meus segredos forem alguma ameaça para alguém, com certeza não são para você. Mas sinta-se a vontade para se desvincular da minha companhia, se isso o incomoda. Eu não fico onde não sou desejada.

Ele percebeu que ela falava a sério, e que a situação envolvia coisas que estavam além do que ele podia compreender.

— Não quero perder sua companhia, Lídia. Não sei explicar o motivo, mas eu me sinto tranqüilo e em paz. Nunca me senti assim antes numa viagem para Salema. Acho que sua presença é um refrigério nesses tempos nebulosos. Fique comigo e me perdoe por ter sido tão curioso.

Ela suavizou o olhar e deu um suspiro.

— Desculpe, Silas, eu fui grosseira. Acho que estou mais cansada do que pensava.

— Não, eu é que tenho a mania de falar demais. Todos nós temos direito a um segredo na vida. Agora, saia desse cavalo e venha para cá. Descansará mais se não tiver que se preocupar com as rédeas.

Ela obedeceu sem questionar. A batalha da noite anterior havia esgotado boa parte de sua energia, e ela ainda podia sentir

os efeitos fisicamente.

— Se eu lhe contasse uma pequena parte do meu segredo, você o guardaria? Responda olhando em meus olhos.

Ele a encarou sem pestanejar.

— Acho que você sabe a resposta – ele falou solenemente.

— O meu nome é Deborah.

Ele ficou realmente surpreso.

— O nome de uma pessoa pode revelar tudo sobre ela.

— Eu sei disso. Estou confiando esse segredo a você, Silas, porque sei que não posso levar isso adiante totalmente sozinha.

— Bem... Você não está sozinha!

Ele balançou as rédeas e a carroça começou a seguir a multidão, com Bruma cavalcando sozinho ao seu lado.

Silenciosa estava Deborah naquela manhã. Montada em Bruma, ela ia ao lado da carroça de Silas, mergulhada em pensamentos. Vez ou outra alguém passava por eles e a cumprimentava. As crianças gostavam de acompanhá-la quando ia colher as plantas que usaria como remédio, e ela aproveitava para ensinar-lhes para que servissem, e como vieram a existência através da vontade do Pai. Naquela manhã, porém, os pensamentos dela mudavam de foco a cada instante, pulando da imagem de Barak e da inesquecível noite que consagrou a sua união, para a inevitável chegada a Salema.

— Está vendo aquela colina lá adiante – apontou Silas. – De lá, poderemos ver os portões de Salema.

— Está assim tão perto?

Ele sorriu.

— Olhe em volta e perceba o movimento da estrada. É tempo do Solstício. A cidade não para nessa época.

Deborah sentia as mãos suadas e viu-se apertando as rédeas de Bruma mais do que devia. O cavalo reclamou com um relincho e um balançar da cabeça. Ela afrouxou a mão e lhe fez uma carícia.

— Me desculpe, amigo. Isso não vai mais acontecer.

Silas a observou. Ele estava intrigado.

— Por que está tão tensa? Essa cidade representa algo para você?

Deborah olhou para ele com hesitação. Estava difícil de segurar a emoção que parecia querer explodir dentro dela.

— Sim, ela representa. Mais do que você imagina, Silas. No entanto, isso é algo que, por enquanto, eu prefiro guardar comigo mesma. Não se sinta ofendido, por favor.

— Está tudo bem. Mas lembre-se de que pode contar comigo, se quiser conversar.

Eles continuaram em silêncio até alcançarem a colina. Ali, enquanto subiam, Silas voltou a falar.

— Você nunca assistiu ao Sacrifício, não é? Claro que não! Você nunca esteve aqui. Se posso te aconselhar a algo, digo-lhe para não assistir.

— Por que não?

— Não sei se o seu espírito estaria pronto para isso. Eu só vi uma vez e foi o suficiente. É um costume bárbaro, se quer realmente saber.

Ela observou o fluxo de gente que caminhava pela estrada carregando flores e cestas de frutos.

— Por que a deusa da terra não se contenta apenas com isso? — ela perguntou numa voz baixa, quase como um pensamento.

— Por que o sangue é precioso para regar o solo e o manter fértil — ele respondeu.

— A chuva já tem esse papel.

Silas deu uma boa risada, mas ela estava séria quando olhou para ele.

— Por que está rindo?

— Sabe a quanto tempo não chove nessa terra?

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Sei. Mas o motivo da chuva não cair, está na maldição que esses sacrifícios trazem. Talvez ela volte a cair, quando o último sacrifício for feito...

Ela ainda tinha algo mais para falar, no entanto, a visão dos portões de Salema a emudeceu. Uma emoção nova tomou conta dela ao deparar-se com o enorme muro de pedras amareladas que brilhava ao sol. Pela primeira vez, Deborah, a Herdeira, viu-se sem fala e completamente desarmada diante de uma situação. Ela própria não esperava se sentir tão profundamente tocada por aquela visão. E naquele exato momento, ela soube que amava aquele povo e que daria o próprio sangue para poupá-los da morte. Não eram monstros sem alma que habitavam dentro daqueles muros, mas pessoas normais, enganadas por uma rainha tirana que os envolvia com uma adoração enganosa a uma deusa falsa.

— É mais do que você imaginava? – Silas perguntou.

Ela apenas balançou a cabeça afirmativamente. O olhar tentava abarcar todo o perímetro que o alto da colina permitia. Ela estava deslumbrada diante daquela cidade lendária. A antiga Cidade Dourada, capital de toda a terra de Hedhen.

— Podemos entrar? – ela perguntou ansiosa.

— Depois que montarmos acampamento próximo ao portão. As caravanas geralmente ficam do lado de fora, até o último dia da festa. Mas os mercadores podem entrar, é claro. Principalmente os que possuem casas aqui, como eu.

Ela o ajudou a montar as barracas de mercadoria e a armar a tenda para os cavalos. Depois disso, Silas pegou um saco de dinheiro e o prendeu ao cinto.

— Agora, podemos ir.

Enquanto eles caminhavam até o portão, ele falou:

— O que você quis dizer com “O último sacrifício”?

— O quê? – ela perguntou distraída.

— Nós conversávamos sobre isso, lembra? E aí você falou no “último sacrifício”, e então parou ao ver a cidade. Pode continuar agora? Estou curioso.

Ela umedeceu os lábios secos devido ao calor e pensou um pouco antes de responder.

— Acredito que um dia isso vai acabar Silas. Essa cegueira vai ter um fim, e a vida humana passará a ser respeitada como um

dom precioso. Acho que é só isso. Não há mais o que explicar.

— Duvido muito.

Ela deu de ombros.

— Esse é o problema. As pessoas não têm mais fé e nem esperança de que um dia as coisas mudem. Mas nada nesse mundo é eterno.

— Você tem uma maneira estranha de ver as coisas. Fala de situações difíceis de imaginar. Não vejo como Salema possa mudar. Não há esperança para essa cidade, Deborah. Não acredito nisso.

Deborah sentiu o coração partir diante da confissão de Silas, mas preferiu ficar em silêncio. O portão estava próximo e sua atenção voltou para a cidade. Muita gente entrava e muita gente saía. Tudo na mesma hora. As ruas estavam abarrotadas de mesas e barracas com mercadorias e alimentos diversos.

— Os melhores lugares são daqueles que chegam primeiro
— Silas resmungou.

— Não acho que essas ruas apertadas sejam o “melhor lugar”, Silas.

Ele a guiou por ruas estreitas e, depois, por becos e ruas mais largas, até chegarem a uma praça. De lá, uma escadaria levava em direção ao palácio. Deborah parou e ficou observando com o olhar distante, cheio de pensamentos indecifráveis. Ela, por um momento, se imaginou criança, crescendo em paz dentro daqueles muros e como, nesse caso, tudo teria sido diferente do que é.

— Deborah, tudo bem? — Silas perguntou preocupado.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

— Está tudo bem, Silas. Vamos, quero conhecer a sua casa e descansar um pouco.

— Não estamos longe. Logo poderemos tomar um banho e comer alguma coisa digna de nosso estômago.

Ela o seguiu, mas seus pensamentos ainda estavam nos muros do palácio.

CAPÍTULO 14

A Cidade de Aroer

Atalia jogou a taça de vidro no chão, frustrada por ter perdido o sinal da Guardiã. O líquido vermelho escuro do vinho lembrava o sangue. Aquela visão lhe deu uma sensação de algo ligado ao destino e imaginou se a “deusa da terra” não estaria tentando se comunicar com ela. Levantando-se da cadeira, ela ajoelhou-se no chão e molhou as pontas dos dedos no vinho derramado. O cheiro era forte e doce. Uma sensação agradável. Assim como deveria ser o destino. Em um momento de frustração ela achou ter sido contemplada com uma visão mística.

— A deusa exige um sacrifício especial. Por quê? O que está para acontecer de extraordinário?

Imediatamente ela se pôs de pé e seguiu pela passagem secreta que levava de seus aposentos para o templo. Não agüentaria esperar muito tempo pela resposta.

Deborah havia deixado Silas descansando em casa e saiu pela cidade. Aquilo era um momento só seu. Seus pés a levaram do mercado barulhento até as portas do templo. Este ficava ligado a outra grande estrutura que pela forma circular, ela sabia ser uma espécie de anfiteatro. Com um calafrio, ela chegou a conclusão de que era ali que ocorriam os espetáculos sangrentos dos sacrifícios. Um ambiente de morte ligado diretamente a outro, que devia ser sagrado e respeitado como um lugar de adoração. Aquele templo já havia sido profanado há muito tempo. Mas a Profecia dizia que ele seria limpo e purificado. Qual seria então o seu papel nesse ato da história?

— Não quer entrar, moça? – perguntou uma mulher que vendia flores. — Em tempo de festa as portas ficam abertas para visitas.

Ela agradeceu a informação com um sorriso e subiu a escadaria monumental que levava ao interior do templo. Muitas pessoas se aglomeravam ali, não apenas para visitar, mas para levar oferendas. No centro do pátio, erguia-se uma enorme estátua. Pelos traços rudes, assemelhava-se a uma grande rocha que havia

começado a ser trabalhada para se chegar a uma forma. Uma forma feminina inacabada. A “mãe-terra”. Em sua base, havia uma fonte que era alimentada por algum duto subterrâneo e, subindo pela estrutura, vários tipos de plantas “trepadeiras”. O conjunto todo aludia a uma interação com a natureza criada. Terra, água e vegetação. Uma adoração ostensivamente direcionada a criação, a criatura. O Criador, no entanto, não era lembrado. Em nenhum momento, sua mão poderosa era simbolizada. A criação era tudo. A natureza era tudo. A deusa era tudo. Era isso que se pregava a esse povo.

Deborah observou o movimento das pessoas que se chegavam à estátua e molhavam as mãos nas águas da fonte para, em seguida, ajoelharem-se diante dela com os rostos voltados para o chão. Ela notou que na base da fonte, onde ficavam os adoradores, havia um círculo de terra. Era neste círculo que eles se ajoelhavam e, com as mãos, agarravam a terra e a jogavam na cabeça. Era como se buscassem renovar suas forças através do contato direto com a essência da divindade.

Diante desse quadro, Deborah deixou os olhos passearem pelo recinto como se quisesse absorver cada movimento. Ela sentiu os olhos umedecerem e não impediu que as lágrimas caíssem num choro silencioso. Ela chorava pela ignorância que levava pessoas boas a agirem contra a natureza, a ponto de acharem comuns os sacrifícios humanos.

— Ei, por que você está chorando?

Deborah olhou para baixo e viu uma garotinha, que devia ter no máximo uns sete anos. Ela levava uma cesta com várias frutas em direção a estátua. A menina pegou-lhe pela mão.

— Venha! Se lavar o rosto com a água da fonte, a sua tristeza vai passar.

A preocupação no rosto da menina era real, e o seu gesto, mais verdadeiro ainda. Ela realmente acreditava no que estava dizendo. Um bom coração, disposto a ajudar alguém que não conhecia. Aquilo foi o suficiente para que Deborah se afastasse do pátio e se perdesse entre as colunas. Ela queria mais do que tudo, se esconder daquela visão degradante. Nos olhos daquela menina

ela viu uma coisa horrível: a inocência. E cabia a ela mudar a “ordem estabelecida”, como lhe foi dito pela primeira vez nas Cavernas do Sal? Como ela faria isso? Tateando de coluna em coluna ela chegou à saída e, sem olhar para trás, desceu a escadaria e desejou se afastar dali, tanto quanto fosse possível.

No momento em que Deborah saiu pela porta do templo, lá em cima, onde funcionavam as dependências sacerdotais, Atalia surgia na varanda com a sacerdotisa-chefe ao seu lado. Ela havia contado a mulher sobre o suposto sinal, e o que havia sentido. A sacerdotisa escutou com atenção e suspirou de olhos fechados, como se estivesse recebendo uma revelação divina. A rainha aguardou impaciente.

— Este ano, o Sacrifício deverá ser feito como em todos os anos – disse a mulher. – Mas, o ano após o que se inicia, prenuncia um tempo especial. Haverá a conjunção de três astros no céu. Isso foi previsto há muito tempo.

— E essa conjunção traz uma mensagem ruim?

A sacerdotisa olhou para ela com o olhar sombrio.

— Pode significar o final do seu reino!

Atalia deu um passo para trás.

— Mas, a deusa... – ela apontou para a estátua no meio do pátio. – Eu tenho feito tudo o que ela quer!

— Isso não vem da deusa. Vem de um poder que está acima dela, você não entende?

Atalia riu com desdém.

— O que poderia estar acima dela?

A sacerdotisa não respondeu. Ela limitou-se a fechar os olhos e a resmungar algumas palavras.

— O que eu posso fazer para evitar o fim do meu reino? Diga-me!

— Preciso ir a Babilos. Dê-me sua permissão. Lá existem sábios que consultam as estrelas e saberão lhe dar esta resposta.

Atalia viu as nuvens cobrirem o sol e sentiu um calafrio.

— Vá e traga-me essa resposta. Vá o quanto antes!

Nathan tocou levemente no ombro de Jael. A moça acordou e olhou em volta preocupada. Eles haviam parado para dormir em uma clareira escondida, próximo a um lago que ficava aos pés de uma colina. Além dela ficava Aroer, cidade que era o objetivo de sua viagem.

— O que foi, Nathan? Algum problema?

— Gostaria que visse a cidade ao nascer do sol. Preciso lhe mostrar uma coisa.

Ela levantou-se meio cambaleante e o seguiu colina acima. Nathan era pequeno, mas era rápido e ágil. Jael teve que apressar o passo para alcançá-lo. Ele estava eufórico.

— Venha, Jael! Precisa ver isso!

— Ver o quê? Do que você está falando, Nathan?

Eles chegaram ao topo e Nathan apontou para a cidade que naquela hora não passava de uma massa sombria na escuridão.

— Esta é uma cidade dos tempos antigos, Jael. Ela sobreviveu até o dia de hoje, e ainda mantém em si um pouco da luz que foi perdida naqueles tempos sombrios, em que as trevas começaram a dominar a terra de Hedhen.

Jael apurou a vista, a fim de ver mais alguma coisa além daquelas sombras.

— E onde está essa luz?

— Espere. O sol já vai nascer.

Ela deu um suspiro e aguardou. Quando o sol surgiu com seus primeiros raios, ela contemplou um espetáculo estranho e fascinante. O muro da cidade parecia brilhar como ouro! E não era só isso. Por toda a volta de seu perímetro, enormes lajes de pedra pareciam formar um exército petrificado, a patrulhar as entradas da cidade. As lajes estavam enfileiradas em uma ordem espantosa,

tendo em vista o seu tamanho e proporção. Sua superfície brilhava tanto quanto o muro que circundava a cidade.

— Até parece que a cidade conseguiu aprisionar os raios do sol...

Nathan sorriu diante do comentário de Jael.

— A ilusão foi construída com essa intenção. Esta é uma das mais antigas cidades do nosso mundo.

— E quanto a essas pedras em volta? O que significam?

Ele deu de ombros.

— Eis um mistério. Elas já estavam aí antes da cidade existir. Havia muitas outras que foram cortadas e lapidadas para formar o muro da cidade. Algo em sua superfície nos causa essa ilusão assombrosa de absorção da luz.

— Eu devo entrar lá?

Nathan a olhou com surpresa.

— Claro que sim! Afinal, o que está pensando?

— Desculpe, mas sinto como se esse lugar tivesse algo de sagrado.

— Não deixa de ter, Jael. É uma cidade—guardiã. E se tem alguém que possui o direito de entrar nela, esse alguém é você. A Guardiã.

Jael, de repente, não se sentia tão segura assim. A visão da cidade, com toda aquela ilusão de grandeza dourada, a intimidou, e ela sentiu o medo lhe invadir o coração. O medo de fracassar.

— A armadura, Jael – lembrou Nathan. – É hora de pôr em prática aquilo que eu venho lhe ensinando desde que saímos em nossa jornada.

Ela assentiu com o ar pensativo e distante.

— Me deixe sozinha, Nathan – ela pediu com delicadeza. – Isso é algo que eu preciso treinar sem a ajuda de ninguém.

— Jael...

Ela virou-se para ele com o olhar de quem já havia tomado a decisão.

— Eu vou estar sozinha quando entrar naquela cidade. Foi para esse momento que você me preparou, então, me deixe fazer

do meu jeito.

Ele suspirou e deixou que ela se afastasse. Ficou apenas observando, quando ela abaixou-se diante do cobertor que usara como cama, e apanhou a espada e o arco. Sem olhar para trás, ela tomou um caminho oposto aquele em que estavam, e que levava para outro ponto do topo da colina. Só restava a Nathan esperar.

Silas observou Deborah, enquanto ela o ajudava a contar as moedas sobre a mesa.

— Notei que não foi mais procurar suas ervas, de manhã cedo – ele observou.

— Ainda tenho bastante – foi a resposta rápida.

Ele guardou as moedas na bolsa de couro. Estava satisfeito com o lucro.

— Parece preocupada.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Não se preocupe comigo, Silas. Vai passar.

Ele, então, levantou-se para guardar a bolsa no depósito que mantinha oculto no pátio do quintal. Ao voltar, ele trazia uma outra bolsa que costumava usar quando ia sair.

— Vai sair? – ela perguntou intrigada.

— Ah, veja só! Está preocupada comigo, então?

Ela sorriu sem graça.

— Você não costuma sair muito.

— Um velho amigo me convidou para jantar em sua casa.

Ela arqueou as sobrancelhas, confusa.

— Não está muito cedo para jantar?

— Estaria se o jantar fosse aqui, em Salema. Venha comigo, talvez você se anime um pouco.

Ela hesitou, mas ele lhe estendeu a mão.

— Venha, Deborah.

Ela o seguiu sem contestar.

— Para onde vamos? – ela perguntou, enquanto colocava a bolsa de ervas cruzada ao ombro.

— Este meu amigo mora nas montanhas.

Ela o seguiu sem mais perguntas. Silas era bom em contar histórias de caravanas. Foi ao som dessas histórias que eles seguiram seu caminho pelas ruas, aparentemente tranquilas, de Salema.

Jael se armou apenas com o arco e com uma adaga, que escondeu em uma bainha embutida na bota. Ela usava roupas escuras, como era o costume dos Queneus. Seguindo a direção de Nathan, ela deveria procurar o mais velho dos sábios que deveria residir no palácio. Ele era o guardião do mapa que a levaria até a Profecia Selada. Mas, para chegar até ele, ela teria que passar pelas sentinelas da cidade sem ser notada. O zelo que eles tinham pela Profecia era tão grande, que os tornava cegos para o próprio cumprimento desta. Diante disso, ela ainda possuía outro desafio. Provar ao velho sábio que ela era a Guardiã.

— Quando chegar à cidade procure Rabte cá – aconselhou Nathan.

— E quem é ela?

— Uma velha amiga. Ela possui uma pousada na entrada da cidade. Diga-lhe que eu lhe mandei, e ela lhe ajudará a entrar no palácio.

Jael anotou o nome mentalmente e deu um profundo suspiro.

— Chegou a hora – ela murmurou quase para si mesma.

Nathan pegou-lhe na mão, fazendo-a olhar para ele.

— Ajoelhe-se – ele pediu. – Eu gostaria de lhe dar minha bênção.

Ela sorriu e obedeceu. Nathan pôs as duas mãos em cima da cabeça dela e murmurou palavras desconhecidas, mas que lhe deram um repentino conforto.

— Agora vá! Eu a esperarei onde nós combinamos.

— Pode me esperar, pois de um jeito ou de outro, eu estarei lá.

Antes que Nathan pudesse responder, Jael saiu correndo morro abaixo em direção as lajes de pedra e sumiu na escuridão.

O jantar ocorreu em um ambiente agradavelmente familiar. Enos, o amigo de Silas, era um agricultor que morava com a esposa e com a mãe desta. O casal não tinha filhos, apesar de ainda novos o suficiente para tê-los. A mulher, Ofra, trazia a tristeza de ser estéril no olhar. O marido parecia querer consolá-la, mas era uma tarefa difícil. Após o jantar, enquanto Silas e Enos conversavam sobre negócios, Deborah juntou-se as mulheres dentro da casa. Ela ajudou a velha, que se chamava Zipor, a recolher a louça do jantar. A mulher quis recusar, mas Deborah insistiu.

— Você não é uma mulher feita para serviços domésticos — Zipor declarou.

— Por que diz isso? — Deborah perguntou intrigada com o comentário.

— Não sei. Vejo nobreza em seus olhos. Eles me lembram de tempos de paz.

A moça sorriu.

— É bom saber que as pessoas ainda não perderam a esperança da paz.

A mulher apontou para a filha, que olhava tristonha pela janela.

— Ela perdeu.

Deborah pensou um pouco e, em seguida, pôs a mão dentro da bolsa e retirou dela quatro sementes roxas do tamanho de caroços de milho. Ela as passou para as mãos de Zipor. A velha as recebeu sem entender.

— Você acredita em milagres, Zipor?

— Sim, eu acredito! — ela falou com uma certeza que fez Deborah sorrir.

— Moa essas sementes até se tornarem pó. Misture o pó a qualquer alimento que desejar e o dê a sua filha. Dê também ao seu genro. Não se pode saber para qual dos dois ela servirá.

— E para que servem? — a pergunta foi feita apenas para confirmar a resposta.

— Para que serve uma semente? — foi a resposta simples.

Zipor deixou uma lágrima escorrer pelo rosto. Deborah a enxugou com ternura.

— Obrigada – a mulher agradeceu.

— Você é uma mulher de fé, Zipor.

Naquela noite eles dormiriam naquela casa acolhedora, por insistência de Enos. Antes de dormir, ele reuniu a família e os convidados em volta da lareira. Fazia frio na montanha, e aquele era um costume comum a toda a região. Deborah lembrou-se do tempo que passou na casa de Miriam e Rute, e sorriu consigo mesma.

— As montanhas trazem paz – Enos falou. – Nos deixa longe de Salema e nos torna insignificantes para a rainha. Isso é bom.

— Não culpe Salema pela rainha que tem – repreendeu Zipor. – A mancha da maldade está sobre quem a governa hoje. Mas eu sei que esse tempo vai acabar.

Deborah observou Zipor com mais atenção. A mulher falava com convicção. A certeza de quem dizia o que era certo.

— A senhora diz isso por ter conhecido a cidade nos tempos de glória – respondeu Enos. – Mas, hoje a história é diferente. Esses tempos se foram há muito, e não vão retornar.

— Eu acredito em minha mãe, Enos – falou Ofra, a esposa. – Ela, uma vez, arriscou a própria vida para salvar a mim e ao meu irmão. Tudo isso em defesa da última vontade da rainha Cirene.

Deborah se manifestou diante desse comentário.

— Conheceu a rainha Cirene, Zipor? Como?

A mulher reconheceu em Deborah uma ansiedade que viera junto com a pergunta. Sua intuição lhe dava sinais de que havia algo diferente com aquela moça.

— Eu era a parteira do palácio — Zipor disse cuidadosamente cada palavra, com os olhos fixos na visitante.

Deborah levantou-se.

— A parteira? – Deborah perguntou, com o coração palpitando.

A velha teve, então, um lampejo de compreensão.

— Sim. Eu estava lá, quando ela morreu. Quando ela deu a menininha que havia nascido para Hulda, a profetiza. Fui banida

com meus filhos para fora da cidade por esconder este fato de Atalia. O Pai não permitiu que fôssemos mortos naquele dia.

Deborah queria fazer mil perguntas, mas havia muita gente na sala e ela sabia que seria imprudente fazer isso. Confusa e zozna com a revelação, ela, humanamente, precisou de ar puro.

— Eu preciso sair um pouco... Com licença.

Os outros ficaram se olhando sem saber o que havia acontecido. Silas pediu licença e foi se levantando para ir atrás de Deborah.

— Não – pediu Zipor. – Fique aqui. Eu vou conversar com ela.

A mulher, então, se levantou e saiu pela porta da frente. Deborah estava sentada em um tronco de árvore que servia de banco. A moça estava de cabeça baixa com o rosto encoberto pelas mãos. Zipor aproximou-se e sentou ao lado dela.

— É você, não é? – ela perguntou emocionada. – Eu sempre achei que voltaria algum dia.

Deborah ergueu o rosto. Ela estivera chorando. Ao olhar para os olhos de Zipor, ela sentiu que não havia como negar. A mulher sabia. Como resposta, o choro desceu novamente sem poder ser contido. Zipor passou os braços sobre os ombros dela e a acalentou.

As duas caminhavam pelo terreno montanhoso sob o luar. Deborah parou e ficou de frente para ela.

— Me fale sobre os meus pais. Como eles eram?

Os olhos de Zipor brilhavam enquanto ela falava.

— O seu pai era um rei muito justo. Salema foi próspera e feliz enquanto ele viveu. O seu casamento com Cirene foi inesquecível. Nunca houve uma festa igual. Eram amados por todo o povo. Quando o seu pai morreu, Atalia veio para ficar com a irmã, que estava grávida. Cirene reinou no lugar do seu pai e foi tão justa e sábia em suas decisões quanto ele. Atalia, no entanto, conspirava por trás, a fim de conseguir o poder em um reino que não lhe pertencia. Sua mãe percebeu isso e passou a visitar o santuário de

Shiloh com mais freqüência. Ela sabia que um novo tempo estava se formando e que a criança que ela esperava era muito especial.

Zipor fez uma pausa.

— O que sabe sobre mim, Zipor?

— Sei que você é muito mais do que apenas a herdeira do trono de Salema. Você é a Herdeira. Eu peguei você em meus braços, e vi o sinal da promessa em seu corpo. Eu ouvi o último pedido da rainha feito para a profetisa. Inclino-me diante de você.

Deborah a pegou pelos ombros e não a deixou se inclinar.

— Não faça isso. Incline-se diante do Pai. É a Ele que devemos agradecer por tudo isso estar se cumprindo.

Zipor a observou, cheia de admiração pelo que ela havia se tornado. Subitamente pareceu se lembrar de algo.

— Você precisa ir a Shiloh!

— Eu? Por quê?

— Quando sua mãe morreu, seus avós, os pais de seu pai, abandonaram o palácio, pois não queriam colaborar com o reinado que Atalia havia começado. Eles, desde então, passaram a viver no velho santuário, cuidando dele e aguardando. Eles esperam você, e já faz muito tempo.

Deborah levou a mão trêmula à boca num gesto de surpresa.

— Meus avós? Eles estão vivos?

— Sim, e esperam por você. Nunca perderam a esperança.

— Onde fica o santuário?

— Não fica longe daqui. Descanse esta noite e amanhã eu a levarei até seus avós.

Deborah abraçou a mulher num gesto de agradecimento sincero.

Aroer tinha uma vida noturna igual a qualquer outra cidade. O anoitecer não diminuía o fluxo de gente que entrava e saía de seus muros, pois esta era a hora das caravanas. Hora em que as feiras eram montadas e os mercados ficavam cheios de novidades. A diferença estava na quantidade de guardas, homens e mulheres, que patrulhavam as ruas e olhavam desconfiados para

qualquer um que parecesse suspeito de alguma ameaça. Ela juntou-se a um grupo, que entrou na cidade junto a algumas carroças, e passou despercebida. Lá dentro, era hora de procurar ajuda. Aproximando-se de uma mulher que varria a frente de sua loja, ela perguntou:

— Eu procuro Rabte cá. Sabe onde posso encontrá-la?

Antes que a mulher pudesse lhe responder, ela sentiu uma mão pesada sobre o seu ombro. Virando-se deu de cara com um guarda.

— Procura Rabte cá? Pretende passar a noite na cidade? – a pergunta tinha um tom agressivo.

— Talvez – ela respondeu evasivamente.

— Se for essa a sua intenção, precisa passar pelo guarda do portão e registrar o seu nome.

Jael assentiu em um gesto de entendimento, e suspirou aliviada ao ver o homem se afastar.

— Precisa tomar cuidado com o que diz – comentou a mulher.

— Como disse? – Jael perguntou ainda perturbada com a intervenção do guarda.

A mulher apontou em direção ao portão.

— Vá como se fosse para o portão. Entre a direita e verá, no fim da rua, uma casa com dois andares e um terraço. A casa de Rabte cá.

Jael agradeceu com um sorriso e foi caminhando na direção indicada. O guarda a seguia com os olhos desconfiados. Ela olhou para trás e observou que a mulher havia arrumado um jeito de distrair o guarda com algum tipo de reclamação. Aproveitando-se disso, Jael passou para a rua que se abria a sua direita. Não era uma rua muito comprida e logo ela conseguiu identificar o local indicado. Jael bateu na porta, incomodada com os olhares desconfiados de algumas pessoas que passavam. Não seria fácil ser discreta naquela cidade! A porta foi aberta por uma mulher de aspecto cansado e doentio.

— O que você quer? Não temos quartos, a não ser que tenha autorização.

— Procuero Rabte cá.

A mulher, então, tentou fechar a porta, mas Jael a segurou.

— Por favor, não feche! Nathan me mandou procurar Rabte cá. É você?

A pressão na porta diminuiu e a mulher a olhou espantada.

— Nathan a mandou aqui? Onde está ele?

— Fora da cidade. Ele disse que você me ajudaria.

A mulher a puxou para dentro e fechou a porta.

— Eu não sou Rabte cá – ela disse, pondo uma tranca cruzando o umbral da porta. – Mas venha que eu a levarei até ela.

Jael seguiu a mulher por uma estreita escada. A casa era espaçosa e com pouca decoração. Alguns cômodos se abriam no andar de baixo e, lá em cima estavam os quartos. Elas pararam diante da última porta. A mulher abriu sem bater. O aposento estava escuro e tinha uma pessoa na cama. Era uma mulher já idosa e, pelo olhar parado, parecia cega.

— Rabte cá, Nathan enviou alguém a sua procura – disse a mulher antes de sair.

Jael, por um momento, não soube o que fazer. A situação não estava sendo exatamente a que ela esperava.

— Aproxime-se – a mulher falou.

Jael obedeceu e a mulher estendeu a mão. Jael a pegou, constatando que ela era realmente cega.

— Sente-se perto de mim.

O único lugar em que ela podia sentar era a cama. Buscou ficar de um modo que não incomodasse a velha senhora.

— Então, Nathan lhe mandou. Eu sei quem você é.

— Como pode saber?

Rabte cá deu um sorriso cansado.

— Todos nós temos uma missão nessa vida, filha. A minha era esperar que um dia você viesse.

Jael não sabia o que responder.

— Nathan lhe enviou, e este é o sinal. Ele me disse há muito tempo que o faria. No dia em que ele pisasse nos limites de

Aroer, seria para mudar a sorte desse mundo, e trazer aquela que poderia segurar e compreender a chave... – ela parou num acesso de tosse. – A chave para encontrar a Profecia Selada. Você é a Guardiã.

— Sim, a senhora está certa. Cada vez mais eu me sinto como se a minha vida estivesse toda traçada. Parece que cada passo que eu dou serve apenas para cumprir um propósito já estabelecido.

A mulher apertou sua mão.

— Pensa assim porque ainda não se deparou com um momento decisivo, em que poderá optar pelo seu próprio caminho. Mas, prepare-se, porque ele está chegando. Mas não tema, pois sinto que o seu coração já está preparado.

Jael sorriu e envolveu a mão da velha senhora com a sua.

— Posso perguntar como conheceu Nathan, morando tão longe?

A mulher deu um longo suspiro.

— Conheço—o há muito e muito tempo. Ele é meu filho.

Jael fitou a mulher com espanto, e ficou sem fala.

— Está surpresa? Percebo pelo seu silêncio. Não tem tempo para isso, minha filha. Precisa saber o que fazer.

— Como eu posso entrar no palácio? - disse Jael, encontrando novamente a voz. — E quem eu devo procurar?

— Fora dos muros, na parte de trás da muralha, há uma abertura. É um poço, que leva aos portões do palácio. O local onde você vai sair só é conhecido por poucos. Você vai encontrar uma escada, que vai lhe levar diretamente aos aposentos de Jethro, o velho sábio. Ele guarda a chave. Diga-lhe quem é, e quem lhe mandou. Se ele lhe pedir um sinal, mostre-lhe a estrela em seu corpo. Este é o sinal que a identifica. Não há como errar. Ele nunca sai de seus aposentos.

Nesse momento, a porta se abriu e a primeira mulher entrou apavorada.

— São os guardas! Estão procurando por uma estrangeira que não se apresentou nos portões. Precisa sair daqui!

Rabtecá apertou sua mão com firmeza.

— Vá, filha, e tome muito cuidado! O povo acredita que, se um dia a chave desaparecer, as trevas dominarão de uma vez. Não acreditam mais que a Profecia possa se cumprir de forma literal. Vá! Que o Pai a abençoe.

Jael beijou-lhe a mão com carinho, e correu atrás da outra mulher. Esta a levou até outra escada e apontou.

— Suba, e saia pelo telhado. Pode alcançar a muralha daqui.

— Qual a maneira mais rápida de chegar ao outro lado?

— Pelo poço que circunda a cidade. Não há nenhum perigo nas águas, e a corrente lhe levará com mais rapidez, pois a água é canalizada do próprio rio.

Jael a abraçou.

— Obrigada.

A mulher sorriu e voltou correndo. Jael subiu a escada e, do telhado, pulou para a muralha sem ser notada. De lá, ela olhou para baixo e viu o reflexo da lua na água. Se esse era o caminho mais rápido, ela o seguiria. Respirou fundo e pulou.

Jael caiu na água gelada e lutou contra o peso da própria roupa para subir a superfície. A corrente não era muito forte, devido ao contorno meio circular do fosso. Ela apenas se deixou levar por ela, e ficou atenta a qualquer movimento nas margens. Quando ela atingiu a parte de trás da muralha, avistou uma grade na base da parede que levava ao seu interior. O problema é que ela teria que ir nadando por baixo. O espaço entre as barras de ferro era largo o suficiente para que ela pudesse passar. Respirando fundo para prender o fôlego, ela mergulhou. Era uma boa nadadora, ágil e rápida. Ela seguiu pelo túnel até chegar a uma nova abertura que a levaria a superfície. Quando ela subiu e respirou prazerosamente o ar, olhou em volta e viu que havia alcançado os subterrâneos do palácio. Nadando até a margem, ela saiu da água e descansou sobre o chão úmido. Tremia por causa do frio e das roupas molhadas. Após alguns minutos, ela se ergueu e seguiu a água no sentido contrário ao da corrente, adentrando cada vez mais nos subterrâneos. De repente, ela a viu. Era uma escada que parecia

ter sido feita com muita pressa. Os degraus não obedeciam a nenhum padrão de tamanho ou largura. Eles se estendiam para cima, por uma passagem de aproximadamente um metro de largura. Ela seguiu em frente com cuidado, pois estava escuro e os degraus eram escorregadios. Ao final da escada havia uma parede cujo recorte parecia em relevo. Ela havia encontrado a passagem para o quarto do sábio e só precisava saber como abri-la. Ela tentou algo simples. Pôs as duas mãos sobre a parede e empurrou. Esta se moveu para o lado, deixando uma estreita abertura para que ela pudesse passar. Ela entrou com cautela, pois não enxergava nada que estava do outro lado. Deu dois passos hesitantes para dentro do aposento escuro e parou, ao sentir uma ponta afiada fazer pressão em suas costas.

— Quem é você? – perguntou uma voz trêmula. – Estou velho, mas minha espada é afiada e não preciso de muito esforço para usá-la.

— Rabte cá me disse como chegar aqui. Vim com Nathan, o sacerdote. Ele me disse que eu devia procurar por Jethro.

Ele fez nova pressão com a espada. Jael se encolheu e mordeu os lábios.

— Me diga o seu nome.

— Eu sou Jael, Guardiã da Profecia. Você tem algo que precisa me entregar.

Não houve resposta. O velho parecia estar pensando no que deveria fazer.

— Prove-me que é quem diz ser.

— Farei isso, se afastar a sua espada.

— Eu a afastarei, mas ela continuará apontada para você.

Ela virou-se devagar e levou as mãos até a faixa da túnica. Ele ergueu a espada.

— O que está fazendo?

— Tentando lhe mostrar a prova que pediu.

Para acalmá-lo, ela jogou o arco no chão aos pés dele e abriu a túnica. Erguendo a camisa mais leve que usava por dentro, ela expôs a cintura. O velho deixou cair a espada diante da visão. O sinal da estrela brilhava em sua pele.

— Então, é verdade! Todo esse tempo sem saber se tudo ia se cumprir...

Ele ajoelhou-se.

— Perdoe-me, mas eu precisava ser cuidadoso.

Jael foi até ele e o ergueu.

— Jethro, você cumpriu bem a sua parte, agora cabe a mim a missão de continuar. Precisa me dar a chave. Não tenho muito tempo até que resolvam me procurar aqui.

As vozes alteradas e os passos no corredor, do outro lado da porta do quarto, indicavam a veracidade das palavras dela.

— Eu pegarei a chave.

Enquanto ele se afastava para um dos cantos do quarto, ela amarrou novamente a túnica em volta do corpo e pegou o arco. Quando ele voltou, trazia nas mãos um pequeno cilindro de metal e o passou para ela.

— Este é o mapa que a levará até onde está guardada a Profecia Selada. Apenas a Guardiã poderá enxergar o que nele tem escrito. Leve-o em segurança.

Ela pegou o cilindro e o guardou dentro da túnica. Nesse momento, a porta se abriu com um estrondo e um grupo de guardas entrou no aposento. Jael estava mais perto da janela do que da abertura secreta. Foi para lá que ela correu. Esta se abria para um jardim em cuja extremidade as plantas haviam criado uma escada natural envolvendo a muralha. Se ela pudesse alcançá-la, estaria fora e em segurança do outro lado. Antes de pular, ela sentiu um impacto e uma dor aguda em seu ombro direito que a fez perder o equilíbrio e cair desajeitadamente na grama lá embaixo. Uma flecha a havia atingido pelas costas. Impulsionada pela urgência de proteger o que tinha nas mãos, ela ignorou toda a dor que sentia e correu para a extremidade do jardim. Outras flechas voavam sobre ela, tentando alcançar o alvo. Ela orou e pediu que o escudo de sua armadura espiritual a protegesse durante a subida. Foi difícil subir com a ajuda de apenas um braço, mas ela conseguiu chegar ao topo, e deixou-se pular novamente na água do fosso. Ela foi nadando até alcançar a margem e em seguida correu em direção as colunas de pedra. Seu corpo tremia de frio e sua respiração

estava agitada. Respirou fundo e ao encostar-se em uma das colunas, o cabo da flecha se quebrou com o atrito. Ela gemeu com a dor, mas não podia desmaiar e nem demonstrar fraqueza nessa hora. Uma trombeta soou dentro da cidade e sinos começaram a badalar. Ela tinha que sair dali e ir ao encontro de Nathan. Só não tinha certeza se conseguiria chegar.

Nathan olhava em direção ao topo da colina, que se estendia por trás da cidade de Aroer. Foi ali o lugar marcado para se encontrarem. No meio da noite, ele ouviu os sinos tocarem e a trombeta. Ele esperava que Jael estivesse ali antes de amanhecer o dia, mas ela ainda não havia chegado. O que teria dado errado? Cansado de esperar, ele montou em Solaris.

— Vamos, rapaz. Ajude-me a encontrar sua dona.

Após cavalgar por quase uma hora através do perímetro que ele considerava seguro, do outro lado do rio, ele a viu. Reconheceu-a pela cor da roupa. Ela vinha correndo de forma cambaleante. Se parasse, com certeza, não teria forças para continuar. Ele olhou em volta e não havia nenhum sinal de perseguidores. Nathan levou o cavalo até ela. Quando Jael o viu, parou e desabou no chão, de joelhos. Estava quase desfalecida de cansaço. Nathan desmontou e correu até ela.

— Jael, você conseguiu! – ele a abraçou, aliviado.

— Aiii! – ela gemeu se retraindo do abraço.

Ele a olhou, preocupado.

— Está ferida?

Jael balançou a cabeça afirmativamente, pois sentia dificuldade para responder em decorrência da respiração acelerada. Nathan a ajudou a levantar e ir até o cavalo. Quando ela montou, ele subiu na garupa e agarrou as rédeas enquanto a protegia com os braços. Solaris tomou o caminho de volta, praticamente sem nenhum comando. Da garupa, Nathan notou a túnica empapada de sangue nas costas de Jael. Ela mantinha o braço direito encolhido contra o corpo e o esquerdo a ajudava a manter o equilíbrio e não cair.

— Estamos seguros aqui? – ela perguntou num sussurro.

— Essa área é praticamente desabitada.
Ela ficou em silêncio e Nathan percebeu que o cansaço e a dor a estavam vencendo.
— Você viu Rabte cá? – ele perguntou.
— Sua mãe? Por que não me disse quem ela era?
— Não vi necessidade.
Jael respirou fundo.
— Você é um homem misterioso, Nathan.
O sol começava a esquentar.
— Falta muito?... – ela perguntou sentindo a visão turva.
— Agüente mais um pouco – ele falou preocupado. – É logo após aquela subida.

CAPÍTULO 15

O Monte da Lei

Shiloh era um santuário pequeno, provido de um grande jardim. Mas também era um lugar que emanava uma sensação agradável de lar. Era como estar em casa. Por muito tempo, antes das trevas dominarem, aquele havia sido o único lugar de adoração, na terra de Hedhen. Ali ainda havia a essência daqueles tempos. Deborah fechou os olhos e respirou o cheiro de jasmim e rosas que cresciam no amplo jardim, em volta do santuário. Elas haviam acabado de atravessar a porta que dava acesso ao local.

— Esse lugar parece intocado – ela comentou.
— Acho que o Pai o protege e o conserva longe dos planos da rainha.

Zipor caminhou por uma trilha de pedras brancas em direção a uma porta de madeira arredondada que parecia sair da rocha. Deborah a seguiu.

Uma mulher, bem mais velha que Zipor, abriu a porta e sorriu ao ver a amiga. Quando, porém, os seus olhos viram Deborah, um reconhecimento aflorou em seu ser, como algo instintivo. Ela passou por Zipor e parou diante da moça, que a fitava com um misto de espanto e alegria.

— Oh, pelo Grande Pai... Zipor, esta é... – a mulher estava trêmula.

— Sim, Ana, esta é sua neta, Deborah. Você sempre soube que ela chegaria, um dia.

A mulher ergueu os braços finos e tomou o rosto de Deborah em suas mãos como se quisesse se certificar de seus traços.

— Você parece com sua mãe – ela falou entre lágrimas. Deborah a abraçou com força.

— Vovó! – ela exclamou entre risos e lágrimas. — Eu tenho uma avó!

— E um avô também! – disse uma voz masculina vinda da porta.

Simeão era um homem alto e, apesar da cabeleira branca exalava um vigor que não combinava com a idade. A sabedoria estava em seus olhos. Ele sorriu e abraçou a neta.

— Eu sabia que não morreria antes que esse dia chegasse!

Foi difícil para Nathan conseguir descer Jael do cavalo. Ela havia perdido a consciência antes de chegarem ao local de descanso. Ele era pequeno, mas era também forte o suficiente para tirar uma moça da sela de um cavalo.

Ele aproveitou para cuidar do ferimento enquanto ela dormia. A flecha saiu com facilidade, mas ele teve que cauterizar a ferida para conter o sangramento. Nesse momento, ela estremeceu e abriu os olhos assustada, mas os fechou novamente logo em seguida. Feito isso, ela só precisava descansar.

Quando Jael acordou já era noite. Ela olhou em volta tentando reconhecer o lugar, mas quando viu a figura de Nathan sentado de costas perto da fogueira, respirou aliviada.

— Como está se sentindo, filha de Héber? – ele perguntou ainda de costas.

— Com fome e com sede.

Ele virou-se sorrindo.

— Está sentindo dores?

Ela olhou para ele e devolveu o sorriso.

— Posso superar isso – foi a resposta objetiva.

Nathan pegou o odre e um pedaço de pão. Jael sentou-se reprimindo um gemido.

— Logo você vai se sentir melhor – ele a confortou. – Só precisa descansar mais um pouco.

Ela o olhou com incredulidade.

— Descansar mais um pouco, Nathan? Não temos tempo pra isso!

Ela viu que ele já havia encontrado o pequeno rolo, pois este se encontrava preso no cinto dele em um pequeno suporte. Nathan percebeu o olhar dela.

— Eu o encontrei quando tirei sua túnica.

— Você o abriu?

Ele suspirou e passou-lhe o rolo.

— Não nego que tive vontade. Mas, assim como a Profecia Selada deve ser lida por Deborah, este mapa deve ser lido e aberto por você, a Guardiã.

Ela pegou o rolo da mão dele e ficou manipulando—o sem ter coragem de abrir.

— Vamos lá! Coragem!

Ela retirou de dentro do rolo um pequeno papiro. Ao abrir, de início, ela não conseguiu ver nada. Era como se fosse uma folha em branco.

— Em branco? – espantou-se Nathan. – Isso não pode ser possível...

Jael fechou os olhos e lembrou-se das palavras de Jethro: apenas a Guardiã podia ler o mapa. Quando ela abriu novamente os olhos conseguiu ver nitidamente a escrita antiga e o contorno de um mapa em cujo centro havia um círculo feito com tinta vermelha. Ela o observou com atenção. Subitamente a compreensão veio como um raio. Ela olhou para Nathan com um brilho nos olhos.

— Eu sei onde nós temos que ir – ela falou confiantemente.

— Descobriu isso numa folha em branco?

— Não está em branco pra mim.

Ela tentou levantar, mas sentiu uma pontada no ombro ao se apoiar no braço direito. Ela voltou a sentar e escorou-se na parede, branca como cera.

— Calma, Jael! – Nathan pediu. – Sei que precisamos agir rápido, mas você necessita de descanso. Além do mais, já escureceu. Durma e amanhã iniciaremos nossa viagem, embora eu ainda não saiba para onde...

Ela notou o tom queixoso dele e sorriu.

— O Monte da Lei – ela explicou. — É lá que está a Profecia.

Ele a fitou de boca aberta.

— Será uma longa viagem! – foi o que conseguiu dizer.

— Seria se fôssemos pela rota convencional, mas há outro caminho. O mapa o indica com bastante nitidez de detalhes.

Nathan passou as mãos pelo rosto. Ele estava eufórico. O Monte da Lei! Ele pisaria no monte sagrado.

Durante o jantar, Deborah ouviu da boca de seus avós toda a história de seus pais. O rei Abimael deveria desposar Atalia, que era a filha mais velha de um reino aliado, mas sua atenção e amor foram totalmente voltados para a princesa Cirene, sua irmã mais nova. Eles se casaram e Cirene partilhava da mesma fé que o marido, sendo uma com ele. Na ausência do rei, ela era respeitada por todos como uma soberana sábia, em quem podiam confiar. Eles iam regularmente ao Santuário de Shiloh acender o fogo sagrado e orar pela volta dos anos de luz. As profecias naquele tempo não eram boas. Previam-se nuvens negras que se aproximavam rapidamente. Quando Cirene ficou grávida, Atalia ofereceu-se para lhe servir de companhia. Ela já havia visitado o reino outras vezes, mas naquela ocasião, sua presença passaria a ser permanente. O rei teve que viajar para resolver alguns problemas de fronteira e foi morto numa emboscada. A notícia deixou Cirene tão abalada que ela foi definhando a vista de todos. Suas visitas ao Santuário ficaram mais raras. Chegaram inclusive a dizer que Atalia a estaria envenenando aos poucos. O fato é que na época de entrar em trabalho de parto, ela estava tão fragilizada que seu corpo não

agüentou. Por obra divina, Hulda estava visitando o reino naqueles dias. O resto ela já sabia.

Ela olhou para os dois velhos com admiração e ternura.

— Por que ela não os seguiu até aqui, já que queria destruir toda a família real?

— Ela não nos via como ameaça – Ana respondeu. – Quando Zipor foi mandada embora, nós a acompanhamos na surdina da noite.

— Shiloh sempre foi evitado por Atalia – Zipor falou. – Aqui há muita energia proveniente do tempo das luzes. Ela não agüenta isso. Dedica seu tempo entre a torre de seu palácio e as salas ocultas do templo. O santuário foi abandonado e esquecido.

Deborah a olhou de forma interrogativa.

— O que ela guarda nas salas do templo?

Ana a olhou preocupada.

— Dizem que ela dividiu as águas do poço sagrado, a fim de ter completo poder sobre seus inimigos em Salema. Um pequeno poço com parte dessa água foi colocado no interior do templo.

— Dois poços, dois portais – Deborah murmurou lembrando-se do ataque que sofrera em Hazorah.

Simeão tocou na mão da neta.

— Fique conosco. Não gosto de saber que está lá, tão perto do perigo.

Deborah sorriu para o avô.

— Não posso ficar. Ainda não terminei o que vim fazer aqui. Falta algo que eu preciso ver.

— O templo? – Ana perguntou.

— Não, esse eu já vi – ela falou com a voz cheia de tristeza. – E lamento pelo que vi.

— Não deve ir ao sacrifício! – manifestou-se Simeão. – Não pise naquele lugar.

Ela respirou fundo.

— Sei que vai ser difícil, mas eu tenho que ver. A minha vinda até aqui não será completa sem isso.

Ana pegou-lhe as mãos e a fez olhar para ela.

— Por que sente isso?

Deborah percebeu que a avó tinha o dom profético, assim como ela. A voz da mulher indicava apreensão e medo. Eram as mesmas impressões que ela sentia ao pensar no sacrifício. Por um momento, ela quis desviar os olhos, mas sentiu o aperto das mãos de Ana.

— Eu apenas sinto que preciso ir.

— Deborah...

Ana foi tomada por uma súbita vertigem e Deborah a amparou.

— Vovó, o que foi?

A mulher abriu os olhos marejados de lágrimas e tentou sorrir.

— Acho que tive emoções demais por hoje...

Zipor a ajudou a levantar.

— Venha, Ana. É melhor você descansar. Deborah ainda estará aqui amanhã.

Antes de sair, Ana depositou um beijo na testa da neta e deixou-se conduzir para o quarto.

— Gostaria de caminhar um pouco pelo jardim? – Simeão perguntou.

— Claro – ela respondeu ainda preocupada com o estado de Ana.

Simeão era um homem inteligente e agradável. Deborah logo percebeu o seu amor pelo jardim. Ele parecia conhecer cada flor pelo nome.

— Quando nós chegamos aqui e vimos o lugar abandonado... Foi muito doloroso. Atalia havia conseguido apagar todo o vestígio do antigo santuário. Eu e Ana nos propusemos a cuidar dele e nunca deixar sua luz se apagar de novo.

Ele apontou para uma tocha que estava acesa sobre um pedestal no meio do jardim.

— O fogo sagrado. Foi aceso de maneira sobrenatural pelo Grande Pai. Quando chegamos aqui, ele estava apagado e não tivemos coragem de acendê-lo, pois somos apenas humanos.

— Então, quem o acendeu?

Ele sorriu.

— Eu creio que ele foi aceso no dia em que você surgiu em nosso meio. Nós estávamos aqui no jardim, quando de repente a chama surgiu do nada. Nós sentimos no coração que algo maravilhoso havia acontecido. No outro dia, Zipor trouxe notícias de que a Tocha de Lapidote havia sido acesa.

Ele pôs a mão sobre o ombro dela e a puxou para si como um pai o faria.

— Vocês nunca perderam a esperança, não foi?

— Nunca. Fico feliz em ver que fomos recompensados.

Ela ficou a olhar a tocha com uma expressão melancólica e distante. Simeão afastou-se com um suspiro.

— Acho que vou entrar agora. Deixarei a porta aberta, caso queira ficar mais um pouco.

Ela sorriu para o avô com cumplicidade.

— Tudo bem, eu acho que vou ficar.

Quando ele se afastou, ela ajoelhou-se perante o pedestal e curvou a cabeça. Era incrível como a presença do Pai era forte ali, naquele pequeno e antigo santuário na montanha. Sentiu que estava em um local sagrado e protegido de qualquer influência sombria.

Barak selou o cavalo e passou a mão no pelo branco e macio de Alvorada. O animal relinchou dando as boas vindas para o dono.

— Está pronto para a viagem, amigo? – ele perguntou sorrindo.

Barak resolveu partir na frente, sozinho, a fim de rever a esposa em sua volta. O restante da embaixada ficaria mais um pouco e voltaria em comitiva. Ele virou-se ao ouvir passos atrás dele. Era Omã, um dos conselheiros do reino de Damasco.

— Vai mesmo partir, comandante?

— Sim, meu amigo. O meu coração me chama de volta. Já cumpri o que vim fazer aqui e percebo que os reinos estão bem unidos no propósito de lutar ao nosso lado.

Omã suspirou.

— A Herdeira pode contar com a nossa lealdade, Barak. Ela não nos devolveu apenas nossas terras, mas também a esperança e a vida para os nossos soberanos, que considerávamos perdidos. Volte com a certeza do sucesso de sua missão.

Barak abraçou o novo amigo e montou no cavalo.

— Parece mesmo ansioso por retornar. Uma dama o espera, com certeza.

Barak sorriu com ar misterioso.

— Sim, Omã. E digo-lhe mais, a saudade está me matando.

Ele acenou para o amigo e saiu a galope. Deborah ainda não devia ter voltado, mas ele a esperaria em Hazorah. A demora não importava mais, contanto que a distância fosse menor.

Jael apertou as rédeas do cavalo. Era fim de tarde quando chegaram a orla do deserto com vista para o Monte da Lei. Ela olhava o cenário fantástico com um nó na garganta. Em cima da montanha pairava uma nuvem espessa e avermelhada. Parecia feita de fogo. Nathan emparelhou ao lado dela.

— Não é como Hazorah – ele falou.

— Talvez seja mais assustador – ela murmurou.

Ele a olhou com surpresa.

— Por que diz isso?

— O nosso poder era maior do que o de Hazorah, mas esse poder é diferente, Nathan. A Profecia surgiu no meio dessa nuvem. Como eu posso enfrentar algo tão grandioso? É o poder da própria Luz!

— Você é a Guardiã, Jael! Você pode!

Ela desceu do cavalo e caminhou até a borda da colina. Ficou lá a observar em silêncio a nuvem que parecia em chamas.

— Jael? – Nathan chamou após alguns segundos.

— Você vai comigo, Nathan? – ela perguntou sem se voltar.

Ele desceu do cavalo e foi ficar ao lado dela. Nathan pegou-lhe a mão e apertou-a com firmeza.

— Foi para isso que eu vim com você, menina.

Ela concordou com um breve gesto de cabeça. O olhar extremamente grave, que o fez se lembrar de Deborah antes de usar o poço no deserto. Ela foi até Solaris e pegou o arco, a aljava cheia de flechas, um odre cheio de água e os pendurou nas costas. Ela afagou o animal com certa solenidade.

— Eu voltarei logo, amigo.

— Por que não aguarda o amanhecer? – ele perguntou.

— Eu estou com medo, mas existe algo mais forte do que isso ardendo dentro de mim, Nathan. Eu sinto o chamado da montanha. Sinto-me atraída por aquela nuvem como a chuva é atraída para a terra.

Ela passou por ele decidida e pronta para qualquer desafio. Nathan pegou uma bolsa com algumas coisas que podiam precisar e a seguiu, alguns passos atrás.

Deborah caminhava pelas ruas à noite e notava com interesse a movimentação diante do anfiteatro ao lado do templo. Era lá que aconteceria, pela manhã, o sacrifício anual. Diziam que Atalia havia preparado algo especial para aquele ano. Deborah não queria ir. Não queria ver as terríveis cenas que, com certeza, iriam se desenrolar diante de seus olhos. Mas era-lhe necessário ver até que grau de maldade o ser humano poderia chegar, quando dominado pelas trevas da ignorância. Observando a fachada escura e lúgubre do templo, ela não pode evitar a comparação com o santuário de Shiloh, com o jardim bem cuidado que exalava o perfume agradável de várias flores. O Pai estava em Shiloh, mas sua entrada havia sido barrada em Salema. Não podia ser por força ou através de armas que aquela situação mudaria. O caminho tinha que ser outro.

Ela voltou para casa e encontrou Silas guardando a mercadoria que havia chegado naquela noite. Ela foi ajudá-lo.

— Vai mesmo amanhã? – ele perguntou. – Não vai gostar do que vai ver.

Ela riu e balançou a cabeça com certa amargura.

— Por que se preocupa? Essa não é a “festa anual” da cidade? O povo não se regozija nesse dia?

Ele a encarou com seriedade.

— Não pessoas como nós, Deborah!

Ela o pegou pela mão e o fez sentar-se na mesa. Ele a olhava intrigado. Deborah sentou-se na frente dele e o prendeu com o olhar.

— Silas, lembra-se de que eu falei que você saberia tudo sobre mim antes que eu fosse embora?

Ele apenas balançou a cabeça.

— Eu sou a Herdeira, Silas — ela falou de forma clara e direta.

A confissão pegou o homem desprevenido. Silas podia imaginar qualquer coisa, menos que a Herdeira estivesse ali na sua frente. Ele conhecia os fatos que haviam se desencadeado em Hazorah. Todo o mundo conhecia. Os rumores sobre a lendária Profecia e seu cumprimento. Ele até pensou em cortar caminho e passar por Hazorah a fim de confirmar as histórias, no entanto, havia ficado com medo de encontrar a mesma hostilidade de antes. Agora, aquela moça estranha, que surgira na sua frente em um garboso cavalo preto, que curara suas costas e muitas outras pessoas com seus milagrosos chás de ervas, que falara de coisas etéreas sobre mudanças... Era ela! Era verdade! O olhar dela não mentia. Era um olhar límpido e transparente.

— Você... A Herdeira?!

O homem parecia que ia ter um ataque do coração ali mesmo. Ele levantou-se e ficou andando de um lado para o outro da sala.

— Você me ajudou a guardar a mercadoria!... A descarregar a carroça! O que foi que eu fiz? Eu deveria me ajoelhar aos seus pés, eu...

Ela o pegou pelo braço com firmeza fazendo-o parar.

— Eu fiz o que eu quis fazer, Silas. E não quero que se ajoelhe aos meus pés. Não foi para isso que eu contei a você o meu segredo.

Ele a olhou com atenção. Ela viu que ele chorava.

— E o que você quer de mim?

Ela sorriu ternamente.

— O que tem me dado até agora. Sua amizade sincera e sua ajuda.

Ele voltou a sentar mais calmo.

— Por favor, Silas... Eu continuo sendo a Deborah que você conheceu!

— Desculpe, mas eu preciso me acostumar com isso.

Ela sorriu.

— Eu não pensei que isso lhe abalaria tanto. Você nunca comentou nada sobre esse assunto comigo.

Ele fez um gesto largo com os braços.

— E como poderia? Estávamos indo para Salema quando a encontrei. Falar da Herdeira aqui é morte certa. Não se pode confiar em ninguém.

Ela recostou-se e cruzou os braços.

— Eu confio em você.

Ele então, olhou-a com uma expressão confusa.

— Por que você quer ir ao anfiteatro amanhã? O que irá adiantar? Que bem irá fazer?

— Nenhum. Mas é preciso conhecer a fundo a doença para buscar a cura certa. E amanhã eu terei a oportunidade de ver a ferida mais profunda do meu povo.

— E depois? Irá embora?

Ela concordou com a cabeça.

— Já fiz tudo o que precisava. É hora de voltar.

— E por que resolveu me contar tudo?

Ela voltou a fixar o olhar nele.

— Eu precisava conhecer o seu coração diante da verdade. Você me mostrou que tem muita gente boa nesse mundo e que vale a pena lutar por elas. Eu precisava agradecer.

— E o que mais? – ele perguntou como se aguardasse mais alguma coisa.

— Vou precisar de sua ajuda amanhã.

Jael alcançou a base da montanha. O fogo que parecia existir no seu topo iluminava o caminho. Havia também um vento sobrenatural que fazia o seu cabelo açoitá-lo o rosto e lhe atrapalhar

a visão. Ela olhou para trás e viu Nathan caminhando com dificuldade, carregando uma grande sacola. Ela parou para esperar por ele a fim de dividir o peso.

— Não se preocupe comigo – ele gritou. – A sacola está cheia, mas não está pesada.

Ela hesitou por um momento, então, decidiu prosseguir. Havia uma trilha estreita que levava para o alto. A montanha era pedregosa e suas pedras eram pontudas e afiadas. Seria bom não cair ali.

Ela parou para descansar no meio do caminho. O ar era rarefeito naquela altitude e ela se sentia entorpecida. Olhou para baixo e não viu nenhum sinal de Nathan. O cansaço a dominou e ela fechou os olhos. Em seguida, como se viesse de dentro de sua mente, uma voz a despertou. Era um sussurro, mas parecia bastante claro para ela.

— Não pare! – dizia a voz. – Precisa alcançar a porta antes que feche.

Ela abriu os olhos e, movida pela voz, reiniciou a subida. Dessa vez usou as mãos para ajudar na escalada. Foi assim que Jael alcançou o topo. Quase se arrastando, com as mãos feridas pelas pedras afiadas, o ombro latejando pela ferida ainda recente da flecha. Ela chegou ao cume da montanha, abaixo da nuvem, e forçou as pernas a manterem o corpo em pé. Não via Nathan e se preocupou com ele. Olhou para cima e se sentiu muito pequena. De súbito, caiu de joelhos e apoiou as mãos no chão. Podia sentir a força da Divindade.

— O que eu devo fazer agora? Para onde eu tenho que ir? – ela gritou.

Como se fosse uma resposta, ela viu um brilho incomum que vinha da abertura entre duas fendas. A abertura foi se alargando até formar um portal em forma de arco. Ela não precisou que nenhuma voz a mandasse entrar, ela simplesmente o fez.

Jael, ao passar pelo portal, viu-se diante de uma estreita passagem que descia para o interior da montanha. O caminho era escuro e frio. Ela não soube precisar o tempo que durou a

caminhada até ver uma luz literalmente brilhando no fim do túnel. Apressou-se para ela ansiosa para chegar a algum lugar.

A luz vinha de um aposento amplo que ficava após uma passagem em arco, como o portal, embora essa passagem fosse real e cavada na rocha. Ela entrou e viu que o aposento era enorme e tinha o formato circular. Nele havia um grande abismo de cujo centro saía uma plataforma também circular. No meio dela, em cima de um pedestal transparente como cristal, havia um rolo de páginas amareladas. Do espaço entre o abismo e a plataforma subia uma fumaça fina, porém discernível.

Jael olhou em volta a procura de alguma coisa que lhe desse uma pista de como passar para a plataforma sem cair no abismo. Foi quando ela viu um vulto se aproximar lentamente vindo de algum lugar do outro lado do aposento. Ela não ousou se mexer. Era um homem alto e desprovido de cabelos. Ele parecia um sacerdote das Cavernas do Sal, mas sua roupa era mais clara. Ele não parecia nem muito velho e nem muito jovem. Parou diante dela e fez uma breve reverência. Sem dizer nada indicou a plataforma com a mão.

— A Profecia espera pela Guardiã. Se for você, não terá medo de caminhar até lá.

Ela o olhou com incredulidade.

— Quem é você? – ela perguntou desconfiada.

— Quem eu sou não é importante, e sim, quem você é?

Ela olhou novamente para a plataforma.

— Existe um abismo ali, entre mim e a Profecia. Como eu poderia passar?

— Vai ter que descobrir isso sozinha. Pergunte-se até onde está disposta a ir?

Ela caminhou lentamente até a beirada do abismo. Sentiu o calor que emanava através daquela fumaça. Era real, não uma ilusão. Pisar em falso ali seria entregar a própria vida. Não havia nada que pudesse usar como ponte e nada para jogar uma corda. Jael parou de pensar. Algo estava errado! Ela estava pensando em como encontrar uma solução natural para um problema que de natural não tinha nada. Foi então que as palavras de Nathan vieram

até ela: “Você é a Guardiã! Você pode!”. Ela olhou fixamente em direção do rolo e estendeu a mão. O sinal da estrela começou a brilhar em suas costas, mas ela ignorou a ardência que isso causava.

— Eu posso alcançar a Profecia, porque a posse dela foi reservada a mim desde que nasci – ela falou com altivez. – Eu já vim até ela, agora ela virá até mim.

Subitamente, uma luz envolveu o rolo e o fez planar lentamente por sobre o abismo até pousar suavemente na mão de Jael. Ela segurou o rolo com as duas mãos e virou-se para trás. Não havia mais ninguém ali. O homem havia sumido. Ao olhar novamente para a plataforma, ela viu que o pedestal também tinha desaparecido. Ele não era mais necessário. A Profecia foi achada e logo o seu selo seria aberto.

— Todo aquele que dá um passo no desconhecido, arrisca o próprio destino, abrindo mão do controle de sua vida – a voz soou no espaço vazio.

Lentamente, perturbada com aquelas palavras enigmáticas, ela guardou o precioso rolo em uma bolsa que trazia presa ao cinto, e saiu em direção à porta.

Nathan chegara ao topo e não vira Jael. Mas como seria possível? Não havia nenhum lugar para ir além daquele! Ele fez a única coisa que poderia fazer. Sentou e esperou. Com o cansaço ele acabou dormindo, apesar da nuvem de fogo sobre a sua cabeça.

Ele acordou ao perceber um brilho diferente que procedia da parede. Nathan sentou-se assustado ao ver Jael sair do meio daquela luz. Ele ficou mais assustado ainda ao ver que o rosto dela brilhava e alguns fios brancos se tornaram visíveis no alto da sua cabeça. Ele ajoelhou-se ao perceber o que tinha acontecido. Não ousava levantar os olhos para ela, pois Jael parecia recoberta com uma aura de divindade. Ela não disse nada, apenas sentou-se ao lado dele séria e pensativa.

Quando ele teve coragem suficiente para olhar para ela de novo, viu que o brilho em seu rosto havia passado, mas os cabelos

brancos permaneceram. Ela mantinha a cabeça baixa e os olhos fechados.

— Jael... – ele tentou falar.

— Agora não, Nathan.

Eles ficaram ali em silêncio até os primeiros raios de sol surgirem no horizonte. Jael, então, virou-se para ele e pôs a mão no seu ombro com um sorriso.

— Está feito. Vamos embora.

Ela levantou-se e começou a descer a montanha. Nathan a seguiu, curioso e confuso.

CAPÍTULO 16

Sacrifício de Crianças

Deborah entrou no anfiteatro em meio a uma multidão de pessoas que se aglomeravam na entrada. Somente quando ela conseguiu passar e entrar na área das arquibancadas foi que ela pode ter uma visão clara do espetáculo. O local estava quase todo lotado, e as pessoas pareciam estar ali para assistir uma apresentação artística ou um torneio de lutas, tal era o estado de espírito que emanava delas. Estavam eufóricas.

Deborah caminhou ao redor da arquibancada mais baixa. Ela não estava procurando um lugar. O seu olhar, pelo contrário, estava lá embaixo, na arena. O local foi preparado para uma verdadeira festa. Ela viu, no centro da arena, uma réplica um pouco menor da estátua da deusa que ficava no templo. Aos pés dela havia um altar quadrado e comprido. Este ficava disposto sobre uma plataforma redonda. Ela percebeu que um suco fora cavado em volta do altar, possivelmente para receber o sangue das vítimas.

— A deusa irá se agradar do sacrifício desse ano – disse uma velha senhora ao passar por ela. – O sangue das crianças sempre traz muita prosperidade.

Deborah pensou não ter ouvido bem e correu atrás da mulher que caminhava rápido. Quando alcançou a velha, Deborah a pegou pelo braço, fazendo-a voltar-se surpresa.

— A senhora disse “crianças”? Vão sacrificar crianças?

A mulher balançou a cabeça sorrindo. Julgou que Deborah fosse mais uma das inúmeras pessoas que visitavam a cidade nessa época.

— Sim, mas elas estão preparadas para o momento final. O Grande Sacrifício. Cinqüenta crianças. Faz tempo que não temos um sacrifício assim. Vou atrás de um bom lugar para ver a cerimônia. Devia fazer o mesmo ou vai ficar sem lugar.

Deborah soltou o braço da mulher e a viu seguir para cima em direção a um lugar mais alto na arquibancada. Neste momento ouviu-se o toque das trombetas anunciando a chegada da rainha. Atalia caminhou para o meio da arena, cercada por um pelotão de suas amazonas e por uma procissão de sacerdotes. Todos vestiam roupas de uma cor marrom, cujo tom se assemelhava com a cor da terra.

Atalia subiu na plataforma sozinha e ergueu os braços. Ela falou uma série de palavras incompreensíveis com o rosto erguido para a estátua. Em seguida, ela olhou para o povo e falou:

— Durante meus momentos de meditação com a deusa, eu tive uma visão. Ela exigiu um sacrifício de pureza. Algo que vai sarar a nossa terra e trazer a chuva tão esperada. O melhor foi preparado para este dia. Regozijem-se e adorem, por cada gota de sangue que será derramado para regar nossa mãe! E viva a fartura e a prosperidade de nossos campos! Viva!

O povo repetiu a palavra com um vigor que fez Deborah querer vomitar. Ela respirou fundo e virou-se para o homem que estava sentado próximo a ela.

— Por favor, essa é a primeira vez que eu venho aqui. O que acontece agora? Já é o sacrifício?

— Não, ainda vai demorar um pouco. Primeiro, nós vamos ter o combate das amazonas.

— Combate?

— Sim. Elas vão demonstrar sua perícia contra prisioneiros de guerra.

— Uma luta até a morte?

— Exatamente.

Deborah balançou a cabeça.

— Bem, não deixa de ser um sacrifício, não é?

O homem fez um gesto vago e voltou a prestar atenção na arena. As lutas haviam começado. Três duplas lutavam ao mesmo tempo. Era uma luta desigual. As amazonas trajadas com toda sua armadura negra contra rapazes e moças, pertencentes a exércitos ou cidades inimigas, que trajavam apenas uma leve túnica e uma única espada. As lutas terminavam tão logo começavam devido a superioridade das guerreiras. O sangue começava a banhar a terra. Deborah sentiu que não agüentaria ficar ali por muito tempo. Ela sentiu o peso da espada que Silas havia conseguido para ela, e que estava bem escondida por dentro da sua túnica, nas costas. Ela sabia que, ao adentrar um local público como aquele, estaria se expondo a ser reconhecida pelas amazonas que lutaram em Hazorah, e precisava estar preparada para uma saída estratégica. Seguiu seu caminho, disposta a saber onde ficava a entrada para os subterrâneos do anfiteatro, quando uma nova cena chamou sua atenção.

Quando as lutas acabaram, um homem acorrentado entrou por uma porta lateral, direcionado por um sacerdote. Eles pararam em frente ao altar. Diante deste, a sacerdotisa-chefe empunhava um pequeno machado. Ela cantarolava enquanto movimentava—o pelo cabo em movimentos rotatórios. O homem trazia no rosto um ar digno e nobre. Era um homem maduro e robusto. Possivelmente um guerreiro de alta patente.

— Aquele é o rei de Timnah – falou o homem ao seu lado.
– Atalia vai sacrificá-lo com a morte destinada aos reis vencidos. É um ritual antigo que ela está fazendo reviver. Timnah tentou se rebelar e enviou mensageiros para o norte, em busca de notícias sobre Hazorah. Desde a derrota do rei Jabim, esta cidade é um anátema para Salema.

Deborah não conseguia despregar os olhos daquela cena. O homem foi deitado e suas mãos foram presas a argolas de metal. Os pés permaneciam soltos embora seguros por sacerdotes robustos. A sacerdotisa entregou o machado ao carrasco e caminhou até o incensário.

— O que eles vão fazer? – Deborah perguntou.

— Eles irão cortar seus polegares das mãos e dos pés. Ele sangrará até a morte e entrará na eternidade sem forças e sem identidade. É assim que um rei vencido é humilhado e morto em Salema.

Deborah levantou-se e saiu apressada. Não queria ver aquilo. Enquanto ela passava pela multidão podia ouvir os gritos alucinados do rei de Timnah. Um rei que havia encontrado a verdade e que buscava Hazorah como aliado. De forma natural, lágrimas inundaram seus olhos.

Nathan e Jael encontraram um acampamento a poucos quilômetros de onde estavam.

— Fique aqui – Nathan falou ao descer do cavalo.

Jael obedeceu e ficou olhando enquanto o pequeno sacerdote conversava com o homem que parecia ser o líder. Quando ele voltou trazia um sorriso no rosto.

— Venha, Jael. Ele irá nos hospedar.

— Hospedar? – ela perguntou surpresa. – Pensei que tínhamos pressa em voltar!

Ele se aproximou dela e pegou-lhe a mão com ternura.

— Minha menina, você tem que parar e descansar. Quando tiver dado ao seu corpo aquilo que ele merece, nós continuaremos.

Ela não teve como argumentar. O cansaço era tão grande que ela mal conseguia se sustentar no cavalo. Nathan a levou até o líder e este os guiou até uma tenda cheia de almofadas e tapetes. Jael deitou-se sobre as almofadas para sentir-lhes a maciez.

— Eu poderia me lavar e comer alguma coisa antes, mas...
– ela não conseguiu continuar porque havia dormido.

Nathan sorriu e retirou as botas dela e a túnica pesada da poeira da estrada. A Guardiã havia cumprido sua missão.

Deborah desceu por uma passagem lateral que ia dar nos subterrâneos do anfiteatro. Era lá que as vítimas do sacrifício ficavam aguardando a sua hora. Ela entrou em um corredor escuro com celas gradeadas em ambos os lados. Algumas estavam vazias, outras mantinham pessoas esqueléticas e quase sem vida. Ela

lembrou-se das prisões de Hazorah e lamentou não poder operar a mesma libertação naquele lugar. O corredor estava vazio, pois as pessoas se aglomeravam nas portas, a fim de assistir a morte do rei de Timnah, cujos gritos angustiosos haviam parado há pouco tempo. Ela parou diante de uma cela no centro do corredor. Era uma cela ampla, maior do que as outras. Lá dentro, encolhidas e assustadas em um canto, cerca de vinte crianças choramingavam com os olhos cheios de terror.

— Onde estão as outras crianças? – ela perguntou a um menino gordinho que a olhava com curiosidade.

Ele apontou para a cela em frente. Ela viu que ali havia mais crianças que variavam dos cinco aos dez anos. Deborah aproximou-se da cela ao reconhecer um rosto banhado de lágrimas. Era a menina que ela tinha encontrado no templo. Uma menina que fora iludida a acreditar na benevolência de uma deusa que agora exigia a sua vida.

— Afaste-se da grade – ela pediu a menina que deu dois passos assustados para trás.

Com um único movimento, Deborah puxou a espada e a desceu com toda a força sobre o cadeado. Este se partiu instantaneamente. Ela abriu a porta.

— Corram! Não pensem em parar até estarem num lugar seguro.

As crianças não esperaram uma segunda ordem e saíram em disparada para a porta que ia dar na rua. Deborah virou-se e partiu o cadeado da outra cela. O menino gordinho abriu a porta e comandou o segundo grupo na fuga.

— Ei, o que está acontecendo aqui?

O responsável pelos prisioneiros ouviu o barulho e foi averiguar. Quando ele percebeu o que estava acontecendo voltou correndo a fim de tocar o gongo e dar o alerta de fuga. Era hora de deixar Salema, pensou Deborah. Ela correu em direção a porta por onde as crianças fugiram, mas teve a saída barrada por duas amazonas que a olhavam surpresas e decididas a não deixá-la passar. Com um giro no corpo, a espada de Deborah desenhou um arco no ar que fez as espadas das guerreiras voarem. Empurrando

uma com o ombro, ela conseguiu passar e se meter entre a multidão que continuava com os olhos no “espetáculo” e sem saber o que estava acontecendo lá embaixo. Olhando para trás ela viu um grupo maior de guerreiras vindo em sua direção e saiu em disparada. Ela viu que o portão estava sendo fechado e se apressou. Teve medo de não dar tempo alcançá-lo, mas o porteiro, que certamente havia sido avisado do ocorrido, soltou o portão com um grito de dor. O garotinho gordo havia voltado e acertado uma paulada no pé do homem, que pulava ensandecido de dor e raiva. Deborah sorriu agradecida para o garoto. Ele agarrou a mão dela e a puxou em direção a uma rua estreita .

Ela deixou-se levar por ele na urgência de escapar dali o mais rápido possível. Os gritos que ficaram para trás foram se distanciando, à medida que eles entravam por várias ruelas transversais naquele labirinto urbano. O menino parou em um beco sem saída e Deborah olhou para ele desalentada. E agora? Ele sorriu e, abaixando-se, puxou um quadrado de madeira que escondia uma pequena abertura na base da parede. Ele entrou pelo buraco e ela o seguiu. A tampa foi abaixada e tudo ficou escuro.

Ela ouviu as vozes alteradas e o som de vários passos lá em cima. Estavam a sua procura e a procura das crianças. Quando as vozes foram ficando mais distantes, ela se permitiu sentar e descansar com um suspiro de alívio.

Quando Atalia soube do que havia acontecido com as crianças escolhidas e que o grande sacrifício preparado por ela havia falhado, sua ira não poderia ter sido pior. O sacrifício continuaria e as vítimas seriam os prisioneiros que ainda viviam naquelas prisões. Pessoas indignas de serem sacrificadas à grande deusa, ela pensou.

— No próximo ano, eu garantirei um sacrifício digno – ela falou para a sacerdotisa com um tom de voz frio e controlado.

— A deusa entenderá, majestade – disse a mulher se afastando.

Dessa forma, a cerimônia continuou.

Deborah viu que eles estavam em um quarto que devia servir de depósito para os comerciantes.

— Onde estão as outras crianças? – ela perguntou.

— Eu as levei para o túnel que vai dar na estrada do campo. Elas conseguirão ir para casa, pois a maioria delas foi trazida de lá.

Ela admirou-se da segurança na voz dele.

— Eu preciso sair da cidade. Pode me ajudar?

— Você pode sair pelos túneis. Podemos alcançá-los por aqui. Venha!

Ela levantou-se e o seguiu. O quarto tinha uma porta que se abria para um longo corredor. Deborah o seguiu e percebeu que o menino já estava acostumado a andar por ali.

O corredor transformou-se em rocha sólida e ela viu que tinham alcançado os túneis. Quando eles chegaram a uma bifurcação, ele apontou para o caminho da esquerda.

— Esse vai dar embaixo dos muros da cidade. É só seguir em frente.

Ela o deixou e se foi pelo túnel que ele indicou. O menino ergueu a mão num adeus que ela não viu.

Kyara andava de um lado para o outro junto ao portão de entrada do anfiteatro. Uma das amazonas, que haviam tentado barrar a estranha junto às celas, havia lutado na batalha de Hazorah e jurava ter visto a Herdeira em sua frente. Segundo o relato da guerreira, Deborah esteve ali e soltou as crianças. Kyara pensava no que fazer. Se a rainha soubesse que tal fato aconteceu e que a Herdeira escapou de suas mãos, ela terminaria seus dias abandonada em alguma cela imunda ou numa mesa de sacrifícios, enquanto outra amazona tomaria o seu lugar como capitã da guarda. Isso não podia acontecer. Ela encontraria Deborah e a levaria debaixo de grilhões para presentear a rainha. Sim, ela faria isso. Vasculharia cada casa, mandaria fechar os portões da cidade. Ela não poderia escapar em tão pouco espaço de tempo.

Enquanto Kyara tecia seus planos, Deborah corria pelo caminho que levava montanha acima, pois há muito já havia saído da cidade. Ela seguia o mesmo caminho que havia trilhado com Silas quando foram à casa de Zipor. Ela tinha pressa. Não a preocupava estar ao alcance das amazonas. Estas a estavam procurando dentro da cidade, e esta era grande. A sua preocupação estava no fato de sua presença ter sido descoberta e de que isso despertasse os poderes da rainha. Ela não podia esquecer que tinha um ponto fraco em seu próprio corpo. E o ataque espiritual de Atalia era algo que ela não estava disposta a sentir ali, tão longe dos sacerdotes, tão longe de Nathan.

Kyara não precisava se preocupar em esconder a presença de Deborah da rainha. Esta havia sido avisada por uma das sacerdotisas que se encontravam junto às amazonas, quando estas deram seu depoimento à capitã. Ela, imediatamente, abandonou o anfiteatro enquanto ocorriam os últimos sacrifícios. A sacerdotisa-chefe ia ao seu lado. Atalia não dizia uma palavra, mas seu olhar era duro e impenetrável.

Elas entraram no templo vazio. A sacerdotisa a guiou até a sala interna das oferendas. Lá, um grande tanque redondo ficava postado no centro. Atalia caminhou rapidamente até ele.

— Foi uma idéia excelente a de colocar parte da água sagrada do poço das visões aqui – a rainha falou com um sorriso maldoso. – O meu poço no palácio agirá como portal de saída para o ataque que tenho preparado.

A sacerdotisa acendeu duas velas e saiu da sala em silêncio, deixando a rainha sozinha.

Deborah tropeçou e caiu com um grito, agarrando o braço. O ataque havia começado. Ela teve que usar toda a sua força para manter a armadura espiritual firme até que conseguisse chegar à casa de Zipor. Ela podia perceber sombras que a envolviam e passavam por entre suas pernas ou tapavam sua visão. Ela parou e apoiou-se numa árvore. Ajoelhou-se e proferiu algumas palavras que lhe foram ensinadas por Nathan. Eram palavras poderosas que

estavam contidas dentro da Profecia, e que deveriam ser ditas na língua em que foram escritas. Ela abriu os olhos e viu que as sombras haviam se dissipado. Levantando-se, voltou a correr em direção ao topo.

Atalia suave e arfava enquanto lançava mais uma série de ataques. Ela podia sentir a presença da Herdeira muito perto. Quase ao alcance da sua mão. Mas a espantava o quanto ela estava forte!

Respirando fundo, Atalia foi até a mesa de incenso e pegou um punhado de um pó negro que era guardado em um pote lacrado. Voltando ao tanque ela lançou o pó, espalhando-o pela superfície da água. Uma voz sibilante como de uma serpente saiu de sua boca, e ela começou a entoar um cântico monótono e lento.

— Deborah! – Jael acordou com o coração aos pulos.

Nathan entrou correndo na tenda e viu a moça com o olhar assustado.

— O que foi, Jael?

Ela agarrou as mãos dele e o fitou com os olhos cheios de preocupação.

— Está acontecendo alguma coisa com Deborah! Eu posso sentir isso!

Ele ajoelhou-se ao lado dela.

— Lembra-se de quantas vezes ela intercedeu por você?

Jael balançou a cabeça que sim. Ela estava assustada.

— Precisamos fazer isso agora, Jael.

— O que eu devo fazer?

Ele respirou fundo.

— Concentre-se em fortalecer sua armadura espiritual e eleve seus pensamentos para sua irmã.

Jael fechou os olhos e procurou fazer o que Nathan disse.

Deborah estava quase lá. Ela já podia até ver a casa. O ataque que se seguiu, no entanto, foi tão forte que ela achou que sua alma estava sendo invadida por um exército de sombras. Ela soltou um grito e caiu de joelhos com as duas mãos pressionando a

cabeça. Zipor a viu de longe e correu. Ao seu lado estava Silas. O caravaneiro envolveu Deborah com seus braços.

— Deborah! Deborah! – ele olhou apavorado para Zipor.

— O que nós faremos, Silas? – ela perguntou.

Deborah soltou um gemido, tentando voltar a si.

— Shilloh! – ela conseguiu dizer com esforço. – Me levem... para o santuário...

Foi o que ela conseguiu dizer antes de desmaiar. Silas a pegou nos braços e, com a ajuda de Zipor, a colocou na carroça. Em seguida, ele foi correndo buscar Bruma. A ex—parteira sentou-se ao lado dela e apoiou sua cabeça no colo. A mulher não sabia o que fazer, então massageava suas têmporas como se adiantasse alguma coisa.

— Já estou vendo os muros do santuário – disse Silas. – Como ela está?

Deborah mexia-se agitada e Zipor olhava com terror uma luz vermelha que parecia envolver lentamente o braço da moça. Uma luz que parecia surgir de dentro. O que seria aquilo?

— Eu não sei dizer, Silas. Mas ela não me parece muito bem. Seja mais rápido, por favor!

Quando a carroça atravessou o portão do santuário, Ana e Simeão vieram correndo recebê-los. Simeão viu logo o que estava acontecendo e tomou a neta nos braços. Apesar da idade, ele era um homem forte.

— Ana, você precisa usar o óleo em volta do santuário e selar o lugar, a fim de protegê-lo da visão da rainha! Rápido!

A mulher agiu com a rapidez de quem sabia exatamente o que estava acontecendo. Zipor fez menção de ajudá-la.

— Não, minha amiga – disse Ana. – Vá para dentro e ajude Simeão.

Zipor obedeceu a antiga rainha—mãe e entrou. Simeão havia deitado Deborah em uma cama. A moça estava acordada, mas debatia-se angustiada, segurando o braço com força.

— Meu braço... Está queimando! – ela gritou.

Simeão pegou um saquinho de seda na mesa de cabeceira e o colocou próximo ao nariz da neta. Ela começou a se acalmar, no entanto, Zipor notou que lágrimas escorriam de seus olhos. Seja lá o que estivesse causando aquela dor, ainda não havia parado.

— O que está acontecendo, Simeão? O que ela tem?

O homem a olhou com gravidade.

— Atalia descobriu que ela está por perto e lançou algum tipo de ataque. Eu só não entendo a sua natureza. Nunca vi um ataque assim antes.

Silas, que apenas observava sem nada entender, percebeu que algo estava acontecendo.

— Olhem o braço dela! A luz está diminuindo!

Era verdade. A luz vermelha e ofensiva estava tornando-se mais clara e diminuindo. Deborah soltou um suspiro que parecia ser de alívio. Nesse momento, Ana entrou na casa e correu até a cama, aflita.

— Já terminei. Como ela está?

Simeão sorriu.

— Ela ficará bem agora, querida.

Deborah abriu os olhos meio febris e olhou para os avós, que pareciam aflitos.

— Obrigada... – ela falou num sussurro cansado.

A cor de seu braço havia voltado ao normal, mas ela ainda ia precisar de um tempo para se recuperar. Simeão a beijou na testa.

— Descanse. Está segura aqui, por enquanto.

Eles saíram e a deixaram dormir.

CAPÍTULO 17

A Fuga de Salema

Nathan e Jael saíram da tenda. Ambos precisavam respirar o ar, por mais quente que ele fosse. A experiência fora exaustiva..

— Tenho visto tantas coisas e sentido tantas experiências diferentes desde que iniciamos essa viagem, que tenho medo de

estar me tornando outra pessoa – ela falou com um medo quase infantil na voz.

Ele sorriu.

— Você se tornou aquilo que nasceu para ser, Jael. E não lamente. Lutou muito bem hoje.

Ela olhou para ele espantada.

— Aquilo foi real, não foi, Nathan?

— Sim, foi. Nós vencemos uma batalha, mas é bom estarmos preparados para outras. Deborah foi se enfiar na toca dos lobos. Só espero que consiga sair dela.

— Devemos ir, então? Salema não fica longe daqui.

Ele a segurou pelo braço.

— Jael, já não basta Deborah estar ali? Você também quer se enfiar na toca?

Ela sorriu para ele e Nathan teve medo daquele sorriso.

— Essa é a idéia. Ela vai precisar de uma distração, não vai?

— Não pode se colocar como isca! Está louca?

— Tente me impedir, então.

Ela saiu a passos rápidos forçando-o a segui-la quase correndo. O terrível era que ele sabia muito bem do poder de decisão de Jael. Ele não conseguiria tirar tal idéia de sua cabeça.

Quando Deborah acordou, encontrou Ana olhando-a com olhos preocupados.

— Como se sente?

— Cansada.

Ana pousou as mãos nas suas.

— A senhora sabia o que ia acontecer? Foi o que viu naquela noite quando não queria que eu fosse ao sacrifício?

A mulher não respondeu. Na realidade, a visão que teve fora bem pior, mas não ousava declará-la.

— Talvez eu tenha sentido isso – Ana respondeu.

Deborah respirou fundo.

— Eu preciso ir embora daqui.

Simeão entrou no quarto.

— Nem pense nisso – ele disse com autoridade. – O que acha que vai encontrar assim que pisar fora do santuário?

Ela o encarou.

— Então, eu devo ficar aqui e esperar a rainha vir me buscar? Ela não vai demorar em saber onde estou. Em algum momento, ela vai se lembrar desse lugar.

Ele puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da esposa.

— O que aconteceu? Eu nunca vi algo assim antes. Foi um ataque diferente e muito estranho pra mim.

Deborah olhou para os avós e resolveu ser sincera.

— Fui ferida por Sísera na batalha de Hazorah. Ele havia mandado confeccionar uma espada com o ferro negro de Babilos. Ele morreu, mas deixou em mim algo que servirá para sempre de ponto de contato para esses ataques. Aconteceu uma vez em Hazorah, após a guerra. O ataque veio através do poço de Jabim.

Ana e Simeão trocaram um olhar tenso.

— E mesmo assim arriscou-se a vir até aqui – Ana a repreendeu. – Que loucura a impulsionou a fazer isso?

Deborah sentia-se frustrada por não conseguir fazer as pessoas entenderem que o impulso viera do Pai. Ao comentário da avó ela preferiu calar-se.

— Ana, não seja tão severa em seu julgamento – Simeão falou. – Acredito que ela não teria feito isso sem um bom motivo.

Deborah suspirou e sentou-se na cama sentindo a cabeça rodar.

— Não sabíamos sobre o segundo tanque – ela explicou. – Os poços funcionam como portais para a entrada e a saída de encantamentos. O nosso erro foi acreditar que Atalia só dispunha do poço pelo qual enviava suas magias. Isso me deixaria uma margem de segurança. Nunca foi cogitada a possibilidade da água do poço, sendo dividida, servir para o mesmo propósito que o poço em si. Foi algo inesperado.

— A quem você se refere como “nós”? – Ana perguntou.

— Eu e o Conselho que me assiste em Hazorah – ela respondeu e depois deu uma risada descontraída. – Isso é algum

tipo de interrogatório?

Os avós sorriram desconcertados.

— Desculpe-nos, querida – disse Simeão. — Estamos apenas preocupados.

Ela levantou-se e caminhou até a porta que dava para o jardim. A mão esfregava o braço ainda dolorido pelo ataque.

— O seu braço... – a avó começou a falar. – O que aconteceu?

Deborah respondeu sem se virar.

— Foi onde Sísera me feriu. O ferro negro da lâmina depositou alguma substância nociva dentro de mim que responde aos encantamentos de Atalia. É um ponto de contato.

— Através do corpo físico – murmurou Simeão. – Debilitando a matéria, o espírito também enfraquece.

Deborah olhou para ele concordando.

— Se você não tivesse chegado a tempo na casa de Zipor, a rainha a teria encontrado e a esta altura você estaria em suas mãos – Ana falava quase como para si mesma. – Isso não deve acontecer ainda.

Deborah arregalou os olhos ao virar-se para a avó.

— Ainda?

Percebendo que havia falado demais, a mulher levantou-se desajeitadamente.

— Eu preciso ver se os pães já assaram – ela falou e saiu do quarto apressadamente.

Deborah olhou para Simeão. O homem também parecia perplexo. Ele saiu e foi cuidar do jardim. Deborah tentou meditar sobre o que ficou pendente nas palavras de Ana, mas não conseguiu se concentrar em nada objetivo ou que fizesse sentido. Simeão talvez estivesse certo. Ana estava preocupada e temia pelo pior. Era natural.

Jael e Nathan já podiam ver o rio e a ponte que levava ao caminho de Salema. A noite, já acomodados para dormir, ela virou-se para ele, no outro lado da fogueira.

— Como vamos achar Deborah? Ela precisa ser avisada de que vamos fazer, do contrário nada vai adiantar.

Ele sentou-se sobre a manta e cruzou as pernas.

— O poder de Atalia envolve uma vasta região. Ela possui de algum modo, uma porta para a saída dos encantamentos, algo que não prevíamos. Deborah não pode ter ido longe, embora esteja em segurança.

— Em segurança? Na região de Salema? Isso seria possível? Existe algum abrigo para os sacerdotes das Cavernas do Sal por aqui?

Ele ergueu a mão para ela parar. Jael notou que ele estava pensando em algo e sentou-se, aguardando ansiosa pela resposta dele.

— Talvez Deborah tenha encontrado um abrigo, de fato! Nesta região, não muito longe da cidade, existe um antigo santuário que funcionava antes da época das trevas. Era um lugar sagrado onde ardia a chama eterna. Shilloh!

— E por que acha que seria um lugar seguro? Deve estar em ruínas!

— Não, Jael! Mesmo em ruínas, é um solo santo. Atalia não tem poder sobre ele e deixou-o a mercê do tempo, pelo simples fato de não conseguir destruí-lo. O poder que ainda existe lá está ligado a toda a Profecia. Está ligado aos Luminares e aos Tronos.

— Acha que Deborah pode ter encontrado esse lugar?

Ele sorriu esperançoso.

— É o único lugar possível.

Ela não parecia tão confiante.

— E sabe onde fica?

— Sei.

Ele olhou para Jael com gravidade.

— Jael, se ela não estiver lá, deveremos temer pelo pior.

Aquele comentário foi o suficiente para afastar qualquer sono de Jael. Ela passou a noite olhando a dança das constelações no céu. A lua e a estrela ainda brilhavam próximas. Ela sentiu saudades de Deborah e de suas vidas despreocupadas em Gades.

As caçadas, a roda de crianças que se reuniam em torno delas, as festas em volta da fogueira, o cheiro do chá de menta. Quando chovia, elas costumavam subir a montanha e se abrigar na velha torre de vigia para ver a tempestade do alto. Os raios e os trovões nunca as assustaram. Ela sorriu ao lembrar que Deborah era boa na espada, mas sempre fora péssima caçadora. Aos quinze anos, ela tentou salvar um filhote de urso de uma armadilha e quase vira comida da mãe—ursa. Jael chegou na hora e atirou a flecha que apenas feriu a ursa, fazendo-a fugir. Ela ajudou a irmã a levantar. Deborah virou-se para Jael e disse com um sorriso de satisfação:

— O seu arco sempre me tira dos apuros, Jael.

— Pode contar com ele sempre – ela se lembra de ter respondido.

Atalia apoiou as mãos nas bordas do poço na torre do palácio. Estava exausta de tentar encontrar um sinal de Deborah. Ela parecia ter desaparecido, embora isso fosse impossível. Os dois primeiros ataques tiveram sucesso, mas depois... Ela bateu com força o punho na parede do poço e gemeu com a dor que o atrito causou. Ela não ia desistir tão fácil. A cidade já havia sido vasculhada e não encontraram nada. Os túneis eram uma possibilidade e estavam com suas saídas vigiadas. Só restavam os arredores. Ela foi até a janela e observou um grupo de amazonas que acabava de sair para uma busca. Era uma região grande e bem povoada. Podia demorar dias! Ela soltou um lamento.

— Onde você está se escondendo? – ela pensou alto.

Jael e Nathan chegaram ao santuário. Ficava localizado numa região pouco povoada e de difícil acesso, mas não parecia abandonado. Jael impeliu o cavalo para frente e Nathan a seguiu.

— Esse lugar não está em ruínas, Nathan – ela comentou o óbvio.

Antes que ele respondesse, o portão se abriu e um homem parou surpreso, ficando a encará-los com uma expressão de medo e ansiedade. Era um homem alto e forte, embora fosse idoso. Ele levava na mão uma pequena pá de jardineiro.

— O que vocês querem aqui? – ele conseguiu perguntar.
Nathan se adiantou.

— Este é o santuário de Shiloh?

O homem, ao perceber os trajés de Nathan, ousou se aproximar com certa cautela.

— Você, meu senhor, é um sacerdote das Cavernas do Sal?

Nathan sorriu.

— Sim, eu sou. Nathan é o meu nome.

O homem olhou para Jael com desconfiança.

— Não se preocupe, eu não sou uma amazona – ela falou, aproximando o cavalo.

O homem, que era Simeão, sentiu que não devia temer aqueles dois.

— Eu posso perguntar novamente o que querem aqui?

Nathan e Jael trocaram olhares.

— Eu achei que o lugar estava abandonado – Nathan falou. – Viemos até aqui na esperança de encontrar uma pessoa.

— Em um lugar abandonado? – O homem riu.

Jael desceu do cavalo e aproximou-se.

— Não. Em um lugar cujo solo é sagrado. Sagrado o suficiente para impedir que poderes ocultos o invadam.

Ela falou olhando—o nos olhos. Ele respirou fundo diante do olhar penetrante da moça. Ela parecia ter uma energia que se adaptava aquele local. E ele sentiu que isso era bom.

— A quem procura? – ele perguntou finalmente.

Jael sorriu. Ela percebeu a verdade ao tentar sondar os olhos daquele homem.

— Deborah, a Herdeira. Viemos em sua ajuda. Ela está aqui?

Como resposta, Simeão abriu o portão e deu passagem para que eles entrassem.

Deborah ouviu vozes no portão e ficou em alerta. Ana ia saindo de casa, mas ela fez sinal para a mulher entrar. Puxando a espada, ela aguardou escondida atrás de uma das árvores do

jardim. Quando ela viu quem havia entrado, pensou estar tendo alucinações. Saindo do esconderijo e largando a espada, ela correu em direção a Jael, que já a vira e abria os braços. As duas se abraçaram por um longo momento.

— Como me encontraram? – Deborah perguntou ainda agarrada a irmã.

— Nathan lembrou-se desse lugar e achou que era o mais provável para você estar.

Deborah voltou-se para o pequeno sacerdote e inclinou-se um pouco para abraçá-lo.

— Eu senti a presença de vocês vindo em minha ajuda e isso me fortaleceu. Obrigada.

— Não me agradeça – ele disse. — Foi Jael que sentiu o perigo.

Deborah voltou-se para Jael e só então notou a mexa branca em seu cabelo.

— O que aconteceu com você?

— É uma longa história, Deborah – Jael suspirou. – Vamos ter tempo de falar sobre isso depois.

Com uma expressão séria e tensa, Deborah a encarou.

— A Profecia... Você a pegou?

Jael fez menção de retirar o rolo de dentro da túnica, mas Deborah impediu o gesto ao segurar seu braço.

— Não, Jael! Ainda não é hora. Devemos esperar, por mais que eu queira fazer isso.

Jael concordou em silêncio.

Jael e Deborah saíram para o jardim. Elas pararam em frente a “coluna da chama” e sentaram-se em um dos bancos. Jael começou a contar o seu plano para Deborah no momento em que saíram da casa, e agora aguardava a reação da irmã. Deborah manteve-se em silêncio, analisando tudo o que ouvira.

— Isso não me agrada, Jael – ela respondeu com um suspiro. – Atalia quer você tanto quanto a mim. Ela não esqueceu quem matou o filho dela.

— Eu não ignoro isso, Deborah. No entanto, há uma diferença entre nós duas, no que se refere a sermos alvos da rainha.

Deborah a olhou interrogativamente.

— E qual seria essa diferença?

— Eu não fui ferida com o ferro negro, portanto, ela não tem como me achar, a não ser que saiba realmente onde estou.

— Ela tem outros meios, Jael.

Jael pousou a mão sobre a de Deborah e sorriu.

— Ei, quer parar com isso? Eu sei o que estou fazendo. Não viemos até aqui só para lhe fazer uma visita.

Deborah sorriu com o comentário.

— Parece muito confiante.

— E você, muito pessimista.

Jael observou o perfil da irmã. O reflexo da chama brilhava em seus olhos escuros que olhavam fixo para frente. Deborah costumava se perder em momentos de reflexão silenciosa e Jael já havia aprendido a respeitar isso, principalmente sabendo de tudo o que pesava sobre ela.

— Muito bem – Deborah falou. – Embora eu não goste da idéia, sei que não tenho escolha.

— Tomou a decisão certa.

Deborah suspirou e se ergueu. Ela caminhou até a coluna e estendeu a mão como se fosse tocar a chama. Jael a observava, curiosa.

— Por que você acha que deve fazer isso, Jael?

— Porque eu sou a única que pode atrair a atenção da rainha mais do que você. Eu matei o filho dela, e o seu ódio por mim está bem vivo. Ele só precisa vir à superfície.

Deborah virou-se para ela com uma expressão grave e preocupada.

— Pretende atraí-la pelo ódio que sente por você? Isso vai além de uma distração.

Jael se levantou e caminhou até o lado de Deborah.

— Essa é minha função, Deborah. Eu sou a Guardiã, lembra? Eu devo assegurar que a Profecia vai se cumprir, e para

isso eu devo guardar a ela e a você.

Deborah ia protestar, mas Jael ergueu a mão.

— Force sua memória e veja o que eu venho fazendo desde que essa jornada começou.

Deborah lembrou-se de todas as vezes que sua vida esteve ameaçada e Jael esteve presente para ajudá-la e protegê-la na hora certa.

— Me deixe fazer o meu papel, Deborah, e confie no Pai.

Deborah sorriu e baixou a cabeça.

— Bem, então me conte o seu plano, se você já pensou em algum.

No dia seguinte, tudo havia sido arranjado para que naquele mesmo dia, Deborah e Nathan estivessem para além do rio e livres do poder de Atalia, em segurança. Jael ia fazer o possível para encontrá-los no caminho. Enquanto ela selava o cavalo e preparava as armas de que ia precisar, Nathan e Simeão aproximaram-se dela. Jael notou os semblantes carregados de preocupação e tentou sorrir.

— Não tema por mim, Nathan. Apenas cuide para tirar Deborah daqui, pois é a vida dela que deve ser poupada.

— Por que você acha que a sua não deve? – perguntou Simeão.

Ela parou o que estava fazendo e respirou fundo.

— Eu cumpri a minha missão.

— A Profecia ainda não foi aberta, Jael – lembrou-lhe Nathan. – Talvez ela diga respeito a você também.

Ela deu de ombros e montou no cavalo.

— De qualquer forma, alguém tem que fazer isso.

Ela olhou em direção a porta e viu Deborah lá parada, observando-a.

— Ainda esta noite, nós conversaremos em volta de uma fogueira enquanto bebemos um delicioso chá de menta – Jael gritou para a irmã. – Pode sentir isso?

Deborah sorriu e levou a mão aberta ao coração. Jael correspondeu ao gesto e saiu a galope sem mais nenhuma palavra.

Em Salema, Jael entrou sem chamar atenção. Ela aproveitou o tempo frio e cobriu a cabeça com o capuz. Aquilo lhe deu mais tempo para se movimentar lá dentro. A cidade era enorme e muito movimentada pelas rotas das caravanas. Ela sabia que a rainha deveria estar no templo ou no palácio com os olhos fixados no poço das visões. Ao chegar a uma praça em cujo centro havia uma fonte, ela desceu para que Solaris pudesse beber um pouco de água e descansar. Havia algumas crianças brincando próximo à fonte. Jael aproximou-se delas com um sorriso simpático.

— Onde eu poderia encontrar alguma coisa para comer?

As crianças foram unânimes ao apontar uma casa comprida com alpendre. Ela agradeceu e caminhou até lá, sabendo que as crianças a olhavam com curiosidade por causa do arco e da aljava cheia de flechas que ela trazia nas costas. A intenção era exatamente a de se fazer notar. Quando ela abriu a porta e entrou, muitos olhares se voltaram para ela. Com o canto dos olhos ela viu um grupo de amazonas que pararam de conversar e a avaliavam de alto a baixo. Antes de chegar ao balcão, ela foi abordada por duas das guerreiras.

— Ninguém lhe disse que mulher nenhuma em Salema anda armada, a não ser que seja uma amazona? – disse uma das mulheres, cujo aspecto era doentio e sujo.

— Estou somente de passagem, senhora – Jael respondeu com falsa humildade.

Uma amazona alta e gorda parou atrás dela.

— E quanto a este arco? Estava caçando nas terras da rainha sem permissão?

Jael suspirou e forçou um sorriso.

— Não é seguro viajar sem uma arma.

As mulheres agora formaram uma roda em torno dela. Aquilo estava ficando complicado para uma simples distração.

— Ouçam, eu só quero comer alguma coisa e em seguida vou embora.

A gorda arrancou o capuz que ela usava. Nisso, a mulher de aspecto sujo soltou uma exclamação. Ela esteve na guerra, em

Hazorah, e lembrava muito bem daquele rosto.

— Alguém corra para avisar a rainha! A assassina do filho dela está aqui!

As companheiras olharam para ela espantadas, mas duas foram cumprir as ordens. A amazona gorda deu um forte abraço em Jael, prendendo-lhe os braços junto ao corpo. Ela se debateu, mas os pés mal se encostavam ao chão. As outras se divertiam. O único meio de se livrar daquele abraço de urso era desequilibrar a oponente. Jael encontrou o apoio que necessitava em uma das colunas que sustentavam o lugar. Unindo as duas pernas ela as usou como alavanca para empurrar a amazona para trás. A mulher desequilibrou e caiu por cima de uma mesa, levando-a junto. A queda a fez afrouxar o abraço, e Jael aproveitou para se esgueirar daquela massa de braços. Subindo em uma mesa, ela buscou uma saída. As amazonas haviam trancado à porta. Ela abaixou-se e pegou a espada da gorda, que ainda tentava se levantar. Para sair dali ela precisaria contar apenas com a própria agilidade. E foi o que fez.

Amazona nenhuma se comparava a ela na agilidade com a espada. A arma praticamente dançava em suas mãos como se fosse algo vivo. Por vezes, era impossível dizer se ela usava duas, ou apenas uma espada. Dessa forma, ela conseguiu chegar até a porta, abri-la com um chute e correr até o cavalo.

— As correntes! – gritou uma amazona. – Precisamos de correntes! Ela é uma Luminar!

Aquilo não era nada bom, pensou Jael. Aconteceu o que queria e foi reconhecida. Só precisava se manter longe das mãos de suas perseguidoras e mudar o foco da rainha. De onde ela estava, podia ver o palácio. Lá no alto ela viu surgir a silhueta de uma mulher vestida de negro e o brilho da coroa refletia a luz do dia. Jael sorriu satisfeita. A distração dera resultado.

Jael virou o cavalo e saiu a galope pelas ruas de Salema em direção ao portão. Era tarde. Este fora fechado e, nos telhados, algumas arqueiras tomavam posição. Ela olhou em volta preocupada. Não queria levar outra flechada, principalmente ali. Um

beco estreito abria-se a sua esquerda, e ela se aventurou por ele. Este se abria em várias ruas transversais. As arqueiras ficaram para trás, mas ela podia ouvir o som de cavalos. Inclinando-se, ela sussurrou algo no ouvido de Solaris. Ele parou para que ela descesse e, em seguida, partiu a galope pelo mesmo caminho, enquanto Jael mergulhava por outro beco mais estreito. Espremendo-se entre uma parede e outra, ela viu a cavalaria passar atrás de Solaris. Ele encontraria a saída, mas ela tinha que fazer o mesmo.

Nathan passara quase a vida toda sentindo as forças decorrentes do poder de um poço sagrado. Ele sabia dizer quando estas forças estavam ativas ou não. Desde que Jael saíra, ele caminhava pelo perímetro do santuário sentindo o ar pesado da magia lançada por Atalia. Após certo tempo, ele percebeu uma diminuição dessa força. Quando finalmente o ar ficou leve e o som dos pássaros se fez ouvir novamente, ele soube que o plano de Jael dera certo e não havia tempo a perder.

Jael subiu em uma velha escada de cordas que parecia ter sido abandonada ali, e olhou cautelosamente por cima do telhado. Não havia sinal de arqueiras. Ela percebeu que o telhado descia para uma praça adjacente, e escorregou por ele. Era a praça do mercado, e a confusão das caravanas sendo montadas servia para confundir as perseguidoras. Algumas amazonas caminhavam pelo local, procurando e observando cada barraca montada. Puxando um xale de seda colorido que descansava em cima de uma das barracas, ela o pôs sobre o rosto escondendo parte da roupa. Dessa forma, ela conseguiu passar pela praça e alcançar a porta das caravanas, que estava aberta. Ao sair, ela respirou aliviada e sorriu ao avistar Solaris aguardando por ela junto a um grupo de camelos. Jogando o xale nas mãos de uma mulher que pedia esmolas na porta, ela correu para o cavalo e galopou o mais rápido possível para longe da cidade.

Deborah e Nathan haviam acendido uma fogueira nas margens do rio. Ele observou enquanto ela colocava algumas folhas na água quente.

— Que tipo de chá é esse? – ele perguntou.

— Apenas do tipo que passa o frio – ela comentou sorrindo.

Ele pôs a mão sobre a dela num gesto de conforto.

— Nada disso foi planejado, Deborah. Fico feliz por estarmos perto o suficiente para ajudar.

Ela balançou a cabeça em concordância.

— Tem razão, Nathan. Mas não me arrependo de ter feito essa viagem. Ela foi necessária em muitos aspectos. Pude ver com meus próprios olhos aquilo que só meus ouvidos tinham conhecimento.

— E o que descobriu?

Ela suspirou e recostou-se numa pedra.

— Talvez o caminho para Salema não seja o que todos esperam.

— O que quer dizer?

— Na verdade, eu ainda não sei. A resposta, com certeza, está ali – ela apontou para a bolsa onde Nathan guardara a Profecia Selada.

Ele fez menção de pegar a bolsa, mas ela o deteve.

— Contenha sua curiosidade, Nathan! Eu estou me esforçando para fazer isso.

Ele ficou em pé.

— Mas o que a faz pensar que tem que ser diferente?

Ela cruzou as pernas e olhou para o pequeno sacerdote com muita seriedade.

— Sabe de uma coisa incrível, Nathan? Existe bondade em Salema.

Ele a olhou, espantado.

— É isso mesmo que você ouviu. Infelizmente, muitas pessoas estão vivendo no erro de Atalia por não conhecerem a verdade. Mas a semente do Pai existe em seus corações. Não é a espada que vai trazer a paz, meu amigo. Não é o poder de nenhum

exército, mas outra coisa. Uma coisa que vai ser revelada ali – ela apontou em direção à Profecia.

Ele, por um momento, não soube o que dizer. Ela notou a sua perturbação e sorriu.

— Sente-se aqui e tome o seu chá, Nathan. Vamos ter muito tempo para refletir sobre isso.

A lua já ia alta no céu, quando um barulho de cascos de cavalo lhes chamou a atenção. Deborah levantou-se com a espada na mão. Nathan escondeu a bolsa da Profecia num local seguro. De repente, Bruma soltou um relincho e ouviu-se a resposta do cavalo que se aproximava. Era Solaris.

— É Jael – Nathan falou aliviado. – Ela conseguiu.

Quando o cavalo surgiu, Jael saltou para fora da sela, ofegante, mas satisfeita.

— Estão todos bem? – ela perguntou.

— Você está bem? – Deborah jogou a espada no chão e abraçou Jael.

A moça se deixou conduzir até a fogueira e aceitou uma caneca de chá das mãos de Nathan.

— Não foi tão fácil como eu pensei, mas deu certo.

Ela olhou em volta.

— É seguro ficarmos aqui?

Nathan suspirou.

— Sim, Jael, nós estamos em local seguro. Pare de se preocupar e relaxe. Você precisa parar um pouco.

Deborah concordou com Nathan.

— Ele tem razão, Jael. Os seus olhos dizem o quanto está cansada.

Jael sentiu o gosto adocicado do chá e a cabeça se tornou mais leve.

— Quer me botar para dormir, Deborah? – havia uma nota de diversão na voz dela.

— Pelo menos por essa noite, irmã. Amanhã nós conversaremos.

Durante a madrugada, o silêncio era total. Deborah não conseguiu dormir e ficou sentada, alimentando o fogo. De vez em quando ela olhava em direção a bolsa onde estava a Profecia. Cansada e ansiosa demais para dormir, ela levantou-se e foi até a margem do rio. Lá do outro lado, podiam-se ver as luzes das lamparinas nas torres da muralha de Salema. Um grito a tirou de seus pensamentos e ela virou-se aflita. Era Jael! Ela correu de volta e encontrou a moça sentada com os olhos muito abertos e assustados.

— Jael, o que foi?

Jael piscou os olhos como se estivesse acordando, e fitou Deborah longamente antes de lhe abraçar.

— Eu sonhei que você... morria.

— Está tudo bem, Jael. Foi só um pesadelo.

— Foi muito real, Deborah!

Nathan acordou e fez menção de ir até elas, mas Deborah fez sinal para que ele ficasse onde estava.

— Não quer me contar o que você sonhou? Talvez isso a faça se sentir melhor.

Jael tentou recompor-se e enxugou o rosto na manga da túnica. Ela se sentia um pouco constrangida pelo descontrole inesperado, mas só viu em Deborah um olhar compreensivo e preocupado.

— Ainda tem um pouco daquele chá? – Jael perguntou.

— Eu fiz mais um pouco, já que não conseguia dormir.

Deborah encheu duas canecas e sentou-se ao lado de Jael. A moça respirou fundo e começou a contar o sonho com a voz pausada.

— Você estava comigo no Monte da Lei, onde eu peguei a Profecia. Só que dessa vez não havia um abismo e o caminho estava aberto. Eu fui à frente, e você me seguia de perto. Quando eu estendi a minha mão para pegar o rolo, percebi que o solo abaixo dos seus pés começava a rachar. Imediatamente eu recuei, mas uma voz soou no ambiente. Ela dizia: “O que está fazendo, Guardiã? Conclua a sua missão”. Eu hesitava, e olhava para você pedindo orientação. Você me dizia: “Precisa ir até o fim, não

importam as conseqüências”. Então, respirando fundo, eu peguei o rolo e o chão começou a tremer. O abismo se abriu e eu vi você caindo. Atirei-me no chão e peguei sua mão, mas não pude usar as duas, pois eu segurava o rolo na outra. Você se agarrou a mim, mas eu precisava soltar a Profecia para salvar a sua vida...

Jael parou por alguns segundos e enxugou novamente o rosto.

— Você percebeu o que eu ia fazer e sua mão soltou o meu braço. Eu gritei: “O que você está fazendo, Deborah?” E você dizia: “Não solte a Profecia, Jael. Solte a mim”. Eu balançava a cabeça e começava a chorar, mas você insistia: “Precisa me deixar ir”. Então, sua mão escorregou e você caiu. Acordei com meu próprio grito. Foi horrível!

Deborah passou o braço por sobre os ombros de Jael e a confortou.

— Foi só um sonho, Jael. Você tem passado por muita pressão ultimamente, e é natural que isso exploda de uma forma ou de outra.

Jael balançou a cabeça.

— Lembra-se da ponte? Quando nós sonhamos juntas?

— Claro que lembro.

— A sensação foi igual, Deborah.

Nathan se aproximou e olhou ansioso para as duas moças perturbadas na sua frente.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo?

Jael tentou sorrir.

— Tive um pesadelo, só isso.

— Vá dormir, Nathan – Deborah falou gentilmente. – Nós estamos bem.

Ele deu de ombros e voltou sonolento para sua cama improvisada.

— Acho que nós devíamos tentar fazer o mesmo – disse Deborah com um suspiro cansado.

— Pode ficar aqui comigo? – Jael soltou a caneca e pegou a mão dela.

Deborah sorriu.

— Eu fico sim. Podemos contar as estrelas até o sono chegar, como fazíamos em Gades.

Pela manhã, Nathan havia levantado cedo e não quis acordar as duas moças, pelo menos até o sol nascer por completo. Jael foi a primeira a acordar. Ela passou por ele e foi lavar o rosto na beira do rio. Quando voltou comeu um pedaço de pão, que Ana havia mandado para a viagem, e uns goles do odre cheio de leite. Ele aguardava que ela se pronunciasse sobre o que havia sonhado, mas Jael preferiu se calar a respeito.

— É melhor chamar Deborah – ela disse. – Está ficando tarde e ainda estamos muito perto de Salema. Só vou me sentir segura quando não virmos mais os muros da cidade.

Nathan concordou e foi se agachar ao lado da Herdeira. Ele pousou a mão em seu braço e ela abriu os olhos automaticamente. Olhou em volta e percebeu o sol já alto.

— Por que não me acordaram? Precisamos seguir viagem o quanto antes.

— Acalme-se! – ele falou. – Os cavalos estão selados e prontos. Agora, sente e coma alguma coisa para partirmos.

Ela obedeceu e sorriu para Jael ao ver o pequeno sacerdote caminhar até os cavalos.

— Às vezes, ele parece uma babá ranzinza.
Deborah riu alto do comentário de Jael.

CAPÍTULO 18

Reencontros

Noa entrou na estrebaria e parou ao ouvir o som de vozes.

— Hadassa, como você se sentiu ao ser separada de sua família? – perguntou Rute.

— Morta – foi a resposta da moça. – A vida parecia não fazer mais sentido. Acho que baixei minha cabeça e me entreguei ao que eu julgava ser meu destino.

Havia melancolia e tristeza na voz de Hadassa.

— Quando me escolheram para integrar um grupo de guerreiras em treinamento, eu dei por mim que não queria ser parte daquilo e acordei. Acho que se meu destino tivesse sido o altar do sacrifício eu estaria conformada, mas não para aquilo. Era bem diferente do que eu pensava...

Houve uma pausa e Hadassa continuou a falar após um longo suspiro.

— Eu estava lá quando Deborah acendeu a Tocha. Observava de um lugar distante, por causa da minha armadura de amazona. Senti minha esperança renascer e tive vontade de permanecer viva.

— Por que não deixou tudo para trás naquele momento?

— Eu não podia. Seria deserção, e naquele momento ainda não havia um lugar seguro para ir. Aguardei o tempo certo e fugi, quando ouvi sobre a volta da Herdeira e seu baluarte nas montanhas.

— E quanto a sua família? – Rute perguntou com um pouco de timidez.

— Não sei o que aconteceu com eles, Rute. Eu nunca mais os vi ou tive notícias deles... Eu daria qualquer coisa para saber o que lhes aconteceu.

Noa aproximou-se das duas nesse momento, e elas se puseram em pé.

— Relaxem – ela falou suavemente. — Não estamos de serviço.

A comandante da guarda sentou-se ao lado delas e recostou-se em uma coluna de madeira, fechando os olhos. Parecia cansada. O serviço dela havia aumentado, pois ficara com a função de comandar o exército profético e ajudar Héber junto aos Queneus.

— Por que não contou sua história para Deborah, Hadassa? – Noa perguntou ainda de olhos fechados.

— Não achei que ela fosse se importar, diante de tudo o que tinha pela frente.

Noa abriu os olhos e a encarou.

— Ela me perguntou muitas vezes sobre a sua família, logo quando você juntou-se a nós.

Hadassa estava surpresa.

— Ela fez isso? Eu falei que eles haviam morrido... Como ela poderia saber?

— Ela é a Herdeira, se esqueceu? Não pode esconder nada dela.

Hadassa levantou-se e caminhou até a porta.

— Eu não achei que ela se importasse...

— Você disse que daria qualquer coisa para saber onde eles estavam. Foi por isso que entrou no acampamento naquela tarde? Atalia lhe prometeu isso? Dizer onde estava a sua família?

Hadassa virou-se para ela branca como cera.

— Noa, eu não a trairia nunca! Ela me deu esperança, independente de qualquer promessa. Por que desconfia de mim?

— Me dê um motivo para não desconfiar. Você a ajudou de boa vontade naquele plano maluco de fuga.

Rute ficou em pé.

— Nesse caso, me acuse também. Ela não fez isso sozinha.

Noa suspirou.

— Rute, eu conheço você e sei de onde vem, mas não sei nada sobre Hadassa.

Hadassa falou com os olhos marejados de lágrimas.

— Se eu precisar provar minha lealdade, o Pai há de proporcionar a ocasião certa para isso. Eu me coloco debaixo do julgamento dele.

Noa ficou em pé e a encarou.

— Espero que consiga provar que está certa. Eu desejo muito acreditar nisso.

A comandante saiu sem dizer mais nada. Rute olhou para a amiga, que agora deixava as lágrimas correrem soltas e a abraçou.

Hulda encontrou Noa no pátio e percebeu o ar cansado da moça.

— Noa, algum problema?

— Não, senhora – ela disse com uma reverência. – Pelo menos espero que não.

Hulda pousou a mão no seu ombro.

— Gostaria de conversar a respeito?

Noa respirou fundo e concordou em acompanhar Hulda em uma caminhada noturna pelo pátio. Ela abriu o coração e contou o que a afligia. Hulda sentou-se em um banco e a convidou a fazer o mesmo.

— Não sinto falsidade em Hadassa – disse a profetiza.

— Eu também não, mas desde que a responsabilidade da segurança ficou toda a meu cargo, sinto como se tivesse que desconfiar de tudo. Acho que não sei lidar com isso.

— Está fazendo um bom trabalho, Noa. Tem mostrado ser muito competente. Conseguiu por ordem em um grande exército. Não é tarefa fácil.

— Mesmo assim, não acho que tenha nascido para comandar.

Hulda a olhou com interesse.

— Sente um chamado diferente?

— Eu sinto que há algo mais, no entanto, não sei bem o quê. Talvez seja apenas fruto da minha imaginação. A verdade é que acho que cometi uma grande injustiça com Hadassa ao insinuar que desconfio dela. Ela sempre confiou em mim, e agora...

— Acalme-se, menina. Eu penso que logo mais haverá uma oportunidade para você exercer um papel diferente nessa história.

Hulda levantou-se e a deixou sozinha, com os próprios pensamentos.

Barak viu Héber cavalgando ao seu encontro no campo de treinamento. Ele parecia estar com urgência ao chegar, devido a pressa com que galopava. Antes de parar, ele saltou do cavalo.

— Elas voltaram! – ele foi logo dizendo.

Barak mal conteve as batidas do próprio coração.

— Como? Quando? – ele perguntou.

— Esta manhã. Noa veio dar a notícia.

— Voltaram todos juntos? Deborah também está com eles?

Héber sorriu e baixou com força as mãos sobre os ombros do amigo.

— As duas voltaram, Barak!

— Então, o que estamos fazendo aqui?

Héber conteve o amigo.

— Não adianta irmos agora, apesar de nossos corações desejarem isso. Noa disse que elas estão descansando por ordem dos sacerdotes e que a noite haverá uma reunião importante sobre a Profecia.

Barak pareceu aborrecido.

— Não poderiam esperar para fazer essa reunião amanhã?

Héber ficou sério.

— O tempo está correndo rápido. Há necessidade de não se perder mais tempo.

Barak suspirou.

— Eu preciso vê-la, Héber. Não acho que vou agüentar esperar tanto.

Héber fitava o horizonte com os olhos arregalados de surpresa.

— Talvez não precise esperar, meu amigo...

Barak seguiu a direção do olhar de Héber. Dois cavalos se aproximavam sob uma nuvem de poeira. Um dos cavalos brilhava ao sol com o seu pelo dourado. O outro combinava com a cor dos cabelos da mulher que o montava, e lhe lembrava o céu noturno sob o brilho da lua. Elas saltaram a certa distância e correram em direção a eles.

Héber e Jael subiram no morro onde conversaram pela última vez, antes da partida dela. Ele notou os fios brancos em seu cabelo e o ar cansado, mas não queria perguntar o que os causou. Não naquele momento. Afinal, ela parecia ainda mais bonita de que antes. Ele retirou da sela do cavalo o pequeno shofar e o devolveu.

— Não estou com pressa de receber isso de volta – ela disse sorrindo.

— Mas eu sonhei em fazer isso a cada dia após a sua partida. Queria você de volta, e queria que tocasse isso quando...

Ele hesitou, e ela pegou o shofar sem tirá-lo da mão dele. Seus dedos se tocaram provocando faíscas.

— Continue, por favor.

Ele respirou fundo.

— Eu queria que tocasse isso, caso aceitasse se casar comigo! – ele falou de um só fôlego.

Jael sorriu e tirou o shofar da mão dele. Héber olhou para ela com os olhos úmidos. Aquilo a maravilhou.

— Jael, filha de Héber, rainha dos Queneus e Guardiã da Profecia, você gostaria de se casar comigo, ser a minha esposa para o resto da sua vida, e mãe de meus filhos?

Como resposta, ela levou o shofar aos lábios e soprou. O toque soou tão claro como no dia da batalha, sem nenhuma nota dissonante. Quando ela terminou, também estava chorando.

Deborah e Barak pararam os cavalos ao ouvirem o toque do shofar. Ela olhou para ele confusa, e ele apenas sorriu, como se soubesse o que aquilo significava.

— Venha, vamos cuidar de nossa história, pois a deles foi resolvida – ele falou.

— Vai me explicar isso depois?

— Não há pressa.

Ela olhou em direção ao monte rochoso para o qual eles estavam indo.

— Para onde está me levando?

— Para um lugar muito especial.

Ele estendeu a mão para ela e eles entrelaçaram os dedos.

— Eu o encontrei quando vim para cá, durante uma exploração particular da região. Às vezes, eu me sentia só e sua falta chegava a doer. Então, eu saía e tentava seguir o seu conselho.

— E que conselho foi esse?

— Antes de partir, você me disse para tentar “ler o que não estava escrito com tinta”, e buscar a vontade do Pai, lembra?

Ela sorriu e balançou afirmativamente a cabeça.

— Esse lugar... Eu não sei como explicar, mas ele tem algo a ver comigo, com a minha história. Eu aguardei a sua volta, pois queria compartilhar isso com você.

Ele sorriu e os dois partiram a galope em direção ao monte rochoso.

Deborah e Barak se amavam no chão arenoso e incrivelmente macio de uma gruta. Naquele momento, tudo fora esquecido, para que eles pudessem expressar a paixão que os consumia. Barak beijava a esposa e se regozijava ao sentir sua respiração acelerada, enquanto Ihe dava todo o prazer que ela merecia. Deborah, por sua vez, aventurava-se por proporcionar ao marido sensações novas, que ela não pensava ser capaz de produzir tão bem quanto ele. O local era aberto de um lado ao outro, quase no topo do monte, assemelhando-se a um buraco de agulha. Eles haviam se entregado nos braços um do outro, esquecendo por algum tempo o mundo fora daquela caverna, e semeando o amor que sentiam até renderem-se a exaustão. Quase no final da tarde, Deborah acordou com o toque de Barak em seu rosto. Ele sorriu e Ihe deu um demorado beijo.

— Eu acordei você para que visse o que está para acontecer.

Ela franziu as sobrancelhas enquanto ele se levantava e começava a se vestir.

— O que devemos ver está lá fora?

— Não, está aqui dentro. Mas, se estivermos lá fora, o efeito será melhor.

Ele a ergueu e aguardou enquanto ela se vestia. O olhar dele chamou a atenção dela, que sorriu ao pegar a túnica.

— Se continuar me olhando assim, não vamos sair daqui nunca.

Ele a abraçou novamente e fechou os olhos sorvendo o cheiro dos cabelos dela.

— Vou esperar lá fora, então.

Quando Deborah saiu da caverna, encontrou Barak sentado em uma rocha sobre um nível mais baixo. Ela foi até ele e sentou-se ao seu lado. Ele apontou para a caverna.

— Vai acontecer agora.

Ela observou enquanto a luz do sol, avermelhada pelo fim da tarde, batia direto na abertura da caverna e fluía pelo outro lado em raios dourados que se espalhavam pelo ar, causando um espetáculo visual de manter suspensa a respiração. Deborah sentiu os olhos umedecerem.

— Barak, é lindo!

— Eu sei – disse ele, sorrindo – Isso me fez sentir o amor do Pai com mais intensidade. Não sei se você me compreende...

Ela tocou no rosto dele.

— Claro que compreendo meu querido. Entretanto, há algo mais do Pai pra você, eu sinto isso. Ele está chamando você, Barak.

Ele sentiu que ia chorar.

— Por que eu, Deborah? Por que eu seria tão especial?

— Paciência, meu amor. Ele lhe dirá na hora certa.

Ela o beijou suavemente nos lábios e deu um suspiro.

— Tenho que voltar. A reunião desta noite vai decidir um momento muito importante para todos nós.

— Tem razão, você deve ir.

Ela montou em Bruma e acenou para ele enquanto se afastava. Barak observou até ela sumir de vista. O que acontecia com ele? Por que não conseguia se afastar daquele lugar? Talvez o Pai o quisesse encontrar a sós. Ele balançou a cabeça sorrindo com a idéia e entrou na caverna.

Jael e Deborah sentaram-se lado a lado na grande mesa de reuniões. Na frente delas estavam sentados os sacerdotes Nathan, Hulda, Otoniel e Salum. No centro da mesa, estava o rolo lacrado da Profecia. Jael havia acabado de contar o que havia

acontecido durante a viagem. Nathan a ajudou no relato, intervindo de vez em quando. Deborah mantinha-se calada, escutando. Quando terminaram, ninguém falou por alguns momentos. Otoniel tomou a palavra com os olhos fixos em Deborah.

— Deborah, você está consciente da importância desse momento?

— A minha vida está ligada a esse momento – ela não se intimidou com o tom de reprovação do velho sacerdote. – Como eu poderia não perceber a sua importância?

Ele suspirou e fechou os olhos. As mãos cruzadas apoiando o queixo.

— Mesmo assim, você expôs a sua vida de uma maneira desnecessária. Além de empreender uma fuga sem o nosso consentimento, pôs a própria Profecia em risco, ao envolver Jael e Nathan.

Ela respirou fundo.

— Eu reconheço que minha atitude não foi a que esperavam de mim – ela olhou para Hulda com ansiedade. – Peço que me desculpem por isso.

— Você acha que... – Otoniel recomeçou a falar.

— Eu ainda não acabei Otoniel. Tenho mais coisas a dizer. São coisas que talvez vocês não entendam, mas eu procurei agir de acordo com o meu coração.

Ela olhou para Otoniel e sorriu ternamente. Sabia que o sacerdote mantinha uma pose severa, mas era fiel a suas convicções.

— Quando eu digo que agi com o coração, quero dizer que ele não pode ser desligado de minha consciência. Não sou uma menina irresponsável e insegura. Já fui assim, mas mudei. Sou uma mulher que tem consciência do peso que tem que carregar. O Pai me deu sabedoria para agir no meio de vocês, e me presenteou com a sua voz na minha alma. É essa voz que eu busco seguir.

Ela ficou em pé e caminhou até a janela. A lua brilhava intensamente naquela noite. Ela falou sem se virar.

— Quando eu, segundo vocês, fugi, fiz isso porque soube da decisão que vocês tomaram de me proibir de ir a Salema. Não

desobedeci a nenhuma ordem do Conselho, já que não dei oportunidade a Hulda de me proibir verbalmente.

Hulda sorriu ao se lembrar da conversa que tiveram antes dela partir.

— Eu precisava ir. Meu coração clamava por isso. O que vi e vivi lá durante esse tempo, apenas confirmou que eu estava certa. É correto afirmar que arrisquei a minha vida, mas vejo isso como um caminho que eu deveria trilhar sozinha. Salema é muito mais do que o reino de Atalia. Acreditem no que eu digo. O Pai ainda está vivo naquela terra. A luz brilha até mesmo nas trevas mais densas.

Ela parou e apoiou as mãos na janela, se preparando para contar a parte mais difícil.

— O meu coração também me impelia a fazer outra coisa, a qual eu relutei por muito tempo, pois pensava ser algo ligado apenas à emoção.

Deborah virou-se e viu que todos a olhavam com ansiedade.

— No dia em que eu parti, fui primeiro ao encontro da comitiva de Barak. Ninguém, além dos sacerdotes que o acompanhava, ficou sabendo disso. Naquela noite, nós nos casamos debaixo da bênção sacerdotal e na presença de testemunhas.

Otoniel ficou em pé bruscamente tomado pelo choque da revelação. Os outros trocaram olhares surpresos. Apenas Nathan mantinha-se pensativo.

— Vocês se casaram? – Otoniel perguntou com esforço. – Isso não podia ter acontecido!

— O casamento foi... consumado? – perguntou Salum.

— Naquela mesma noite – respondeu Deborah.

Hulda ergueu-se e caminhou até Deborah. A sacerdotisa pôs as mãos sobre os ombros dela e a olhou nos olhos.

— Uma vez eu reconheci que sua intuição era bem maior do que a minha. Mesmo eu tendo sido treinada nesse dom durante toda a minha vida. O seu nasceu junto com você. O que a fez tomar essa atitude, além do amor que eu sei que há dentro de você? Fale e eu acreditarei sem questionar.

Deborah sorriu e abraçou a mulher que considerava uma mãe.

— Eu e ele somos um. Senti isso desde o primeiro momento. Viver sem ele seria viver pela metade, e eu precisava me sentir inteira para ter forças suficientes e seguir em frente.

— Fala como uma mulher apaixonada que deixou de raciocinar! – esbravejou Otoniel.

— Falo isso no sentido espiritual, Otoniel. Não foi o desejo da carne que me uniu a ele. Há um propósito maior, acredite.

— Eu acredito – pronunciou-se Nathan. – Se estamos falando da mesma noite que seguiu a nossa partida, houve um sinal no céu. Um sinal que há muito tempo não se via.

— Sol, Lua e Estrela – murmurou Jael. – A união dos Luminares.

— Está insinuando que... – Salum gaguejou.

— Estou dizendo que o Rei está para ser revelado ao mundo – disse Nathan. – E que Barak pode ser o Luminar Maior.

— E se ele não for? – perguntou Otoniel, sentando-se novamente.

— Ainda que ele não seja, tenho convicção de que não agi contra a Profecia – disse Deborah com firmeza.

Ela caminhou até a mesa e pegou a Profecia nas mãos.

— A única coisa que me faz temer o que há aqui, é exatamente aquilo que desconheço. Aquilo que não consigo ouvir e nem sentir. Mas aquilo que fiz, o fiz conscientemente, e não tenho medo de ter errado em meu julgamento.

Salum suspirou.

— Bem, na verdade, não há nada na Profecia que impeça um casamento.

— A Profecia fala da união dos dois Tronos, esqueceu? – Otoniel parecia desconsolado.

— Essa união não indica um casamento, mas um compartilhamento – disse Hulda. – Desde que percebi os sentimentos que envolviam Deborah e Barak, procurei estudar sobre isso. Não acho que seja algo para se preocupar, mas para ser comemorado.

Nathan se levantou e respirou fundo.

— Acho que este assunto já está encerrado, precisamos passar agora para o mais importante. A abertura do rolo.

Deborah voltou a sentar ao lado de Jael. Otoniel olhou diretamente para Deborah, agora de uma maneira mais suave.

— Você deverá passar a noite em um local solitário, preparando-se e meditando para esse momento. Pela manhã, a Guardiã, acompanhada de dois sacerdotes, lhe entregará o rolo. Você romperá o selo e fará uma leitura silenciosa. É necessário que você aceite o que está escrito, para que a Profecia possa ser cumprida em sua totalidade. Dirá isso em voz alta e ratificará com uma gota de seu sangue sobre o papel. Feito tudo isso, o Rei será revelado e a contagem regressiva começará.

— E quando será? – Deborah perguntou.

— O mais rápido possível – disse Nathan. – O tempo se estreita e conspira contra nós.

— Eu sugiro que não se perca mais tempo, então – ela disse. – partirei essa noite mesmo para o lugar que designarem, e lá eu aguardarei o amanhecer.

— Não prefere descansar esta noite? – disse Hulda. – A viagem foi longa e penosa. Amanhã faremos os preparativos.

Jael concordou.

— Hulda está certa, Deborah. A noite de vigília exigirá muito de você.

Ela concordou com relutância.

— Antes de nos retirarmos, eu gostaria de pedir a Hulda e a Nathan que fossem as testemunhas da abertura do rolo – ela pediu, olhando para Otoniel.

Ele sorriu paternalmente.

— É claro. Não poderia ser de outra forma. Salum e eu já nos preparamos para isso. Agora, descanse bastante esta noite e que a bênção do sono caia sobre você, de maneira que se sinta fortalecida pela manhã.

Ela sorriu agradecida para o sacerdote. Quando todos saíram, ela se viu a sós com Jael.

— Fique comigo essa noite, Jael. Sinto necessidade de sua companhia.

— Eu ia sugerir isso. Sei quando precisa de mim.

Deborah levantou-se.

— Quer dar uma volta pela sacada? Preciso de ar.

Jael a seguiu. Lá fora o vento soprava de forma agradável e o luar, agora mais pálido, deixava visível uma quantidade maior de estrelas.

— Eu ouvi o shofar hoje à tarde – disse Deborah. – Barak me contou o significado.

Jael sorriu.

— Héber sabe como falar ao meu coração. Nunca vi um homem com o espírito tão terno. Não combina muito com o guerreiro que ele é.

— É isso o que o torna especial, não é? Um coração puro e incontaminado pela guerra, pronto a amar e a chorar. Tão diferente de você.

Jael a olhou intrigada.

— Acha que eu não sou assim?

Deborah parou de andar e virou-se para ela, sorrindo.

— Você não é assim, Jael! Héber está lhe ensinando algo precioso. O seu coração está se abrindo para um mundo novo. Um mundo onde a guerra não tem vez.

Jael encostou-se a murada e olhou em direção ao acampamento queneu.

— Não posso negar isso. Cresci tendo uma alma guerreira sendo forjada dentro de mim. Tenho aprendido muito com você, com Nathan, e com Héber. Gosto de me aventurar por esse mundo novo. Mas não quero deixar de ser eu mesma.

Deborah pôs a mão em seu ombro.

— Não tem que fazer isso. Você é esse mundo novo também. Ele estava apenas adormecido aí dentro.

Jael virou-se para ela, preocupada.

— Existe algo mais, além da Profecia, que lhe angustia. Não quer me contar o que é? Foi para isso que me pediu para ficar, não foi?

Deborah suspirou e assentiu com a cabeça quase imperceptivelmente.

— Sinto que o resultado dessa batalha não será pela guerra.

— Como assim?

— Em Salema, precisa haver reconciliação e conversão. Aquela cidade é especial e deve ser um referencial de justiça. Assim como as pessoas vêm aqui para Hazorah, hoje, em busca de segurança, da mesma forma deverá ser com Salema.

— As pessoas não entenderão isso, Deborah. A batalha final parece ser a única coisa de que todos têm certeza sem questionar, independente da abertura do rolo da Profecia. É essa certeza que tem unido às pessoas.

— Eu sei, eu sei – exasperou-se Deborah. – Eu não pretendo destruir a esperança das pessoas, mas gostaria que essa esperança não estivesse posta apenas na idéia da batalha.

— Você sente a Profecia de uma maneira que nenhum de nós consegue sentir. Eu vou acreditar no que você me disser, apesar disso talvez ir contra aquilo em que fui condicionada a aceitar como certo.

Deborah olhou para Jael e esta sorriu.

— Você é a Herdeira, e eu sei que a esperança repousa sobre você, e não sobre uma batalha. Há muitos tipos de batalha que temos que enfrentar. Eu percebi isso durante a jornada e também antes, quando assumi a liderança de minha tribo. Confio em você e serei fiel, não importa qual seja a decisão final.

Deborah a abraçou, agradecida e aliviada.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO 19 A Profecia Selada

Perto do anoitecer, Hulda encontrou Deborah na estrebaria. Ela havia banhado e alimentado Bruma como uma forma de manter a mente ocupada. Quando ela viu a profetiza chegando, lavou as mãos e aguardou. Hulda parou diante de Bruma e admirou o pelo negro e brilhante.

— Fez um trabalho excelente.

Deborah sorriu.

— Ele precisava disso. Tem sido um amigo fiel em todas as minhas viagens.

Hulda sentou-se em um monte de feno. Deborah notou que ela estava cansada.

— Eu descansei a noite passada como me mandou, mas parece que não fez o mesmo.

— Nathan me contou sobre Shilloh e sobre seus avós.

— Ele também falou sobre a parteira?

Hulda sorriu.

— Sim, contou. Ela estava ao meu lado quando a rainha morreu. Não esperava por isso, Deborah. Não sei o que pensar.

Deborah sentou-se ao seu lado e pôs a mão sobre a dela.

— Você teria ido comigo se não tivesse tentado me impedir.

Hulda suspirou e deixou-se relaxar. Parecia exausta.

— Você achou o que foi procurar em Salema?

— Achei mais do que esperava, Hulda. As respostas, porém, eu não ousou revelar, enquanto a Profecia não for aberta.

— Está pronta para esta noite?

— Estou. Partirei assim que a lua subir no horizonte. Irei para o Monte das Grutas. Fica na floresta, do outro lado do rio. A indicação me foi dada por Nathan.

Hulda assentiu.

— É, eu sei. Sabia que este lugar é considerado o berço da criação do Pai? Foi lá que ele colocou o homem que criou, segundo as histórias antigas.

Deborah sorriu.

— Nathan me contou. Foi uma boa escolha. O prenúncio de um novo começo, não é? Ainda bem que não é um deserto.

Hulda lhe deu um carinhoso beijo na testa.

— Tenha coragem, filha. Você conseguiu chegar até aqui, e acredito que irá até o fim. Não tema o futuro. Afinal, ele é desconhecido para todos os homens. O dom profético é um presente que o Pai nos dá para que possamos iluminar o caminho das pessoas. É para as pessoas, não para nós. Você sempre teve medo de não enxergar o próprio futuro. Isso lhe faz uma pessoa humana, não acha?

Deborah sorriu e enxugou os olhos.

— É, acho que sim. Obrigada por ter vindo, mãe.

Hulda a olhou de um jeito carinhoso, pois o seu coração se alegrava com o som daquela palavra. "Mãe".

— Sinto apenas que minha função aqui não me permitiu estar ao seu lado quando precisou.

— Mas você estava. O tempo todo.

Com um último beijo e uma prece silenciosa, Hulda a deixou.

Foi, talvez, a noite mais longa da vida de Deborah. Ela foi guiada até o local por dois sacerdotes aprendizes. O monte era fácil de subir com uma trilha bem definida. Esta facilidade se devia ao acesso dos peregrinos que o consideravam um local sagrado. Lá em cima, havia uma gruta e um lago de águas cristalinas. Era possível ver as pedras em seu leito através do luar. Ela agradeceu os sacerdotes e os mandou voltar. Sozinha, ela ajoelhou-se e molhou o rosto com aquela água. Fitou o reflexo da lua e isso lhe trouxe a memória uma vida inteira dedicada a Profecia e a um destino já traçado no tempo. Seria uma noite longa e difícil.

Jael chegou à porta do palácio antes do sol nascer. Hulda e Nathan a aguardavam. Eles usavam túnicas brancas bordadas para a cerimônia. Jael desceu do cavalo e fez uma reverência diante dos dois. Uma carruagem aguardava para levá-los até o monte. Jael também vestia uma roupa cerimonial de cor azul anil. Um turbante da mesma cor lhe cingia metade da cabeça, deixando os cabelos soltos à mostra com os cachos castanhos caindo pelas costas. Ela trazia o rolo dentro de uma bolsa presa ao cinto. Viajaram em silêncio até chegarem ao pé da trilha. Quando desceram, Nathan observou Jael.

— Está tudo bem?

— Eu estou bem, não se preocupe.

Hulda segurou a mão dela e viu que tremia.

— Você já percorreu a trilha mais difícil, filha. Está quase acabando.

Jael respirou fundo e começou a subir. Estava acabando para ela, mas não para Deborah. De uma forma que ela não conseguia explicar, era como se o seu destino também estivesse ligado aquele rolo que tinha nas mãos. Às vezes o sentia pesado e quente como agora. Ela, então, começou a refletir nas palavras enigmáticas que ouviu, após pegar o rolo no Monte da Lei: “Todo

aquele que dá um passo no desconhecido, arrisca o próprio destino, abrindo mão do controle de sua vida”.

Deborah aguardava em um pedestal que ficava sobre o lago. Uma pequena ponte se estendia até ele, com pequenas lamparinas iluminando o caminho. Ela usava uma túnica vermelha bordada de dourado. Ela lhe havia sido dada por Hulda antes da sua partida. Não usava cinto e as mangas eram largas. Quando eles chegaram, Hulda e Nathan se posicionaram ao lado da ponte. Jael tirou o rolo de dentro da bolsa e o segurou com as duas mãos. Ela caminhou até Deborah com os braços estendidos para frente. Ela parou ao chegar ao pedestal.

— Cumpri minha missão e hoje venho entregar aquilo que pertence a você. Que o Pai ilumine a sua decisão.

— Eu aceito o que me pertence e libero você. Que o Pai fortaleça meu espírito para prosseguir na minha missão.

Eram palavras rituais. Jael notou que Deborah tremia tanto quanto ela. Hesitou um pouco antes de voltar.

Deborah retirou o rolo do tubo em que estava guardado e notou a maciez do papel. Respirou fundo e rompeu o selo. Quando ela abriu a Profecia, a aurora já pintava o céu de um tom rosado e os primeiros raios de sol lutavam para surgir. Ela começou a ler o texto, cuja letra era bem trabalhada de uma forma quase artística. A tinta era legível e escura. Um texto claro e simples, cujo conteúdo foi entrando em seu íntimo com a violência de uma flecha. Na medida em que ia lendo, as imagens iam tomando forma em sua mente. O futuro que ela nunca conseguiu ver se descortinava diante dela de uma maneira terrível. Quando ela se deu conta do que estava escrito, de que a Profecia pedia a ela, sentiu as pernas amolecerem e caiu de joelhos sem largar o papel. Um suor frio escorria pelo seu rosto.

— Deborah! – Jael quis correr até ela, mas Nathan a deteve.

— Não podemos intervir, Jael.

Hulda também parecia a ponto de cruzar a ponte.

— Nathan, o que mais poderia ser exigido dela? – perguntou a profetiza, em pura aflição.

Deborah, ao terminar a leitura, pôs o rolo aberto no chão, ficou em pé e afastou-se meio cambaleante do papel como se este fosse lhe fazer algum mal. Ela virou-se de costas com as mãos na cabeça e o corpo meio curvado. Parecia lutar contra algo dentro dela mesma. Sua atitude era a de uma pessoa que, em meio ao terror, não sabe para onde ir. Após longos minutos de angústia para todos, ela parou e olhou para cima soltando um grito, não de dor, mas de desespero. Após isso, ela correu para dentro da gruta, sumindo na escuridão.

Lá dentro, no mais fundo da gruta que ela pôde ir, a batalha contra a própria vontade continuava.

— Por que isso? Eu já não fiz o bastante? – ela gritava, enquanto as imagens se formavam novamente em sua mente.

Ela ajoelhou-se entorpecida pelo fluxo das imagens que via. Era como uma chuva de setas em seu cérebro. Eram imagens terríveis. Imagens que se cumpririam caso ela aceitasse o que estava escrito.

As imagens continuaram e ela viu como seria o final definitivo. Aquilo lhe deu esperanças e ela pôde buscar forças para fazer o que era certo. Ela sentia o corpo desfalecer pelo choque da revelação. Quando percebeu estava deitada no chão. Uma certeza, no entanto, veio ao seu coração naquele momento. O triunfo final dependia de sua total obediência. Ainda faltava aceitar o que a Profecia exigia em voz alta e clara e, o mais difícil, ratificar sua decisão com um pinga de seu próprio sangue. Forçando-se a levantar, ela percebeu que não havia outro caminho a seguir. Não havia opções disponíveis para ela. Era aceitar e triunfar ou virar as costas e ver o mundo ser coberto eternamente pelas trevas. O fim de Hedhen. Ela jamais escolheria o segundo caminho, por mais difícil que o primeiro parecesse.

Ela voltou até a plataforma e encontrou os amigos a olharem para ela em um desespero contido. Ela abaixou-se e

apanhou a Profecia com a mão ainda trêmula e a ergueu para o alto.

— Eu aceito o que está escrito na Profecia – ela falou alto.

– Ela pede que a minha vida seja entregue para que a luz triunfe.

Jael sentiu o coração se contrair no peito.

— Não... – ela sussurrou.

Hulda foi amparada por Nathan, que também parecia em choque com a revelação.

— Eu decidi obedecer todos os passos que me são propostos, por mais difíceis que sejam e... – ela hesitou e fechou os olhos, em seguida respirou fundo e continuou: — também aceito os termos em que... Em que isso será feito... Assim diz a Herdeira. Essa é a minha decisão final e definitiva...

A voz de Deborah chegou a falhar no final. Ela soltou o papel mais uma vez e puxou uma pequena adaga que estava presa a sua bota. Com ela, fez um corte na palma da mão e deixou o sangue pingar sobre a Profecia, no momento em que o sol surgia com todo o seu fulgor.

Héber ouviu o grito do outro lado do campo de treinamento e correu. Uma aglomeração de jovens recrutas observava enquanto outros tentavam ajudar um homem que se contorcia no chão. Era Barak. O rapaz gritava enlouquecido:

— Minhas costas estão queimando!

Héber ajoelhou-se ao lado dele e com a faca rasgou-lhe a camisa. Alguma coisa poderia tê-lo atingido pelo ar.

— O que aconteceu? – Héber perguntou.

— Ele estava inspecionando as novas armas quando caiu de joelhos e começou a gritar – respondeu um dos rapazes queneus.

Héber voltou o olhar para as costas de Barak e arregalou os olhos de espanto. Uma mancha alaranjada, semelhante a uma pequena chama parecia dançar sobre a pele, na altura da cintura. Barak cerrava os dentes para não gritar. Subitamente, a mancha pareceu diluir-se deixando uma marca que fez Héber e os outros pularem para trás. Barak, vendo-se livre da dor, respirou com alívio

e, ofegante percebeu que todos olhavam para ele com caras de espanto.

— O que foi? O que aconteceu comigo? – ele perguntou assustado.

Héber foi o primeiro a cair de joelhos numa reverência. Em seguida, os outros o imitaram. Barak, espantado, foi levantando-se devagar. Nas suas costas, estava gravado, com fogo divino, o símbolo do sol.

Nathan recolheu a Profecia, a enrolou, e prendeu-a com um cordão. Jael estava encostada a uma árvore com o olhar fixo no palácio de Hazorah. Hulda caminhava perdida em pensamentos. Nenhum deles se atrevia a pronunciar uma palavra, pois não sabiam o que dizer. Deborah, que havia voltado para dentro da gruta, saiu do isolamento e atravessou a ponte. Nathan foi o primeiro a vê-la. Ele foi até ela e, pela primeira vez, não tinha palavras. Ela sorriu e pôs a mão no ombro do pequeno sacerdote.

— Eu sei, Nathan. Seus olhos dizem o que sua voz não consegue.

— Como você está?

— Eu ficarei bem.

Quando Jael a viu, não se conteve e correu para abraçá-la. Deborah respondeu ao abraço com a mesma intensidade. Jael compartilhava de seus temores sobre aquele momento e sabia mais do que qualquer um, o que ela estava sentindo.

— Não posso aceitar isso, Deborah... Não posso!

— Vamos ter que aprender a aceitar, Jael. Não vai ser fácil, mas já foi feito. Não há outro caminho.

Hulda manteve-se a distância e Deborah percebeu que a dor a estava corroendo. Ela se aproximou da profetisa e as duas ficaram frente a frente.

— Foi para isso que eu salvei você? Foi para isso que eu permiti que fosse treinada e passasse por tudo o que passou? Você não teve uma vida normal. O peso da responsabilidade sempre esteve sobre você. Tudo isso pra quê? Para que a morte fosse o seu destino?

— Você não pode entender isso agora, mas a verdade é que a morte não será o meu fim. Há um propósito, pois a Profecia é justa.

— Justa? – havia revolta na voz de Hulda. – Como tem coragem de chamá-la de “justa”?

Deborah sentia a vista embaçada pelas lágrimas que teimavam em fluir.

— Se eu não confiar, se eu não acreditar que há justiça, eu não conseguirei ir até o fim! Tenho que me apegar a isso! Exatamente como tenho feito até agora. Foi essa confiança que me permitiu chegar até aqui!

Hulda virou-se de costas.

— Hulda, tem que continuar comigo, por favor! – Deborah chorava sem constrangimento. — Preciso de você. Preciso de todos vocês. Não posso fazer isso sozinha...

Hulda voltou-se e lhe estendeu os braços. Deborah atirou-se sobre eles, aliviada.

— Eu não vou abandonar você, minha menina. Nunca mais farei isso. Ainda que eu não entenda, estarei do seu lado.

Nathan, Jael e Hulda chegaram ao palácio e foram logo tendo conhecimento do ocorrido com Barak.

— Ela fez o certo – disse Nathan. – Eis o resultado.

— Mas a que custo? – murmurou Jael.

Ela notou a expressão severa do sacerdote.

— Não me olhe assim. Eu estou com raiva e não consigo ver justiça nisso. Talvez, quando a raiva passar, eu volte a pensar direito.

Hulda permanecia num silêncio obstinado.

— Hulda, se há algo que queira dizer...

— Barak precisa de nós, Nathan. Se o caminho para alguns está chegando ao fim, o dele está apenas começando – ela falou de modo taxativo.

Hulda deixou a carruagem e os outros a seguiram para dentro do palácio.

Enquanto Nathan e Hulda sumiram em direção a torre, Jael atravessou o pátio e foi para o jardim. Queria poder se isolar como Deborah, para aliviar o aperto que sentia no peito. Ela tinha pensamentos contraditórios, mas não podia evitá-los. Achava que a Profecia havia sido cruel por usá-la, ao entregar nas mãos de Deborah a sua própria condenação. Ela buscou o banco junto à fonte, que agora funcionava jorrando uma água limpa e refrescante. Havia mais alguém lá. Era Barak. Ele estava no banco com os olhos parados fitando a água transparente. As mãos cruzadas e caídas sobre o colo. Ela sentou-se ao lado dele. Eles agora tinham algo em comum. Eram todos escravos das vontades da Profecia. Suspirando, ela tentou afastar aqueles pensamentos de revolta. Não iam mudar nada.

— Sinto-me perdido, Jael – ele falou com a voz sufocante.

– Por que eu?

— Por que eu, Barak? Por que Deborah? Quem somos nós, para questionar a vontade divina? A verdade é que agora tudo está definido.

— Verdade? E por que tenho tantas dúvidas e perguntas?
Ela riu.

— Eu cresci com dúvidas e perguntas, e acho que nem a metade delas foi respondida. Aliás, elas parecem estar se multiplicando à medida que o tempo passa.

Ele olhou para ela preocupado.

— Onde ela está?

— Voltará amanhã. Ela quis um tempo para se isolar e meditar sobre o que leu.

— Sabe de algo?

Jael respirou fundo e tentou parecer relaxada.

— Desculpe, mas ela nos pediu para aguardar a sua volta.

Ele se levantou e olhou em direção a torre.

— Eles passaram boa parte da manhã lá em cima. Acho que o assunto principal sou eu. É estranho ter a sua vida sendo discutida sem a sua intervenção.

— Você aprende a confiar.

Ele olhou pra ela e sorriu.

— Receio que o meu tempo para isso seja bem menor do que o que vocês tiveram.

— Tem razão, Barak. No entanto, será menos doloroso. Uma vida inteira assim não é fácil.

Ele mordeu os lábios e se virou. Jael percebeu que aquele homem alto e forte, escolhido para ser o Rei, o Luminar do Sol, estava tão inseguro quanto um menino ao pegar num arco de caça pela primeira vez.

— Eu e Deborah não sabíamos o caminho que devíamos trilhar para chegar até aqui. Éramos mais jovens e inseguras, assim como você se sente agora. Mas não tenha medo, Barak. Assim como nós, você também terá um caminho a trilhar, e no final dele estará pronto.

— Você não parece sentir que já está pronta, apesar de já ter cumprido sua missão.

— Com você é diferente. Quando você estiver pronto, tudo será consumado. Não haverá mais espaço para dúvidas, apenas a recompensa.

Ele sorriu agradecido no momento em que um rapaz entrou no jardim procurando por ele. Os sacerdotes queriam vê-lo.

— Não tenha medo de enfrentá-los – Jael disse segurando a sua mão. – Eles estarão lá para ajudar você.

— Vou me lembrar disso.

Ele saiu seguindo o rapaz e Jael pôde, enfim, ficar sozinha.

No dia seguinte, quando Deborah desceu do monte encontrou Noa montada em seu cavalo, segurando Bruma pelas rédeas.

— Achei que ia precisar de seu cavalo para voltar pra casa.

Deborah sorriu e afagou o pelo brilhante de Bruma.

— Barak foi o escolhido?

Noa parecia surpresa.

— Como soube?

Deborah riu.

— O céu já havia me dito isso.

Noa não entendeu, pois Deborah se referiu ao sinal no céu. A união do sol e da lua na noite de seu casamento.

— Vamos?

As duas partiram a galope em direção ao palácio.

Jael recebeu Deborah na porta do palácio.

— Estão todos lá em cima? – Deborah perguntou enquanto andavam em direção a sala de audiências.

— Todos, incluindo os representantes do povo. O que pretende dizer a eles?

— Apenas a verdade que eles suportariam ouvir.

Jael parou de andar e puxou Deborah pelo braço.

— Pretende mentir?

Deborah a fitou, incrédula.

— Acha que eu faria isso? Eu falei que diria a verdade.

— Uma verdade que eles suportariam? Isso não existe.

— Existe, sim. O que foi escrito para eles lerem é suportável. Não há necessidade, porém, que saibam de tudo.

Ela recomeçou a andar e Jael teve que correr para alcançá-la.

— É preciso agir com sabedoria, Jael.

— Não sei como fará isso.

— Mantendo a esperança do povo, pois ela não pode acabar.

Jael ia protestar novamente, mas Deborah a olhou suplicante.

— Por favor, confie em mim! Se eu não estivesse certa da vitória, não teria aceitado nada.

— Como pode haver vitória se você... – Jael não conseguiu continuar.

Deborah queria poder consolar a irmã, mas percebeu que um grupo de sacerdotes vinha ao seu encontro.

— Falarei com você depois. Eu só peço que continue confiando, Jael. Foi uma escolha que nós fizemos.

— Não, Deborah... Nós nunca tivemos uma escolha.

Jael deixou que ela seguisse os sacerdotes e se dirigiu para as portas que levavam aos fundos da sala de audiências.

Quando Deborah entrou, o barulho das vozes foi silenciado. Ela podia ver e sentir a expectativa por trás de cada rosto. Para muitos ali, o momento deveria trazer alegria. Ela encontrou o grupo íntimo de sacerdotes e evitou o olhar de Hulda. Havia um banco, que ela havia mandado colocar no lugar do trono de Jabim. O único trono em que ela sentaria, seria aquele que Ihe estava destinado. Ela se apegara a essa certeza com uma fé que nunca sentira antes. Era necessária e ela agora entendia o motivo.

— O momento é chegado. A Profecia é real e vai se cumprir no tempo prescrito para isso. Sei que todos aqui desejam em seu coração ver as palavras escritas, mas nem tudo está visível aos olhos. Mesmo assim, ela estará aberta para que todos possam vê-la, no momento em que quiserem. Afinal, ela não pertence exclusivamente a ninguém, mas a todos. Vocês verão que a vitória é certa e que o exército terá um papel fundamental. A coragem e a fé, que vocês têm demonstrado até agora, deve permanecer. Esse mundo logo será iluminado pelas luzes brancas e puras dos Tronos. Os dias poderão ser contados a partir de hoje.

Um homem deu um passo à frente.

— Quer dizer que os exércitos já estão prontos para serem mobilizados? A Marcha pode começar?

Deborah sorriu com certa amargura.

— Os exércitos estão no processo de preparação para a Grande Marcha. Não ousou dizer que esta deve ser iniciada de imediato, pois o poder que circunda as terras do sul ainda é forte. Além disso, Babilos aliou-se a Salema. Ambas as cidades possuem o poder sobre um grande território e seu exército é imenso.

Um rapaz mais arrojado gritou lá do fundo:

— As carruagens de ferro de Hazorah foram facilmente destruídas. A luz dos Luminares está conosco. Por que temos que esperar?

— Porque a certeza da vitória vai depender do caminho que tomarmos – Deborah falou com calma. – Um caminho

aparentemente fácil pode estar escondendo um pântano. Não é conveniente menosprezar as forças do inimigo. Isso seria um erro.

Um velho senhor de barbas brancas e corpo encurvado, ergueu a mão e Deborah lhe fez sinal para prosseguir.

— Nos meus longos anos de existência, já adquiri a capacidade de interpretar os impulsos guerreiros da juventude. Este impulso cega a sabedoria. Ninguém aqui ponderou naquilo que mais importa, por falta de paciência em escutar. Eu, porém, pergunto: o que diz a Profecia sobre isso? Sua resposta para mim será a decisiva.

Deborah encontrou o olhar de Jael que se mantinha de braços cruzados, encostada a uma coluna.

— Foi uma pergunta sábia – ela respondeu. – A Profecia diz que os exércitos deverão marchar sobre uma única bandeira e se posicionar no perímetro de Salema, circulando a cidade. Nesse ponto, montaremos acampamento e esperaremos o sinal.

Houve uma série de murmúrios e Deborah ergueu a mão.

— Sim, meus amigos, haverá um sinal! Vocês já devem saber que o Luminar do Sol se revelou. O Rei já está entre nós. Ele, no entanto, deve seguir um caminho solitário para descobrir o propósito de sua vida. Até lá, nós deveremos aguardar e confiar.

O rapaz ergueu a voz novamente:

— Esperar? Nossa força é muito maior do que qualquer exército. Se o Rei já foi revelado entre nós, não vejo necessidade de perder mais tempo. Vamos marchar!

Diante de gritos de aprovação por parte dos mais jovens, Jael perdeu a paciência e caminhou para o centro da sala.

— Vamos desobedecer a Profecia, então? Não foi por confiar nela que chegamos até aqui? O que vamos ganhar seguindo nossos próprios impulsos? Os exércitos parecem que estão prontos para lutar e ganhar qualquer guerra, mas não me parecem prontos para ouvir e obedecer. Os Queneus não partirão, enquanto a ordem não sair daqui, dessa sala!

— A Ordem Branca também não – completou Noa. – Conheço a dor de uma espera longa e a alegria de vê-la chegar. Não me importo de aguardar e fazer o que é certo.

Nathan subiu na plataforma e posicionou-se ao lado de Deborah.

— O que estava escrito foi decretado e ratificado. O Pai usa muitas maneiras diferentes ao lidar com exércitos e batalhas. Conta-se que uma vez, antes da era dos Tronos, as muralhas de uma cidade vieram abaixo com apenas o som do grito de guerra do exército. Em outro momento, uma canção sobrenatural, entoada pelos guerreiros, foi o motivo da fuga dos inimigos.

— Por que pensar em mortes? Por que pensar em sangue? Existem vidas naquela região que merecem ser salvas – falou Deborah. – Não é promovendo uma carnificina que os Tronos recuperarão o Reino. Mas a vitória virá se continuarmos obedientes à Profecia. Essa deve ser a nossa bandeira.

O rapaz ainda não estava convencido.

— Se não haverá batalha, para quê servirá um exército?

Deborah fitou diretamente o jovem arrojado.

— Não é suficiente saber que tudo está se cumprindo? Precisa de mais sinais? Olhe em volta e veja esse lugar. O que ele era antes? As pessoas que hoje nos cercam e integram nossas forças eram súditos de Jabim. Agora são pessoas livres e felizes, porque a luz as libertou. Salema não é diferente de Hazorah. Foi apenas pelas armas que veio a nossa vitória sobre as forças de Sísera? Não foi de maneira sobrenatural que as carruagens de ferro ficaram inutilizadas, para que pudéssemos vencer?

O rapaz finalmente reconheceu as verdades ditas por Deborah e voltou ao seu lugar de cabeça baixa.

— Bem, eu estou cansada – disse Deborah sentando-se no banco. – A Profecia diz que os exércitos devem marchar para Salema e acampar diante da cidade. Essa é a ordem e a Profecia estará exposta para que todos, possam lê-la e verificar por si mesmos. Por enquanto, isso é tudo o que eu tenho para falar.

As portas foram abertas e os representantes do povo começaram a sair. Ficaram apenas os sacerdotes, a Ordem Branca e Jael. Ninguém falou e um silêncio pesado caiu sobre a sala.

— Onde está Barak? – Deborah perguntou, quebrando o silêncio.

— Ele queria ficar sozinho para pensar – explicou Jael. – Ele achou que a presença dele aqui ia alvoroçar os ânimos do povo e preferiu evitar.

— Ele agiu certo.

Ela virou-se para a Ordem Branca.

— Maalá, eu posso confiar a preparação do exército em suas mãos?

A mulher mais velha a olhou com espanto, enquanto Noa mantinha uma expressão confusa.

— Noa, eu tenho outra missão para você. Preciso que venha falar comigo essa noite.

— Eu virei – ela disse.

Deborah aguardou a resposta de Maalá.

— Pode confiar em meu trabalho. Não vou desapontá-la.

Deborah sorriu e virou-se para os outros.

— Existem coisas na Profecia que estavam escritas apenas para os meus olhos. Não são coisas fáceis de entender. Eu não me sinto em condições de explicá-las a vocês. Pelo menos, não agora. Hulda, Jael e Nathan sabem, porque foram testemunhas daquele momento. Eles poderão adiantar a vocês do que se trata... Se eles puderem.

— Para onde você vai, agora? – perguntou Hulda.

— Preciso procurar Barak.

Ela saiu sem dizer mais nada.

Barak estava encolhido dentro de sua gruta, fugindo do sol. Era como se quisesse fugir de si mesmo. Ele procurava avaliar sua vida e como se sentiu sobrecarregado com o peso de um exército nas costas. Ele tinha suas falhas. Era inseguro, e tinha medo de encarar um futuro que ele nunca almejou e nem foi preparado para ele. Agora ele conseguia entender o dilema de Deborah. A ele cabia o trono do Luminar Maior! Ele pôs as mãos cobrindo o rosto

— Levante-se, Barak! – ele ergueu a cabeça ao ouvir a voz de Deborah.

Ela estava parada na entrada da gruta e olhava para ele com a expressão séria.

— Isso não é motivo para você se lamentar e chorar como uma criança.

Ele se levantou.

— Você foi preparada para isso e, mesmo assim, sentiu a dificuldade, o peso. Por que exige algo diferente de mim? – havia um tom de defesa na sua voz.

— Você é um guerreiro desde a infância e o seu coração é digno e valoroso. O seu preparo foi feito de uma maneira sutil e sem sofrimento. Foi algo aceito por você de uma forma natural.

— O que sabe sobre mim, Deborah?

Ela aproximou-se dele e tocou-lhe o coração com a palma da mão aberta.

— Conheço o que tem aqui dentro e confio em cada batida que dá.

Ele a abraçou com força. Ela também se agarrou a ele querendo sentir aquela aproximação mais uma vez, antes dele partir.

— Você terá que partir amanhã.

— Não pensei que fosse tão cedo – ele murmurou.

— O tempo agora correrá rápido... Muito rápido.

— Me acharia fraco se eu dissesse que estou com medo?

Ela sorriu.

— Não. Eu sei muito bem o que é isso.

Ele a olhou demoradamente antes de lhe dar um beijo desesperado.

— Podemos aproveitar essa noite? Longe de tudo e de todos, apenas nós.

Ela hesitou e ele a olhou intrigado.

— Volte comigo – ela pediu.

— As pessoas...

— Não fuja delas, Barak. Você representa muito para esse mundo e precisa entender isso. Deixe-os acreditar em você, embora você mesmo não acredite. A fé delas te dará força.

Ele sorriu.

— Fala como alguém que já passou por isso.
— Sabe que passei.
Eles voltaram ao palácio quando o sol já estava se pondo.

CAPÍTULO 20

O Destino de Barak

Héber parou diante da tenda de Jael, indeciso se deveria entrar ou não.

— Jael – ele chamou com a voz mais firme que conseguiu impor.

— Entre, Héber – ela respondeu quase de imediato.

Ele achou que a encontraria já pronta para uma audiência no palácio, mas Jael parecia não ter trocado de roupa desde a hora em que chegara. Ela estava sentada em um pequeno banco, com a cabeça baixa e a testa encostada no arco inseparável, que segurava diante de si. Ele hesitou ao vê-la daquele jeito.

— Jael, o que foi?

Ela deu um suspiro e levantou a cabeça.

— Acho que não vi o tempo passar... Está passando tão rápido.

Ele aproximou-se dela e pôs a mão na sua testa.

— Jael, você está doente. Está queimando de febre.

— Eu vou ficar bem, só preciso... – ela desmaiou no meio da fala.

Héber a segurou a tempo. Ele a pegou nos braços e a levou para a cama com cuidado. Em seguida, Héber mandou chamar Naor e aguardou impaciente. No lugar de Naor, ele viu Deborah e Barak passarem pela porta.

— Estávamos a caminho do palácio e resolvemos passar por aqui antes – Barak explicou. – Encontramos Naor e ele contou o que havia acontecido.

Deborah caminhou até a cama e pegou na mão de Jael.

— Jael – ela chamou.

Jael abriu os olhos febris e fez uma careta levando a mão à cabeça.

— O que aconteceu? – ela perguntou com um gemido. – Minha cabeça dói muito.

Deborah pôs as duas mãos envolvendo a cabeça de Jael e sentiu a temperatura alta, o latejar violento das têmporas. Ela fechou os olhos e encostou a própria testa na da irmã. Após um tempo, ela sentiu o latejar diminuir e Jael relaxar.

— O que você fez? – Jael perguntou ainda um pouco fraca.

— Eu posso curar a sua dor de cabeça, mas não posso tirar do seu peito o peso que está causando isso.

Barak pressentiu que aquela seria uma conversa íntima e pegou no braço de Héber.

— Vamos esperar um pouco lá fora.

Héber o seguiu ainda hesitante.

— Precisa superar isso, Jael – Deborah falou quando ficaram sozinhas.

— Desculpe, mas não posso. Quando eu peguei a Profecia no Monte da Lei, senti que meu destino estava ligado ao seu de alguma forma.

— O que quer dizer?

Jael tentou sentar, mas sentiu-se tonta.

— Eu sou uma Luminar e isso está me afetando também, você não entende? – ela parecia perturbada.

Deborah não sabia o que dizer. Não vira nada sobre o destino de Jael. Aquilo era realmente algo que ultrapassava sua compreensão.

— Acho que precisamos falar com Nathan – foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Jael concordou e voltou a recostar-se na almofada. Deborah sorriu ao ver que a temperatura dela estava baixando.

— Você ficará bem agora – ela falou já se levantando para sair. – Mandarei Héber entrar.

— Deborah – Jael chamou.

Deborah virou-se antes de abrir a porta da tenda.

— Lembra-se da visão que tivemos da ponte?

— Não foi bem uma visão – a voz de Deborah saiu vacilante.

— Talvez fosse um aviso.

Deborah avaliou a possibilidade com uma expressão grave no olhar.

— Vamos aguardar até amanhã, Jael. Eu não ousou acreditar que, depois de tudo, algo tão sério permaneceria oculto para mim. Alguém deve ter a resposta.

Ela virou-se e se foi.

Pouco depois, Héber entrou. Ele parecia preocupado e tenso. Ela sentou-se recostada as almofadas e ele sentou na cama segurando suas mãos.

— Jael, eu sei que é um momento delicado, mas eu preciso dizer algo que decidi fazer. – ele falou rápido com medo de perder a coragem. – Apenas precisa ser dito logo, pois não há tempo.

Ela o olhou com a expressão confusa e apertou as mãos dele.

— Não há tempo para o quê, Héber? De que você está falando?

Ele respirou fundo.

— Eu decidi partir com Barak amanhã, junto com a comitiva.

Jael sentiu um nó na garganta e ficou sem fala.

— E quanto a nós? – ela perguntou num sussurro.

— Nos casaremos quando eu voltar.

Ela não impediu as lágrimas que banharam seu rosto.

— Talvez seja tarde quando voltar.

As palavras dela o assustaram.

— Não vai ser tarde, Jael! Já falei com Hulda e nós poderemos nos casar quando voltarmos.

Ela o abraçou com força e desespero. Ele sentia o corpo dela sendo sacudido pelos soluços.

— Desculpe – ela conseguiu dizer após um tempo.

— Pelo quê? – A mão dele acariciava os cabelos dela.

— Pelo tempo que perdemos.

Ele a olhou firmemente.

— Você está me assustando.

Ela enxugou o rosto e saiu da cama já restabelecida da febre repentina.

— Você teria a coragem de cometer a mesma loucura que Deborah e Barak?

Héber demorou apenas alguns segundos para entender o que ela estava dizendo.

— Quer casar comigo agora? – ele perguntou espantado, mas podia-se perceber a alegria em sua voz.

— Deborah ainda está lá fora?

Héber saiu correndo e alcançou Deborah e Barak no topo da colina que marcava a saída do acampamento quenita. Ele expôs rapidamente a idéia de Jael.

— Eu vou voltar e falar com ela – Deborah decidiu.

Os três chegaram na tenda onde Jael aguardava na porta.

— Jael, tem certeza do que quer fazer? – Deborah perguntou, embora soubesse a resposta.

— Olhe, não teremos certeza de nada até amanhã. Até lá, Héber estará partindo e você sabe quando ele voltará.

As duas se olharam longamente, comunicando-se sem palavras.

— Você pode fazer isso, não pode? Você é a Herdeira. Sua autoridade é maior do que a dos sacerdotes.

— Sim, eu posso.

Deborah virou-se para Héber com um sorriso.

— É isso o que você quer, Héber?

O rapaz sorriu abertamente.

— Do fundo do meu coração.

Ela sentiu a sinceridade contida naquelas palavras.

— Vamos entrar?

Havia um tapete redondo de cor vermelha e detalhes geométricos de cor verde que cobria o chão da tenda. Deborah os guiou para o centro. Héber e Jael se ajoelharam enquanto ouviam atentamente as palavras de Deborah e a bênção de prosperidade e felicidade com a qual ela finalizou. Ela pegou a mão direita de Jael

e a pôs diante da mão direita de Héber. Barak assistia a tudo em um silêncio contemplativo, como testemunha.

— Entrelacem os dedos.

Eles obedeceram.

— Há uma aliança sólida e eterna firmada entre vocês agora. Sejam felizes sem se preocupar com o tempo que avança. Vivam cada minuto dessa noite e tornem-se um único coração. Amanhã, essa aliança estará mais forte, e vocês poderão seguir em frente sabendo que não estão mais sozinhos.

Deborah pousou uma das mãos na cabeça de Héber e a outra na de Jael. Eles sentiram as mãos de Deborah esquentarem, e logo depois o ambiente foi cheio de uma fragrância suave e perfumada.

— Vocês agora são marido e mulher, com a bênção do Pai.

Deborah e Barak saíram sem mais nenhuma palavra, deixando os dois sozinhos. Ela, porém, seguia refletindo se tinha feito a coisa certa.

Naor, sabendo o que havia acontecido, deixou ordens expressas para que ninguém se dirigisse a tenda de Jael, naquela noite.

Lá dentro, Héber respirou profundamente enquanto desamarrava a túnica de Jael. Ela fez o mesmo com a dele, imitando seus movimentos. Quando ele tirou a última peça da roupa da esposa, parou admirado.

— Você é linda, minha rainha! — ele falou emocionado.

Ela passou a mão pelo peito largo e musculoso do marido. Ele a envolveu em seus braços e a levou para a cama.

— Eu não pretendo dormir essa noite — a voz dele era rouca e envolvente.

— Então, não durma...

Ela o puxou para si e uniram-se, primeiro em um beijo, depois, em seus corpos.

Hulda e Salum encontraram Deborah e Barak no corredor. Hulda olhou interrogativamente para Deborah.

— Pensei que Jael viesse com você.

— Acho que não devemos esperar por Jael hoje – Deborah não queria entrar em detalhes naquele momento. – Noa já chegou?

— Sim, ela está à sua espera na sala de audiências.

— Ótimo! Vamos, então?

A sala de audiências possuía uma mesa baixa para refeições depositada em um canto recuado do salão. Noa aguardava junto com Nathan e Otoniel. Juntos, todos se encaminharam para a mesa. Deborah, sentada à cabeceira, começou:

— Muitas coisas me foram reveladas durante a leitura da Profecia e também durante o meu tempo de reclusão. É necessário que Barak inicie a sua jornada imediatamente. Não dá mais para desperdiçar o tempo. Ele começou a ser contado a partir daquele momento.

— Esta viagem que empreenderei é conhecida por algum de vocês? – Barak falava com mais segurança.

— Na realidade, meu rapaz, tudo o que os sacerdotes sabem a respeito do Luminar do Sol, é que ele seria revelado pela Herdeira, mediante a Profecia Selada – falou Otoniel olhando para Nathan.

— É verdade, Barak. Estamos totalmente ignorantes quanto ao seu destino.

Barak olhou assustado para Deborah. Ela pôs a mão sobre a dele e sorriu.

— Mas eu não estou. Eu lhe darei a direção que me foi indicada.

Ela olhou em volta e seu olhar pousou em Noa.

— Noa, eu tirei você do comando do exército porque eu preciso de você nessa jornada.

— De mim? – ela estava visivelmente surpresa.

— Barak não irá sozinho. Ele precisa de uma pequena comitiva, pois o caminho tem seus perigos e não convém que ele os enfrente sem ajuda.

— Eu gostaria de estar nessa comitiva – voluntariou-se Salum. – Barak é como um filho para mim. Eu o tenho aconselhado

e acompanhado por muito tempo. Se ele me permitir esta honra, eu gostaria de estar no grupo.

Barak sorriu para o sacerdote.

— Isso me deixaria muito feliz, Salum.

— Héber também irá – disse Deborah.

Ela, então, voltou a olhar para Noa.

— Jael acabou de voltar de uma jornada difícil e eu só confiaria uma missão dessa magnitude a você.

A guerreira abaixou a cabeça com respeito.

— Eu espero honrar sua confiança, Deborah.

— Leve Hadassa com você.

Noa a encarou sem compreender.

— Por que ela?

— Porque ela será útil, acredite.

Noa percebeu o fato inesperado de que Deborah conhecia suas dúvidas com relação a Hadassa. Mas, seria aquilo tão importante para que ela as unisse em uma mesma missão?

— Farei o que me pede, embora não compreenda o motivo.

Deborah sorriu.

— O tempo vai mostrar, Noa.

No final, ficou decidido que a comitiva seria formada por Barak, Héber, Salum, Noa e Hadassa.

— Agora que já sabemos quem vai, será que poderia nos dizer que direção tomar? – Barak perguntou impaciente.

Deborah suspirou e falou com o olhar perdido em alguma lembrança.

— Vocês devem seguir para o Extremo Norte. Lá, vocês vão encontrar uma grande montanha que dizem existir desde a origem do mundo. Os sábios a chamam de Montanha Branca – ela viu o olhar de reconhecimento dos sacerdotes. – Ela é chamada assim porque mesmo no mais quente verão, a neve em seu cume é eterna, nunca derrete. Existem segredos milenares escondidos em seu interior. Este pode ser alcançado através de uma abertura, na verdade, uma fenda estreita. Vocês devem encontrar esta fenda e

entrar dentro da montanha. O caminho os levará ao topo, onde encontrarão o que procuram.

Quando ouviu Deborah mencionar a Montanha Branca, Noa baixou a cabeça, perdida em pensamentos do passado. Será que ela também sabia disso?

Barak segurou a mão da esposa trazendo-a de volta a realidade. Ela piscou e olhou para ele.

— E o que nós procuramos? O que devemos encontrar? — ele perguntou.

— Você é o Rei, Barak. Um rei precisa de um cetro.

Otoniel e Nathan falaram quase ao mesmo tempo:

— O Cetro da Luz!

Deborah assentiu e voltou-se para ele.

— Essa é a sua jornada. Vá, encontre o Cetro e marche até Salema, para encontrar seu exército. No caminho, outros lhe seguirão porque serão atraídos pela sua luz. Eu... — ela hesitou. — Estarei em Salema à sua espera.

Nathan e Hulda trocaram um olhar que escondia muitos significados.

— Por que a partida tem que ser tão rápida?

— A exigência não é minha, Barak. Isso foi exigido há muito tempo e só nos cabe zelar pelo seu cumprimento.

Deborah encostou-se na cadeira com os olhos fechados e pousou a mão na testa.

— Sinto-me cansada.

— Teve um dia difícil — falou Nathan.

Quando Deborah abriu os olhos, viu que todos já haviam saído e apenas Barak estava ao seu lado. Ele estendeu a mão para ela.

Ela segurou a mão dele e levantou-se. Ele, então, a conduziu para o quarto.

Héber acordou antes do nascer do sol. Ele fechou os olhos e suspirou ao sentir o calor do corpo de Jael ao seu lado. Sua esposa. Ela se mexeu e virou de costas para ele. Héber a enlaçou e aguardou que a hora de levantar chegasse. Não queria mais dormir,

pois preferia aproveitar o tempo que faltava naquele ambiente aconchegante, desfrutando da maior felicidade que ele jamais sonhara ter. Foi uma noite de amor e paixão intensa. A entrega de ambos foi total, devido ao pouco tempo que teriam. Pela primeira vez, ele compreendeu o significado de se tornar um só ao unir-se a uma mulher. Jael nascera para ele e ele para ela. Não havia como duvidar.

Ele levantou-se com pesar, e vestiu a túnica azul escura semelhante a de Jael. Ela fez o mesmo. Quando terminaram de se vestir o som da trombeta de Barak se fez ouvir.

— Estão chegando – ele disse.

Ela pegou a mão dele e foram ambos esperar do lado de fora da tenda. A comitiva já havia entrado no acampamento e era liderada por Barak. Deborah vinha ao seu lado.

— Dê-me apenas alguns minutos para pegar meu cavalo – Héber falou se desculpando.

Barak sorriu.

— Qualquer atraso seu esta manhã é justificável, meu amigo.

Héber deu um beijo em Jael e foi em direção ao cercado dos cavalos.

— Sente-se feliz agora, minha irmã? – Deborah perguntou.

— Você deve saber como me sinto. Uma combinação de felicidade e tristeza ao mesmo tempo.

Barak apertou a mão de Deborah e deu-lhe um beijo ao ver Héber se aproximar.

— Nos encontraremos em Salema.

— Aguardarei ansiosa o seu retorno – ela tentou esconder o medo que sentia do futuro.

— Algum problema? – ele perguntou ao perceber algo no olhar dela.

— Apenas a dor da saudade – não era mentira, mas apenas uma parte da verdade.

Héber vinha montado em um belo cavalo malhado que ele chamava de Dançarino, devido ao trote elegante. Jael aproximou-se e pegou a mão dele levando-a até seu rosto.

— Não desça, senão eu não poderei mais deixá-lo ir.

Ele acariciou o rosto dela e em seguida levou o cavalo para o lado de Barak. Atrás deles estava Salum, seguido por Noa e Hadassa, que assistiam a tudo, caladas. Quando a comitiva se foi, Jael aproximou-se de Bruma e alisou o pelo negro e brilhante do cavalo.

— Não vai desmontar?

— Na verdade, eu vim buscar você. Hulda e Nathan estão a nossa espera no palácio.

Jael suspirou.

— Vou buscar Solaris, então.

Deborah lhe estendeu a mão.

— Deixe seu cavalo descansar. Eu levo você.

Jael a olhou intrigada e Deborah sorriu.

— Não sei se partilhamos do mesmo destino, mas podemos partilhar do mesmo cavalo pelo menos uma vez.

Jael sorriu e aceitou a ajuda para montar.

— A rainha dos Queneus em uma garupa! Não é muito honroso – Jael brincou.

Deborah riu e incitou Bruma a correr.

CAPÍTULO 21

A Visão Compartilhada

Quando chegaram ao palácio já havia um rapaz esperando para levar Bruma pra estrebaria.

Elas seguiram em frente. O aposento de Hulda ficava no final do corredor que levava ao segundo piso. Lá chegando encontraram Hulda, Nathan e, obviamente, Otoniel. Este já havia sido informado pelos outros a respeito do destino de Deborah. Cadeiras haviam sido postas em círculo. Deborah e Jael tomaram seus lugares em silêncio. O clima parecia tenso, o que fez olhos encarar outros olhos em expectativa.

— Bem, acho que todos sabem o motivo de estarmos aqui – começou Deborah. – Eu quis ir pessoalmente buscar Jael, a fim de que vocês pudessem ter mais liberdade para discutir o assunto na

visão sacerdotal. Confesso que o assunto é obscuro pra mim e não faço idéia do que pensar.

Jael permaneceu calada. Ela podia perceber o vinco formado entre as sobrancelhas de Nathan. Não era um bom sinal.

Otoniel deu um longo suspiro antes de falar.

— Fiquei chocado ao ser informado sobre a verdade relativa à Profecia...

— O que eu contei ao povo não foi mentira – apressou-se Deborah. – Aquilo também faz parte da verdade. A reunião dos exércitos em volta de Salema é algo que deve acontecer.

Otoniel levantou as mãos e sorriu.

— Eu estou consciente disso, Deborah. Admiro, inclusive, a sua sabedoria e autocontrole. Não havia necessidade de chocar as pessoas com a verdade total. Já está sendo bastante difícil para nós, imagine para eles.

Ele fez uma pausa e olhou para Jael.

— A resposta para suas dúvidas, Jael, sou eu que possuo.

Deborah percebeu o quanto Jael ficou tensa naquele momento.

— Então, me fale logo se o que estou sentindo tem fundamento ou não. Não suporto mais essa espera.

Otoniel pôs as mãos sob o queixo e fechou os olhos como a pensar no que ia dizer.

— Durante toda a minha vida como sacerdote, aguardando o dia em que a Profecia seria manifestada, vi meus amigos e irmãos se debruçarem em escritos antigos procurando saber tudo sobre os Luminares do Sol e da Lua. O terceiro Luminar, o da Estrela, não parecia tão importante. No entanto, estava lá. O símbolo do Guardiã ou da Guardiã. Ninguém nem sequer sabia de que gênero seria – ele soltou uma risadinha quase imperceptível — Eu decidi, então, apesar das críticas de meus superiores, estudar o terceiro Luminar. Para eles, eu estava perdendo o meu tempo – ele olhou para Jael e sorriu. – Mas eu sabia que não estava.

— O que o fez ter certeza disso? – ela perguntou suavemente, sentindo novamente a ternura do velho sacerdote.

— Fé, eu acho. Por conta própria, eu fui até a cidade antiga de Aroer. Eu era jovem e os sacerdotes eram bem—vindos. Não havia tanta desconfiança naquele tempo. Foi lá que eu encontrei informações sobre o Luminar da Estrela. Os documentos me foram confiados e eu passei a estudá-los com afinco.

Ele olhou novamente para ela.

— É por isso que eu afirmei ter as respostas que você procura.

Ela assentiu em silêncio, mas seu olhar estava atento e alerta para o que seria dito.

— Quando você olha para o céu, em certas noites, e observa a lua, você também pode notar uma pequena estrela. Ela, às vezes, surge muito pálida e distante, mas vai adquirindo tamanho e brilho ao se aproximar da lua. Quando as duas estão próximas, quase se tocando, podemos admirar suas luzes – ele fez uma pausa e suspirou. – A Guardiã nunca vai deixar a Herdeira seguir sozinha. É o seu destino que está escrito no céu.

Deborah olhou apreensiva para Jael. A Guardiã olhava fixamente para o chão, tentando processar e aceitar o que ainda viria. Ao sentir a mão de Deborah na sua, ela a apertou levemente.

— Otoniel, você pode ser mais claro quanto a isso? – Deborah pediu. – Todos nós aqui sabemos qual será o meu destino. De que forma ela deverá me seguir? Seria possível que a Profecia também exija a sua morte?

Até aquele momento, a palavra “morte” havia sido evitada, embora estivesse clara como água. A pergunta de Deborah causou constrangimento e um silêncio lúgubre. Ela suspirou.

— É isso o que vai acontecer comigo. Vocês devem aceitar isso.

Nathan levantou a cabeça. Ele estava recluso e silencioso desde que testemunhara a abertura da Profecia Selada.

— Nenhum de nós consegue encarar a morte de uma maneira diferente do que nos foi passado à vida inteira, Deborah. Não nos foi dito que poderia haver esperança depois dela. Pensar na sua morte dificulta pensar no futuro, e isso nos entristece...

— Eu também fui ensinada da mesma forma, Nathan. Se não fosse pela fé cega na visão que me foi dada, eu teria desistido de seguir em frente e tudo estaria perdido. Eu não fui preparada para esse fim. Mas a visão me mostrou que a morte não é o fim. Há esperança e há retorno. Não sei como se dará, mas tenho que acreditar nisso. Haverá sofrimento e dor, mas a alegria que virá depois fará com que tudo seja esquecido.

Ela voltou-se para Jael.

— Mas tudo o que vi se refere a mim. Não consigo entender onde se encaixa o destino de Jael. Ela também deverá morrer? Sua vida também será sacrificada?

Otoniel, como era de seu costume, levantou-se e caminhou pela sala antes de falar. Ele caminhou até parar de frente para Jael.

— Não é necessário que haja morte em seu destino, Jael. Mas você caminhará ao lado de Deborah e zelará pelo cumprimento da Profecia. Essa é a sua verdadeira missão.

Jael levantou-se ao perceber qual seria a verdade por trás da sentença do sacerdote.

— Zelar pelo cumprimento? O que isso quer dizer exatamente? – havia ansiedade na voz dela.

– Você não é a Guardiã apenas da Profecia Selada, mas de toda a Profecia. De uma forma ou de outra, você tem protegido a vida de Deborah, assumindo riscos desde o começo de sua jornada. É seu dever guiá-la ao seu destino – Explicou Otoniel.

— Está querendo dizer que eu devo abrir o caminho para que ela seja sacrificada? Ter lhe dado à própria condenação nas mãos não foi o suficiente? – havia revolta nas palavras de Jael.

Deborah levantou-se.

— A Profecia pede demais a ela, Otoniel.

— Não cabe a nós questionar o que já foi decidido pelo Pai – lembrou Nathan com um peso no coração.

Jael olhou para Deborah com lágrimas nos olhos.

— Eu preciso ficar sozinha. Se não houver mais nada a ser dito, eu peço licença para me retirar.

— Vá, filha, e reflita – disse Otoniel. – Você é forte o suficiente para enfrentar isso.

Ela saiu sem olhar para trás.

A comitiva tomou o rumo norte seguindo o curso do Grande Rio. Era um caminho fácil de seguir e o qual Barak já conhecia devido ao seu papel de embaixador junto aos reis do norte. A água era abundante e a vegetação era suficiente para propiciar sombra nas horas quentes do dia. Quando pararam para almoçar, Salum esticou as costas doloridas e aceitou o odre de água que Noa lhe oferecia.

— Obrigado, filha. Apesar de não estar acostumado a longas viagens, sinto o meu espírito rejuvenescido.

Ela sorriu e recebeu o odre de volta para tomar o seu gole. Ele apontou para uma colina.

— A facilidade, entretanto, não durará muito tempo. Está vendo aquela colina? O Lago dos Ventos está além dela. É o limite do mundo que conhecemos.

— Por que é chamado de “Lago dos Ventos”.

Ele buscou uma pedra para sentar enquanto explicava.

— Pelas tempestades repentinas que se formam em sua superfície. São tempestades violentas por causa dos ventos que sopram de várias direções. Muitos barcos de pesca jazem embaixo de suas águas.

Noa sentou-se ao lado dele.

— Já estive nessa região? — ela perguntou.

— Sim, quando era mais jovem.

Ele a observou com simpatia. Até aquele momento, só a tinha visto junto a Ordem Branca e como comandante do exército. Agora, no entanto, percebia que Noa era uma mulher jovem e observadora. Não era muito dada a palavras, mas sabia falar na hora certa. Seu silêncio trazia a tona um olhar que valia por um discurso.

— E o que vem depois do lago? — ela perguntou, ainda olhando para as colinas. — Qual será o nosso caminho?

— Bem, primeiro temos que alcançar o lago através de um trecho perigoso que corre por dentro daquelas colinas que estamos vendo. O rio segue pelo meio de um desfiladeiro que é um covil de assaltantes.

— Então, teremos ação? – ela perguntou sem se alterar.

— É possível.

Ela voltou o olhar para ele com o rosto sério e pensativo.

— Não seria melhor descansarmos o suficiente aqui para cruzarmos o desfiladeiro a noite?

— Por que de noite? – ele perguntou surpreso.

— A vigilância deve ser maior durante o dia. As caravanas costumam descansar a noite.

Ele pensou que talvez ela estivesse certa.

— Acho que devemos falar com Barak a esse respeito. Ele viajou recentemente por esses lados.

Ela balançou a cabeça, mas nada respondeu. Salum sorriu e pôs a mão grande e forte sobre o ombro dela.

— Não creio que a opinião dele seja muito diferente da sua.

Noa deu um pequeno sorriso enquanto ele se levantava para procurar Barak.

Barak estava de cócoras na margem do rio enchendo o seu odre. Levantou-se ao ver Salum se aproximando. O sacerdote lhe falou sobre a idéia de Noa. Barak ouviu atentamente e voltou o olhar para as colinas.

— Não me espanta o fato de Deborah ter escolhido Noa para nos acompanhar. Sabia que ela foi uma rastreadora antes de se firmar na Ordem de Zelofeade?

— Não, eu não sabia – Salum estava espantado.

— Ela está certa, Salum. Foi exatamente isso que eu fiz na minha última viagem. Passamos sem problemas, o que não seria possível se a travessia fosse durante o dia.

O sacerdote o olhou espantado.

— Então, você já havia tomado sua decisão?

— Claro. Preciso aprender a arte de tomar decisões sábias, não é? Não quero por a mão em nenhum cetro, se não for digno disso.

Barak guardou o odre no meio de suas coisas e respirou fundo sentindo o sol no rosto.

— Preciso caminhar um pouco sozinho, Salum. Devo tentar ouvir a voz do Pai para compreender o meu caminho.

— Faça isso, rapaz. Não tenha pressa.

Jael saiu dos muros de Hazorah e se pôs a caminhar pelos campos e povoados que se formaram em volta da cidade. Ela caminhava sem direção e tentava administrar os sentimentos de raiva, medo e revolta que se misturavam em seu íntimo. Caminhou até seus pés começarem a protestar. Ela sentou-se em campo aberto sob a luz forte do sol da manhã e fez uma retrospectiva de sua vida. Por que pintaram um futuro tão belo? Por que não falaram das dores e do sofrimento? Ela pensava em desistir, em fugir. Talvez fosse de volta para Gades no meio da noite e ninguém saberia.

— Não deve pensar assim. A fuga não é uma opção.

Ela ergueu-se num salto e viu Deborah sentada um pouco atrás dela. No campo, um pouco mais atrás, Bruma pastava tranquilamente.

— Como você... Eu não te ouvi chegar!

— Estava envolvida demais em seus pensamentos para me ouvir – havia uma leve repreensão na voz de Deborah.

Jael desistiu de discutir e voltou a sentar.

— Por que me seguiu? Eu queria ficar sozinha.

— Deixar que fique só? Pra quê? Para pensar em fugir do seu propósito? – Ela hesitou um pouco antes de continuar. – Jael, creia que o seu fardo não é mais pesado do que o meu.

Jael levantou-se novamente.

— Pare! Eu não quero ouvir nada.

Deborah levantou-se e caminhou até ela.

— Mas tem que ouvir. Eu preciso compartilhar minha visão com você, não há outro jeito.

Jael a olhou sem entender.

— Como assim?

Como resposta, Deborah deu um passo à frente e pôs as mãos envolvendo a cabeça de Jael antes que esta pudesse impedir.

— Me desculpe, minha irmã – sussurrou Deborah. – Eu preciso fazer isso.

De repente, Jael sentiu o calor que saía das mãos de Deborah e fechou os olhos sem conseguir se libertar. Surgiram cenas em sua mente que pareciam fazer parte de um sonho, ou talvez lembrasse mais um pesadelo. Ela se deu conta, na sua consciência, de que via o mesmo que Deborah viu ao abrir a Profecia Selada. Tudo lhe veio à mente como um raio. Ela viu que tipo de morte Deborah teria e aquilo a fez lutar para soltar as mãos que envolviam sua cabeça.

— Pare! Eu não suporto mais ver isso!

— Só mais um pouco – a voz de Deborah estava fraca. – Precisa ver tudo.

Barak surgiu na visão e o pesadelo tomou ares de sonho. Aquela seria a missão dele! Jael relaxou com a nova visão que trazia esperança.

— Isso é tudo – disse Deborah com uma voz quase inaudível.

Deborah a soltou e cambaleou para trás até cair de costas na grama quente. Estava exausta devido ao esforço mental. Jael desabou de joelhos, tonta e segurando a própria cabeça com as mãos. As imagens, deixaram-na atônita. Ela se arrastou até Deborah e deitou-se ao seu lado como alguém que desperta de um pesadelo. A respiração ofegante e o coração acelerado.

— Eu precisava mostrar a você – Deborah falou de olhos fechados. – Você tinha que ver e sentir, para que pudesse entender.

— O que eu tenho que fazer? – Jael conseguiu formular a pergunta.

Deborah virou de lado e olhou para ela.

— Não precisa cruzar a ponte comigo, mas me ajude a chegar até ela. Pode ser que, quando a hora chegar, a coragem me abandone. E você agora sabe que tem que ser feito.

— Por que tem que ser desse jeito?

— Eu me pergunto isso todos os dias, mas só encontro o vazio como resposta.

Elas ficaram em silêncio até que nuvens encobriram o sol e uma brisa começou a soprar. Então, ambas adormeceram.

Jael acordou assustada. Ela não estava mais no campo, e sim na sua tenda. Mas como ela foi parar lá? Por que razão não se lembrava? E onde estava Deborah? Ela levantou-se e correu até a porta. O sol já desaparecia no horizonte e o acampamento começava a acender suas fogueiras, a fim de se proteger da noite fria. Na frente da sua tenda, Naor e Zacarias preparavam uma fogueira para ela. Eles viraram-se ao vê-la e pararam o que estavam fazendo.

— Como eu cheguei aqui, Naor?

O homem aproximou-se dela limpando as mãos sujas de carvão em um pano velho.

— Deborah a trouxe há pouco mais de duas horas. Ela disse para não nos preocuparmos, pois você estava bem e que só precisava dormir. O que aconteceu?

Jael não queria trazer as lembranças de volta.

— Tivemos uma conversa difícil... Eu não quero falar sobre isso agora, Naor. Ela falou se ia voltar?

— Não, ela não disse nada. Na verdade, eu acho que ela parecia tão cansada quanto você. Deve estar dormindo no palácio a esta hora.

Jael esfregou os olhos tentando afastar as imagens que, por reflexo, surgiam de repente em sua mente.

— Tem algo quente para comer aqui? – ela perguntou com a voz cansada. – Não lembro de ter comido nada hoje.

Zacarias, que ouvia tudo calado e sentado perto do fogo já aceso, deu um pulo cheio de entusiasmo.

— Minha mãe preparou uma sopa de carne com batatas. Vou buscar um pouco para a senhora.

— Eu agradeceria muito se fizesse isso, Zacarias – disse Jael, sorrindo para o fiel guarda—costas.

O rapazinho saiu em desabalada carreira para cumprir sua missão.

— Por que não senta aqui perto do fogo, Jael? — Naor falou, indicando um banco de pedras lavradas. — Está começando a esfriar.

Ela concordou e sentou-se em silêncio apreciando o calor das chamas.

Naor tossiu e depois limpou a garganta. Ela aguardou em expectativa o que ele ia dizer. O gesto indicava que algo o deixara nervoso.

— Esta manhã uma caravana de mercadores passou por aqui. Vinham do Litoral, de Gazar, em direção as terras do Oriente.

— E por que passaram por aqui? Não é uma rota de mercadores. Algo errado com a Estrada Real?

O rosto de Naor ficou sério e pensativo. Jael sabia que para se atingir o oriente pelo norte, o caminho se tornava bem maior. Por isso os mercadores criaram uma estrada própria que cortava o país ao meio e levava do Litoral até o limite das estradas orientais. Era a Estrada Real.

— A Estrada Real está sendo evitada por eles.

— Evitada? — Jael estava ficando impaciente. — Por quê?

Nesse momento Zacarias retornou com uma tigela de barro cheia de sopa e a entregou a Jael. A moça respirou o cheiro delicioso do tempero.

— Obrigada, Zacarias. Pelo cheiro deve estar deliciosa.

— Minha mãe sentiu-se honrada por poder compartilhar de nossa comida com a senhora.

— Por que não me chama de Jael, Zacarias? Você fazia isso quando era "menor".

O menino pareceu ficar sem fala. Ele olhou para Naor, que sorria.

— Posso?

Naor soltou uma risada alta.

— Ela acabou de lhe dar permissão, rapaz!

— Eu agradeço, senhor..., quer dizer, Jael — ele gaguejou.
— Preciso contar pra minha mãe! Com licença!

Ele saiu correndo. Jael sorriu e tomou um gole da sopa. O alimento deu-lhe uma sensação boa.

— E então, Naor? Não vai responder?

Naor voltou a ficar sério.

— Eles disseram que Salema e Babilos selaram um acordo de aliança comercial. A Estrada Real lhes pertence agora e qualquer outra caravana está proibida de transitar por ali.

Jael parou de tomar a sopa e pôs a tigela no chão.

— Babilos e Salema? Uma aliança comercial? Que tipo de comércio estão fazendo? – sua voz era tensa.

Naor suspirou.

— Por que não termina a sua sopa?

— Acho que perdi a fome.

Naor protestou.

— Olhe, Jael, eu não sei o que vai fazer depois que eu lhe contar isso, mas seja lá o que for, vai precisar estar alimentada e forte.

Com um suspiro impaciente ela tomou o resto da sopa.

— Pronto – ela pôs a tigela vazia de lado. – Pode me contar agora?

— Salema está fabricando armas com o ferro negro de Babilos. Além disso, tem recebido no templo um contingente de sacerdotes daquela cidade.

Jael levantou-se com o choque da notícia. Sentia o sangue ferver.

— O que pretende fazer?

Ela controlou-se para não ir correndo ao palácio.

— No momento, não consigo pensar em nada, Naor. Acho melhor esperar o amanhecer e dividir essa informação com os sacerdotes.

Ele pareceu surpreso

— Se não vai fazer nada, por que não senta mais um pouco?

Ela procurou relaxar e sentou-se, tentando não demonstrar o quanto a notícia a havia abalado. O que ela mais temia estava acontecendo: Atalia estava tomando posse dos

segredos do ferro negro direto da fonte mais antiga. Os danos que poderiam se originar disso, ela não queria nem imaginar.

Após deixar Jael no acampamento, Deborah resolveu dar uma volta com Bruma. Ela soltou as rédeas e deixou o cavalo correr livremente. Foi apenas quando decidiu voltar que ela percebeu que havia se aproximado das casas recém - construídas do povo que a acompanhou junto com o exército. Ela sorriu e instigou Bruma para o pequeno povoado.

Eram casas simples, mas bem construídas. Sólidas como a nova vida que eles esperavam. Ela viu a mulher que acendia uma pequena lamparina na janela e reconheceu Miriam. Ela e Rute não quiseram morar no palácio, apesar da insistência de Deborah. Miriam sorriu com surpresa ao vê-la se aproximar e foi esperá-la na porta.

— Acho que senti o cheiro do meu chá – disse Miriam, abrindo o portão.

— Devo ter sido atraída pelo cheiro sem saber – brincou Deborah, enquanto descia do cavalo. – Quando percebi, já estava quase na sua porta. Onde está Rute?

— Andando por aí. Ela está meio perdida desde que Hadassa partiu. As duas se tornaram grandes amigas.

— Você quer me dizer alguma coisa?

— Bem, eu estava decidida a ir até o palácio para falar com você, mas como surgiu de repente na minha janela...

Deborah sorriu.

— Fale Miriam.

— Minha filha cresceu Deborah. Não é mais a menininha franzina que você conheceu um dia. Não sei se vou conseguir impedi-la de se unir ao exército, quando este pôr-se em marcha.

— Entendo a sua preocupação, mas não acho que possa impedir sua filha. É uma decisão dela agora, e acho que ela vem sendo muito paciente por se manter apenas cuidando dos animais.

Miriam assentiu silenciosamente.

— Miriam, deixe-a marchar com o exército.

A mulher suspirou profundamente.

— Eu não posso nem imaginar isso, Deborah! É minha única filha! Mas eu sei que estarei agindo errado se tentar impedir que ela cumpra o chamado de seu coração.

Miriam começou a chorar e Deborah a abraçou.

— Eu dou a minha palavra de que nada vai acontecer com ela, Miriam. Acalme-se e orgulhe-se da filha que tem.

— Pode me prometer uma coisa?

Deborah se afastou para olhar nos olhos de Miriam.

— Converse com ela. Ensine a ela a ser uma boa guerreira, Deborah. Ela tem tentado agir por conta própria, como se quisesse me mostrar que é capaz.

— O que ela tem feito Miriam?

Miriam relatou algumas aventuras da filha em tentativas de caça sem sucesso, da frustração que aqueles erros geravam em seu coração e dos treinamentos solitários com uma espada de madeira feita por ela mesma. Deborah sorriu, pois não imaginava uma Rute diferente.

— Eu vou conversar com ela, Miriam. Se não se importar, eu mesma a treinarei e ensinarei. Eu a procurarei amanhã junto a Ordem de Zelofeade. Agora, eu preciso voltar ao palácio. Já fiquei fora por muito tempo.

Bruma esperava impaciente para mais uma corrida. Deborah se despediu com um aceno e se foi.

Barak montava à frente da comitiva e Héber vinha na retaguarda. Hadassa e Noa mantinham Salum entre as duas, criando assim uma proteção para o sacerdote. O desfiladeiro se aproximava. Barak olhou o disco prateado da lua e sentiu saudades da esposa. No entanto, ele gostaria que aquela fosse uma noite escura, a fim de que pudessem passar despercebidos. Ele parou na entrada do desfiladeiro e virou-se para trás.

— Daqui pra frente, a única coisa que nos conforta é a presença do rio. Não terminaremos essa travessia antes do amanhecer, portanto é possível termos problemas mais adiante.

Barak podia sentir a tensão em cada rosto.

— Estamos preparados, Barak – assegurou Héber.

— Confiamos em você, filho – reiterou Salum.
Barak suspirou e avançou entre as duas paredes de rocha.

O palácio estava silencioso. Deborah seguiu pelo corredor e antes de subir a escada que levava ao seu aposento, ela parou diante de uma porta. A última porta. Ela estendeu a mão e a abriu. Deveria estar trancada. Ela observou a sala vazia e foi até a alavanca que abria a porta secreta. Uma abertura surgiu diante dela. Tochas iluminavam a escada que levava para baixo. Ela hesitou antes de decidir descer. Lá embaixo, o poço tinha as águas escuras e paradas. Tão paradas, que parecia uma superfície sólida. Bastaria um toque para ativá-lo. Ela sentou-se no degrau da escada e ficou olhando aquela água e pensando. Seria fácil morrer ali. Não precisava ser tão difícil.

— Deborah?

Ela virou-se e viu Nathan. O sacerdote sentou-se dois degraus atrás dela.

— O que faz aqui? – a voz dele era tranquila.

— Deveriam manter a porta trancada – ela comentou.

— Por quê?

— Alguém poderia ativar o poço novamente.

— Não há mais perigo no palácio.

Deborah levantou-se e caminhou até o poço sem se virar.

— Tem certeza disso?

— O que está pensando?

Ela estendeu a mão sobre a água e Nathan ficou em pé.

— Deborah, não é assim que deve ser!

— Por que eu não posso escolher o modo? – ela parecia travar uma luta interna.

— Por que não é você quem decide – a voz dele tinha um tom de súplica.

Após um momento, ela recolheu a mão e virou-se bruscamente. Seus olhos pararam em Nathan.

— Está sendo difícil, Nathan. Onde eu posso buscar conforto? Se eu busco o Pai no silêncio, as imagens surgem de repente. Elas não me deixam nem por um minuto!

Nathan estendeu a mão.

— Venha, filha. Vamos subir.

Deborah o seguiu até o corredor. Nathan puxou um molho de chaves que trazia escondido em seu manto e trancou a porta. Deborah o olhou surpresa.

— Você tinha a chave da porta? Foi você que a deixou aberta? Por quê?

— Eu também tenho meus momentos de intuição divina. Achei que esse poço acabaria lhe atraindo em algum momento.

— Eu poderia ter ativado o poço, Nathan. O que fez foi muito arriscado.

— Por isso eu fiquei por perto.

Ela o olhou, intrigada e irritada ao mesmo tempo.

— Outro teste? Estou farta deles!

— Perdoe-me, Deborah. Eu só queria ter certeza do quanto isso está afetando você.

— Conseguiu o que queria? — havia mágoa na voz dela. — A verdade é que sinto o meu coração pesado, porque dentro de mim existe revolta! — ela falou erguendo a voz. — Eu ainda não consegui compreender!

Ela fez uma pausa e foi até a sacada que dava para o pátio e apoiou as mãos no muro. Ele percebeu que ela chorava. Um choro contido.

— Eu teria ativado o poço, Nathan. Eu teria feito isso! — havia angústia na voz dela.

— Não, você não teria feito isso. Eu vi como lutou consigo mesma para recuar a mão. Você ama a Profecia e deseja mais do que tudo zelar para que ela se cumpra. No entanto, você é humana e é natural que sinta medo, desespero. Concentre-se na esperança futura, Deborah. Pense naquela parte da visão que a fez aceitar o seu destino. Será que não vale a pena?

Deborah fechou os olhos e respirou fundo. As imagens vieram agora com suavidade. Imagens de vitória, alegria e paz. Ela conseguiu trazê-las à tona pela própria vontade. Sentiu-se relaxar. Nathan pôs a pequena mão sobre a dela.

— Está vendo? Você consegue. Faça isso quando se sentir fraca e perdida. Traga essas imagens á sua memória e continue a viver!

Ela o olhou, agradecida.

— Obrigada por estar aqui.

Ele sorriu e a conduziu para a escada que levava a ala dos quartos no andar superior. Depois que Deborah se recolheu ele resolveu procurar Hulda e compartilhar uma idéia que brotou em seu coração.

— Gades?

Hulda olhava confusa para Nathan. Ela ainda estava sonolenta e surpresa pela visita dele naquela hora.

— Sim, Hulda! Precisamos de Gades junto ao exército. Eles só ouvirão você. Acredito que ninguém mais seria capaz de convencê-los a entrar numa guerra.

Hulda esfregou os olhos.

— Nathan, responda-me honestamente... Essa idéia lhe veio assim tão de repente, ou há algo mais que ainda não me disse?

Nathan suspirou e acabou contando o que Deborah havia tentado fazer. Hulda sentou-se completamente chocada.

— Eu penso que por mais que queiramos, nunca vamos saber o que ela está passando, Nathan. Esse final traz uma vitória com sabor amargo para todos nós e, principalmente, para ela.

— Por isso eu pensei em Gades. Eles não podem ficar fora da Marcha final. Seria uma viagem com um propósito.

— Acha mesmo que vai adiantar?

Nathan bateu as mãos uma na outra e levantou-se.

— Leve Deborah e Jael com você. Vai ser bom para as duas voltar a Gades e viver alguns momentos de paz, na companhia das pessoas que as criaram.

— Falarei com elas amanhã.

Nathan ficou apreensivo.

— Não deixe Deborah saber que a idéia foi minha.

Hulda soltou uma gargalhada.

— Acha que ela não vai saber, meu amigo?

A noite estava fria. Muito fria. Barak notou que Salum havia puxado o capuz e se coberto inteiramente com o manto. Héber só mantinha os olhos descobertos por baixo da roupa escura dos Queneus. Noa e Hadassa se cobriam com pesados casacos de couro próprios para o frio. Ele parecia estar imune às intempéries do clima. O sol que surgira em suas costas parecia lhe aquecer confortavelmente por dentro, apesar dele sentir o vento frio na pele.

— Esperem! – Noa parou o cavalo. – Eu ouvi algo.

— Também ouvi – disse Héber.

Barak olhou para cima procurando algum vulto por entre as pedras.

— Deve haver sentinelas no caminho. Fiquem atentos.

De repente, uma sombra atirou-se sobre Hadassa. A moça caiu do cavalo e rolou até a margem do rio agarrada ao seu atacante. Ele tentava desvencilhar-se dela, mas ela conseguiu ficar por cima e subjugá-lo. Noa e Barak correram em ajuda. Barak agarrou o homem por trás e este parou de se agitar ao ver a ponta da espada de Noa apontada para ele.

— Hadassa, você está bem? – ela perguntou sem tirar os olhos do atacante.

— Estou – ela falou ofegante, enquanto se levantava.

Barak jogou o homem no chão.

— Quem é você e por que nos atacou?

O homem era franzino e tinha uma barba mal cuidada. Ele parecia jovem e assustado.

— Vocês invadiram uma área proibida – ele balbuciou sem muita firmeza.

— Estamos apenas de passagem – disse Barak.

— Sangar é o dono dessas terras, e ele não lhes deu permissão para passar.

Héber aproximou-se a tempo de ouvir o nome.

— Sangar? Ele está vivo?

O homem olhou para Héber com certa confusão.

— Conhece Sangar?

Héber sorriu.

— Ele é uma espécie de mercenário do bem. Foi acusado de assassinato, por matar um homem que se autoproclamou rei na região em que ele morava, e assolava o povo com todo o tipo de abuso e de impostos. Sangar fez justiça com as próprias mãos e conseguiu fugir. Meu tio lhe deu abrigo e os Queneus tornaram-se seus aliados desde então.

— Você é queneu? – o homem perguntou admirado.

Barak sorriu.

— Ele é o rei dos Queneus.

Héber estendeu a mão para o homem.

— Pode nos levar até Sangar?

O homem ainda parecia assustado quando olhou em volta.

— Sim, eu posso.

Ele acompanhou Héber até o cavalo.

— Acha que podemos confiar nele? – perguntou Noa, desconfiada.

— Se conseguirmos a amizade dos mercenários, o caminho se tornará mais tranquilo, não acha? – respondeu Barak.

Eles seguiram o homem através de uma trilha estreita que levava a uma clareira bastante ampla. Abrigos foram improvisados no meio das rochas e a água era abundante. Os cavalos ficaram para trás, em um local onde a trilha se estreitava a ponto de não permitir passagem. Quando chegaram ao acampamento, viram-se, de imediato, cercados por sombras que pareciam sair de dentro das rochas.

— O que trouxe para nós, Hagai? Não esperava que houvesse movimento numa noite tão fria.

Barak tentou ver de onde vinha a voz. Hagai deu um passo adiante e gritou.

— Esse grupo invadiu o território e eu os abordei no caminho, senhor. Não lhes fiz nada, pois um deles disse que conhecia o seu nome.

Barak e Noa suprimiram um riso ao pensar na abordagem de Hagai.

— Até parece que ele dominou a todos nós – murmurou Hadassa, que se mantinha de cara fechada e manquejava um pouco da perna direita.

— Acho que ele quer impressionar o chefe – disse Salum.

Uma sombra mais alta do que a de Hagai pulou na frente deles. Os ombros largos e a postura reta lhe identificavam como o líder.

— E quem de vocês poderia conhecer o meu nome? Só posso pensar em alguém enviado para me caçar. Estou errado?

Héber deu um passo a frente.

— Em sua caminhada você também fez amigos, Sangar. Ou será que já está se escondendo a tanto tempo, que esqueceu os aliados?

— Conheço sua voz, senhor. Com quem estou falando?

— Sou Héber, dos Queneus. Aquele que um dia salvou a sua vida.

A sombra de Sangar vacilou e ele ergueu a mão.

— Acendam as tochas! – ele ordenou.

De repente, a luz encheu aquele lugar e as sombras tornaram-se pessoas. Sangar era um pouco mais baixo do que Héber e tinha cabelos ruivos. A barba era rala, mas trazia o mesmo tom do cabelo. Ele, ao ver o rosto de Héber, abriu um sorriso acolhedor e puxou o amigo para um abraço.

— Vocês não são intrusos, são convidados!

Pela manhã, Hulda chegou ao jardim e viu a mesa pronta debaixo de uma figueira. Exatamente como ela havia pedido. Agora era só aguardar. Elas chegaram alguns minutos depois. Primeiro Jael. A moça chegou apressada e parou surpresa, ao ver Hulda sentada diante de uma mesa posta com todas as iguarias de um bom desjejum. Havia três lugares preparados. Hulda sorriu e indicou um dos lugares. Jael ia comentar algo quando Deborah chegou. A reação dela não foi muito diferente.

— Estamos comemorando alguma coisa? — Deborah olhou em volta. — Onde estão os outros?

Hulda levantou-se e foi até elas, pegando a cada uma por um braço.

— Não há mais ninguém, apenas nós três. Venham e sentem-se. Vamos comer juntas. Não fazemos isso há muito tempo.

Hulda tomou a cabeceira. Deborah e Jael sentaram-se uma de frente pra outra. Elas olhavam desconfiadas para a profetisa.

— Há chá de menta naquela jarra do meio – ela falou para Deborah.

— Por que estamos aqui? – Deborah perguntou.

— Senti saudade desses momentos que compartilhávamos em família e quis aproveitar esse dia. Notaram como o céu está azul, hoje?

Jael riu e pegou um pedaço de queijo fresco.

— Ainda não estou entendendo o sentido de tudo isso, mas não podemos desperdiçar toda essa comida.

Deborah serviu-se de uma porção de chá de menta. O cheiro era refrescante e envolvente. Ela fechou os olhos saboreando a sensação do cheiro que lhe trazia tantas recordações agradáveis.

— Isso me lembra de Gades – ela disse. – O campo e as cachoeiras; a floresta úmida e cheia de vida; as chuvas de verão.

— O riso das crianças e o sermão dos anciãos – completou Jael. – Aliás, os sermões eram mais direcionados a mim do que a você. Sempre foi tão obediente, e eu tão teimosa!

As duas riram com prazer. Hulda as deixou para se lembrarem dos momentos felizes, sem interrompê-las. As lembranças de Gades foram fluindo e enchendo a conversa. Eram tempos em que não havia preocupação imediata para elas. Jael não tinha os cabelos embranquecidos pela experiência e Deborah não trazia nos olhos os sinais de noites passadas sem dormir.

— Gostariam de voltar a Gades?

A pergunta as pegou de surpresa. Jael engoliu com dificuldade a metade do morango que tinha nas mãos. Deborah recolocou o pedaço de pão fatiado no prato e olhou para Hulda.

— Voltar para Gades? Como assim?

Hulda suspirou.

— Eles não podem ficar fora da Grande Marcha. Precisam ser convencidos a sair do conforto de suas terras, a fim de lutar pela herança dos povos.

— Eles não vão aceitar, Hulda – disse Jael. – Sabe o quanto respeitam o valor de um voto. E eles fizeram um: o de nunca voltar a entrar numa guerra.

— A Profecia exige que todos os povos participem, Jael. Eles precisam ser convencidos a isso.

Jael virou-se para Deborah.

— O que você acha?

— Acho que gostaria de voltar lá e tentar – ela olhava para as próprias mãos, postas sobre a mesa. – Seria bom, mesmo que a viagem não fosse frutífera.

Jael parecia confusa, mas no fundo também sentia o coração impelido a ir. Deborah olhou para Hulda.

— Sabe que a Profecia não exige isso... Eles não são obrigados a marchar. Por que quer nos levar até lá?

Hulda sorriu e pegou as mãos das duas moças nas suas.

— Aceitem isso como um presente meu pra vocês.

Barak, Héber e Sangar estavam sentados em uma das encostas que serviam de torre de vigia para o desfiladeiro. Ainda era cedo e Salum dormia profundamente enrolado no capuz. Noa e Hadassa haviam descido até o rio para lavar-se.

— Jabim e Sísera nunca me deram trégua – Sangar tinha o olhar perdido na paisagem. – Eles lideraram campanhas contra mim e fui perseguido até o ponto de não achar espaço nessa terra.

— O homem que você matou era aliado de Jabim? – perguntou Barak.

— Sim, um de seus oficiais mais graduados. Numa dessas fugas, eu fui achar abrigo junto aos Queneus. Eu estava ferido gravemente por causa da emboscada que me prepararam. Héber me achou no caminho, estirado na estrada, e me colocou no cavalo dele. Quando eu acordei estava me recuperando em uma tenda colorida.

Ele riu e olhou para Héber.

— Suas tendas ainda são coloridas, Héber?

Héber sorriu e baixou a cabeça.

— Voltaram a ser, Sangar. A união das tribos trouxe de volta as cores. Mas o que aconteceu com você depois que nos deixou?

Sangar suspirou e coçou a barba.

— Eu reencontrei o meu bando e nós resolvemos sumir por uns tempos dessa terra. Fomos para os portos em Sidônia e embarcamos em um navio mercante. Passamos um tempo no mar, mas a minha terra nunca saiu do meu coração. Quando voltamos tivemos notícias da queda de Hazorah e do triunfo da Herdeira. Aquilo foi o suficiente para saber que podia me estabelecer novamente aqui.

— E acabou escolhendo este lugar – comentou Barak admirando a paisagem.

— Sim. Nós expulsamos os assaltantes que viviam aqui e tomamos o território. Temos protegido as caravanas e zelado pela segurança delas.

Barak sorriu.

— Por isso não tive problemas quando viajei para o norte.

— Lembro-me de você e da sua comitiva. Foi um momento de grande emoção ver aqueles grandes reis retornando para casa e voltando a vida. Sobreviventes das prisões da Montanha de Ferro.

Héber trocou um olhar com Barak. Eles ainda não haviam esquecido as imagens das prisões e nem o cheiro da morte.

— Mas para onde vocês vão, agora?

— Para a Montanha Branca – respondeu Barak.

Sangar olhou para eles com um misto de surpresa e espanto.

— E que motivo os leva a enfrentar o gelo eterno?

Barak levantou-se e caminhou até a ponta da encosta.

— Estamos a serviço da Profecia, Sangar. É meu dever subir aquela montanha antiga.

Sangar o acompanhou com a vista.

— Por que esse dever pertence a você, Príncipe das Florestas de Quedes?

Héber respirou fundo.

— Não é mais por esse título que você deve chamá-lo, Sangar. Ele é o Rei. O Luminar do Sol.

Sangar levantou-se bruscamente com o choque da notícia. Barak virou-se para ele e foi como se o sol brilhasse através de seus olhos. Havia uma luminosidade sobrenatural que o envolvia e que fez Sangar cair de joelhos, exclamando:

— Eu sabia que havia um motivo para a minha volta a essa terra. Existe justiça no mundo, afinal!

Noa ajudou Hadassa a descalçar as botas. A moça estremeceu, fazendo uma careta.

— Seu pé está um pouco inchado. Seria bom repousar enquanto estamos aqui.

— Vou deixar que a água fria faça o trabalho — Hadassa colocou os pés no rio. — Ficarei boa logo.

Noa sentou-se ao lado dela e lavou o rosto.

— Hadassa, eu preciso lhe pedir perdão – ela falou sem se virar.

— Não, você não precisa. Eu errei em omitir a verdade sobre a minha família. Você estava cumprindo o seu dever.

— Mas isso está pesando em meu coração. Por favor, diga que me perdoa.

Hadassa sorriu e pegou na mão da amiga.

— Noa, você estendeu os braços para mim quando as outras queriam me matar. Assim como Deborah, você conseguiu ver além de uma armadura. Você me ajudou a crescer dentro do exército e eu me surpreendi ao ser escolhida para vir nessa viagem. Eu só tenho o que lhe agradecer. No entanto, se meu perdão importa tanto para você, ele é seu.

Noa sorriu aliviada e mergulhou os pés na água corrente. Subitamente elas ouviram um barulho de folhas amassadas às suas costas. Ambas se viraram de espadas em punho. Era Hagai. Ele

parou assustado e ergueu os braços. O homem, a luz do dia, apesar da barba desgrenhada, parecia bastante jovem.

— Paz – ele balbuciou.

Ele estendeu um maço de folhas para Hadassa.

— Remédio para o seu pé – ele falou timidamente. – Machucou-se por minha causa, por isso eu trouxe remédio.

Hadassa e Noa trocaram um olhar e baixaram as espadas com cautela. Noa levantou-se e pegou as folhas.

— Amasse-as com água e coloque em cima do machucado. Vai grudar na pele e começar a curar.

— Obrigada, Hagai – disse Noa com um sorriso.

O homem foi embora após lançar um olhar rápido para Hadassa. A moça o acompanhou com um olhar cheio de curiosidade.

— Ele é jovem e tem belos olhos – ela comentou.

Noa riu.

— É verdade, Hadassa. Eu acho que ele deve estar pensando o mesmo de você.

— Não diga bobagens!

CAPÍTULO 22

O Treinamento de Rute

Deborah encontrou Rute na entrada do palácio. A menina parecia ansiosa.

— Venha comigo.

— Para onde vamos?

— Existe um campo de treinamento atrás do palácio. É bom para praticar com o arco. Já usou um arco antes, Rute?

Rute a olhou surpresa.

— Eu nunca usei nenhum tipo de arma, Deborah. Não pensei que me fosse permitido.

— Seus braços já são fortes o suficiente para segurar um arco.

Ela ainda hesitava.

— Minha mãe...

— Deixe sua mãe comigo e não se preocupe. Chega um momento em que é necessário crescer. E você, cresceu Rute. Não acho justo que fique apenas na estrebaria.

Elas seguiram juntas para o campo. Lá chegando, cada uma pegou um arco e começaram a praticar nos alvos pintados nos troncos das árvores que ficavam a certa distância. Deborah ensinou Rute a firmar o arco e concentrar a força nos ombros. Logo, a menina estava conseguindo acertar os alvos.

— Eu estive com sua mãe, ontem – Deborah falou enquanto preparava mais uma flecha.

Rute baixou o arco.

— Imagino o que ela deve ter pedido.

Deborah riu e aprontou o arco para atirar.

— Não, você não imagina – a flecha acertou o alvo bem no centro. – Ela me pediu para lhe ensinar algumas coisas.

Rute ficou em silêncio e Deborah baixou o arco.

— Segurar uma arma, Rute, seja ela qual for, exige muito mais do que habilidade e destreza. Exige disciplina, sabedoria, respeito e humildade.

— Humildade?

— Humildade. Às vezes, nós costumamos nos sentir invencíveis, poderosos, apenas por termos na mão uma boa arma, seja ela uma espada, um arco, um machado ou uma lança – Deborah soltou o arco e sentou-se na grama. – Mas quando possuímos qualquer uma dessas armas, devemos parar e nos lembrar de que nossas guerras não são nossas, mas do Pai. Existe um motivo para estarmos batalhando.

Rute sentou-se ao lado dela.

— Não sei se compreendo muito bem...

— A guerra não é uma coisa bonita, mas às vezes é necessária. Um dia, quando tudo isso acabar, essas mesmas armas, de que tanto nos orgulhamos, vão ser substituídas por instrumentos de trabalho. Instrumentos que vão nos ajudar a criar, juntos, um mundo novo. Um mundo de paz.

— Puxa!!!

Deborah pôs a mão no seu ombro.

— Entende por que lutamos? Se for caçar, não faça isso por prazer. Faça apenas se for preciso conseguir alimento para sua casa, ou para você durante uma viagem. Até os animais precisam ser respeitados. Se demonstrarmos na caça um espírito predatório, como acha que nos portaremos durante uma batalha?

— Mas, na batalha só haverá inimigos.

— Sim, mas lembre-se de que muitos estarão lutando por que foram arrastados de suas casas e obrigados a isso.

— Como Hadassa?

— Exatamente.

Rute a olhou com expectativa.

— Então, muitas das amazonas poderiam querer ficar do nosso lado, não é?

— Não duvido disso, Rute.

A mocinha sorriu.

— Estou começando a entender.

Deborah percebeu que o rosto de Rute ficara sério de repente. Era como se algo a perturbasse.

— O que foi, Rute?

— Deborah, tem algo sobre Hadassa que você não sabe.

— Fala sobre a família dela? Do fato de estarem vivos?

Rute a olhou surpresa.

— Você sabia?

— Eu soube desde que vi Hadassa pela primeira vez. O que ela ocultou de mim, não foi algo que pudesse macular a sinceridade do coração dela. Ela agiu por medo. Foi isso o que eu enxerguei naquele dia. Eu sabia que podia confiar naquela jovem assustada.

— Noa pensa que...

— Noa estava muito sobrecarregada com responsabilidades que não lhe pertenciam e, qualquer coisa, para ela, poderia parecer uma ameaça.

— Foi por isso que as mandou juntas para essa missão?

Deborah pensou um pouco antes de responder.

— Foi um dos motivos. Eu não mandaria Jael, pois ela havia acabado de passar por uma experiência que exigiu muito

dela. Mas, a verdade é que Noa estava à altura da missão e, intimamente, ansiava por isso. Além disso, há um assunto inacabado que ela precisa resolver — Deborah sorriu. — A verdade é que ela explodiria de ócio se continuasse aqui em Hazorah, apenas cuidando dos treinamentos. Eu não poderia confiar em ninguém mais capacitado para subir uma montanha, do que uma rastreadora de montanhas.

Deborah levantou-se.

— E agora, para onde vamos?

Deborah apontou para o arco.

— Pegue seu arco e acerte seus alvos. Procure vê-los não como os adversários que ainda vai enfrentar, mas como as metas que pretende alcançar nessa vida. Se almejar essas metas do fundo do coração, não errará o alvo.

— Devo fazer disso a minha principal motivação, certo?

Deborah sorriu.

— Certo. Você aprende rápido.

Barak, Héber, Sangar e Hagai estavam ajoelhados diante de um desenho feito na areia e discutindo algo. Quando Noa e Hadassa se aproximaram, Sangar ficou em pé.

— Soube que é uma rastreadora de montanhas – ele dirigiu-se a Noa. – Pode nos dar sua opinião a respeito de um assunto?

Ela chegou-se ao círculo e olhou para o desenho. Havia uma linha que ligava o desfiladeiro até o sopé da Montanha Branca.

— Eu estava tentando traçar uma rota favorável para vocês até a Montanha Branca, mas lembrei-me de que há um brejo sujo e traiçoeiro para ser atravessado nesse caminho. Você poderia indicar uma rota melhor?

Noa lançou um olhar surpreso e repreensivo a Barak. Ele havia indicado a direção de sua jornada a um desconhecido. Ela, porém, não disse nada a esse respeito, apenas agachou-se para ver melhor o desenho.

— A Montanha Branca possui muitos caminhos traiçoeiros em seu perímetro. É comum, viajantes e aventureiros se perderem

em meio a neve eterna, que já começa a surgir na metade da subida.

— Já esteve lá? – Sangar parecia surpreso e admirado.

— Eu cresci em Huleh, a meio caminho daquela montanha. Meu pai era guia de montanhas e me levava com ele em seu trabalho. Ele me ensinou tudo o que sei. O seu sonho era encontrar o caminho que levava ao topo daquela montanha, penetrando em suas entranhas. Tive a oportunidade de subir nela uma vez. Uma única vez.

Ela parou e fechou os olhos.

— O que aconteceu? – a pergunta veio de Barak.

— Ele achava que tínhamos tomado uma rota segura em meio às cavernas que levavam ao interior, mas algo deu errado. Houve uma avalanche e ficamos soterrados durante dias. Quando nos acharam, meu pai estava morto e eu desfalecida. Continuei o trabalho dele, mas nunca voltei àquela montanha de novo.

Ela respirou fundo, e apontou para a face leste da Montanha Branca.

— Ele achava que as cavernas indicavam o caminho para o topo. Existe uma abertura desse lado. A única que existe. Lá dentro há inscrições, símbolos antigos. Ele deve ter interpretado um dos sinais de forma errada, e isso nos levou a uma armadilha.

— Quando ia nos contar isso? – perguntou Héber.

— Assim que estivesse pronta, Héber – a voz dela era baixa. – Não é fácil se lembrar do passado.

Ela levantou-se e se afastou do grupo. Sangar a acompanhou com o olhar e a observou sentar perto do fogo com as pernas cruzadas. Levou um tempo para voltar sua atenção novamente ao grupo.

Rute havia conseguido atirar uma flecha bem próxima ao centro do alvo. Deborah mirou e acertou o círculo em volta do ponto negro. Um espaço de apenas alguns centímetros separava uma flecha da outra. De repente outra flecha passou zunindo por elas e foi se alojar exatamente no centro entre as duas.

— Por que está treinando com amadoras, Rute? Eu poderia ser uma professora bem melhor – provocou Jael.

A menina olhou para Deborah e viu que ela estava séria. Aquilo a preocupou. Hulda sentou-se na grama e chamou Rute com um aceno, enquanto Jael se aproximava.

— Parece que andou treinando sua pontaria, Deborah – Jael analisou a posição das flechas com um olhar crítico.

— Não me considero mais uma amadora.

Jael apontou o arco.

— Me mostre.

Deborah suspirou e atirou a flecha que acertou o centro do alvo de uma árvore um pouco mais distante.

— Nada mal, irmã.

Jael posicionou o arco com confiança e atirou. A flecha cravou-se na que fora lançada por Deborah e partiu-a ao meio.

— Continua sendo amadora pra mim – o tom da voz de Jael era de provocação.

Deborah respirou fundo, e soltou o arco.

— Concordo que não posso vencer você no arco, mas como você se sairá com uma espada?

— Andei treinando – Jael respondeu modestamente.

Deborah foi até uma mesa que continha várias armas para treinamento e pegou duas espadas curtas. Jogou uma para Jael.

— O que elas vão fazer? – Rute estava assustada.

— Aprenda com o que vai ver – Hulda respondeu calmamente com um meio sorriso no rosto.

Deborah e Jael ficaram andando em círculos e se encarando, estudando uma á outra. Jael girou a espada na mão e fez desenhos no ar. Os movimentos de Deborah eram lentos e cautelosos. Ela segurava a espada com firmeza e segurança, enquanto a espada na mão de Jael parecia dançar livremente. Nenhuma delas sorria. De repente, Jael investiu e Deborah defendeu-se na mesma velocidade. Rute assistia a luta maravilhada. As espadas pareciam soltar faíscas ao se tocarem. Jael era rápida e escorregadia. Sabia atacar por vários ângulos e confundir a oponente. O segredo de Deborah estava na observação

cuidadosa de cada movimento, no estudo do rosto de sua adversária. Foi em um desses momentos que ela enxergou uma vulnerabilidade na defesa de Jael. Em um movimento inesperado, ela conseguiu arrebatá-la a espada da Guardiã. A espada caiu no chão e Jael se viu com a ponta da espada de Deborah em seu peito. Ela ergueu os braços, exausta, e sorriu.

— Nunca pensei que conseguiria passar tanto tempo!

Deborah sorriu baixando a espada.

— Eu não teria conseguido, se você não tivesse ficado insegura em um dado momento.

Rute levantou-se maravilhada.

— Vocês são incríveis! Eu nunca vi nada igual!

Deborah jogou a espada no chão e se aproximou da menina. Jael sentou-se ofegante.

— Vocês me assustaram! Eu achei que iam se matar!

Jael e Deborah olharam uma para a outra e soltaram uma gostosa risada.

— Ouça um conselho, Rute – disse Deborah ao sentar-se.

– Nunca brinque assim com suas amigas.

— É verdade – concordou Jael – É preciso uma vida de treinamento para se fazer isso.

— E plena confiança na pessoa que treina com você – concluiu Deborah.

Hulda suspirou satisfeita.

— O dia hoje está especial. Agradável.

Deborah pensou naquela palavra e concordou.

— Agradável – ela repetiu. – Ainda é possível existir momentos assim.

Jael virou-se para Rute.

— Gostaria de alguns conselhos com o arco?

Rute olhou apreensiva para Deborah.

— Pode ir, Rute. Eu mesma tenho muito que aprender com ela.

Hulda e Deborah ficaram vendo as duas se distanciarem.

— Obrigada, Hulda – Deborah falou, quebrando o silêncio.

— Pelo quê?

— Por trazer a lembrança de Gades de volta para as nossas vidas.

— A idéia não foi bem minha...

— Agradeça a Nathan também – ela concluiu.

Barak encontrou Noa junto aos cavalos. Ela escovava o pelo de seu amigo cinzento de pintas negras e crina branca. Ela o chamava de Tempestade, pois lembrava as nuvens carregadas de água que se formavam no horizonte. A égua de Hadassa estava ao lado. Era um animal arisco, mas forte e resistente. O pelo castanho escuro de crina negra era brilhante e parecia estar o tempo todo molhado. Barak a ouvira chamar a égua de Princesa.

— Eu a procurei junto à fogueira, mas você já havia saído. Julguei que a encontraria aqui.

Ela sorriu sem parar de escovar o animal.

— Precisava de algo para fazer.

Ele suspirou.

— Sua história... Deborah a conhecia?

— Eu contei a ela no caminho para Hazorah. Foram muitas noites em volta da fogueira e muitas histórias.

A moça havia parado de escovar o cavalo e aguardava suas palavras com expectativa.

— Eu confio em você, Noa. Deborah confiou em você. No entanto, eu preciso saber até onde você está disposta a ir?

— Eu não tracei nenhum limite para mim, Barak. Estou com você até o fim.

— O seu passado, as lembranças...

— Como você disse, são coisas que ficaram para trás.

De onde eles estavam dava para ver a silhueta da Montanha Branca ao longe. Ela apontou para a paisagem.

— Ali, em uma daquelas grutas, existe uma passagem para o topo. O meu pai sabia disso e morreu procurando o caminho. Eu estou recebendo uma nova oportunidade de tentar e concluir aquilo que ele começou. Eu não abriria mão disso por nada.

Barak sorriu satisfeito.

— Isso me deixa tranqüilo.

Ela jogou a escova no chão e passou a mão pelo cabelo que caía no rosto. O vento prenunciava uma tempestade.

— Vou voltar ao acampamento com você, mas estou preocupada. Não queria deixar os animais aqui expostos ao vento.

— Sangar avisou—nos que o tempo ia mudar. Nesse momento, alguns de seus homens estão desocupando um abrigo entre as rochas para guardar os cavalos.

— Acha que são mesmo confiáveis?

— Sangar é sincero naquilo que fala. Posso sentir isso. Não tenho certeza quanto os homens que o seguem. Será bom ficarmos vigilantes.

Noa ficou grata por Barak não ter aberto totalmente a guarda. Os dois deixaram os cavalos e seguiram em direção ao acampamento.

CAPÍTULO 23

Traição

O bando de Sangar costumava usar uma grande gruta sem saída como abrigo durante as tempestades. Ela ficava um nível mais alto que o rio e a entrada estreita era quase invisível a quem passasse por ali. Os cavalos já estavam bem acomodados sobre a palha seca espalhada no fundo da gruta. Todos buscaram um lugar para se acomodar enquanto os trovões e relâmpagos iluminavam a noite lá fora.

— Não há perigo de o rio encher e inundar esse lugar? – Salum falou com um tremor na voz.

— As rochas proporcionam uma barreira natural contra as águas do rio – disse Sangar. – Além disso, quando o rio aumenta o nível, suas águas escoam sobre a margem oposta por causa do declive.

— Já viu isso acontecer? – Salum ainda não estava seguro. Sangar sorriu.

— Várias vezes. Não é a primeira tempestade que passamos nesse lugar.

Ele olhou em volta a procura de Barak e o viu sentado próximo à entrada, ao lado de Héber e Noa. Ele a observou atentamente, se esquecendo da presença do sacerdote ao seu lado. O olhar dela parecia tão triste naquela manhã, quando ela contara parte de sua história. Mas ele também vira outra coisa: determinação. Noa, além de tudo, era uma mulher bonita. Ele coçou a cabeça. Bonita o suficiente para não sair do seu pensamento. Salum tocou o seu braço.

— Por que não vai até lá?

— O quê?

O sacerdote riu e apontou em direção ao pequeno grupo.

— Não há muito que fazer numa noite como essa além de conversar. Ela não vai fugir.

Sangar lançou-lhe um olhar divertido e caminhou para a entrada da gruta. Ele parou e ficou ali de braços cruzados, analisando a tempestade ou tentando conter as batidas do próprio coração.

— Alguma coisa o preocupa, Sangar? – perguntou Héber.

— Essa tempestade se formou muito rápido. Até parece algo premeditado.

Barak sorriu enquanto brincava com algumas pedrinhas redondas na areia.

— Relacionado a nós?

Sangar virou-se para ele e viu que Noa o encarava com intensidade. Ele ficou momentaneamente sem lembrar o que ia dizer. Ela não baixou o olhar, mas ele sim. Não estava acostumado a lidar com mulheres. Não era um conquistador. As mulheres que ele havia conhecido haviam passado por sua vida de um modo muito fácil. Nenhum nome ficara na lembrança. Mas aquela seria uma mulher com a qual ele estaria disposto a construir uma vida.

— Sente-se conosco, Sangar – chamou Barak.

Sangar sentou-se ao lado de Barak, ficando quase de frente para Noa.

— Eu estive pensando numa coisa, Barak – ele falou pausadamente. – Meus homens andam fartos de viver nesse lugar e a maioria já manifestou o desejo de voltar para o mar. É só uma questão de tempo.

— Pensei que não gostasse do mar – falou Héber.

— E não gosto, amigo. Eu não pretendo ir com eles.

Barak o olhou com atenção.

— E o que pretende fazer?

— Estava pensando em seguir vocês, se me aceitarem na comitiva.

Héber e Barak trocaram olhares e Noa, que agora estava olhando em direção a chuva, virou-se para ele. Ela parecia surpresa, mas não hostil.

— Se todos concordarem, você seria mais que bem-vindo, Sangar – disse Barak.

— Consulte seus amigos, então. Eu esperarei pela resposta.

— E se for “não”? – perguntou Noa.

— Você responderia “não”? – ele parecia desapontado.

Ela forçou um sorriso.

— Falo da comitiva, não apenas de mim.

Sangar suspirou e deu de ombros.

— Acho que me uniria a alguma caravana, mas não voltaria para o mar.

— Parece já ter todo o seu caminho traçado – ela comentou.

— É sábio ter opções.

— Mas deve ser triste não ter um lugar pra firmar os pés – ela levantou-se. – Vou dormir rapazes. O barulho da chuva é um sonífero para mim.

Quando ela se afastou, Sangar a seguiu com o olhar.

— Eu não me importaria de firmar os meus pés ao lado dela – Sangar pensou em voz alta.

Barak e Héber caíram na gargalhada.

Em Salema, outra comitiva se formava. A novidade era que a rainha iria se ausentar por uns tempos. Kyara assumiria a guarda da cidade sob ordens diretas, da alta-sacerdotisa do templo. Esta havia convencido a rainha de que deveria aceitar o convite inesperado de Anrafel, rei de Babilos. Ele se dizia feliz com a aliança entre os dois reinos e que, além disso, possuía em seu poder algo que agradaria a rainha. No entanto, Atalia teria que ver pessoalmente do que se tratava.

— Ele enviou uma comitiva digna de uma rainha para me escoltar – Atalia olhava maravilhada da janela de seu quarto.

— Sim, majestade – a alta—sacerdotisa estava ao seu lado. – Anrafel é um poderoso aliado. Ele poderá suprir, com seu exército e sua magia, aquilo que foi perdido com a queda de Hazorah.

Lá embaixo, os soldados posicionavam-se ao lado de garbosos cavalos. Uma liteira, de veludo vermelho e ornamentos dourados, serviria para conduzir Atalia pelo caminho.

— Como uma cidade tão poderosa ainda utiliza liteiras para viagem? – havia um tom de ironia na voz da rainha.

A alta—sacerdotisa deu um risinho sibilante.

— Acredito que seja para manter os escravos “ocupados”.

Atalia sorriu e observou os corpos fortes e maciços dos escravos usados para carregar a liteira. Apesar da força, eles tinham o rosto sofrido e cansado. Aquilo era prazeroso.

— Acho que vou gostar da viagem.

Noa estava preocupada com os cavalos. Eles ainda estavam sendo mantidos no fundo da caverna, pois havia o prenúncio de uma nova tempestade chegando. Hadassa e Héber ficaram treinando com as espadas, enquanto ela preferiu averiguar se os animais tinham sido alimentados. Quando chegou a caverna, ela estranhou o silêncio. Sem a chuva, ninguém queria se confinar na semi-escuridão de uma caverna em plena luz do dia. Ela entrou e constatou que os cavalos foram alimentados e que havia água distribuída em duas grandes bacias. Satisfeita, ela afagou o pelo

cinza de Tempestade, e se voltou para sair. Parou abruptamente ao ver Sangar parado na sua frente. O rosto dele estava tenso.

— Sangar, o que houve?

— Noa, pegue os cavalos e avise seus amigos... Vocês devem partir agora!

Ela ia responder quando viu três homens entrarem na caverna. Sangar apertou as mãos e trincou os dentes ao ouvir os passos atrás dele. O olhar dele era de pura frustração. Ela deu dois passos para trás enquanto a mão buscava o cabo da espada. Com um dos pés, ela libertou a corda que prendia Tempestade. Os olhos não se desviavam do grupo que entrava e se posicionava de forma ameaçadora diante deles. Sangar virou-se.

— Eu sei o que pretendem, Dathan. Ouvi o que diziam em volta da fogueira.

O homem que estava no meio deu um passo à frente e coçou a longa barba acinzentada.

— Pena que tenha ouvido Sangar. Você foi um bom líder enquanto serviu a nossos propósitos. No entanto, você guardou um segredo que poderia mudar a vida de todos nós. O que você quer? Ficar sozinho com a glória de ter descoberto o Rei? Salema e Babilos dariam um verdadeiro tesouro por ele.

Sangar deu um passo à frente.

— Seu tolo! O Rei está acima de qualquer um de nós. Não é você e seu bando de mercenários que conseguirão prendê-lo.

O homem riu alto e os outros o acompanharam.

— Então, agora o bando é oficialmente meu?

Noa observou o ângulo em que o mercenário da direita estava. Com um pouco de sorte, seria rápida o suficiente para agir antes que percebessem. O corpo de Sangar a cobria parcialmente da vista do grupo e lhe dava certa liberdade de movimentos. Ela soltou a espada simplesmente desafivelando a bainha.

— Eu deixaria o bando com você de qualquer forma – Sangar continuava a puxar conversa. – Estava decidido a dar a parte de cada um e deixá-los voltar para o mar.

— E quanto a você? O que pretendia fazer?

— Eu decidi me unir à comitiva de Barak. Resolvi abraçar a causa da Profecia.

O homem deu outra risada desagradável.

— Tentando se redimir de um passado obscuro?

— Um homem não precisa pagar eternamente pelos erros que cometeu. Há redenção, sim! Para mim e para vocês.

Noa exultou ao ouvir as palavras de Sangar. Havia verdade nelas.

— Sangar – ela sussurrou para ele ouvir.

O rapaz virou quase imperceptivelmente a cabeça confirmando que estava ouvindo. Pelo canto do olho, ele viu a mão esquerda dela fazer um sinal que ele conhecia bem. Respirou fundo e imaginou uma contagem de cinco.

— Chega de conversa, Sangar – o homem sibilou. – Não precisamos mais de você. E, quando estiver morto, a mulher servirá para nos divertir.

Estava na hora. Ele saltou para a esquerda, no momento em que Noa, ao mesmo tempo em que dava uma palmada no lombo de Tempestade, também atirava a espada contra a corda que segurava uma pilha de caixotes. Esta pairava em cima do homem da direita. O que aconteceu a seguir foi muito rápido. Tempestade atropelou Dathan e o arrastou até a entrada da caverna. O homem da direita jazia imóvel embaixo dos caixotes. Noa correu para recuperar a espada, enquanto Sangar atracava-se com o homem da esquerda.

— Não!!!!!! – o berro foi de Dathan.

Noa o viu levantar-se cambaleando e partindo em sua direção com uma grande adaga em forma de meia-lua. Ela alcançou a espada a tempo de erguê-la em defesa própria com a ponta ainda para cima. Dathan soltou um berro estrangulado ao sentir a lâmina atravessá-lo. Ele soltou a adaga e caiu lentamente com os olhos surpresos e esbugalhados. Noa largou a própria espada e ficou observando o corpo do homem empalado e se contorcendo em agonia.

— Noa! – Sangar, após render o mercenário, correu até ela.

A moça estava em choque. Sangar a segurou firme pelos ombros e a sacudiu levemente.

— Não foi culpa sua, Noa. Você estava se defendendo. Respire fundo e se acalme!

A voz dele era firme. Ela reagiu com um suspiro profundo.

— Precisamos avisar os outros... – ela sussurrou.

Ele viu que Dathan estava morto e puxou a espada dela de volta.

— Pegue sua espada e desatrele os cavalos. Eu vou procurar os outros.

Na frente da caverna, Sangar quase esbarrou em Héber. O queneu estava de espada em punho e com o rosto afogueado. Atrás dele vinha Salum.

— Os cavalos, Sangar! Rápido! – Héber estava aflito.

— Onde está Barak? – Sangar perguntou.

— Está tentando forçar uma barreira natural para seus homens não passarem.

Sangar fechou a cara.

— Não são mais os “meus homens”, Héber. Entrem e ajudem Noa com os cavalos.

Héber agarrou o braço dele.

— Aonde você vai?

— Ajudar o Rei.

Barak, Hadassa e Hagai tentavam fazer uma grande pedra ir abaixo ocasionando um deslizamento e impedindo a passagem da horda de mercenários que os havia surpreendido no acampamento. Eles os atacaram em um momento de descanso. Barak já havia desconfiado do olhar suspeito que alguns homens trocavam entre si. Hagai apenas confirmou suas suspeitas ao avisá-lo a tempo. Quando a emboscada aconteceu, não os encontrou desprevenidos. Eles conseguiram render o primeiro grupo de ataque formado por meia-dúzia de homens que traziam cordas e correntes nas mãos. A intenção era clara: prender o Rei e alcançar uma grande recompensa.

O grupo maior, que ficara na espreita, constava de uns vinte homens. Foi Hagai que teve a idéia da barreira. Era um subterfúgio criado por eles para o caso de um dia precisarem sair dali numa fuga repentina. O deslizamento criaria uma barreira natural que impediria a passagem até a caverna de suprimentos e a saída do desfiladeiro.

Quando Sangar os alcançou, eles se esforçavam por rolar a grande pedra.

— Usem a alavanca – Sangar pegou um cano de ferro escondido entre dois arbustos.

Ele posicionou o cano na base da rocha e, num esforço conjunto, eles conseguiram rolar a pedra. Atrás dela, um mar de areia e pedregulhos seguiram o seu rastro. Hagai escorregou e ia ser levado pela correnteza de terra se Hadassa não o tivesse segurado a tempo. O rapaz sorriu timidamente em agradecimento.

— Conseguimos! – Barak observou a barreira se formando e impedindo a passagem.

— Sim, mas temos que nos apressar – disse Sangar. – Eles logo descobrirão outra maneira de passar.

— Onde está Noa? – Hadassa sabia que ela havia ido sozinha ver os cavalos.

— Ela está bem. Salum e Héber estão com ela e nos esperam com os cavalos.

Ele olhou para Barak com ansiedade.

— Será que agora eu posso me juntar a vocês?

Barak sorriu e pousou firmemente a mão no ombro do amigo.

— Sejam bem-vindos a nossa comitiva, meu amigo. Você e Hagai.

O rapaz deu um sorriso aliviado e viu que o jovem Hagai tinha um brilho novo nos olhos. Hadassa também parecia satisfeita.

— Eu só tenho uma exigência a fazer – ela olhou para Sangar.

— Para mim? – ele perguntou surpreso.

— Você terá que convencer Hagai a se barbear e tomar um banho.

Sangar suspirou e sorriu.
— Acho que por você ele fará isso.

Hulda e Nathan passeavam pela varanda frontal do palácio. Atrás deles, uma grande e maciça porta dupla se abria para a sala de audiências, agora vazia.

— Onde está Deborah? – perguntou Nathan.

— Descansando. Ela passou a noite com Jael, no acampamento dos Queneus. Elas têm passado muito tempo juntas.

Nathan sorriu e pousou a mão sobre o muro baixo da varanda.

— O vínculo entre as duas está se solidificando mais a cada dia.

— Isso tem algo a ver com a Profecia?

Ele riu alto.

— Tem muito a ver com a Profecia, minha cara Hulda. Tem a ver também com sentimentos. A causa de uma acaba se tornando a da outra por uma questão de afinidade e amor.

Hulda tentou compreender.

— Esse vínculo que as mantém unidas, também as impele a prosseguir? É isso?

Nathan suspirou e cruzou os braços atrás das costas.

— Quando Deborah e Jael nasceram, elas foram concebidas em ventres diferentes, terras diferentes. No entanto, nasceram na mesma hora, e cada uma trazia no corpo um sinal peculiar. Espiritualmente, elas estão tão ligadas uma a outra como se tivessem nascido de um mesmo ventre. Elas são gêmeas geradas pela Profecia.

Hulda pensou um pouco.

— Acho que isso explica muita coisa...

— No entanto, algo a preocupa. O que é?

— Apesar desse vínculo, sabemos que os destinos não serão os mesmos. Jael estará preparada para enfrentar isso?

Nathan a olhou com seriedade.

— Não subestime a força de Jael. Ela pisou em lugares que ninguém jamais pisou. Aquilo a mudou por dentro. E, quanto ao

destino, será mesmo que são diferentes?

Hulda ficou em silêncio. Não conseguia imaginar nada pior do que o que já fora determinado e nem queria se forçar a pensar nisso.

— Quando vão partir? – Nathan mudou de assunto propositalmente.

— Amanhã cedo. Já enviei um mensageiro até Jael.

— Por que tão cedo?

Hulda deu de ombros.

— A verdade é que essa viagem será boa para todas nós e não convém mais adiar. E outro motivo são as tempestades de fim de tarde e o frio. Estão se tornando muito comuns e não é sábio viajar debaixo de uma tormenta.

A comitiva se esforçou para tomar o caminho mais curto para sair do desfiladeiro. Segundo Sangar, a melhor opção era seguir a margem do rio. Ia demorar, para os mercenários acharem o outro caminho através das pedras escorregadias que se aglomeravam na outra margem. Era um caminho tortuoso e que nunca fora tentado antes. Ele esperava que isso lhes desse alguma vantagem.

— Para onde vamos agora? – Hadassa encolheu-se com o frio. – Será que encontraremos um abrigo antes do anoitecer?

Hagai limpou a garganta e respondeu timidamente.

— Existe uma torre de vigia abandonada. Nós podemos ficar lá essa noite.

— Que torre é essa? – Noa perguntou a Sangar.

— Fazia parte de uma vinha abandonada há muito tempo. O dono foi morto durante uma das incursões de Sísera. As vinhas foram saqueadas e a torre queimada. Mas ainda restou uma estrutura em pé que pode nos servir de abrigo.

Héber coçou o queixo.

— Não há perigo dos mercenários se lembrarem dela?

Sangar sorriu.

— Não. Aquele é um bando de homens supersticiosos. Para eles, a vinha é assombrada e aquele que pisar o seu solo é

amaldiçoado com a perda da virilidade. Eles não se arriscariam.

Noa e Hadassa trocaram um olhar divertido. Um medo típico de homens.

— Então, vamos para a vinha antes que congelemos no caminho – decidiu Barak.

A vinha possuía um lagar e uma velha torre deteriorada. Difícil imaginar os seus tempos de glória. A estrutura, parcialmente queimada, ainda podia servir de esconderijo e abrigo. Eles deixaram os cavalos protegidos em meio a algumas árvores e subiram para o alto da torre. A escada era frágil e eles tiveram que tomar cuidado com as tábuas soltas. Lá em cima, porém, o piso era firme.

— Será que podemos acender uma fogueira aqui em cima?
– perguntou Héber enquanto se enroscava em um canto.

— Há muitos galhos de árvores pelo chão – observou Noa.
– Devem ter sido arrancados com o vento. Poderíamos usá-los para a fogueira.

— Estamos numa estrutura de madeira que já foi incendiada uma vez – lembrou-lhes Salum. – Não seria uma imprudência acender um fogo aqui?

— Não se alguém ficar de vigília – respondeu Barak. – O que não podemos é congelar. Vamos amontoar os galhos.

Não demorou muito para a fogueira estar acesa e todos sentados em volta. Salum retirou da bolsa um pão inteiro que ele havia guardado por precaução enquanto esperava pelos outros na caverna.

— Acho que isso servirá para saciar nossa fome esta noite.

Ele repartiu o pão e todos comeram em silêncio. Hadassa foi a primeira a dormir. Salum, apesar de tentar manter os olhos abertos, se enrolou no próprio manto e entrou no mundo dos sonhos.

— Eu acho melhor decidirmos quem fará a primeira vigília
– disse Barak com um bocejo.

— Eu posso ficar – ofereceu-se Noa. – Não estou com sono, apesar do cansaço físico.

— Eu lhe faço companhia – disse Sangar.

Os outros dormiram logo. Sangar aproximou-se de Noa e passou gentilmente o braço em torno dos ombros dela. Para sua surpresa, ela não se esquivou.

— Eu sei que foi para me defender, mas não consigo esquecer o olhar de Dathan – ela falou. – Ele me olhou como se não acreditasse no que estava acontecendo.

— Não deve se sentir culpada, Noa. Ele apressou o próprio destino.

Ela suspirou e deixou a cabeça pender até o ombro dele.

— Descanse – a voz dele era gentil. – Eu ficarei alerta.

— Obrigada por estar aqui.

Sangar não via necessidade de dormir. Ele não queria perder nenhum momento com Noa. Até mesmo a traição de seus homens não parecia importar tanto. Aquela foi a melhor noite que ele passou em muito tempo.

CAPÍTULO 24

O Lago dos Ventos

A manhã surgiu encoberta por um denso nevoeiro. Isso, entretanto, não foi empecilho para que uma nova jornada começasse. Não houve despedidas. Hulda e Deborah encontraram-se, com Jael nos portões do palácio e, logo, seguiram o seu caminho. Perto do meio-dia, a névoa ainda era densa. Elas alcançaram o rio em um trecho no qual as águas eram rasas.

Deborah desmontou e pegou as rédeas dos cavalos. Os animais estavam inquietos devido ao forte barulho das águas e a falta de visibilidade.

— Há um trecho do rio pelo qual passamos que é desprovido de pedras – ela apontou a direção. – O solo é arenoso e evitará que os cavalos escorreguem.

As outras a olharam com curiosidade.

— Como sabe disso? – Hulda perguntou.

— Foi o trecho que eu atravessei com Noa quando voltávamos do Monte das Grutas.

Jael parecia preocupada.

— Se atravessarmos nesse trecho, teremos que acampar ao pé do Monte. Isso não vai lhe trazer lembranças ruins?

Deborah sorriu.

— Não, Jael. Aquele Monte não está ali para suscitar esse tipo de pensamento. É um lugar de começos e decisões. Estava, inclusive, pensando se não seria bom acamparmos lá em cima até que esse nevoeiro se acabe. Há água e abrigo para os cavalos.

— Isso seria o mais prudente a fazer. Não poderemos ir muito longe com essa névoa.

Não havia nevoeiro no caminho da comitiva. Ao amanhecer, Héber e Barak desceram para inspecionar a estrada. Com um assovio, Héber deu o sinal de que tudo estava bem. Eles desceram e reiniciaram a viagem.

— Para onde vamos, agora? – Salum esfregava os olhos embaçados.

— Para o Lago dos Ventos – respondeu Barak. – A região é rica em aldeias de pescadores e poderemos reabastecer as nossas provisões por lá.

— Teremos que atravessar o lago? – Noa perguntou lembrando-se das tempestades citadas por Salum.

— Não necessariamente. Podemos dar a volta, mas perderíamos um tempo precioso.

— Nesse caso, podemos alugar uma balsa – sugeriu Sangar.

— E quanto às tempestades? – Noa insistiu.

— Os balseiros são experientes no que fazem – tranquilizou-a Sangar. – Além do mais, as tempestades são mais comuns durante a noite.

Ele a olhou com curiosidade.

— Você morou no norte e nunca atravessou esse lago?

— Eu saí de casa junto com uma das caravanas do oriente. A rota que eles usaram foi bem diferente. Nunca estive nessa região antes.

Barak suspirou, preocupado.

— Mercenários e tempestades. Acho que há muito mais pela frente, meus amigos. Daqui até o topo da Montanha Branca é uma longa jornada. Estejam confiantes, pois eu preciso de cada um de vocês.

Todos concordaram em silêncio. Ao longe já podiam ver as águas azuis e escuras do lago.

Depois do nevoeiro, o clima melhorou. O sol brilhava durante o dia e a noite, embora não chovesse, fazia muito frio. Era necessário procurar abrigo cedo em meio a árvores ou construções abandonadas. Naquela noite, em especial, elas encontraram as ruínas do que parecia ter sido um pequeno povoado. Apenas o resto de cinco casas podia ser encontrado ali. Elas desceram dos cavalos e caminharam pela rua deserta.

— O medo que emanava de Hazorah fez muitos povoados acabarem assim – suspirou Hulda. – As pessoas preferiam fugir e deixar suas casas a fim de preservar a vida.

— Não os culpo por não lutar – Jael apanhou um brinquedo de criança abandonado no chão.

Deborah apenas observava. Ela lembrou-se das pessoas que estavam presas na Montanha de Ferro. Havia idosos e crianças lá. De súbito, um barulho lhe chamou a atenção. Ela apressou o passo até o que restou da última casa e parou ao ver uma cena inesperada. Jael parou ao seu lado. Um lobo rosnavo furioso e pronto a atacar duas crianças que se encolhiam próximo a um poço.

— Jael, você pode fazer alguma coisa? – Deborah sussurrou.

A Guardiã já estava agindo antes dela falar. Jael puxou vagarosamente uma flecha da aljava e preparou o arco. Como hábil caçadora que era, soube exatamente o momento certo de atirar. Quando o lobo ia atacar, foi lançado de lado por uma flecha certeira. As crianças levantaram-se trêmulas. Eram duas meninas que ainda não haviam completado dez anos.

— O que está acontecendo aqui? – Hulda chegou até elas ofegante.

— É o que vamos descobrir – disse Deborah já se encaminhando em direção das crianças.

Jael e Hulda aguardaram enquanto ela conversava e tentava acalmar as meninas. Jael virou-se e viu que das casas surgiam pessoas temerosas e desconfiadas. Deborah veio caminhando até elas segurando as duas meninas pelas mãos.

— Eles são sobreviventes de um ataque de Sísera – ela explicou. – As tropas passaram por aqui e incendiaram a aldeia depois de terem saqueado seus bens. Uma parte do povo fugiu para o Oriente, mas este grupo não quis abandonar seu lugar de origem.

— Eles, então, não sabem o que aconteceu em Hazorah? – Jael estava perplexa.

— Não. Eles decidiram viver completamente isolados. Não quiseram nem reconstruir as casas com medo de um segundo ataque.

Nesse momento, um ancião aproximou-se e estendeu a mão em direção as crianças. Deborah as empurrou gentilmente em direção ao velho. Ele olhou para Hulda com reverência, pois reconheceu as vestes que ela usava.

— Hulda, diga-lhe a verdade – Deborah pediu. – Ele acreditará em você.

A profetisa, então, aproximou-se do homem e começou a relatar toda a história da queda de Jabim e Sísera, incluindo a guerra e o triunfo da Herdeira. Fatos que provavam a veracidade da Profecia. O povo se aproximou para ouvir. Jael percebeu que muitos olhares se voltavam curiosos para ela e, principalmente, para Deborah. Quando Hulda terminou o relato, o ancião chorava de alegria. Ele virou-se para Deborah e segurou as mãos dela.

— Você nos libertou. A todos nós. Agora podemos viver e reconstruir nossas casas.

Ela sorriu emocionada com as lágrimas dele.

— Mandem mensageiros e traga seu povo de volta. Eles não precisam mais fugir.

Naquela noite, elas tiveram abrigo em meio aquele povo. Foi uma noite agradável para todos. No entanto, uma questão nova

havia surgido. Quantos ainda não sabiam? Quantos mensageiros deveriam ser enviados?

Geza era uma cidade acolhedora constituída em sua maior parte por pescadores. O Lago dos Ventos, devido a sua dimensão, era rodeado por aldeias que tinham na pesca o seu principal meio de sustento. A origem humilde do povo nunca chamou a atenção dos grandes reinos para si. E a cidade, pela sua localização no extremo sul do Lago, possuía, além da pesca, um sistema de navegação através de balsas. Era muito útil para quem viajava para o norte e não queria dar a volta por terra em seu extenso perímetro.

Sangar estudou o vento com atenção.

— Se começarmos a viagem à noite, nós teremos o vento a nosso favor.

Barak passou as mãos nos cabelos e afastou-se para pensar. Hadassa olhava para o horizonte além do lago. Noa estava ao seu lado avaliando a estrutura das balsas que estavam no ancoradouro.

— Aquelas formas, lá adiante encobertas pelas nuvens, são montanhas? – Hadassa perguntou a Noa.

— É para lá que estamos indo. Todos aqueles picos que você vê daqui fazem parte da Montanha Branca.

Hadassa parecia maravilhada com o desafio que tinham pela frente.

— São picos traiçoeiros – Noa não havia gostado do brilho no olhar da moça. – Há abismos e lugares em que um simples som pode ocasionar um deslizamento.

— E você já escalou aquela montanha?

Noa suspirou.

— Já. Não é difícil quando se cresce fazendo isso. Mas você nunca o fez. Não me dê trabalho, entendeu?

Hadassa sorriu.

— Eu não vou lhe dar trabalho, Noa. Farei o que disser.

Noa pareceu aliviada e voltou a olhar para as balsas.

— É por isso que vamos procurar as grutas? – Hadassa voltou a perguntar.

— É o caminho mais seguro e mais rápido.

— Mas você nunca conseguiu encontra-lo. Como acha que vai conseguir isso agora?

— Não cometerei o mesmo erro de meu pai.

Hadassa ia perguntar algo, mas Barak aproximou-se do grupo.

— Iremos esta noite. Compraremos o que for preciso nessa cidade e descansaremos à tarde. Os pescadores esperam uma tempestade para amanhã, portanto, a nossa chance é hoje. Estão de acordo?

Todos concordaram.

— Muito bem – ele sorriu satisfeito. – Héber, você pode alugar uma balsa para nós?

Héber saiu para cumprir a ordem e Noa o acompanhou. Barak respirou fundo, preocupado com o vento. Que ele fosse forte o suficiente apenas para impulsionar a balsa.

A balsa era resistente e grande o suficiente para caber os cavalos e toda a comitiva. Os animais mantinham-se quietos por causa das viseiras que foram colocadas em seus olhos e os impediam de ver a escuridão das águas revoltas. Mas para os homens e mulheres que não podiam tapar os olhos, o cenário era assustador. O vento jogava ondas para dentro da balsa e faziam-na balançar. Salum agarrava-se ao apoio de madeira lateral com o rosto esverdeado pelo enjoo. Hagai, Hadassa e Noa tentavam manter os cavalos calmos. Sangar, Barak e Héber ajudavam o balseiro a manter a estabilidade da balsa.

— Você disse que a tempestade estava prevista para amanhã – gritou Salum.

— Isso não é uma tempestade, Salum! – Barak gritou de volta por causa do vento. – Pelo menos, não me parece natural.

— Como assim? O que quer dizer? – Sangar não estava acostumado aquele tipo de abordagem sobrenatural.

— De alguma forma, nossos inimigos tentam impedir nossa jornada.

Salum olhou para Barak, confuso.

— Mas, como poderiam? Tudo aconteceu muito rápido.

— Não sei como, Salum – Barak olhou para o céu. – Tudo o que sei é que precisamos manter nossa confiança e prosseguir.

Noa enxergou o perigo tomando forma na superfície da água. A princípio, ela pensou que fosse um tronco de madeira boiando. No entanto, a forma moveu-se de uma maneira sinuosa fazendo curvas. O relâmpago iluminou um corpo liso e marrom. Ela arregalou os olhos. Já ouvira falar de um animal semelhante. A serpente marinha! Uma imensa cobra cujo corpo se ramificava em três cabeças compridas e ágeis. Até ali, ela achou que fosse uma lenda. Talvez a lenda estivesse apenas adormecida e a presença do Rei a tenha feito acordar. Ela viu quando uma das cabeças entrou pela balsa.

— Barak, cuidado! – ela gritou.

Ele não teve tempo de fazer nada antes da serpente envolver sua perna e puxá-lo para a água. Héber e Sangar, mesmo diante da surpresa, não hesitaram em pular em socorro do amigo. Hagai entregou uma das rédeas para Hadassa e foi juntar-se a eles.

Barak esforçava-se para libertar a perna do aperto que o puxava para baixo. Tudo a sua volta era escuridão e ele tentava alcançar a faca que mantinha presa na bota da perna que estava livre. Ele estava ficando sem fôlego quando sentiu alguém segurar seus braços. A imagem de Héber surgiu diante de seus olhos ao lado de Sangar. Os dois tinham facas nas mãos e desferiam golpes no pescoço da serpente. A água manchou-se de sangue e o aperto na perna dele diminuiu. Os braços que o envolviam começaram a levá-lo para cima.

— Aqui está ele! – disse Salum ao ver Hagai surgir na superfície com Barak.

Noa e Hadassa o ajudaram a colocar Barak em cima da balsa. Em seguida surgiram Héber e Sangar. Exaustos e vitoriosos. Salum ajoelhou-se ao lado do rapaz quase inconsciente.

— Barak, você pode me ouvir?

O rapaz abriu os olhos e falou com dificuldade.

— Os inimigos... Estão despertando... – ao dizer isso, ele desmaiou.

Héber, compreendendo, olhou para o sacerdote.

— Não são os inimigos que ficaram para trás que devemos temer, mas os que nos esperam mais na frente.

— Se a serpente marinha era real, eu temo em pensar nas outras lendas que podem criar vida – Noa murmurou olhando em direção aos picos nevados.

Hulda, Deborah e Jael acabaram de atravessar o rio que marcava o limite de Gades. Na noite anterior, elas haviam dormido no mesmo celeiro que compartilharam a caminho das Cavernas do Sal. Agora, depois de atravessar o rio e sentir a proximidade de Gades, os semblantes suavizaram e as preocupações foram ficando para trás.

— Podemos seguir em frente e viajar até a noite – Hulda sugeriu. – Acamparemos próximas à ponte e chegaremos a Gades antes do sol nascer.

Ambas concordaram e, após um breve descanso para comer, elas seguiram em frente na ânsia de chegar.

Era quase noite quando chegaram à ponte. Uma grande clareira com árvores espalhadas em volta parecia o lugar ideal para pernoitar. Os olhos de Deborah fixaram-se em algo no meio da clareira. Jael acompanhou o olhar dela e segurou a respiração ao reconhecer a forma do poste sagrado que os adoradores da deusa da terra erguiam em seus santuários. Deborah desceu do cavalo e aproximou-se do lugar. Ela andou em volta do poste e viu marcas escuras. Sangue. Foi ali que o exército de Sísera acampou antes do ataque a Gades. Foi ali que fizeram um sacrifício de sangue. Jael parou ao seu lado.

— Não sei quanto a você, mas eu não vou dividir nosso espaço com essa coisa.

Deborah sorriu para a irmã e ambas fizeram a única coisa certa a fazer. O tronco não era grosso e fora apenas encaixado em

um buraco na terra. Elas o arrancaram e, debaixo do olhar aprovador de Hulda, foram até o início da ponte e o jogaram no rio, onde a correnteza terminou o trabalho de levá-lo para longe.

Sangar e Héber conseguiram hospedagem numa casa da região. Os cavalos foram abrigados em um celeiro rústico sem paredes, mas com muita palha e um teto seguro. O grupo ficou em uma casa adjacente que estava ainda em construção. A intenção era construir uma fábrica de barcos para substituir as balsas. Portanto, era um galpão grande e vazio.

Quando Barak acordou viu Salum ao seu lado. Ele estava deitado sobre um colchão de palha em um local amplo e desconhecido. A lembrança da serpente veio à tona e ele sentou-se de repente. Salum olhou pra ele assustado.

— Foi um pesadelo? – Barak perguntou ofegante.

— Não, filho – Salum pôs a mão em seu ombro. – Você tinha razão quanto aos inimigos estarem se levantando.

— Eu não falei pensando em uma serpente marinha, Salum.

Noa aproximou-se dos dois e estendeu um copo para Barak.

— É leite morno – ela sorriu. – Você precisa se alimentar.

Ele pegou o copo agradecido e ela sentou-se ao lado dele.

— A serpente era um mito até hoje – ela começou a dizer.
– A sua presença, Barak, parece estar despertando demônios do passado.

— Há outros mitos? – Salum teve medo de perguntar.

— Essa terra é cheia de mitos, Salum. Aqui sempre viveram pessoas supersticiosas.

— Em que vila estamos? – Barak terminou de tomar o leite e largou o copo.

— Kafar. É uma vila bem grande, habitada em sua maioria por comerciantes.

Barak levantou-se e sentiu-se um pouco tonto. Ele apoiou-se na parede e respirou fundo.

— Os outros estão bem? Vocês estão bem?

— Estamos na sombra do Pai – respondeu Salum. – Ele poupou até os cavalos.

— Então, devemos continuar.

Noa levantou-se.

— Já é noite, Barak – ele a olhou, espantado. – A viagem demorou mais do que o previsto.

Ele fechou os olhos e encostou a cabeça na parede.

— É possível alcançar a montanha amanhã?

— Não – ela respondeu prontamente. – O caminho é muito íngreme e difícil. Isso nos fará ser vagarosos. No entanto, deveremos alcançar uma das aldeias que vivem em seu perímetro, amanhã à noite.

Barak a olhou nos olhos.

— Então, devemos nos preparar para o que nos aguarda no caminho.

— Suponho que sim – ela respondeu hesitante.

Ele sentou-se novamente. Parecia preocupado.

— Barak – ela falou suavemente. – Estamos todos com você. A serpente não destruiu nosso ânimo. Enfrentaremos o que estiver no caminho.

— Todos pensam assim? – ele perguntou olhando para Salum.

— Pode ter certeza disso, filho. A Montanha Branca é o nosso destino e não vamos voltar.

CAPÍTULO 25

O Passado de Noa

Após se abastecerem com o máximo de víveres, a comitiva se pôs a caminho. A estrada em direção a Montanha Branca era estreita e traiçoeira. Havia fissuras em meio as rochas na qual se escondiam vários tipos de animais. A jornada exigiria uma vigilância constante a noite, se não conseguissem fazer o percurso em um dia. Eles cavalgavam em fila, os ouvidos atentos e os olhos vigilantes. Héber sentiu as pálpebras pesarem e ia caindo

da sela de Dançarino, se Hadassa não o tivesse puxado pela manga da túnica.

— Desculpem – ele murmurou. – Não sei de onde me veio esse sono.

Barak observou que de algumas fissuras saía uma fumaça azulada e muito sutil. Farejando o ar, ele sentiu um cheiro adocicado de flores e franziu o cenho.

— O que pode estar causando essa fumaça?

Hagai limpou a garganta antes de falar. A timidez ainda o mantinha como o mais calado do grupo.

— Uma vez, quando estávamos nos navios, aportamos em uma ilha.

Sangar olhou para ele surpreso com a lembrança.

— É verdade! Eu me lembro – ele assentiu para que Hagai continuasse.

— Fizemos trocas com uma tribo primitiva e fomos convidados a participar de uma festa. No centro da aldeia havia um buraco no chão e dele saía constantemente uma fumaça. O sacerdote da tribo agachava-se para cheirar e, em seguida, começava a contar às visões que presenciava.

Sangar olhou para Barak.

— Era uma fumaça azulada com cheiro adocicado. Exatamente como essa.

— Uma fumaça que provoca visões – murmurou Barak.

Ele virou-se para o grupo.

— Peguem lenços e molhem na água dos odres – ele ordenou. – Em seguida, amarre-os aos narizes.

— Com que propósito? – perguntou Salum já molhando o seu lenço.

— Precisamos manter nossas mentes conscientes – foi a resposta de Barak.

Ele cobriu o nariz e suspirou ao ver a imensa forma da montanha que os esperava. Quantos perigos eles ainda teriam que enfrentar até chegarem ao seu destino?

O ar que existia em Gades era quase irreal naquela terra decaída. Ali havia refrigério para a alma e bálsamo para o espírito. Deborah gostava de caminhar sozinha pelo campo, principalmente ao crepúsculo, como fazia quando era adolescente. Jael havia saído para uma caçada com os antigos companheiros, e Hulda ocupava-se em conversar com os mais velhos e ouvir conselhos sábios. Enquanto caminhava, ela fazia um retrospecto de sua própria vida desde que deixara aquele lugar. Não sabia o motivo de ter voltado, mas era grata. O medo e a angústia que ameaçavam tomar conta dela pareciam ter fugido. Ela sentou-se a sombra de uma árvore para esperar seu momento preferido do dia e admirar o disco laranja-avermelhado do sol e todas as cores que ele espalhava sobre a terra. Havia uma promessa naquele gesto. A certeza de que voltaria no dia seguinte, mais radiante e forte do que nunca.

— Posso lhe fazer companhia?

Ela sorriu para o homem que se aproximava. Um velho de longas barbas, mas cuja força vital ainda lhe permitia caminhadas. O seu nome era Sete.

— Seria uma honra, senhor.

Ele sentou-se na relva ao lado dela sem nenhuma dificuldade ou limitação devida a idade. O cajado foi colocado de lado e ele esticou as pernas com as mãos sobre os joelhos.

— Sabe por que está aqui, Deborah? — ele foi direto ao assunto.

— Espero que me diga o motivo real.

Ele sorriu.

— O motivo real? Por que acha que existe outro tipo de motivo diferente daquele que a trouxe aqui?

Deborah cruzou as pernas e ficou brincando com o capim enquanto buscava as palavras.

— Gades é grande demais para ser entendido apenas como um lugar de descanso. Eu estou bem agora, mas sei que não ficarei depois de atravessar a ponte de volta.

Ele a olhou com curiosidade e ela retribuiu o olhar.

— O que eu estou fazendo aqui? — ela o interrogou com viva curiosidade.

— Você não sairá daqui da mesma forma que chegou, filha
— ele respondeu com um sorriso.

Deborah aguardou pacientemente que ele continuasse, mas Sete não tinha pressa.

— E sua irmã? Como ela está?

— Sofrendo – não houve hesitação na resposta, apenas a verdade. – Exatamente como eu.

Ele suspirou.

— Ela também encontrará o que procura aqui.

Deborah sorriu.

— Na realidade, não foi nossa a idéia de vir. Voltar aqui era apenas um desejo que existia no mais profundo do coração. O que podemos encontrar se não temos certeza do que procuramos?

Ele estendeu a mão e a pôs sobre o coração dela. Deborah respirou fundo, e virou o rosto para o outro lado.

— Posso sentir sua angústia e seu medo. Há revolta também, mas você não consegue lidar com ela, como Jael faz – ele fechou os olhos e em seguida os abriu com a expressão preocupada. – Dúvida? Sinto isso em você.

Ela virou-se para ele com os olhos úmidos.

— É difícil lidar com a visão da própria morte a cada vez que fecho meus olhos. Isso me faz sentir o quanto sou humana. Criei expectativas de vitória e nunca pensei que teria que pagar um preço para isso. Isso me faz ter dúvidas e me envergonho por isso. Duvidar é perder a fé e não sentir o chão sobre os pés.

Ele retirou a mão e a olhou de uma maneira paternal.

— Isso vai mudar, eu prometo – ele levantou-se.

— Como? Quando?

Sete suspirou e ergueu a mão.

— Logo. Eu preciso pensar em tudo isso que me falou. Talvez a culpa seja nossa por não preparar você antes.

Ela levantou-se.

— Vocês não poderiam saber.

Ele sorriu para ela e tomou-lhe a mão na dele.

— Eu sei. Mas também criamos expectativas de vitória. Sua dúvida, Deborah, não pode continuar. Você é a Profecia. Você é

a mudança. Não esqueça isso nem um minuto. Se você não acreditar nisso, nós também não acreditaremos e estará tudo acabado. Você morrerá em vão.

Ela arregalou os olhos com a compreensão.

— Então, não foi suficiente eu ter aceitado o meu destino? Não posso simplesmente depositar minha fé na Profecia? Tenho que depositar essa fé em mim, também? Não me é permitido ser humana nem nesse momento?

Ele balançou a cabeça com pesar e ela puxou a mão. Deborah sentia raiva. De repente, nem mesmo o sol do poente a acalmaria naquela hora. Sua vontade era a de chutar pedras, xingar, sair correndo e sumir no mundo, que logo seria apenas escuridão.

— Eu a deixarei, sozinha – ele falou calmamente. – Precisa entender melhor o que acabei de dizer, mas também precisa liberar essa raiva. Quando se sentir mais leve no coração, vá me procurar. Precisamos terminar essa conversa.

Ele virou-se para ir embora, mas voltou-se uma vez mais.

— Demore o tempo que quiser. Há cura nessa terra.

Ela o viu afastar-se e percebeu que tinha as mãos fechadas em punho. O coração martelava e o sangue fervia. A raiva e a revolta queriam saltar, mas ela relutava em liberar tal sentimento. Ela sentia-se enganada, roubada, violada.

— Não!!! – ela gemeu com as mãos na cabeça.

Não havia ninguém ali para ver sua raiva, para assistir o seu desabafo.

Jael acendeu uma fogueira. A área de caça em Gades lhe trazia muitas recordações agradáveis. De manhã voltaria para o povoado, mas queria aproveitar aquele momento enquanto podia. A carne do coelho abatido crepitava sobre o fogo preso a um graveto. Ela não estava só. Ao seu lado, dois companheiros de antigamente a seguiam. Sarah e Jafé, dois irmãos de pele negra e brilhosa. O rapaz sorria ao lembrar a última batalha em Gades, antes de elas irem embora.

— Aquela batalha fez surgir o desejo de lutar – ele falou. – No entanto, algo faz com que os chefes relutem em tomar essa decisão.

— Então, Gades quer se posicionar? Não quer ficar neutra? Ele olhou surpreso para Jael.

— De maneira alguma! Gades está com vocês.

Sarah suspirou.

— Não pode falar pelos chefes, Jafé. A verdade é que eles saberão quando chegar a hora.

Sarah virou-se para Jael e ofereceu um pedaço do coelho.

— Você tem algo para me dizer, Sarah? – Jael havia percebido o olhar da moça desde o início da caçada.

Ela olhou para o irmão que parecia já saber qual era o assunto.

— Nós não pretendemos esperar pela decisão dos chefes, Jael. Já havíamos decidido partir para Hazorah e nos juntar a vocês. Estávamos preparados para ir no dia em que chegaram.

Jael a olhou surpresa.

— Deixariam Gades?

— Isso a surpreende?

Jael deu de ombros.

— Não consigo imaginar alguém deixando esse lugar por vontade própria.

— Vocês deixaram – não havia acusação na voz dela.

— Havia um propósito e sabe disso.

— Então, não seríamos aceitos em Hazorah? – Jafé perguntou ansioso.

Jael sorriu.

— Claro que seriam. Eu mesma apreciaria a ajuda de vocês junto aos Queneus. Só estou surpresa.

Após a refeição, Jael esperou que ambos dormissem e subiu sozinha a colina que se abria para um pequeno lago. Ela sentou-se com o arco no colo e ficou absorvendo aquela imagem. Desde que Deborah havia compartilhado com ela as imagens da Profecia, a hora do sono tornara-se um pesadelo. Raramente sua

mente não era levada para aquelas cenas de horrores. Mesmo ali em Gades, ela temia fechar os olhos.

De repente, em frente ao lago, ela viu uma figura, uma sombra. Movimentava-se devagar como se caminhasse a espera de alguém. Jael levantou-se com cautela, mas surpreendeu-se ao ver que a pessoa acenava para ela. Ela se aproximou lentamente e, chegando a certo ponto entre a colina e o lago, a estranha aparição fez sinal para que ela parasse. Jael obedeceu. Ela não conseguia ver o rosto, mas ouviu a voz. Uma voz inconfundível que a acompanhava desde que estivera no Monte da Lei. A voz dizia: “Quando a lua estiver cheia, a Herdeira e a Guardiã terão um encontro consigo mesmas. Espero-as aqui, e traga a Profetisa”. Dito isso, sua imagem se iluminou de tal maneira que ela não pode manter o olhar.

Quando Jael abriu os olhos percebeu que estava no topo da colina e ainda segurava o arco no colo. Teria sonhado? Olhou para trás e viu Sarah e Jafé dormindo tranquilamente. Lá embaixo, o lago parecia normal e nenhuma sombra vagava por perto. A frase, porém, continuava soando alto em sua mente.

— Quando a lua estiver cheia algo vai acontecer – ela murmurou consigo mesma.

Quando acordou, Hulda viu que o sol já estava alto no céu e que a cama de Deborah ainda estava vazia. Ela desceu pela escada de madeira e correu até a casa de Sete. O ancião não podia recebê-la, pois estava reunido com o conselho. Quando voltava para casa com as mãos na cabeça, viu Jael voltando com seus amigos e correu até ela.

— Hulda, o que foi? – Jael assustou-se com o aspecto da profetiza.

— Sua irmã desapareceu, Jael! Eu estou aflita desde ontem.

Jael, a princípio, sentiu a preocupação de Hulda, mas logo em seguida apertou as mãos da mulher e sorriu.

— Vamos pra casa – ela disse com suavidade. – Eu farei um chá pra você.

Hulda deixou-se levar. Jael largou o arco e a aljava em cima da cama e começou a preparar o chá. As ervas aromáticas fariam Hulda se acalmar.

— Eu achei que aqui vocês estariam bem e descansariam de suas aflições.

— Hulda, você esqueceu que Deborah iniciou a missão dela sozinha, nos arredores de Salema? Acredito que naquela época ela fosse menos experiente e segura do que é hoje. No entanto, ela sobreviveu.

Hulda respirou fundo e concordou com a lembrança.

— Tem razão. Eu estou sendo infantil.

Jael sentou-se na cama e começou a tirar as botas sujas de terra.

— Não foi para descansar que voltamos – ela comentou.

— Por que diz isso? – Hulda perguntou.

Jael pensou um pouco antes de falar.

— Algo vai acontecer conosco aqui. Eu sinto isso.

Hulda estudou o rosto de Jael.

— Você sabe de alguma coisa?

Jael olhou para ela e em seguida baixou os olhos.

— Quando Deborah voltar, eu tenho algo a dizer para vocês.

Hulda suspirou impaciente.

— E quando ela vai resolver voltar?

Jael sorriu e levantou-se para servir o chá.

— Dê um pouco de tempo a ela. Eu tive o meu.

A nevasca os pegou no caminho de uma forma surpreendente. Foi, com certeza, o maior inimigo com o qual se depararam naquela estrada. Sangar foi à frente e encontrou um abrigo. Era uma velha construção abandonada, mas que parecia bastante acolhedora.

— Que lugar é esse? – perguntou Salum sacudindo a neve do corpo.

— É uma estalagem para viajantes – respondeu Noa. – Vamos encontrar outras iguais e, talvez, em melhor estado do que essa.

— O caminho é mais familiar para você, agora? – Barak perguntou.

— Sim – ela assentiu. – Estamos no meu mundo.

A construção era composta de um telhado e paredes de palha cobrindo um vão comprido e vazio de qualquer objeto. Eles colocaram os cavalos entre eles e a porta e se alojaram no fundo onde era mais quente.

— Por que acha que está abandonado? – perguntou Héber.

— Não sei Héber – Noa deu de ombros. – Talvez a proximidade com a fronteira ou o ataque de animais selvagens tenha afastado os viajantes.

Hadassa cobriu-se com a manta de pele para o frio.

— Não me importam os motivos. Sinto-me apenas feliz por este lugar existir e servir para nos abrigar.

Barak viu o grupo se acomodar enrolando-se em suas peles e sorriu.

— Acho que ninguém vai querer comer, não é?

— A fome não vai nos matar essa noite, amigo – Sangar bocejou. – Mas o cansaço pode nos fazer cair do cavalo.

— Então, vamos dormir.

Barak sentia-se aliviado por terem conseguido, finalmente, sair daquela estrada estreita e traiçoeira. Pela manhã, antes do meio-dia, estariam chegando a uma vila e precisariam deixar os cavalos. Segundo Noa, a trilha até a Montanha Branca não suportava montarias. Em alguns trechos, segundo ela, o solo era formado de gelo fino. Seguiriam a pé, portanto. Ele fechou os olhos e imaginou uma mulher alta, de cabelos e olhos negros brilhantes como a noite cheia de estrelas. Sorriu com a lembrança e adormeceu.

O dia já ia embora quando ela voltou. Hulda a viu da sacada e desceu as escadas correndo. Deborah parou diante dela.

Estava cansada, suja e com olheiras profundas. Aquilo assustou a profetiza.

— O que aconteceu com você?

— Agora não, Hulda – a voz dela era arrastada e baixa. – Eu preciso dormir, por favor.

Ela passou por Hulda, mas a mulher não se deu por vencida.

— Acha que pode sumir por quase dois dias e reaparecer como se tivesse vindo de uma guerra, sem dar nenhuma explicação?

Deborah parou sem se virar e respirou fundo.

— Eu conto tudo o que você quiser depois que eu dormir. Prometo.

— Pode pelo menos me dizer se está bem?

— Eu estou bem melhor agora – ela disse voltando a caminhar.

Hulda procurou Jael e esta foi para casa correndo. Deborah estava dormindo. Parecia ter desmaiado de sono, pois estava ainda calçada com as botas. Jael retirou-as com cuidado. Não sabia o que tinha acontecido, mas com certeza fazia parte do propósito que as trouxeram de volta a Gades. Hulda entrou em seguida.

— Deixe-a dormir, Hulda – pediu Jael. – Tenho certeza de que ela nos contará tudo quando acordar.

Deborah acordou com o cheiro de comida. Gemeu ao perceber o quanto estava com fome.

— Você está com uma aparência horrível.

Ela abriu os olhos e viu Jael sentada na cama ao lado da sua.

— Quanto tempo eu dormi?

— Quase o dia todo, graças a mim.

Deborah a olhou intrigada.

— Hulda queria acordá-la de qualquer maneira, mas não deixei.

Deborah sentou-se e segurou a cabeça entre as mãos.

— Obrigada.

— Deborah, o que houve? – o tom de voz de Jael agora era sério.

Em resposta, ela levantou-se.

— Eu preciso me lavar e trocar essa roupa.

— Por que está fugindo da pergunta?

Deborah soltou um suspiro impaciente.

— Eu não estou fugindo, Jael! Eu preciso me recompor para contar o que houve. Estou me sentindo horrível e preciso tomar um banho, comer alguma coisa.

— Não vai fugir de novo?

— Como assim? Eu não fugi! Apenas segui o conselho de Sete. Precisava de um tempo para acertar algumas coisas comigo mesma...

Ela viu que Jael parecia surpresa.

— Sete não falou para vocês que nós conversamos?

— Sete está trancado a dois dias com o conselho da vila, e não recebeu ninguém desde então.

Deborah passou a mão pelo cabelo e se apoiou na janela.

— Agora eu entendo a causa da preocupação de vocês.

Ela olhou para a irmã e sorriu.

— Eu estou bem, acredite. Vou voltar a ser alguém, de novo e depois conversaremos.

— Vou tentar segurar Hulda até você voltar – Jael falou dirigindo o olhar pela janela.

Hulda vinha caminhando apressada em direção a escada de madeira.

— Não vou demorar – Deborah respondeu saindo pela cozinha.

A cidade na qual eles chegaram naquela tarde era constituída de famílias que viviam num regime de parceria. Tinha no montanhismo um meio de vida, mas também aprenderam a lidar com os animais domesticáveis daquele clima e as espécies caprinas e bovinas lhes supriam de carne e leite o ano todo. Receberam a comitiva com desconfiança no início. Salum, na autoridade de um

sacerdote das Cavernas do Sal, conquistou-lhes a confiança. Uma família os recebeu e acolheu em sua casa. Barak divertia-se com as crianças que o olhavam com curiosidade, depois que Salum revelou quem eles eram.

Ageu, o chefe da família, mandou que preparassem uma refeição digna da comitiva. As fazendas, por se autossustentarem, eram fartas em víveres. Sentados em volta de uma grande mesa de madeira escura, eles descansavam e fortaleciam o corpo com uma comida de boa qualidade. Em certo momento, Ageu fixou o olhar em Noa.

— Você é dessa região – ele falou com a boca cheia. – Conheci o seu pai.

Ela o olhou com surpresa.

— Você é Noa, filha de Nabor. O melhor guia de montanha que já tivemos. Ele foi meu amigo.

— Não sabia que meu pai tinha amigos perto da fronteira.

— Você era muito jovem para saber tudo sobre o seu pai.

Ela franziu o cenho.

— Meu pai tinha algum segredo que eu desconheço?

Ageu voltou-se para a comida com um sorriso no rosto largo. Na mesa, todos os olhares estavam fixos nele.

— Ele sempre achou que, se um dia não conseguisse subir a Montanha, você o faria por ele. Ele a treinava para isso.

Noa perdeu toda a vontade de comer.

— O que sabe sobre o meu pai e a Montanha Branca?

Ageu olhou em volta e suspirou.

— Ele buscava a porta de gelo. Essa busca era a essência de sua vida.

Barak pôs a mão sobre a de Noa que estava ao seu lado. Foi um gesto confortador.

— Agora você entende o motivo de ter sido escolhida por Deborah? Precisávamos de você, Noa.

Ageu a fitou em silêncio e depois falou com seriedade:

— Não sei se o destino de cada um de nós está traçado, mas existe um propósito no que está acontecendo aqui, meus amigos.

— O que quer dizer? – perguntou Barak.

— Nabor deixou uma coisa comigo há muito tempo. Eu já havia até me esquecido. Mas, quando vi a filha dele, a lembrança voltou bastante clara em minha mente.

Ele levantou-se e olhou para Noa.

— Pode me acompanhar?

Ela olhou para Barak pedindo permissão e ele concordou.

— Não deve haver segredos para o Rei – disse Ageu. – Você é o Luminar do Sol, portanto, pode vir conosco.

Dessa forma, ambos seguiram Ageu.

Jael havia levado Hulda até a casa de Sarah e Jafé com o propósito de convencer a família a deixá-los seguir para Hazorah. Quando elas voltaram, Deborah as esperava na sacada. Hulda a olhou com severidade.

— Desculpe tê-la preocupado, Hulda – ela apressou-se em falar. – Julguei que Sete teria lhes contado algo.

— E o quê, exatamente, ele deveria ter nos contado? – Hulda perguntou abruptamente.

— Ele foi me procurar numa tarde e tivemos uma conversa perturbadora. Ele me fez ver que a revolta dentro de mim deveria sair, pois estava me sufocando. Esse sentimento só aumentou de intensidade, quando ele me revelou algo novo. Eu não pude mais segurar toda a raiva, então ele me mandou ficar o tempo que eu precisasse. Ele me fez ver que essa terra poderia me curar. Foi por isso que eu não voltei.

— Considerando o seu aspecto, quando chegou, eu tenho até medo de perguntar o que andou fazendo para liberar essa raiva – comentou Jael.

Deborah sorriu sem graça.

— Não sou tão expansiva quanto você, minha irmã. Tive que vencer, um bloqueio, dentro de mim mesma.

— Sentiu-se melhor com isso? – Hulda estava mais calma.

— Sinto que posso respirar de novo. É quase a mesma sensação.

Jael sentou-se no banco que se estendia pela sacada.

— Deborah, você disse que ele lhe revelou algo novo. O que foi?

— Ele me disse que eu não poderia duvidar – ela apoiou-se na sacada e olhou na direção das colinas. – A dúvida fará com que tudo seja em vão no final.

— E isso é problema para você? – Hulda perguntou surpresa.

Deborah, a olhou acusadora.

— Não apenas para mim, Hulda. Para você. Para Jael. Para Nathan. Eu me lembro da expressão de cada um de vocês quando abri a Profecia e fiz minha escolha. O problema é que somos muito humanos para lidar com isso, e não duvidar diante da morte é quase impossível.

Hulda não teve como argumentar. Ela estava certa. Voltando o olhar para Jael, ela lembrou.

— Jael, você não tinha algo a nos dizer?

Jael, que ficou calada e pensativa, ergueu os olhos e assentiu.

— Eu tive um sonho, ou talvez tenha sido uma visão, não sei muito bem. Um homem me apareceu naquele lago, que é circundado pelas colinas. Estávamos acampando lá na última noite da caçada. Ele me disse que deveríamos, nós três, ir até lá quando a lua estivesse cheia.

— Para quê? – Deborah perguntou.

— Ele disse que eu e você teríamos um encontro, com nós mesmas. Não entendo o que será esse encontro. E Hulda deve estar presente.

Hulda respirou fundo em expectativa.

— A primeira lua cheia é amanhã.

Jael olhou para Deborah.

— Pode ter sido apenas um sonho.

Deborah sorriu.

— Luminares não sonham, Jael. Além do mais, que mal nos fará um passeio até o lago amanhã à noite?

Noa recebeu das mãos de Ageu um velho baú. Estava empoeirado e trancado com um enorme cadeado. O homem foi até os fundos do lugar que ele usava como local de armazenagem e remexeu em um velho armário. Quando ele voltou, trazia uma chave na mão.

— Faz tanto tempo que guardo isso, que nem sei se ainda abre – ele resmungou. — A ferrugem já corroeu tudo.

Apesar da dificuldade, o baú foi aberto. Noa sentiu os olhos umedecerem ao ver dentro dele a bolsa de seu pai. A bolsa de viagem que ele sempre levava com ele, e que julgavam que ele tivesse perdido quando morreu.

— Como conseguiu isso? – ela perguntou num sussurro.

— Ele me deu antes que seguissem viagem.

— Ele usava a bolsa, eu me lembro!

Ageu sorriu com ternura.

— Não era essa bolsa, eu lhe garanto.

Ela a retirou de dentro do baú e notou que havia algo dentro. As mãos trêmulas de Noa tiraram da bolsa um velho pergaminho enrolado em tiras de couro. Ela olhou para Barak.

— O que pode ser isso? – ele perguntou.

— Desconfio que sejam as anotações do meu pai.

— Sobre as inscrições? – Barak parecia ansioso.

— Acredito que sim.

Ela acariciou o rolo e enxugou uma lágrima. Barak pôs a mão sobre o ombro dela.

— Ele confiava em você, Noa. Talvez você tenha a chance de acertar onde ele errou.

Noa olhou para ele com preocupação.

— Não deve haver “talvez”, Barak. É meu dever acertar. Foi para isso que vim.

Ageu coçou a cabeça e suspirou.

— Bem, vou deixá-los sozinhos agora. Espero sinceramente que isso ajude em sua caminhada.

Barak sorriu em agradecimento quando o homem se foi.

Quando Barak e Noa se reuniram aos outros em volta da mesa, agora vazia, os olhares de expectativa voltaram-se para eles.

— Vamos nos preparar – comunicou Barak. – Partiremos amanhã para a Montanha Branca.

— Então, estamos prontos? – Salum perguntou.

— Eu sei onde meu pai errou em sua busca – disse Noa. – Não vamos cometer o mesmo erro.

— Parece bem confiante – observou Hadassa.

— Ele confiou a mim suas anotações mais importantes. Haviam dois caminhos possíveis relacionados aos sinais que poderiam marcar a porta. Ele escolheu o caminho errado.

— E por que acha que o outro é o certo? – Héber estava inseguro.

Noa olhou para Barak.

— Porque no segundo caminho havia um sinal que ele não conhecia – Barak relatou o que Noa havia lhe explicado. — O sinal primitivo do sol.

— O meu pai só queria encontrar o caminho para o topo – explicou Noa. – Ele não era um estudioso da Profecia. Não poderia saber que aquele caminho estava relacionado com a passagem do Rei. Um sinal primitivo do sol deve ter tido para ele a impressão de algo enganador. Principalmente em um lugar tão gelado.

— Por isso, ele preferiu o caminho errado – completou Salum.

— A passagem se abrirá pra mim – afirmou Barak com convicção. – Então, teremos certeza de estar no caminho certo.

CAPÍTULO 26

Luminares Revelados

Naquela noite, Jael não conseguiu dormir e ficou revirando-se na cama. Hulda, como sempre, para dormir bastava fechar os olhos. Ela dormia na cama de Deborah, já que esta preferiu passar aquela noite de vigília. Não era uma vigília de alerta, mas de reflexão. Jael resolveu levantar e juntar-se a ela na

sacada. Deborah estava sentada no banco com uma xícara de chá de menta nas mãos.

— Atrapalho?

— Claro que não – Deborah sorriu. – Venha e me faça companhia, já que não consegue dormir.

Jael sentou-se ao seu lado e ficaram em silêncio por um longo momento.

— O que a aflige, Jael? – Deborah finalmente perguntou.

— Por que acha que não é apenas falta de sono?

Deborah riu.

— Você nunca ficou calada por tanto tempo! Está preocupada com o que vai acontecer no lago?

— Se for algo bom, como acho que é, não há motivo para preocupações.

— Então, o que é?

Jael suspirou.

— Não queria falar sobre isso. Trazer de volta uma lembrança que ambas compartilhamos.

Deborah enrijeceu ao compreender qual era a lembrança.

— É isso que a faz perder o sono?

— Poderia perguntar a mesma coisa a você.

Deborah suspirou e olhou para o céu cheio de estrelas.

— Como consegue suportar isso? É terrível para mim, que não terei que suportar tal provação na carne, mas para você...

— Jael, pare, por favor! – Deborah suplicou. – Não faça com que eu me arrependa de ter compartilhado isso com você.

Jael se calou envergonhada.

— Desculpe. Falei porque estava me sentindo sufocada. Às vezes, as imagens começam a vir e eu não consigo impedir.

Deborah sorriu e puxou a irmã para perto de si.

— Isso acontece comigo o tempo todo, mas eu estou tentando controlar. Olhe para esse lugar! Lembre-se do quanto fomos felizes e livres aqui. Quantas vezes brincamos correndo por esses campos? O ar aqui ainda é o mesmo. Nada mudou.

Jael sorriu.

— Você era uma menina desajeitada.

— Tem razão. Eu era mesmo atrapalhada. Lembro-me da primeira vez que peguei uma espada na mão. Sete teve muito trabalho com as reclamações dos instrutores.

— É difícil imaginar isso, olhando pra você hoje.

Deborah a olhou com ternura.

— Mas você sempre me defendeu. Sempre estive do meu lado e acreditou em mim. Mesmo quando eu não conseguia fazer isso. Mesmo quando ninguém aqui conseguia fazer isso, você acreditou.

Jael não tinha palavras.

— Uma vez você me disse que a minha presença lhe dava força, Jael – continuou Deborah. – Lembra? Foi quando estávamos partindo de Gades.

— Sim, eu me lembro.

— Bem, eu posso dizer o mesmo de você. Preciso de você do meu lado. Sempre precisei.

Jael deitou a cabeça no colo de Deborah.

— Gostaria de ficar aqui pra sempre, em Gades. Ter o poder de fazer aqueles tempos retornarem.

— Seja lá o que for nos acontecer amanhã, a verdade é que nada será do mesmo jeito. Nem mesmo Gades.

Jael suspirou, os olhos já pesando.

— Posso ficar aqui?

Deborah sorriu e acariciou a mecha branca no cabelo de Jael.

— Claro que pode.

Elas saíram da aldeia logo após o amanhecer em direção ao lago. Chegaram ao pôr do sol.

— Esse lugar é espantoso! – admirou-se Hulda. – Vejam as águas. Parecem imóveis!

— Como um espelho – comentou Deborah.

Jael apontou para a colina que margeava o lago.

— Foi de lá que eu tive a visão. É um bom lugar para acampar. De qualquer forma, vamos passar a noite aqui, não é?

Hulda e Deborah aprovaram a idéia. Uma fogueira foi acesa quando a noite caiu. Jael tinha experiência em usar gravetos e pedras para fazer fogo.

— Quando vai se tornar civilizada? – brincou Deborah.

— Não sei se quero me tornar isso que você falou – Jael admirou as primeiras chamas que subiram. – Parece muito enfadonho.

Elas ficaram conversando e rindo das histórias de caça contadas por Jael. Havia algo naquele lugar que expulsava todo o medo e ansiedade. O ar parecia tornar o coração mais leve. Elas adormeceram sem sentir.

Já era tarde, e a lua cheia brilhava no céu, lançando sua luz sobre o lago. Um sussurro indefinível chegou com a brisa. Deborah abriu os olhos como se tivessem chamado o seu nome. Jael também ouvira e olhou em direção ao lago.

— Você está sentindo? – ela perguntou a Deborah.

— Sim.

Elas levantaram ao mesmo tempo. O movimento acordou Hulda. Ela não podia ouvir o sussurro, mas sentia a brisa e o aroma perfumado no ar. Deborah, sem dizer nada, começou a descer a colina em direção ao lago. Jael a seguiu. A água mexia-se em pequenas ondulações. Era como se um dedo invisível a movesse com pequenos toques. Deborah e Jael, em unidade de pensamento, despiram-se das botas e entraram na água. Hulda ficou em pé, observando em expectativa. Temia aproximar-se demais. Deborah caminhou na frente e aguardou que Jael a alcançasse no meio do lago. A profundidade não ia além da cintura de Deborah.

— Sente o que temos que fazer? – Deborah estendeu a mão para Jael.

— Sim – Jael sorriu e pegou a mão dela.

Ambas mergulharam e Hulda viu que uma claridade que não era o reflexo da lua envolvia o lugar onde elas estavam. Sem pensar nas conseqüências, ela correu colina abaixo para ficar mais perto. O coração palpitava. Quando elas subiram, Hulda conteve um grito de assombro e caiu de joelhos diante da visão.

A roupa de Jael não era mais azul, mas brilhava como prata. Era como se fosse feita de estrelas. O cabelo caía solto em cachos até o meio das costas. Não havia nenhum sinal da mecha branca. A roupa de Deborah era imaculadamente branca. Hulda achou que fosse feita de luz. O cabelo negro e brilhante também caía solto, livre da trança, até a cintura. Ambas mantinham os olhos fechados. Não havia medo em seus rostos, mas serenidade e sabedoria. Uma sabedoria que transcendia os séculos.

— Eu estou vendo as Luminares em sua verdadeira forma e natureza – constatou Hulda com a voz tremendo.

Deborah e Jael abriram os olhos ao mesmo tempo e se olharam. E se compreenderam. Não necessitavam de palavras. Elas podiam sentir em seus corpos, e em sua alma e espírito, toda a essência de sua verdadeira natureza. O tempo não significava nada. As dores, os medos, pereciam diante da grandeza do poder que sentiam dentro de si. Era uma confirmação de sua herança na eternidade. Aquela luz que as envolvia vinha de dentro, e não deixava mais espaço para as dúvidas.

Elas viraram-se para Hulda e a mulher cobriu o rosto com as mãos diante daqueles dois olhares. O brilho era tão grande que lhe doía a vista. Ela manteve-se daquele jeito até que sentiu que a luz diminuía. Não poderia dizer quanto tempo passou até sentir uma mão pousar em seu ombro.

— Hulda, está tudo bem agora – disse Deborah.

A profetisa levantou a cabeça e olhou para as duas moças na sua frente. Eram Deborah e Jael novamente. As roupas voltaram a ser o que eram e os cabelos estavam molhados por causa do mergulho e não soltos e perfeitos como há poucos minutos.

— Isso o que eu vi... Aconteceu mesmo? – Hulda gaguejava.

— Sim, aconteceu – Deborah sentou-se ao lado dela. – Pela primeira vez, eu tenho certeza de quem sou.

— Eu também – sussurrou Jael. – Foi como voltar para casa.

— Foi uma chance de experimentar aquilo que sempre fomos, e aquilo que voltaremos a ser, quando tudo isso terminar.

Hulda a olhou surpresa.

— Não sente mais medo?

Deborah sorriu.

— Sinto fé, Hulda. Algo que a dúvida tinha matado dentro de mim. Nada pode me parar agora. Nem o medo, nem a incerteza, nem a insegurança. Isso ficou no fundo daquele lago. Eu vou até o fim e cumprirei o que me for exigido sem hesitar ou reclamar.

— Acho que devemos voltar para Hazorah – disse Jael. – Já cumprimos o propósito que tínhamos aqui.

Hulda notou que Jael falava com mais segurança e soube que a mudança também ocorrera com ela.

— Vamos subir e tentar dormir o restante da noite – disse Hulda. – Amanhã partiremos.

Eles chegaram ao sopé da Montanha Branca ao nascer do sol. A tempestade de neve, entretanto, tornava quase impossível distinguir o dia da noite. Os cavalos ficaram seguros com Ageu. Noa ia à frente indicando o caminho. Daquele lado da montanha havia muitas cavernas. Algumas se encontravam soterradas devido ao acúmulo de neve.

— Qual delas? – Barak perguntou logo atrás dela.

Ela apontou para frente.

— Logo abaixo daquela saliência tem um buraco. Poderíamos confundi-lo com a toca de algum animal, mas acredito que vai surpreender vocês.

O grupo seguiu em frente. Salum parecia cansado além de suas forças. Sangar segurou-lhe o braço quando achou que ele ia cair.

— Agüente só mais um pouco, sacerdote – ele falou. – Está perto, agora.

Salum agradeceu com um gesto de cabeça. Hadassa olhou para cima. Não era possível enxergar o topo da montanha por causa das nuvens que a cobriam.

— Ainda bem que existe um caminho por dentro da montanha – ela comentou. – Não gostaria de ter que escalar isso.

Quando eles chegaram à abertura, esta encontrava-se meio encoberta pela neve. Barak, Héber e Noa ajoelharam-se em volta e cavaram com as próprias mãos o excesso de neve. A abertura ficou visível. Era suficiente para um homem grande passar por ela sem ficar preso.

— Eu vou primeiro – disse Barak.

Noa segurou o braço dele.

— Sua vida é muito preciosa, Barak. Eu sou a guia, portanto, quem vai sou eu. Além do mais, eu conheço o lugar e já fiz isso antes.

Ninguém contestou a argumentação dela. Barak suspirou e passou-lhe uma corda.

— Amarre isso em você e puxe se precisar de ajuda.

Noa amarrou a corda na cintura e, sem perder tempo, passou as pernas pela abertura e entrou. Ela se lembrava do caminho com muita clareza e sabia que só teria que escorregar alguns metros até atingir o solo. Chegou ao final sem problemas. Apesar de estar mais quente lá dentro, a escuridão era total.

— Eu cheguei! – ela gritou. – Preciso de algo para acender um fogo. Está muito escuro aqui.

Ela ouviu o som de mais alguém descendo e se afastou um pouco. Era Hagai. O rapaz trazia nas mãos duas pedras negras que produziam calor e eram usadas pelos viajantes para fazer fogo. Olhando em volta, eles encontraram alguns gravetos. Noa juntou-os com o pé e Hagai acendeu uma pequena fogueira. Havia um caminho que se estendia montanha adentro. No recinto em que se achavam não havia nenhum tipo de perigo.

— Podem descer! – Noa gritou.

Quando estavam todos reunidos lá embaixo, acenderam tochas com os gravetos que não foram usados na fogueira, e Noa os guiou pelo caminho.

— Aonde isso vai dar? – perguntou Sangar.

— Em uma câmara maior – Noa respondeu. — É lá que vamos encontrar as portas.

— Foi lá que seu pai...

— Foi.

Sangar suspirou.

— Deve estar sendo difícil para você ter que refazer esse caminho.

Noa sorriu.

— Para dizer a verdade, eu me sinto feliz. O meu pai confiou em mim. Era como se ele soubesse que um dia eu voltaria aqui.

— E conseguiria entrar – Sangar completou o pensamento.

— Isso mesmo.

Finalmente o caminho terminou em uma câmara circular. Duas portas eram bem visíveis. Uma em cada lado do recinto. A primeira foi ignorada por Noa que seguiu direto em direção da que estava mais distante. Barak a seguiu de perto. Ela ergueu o braço e o fogo iluminou uma seqüência de símbolos em volta daquela porta. Barak o viu. O símbolo do sol. Estava no alto da porta, bem no meio.

— O símbolo que indicava a verdadeira porta, foi exatamente o que fez meu pai ignorá-la.

— Foi por isso que entrou para a Ordem de Zelofeade? – ele perguntou.

— Eu queria entender esses sinais. Um sacerdote que estava de passagem por nossa aldeia conversou com meu pai e disse que os símbolos podiam ter alguma ligação com a Profecia. Meu pai riu na cara dele. Ele não acreditava na Profecia.

— E o que ele buscava?

— Riquezas. Todos buscavam riquezas. Até meu pai.

— Mas você acreditou no sacerdote – disse Salum participando da conversa.

— Acreditei. Quando eu fui embora, havia tomado a decisão de estudar a Profecia. A Ordem entrou na minha vida para suprir essa busca. E agora eu sei o motivo.

Barak voltou a olhar para o sinal e, de repente, a marca em suas costas começou a arder. Ele gemeu e pôs a mão no local. Héber ergueu a camisa dele e se surpreendeu.

— O sinal do sol está brilhando, Barak.

Barak apontou para a porta.

— Aquele também está.

Ele respirou fundo e, chegando perto da porta, apoiou as duas mãos em sua superfície. A porta inteira brilhou. Quando o brilho se extinguiu, no lugar da porta havia uma abertura e degraus que subiam a montanha. Barak olhou em volta e viu os rostos espantados.

— Ainda estão comigo? – ele perguntou mais uma vez.

— Se nos fizer essa pergunta mais uma vez, vai pegar o Cetro de mordação – ameaçou Héber.

Ele sorriu e olhou para Noa.

— Sei que é a guia, mas dessa vez, eu vou à frente.

Ela assentiu sem questionar.

A escada continuava a subir. Eles já haviam perdido a noção do tempo. O cansaço que acometeu a todos era derivado da alta altitude da montanha. Apesar de estarem protegidos do frio intenso e do vento tempestuoso, eles ainda podiam sentir os efeitos da subida íngreme. Em determinado momento, eles alcançaram um vão, a partir do qual a escada se tornava um pouco mais larga. Barak foi o primeiro a sentar. Ele estava ofegante. Todos sabiam que não era apenas o cansaço que o extenuava, mas também a ansiedade por querer saber o que poderia estar lá em cima, e como isso afetaria a sua vida.

— Vamos descansar aqui – ele disse. – Ainda há muito que subir e nossos corpos precisam estar prontos.

— A temperatura aqui dentro da montanha é agradável – comentou Héber. – Não vejo necessidade de acender uma fogueira.

Todos concordaram. Hadassa mexeu na sua bolsa de viagem e tirou um pedaço grande de pão.

— Vamos repartir – ela o deu para Salum. – Um corpo descansado e alimentado é ainda melhor.

Salum sorriu e repartiu o pão adocicado. Todos comeram com gosto e depois beberam um gole de água dos respectivos odres.

— Precisamos fazer turnos de vigilância? – Sangar perguntou.

— Não creio que seja necessário – Barak falou enquanto deitava. – Descansem amigos.

Eles dormiram de uma forma tão tranquila como se estivessem dentro de Hazorah. Não houve inquietação e nem sonhos, apenas um sono reparador.

A escada desapareceu para dar lugar a um caminho plano que seguia a montanha sempre para o leste. A caminhada passou a ser mais fácil. De repente, Barak parou ao chegar numa inclinação do terreno. O solo descia como uma rampa e ao final dela havia uma luz muito forte.

— Estou vendo coisas ou aquela luz forma uma porta? – perguntou Héber.

— Aquilo é uma porta – confirmou Barak.

Salum pôs a mão no ombro do rapaz que tremia.

— Acho que agora é com você, Barak – ele falou de forma paternal. – Vá! Nós aguardamos aqui.

Barak olhou para os outros e sentiu sua aprovação. Respirou fundo e desceu até a porta de luz. Ele estendeu a mão e sentiu o braço ser atraído pela luz. Então, tomando coragem, fechou os olhos e atravessou o estranho portal.

Ele ouviu Jael contar sua experiência dentro do Monte da Lei e, pelo que ela havia contado, ele se encontrava agora num lugar semelhante ao que ela esteve. Uma ampla sala circular e uma plataforma redonda no centro. Em cima dela, algo brilhava. Ele não podia distinguir a forma do objeto por causa da luz que ele emitia. Não havia nada que o separasse daquela plataforma. Nenhum abismo se encontrava entre ele e o que achava ser o Cetro do Rei. Mesmo assim, ele hesitou.

— Você não deve hesitar. Não precisa provar que é o Rei. Somente ele passaria pela primeira porta.

Ele olhou para o lado e viu um homem magro e desprovido de cabelos. Era velho e tinha os olhos cheios de sabedoria. Vestia uma roupa igual a de Salum, mas a cor era branca, como tudo naquela sala.

— Quem é você? – Barak perguntou.

— O guardião do Cetro do Sol. Espero por você há muito tempo.

Barak olhou de volta para a plataforma.

— O que eu devo fazer? Apenas ir até lá e pegá-lo?

O velho riu.

— Primeiro, você deve tomar conhecimento de coisas que lhe são ocultas.

— O meu caminho a partir daqui, por exemplo?

O velho não respondeu, mas fez um gesto para que ele o acompanhasse até uma sala contígua aquela. Na sala havia apenas um enorme tanque em forma de cálice. De sua base saíam quatro figuras de formas diferentes: um boi, uma águia, um leão e um homem. Esculpidos em gelo eterno. Barak conteve uma exclamação, pois estava maravilhado.

— Vá até lá e olhe dentro do tanque. Os espelhos lhe mostrarão o que precisa saber.

Ele foi deixado sozinho. Barak aproximou-se do tanque e olhou o seu interior. Sua superfície era formada por espelhos e isso tornava a água mais limpa e transparente do que já era. Os espelhos eram coloridos e suas cores pareciam se alternar enquanto ele olhava para elas. Enfim, as imagens surgiram e ele viu tudo.

Quando o velho guardião retornou, Barak estava prostrado ao lado do tanque. As mãos envolvendo a cabeça, enquanto um lamento contido teimava em sair de sua garganta. O velho parou diante dele.

— Ela vai morrer! Por que ela não me disse nada? Por que me deixou vir? Eu não podia tê-la deixado sozinha...

— Você não viu tudo o que tinha para ver – o velho o repreendeu. – Precisa continuar.

— Eu não vou conseguir!

— Você precisa fazer isso. Não poderá pegar o Cetro se não souber de tudo.

Barak respirou fundo e tentou se controlar. Ele encarou o tanque e se pôs de pé.

— Por que eu devo fazer isso?

— Porque o seu destino deve ser mostrado a você, agora.

O velho saiu novamente deixando-o sozinho. Ele aproximou-se e esforçou-se para olhar. Sentia-se culpado. Estava tão inseguro e preocupado consigo mesmo que não prestou atenção no abatimento de Deborah ao voltar do Monte das Grutas. Ela o consolou e o exortou a continuar, mesmo sabendo o que a esperava. Ela o havia poupado da verdade para que ele pudesse chegar até ali. Ele devia isso a ela. Então, pensando nisso, ele voltou a olhar para os espelhos. As imagens agora não eram tão terríveis. Ele agora podia visualizar o final de tudo e sentiu o coração alegre. A tristeza e o desespero foram sumindo aos poucos. Tudo dependia dele.

Quando o velho voltou, ele aguardava ainda apoiado no tanque. A expressão de seu rosto ainda demonstrava o choque que havia levado com a revelação, mas havia também paz e certeza nos seus olhos.

— Eu estou pronto – ele disse erguendo a cabeça.

— Sim, você está pronto. Mas precisa de testemunhas para esse momento. Por isso você não veio sozinho. Vá e chame seus amigos. Eles precisam testemunhar a transformação.

Barak franziu a testa.

— Transformação?

O homem suspirou pacientemente.

— Quando você tocar o Cetro deixará o que é para trás, e se tornará aquilo que você nasceu para ser.

— Eu pensei que isso só aconteceria quando tudo estivesse terminado...

— Você é o Rei. O Luminar do Sol. Tudo é diferente.

Barak assentiu e passou cambaleando pelo velho em direção ao portal.

Quando Barak surgiu de volta, todos se levantaram.

— Barak, o que aconteceu? – preocupou-se Héber. – Você parece exausto!

— Onde está o Cetro? – Salum observou. – Ele não está aqui?

Barak tentou sorrir.

— Venham comigo, meus amigos – ele falou com tranqüilidade. – A vocês foi reservada uma honra que ninguém mais pode alcançar. Vocês serão minhas testemunhas.

Salum pôs a mão no coração e cambaleou. Noa o segurou.

— Nós vamos testemunhar o cumprimento da Profecia? – balbuciou o sacerdote.

— Isso mesmo, Salum. Venham e me sigam pelo portal.

Eles o seguiram solenemente. Lá dentro, Sangar segurou-se para não assoviar diante da enorme sala. Eles foram se colocando em círculo ao redor da plataforma. Em cima dela, o Cetro era pura luz. Tão intensa que feria os olhos. Junto à plataforma estava o guardião. Ele estendeu a mão em direção a Barak. O rapaz deu os primeiros passos com certa hesitação, mas ao sentir o calor que emanava daquela luz, ele foi se fortalecendo e avançando com mais determinação.

— Sinto-me honrado por ter sido escolhido para guardar este Cetro – disse o guardião. – Adiante-se e tome o que lhe pertence, meu senhor.

Barak aguardou que ele deixasse a plataforma. Ao ver-se ali em cima, sozinho, pensou em Deborah e lágrimas vieram aos seus olhos. Quando ela dizia que a Profecia era maior do que eles, ele não entendia. Agora, no entanto, tudo estava perto de mudar. A Profecia era boa e justa, embora seus caminhos fossem dolorosos e incompreensíveis em alguns momentos.

“Pegue o que é seu, meu filho” – a voz ressoou dentro de sua cabeça e encontrou pouso em seu coração. A voz do Pai!

— Eu sou Barak – ele disse com firmeza. – O Luminar do Sol. E, agora, diante de vocês, tomo posse do sinal de meu poder. O Cetro que foi preparado e guardado para mim, por tempos incalculáveis. Que ele seja sempre um sinal de justiça e retidão

para essa terra. Que sua luz dissipe as trevas em seu caminho e, no fim, nos faça descansar em um reino duradouro de paz.

Ao dizer isso, ele estendeu a mão para a luz e pegou o Cetro. Quando ele fez isso, a luz que envolvia o Cetro passou a envolvê-lo também. Todos puseram as mãos nos olhos por não suportarem o brilho. A forma de Barak havia sumido dentro da claridade. Quando a luz foi diminuindo, eles puderam ver. Barak segurava o cetro com firmeza na sua frente. Algo nele mudou. Os cabelos pareciam mais louros e brilhantes, assim como os olhos, que também irradiavam uma luz que parecia vir de dentro dele. As roupas surradas que ele usava adquiriram uma brancura impecável que as destacava do gelo em volta deles. Por cima de tudo, brilhando como o sol, uma armadura dourada cingia o seu peito. Ele virou-se para os amigos. Salum foi o primeiro a cair de joelhos, seguido por todos os outros que se curvaram em reverência ao Rei. Ele ergueu o Cetro com a mão direita e falou:

— A Profecia mostrou a vocês o quanto é real. Agora, nós iniciaremos uma longa marcha até Salema. Será uma marcha lenta, pois devemos arregimentar os povos que devem lutar, mas que não se decidiram ainda. Essa comitiva se multiplicará, e sua luz será vista e sentida por toda a terra de Hedhen. Levantem-se! É hora, de seguirmos o nosso caminho.

CAPÍTULO 27

A Prisão de Jael

As viagens de Atalia até Babilos estavam cada vez mais freqüentes. Falava-se, em Salema, que talvez o rei Anrafel, de Babilos, lhe propusesse casamento com o propósito de fortalecer a união entre as duas poderosas cidades. A verdade era que Babilos havia, aos poucos, invadido Salema de uma forma sutil. Altares eram construídos em honra aos deuses daquela cidade e os sacerdotes e soldados de Babilos eram vistos pela cidade de Salema com muita freqüência. Atalia, por seu lado, regozijava-se pela oportunidade de experimentar mais poder, e Babilos lhe

proporcionava isso. Naquele ano, por exemplo, o sacrifício anual coube à responsabilidade dos sacerdotes daquela cidade milenar.

Naquele momento, ela caminhava por entre as forjas de Babilos, acompanhada pelo rei. Atalia estava impressionada como o número de armas que eram criadas a cada dia por ferreiros especializados na arte da magia.

— Onde está a grande pedra que caiu do céu? – ela perguntou enquanto examinava um escudo recém-trabalhado.

— Nós a guardamos em um lugar seguro, no mais profundo dessas forjas.

— Como ela é?

O rei riu satisfeito.

— Impressionante e poderosa, minha querida!

— Eu poderia vê-la?

— A grande Atalia não costuma pedir favores – ele comentou. – Por que se rebaixa diante de mim?

Havia um toque de sedução no gesto com o qual ela pôs a mão no braço de Anrafel.

— A rainha sabe reconhecer um poder maior do que o dela, meu senhor – a mão deslizou até o ombro dele num movimento suave. – E espera que um dia possa ser compartilhado.

Ele sorriu e a conduziu até a escada que levava a forja inferior.

Nathan observava a audiência de Deborah naquela manhã, enquanto ela recebia o povo e ouvia seus problemas ou, simplesmente, recebia algum agrado. Havia um ânimo novo na face da Herdeira. Algo que ele não via há muito tempo. Era como se ela quisesse viver intensamente cada momento. Todos notaram a mudança desde o seu retorno de Gades. No caminho de volta, elas aproveitaram para descobrir mais povoados esquecidos e não tiveram pressa. A presença dos Luminares era necessária para levar uma nova luz para aqueles que ainda estavam em trevas.

De volta a Hazorah, ela recebia a todos com alegria e atenção, assim como fazia embaixo da palmeira, no início de sua caminhada. Hulda contou a ele o que havia acontecido no lago em

detalhes, mas, segundo ela, nenhuma palavra que usasse seria capaz de descrever o que havia testemunhado. Ao fim da audiência, Deborah aproximou-se dele.

— Nathan, eu senti falta de ouvir o meu povo.

— E eles, de sua atenção – ele completou.

— Está na hora de começar a prepará-los para a Grande Marcha, Nathan – ela parecia preocupada, mas não deprimida. – A essa altura, Barak já deve ter chegado ao seu destino e o tempo se encolhe diante de nós.

— O ano mal terminou Deborah.

— Eu sei, mas não é hora para descanso. Percebi que a paz que reina nesse lugar acomodou um pouco as pessoas. Os mesmos que demonstraram, há algum tempo atrás, o desejo de invadir Salema pela força, hoje estão felizes plantando hortaliças ou criando ovelhas.

Nathan sorriu.

— Lembro-me de você ter feito um discurso bastante pacifista naquela ocasião.

Ela suspirou.

— Não quero incitar ninguém para a luta armada, mas a Marcha é necessária.

Ele bateu as mãos uma na outra em um gesto muito particular.

— Nesse caso, eu sugiro que você retome ao mesmo vigor que tinha quando convocou o povo para a guerra. Faça a chama da vitória, arder no coração deles novamente.

— Tenho medo de acender no coração deles o ardor pela batalha. A situação agora é diferente.

— Algo tem que ser feito, Deborah – ele enfatizou.

Ela sorriu com resignação.

— Vou buscar os conselhos do Pai. Talvez ele me presenteie com sua Sabedoria.

Saíram ambos em direção ao jardim ainda conversando e trocando idéias.

Jael, ao chegar ao acampamento quenita, apresentou Sarah e Jafé aos encarregados do exército. Com uma semana, Sarah estava no comando do grupo dos arqueiros e Jafé era o responsável pelos cavalos. Quando ela voltou para a tenda, após a inspeção diária pelo acampamento, Naor a esperava com uma preocupação no olhar.

— Será que um dia vou encontrar você sorrindo e sem rugas na testa, Naor?

Ele tentou sorrir, mas a tensão era evidente.

— Eu não queria lhe perturbar com problemas, quando faz tão pouco tempo que voltou, Jael.

Ela indicou a tenda.

— Vamos entrar.

Ele a acompanhou e ambos sentaram-se diante de uma mesa que tinha um grande mapa desdobrado em cima. O mapa mostrava toda a região de Hazorah até Salema.

— Diga o que lhe aflige, Naor.

— Recebemos uma mensagem hoje pela manhã. Um pedido de socorro.

Jael franziu a testa.

— Um pedido de socorro? De quem?

— O seu avô tinha muitos aliados. Há um pacto de fidelidade entre aqueles que vivem em tendas. E esse pacto é...

— Sagrado e inviolável – ela completou. – Eu estou ciente disso.

— Uma tribo que no passado ajudou seu avô a escapar de ser morto por ladrões do deserto, e que sempre nos foi fiel, pede ajuda.

Jael estava a ponto de explodir de impaciência.

— Naor, que tribo é essa e o que aconteceu com eles?

— É a tribo de Midani. Eles estão sofrendo ataques freqüentes das caravanas de Babilos que passam por lá. Homens são escravizados e levados para trabalhar nas forjas. Há um clima de terror.

Jael ficou em pé e caminhou até a porta da tenda. Em seguida passou a mão pelo rosto sem saber o que fazer.

— Naor, se Babilos está envolvida nisso, eu não devo me expor.

Naor se ergueu.

— Jael, eu sei disso, mas o povo consideraria covardia o ato de não socorrer Midani. Você é a nossa líder. Eles aguardam uma resposta sua.

Jael virou-se indignada.

— Será que o povo não sabe que além de ser líder dos Queneus, eu sou uma Luminar? Tenho minhas obrigações para com o povo, mas devo cumprir minha parte na Profecia. Não posso expor minha vida!

Naor baixou a cabeça, indeciso sobre o que ia dizer. Ela notou o gesto dele e se aproximou.

— O que você ainda não me disse?

Ele suspirou.

— Em várias batalhas, Midani ajudou a salvar nosso povo. Todos têm uma gratidão sincera e respeitam o pacto que foi firmado.

— A que ponto?

— Ao ponto de considerar midanitas e queneus como um só povo.

Jael aguardou com apreensão.

— O povo não a seguirá, caso resolva dar as costas aos seus irmãos.

— O quê? Não pode estar falando sério!

Naor a olhou com seriedade.

— Jael, você não tem idéia da importância que há num pacto de fidelidade entre aqueles que vivem em tendas. A própria Profecia passa a ter um sentido secundário.

— Não com o meu povo! – Jael estava indignada.

— Jael, esse é o seu povo. Ele é assim. E ele te ama.

Ela chutou uma almofada e saiu da tenda. Naor foi atrás dela, mas parou ao ver que ela ia para a estrebaria. Ele imaginava o conflito pelo qual ela estava passando e lamentava ter sido o arauto de tão má notícia.

Jael chegou no palácio quando já anoitecia. Ela foi direto à estrebaria e encontrou Rute.

— Jael! – disse a menina alegremente. – Senti sua falta nos treinos.

Ela desceu do cavalo e sorriu para a mocinha.

— Veio ver Deborah?

— Preciso ver Nathan. Sabe onde ele está?

— Eu acabei de vê-lo passeando pela muralha. Ele gosta de fazer isso a noite.

Jael sorriu e se encaminhou para a saída.

— Quer que eu mande avisar Deborah que você está aqui?

— Não! – Jael respondeu rápido demais, para a surpresa de Rute. – Eu vou procurar por ela depois que falar com Nathan.

Rute deu de ombros e saiu levando Solaris para a baía.

Falar com Deborah naquele momento era a última coisa que Jael pensava em fazer. Lá em cima, Nathan estava apoiado sobre o muro observando a noite estrelada. Quando ele a viu aproximar-se, sorriu de braços abertos. Ela não se conteve e se atirou nos braços paternais do sacerdote em quem tanto confiava.

— O que aconteceu, Jael? – ele perguntou, preocupado.

— Nathan, por favor, me ajude!

Ele a afastou e notou o quanto estava aflita.

— Minha menina, o que houve? Conte-me tudo!

Jael contou a Nathan tudo o que ouvira de Naor, assim como a decisão que acabara de tomar.

— Jael, você não pode fazer isso! Deborah jamais permitirá!

— Se eu não agir agora, ela perderá o apoio dos Queneus, Nathan. A falta desse apoio pode prejudicar a Grande Marcha. É uma questão tribal que está totalmente fora do meu controle.

Nathan agarrou as mãos dela com força. Estavam frias.

— Jael! Jael! Você não pode se aproximar de Babilos. É tão perigoso para você quanto para Deborah.

Ela balançou a cabeça decidida.

— Eu não vou me expor. Pretendo ir com um grupo pequeno e não chamar atenção.

— E como pretende ajudar essa tribo aliada?

— Vou convidá-los a se juntar a nós aqui no norte. Vou propor a transformação do pacto de fidelidade em um de irmandade. Agirei apenas na qualidade de representante dos desejos de meu povo.

Ele suspirou.

— Nesse caso, envie outra pessoa – ele implorou.

— Você não entende, Nathan. Pactos são firmados por líderes. É assim que funciona.

Ela soltou as mãos das dele e respirou fundo.

— Eu partirei antes do amanhecer. Não conte nada a ela, por favor.

— Então, por que veio me contar?

— Preciso de sua bênção, Nathan. Não posso ir sem essa cobertura.

Nathan passou as mãos no rosto.

— Me pede para colaborar com sua loucura?

— Sim, é isso que eu peço. Você sabe que eu vou de qualquer jeito.

Ele levantou-se impaciente.

— Ajoelhe-se!

Ela se ajoelhou diante dele e baixou a cabeça. Nathan pôs as mãos sobre a cabeça dela e pronunciou palavras estranhas que a envolveram com uma sensação de paz.

— Jael, eu não quero me arrepender.

Ela o abraçou mais uma vez antes de sair.

Pela manhã, Deborah treinava com Rute e Rebeca. As duas meninas estavam sendo treinadas para ingressar na Ordem de Zelofeade. Rebeca era filha de um casal de camponeses que morava junto aos muros do palácio. Rute sentia-se orgulhosa de ensinar para a nova amiga o que já aprendera no manejo da espada.

— Logo eu não terei mais o que ensinar a vocês – disse Deborah. – Talvez Jael resolva aparecer hoje e lhes ensinar a arte do arco. Faz uma semana que não a vejo.

Rute a olhou com estranheza.

— Não falou com ela ontem à noite?

— Ela esteve aqui ontem à noite? – Deborah perguntou com inquietação. – Tem certeza?

— Claro! Eu guardei o cavalo dela.

— E o que ela falou, Rute?

— Ela disse que ia procurar Nathan e depois falaria com você.

Deborah não estava gostando daquilo. A inquietação estava aumentando.

— Como ela estava?

— Parecia apressada com alguma coisa. E nervosa também.

Deborah deu-lhes as costas e correu de volta para o palácio. Rute e Rebeca se entreolharam.

— Acho que Jael está com problemas – Rebeca murmurou.

— E eu falei demais, como sempre – bufou Rute.

Deborah irrompeu de porta adentro durante a reunião dos sacerdotes. Todos a olharam surpresos em volta da mesa, menos Nathan. Ele já a esperava. Ela o interrogou com os olhos.

— Eu contarei tudo, Deborah – ele garantiu.

— O que ela fez, Nathan? – ela estava visivelmente aflita.

Ele explicou com cuidado, sabendo que tinha a sua parcela de culpa. Quando terminou, o silêncio reinou na sala. Deborah fitava o horizonte da janela. Seu rosto estava pálido e grave. Nathan olhou para Deborah que permanecia calada.

— Ela foi pressionada, Deborah. Precisou escolher.

A moça olhou para ele atentamente.

— Eu não a estou culpando, Nathan. Fiz a mesma loucura ao ir até Salema, lembra? Quero apenas entender o que a levou a fazer isso. E por que ela não me procurou?

Nathan sorriu.

— Você a prenderia no palácio e poria guardas na porta. Deborah não pode deixar de sorrir.

— Tem razão, eu faria exatamente isso.

Ela encaminhou-se para a porta e Hulda levantou-se.

— Aonde vai? Não está pensando em ir atrás dela, está?

— Não, Hulda. Eu vou falar com Naor. Quero que ele me explique melhor a situação e me esclareça qual é o plano de Jael.

— E o que pretende fazer depois?

— Enviar a ajuda que ela precisar. Quero garantir que ela volte em segurança para nós, já que não pudemos impedir o pior.

— Vou com você – Hulda decidiu.

Atalia não cansava de observar as maravilhas forjadas pela magia de Babilos. A pedra do céu deu aquela cidade o poder que ela sempre almejou. Sua união com Anrafel tinha que ir além de um acordo diplomático. Ela queria fazer parte daquele poder. Queria aquilo como herança. Ela estava na ponte que se elevava sobre o poço onde se localizava a pedra, quando Anrafel se aproximou.

— Sinto que logo terei uma grande surpresa para você, minha rainha – ele falou com uma voz rouca e sedutora.

— Gosto de suas surpresas, Anrafel. Por isso, eu não perguntarei do que se trata.

Ele sorriu e pôs a mão sobre a dela.

— Nesse caso, me deleitarei com a sua felicidade.

Ele ofereceu a mão para ela e a conduziu pela ponte.

— Estive conversando com meus astrólogos – ele falou. – Eles me contaram que está previsto para esse ano um evento muito raro no céu.

— E o que seria? – ela perguntou com falsa ignorância.

— Parece-me que haverá a união de três grandes estrelas. As estrelas que representam nossos maiores deuses: Kalidor, o deus da guerra e da conquista; Asta, a deusa da fertilidade da terra e do amor carnal; Molocai, o deus da morte. Seus sinais estarão unidos no céu. Penso que, em Salema, deve estar sendo esperado um

sacrifício muito especial para este ano. Ou não tinha conhecimento desse evento?

Atalia parou e olhou para ele.

— Sim, eu tinha conhecimento. Minha sacerdotisa-chefe já havia me avisado sobre isso. Quanto ao sacrifício, eu tenho um desejo em meu coração que talvez a união com Babilos possa realizar.

O rei levantou as sobrancelhas.

— E o que seria esse desejo?

— Ver a Herdeira ser oferecida à deusa da terra por minhas próprias mãos. Mostrar ao povo de quem é o poder maior.

Anrafel sorriu maliciosamente e beijou a mão dela.

— Talvez esse desejo não seja tão impossível se unirmos nossas forças.

Era quase noite quando os quenitas chegaram próximos a Midani. Ainda havia luz o suficiente para que pudessem observar os movimentos do alto de uma colina. As tendas de Midani eram menos coloridas do que as dos Queneus. As cores eram sóbrias e feitas para se mesclarem ao ambiente. Havia a predominância do verde e do cinza. Mas não havia movimento. Ninguém entrava ou saía das tendas. Fogueiras não eram acesas e nem havia crianças brincando do lado de fora. Aquilo inquietou Jael.

— Onde estão todos? – ela sussurrou.

— Acha que chegamos tarde? – perguntou Jafé.

— Não sei como avaliar essa situação – ela respondeu confusa.

— Jael, deixe-me ir até lá e verificar pessoalmente – pediu Joakim. – É minha função. Sou um batedor, um mensageiro.

Ela olhou para o rapaz com apreensão.

— Não quero arriscar sua vida, Joakim — ela olhou em volta. — Ninguém aqui vai se arriscar enquanto não soubermos que é seguro.

— Talvez seja preciso ir até lá para ter essa resposta – ele insistiu.

Ela o encarou com indecisão.

— Eu não me perdoaria se algo lhe acontecesse.

O rapaz sorriu.

— Se algo me acontecer, não será culpa sua. Terei a honra de estar fazendo o meu trabalho como um fiel quenita, seguidor da Profecia. Não tenho nada a temer.

Ela ficou espantada com o ar decidido de Joakim e concordou.

— Muito bem, mas leve dois arqueiros com você.

Ele assentiu e foi cumprir as ordens. Jael pôs os arqueiros restantes posicionados em locais estratégicos para dar cobertura, caso Joakim precisasse. Ela, Jafé e Sarah também tomaram posição. Joakim desceu até o acampamento e espalhou os arqueiros. Os três vasculharam as tendas e, em seguida, ele virou-se para a colina e fez um sinal com a mão. Estava tudo limpo. Não havia sinal de perigo.

— E agora? – perguntou Sarah.

— Vamos descer – disse Jael.

O seu coração continuava a adverti-la de que algo lhe escapava aos olhos.

O grupo de Jael encontrou o de Joakim na entrada do acampamento. O rapaz parecia confuso.

— Não há ninguém aqui. Parece abandonado.

— Algum sinal de violência?

— Não.

Jael olhou em volta e entrou na tenda mais próxima. Estava tudo em perfeita ordem. Ela observou um objeto em particular sobre a mesa e sentiu uma leve fraqueza. Joakim adiantou-se e o pegou. Era uma pequena lamparina forjada a ferro. Olhando em volta, ele percebeu mais objetos, como aquele, espalhados pela habitação. Jael havia se apoiado em um banco, pois se sentia tonta.

— Ferro de Babilos – ela balbuciou. – É uma armadilha, Joakim!

O rapaz apressou-se em tirá-la da tenda. Lá fora, os amigos se encontravam rendidos por homens armados. Suas roupas

eram da cor da tenda. Eram homens de Midani e não de Babilos. Fora da tenda, Jael sentiu-se mais forte e afastou-se de Joakim, encarando o homem que parecia o líder.

— Por que traem seus irmãos? – ela perguntou. – Viemos ajudar vocês!

Ele aproximou-se dela e estendeu uma corrente de ferro. Ela se afastou involuntariamente, sentindo a energia que fluía do ferro.

— Eu sinto muito, Jael, filha de Héber – havia sinceridade na voz dele. – Aprisionaram nossos filhos e nossas mulheres com a condição de que os soltariam em troca da rainha dos Queneus.

Ela olhou em volta e percebeu claramente sua desvantagem. Bastaria que aquele homem jogasse a corrente sobre ela para que se tornasse inútil em ajudar os companheiros. Mas poderia haver uma esperança.

— Babilos quer a mim – ela disse, voltando-se para ele. – Deixe-os ir.

O homem hesitou.

— Se Midani ainda valoriza o pacto de amizade, apesar das circunstâncias, deixe que seus irmãos quenitas retornem em segurança – ela exigiu com firmeza.

— Não, Jael! – Sarah se opôs.

O líder chegou-se a um grupo seletivo de homens mais velhos e iniciaram uma discussão. Seus amigos haviam sido desarmados e estavam ajoelhados sob a mira de flechas.

— O que acha que está fazendo? – Sarah continuou falando. – Você é uma Luminar! Não pode ser presa!

— "Ninguém saberá o que aconteceu, se todos morrerem, Sarah!" – ela falou na língua de Gades, para que os homens não entendessem.

— "Vai mesmo se entregar?" – Sarah respondeu na mesma língua.

— "Sei que pode parecer cruel, mas eu estou depositando minhas esperanças em vocês" – ela falou rapidamente, pois o líder estava voltando.

O homem deu uma ordem para os flecheiros e estes abaixaram as mãos com relutância.

— Voltem para a terra de Héber – ele disse. – Nós lhes daremos a liberdade, em consideração ao pacto que foi firmado um dia.

Joakim estava furioso.

— Vai honrar esse pacto entregando uma Luminar a Babilos?

O homem baixou a cabeça.

— Anseio pelo cumprimento da Profecia, meu irmão. Mas não saberíamos conviver conosco se perdêssemos nossas mulheres e filhos. Também fizemos um pacto de protegê-los.

Joakim estava pronto para continuar falando, mas Jael o interrompeu.

— Chega, Joakim! – havia autoridade na voz dela. – Voltem para o norte em segurança. É o melhor que podem fazer por mim.

Sarah pôs a mão no braço do rapaz e o puxou em direção a colina. Antes de ir ela lançou um olhar cheio de significado para Jael. “Eu volto”! Era o que dizia aquele olhar e Jael sorriu de volta. Quando eles sumiram, escoltados por um grupo de Midani, ela voltou-se para o chefe e olhou para a corrente nas mãos dele.

— Eles ficarão bem? Tenho a sua palavra, irmão?

— Não é o meu desejo matar nenhum quenita. Eles pediram somente você.

Ela estendeu os braços e ele passou a corrente pelos seus pulsos. Ela, na mesma hora, acometida por intensa fraqueza, caiu de joelhos e apoiou-se com as mãos para frente a fim de não desabar. Jael foi erguida sem brutalidade e levada para uma carruagem—prisão, que estava bem escondida dentro da vegetação. Era uma carruagem toda fechada, com a exceção do buraco da fechadura. Jael permaneceu deitada, entorpecida, derrotada, enquanto balançava no chão da carruagem que a conduziria a Babilos.

CAPÍTULO 28

Jael em Babilos

Deborah estava no meio de uma audiência e tentava solucionar um problema com relação a marcação de terras. Dois agricultores teimavam quanto à localização original dos marcos. Ela ouvia pacientemente, mas não conseguia se concentrar verdadeiramente nos problemas. Foi apenas por insistência de Hulda que ela abriu a audiência daquela manhã. Com um pedido de desculpas, ela dispensou o povo reunido na sala e disse que estudaria melhor todas as petições e teria as decisões tomadas no dia seguinte. Já ia entrando à tarde, quando a sala ficou vazia. Antes, porém, que todos saíssem, ela viu Sarah entrar na sala e levantou-se na mesma hora. A moça estava tensa e Deborah não precisava de dons proféticos para saber que algo ruim havia acontecido.

— Onde está Jael? – ela perguntou com urgência.

— Está a caminho de Babilos – foi a única resposta que Sarah poderia dar.

Deborah voltou a sentar-se com o choque.

— Conte-me o que aconteceu, Sarah – ela pediu de uma forma controlada. – Não esconda nada.

Sarah relatou tudo em detalhes, e os sacerdotes, que haviam acabado de entrar, também ouviram o relato. Um sacerdote, pertencente a um grupo recém—chegado das Cavernas do Sal, soltou uma exclamação.

— Atalia está em Babilos – ele falou. – Ela foi a convite do rei Anrafel e tem feito isso com muita freqüência.

Deborah ficou de pé e, sem dizer nada, caminhou apressada para a porta.

— Deborah, o que você vai fazer? – perguntou Nathan.

Ela não deu resposta e saiu da sala quase correndo. Hulda entendeu o que se passava na cabeça dela e correu em direção oposta. Sarah a seguiu.

— O que está fazendo? Ela foi para o outro lado!

— Ela vai atrás de Jael – constatou Hulda. – Só há um meio de impedi-la de cometer essa loucura.

Hulda abriu a porta do próprio quarto e retirou de dentro de um baú algo que fez Sarah dar um passo para trás. Uma corrente idêntica a que foi usada para prender Jael.

— O que vai fazer com isso?

— Eu mantenho isso escondido desde que Jael tomou conhecimento de sua existência. Ficou sob a minha custódia, e é a única coisa capaz de deter Deborah.

Elas ouviram o som do portão sendo aberto e correram para a janela. Deborah acabava de sair cavalgando Bruma a toda velocidade.

— Venha comigo, Sarah! Não há tempo a perder.

A Ordem de Zelofeade ocupava um aposento contíguo ao palácio. Ali, elas tinham seus alojamentos, sua sala de armas e seu espaço para treinamento. Os dias em Hazorah, após a batalha com Sísera, resumia-se em treinar as novas recrutas para a Ordem,

administrar o treinamento do exército principal e zelar pela segurança do palácio. Mas aquela tranquilidade seria abalada em questão de segundos.

Hulda invadiu a sala do aposento como um vendaval. Hogla, por instinto, puxou a espada pensando tratar-se de outra pessoa. Quando viu que era Hulda, guardou-a no mesmo instante. Maalá se colocou de pé, olhando espantada para a profetiza.

— Preciso da ajuda de vocês, Maalá – Hulda tinha pressa.

Em poucos minutos ela pôs a Ordem a par da situação. Milca e Hogla correram para pegar os cavalos, enquanto Tirza pegava as armas de que iriam precisar.

— Tem certeza de que preciso levar isso? – Maalá pegou a corrente com relutância.

— acredite em mim, ela vai resistir.

Logo, estavam todas a caminho.

Deborah estava montada em Bruma, no alto da colina que dava para o rio. Ela via o brilho do sol nas águas e tentava controlar a angústia que estava sentindo. Era quase como se pudesse sentir o coração de Jael. Por que elas tinham uma ligação tão forte? Seriam duas faces de uma mesma moeda? Era-lhe impossível imaginar a vida sem a presença da irmã ao lado com aquela fidelidade incondicional. A Profecia exigia a sua vida, não a dela. Por que estava acontecendo isso? Teria algum propósito? Ela saiu do palácio na intenção de cruzar o rio e ir até Babilos, mas sabia que isso era a maior loucura que poderia fazer.

Quando ela ouviu o som de cavalos se aproximando, esperou. Maalá subiu a colina com seu cavalo e parou ao lado dela.

— Hulda mandou vocês? — ela perguntou sem se virar.

— Ela se preocupa e parece conhecer você muito bem.

Deborah sorriu.

— Eu tive realmente a intenção de cruzar o rio – ela olhou para Maalá. – Mas do que adiantaria?

— Então vai voltar? Eu não precisarei usar isso?

Deborah olhou para o saco nas mãos dela e soube do que se tratava.

— Não, minha amiga — ela falou com um tom de repreensão. — Ninguém que me segue usará isso em mim.

Maalá respirou aliviada.

— Isso me deixa feliz.

Deborah alisou o pelo do cavalo.

— Vamos voltar e tentar pensar com a razão.

Maalá não se mexeu e Deborah a olhou com expectativa.

— Dê-nos a sua permissão para ir até Babilos e trazer Jael de volta.

Deborah olhou para a mulher na sua frente e para as amigas que aguardavam mais abaixo.

— Eu devo permitir que arrisquem suas vidas?

— Deborah, a Ordem não foi formada apenas para administrar um exército e treinar recrutas. Durante o tempo que esperamos você, tivemos a oportunidade de estudar a Profecia e o poder oculto de Salema, Hazorah e Babilos. Adquirimos um conhecimento que nos confere certa resistência ao poder daquela cidade. Se alguém pode entrar lá e resgatar Jael, somos nós.

Deborah viu a ansiedade guerreira que envolvia as quatro mulheres. Era um momento crucial em suas vidas, o qual elas esperavam com paciência.

— Não vou convencê-las a não ir — ela admitiu.

— Então, nos dá sua permissão?

— Vocês a têm, com uma condição.

— E qual seria?

Deborah sorriu e pôs a mão no ombro de Maalá.

— Eu as quero de volta. Todas vocês.

Maalá baixou a cabeça. Ela sentia que poderia ser sua última missão, por isso não conseguiu responder.

— Essa não será sua última missão, Maalá — Deborah respondeu ao seu pensamento. — Por isso eu sei que pode cumprir essa condição.

— Pela minha vida, Deborah, nós a tiraremos de lá.

Deborah deixou que elas fossem. Maalá tinha razão. A Ordem de Zelofeade era muito mais do que aparentava. Quando elas sumiram de vista, ela puxou as rédeas de Bruma.

— Vamos voltar, amigo. Vamos acalmar o coração de uma mãe.

A troca foi feita. Mas nem todas as famílias foram devolvidas. Os midanitas reclamaram, mas foram escorraçados pelos homens de Babilos. Ela ouviu as palavras de fúria que saíam dos lábios de Izaque. A porta foi aberta para que ela fosse vista pelos novos tutores e, esse foi o tempo dela trocar um olhar com Izaque, que estava do lado de fora. No olhar do homem, ela leu a mesma mensagem que havia nos olhos de Sarah, antes dela partir: “Eu voltarei”. Em seguida, a porta foi novamente fechada e ela se sentiu oprimida pelo medo. Estava nas mãos de seus inimigos, agora. As correntes sugavam suas forças, a ponto de não conseguir manter os olhos abertos por muito tempo. Deixou-se adormecer para se ver livre, pelo menos por um tempo, daquela ansiedade.

Quando Jael acordou, viu que uma luz entrava pelo buraco da fechadura e calculou que era dia. Fez um esforço para sentar, mas foi inútil. Sentia-se enjoada pelo balanço da carruagem. Ela ouviu o som de portões se abrindo e vozes ásperas falando alto. Estavam em Babilos. Entre todos os lugares da terra, este era o único que ela evitaria dizer até o nome. Entretanto, ela não comandava o próprio destino.

Quando a carruagem parou e a porta foi aberta, a luz do sol cegou seus olhos momentaneamente e ela virou o rosto. Um pano sujo e mal-cheiroso foi jogado por sobre sua cabeça enquanto a tiravam de lá. As mãos que a seguravam, agora, eram rudes. Ela retraiu-se, ao ser virada de costas contra uma parede e tendo sua túnica erguida até a cintura. Sorte sua as mulheres quenitas usarem calças e botas por debaixo da túnica. A intenção dos homens que a receberam era se certificar de que não foram enganados. O sinal da estrela era a sua identificação. Satisfeitos, os homens que a arrastavam tinham pressa.

Eles subiram uma escada e depois seguiram por um caminho plano, no qual ela pôde ouvir gemidos de ambos os lados. Estavam em uma masmorra. A carruagem não entrou pelo portão principal, mas por uma abertura que levava direto para as prisões

de Babilos. Ela esperava que os amigos pudessem ter acesso a essa informação.

Anrafel e Atalia estavam degustando uma farta refeição e fazendo planos futuros de conquista. A vitória era certa. Não haveria força no mundo que os fizesse parar. Um dos criados chegou até o rei e falou algo ao seu ouvido. Ele sorriu e tomou um gole de vinho. Quando o criado saiu, ele virou-se para a rainha.

— Fale-me sobre o seu filho – ele pediu.

Atalia não esperava por isso. A lembrança de Sísera e sua morte era algo que ela não havia superado. O filho foi a única pessoa que ela realmente amou na vida. Pensar nele e na sua falta doía-lhe o coração.

— Não gostaria de falar sobre ele – ela falou com a voz triste. – Ainda é muito doloroso.

— Entendo – o rei pousou a mão sobre a dela. – Eu já perdi um filho e sei o quanto dói.

Ele decidiu não contar à rainha que ele mesmo havia assinado a sentença de morte do próprio filho. Eles terminaram a refeição em silêncio. Ao final, Anrafel levantou-se e estendeu a mão para ela.

— Lembra-se da surpresa que eu lhe prometi?

— Vai me mostrar o que é? – ela perguntou ansiosa.

— Venha.

Ele a conduziu até uma escada escondida atrás de uma cortina. A escada descia em espiral por entre paredes iluminadas por tochas.

— Para onde está me levando?

— Estou levando você até o seu presente.

— Que tipo de presente é esse, que tem que ser guardado em uma alcova como essa?

Ele riu mais uma vez.

— É um presente que vai mostrar a você que o meu poder não tem limites.

Ela deixou-se conduzir, pois estava completamente seduzida pelo poder daquele reino mágico. Era inebriante e ela

sentia-se em êxtase a cada passo que dava em direção ao tal presente. Fosse o que fosse, seria mais uma demonstração de poder. Um poder que ela esperava compartilhar com Anrafel muito em breve.

Jael foi jogada em uma cela úmida e fria. Minava água das paredes. Era uma água suja e com cheiro desagradável. As correntes foram retiradas quando a jogaram ali dentro. Ela conseguiu, enfim, ficar de pé e aproveitou para caminhar pelo espaço pequeno, apenas para sentir as forças voltando as suas pernas. O que ia lhe acontecer agora? Do lado de fora, ela podia ouvir gritos e gemidos que vinham de outros condenados como ela. Encostando-se na parede, ela pousou a testa na superfície e fechou os olhos. Quando ela ouviu o som de passos se aproximando, ficou em alerta, os olhos fixos na porta. Uma chave foi usada e a porta pesada de madeira se abriu. Dois guardas entraram e se postaram de lado, para dar passagem a mais duas pessoas. Uma delas era um homem alto, magro e com uma barba bem aparada de um tom cinzento. Os olhos dele eram tão sombrios como aquela cela. Ao lado dele, uma mulher que ela já havia visto, e que esperava nunca ter que encontrar de novo, principalmente numa posição de desvantagem. Atalia, a rainha de Salema.

— Eis aí a surpresa que lhe prometi – disse Anrafel. – Não foi difícil convencer o povo de Midani a fazer todo o trabalho.

A rainha aproximou-se lentamente com os olhos fixos em Jael. Ela parecia não estar acreditando no que via. A moça não saiu do lugar e sustentou o olhar. Atalia exalava o ódio a cada respiração contida. As mãos abriam e fechavam com força, enquanto Jael permanecia impassível, aguardando. A rainha parou diante dela, e todo aquele ódio foi canalizado em um único tapa que fez Jael perder o equilíbrio e ir ao chão. Ainda tonta e com o rosto ardendo, ela foi erguida pelos dois guardas.

— O seu poder é mesmo sem limites, meu rei – Atalia falou sem tirar os olhos de Jael. – Nunca imaginei tal presente.

— Ela é sua, Atalia. O que pensa em fazer com ela?

Atalia respirou fundo e fechou os olhos.

— Há muito tempo que eu espero para ver como o meu filho morreu. Antes de qualquer coisa, eu preciso saber o que aconteceu naquele dia – ela dirigiu-se a Jael. – E sei que está tudo na sua cabeça.

Jael debateu-se nos braços dos guardas.

— Não! — eles tiveram que forçá-la a ficar de joelhos e imobilizar seus braços para trás.

Se a rainha tivesse o poder de penetrar na sua mente, ela poderia ver coisas que não devia saber. Ela lembrou-se das lições de Nathan sobre o uso da armadura espiritual e de como ela tinha que crer com o coração. Enquanto a rainha aproximava as mãos de sua cabeça, ela fechou os olhos e se concentrou no capacete invisível da armadura. A única coisa que poderia proteger sua mente.

— Deixe que as imagens fluam livremente – a voz da rainha era suave e envolvente. – Mostre-me o que eu quero saber.

Quando ela tocou a cabeça de Jael, a moça soltou um grito.

— Não lute!

Mas Jael estava lutando com todas as suas forças. Ela sentiu como se houvesse uma fina película separando as mãos de Atalia da sua cabeça. Isso era imperceptível aos olhos humanos. Ela podia sentir o esforço da rainha tentando sugar seus pensamentos, mas sem conseguir. As duas lutavam em pé de igualdade. Subitamente, Atalia a largou e cambaleou para trás. Anrafel a amparou. Jael sentiu-se desfalecer nos braços dos guardas. Ela sentiu que eles a soltavam no chão. Por precaução, ela manteve os olhos fechados. Estava exausta.

— Ela é muito forte... – murmurou Atalia. – Não consegui ver nada! Nada!

— Você se esforçou muito, minha querida. Vamos sair daqui.

— Não!

Anrafel a virou para ele.

— Ela não vai fugir, Atalia. Você sabe que há outros meios de conseguir tudo o que desejar aqui.

Atalia olhou para Jael ali no chão, inconsciente e fisicamente fraca. Um novo ânimo tomou conta dela.

— Tem razão. Há outros meios.

Eles saíram e a porta foi trancada. Jael abriu os olhos, mas não tinha forças para fazer mais do que isso.

CAPÍTULO 29

Duelo de Mentes

Sarah observou a poeira ao longe, ocasionada pelo galope dos cavalos que se aproximavam. Junto com ela estava o mesmo grupo que havia retornado de Midani. Todos quiseram voltar e participar do resgate, apesar da exaustiva viagem de volta. Quando os cavalos se tornaram visíveis, ela reconheceu as roupas brancas da Ordem. Maalá desmontou e aproximou-se dela.

— Deborah voltou para o palácio – ela explicou. – Não foi preciso usar as correntes.

— Fico feliz em saber disso.

Maalá observou o grupo.

— Estão a caminho de Babilos?

— Assim como vocês – Sarah sorriu. – Estava com Hulda quando ela lhes pediu ajuda e vi como se apressaram a separar as armas. Achei que poderia querer reforços.

— É uma boa observadora.

— A intenção era evidente – Sarah deu de ombros.

Maalá lhe estendeu a mão.

— Vamos, então? Temos um resgate a fazer.

Os dois grupos, unidos, iniciaram a viagem em direção a Babilos.

Seguindo atrás, Solaris levava em seus lombos duas moças que se recusaram a ficar de fora.

— Tem certeza de que não vão nos mandar voltar? – perguntou Rebeca.

— É claro que vão – respondeu Rute. – No entanto, se estivermos longe de casa o suficiente antes que nos descubram,

não terão escolha, a não ser nos deixar seguir com eles.

Ela acariciou o pelo dourado do cavalo.

— E, além disso, eu prometi a Solaris que ele teria sua dona de volta.

Hulda viu com alívio que Deborah havia voltado e correu para a estrebaria. A Herdeira havia acabado de colocar Bruma na baia quando ela entrou.

— Deborah, você está bem?

— Achou mesmo que eu seria louca o suficiente para ir sozinha até Babilos? A ponto de mandar Maalá usar as correntes em mim?

— Foi exatamente isso o que pensei quando a vi sair daqui daquele jeito. Desculpe-me, mas foi um ato desesperado.

Deborah respirou fundo, e sentou-se num caixote.

— Eu não sabia o que fazer quando saí daqui. Fiquei muito perturbada e foi muito difícil segurar a vontade de cruzar o rio e ir atrás dela.

Hulda preferiu ficar em silêncio.

— É tão difícil ser a Herdeira! – lamentou Deborah. – Como eu gostaria de tomar a mesma atitude da Ordem, sem ter que me preocupar com a minha própria segurança. Jael já arriscou tantas vezes a sua vida por mim, e quando eu tenho a chance de retribuir, tenho que me esconder!

Hulda sentou-se ao lado dela.

— Estou me lembrando de algo que Nathan me disse antes de partirmos para Gades.

Hulda contou para ela sobre a conversa que tiveram a respeito delas serem “gêmeas geradas pela Profecia”, mas ocultou a parte em que ele supunha que seus destinos não fossem tão diferentes. Deborah ficou num silêncio reflexivo.

— Não sei bem o que isso pode significar – desculpou-se Hulda. – Talvez não tenha nenhum sentido.

— Existe um sentido – disse Deborah. – Quando compartilhei minha visão da Profecia com Jael, nos tornamos mais próximas quanto à percepção. Era quase como se pudéssemos ler

os pensamentos uma da outra. E isso só fez aumentar, depois da experiência em Gades. Se fomos geradas, pela Profecia como gêmeas segundo Nathan, então o compartilhamento da visão, somado ao batismo de luz em Gades, derrubou as barreiras que existiam.

Ela ficou em pé e abriu a baia para retirar Bruma.

— Ah, não! Para onde vai agora? – Hulda perguntou preocupada.

— Se não há barreiras mentais entre nós, eu sei o que fazer para ajudá-la.

Anoiteceu e o grupo parou para descansar e passar a noite. Milca levantou-se com a atenção voltada para um fogo aceso a certa distância. Hogla parou ao seu lado.

— Eu já havia notado – ela disse a Milca. – Parece que estão nos seguindo.

— Acha que é Deborah? Ela pode ter nos deixado pensar que ia voltar.

— Não. Deborah não se deixaria ver facilmente. Além disso, eu confio na palavra dela. Acredito que tenha realmente voltado.

— Então, vamos verificar quem é nossa companhia.

As duas afastaram-se silenciosamente do acampamento.

Deborah chegou ao Monte das Grutas e subiu o caminho estreito com Bruma. Lá em cima, o lugar em que ela abrisse a Profecia Selada já não lhe causava medo ou tristeza. O que ela sentia ali era uma grande paz. Era um lugar antigo, onde ela podia se refugiar e conversar com o Pai. Um lugar em que a força da luz ainda era forte. Portanto, ela subiu na pequena ponte sobre o lago e caminhou até a plataforma central. Sentou-se ali e fechou os olhos, concentrando-se em Jael.

Os gritos não paravam nem durante a noite. Jael levava as mãos aos ouvidos, mas de nada adiantava. Eram súplicas e choros e o aterrorizante barulho do estalar de chicotes. Ela estava sentada

de frente para a porta da cela com os braços enlaçando as pernas e a cabeça descansando nos joelhos. Fechou os olhos e tentou voltar para Gades e para o lago. Tentou reviver aquela lembrança para que pudesse encontrar a coragem que estava por um fio.

— “Jael” – ela ouviu o seu nome dentro de sua própria cabeça e automaticamente reconheceu a voz.

— Deborah? – ela sussurrou.

— “Consegui alcançar você, minha irmã” – havia uma nota emocionada na voz dela.

— Onde você está? Diga que não veio atrás de mim, por favor.

— “Não estou perto fisicamente, mas o meu espírito está conectado ao seu”.

— Como está fazendo isso?

— “Explicarei quando nos encontrarmos de novo”.

— Deborah...

— “Você me prometeu que estaria comigo até o fim, lembra?”.

Jael mordeu os lábios. Não tinha muita esperança de sair dali e, por isso, não tinha respostas para dar.

— Atalia está aqui. Ela vai tentar tirar tudo o que puder da minha mente. Consegui resistir com a armadura, mas não sei se terei forças para continuar resistindo aos ataques dela. O primeiro já me deixou prostrada.

— “Precisa preparar-se, Jael. Ela vai atingir seu corpo também, pois sabe que essa é a melhor maneira para enfraquecer seu espírito”.

Jael suspirou, pois evitava esse pensamento.

— Eu sei.

— “Eu não posso impedir os ataques físicos, mas posso lutar ao seu lado no nível espiritual. Dessa maneira, sua mente continuará firme”.

— Como fará isso?

— “Eu unirei minha mente a sua, como agora. Será como se fôssemos uma só”.

— Não consigo entender, Deborah. Mas estou muito feliz em saber que você está comigo. Isso me conforta.

— “Eu não sairei de perto, Jael. Estarei aqui, quando precisar”.

Jael respirou aliviada. Apesar de tudo, ela não estava só.

Milca e Hogla voltaram ao acampamento conduzindo um cavalo e duas mocinhas muito desconfiadas em cima dele. Maalá as olhou com repreensão.

— Rute! Rebeca! O que, em nome do Pai, vocês fazem aqui?

— Somos da Ordem, Maalá! – respondeu Rute com ar desafiador. – Não pode nos deixar para trás.

— É verdade, senhora – completou Rebeca. – Sabemos lutar e poderemos ser úteis.

A mulher deu-lhes as costas sem saber como agir. Sarah se colocou ao lado dela.

— Está muito longe para mandá-las de volta. Vão ter que seguir conosco.

— É, eu sei.

Maalá voltou-se para as meninas.

— Não posso deixar que façam nada perigoso. Portanto, já que não posso mandá-las de volta, ficarão encarregadas dos cavalos e não chegarão nem perto da cidade, entenderam?

As duas meninas trocaram um olhar desanimado.

— Se desobedecerem minhas ordens, barrarei a entrada de vocês na Ordem.

— Isso é injusto! – reclamou Rute.

— Sua mãe me agradecerá por isso – Maalá deu um sorriso vitorioso.

Jael dormia quando a cela foi aberta e o mesmo pano sujo de antes cobriu seu rosto. As correntes vieram em seguida, prendendo seus braços para trás das costas. Atordoada, ela foi arrastada por corredores que faziam muitas curvas. Era impossível tentar se localizar ali com aquele pano impedindo sua visão. Ela foi

empurrada para frente e não encontrou o chão. Era uma escada. Ela rolou até embaixo e chegou ao chão com um gemido. Sentia o corpo todo machucado. Ficou ali deitada de bruços sem ter coragem para se mexer. Ouviu o som de uma porta se fechando acima dela. Onde estaria? Numa outra cela? Que tipo de cela seria?

Ela não estava só. Ouviu passos leves em volta da cela. Passos que se aproximaram. Ela podia sentir as batidas do próprio coração. Alguém puxou o pano que cobria sua cabeça. Na sua frente estava uma amazona de Atalia. Atrás dela, encostada a parede, havia outra guerreira, numa atitude de espera, brincando com o cabo de um chicote. A mulher que puxou o pano sorriu friamente e estalou os dedos magros.

— A rainha nos pediu para lhe dar um tratamento especial esta noite. Ela mandou dizer que não quer nenhum tipo de resistência da próxima vez que se encontrarem.

Quando o grupo chegou a Midani, a Ordem desceu a colina com eles. Maalá, apesar da insistência de Sarah, achou que a separação não seria viável enquanto não houvesse um plano definido. Izaque, ao ver o grupo se aproximar, agiu como um aliado dos Queneus e não como um inimigo. Sarah o olhou com reserva.

— Venham para a minha tenda – ele disse. – Eu estava a sua espera.

Sarah e Maalá o seguiram. Izaque relatou-lhes o que havia acontecido. Reconheceu a ingenuidade em acreditar nas promessas de Babilos e fez uma promessa a si mesmo de libertar Jael. Era uma questão de honra não apenas para ele, mas para toda a tribo. Estava disposto a ajudar no que fosse preciso.

— Existe uma maneira fácil de chegar ao palácio? – perguntou Maalá.

— Sim. As caravanas geralmente descarregam no mesmo pátio onde se localiza a entrada para as masmorras. O problema é que a vigilância foi redobrada com a presença de Jael lá dentro. Eles não a querem perder.

Maalá levantou-se e caminhou pela tenda.

— Precisamos de um disfarce. As caravanas são comuns, então. O acesso para elas é fácil?

— São caravanas de povos já conhecidos por eles. Não deixam entrar qualquer um.

Sarah levantou-se ao perceber algo novo nos olhos de Maalá.

— O que está pensando?

— Nós vamos nos apropriar temporariamente de uma caravana.

— Pretende atacar uma caravana? – Izaque perguntou surpreso.

— Tem alguma idéia melhor? Só precisamos passar por aqueles portões.

Jael já não sabia se era dia ou noite, ou quantos dias haviam se passado desde que chegara ali. Perdera a noção do tempo e lutava para não perder a capacidade de raciocinar. Seu corpo já fora açoitado mais de uma vez, até a inconsciência, em noites seguidas. Suas costas minavam sangue e doíam intensamente por baixo da túnica, que era arrancada a cada seção de tortura. Ela sentia frio e solidão, mantendo-se num estado febril. A rainha continuava a aparecer em horas que ela não esperava e travava-se entre as duas uma batalha mental que estava esgotando Jael aos poucos. Atalia, sem conseguir o que queria, aguardava que o corpo de Jael não tivesse forças para lhe dar a resistência mental necessária. Enquanto isso, Jael temia que fosse noite e que a viessem buscar novamente. A espera era angustiante. A tortura mental e física estava destruindo suas defesas.

— Deborah, você... está aí? – ela sussurrou.

— “Não lhe deixei nem por um minuto, Jael” – havia sofrimento em voz dela.

— Faz... quanto tempo que... eu estou aqui?

— “Uma semana, desde que chegou”.

Jael respirou fundo ao sentir uma onda de dor no momento em que tentara se mover.

— Está comigo... durante todo esse... tempo?

— “Sim, eu tenho lutado com você. Se não fosse assim, você não resistiria”.

— É dia... ou noite? – havia ansiedade na voz de Jael.

— “O sol está nascendo”.

— Elas... não vieram essa... noite – ela falou aliviada.

— “A rainha deve ter decidido fazer outra tentativa”.

— Por favor, não... me deixe...

— “Eu não vou deixar você”.

Jafé e Joakim estavam ansiando pelo momento da ação. Foi necessário aguardar a passagem da próxima caravana que entraria em Babilos. Eles posicionaram os arqueiros quenitas em volta da estrada e aguardaram a caravana de seis carroças carregadas de animais que fora avistada pelos vigilantes de Midani. Quando a caravana surgisse na curva da estrada, eles a renderiam.

O plano foi efetivado com sucesso. Nenhum dos caravaneiros esperava pelo ataque surpresa. Era uma caravana das mais comuns a entrar na cidade de Babilos. Os animais levados eram usados no palácio para o abate e também para o fornecimento de leite fresco. Era constituída, em sua maioria, por caprinos. Os quenitas tomaram o lugar dos caravaneiros e a Ordem se preocupou em ficar escondida sob a palha, que era abundante no local em que ficavam os animais. Elas levaram peles de animais fornecidas pelos midanitas, a fim de se cobrirem com elas e dar a aparência de um animal dormindo.

Quando estivessem dentro da cidade, os quenitas provocariam uma confusão para atrair a atenção dos guardas, enquanto a Ordem se infiltraria pela porta que levava as masmorras do palácio. Sarah insistiu em agir junto com a Ordem. Agora, só restava esperar que tudo desse certo.

Izaque e os guerreiros de Midani se posicionaram no lado de fora das muralhas. Na hora certa, eles enviariam uma chuva de flechas incendiárias que daria a impressão da cidade estar sendo atacada. As atenções estariam voltadas para fora e não para dentro. Era apenas uma demanda com fins de distração. Os

midanitas, aceitando a oferta inicial de Jael, se preparavam nesse momento para se deslocar em direção ao norte e se unir aos Queneus. Babilos não encontraria nenhum exército para enfrentar.

Rute e Rebeca não tiveram permissão para ir diretamente para a ação, mas ficaram encarregadas de dar o suporte de fuga para as companheiras. Elas aguardavam em um local pouco vigiado, nos fundos do palácio. Os cavalos já preparados e escondidos. O lugar era literalmente um buraco cercado por barrancos íngremes e tendo apenas uma estrada como rota de fuga. A vantagem era que não era um lugar vigiado e nem lembrado, pois era ali que descarregavam toda a sujeira do palácio. Um verdadeiro depósito de lixo a céu aberto.

— Espero que ninguém queira despejar nada aqui durante esse tempo – disse Rute, franzindo o nariz com o mau cheiro.

— A confusão na cidade vai ser bem grande para que eles pensem nisso.

Rebeca pegou o braço da amiga.

— Venha. É melhor ficarmos junto com os cavalos para mantê-los quietos, e também para ficarmos fora da linha de visão de algum açougueiro.

— Tem razão.

Jael acordou em um lugar diferente. Estava em uma sala pequena, deitada sobre uma mesa de madeira cuja superfície machucava suas costas. Seus braços, estirados ao lado do corpo, estavam presos por argolas de metal nos pulsos, assim como os tornozelos. Ela ouviu passos atrás dela.

— Chegou à hora decisiva, Jael – era a voz da rainha. – Não quero encontrar nenhuma resistência dessa vez. Sua mente é o maior presente que eu poderia ter recebido. Nela, além das últimas imagens de meu filho, eu verei todos os planos da Herdeira. O que vocês têm preparado? Não precisa me dizer. Eu tirarei isso de você.

Atalia veio para o seu lado.

— Você envergonhou o meu filho ao matá-lo em batalha. Ele, o maior guerreiro de Salema, morto por uma mulher!

Jael respirou fundo.

— Seu filho foi um covarde... Ele fugiu da batalha... Não merecia morrer como um guerreiro...

A rainha pegou nos ombros de Jael e forçou o corpo dela contra a superfície da mesa. A moça gritou com o atrito das feridas na madeira áspera. A dor provocou lágrimas em seus olhos. Atalia, sorrindo, se colocou atrás dela.

— Quando eu tiver acabado, talvez você não tenha mais lembrança alguma. Será uma pessoa desmemoriada, inútil. Esquecerá até mesmo o seu nome.

Jael se debateu inutilmente. A dor em suas costas não a deixava se concentrar na armadura.

— “Jael, não lute” – era a voz de Deborah. – “Eu faço isso por você”.

— Eu estou... com medo – ela falou para Deborah, num sussurro quase inaudível.

— “Pense em Héber” – a voz de Deborah era como um calmante. – “Pense no amor de vocês, no sorriso dele”.

Atalia sorriu quando ouviu Jael dizer que estava com medo.

— Sim, Jael, eu quero sentir o seu medo – ela disse ao colocar as mãos sobre a cabeça da moça.

Jael respirou fundo e fechou os olhos concentrando-se em Héber e confiando em Deborah. A lembrança mais forte que podia ter foi a da noite de seu casamento. O amor deles e as sensações novas que ela sentiu e que o fez sentir. Aquele amor compartilhado. O rosto do guerreiro com alma de menino tomou todo o seu pensamento e a manteve longe da batalha que ocorria em algum lugar de sua mente.

Quando Atalia tentou penetrar a mente de Jael, não sabia que era a de Deborah que havia tentado invadir. A força da Herdeira, que estava a pleno vigor e num lugar protegido, podia evitar com muita facilidade o ataque da rainha. Deborah era o escudo em volta de Jael, e Atalia não se apercebera disso. Achava que a força da Guardiã ainda não havia sido abalada. Ela mal

conseguia encostar as mãos em sua cabeça. Era como se uma força contrária empurrassem-nas. Por fim, exausta, ela desistiu e teve que se apoiar na parede para não cair.

— Como consegue ter tamanha força? – a rainha perguntou ofegante.

Jael continuava com os olhos fechados e uma expressão tranquila a dominava. Atalia, em sua fúria, tentou novamente. Deborah ainda estava lá e com todo o poder que concentrava em si naquela hora, empurrou Atalia para trás. A rainha, caída no chão, gritou chamando suas amazonas. As mulheres entraram e a ergueram.

— Levem-na daqui! Tirem o que restar de sua força física! Eu a quero sem ter consciência nenhuma.

Ela ficou sozinha na sala, tremendo de raiva e esforço.

A caravana passou pelos portões sem problemas. Era tão comum a chegada de animais ao palácio, que a vistoria era feita apenas com um simples olhar. Os guardas, entediados, liberaram as carroças. Joakim guiava a da frente, disfarçado de caravaneiro. Jafé seguia atrás e alguns homens de Midani se encarregaram das outras. A Ordem estava escondida na segunda e na terceira carroça, em meio a um bando de cabras.

Algum tempo depois que as carroças passaram, Izaque ordenou que as flechas fossem atiradas contra o muro. Era hora de fazer barulho. Uma das flechas caiu certamente dentro de uma das torres da muralha e provocou um incêndio, ao cair na palha seca acumulada dentro da torre. A sentinela que lá estava tocou o sino de alerta. A essa altura, as carroças já haviam chegado ao local em que deveriam liberar os animais para o palácio. No entanto, o plano era criar um alvoroço dentro e fora das muralhas, para que as atenções estivessem voltadas para fora do palácio. Jafé e Joakim se encarregaram disso ao soltar as cordas que prendiam os animais. Estes saíram correndo pelas ruas, assustados e berrando, derrubando bancas de comerciantes e entrando nas casas abertas. O povo, atordoado, começou a gritar sem saber se dava atenção aos animais ou as flechas que caíam através do muro.

Maalá ergueu a cabeça e viu que o local onde estavam se encontrava vazio, pois todos correram para ver o motivo de tanta gritaria. Ela, Hogla e Milca desceram da primeira carroça. Sarah e Tirza, da segunda. Todas trajavam roupas comuns do campo, para não chamar a atenção. A porta que dava acesso à ala inferior do palácio e as masmorras estava aberta. Elas passaram rapidamente por ela e entraram já de espadas na mão.

Apressadas para cumprir as ordens da rainha, as amazonas esqueceram-se de usar as correntes em Jael, e também não se lembraram do pano sobre sua cabeça. Enquanto era arrastada no meio das duas, ela encenava um estado de prostração. O fato é que a intervenção de Deborah poupou a sua mente. Ela, agora, sentia-se um pouco mais lúcida e capaz de raciocinar.

Ao virarem em uma curva do corredor, ela reconheceu a sensação de pisar em um caminho conhecido. Um caminho que lhe trazia lembranças dolorosas. Junto com esse reconhecimento, surgiu um desejo desesperado de lutar. Ela preparou-se para agir quando chegasse o momento. E ele chegou, quando pararam em frente a uma escada. Firmando-se em uma perna, ela empurrou a amazona que estava a sua direita, fazendo-a desequilibrar-se e cair rolando de escada abaixo. A outra, surpreendida, não teve uma reação rápida. Jael a empurrou contra a parede, onde ela bateu a cabeça e ficou atordoada o suficiente para soltá-la.

Jael não conhecia o caminho, mas correu, cambaleando pelo corredor, procurando um lugar seguro para se esconder. Qualquer lugar servia. O seu corpo não ajudava muito. Os açoites a tinham deixado muito fragilizada, por isso ela havia decidido que não ia passar por mais torturas. Queria sobreviver para sair dali.

Ela ouviu as vozes das mulheres que, já recuperadas caçavam-na pelos corredores. Ela tropeçou nas próprias pernas bambas, tentando alcançar a próxima curva. Estava quase chegando, quando sentiu algo frio se enrolar em suas pernas. Ela caiu para frente sem forças. Uma corrente fora jogada pelas suas

perseguidoras. Ela teve vontade de chorar pela tentativa desesperada, que havia falhado, de fugir.

Aos passos das amazonas somaram-se outros que se aproximavam. Ela esperou ser rendida por mais de duas mulheres, agora. No entanto, ela pensou ouvir o barulho de luta, mas estava muito fraca para virar o corpo e olhar para trás. De repente, alguém se ajoelhou e retirou as correntes de suas pernas.

— Jael? – era a voz de Sarah.

Ela ergueu a cabeça e pensou estar delirando. A moça tinha um sorriso aliviado no rosto. Outras mulheres se aproximaram. A Ordem de Zelofeade estava ali. Seriam reais?

Hogla e Sarah a ajudaram a ficar de pé, apoiando seus braços. Maalá seguia na frente. Milca e Tirza vigiavam a retaguarda. Elas entraram por uma porta que ia dar em outro corredor. Este era sujo, escuro e tinha um cheiro desagradável.

— Deve ser aqui – disse Maalá. – Só precisamos encontrar a abertura.

Tirza pegou um pedaço de madeira e fez uma tranca improvisada para a porta. Isso lhes faria ganhar tempo.

— Você tem certeza de que sabe para onde está indo? – questionou Sarah.

— Absoluta.

Elas usavam um mapa mal feito daquela área, elaborado pelo chefe da caravana que eles haviam atacado. O homem estava bastante apavorado com o olhar furioso de Joakim, para mentir.

— É aqui – Maalá parou diante de uma abertura de meio metro de altura na base da parede.

— O piso é inclinado – disse Milca. — Podemos escorregar por ele.

Elas se olharam por alguns segundos, indecisas, antes que a porta começasse a ser forçada.

— Eu vou à frente – disse Maalá. – Não temos tempo para dúvidas.

Ela entrou no buraco.

— Mande Jael depois de mim – ela falou antes de sair escorregando.

Rute e Rebeca estavam bem escondidas atrás dos arbustos, ouvindo com apreensão o som dos gritos que se espalhavam pela cidade e pelo palácio. O trabalho havia sido completo. De repente, elas viram Maalá caindo pela suja abertura na parede. A mulher mal teve tempo de se por de pé, quando Jael caiu ao lado dela. As meninas correram para ajudar a moça, enquanto as outras iam sendo despejadas uma a uma.

— Vamos para os cavalos! – gritou Sarah.

Mesmo que resolvessem persegui-las através daquela saída, a vantagem ainda seria delas por causa dos cavalos. Solaris relinchou feliz ao ver a dona. Jael abraçou o pescoço do cavalo.

— Olá, amigo – ela falou carinhosamente.

Todas montaram e saíram em disparada. Rute e Rebeca iam montadas no cavalo de Sarah, enquanto esta levava Jael na garupa de Solaris. A intenção era a de alcançar um lugar seguro antes do cair da noite. Joakim e Jafé, juntamente com os arqueiros quenitas voltariam para o norte com os midanitas.

O resgate fora feito com sucesso.

Elas pararam para descansar à noite. Escolheram uma caverna pequena e deixaram os cavalos em um recuo entre duas rochas a poucos passos de onde estavam. Sarah preferiu não acender nenhuma fogueira, mas Hogla insistiu em dizer que era imprudência. O fogo era necessário no deserto para manter os animais peçonhentos longe. Maalá cuidou das costas de Jael, espalhando uma pasta de ervas que Deborah lhe havia ensinado.

— Isso vai aliviar a dor – ela disse. – Como se sente?

— Esgotada – Jael tentou sorrir. – Também estou feliz por vocês terem me tirado daquele inferno. Cheguei a pensar que morreria ali.

— Acho que a rainha já teve o suficiente de você – Maalá sorriu.

— Na realidade, foi bem frustrante para ela...

Maalá percebeu que Jael estava quase dormindo e se afastou vagarosamente. Ela foi sentar-se junto à fogueira com as

outras.

— Como ela está? – perguntou Rute.

— Os cortes foram muitos e alguns parecem bem inflamados e profundos.

— Eu não sei... – Milca parecia preocupada.

— O que foi? – perguntou Sarah. – O que a preocupa?

— Ela foi açoitada por um chicote de Babilos. Até onde sabemos, assim como a Hazorah antiga, todas as armas daquela cidade são letais. Tudo que lá é feito passa por magia.

— Acha, então, que ela pode ter sido contaminada com algum tipo de veneno? – Sarah estava preocupada.

Milca apontou.

— Olhe pra ela, Sarah! Saiu do palácio cavalgando, mas a cada hora que passa o seu corpo parece perder a força. Ela não está bem.

Sarah olhou para Maalá com a testa franzida.

— Hazorah está muito longe – ela comentou.

Maalá balançou a cabeça e apontou em direção ao deserto.

— Atrás daquela colina fica a estrada. Seguindo para o norte chegaremos a Hazorah em três dias, mas se formos em frente cruzando a mesma estrada, as Cavernas do Sal não estarão a mais de um dia de distância.

— Não é muito perto de Babilos?

As mulheres da Ordem riram entre si.

— O que foi? Eu disse alguma bobagem?

— Jael não poderia ficar mais segura do que nas Cavernas, Sarah – disse Maalá. – O poder de Babilos não tem lugar ali, e nem o de Salema. É um dos muitos lugares antigos que ainda existem nesse mundo.

— E lá eles poderiam cuidar dela?

— Eu espero que sim – suspirou Maalá.

Jael acordou com uma voz lhe chamando.

—“Jael, onde está você, minha irmã?”.

— Deborah...

— “Você está bem? Ainda está no palácio?”.

— Não. A Ordem me resgatou.

Ela sentiu o alívio de Deborah.

— Acho que você pode descansar agora.

— “Eu achei que tinha perdido você. Não consegui me conectar a sua mente depois do confronto com Atalia”.

— Sinto-me fraca...

— “Ficarei com você até saber que está segura”.

— Não se doe tanto, minha irmã. Já fez o que podia. Eu vou ficar bem.

— “Jael...”

— Eu preciso dormir, Deborah...

Jael teve febre alta e delirou durante a noite. Pela manhã, ela estava tão fraca que Sarah a colocou na sua frente, para que não houvesse o perigo de cair do cavalo. No entardecer, para o alívio de todas, as Cavernas do Sal foram avistadas. Maalá foi à frente e falou com o primeiro grupo de sacerdotes que encontrou. Imediatamente, ela se viu frente a frente com o sacerdote mais velho e respeitado das Cavernas. Ela relatou toda a história e, quando as outras chegaram, Jael já era esperada na enfermaria. O mesmo local onde ela havia encontrado Héber pela primeira vez.

Uma sacerdotisa havia entrado para examinar Jael, enquanto as outras esperavam do lado de fora da caverna—enfermaria. Quando a sacerdotisa saiu, estava acompanhada de outra mulher. A roupa dela era semelhante a que Hulda costumava usar. E sua expressão era calma e passava muita sabedoria. Foi ela quem se dirigiu ao grupo.

— Eu sou Miriam, a profetisa.

— A senhora tem o nome de minha mãe – disse Rute.

A mulher sorriu para a menina e correu o olhar pelo grupo.

— Quem é Sarah?

— Sou eu – Sarah deu um passo a frente.

— Ela pediu para falar com você. Só peço que seja breve. Ela está muito fraca e quanto mais descanso tiver, mais rápida será a cura.

— Então, ela vai ficar boa? — Maalá perguntou.

— As armas de Babilos são amaldiçoadas, mas temos antídotos contra suas mágicas ocultas. Jael é uma Luminar e já sobreviveu a um ferimento com o ferro de Hazorah. Sobreviverá a esse também. Só precisa de tempo. Sua mente também está esgotada. Fizeram bem em trazê-la para cá. Uma viagem longa poderia ser fatal.

Sarah, já mais aliviada, entrou na enfermaria.

— Conhece Hulda, a profetisa? — Hogla perguntou.

— Somos companheiras. Também vim da Ilha dos Profetas, como ela. Eu a ajudei a alimentar a pequena Deborah, quando ela fugia de Salema.

As mulheres se entreolharam surpresas.

— O tempo corre rápido, e os sacerdotes e profetas estão vindo de todas às partes para se encontrarem aqui. Pretendemos nos unir a Marcha quando for a hora.

Sarah aproximou-se da cama em que estava Jael. A moça estava deitada de bruços, nua da cintura para cima. Um pano de linho encharcado com um líquido que cheirava a madeira molhada cobria suas costas. Ela abriu os olhos febris e sorriu ao ver Sarah.

— Você cumpre suas promessas, Sarah... — ela falou.

— Eu disse que ia voltar. Do contrário, jamais teria deixado você para trás.

— Eu sei — Jael umedeceu os lábios ressecados pela febre.
— É por isso que eu tenho um pedido a lhe fazer...

— O que eu poderia fazer por você, Jael?

— Na sela de Solaris tem uma bolsa de couro... Dentro dela está o shofar de Héber... Quero que o toque e lidere os Queneus quando a Marcha tiver início...

Sarah sentia-se insegura.

— Jael, eu não posso fazer isso...

— Claro que pode...

Sarah ficou em silêncio.

— Sarah... — ela respirou fundo, tentando conter uma onda de dor. — Héber está longe e eu terei que aguardar aqui...

Naor não é um guerreiro e Joakim tem um temperamento instável...
Eu não poderia confiar isso a mais ninguém...

— Eu sou de Gades, não sou uma quenita!

Jael sorriu.

— Você é tão quenita quanto eu...

— E se o povo não aceitar a minha liderança?

— Eles aceitarão... O toque do shofar os fará aceitar...

Com um suspiro, Sarah aceitou a nova missão.

— Só mais uma coisa... – Jael lembrou.

Sarah aguardou o que viria a seguir.

— Diga a Deborah que eu estarei esperando... Não vou deixá-la ir a Salema sozinha... Diga-lhe que eu também cumpro minhas promessas...

Sarah sorriu.

— Eu não vou esquecer.

CAPÍTULO 30

A Grande Marcha

Sarah acompanhou a Ordem até Hazorah, antes mesmo de parar junto aos Queneus. Deborah e os sacerdotes as aguardavam na sala da torre. Aquela seria uma audiência particular. A notícia de sua chegada foi dada por mensageiros quenitas que ficaram de vigilância na estrada. As mulheres chegaram cansadas, mas orgulhosas pela vitória.

Quando elas entraram na sala, Deborah fez questão de abraçar a cada uma delas. Havia um agradecimento sincero no rosto da Herdeira.

— Onde está Jael? – ela perguntou. – Ficou no acampamento quenita?

As mulheres se entreolharam. Maalá, porém, adiantou-se para responder.

— Tivemos que cortar caminho pelas Cavernas do Sal. Jael estava muito fraca por causa dos ferimentos recebidos em Babilos. Ela não teve condições de voltar conosco.

Deborah ia perguntar algo, mas a mulher lhe fez um sinal para esperar.

— Ela está bem, Deborah. Ficou nas Cavernas em segurança para se recuperar. Ela poderia ter morrido no caminho, se não tivéssemos feito isso.

Hulda pôs a mão sobre o ombro de Deborah.

— Aquiete-se, agora, filha – a voz de Hulda era maternal. – Nas Cavernas, Jael será curada no físico e na mente. Não há maldição que não possa ser cortada pela habilidade de nossos sacerdotes.

Deborah assentiu com resignação.

— Eu sei, Hulda. Não duvido que isso tenha sido o melhor para ela. O fato é que eu ansiava por vê-la bem, depois de tudo. Eu a queria marchando ao meu lado.

Sarah deu um passo a frente.

— Deborah, ela mandou um recado para você. Ela me pediu para lhe dizer que estará esperando para se unir a Marcha, quando esta passar pelas Cavernas. Além disso, ela também me pediu para lembrá-lo que ela cumpre suas promessas, e que não vai deixar que você vá a Salema sem ela.

Deborah sorriu aliviada e agradecida.

— Obrigada, Sarah. Eu precisava ouvir isso. Agora, o meu coração se aquietará.

Os olhos dela encontraram Rute, que tentava se esconder atrás de Hogla.

— Rute, sua mãe já viu você?

— Não, Deborah. Pra falar a verdade, estou com mais medo de enfrentar a minha mãe, do que tive ao ir até Babilos.

Maalá pôs a mão sobre a cabeça da menina e puxou Rebeca pela outra mão.

— Deborah, eu gostaria de pedir sua permissão para levantar mais duas guerreiras para a Ordem de Zelofeade. Estas meninas foram de crucial importância para nos dar cobertura de fuga. Demonstraram coragem, controle e iniciativa.

Deborah olhou satisfeita para as ex-recrutas.

— Confio na sua análise, Maalá. Eu permito que ambas ingressem na Ordem com a função de guerreiras. No entanto, Rute ainda terá que enfrentar Miriam. É seu dever de filha.

A menina concordou com lágrimas nos olhos. Rebeca, que também estava emocionada, lembrou-se da profetiza que as recebera nas Cavernas.

— Por falar em Miriam, esse era o nome da profetiza que ficou cuidando de Jael. Ela disse conhecer a senhora Hulda, e que a ajudou a alimentar Deborah, quando ambas fugiam de Salema.

Deborah olhou surpresa para Hulda. A mulher estava prestes a chorar.

— Miriam está aqui? Ela deixou a Ilha dos Profetas?

— Ela, na verdade, disse que os sacerdotes e os profetas estavam chegando de várias partes e se agrupando nas Cavernas. Vão todos se unir a Grande Marcha.

Hulda sorriu para Deborah.

— Eu tenho muito que agradecer a Miriam, Deborah. Nós fomos treinadas juntas na Ilha e eu sempre procurei seguir os conselhos dela. É uma mulher muito sábia. Fico feliz em saber que ela está cuidando de Jael.

— Acho que eu também devo agradecê-la, não é? Deve ter sido muito difícil para você fugir no meio da noite com um bebê chorão nos braços.

Hulda a abraçou.

— Você era uma menininha comportada.

Sarah deu mais um passo a frente.

— Existe outra coisa que eu gostaria de expor.

— Fale, Sarah – Deborah notou que ela parecia nervosa.

— Jael me pediu para liderar os Queneus durante a Marcha, mas eu não sei se devo.

— Por que não? Do que tem medo?

— Eu não sou quenita, Deborah. Cheguei de Gades não faz muito tempo. Acha mesmo que o povo vai aceitar que eu toque o shofar de Héber?

— Se Jael confiou em você, o povo confiará também.

Sarah ainda parecia insegura.

— Sarah, você arriscou a vida para salvar Jael. Isso é prova suficiente de que é merecedora de confiança.

— Eu sei, mas Jael não voltou conosco. E se duvidarem de minha palavra?

— Se sentirá mais segura se eu falar com o povo em seu favor?

— Você faria isso?

Deborah sorriu.

— Claro, embora eu ache que não há necessidade. Porém, se isso a tranquiliza, eu o farei.

Deborah, Hulda, Nathan e Otoniel sentaram-se nas cadeiras postas em círculo. Nathan apoiou o queixo sobre as mãos e olhou diretamente para Deborah.

— Agora que tudo passou, gostaria que me explicasse que tipo de intervenção usou. Surpreendi-me com a explicação de Hulda, mas confesso que não entendi.

Deborah olhou em volta, refletindo na resposta.

— Não é algo que possa ser explicado, Nathan. É um sentimento.

— Um sentimento? – perguntou Otoniel. – Como assim?

— Em Gades, nossa natureza foi revelada. Aquilo foi uma experiência única. Não havia barreiras, apenas luz. Uma luz que nos unia. A luz dos astros que reinam na noite. Que reinam em meio a trevas e tentam manter a ordem até que o sol nasça e afaste de vez a escuridão. Nossas luzes têm a mesma origem e, quando ela se manifestou em nós, no lago, não nos deixou por completo.

Hulda analisava cada palavra dela. Ela fora testemunha daquele episódio maravilhoso e lembrou-se de como caiu prostrada diante do poder que emanava das duas Luminares.

— Eu não havia percebido isso, até Hulda me contar sobre o fato de sermos “gêmeas geradas pela Profecia”. Então, tudo fez sentido. Quando eu compartilhei minha visão com Jael, antes de irmos para Gades, não sabia que já havia uma ligação. Nossas mentes ficaram soltas e nossos pensamentos podiam ser

compartilhados através da percepção. Eu a compreendia pelo olhar, e ela a mim. Não conseguíamos mais esconder nada uma da outra.

Nathan escutava maravilhado. Pela primeira vez, ele era surpreendido com algo que não conhecia.

— A luz em Gades completou definitivamente essa ligação – completou Hulda.

— Isso mesmo – Deborah sorriu para a profetisa.

Otoniel passou a mão no rosto.

— Você não pesou as conseqüências desse ato, Deborah? Expôs sua mente ao entrar em confronto com a rainha.

— A rainha não percebeu que era eu. Naquele momento eu estava em Jael, na mente dela. Eu era ela. E, apenas por causa disso, ela está viva.

Nathan quase sobe na mesa de tão empolgado que estava.

— Pode explicar isso melhor?

— Quando recebi a notícia da prisão de Jael, minha primeira atitude foi ir até Babilos e libertá-la. No entanto, a prudência me deteve. Mas eu podia sentir o que ela sentia. Medo, solidão, angústia. Aquilo doía em meu peito. Eu ainda não havia percebido que estava lá, com ela. Não havia entendido que não precisava atravessar distâncias para ajudá-la. Na verdade, eu estava mais perto dela do que qualquer outra pessoa.

— Então, bastou apenas um pouco de concentração e tranqüilidade – Nathan havia compreendido.

— Por segurança, busquei um lugar antigo e neutro, ainda imune ao poder do mal.

Ela olhou para Otoniel.

— Eu não fui tão imprudente assim.

Ele sorriu e concordou com ela.

— Não sabia quanto tempo ia levar, mas estava decidida a ficar com ela até o fim, fosse ele qual fosse. Levei alimento para fortalecer o meu corpo e busquei o Pai, pedindo sua direção. Eu não poderia ficar aqui no palácio, aguardando, enquanto sentia o coração dela gritar por socorro.

Os sacerdotes ficaram em silêncio por algum tempo.

— Acha que ela pode sentir o mesmo em relação a você?
— Otoniel perguntou.

O semblante de Deborah ficou carregado e tenso. Ela cruzou as mãos em cima da mesa e ficou olhando para elas por um momento, sem nada responder. Por fim, ela falou em um tom baixo, e quase para si mesma.

— Eu espero que não – ela mordeu os lábios e fechou os olhos. — Será muito doloroso para ela se for desse jeito.

Em Babilos, a rainha urrava em seu quarto. Ela soube da fuga de Jael e, imediatamente, mandara executar as duas amazonas que falharam em sua missão. No momento, ela caminhava pelo quarto, enquanto sua mente buscava entender como Jael lhe escapou com tanta facilidade. O rei Anrafel entrou no instante em que ela quebrava o espelho com um castiçal.

— Não é conveniente para uma rainha perder o controle dessa forma. Perdeu apenas uma batalha.

— Essa batalha era decisiva para ganhar a guerra! Ela não podia ter me escapado!

O rei segurou os braços da rainha e a obrigou a encará-lo.

— Ela não escapou apenas de você – ele falou com raiva.
— O meu palácio foi invadido! Meus homens fizeram o papel de tolos!

— Então, diga-me, o que você fez com a tribo daqueles traidores?

O rei a soltou e respirou fundo, dando-lhe as costas.

— Enviei homens o suficiente para queimar aquelas tendas, e deixei ordens para exterminar qualquer ser que respirasse entre eles.

— Espero que tenha tido mais sorte do que eu – o tom da rainha era de sarcasmo.

Anrafel apertou os punhos com a respiração pesada.

— Eles se foram! Todos eles! Levantaram acampamento enquanto nós éramos feitos de tolos!

Atalia não conteve uma grande gargalhada. Anrafel voltou-se furioso e deu-lhe um tapa. Ela segurou no rosto com uma

expressão indignada.

— Como ousa? Eu sou Atalia, a rainha de Salema!

— Poupe-me disso. Eu sei quem você é.

Ambos ficaram em silêncio até que seus ânimos se acalmaram.

— O que acha que aconteceu? – ele perguntou. – Por que o seu poder não funcionou com a rainha dos Queneus?

A rainha deu de ombros e caminhou até a janela.

— Ela é uma Luminar. Eu errei desde o início. Deveria ter usado o ferro negro, assim como Sísera fez com a Herdeira. Mas não fiz isso. Eu quis lhe infligir sofrimento. Um sofrimento lento e cruel. Na minha vingança, acabei esquecendo que tinha outras prioridades.

— Eu não desistiria tão fácil. Ela não deve estar longe.

A rainha balançou a cabeça.

— Ela está fora de meu campo de visão. Não a sinto e não a vejo por perto.

— Ela não conseguiria ir longe com o veneno em seu sangue.

— Talvez esteja morta, então! Em que isso me ajudaria? A verdade é que Jael me escapou.

O rei pousou a mão em seu ombro e encostou a boca em seu ouvido.

— Está se esquecendo de algo que seu velho amigo Jabim aprendeu comigo. Uma magia muito especial.

Ela empertigou-se.

— Do que está falando?

— Você não lembra? Deixe-me ajudar.

Ele lhe trouxe à memória a ocasião em que o rei Jabim havia localizado o paradeiro de Hulda em Gades, através da magia contida em um punhal feito nas forjas de Hazorah.

— Como você sabia disso?

Ele riu.

— Eu e Jabim dividíamos muitos segredos. A magia oculta de Babilos é a fonte em que muitos reinos bebem. Espero que suas amazonas, tenham usado um chicote de Babilos.

Atalia virou-se para ele.

— Sim. Foi especialmente cedido por você. Couro intercalado por bolinhas de... Ferro!

Eles riram juntos.

— Espere, minha querida, e Jael lhe entregará Deborah nas mãos. Apenas tenha paciência.

Ela passou a mão pelo rosto dele num gesto sedutor.

— Já que perdi o meu presente, gostaria de pedir uma restituição.

— E o que deseja?

— Leve-me as forjas e eu lhe direi.

Miriam e Finéias entraram juntos na enfermaria. Ele era o mais velho dos sacerdotes das Cavernas do Sal, e todos o consideravam o líder da ordem por aclamação. Ele havia insistido em ver Jael, apesar de Miriam ter lhe pedido que aguardasse até a moça estar recuperada.

Uma sacerdotisa mais velha se levantou da cadeira quando eles se aproximaram.

— Como ela está, Zéfora? – perguntou Miriam.

— Dorme um sono tranquilo, senhora.

— É bom que permaneça assim até estar totalmente recuperada.

Finéias farejou o ar.

— Que cheiro é esse?

— Essência de ervas marinhas – respondeu Miriam. – Trouxe comigo da Ilha dos Profetas.

— E para quê servem?

— Para mantê-la dormindo. O corpo terá uma recuperação mais rápida se tiver descanso.

O velho a olhou com desconfiança.

— Mas, dessa forma, você está pondo a mente dela para descansar.

Miriam baixou a cabeça.

— É verdade, senhor. Pelo que me foi dito, a mente dela necessita desse repouso.

— Acha que eles conseguiram afetá-la de alguma forma?

Miriam olhou para Finéias com repreensão.

— Desculpe-me, senhor, mas se esquece que Jael é uma Luminar?

Finéias alisou a barba branca e analisou a figura de Jael enquanto dormia.

— Ela não me parece diferente de qualquer outra pessoa. E se fosse imune a torturas, não estaria aqui.

Miriam nada respondeu.

— Quando ela acordar, eu gostaria de ser avisado.

— Será o primeiro a saber – garantiu Miriam.

Ele saiu deixando as mulheres a sós. Zéfora o acompanhou com os olhos.

— Por que ele está tão desconfiado? Ela não merece passar por isso, depois de tudo o que vivenciou.

Miriam suspirou e observou o rosto sereno de Jael enquanto dormia. Algumas marcas ficariam em suas costas, como cicatrizes, mas as outras sumiriam de vez. Ela lembrou-se de como eram quando ela chegou. Profundas, inflamadas, minando sangue. A cura estava sendo ministrada e o corpo dela respondia com a força de uma Luminar. Mas as marcas da tortura em sua mente e coração, ela não poderia tirar. Apenas o tempo.

Nathan encontrou Deborah na sacada da torre. Ela observava o movimento das companhias que se formavam lá embaixo. Ele parou ao lado dela e olhou para a floresta que se estendia para além dos campos. Ela sorriu para ele enquanto se mantinha com os braços em volta do corpo para se proteger do vento.

— Obrigada por ter vindo – ela disse. – Achei que não teria tempo.

As reuniões dos sacerdotes eram constantes naqueles dias. Havia muito que ser discutido, pois haveria uma coalizão das várias classes de sacerdotes e profetas para criar uma cobertura de proteção em volta dos exércitos, contra as forças espirituais de Salema e Babilos.

— Não ter tempo para atender um chamado da Herdeira?
— ele riu. — Teria sido mais rápido se não fossem essas escadas intermináveis.

Deborah o olhou com carinho e, depois, voltou a olhar para o horizonte.

— Por que estou aqui, Deborah?

— Porque você é o único que pode me ajudar em uma coisa que eu quero fazer. O único que pode compreender a minha necessidade.

Ele a olhou, desconfiado e cauteloso.

— Faz muito tempo que eu deixei de ser a fonte de todas as explicações. Você e Jael conseguiram passar na minha frente. Eu tento apenas acompanhá-las.

Ela respirou fundo, e apontou para o sul.

— Estamos nos aproximando do Solstício. A data que marca o Grande Sacrifício realizado em Salema. Esse ano passou rápido. Não pensei que estivesse tão perto.

— Muito perto — ele concordou. — O tempo não foi bom conosco.

— Os exércitos estão prontos — ela olhava para o pátio. — Os aliados já vieram se unir a nós. Temos exércitos até mesmo do Litoral! Eles só aguardam a hora para partir.

— Aonde quer chegar?

— Eles estão prontos, Nathan. Eu, porém, preciso saber se estou.

Ele balançou a cabeça.

— Como assim? Não estou entendendo.

— Você sabe que a cobertura que os sacerdotes darão ao exército, não será suficiente para me manter fora do poder de Atalia. O ferro negro tem um alcance muito maior para o mal. Ela pode me atingir até mesmo dentro desse escudo de proteção que planejam criar.

Ele não disse nada e ela continuou.

— No entanto, muitas coisas aconteceram em Gades. Além daquilo que já conhece, existe um fato que eu observei enquanto lutava por Jael. A minha armadura parece ter solidificado.

Ela está mais forte. Em nenhum momento daquele confronto, eu fui atingida. Não houve brechas.

— Você quer testar sua armadura? É isso que está tentando me dizer? – as palavras dele foram cuidadosas.

— Exatamente – ela olhou para ele. – E só há uma maneira de fazer isso.

— Não me peça isso, Deborah! – ele apavorou-se ao compreender a intenção dela. – Eu não vou...

Ela pôs a mão no ombro do sacerdote.

— Se algo me acontecer, você estará por perto.

Ele a seguiu em silêncio até a porta que dava acesso ao poço de Jabim. Com as mãos trêmulas, ele pegou a chave e abriu a porta. Ela passou na frente.

— Feche a porta – ela pediu. – Não quero que Hulda perceba e tente impedir. É muito difícil esconder certas coisas de uma profetiza. Principalmente daquelas que possuem um coração de mãe.

Ele obedeceu, embora preferisse que alguém tentasse impedir. Ela desceu a escada e parou diante do poço. A água era escura como a noite e parada como o vidro de um espelho.

— Talvez a rainha não esteja em Salema – ele falou esperançoso.

— Ela já voltou. Ouvei o relato dos últimos sacerdotes que chegaram daquela região.

Ela virou-se para ele com a expressão preocupada.

— Me desculpe por estar exigindo isso de você.

— Se não posso fazer você desistir, prefiro estar ao seu lado.

Ela sorriu e caminhou até o poço. Esticou o braço após um momento de hesitação, e, com a ponta do dedo fez ondular a água parada.

Atalia sentiu o chamado do poço. Ela havia voltado de Babilos no momento em que recebera o presente que pediu ao rei Anrafel. O tempo estava passando rápido e ela sabia que uma força

crescia no norte, pronta para avançar contra ela. Uma força que nem sua aliança com Babilos seria capaz de deter. Era preciso firmar novas alianças. Por isso, ela mandou mensageiras para Edonia, a terra do povo das pedras, que ficava na extremidade sul do deserto. As tribos saqueadoras de Amal também foram convocadas.

Naquele momento, ela estava no templo. Queria a direção da deusa quanto a estratégia que deveria usar. Foi no momento em que pegava o incenso vermelho para atirar no altar, que ela viu a água do poço se mover. Largando o pó, ela correu em sua direção. Ela viu a imagem que se formava e exultou. Deborah! Ela teve a coragem de se expor.

— Você se coloca diante de mim, sabendo o que posso fazer. Por quê? – havia incredulidade na voz da rainha.

— “Me colocarei diante de você pessoalmente. A hora de nosso encontro não vai demorar”.

O tom de Deborah não era de ameaça, mas Atalia o recebeu dessa maneira.

— Acha que pode destruir o meu reino? Tudo o que construí?

— “Você não construiu nada, Atalia. Suas mãos foram feitas para destruir”.

A rainha cruzou os braços e analisou a figura de Deborah. Ela demonstrava uma confiança inabalável, uma certeza de vitória que abalou a estrutura da rainha.

— Eu posso usar o meu poder contra você de uma forma que tudo estará terminado em minutos – ela ameaçou.

— “Como eu disse, Atalia, a destruição está no seu sangue. Não temo o seu poder, pois coloquei minha confiança em um poder muito maior”.

Era a oportunidade que a rainha tinha de derrotá-la ali mesmo. Aceitou o fato como uma resposta imediata da deusa. Rapidamente, agarrando-se a borda do poço, ela começou a pronunciar palavras ocultas que liberavam os poderes das trevas. Não podia perder tempo e nem oportunidade. Se ela enviasse um

ataque suficientemente forte, tudo poderia acabar ali mesmo. E ela havia aprendido muitas coisas em Babilos.

Deborah podia ver a boca da rainha se mover no sentido de enviar seus ataques contra ela. Esperou com a respiração suspensa. No entanto, nada aconteceu. Não houve dor e nem agonia espiritual. Ela permanecia em pé, forte, saudável. A armadura alcançara sua perfeição, tornara-se parte dela. Ela poderia marchar para Salema sem medo de ir à frente de seu exército. A rainha lhe olhava com os olhos esbugalhados, como se não acreditasse na própria falha.

— “Você não pode escapar do meu poder!” – ela exclamou. – “É impossível!”.

— O seu conhecimento não alcança os poderes que há na luz. Há coisas que nunca vai compreender, Atalia. Até mesmo você está sujeita à Profecia.

— “Venha até mim e verá se não sou capaz. Eu lhe mostrarei o que essa Profecia significa para mim” – ameaçou Atalia.

— Sim, eu irei, e você sabe disso – Deborah respondeu e tocou novamente nas águas, encerrando a comunicação. – Nos veremos em Salema.

Deborah ficou apoiada na borda do poço, mirando as águas imóveis. Ela olhou para Nathan e sorriu. O sacerdote estava sentado no degrau da escada com ar maravilhado.

— Você estava certa, Deborah!

— Obrigada por não me impedir, Nathan. Agora, volte aos sacerdotes e avise-os para se preparar. Eu mesma avisarei a Ordem. Partiremos ainda esta semana. Não há mais motivos para esperar.

Jael passeava pela sacada das Cavernas do Sal. Era a sacada principal, que rodeava um pátio usado como praça pelos sacerdotes e sacerdotisas. Ela sentia-se melhor a cada dia. Os remédios de Miriam foram milagrosos. As cicatrizes que ficariam em suas costas de forma permanente, passariam quase despercebidas.

Mas, por dentro, ela sabia que o dano fora maior. Ela agora possuía um ponto de contato com Babilos. Não era como o ferro negro, mas como o punhal de Héber. Ela conhecia muito bem os objetivos de cada arma do inimigo. Nathan foi um bom professor, e Miriam apenas confirmou o que ela já sabia. O veneno serviria para matá-la com o tempo, mas o contato do ferro com seu corpo abriria uma ligação direta com seus captores. Uma maneira útil de se manter um prisioneiro de guerra. Se fugisse, haveria duas opções: morrer ou ser encontrado e levado de volta. Foi isso o que aconteceu com ela. O veneno não era mais uma ameaça, mas o ponto de contato nunca sairia dela enquanto o poder de Babilos estivesse ativo.

Eles a usariam para chegar até Deborah. Finéias talvez estivesse certo em desconfiar dela. Ele a interrogara ainda na enfermaria, quando ela tinha acabado de acordar. Suas perguntas a fizeram pensar, e ela chegou a questionar Miriam. A verdade não poderia ter sido mais cruel. Ela tornou-se uma armadilha para a própria irmã.

— Estava a sua procura – Miriam aproximou-se dela com um sorriso no rosto.

— Eu estava cansada de ficar dentro daquela enfermaria – Jael sentou-se em um banco de pedra. — Precisava ver o sol e me sentir viva.

— Também precisava ficar sozinha e refletir? Era isso que estava fazendo, não era? – Miriam sentou-se ao lado dela.

— Você é exatamente igual à Hulda – Jael sorriu. – Tentar ler os pensamentos é uma atividade normal de profetizas?

— Às vezes é bastante útil. Mas eu não preciso de meus dons proféticos para saber como se sente.

Jael suspirou e olhou para frente. O céu estava totalmente limpo e sem nuvens. O azul vivo era um deleite para os olhos.

— Ultimamente lugares escuros me incomodam – ela confessou. – Mal consigo dormir a noite.

— É natural, depois de tudo o que passou.

Jael levantou-se e foi até o muro da sacada, em frente ao banco.

— O que eu esperava? Voltar das prisões de Babilos sem nenhuma mancha?

— Jael...

— Finéias está certo, Miriam! Eu não sou confiável.

Miriam ficou de pé.

— Nunca mais diga isso, Guardiã! Babilos a usou de uma forma que podemos controlar com nosso poder. Sua mente não foi afetada. Sua vontade não está sujeita a de seus inimigos. Finéias pensa dessa forma. Ele acha que você só conseguiu fugir porque eles deixaram. E não foi assim.

Jael virou-se para ela. Miriam viu a dor moral que a corroia por dentro. Essas cicatrizes eram difíceis de sarar.

— Você disse que podem controlar isso? Como?

— Aqui nas Cavernas, o poder de Babilos é inútil. Quando a Marcha iniciar nesse ponto, haverá uma cobertura espiritual gerada pelos sacerdotes. Você será invisível para seus inimigos, a menos que saia dessa proteção.

— Eles encontraram Hulda, em Gades, com o mesmo tipo de encanto – Jael perguntou em tom de dúvida.

— Naquele tempo, Gades havia feito a opção de viver em isolamento. Os sacerdotes de lá não se preocupavam com o que acontecia do lado oposto da ponte. Estavam vulneráveis naquela época por sua própria negligência. Mas tudo mudou depois que vocês partiram de lá. O poder de Gades voltou mais forte do que no início.

Jael não conteve a vontade de rir.

— Quer dizer que nós fomos criadas em uma terra desprotegida, quando pensávamos estar em segurança?

— Eu não diria “desprotegida”, mas “esquecida”. Ninguém se lembrava de Gades naquele tempo. Era quase uma terra lendária. Isso a tornava segura.

Jael suspirou e cruzou os braços.

— Isso me deixa mais tranquila.

— Alegre-se por estar viva, Jael. A Profecia não pode se cumprir sem você.

Aquela última frase trouxe a memória de Jael o seu verdadeiro papel junto a Deborah. O verdadeiro significado de ser a Guardiã da Profecia, de zelar pelo seu cumprimento, implicaria aquilo?

— Miriam, você acredita que tudo o que acontece pode ter um propósito?

— Se eu fosse uma Luminar, eu acreditaria nisso sem hesitar.

A Marcha foi iniciada ao amanhecer do primeiro dia da semana. O sol brilhava no céu. Deborah seguia na frente, ladeada por Hulda e Nathan. Otoniel seguia atrás na liderança dos outros sacerdotes. A Ordem comandava o exército branco, que se tornara numeroso com a união dos moradores de Hazorah, e com as tropas enviadas do Litoral. Eúde marchava com os homens da Floresta de Quedes, que também fizera suas alianças com as aldeias de lenhadores. Sarah aguardava para unir-se a eles no caminho. Os Queneus formavam um exército de peso, e sua união com Midani tornou-o uma força intimidadora. E, viajando por uma estrada paralela, seguiam as carroças com aqueles que não iam lutar. Eram famílias que se estabeleceram em Hazorah após a guerra com Jabim e, agora, voltavam para o sul. Miriam, a mãe de Rute seguia numa dessas carroças.

Deborah olhou para trás e sentiu a responsabilidade de guiar um exército tão grande. Tanta confiança em sua pessoa, ela sabia, sofreria um duro golpe. Como reagiriam? Como entenderiam? Ela ia à frente pedindo ao Pai sabedoria e coragem. Não foi como da primeira vez, na qual ela marchou para a vitória. Dessa vez, ela marchava para a morte. Esse, ela sabia, era o caminho da vitória final.

Atalia depositou o objeto que trouxera de Babilos em uma caixa de madeira folheada a ouro. Kyara observou o modo cuidadoso com o qual a rainha manuseava aquela caixa. A amazona ardia de curiosidade. O objeto estava envolto em um pano grosso e

não foi possível lhe ver a forma. A rainha colocou a caixa nas mãos da amazona.

— Leve isso para o anfiteatro.

— Para o anfiteatro, senhora?

— Isso mesmo, Kyara. Esse objeto cumprirá um papel muito importante no Grande Sacrifício deste ano. Ele foi forjado diretamente da pedra do céu.

A amazona soltou uma exclamação.

— Ferro negro puro?

— Tirado diretamente da origem.

— Em quem pretende usar esse objeto, majestade?

Atalia estreitou os olhos e Kyara arrependeu-se de ter ido tão longe.

— Vá cumprir suas ordens, Kyara.

Eunice caminhava pelas muralhas de Salema cumprindo o seu turno. A amazona havia sido promovida a capitã da guarda do palácio e deixara de fazer viagens de recrutamento. Passava a maior parte do tempo na cidade. Os rumores que corriam entre as guerreiras tinham um único tema. O grande exército formado no norte e comandado por Deborah, aproximava-se. Algumas se mostravam ansiosas pela luta que seria memorável, outras tremiam de medo por já terem visto Deborah e Jael em um campo de batalha. As Luminares geravam medo e fascínio ao mesmo tempo.

Eunice, porém, não se lembrava de Deborah por terem se enfrentado em batalha. Ela recordava da noite em que ameaçara uma mãe e uma filha para tomar-lhes um saco de cereal. Deborah surgiu para defender as duas e Eunice lutou contra ela, não sozinha, mas com toda a sua patrulha. Ela sorriu ao lembrar-se como foram derrotadas com facilidade. Suas armas no chão e nenhum sangue derramado. Ela se lembra muito bem da frase que Deborah usou: "A derrota não precisa vir com a morte". Eunice reconheceu nela a perfeita figura da guerreira. Aquela, em quem as amazonas deveriam se espelhar.

Naquela época, ela não sabia quem era a Herdeira, até vê-la em Salema, quando tentava fugir pelo anfiteatro cheio, após

ter libertado as crianças que estavam separadas para o sacrifício. Sua admiração por aquela mulher notável só fez aumentar. Ela a seguiria como sua comandante, se fosse possível. Mas Eunice era uma amazona e servia a Atalia e a Salema. Seus lados eram contrários e ir contra a rainha era buscar a morte certa. Ela nunca contou a ninguém o que pensava e se dispôs apenas a cumprir com suas obrigações. Mas era uma boa observadora e sabia que, entre as amazonas, não era a única que pensava dessa maneira.

Kyara entregou a caixa ao sacerdote encarregado das execuções no anfiteatro. Ele se mostrou interessado em saber o conteúdo da caixa, mas a amazona lhe lançou um olhar que dizia para ele se manter afastado.

— A rainha planeja um sacrifício especial esse ano, então?
— ele perguntou com um risinho.

— Fico imaginando quem terá a honra de ser a vítima de tal instrumento – ela murmurou.

— Sabe alguma coisa sobre o que está nessa caixa? Não gostaria de me contar?

Kyara sorriu com superioridade.

— Apenas o que me foi dito pela própria rainha. Mas, por que a pressa, meu velho? Você é o sacerdote. No momento certo, a honra de usá-lo será sua.

O sacerdote empertigou a cabeça com orgulho.

— Tem razão. A pressa pode estragar o prazer da surpresa. Vá e diga a sua rainha que isso ficará muito bem guardado.

O exército continuava avançando. As noites tornavam-se apinhadas de fogueiras quando eles paravam para pernoitar. Numa dessas noites, Rute encontrou Deborah em um lugar isolado, sentada sozinha com seus pensamentos. A menina queria se aproximar, mas teve medo de atrapalhar alguma ligação que Deborah estivesse mantendo com o Pai.

— Aproxime-se, Rute – ela falou sem olhar para trás. – Não estou fugindo de companhia.

A menina sentou-se ao lado dela.

— Ainda não lhe agradei por ter me aceitado no exército.

Deborah sorriu.

— Você fez por merecer. E sua mãe, como está?

— No começo foi difícil. Maalá teve que ir comigo para casa e contar a ela tudo o que houve. Ela finalmente aceitou que eu cresci.

Deborah a observou dos pés a cabeça e concordou.

— É, Rute, você cresceu.

Rute percebeu o semblante triste da Herdeira.

— O que você tem? Por que está triste?

Deborah virou o rosto. Ela havia esquecido o quanto Rute era rápida para entender certas situações.

— Em uma guerra, mesmo com a vitória certa, existem perdas.

— Mas não serão perdidas em vão.

Deborah passou a mão pelos cabelos da menina.

— Prometa-me uma coisa.

— O quê?

— Haja o que houver, não perca a esperança. Talvez chegue um momento em que tudo parecerá perdido, mas lembre-se de que esse é o sinal de que a Profecia estará se realizando.

Rute balançou a cabeça.

— Eu não compreendo.

— Não precisa compreender ainda, Rute. Apenas se lembre disso.

Jael vestiu-se com seu traje quenita. Sarah havia deixado para ela, antes de ir embora. Ela amarrou o turbante prendendo a metade dos cabelos, pôs o arco e a aljava nos ombros, a espada na bainha presa à cintura e saiu para o pátio. Solaris havia sido deixado nas Cavernas e relinchou feliz com a aproximação de Jael.

Os sacerdotes também começavam a se reunir no centro da grande praça. Eram tantos, ela pensou. O suficiente para dar a cobertura que o exército iria precisar. Finéias, de sua fileira a olhou, com desconfiança. Ela não baixou a cabeça e o encarou a altura.

Miriam estava certa. Sua mente estava lúcida e não fora afetada. Ela continuava sendo Jael, a rainha dos Queneus e Luminar da Estrela. Segurando a rédea de Solaris, ela se aproximou do muro e observou o horizonte. Em breve, o exército surgiria e ela, finalmente, estaria de volta ao seu lugar.

A Marcha parou após cruzar o rio, que demarcava o território sob influência das Cavernas do Sal. Ali, todos foram avisados, um grupo de sacerdotes se uniria a eles para prover uma cobertura espiritual de proteção. Os Queneus, por sua vez, ansiavam pelo retorno de sua líder.

Deborah, Hulda, Nathan e Otoniel foram os únicos a subir a trilha que levava as cavernas principais. Na praça, o grupo sacerdotal, liderado por Finéias, aguardava solenemente. Um pouco mais afastadas, Jael e Miriam observavam o movimento dos exércitos lá embaixo. Jael sentiu uma surpresa agradável ao ver Quenitas e midanitas juntos.

— É o seu povo, Jael? – perguntou Miriam.

— Sim, todos eles – ela respondeu com satisfação.

Quando ouviram o som dos cavalos, Jael virou-se e caminhou apressada em direção a entrada da praça. Deborah foi a primeira a surgir, montada em Bruma. Ao ver Jael, ela saltou do cavalo e correu para a irmã. As duas ficaram por um longo tempo abraçadas, sem dizer nada.

— Obrigada por não ter me abandonado – disse Jael.

Quando se afastaram, Deborah sorriu e pegou as mãos de Jael.

— Achei que fosse perder você – ela falou. – Não saia de perto de mim novamente.

— Sei que coloquei tudo em risco... – Jael tentou explicar.

— Já passou e nada pode ser mudado. Você não teve escolha. Pensou não apenas no seu povo, mas também na falta que ele faria a nossa causa. Agiu com o coração, como sempre fez e como sempre fará.

— Isso é um elogio ou uma repreensão?

— É um fato.

As duas riram. Jael podia sentir o alívio de Deborah. O coração da irmã lhe parecia tão aberto que era como se ela pudesse ler seus sentimentos. Aquilo parecia estranho.

— Aconteceu algo conosco, Jael. Explicarei melhor depois. Agora desça e vá falar com seu povo. Depois volte, pois eu quero que marche ao meu lado.

— Como eu prometi que faria – era uma confirmação.

Deborah assentiu. Jael montou em Solaris e desceu a trilha num rápido galope.

— Deborah?

Ela virou-se e viu Hulda se aproximando com uma profetiza. A mulher era um reflexo de Hulda. A única diferença estava no tom da pele. A de Hulda era branca e sardenta, enquanto a da outra mulher era morena e lisa como porcelana.

— Você deve ser Miriam – ela fez uma leve reverência com a cabeça.

— E você era bem pequena da última vez que a vi – Miriam respondeu admirada. – Agora, sem dúvida, estou diante de uma rainha.

— Ainda não me considero assim.

— Embora todos a considerem?

— Prefiro que me vejam de uma maneira mais simples.

Miriam estava satisfeita.

— Gostaria de agradecer por ter cuidado de Jael.

— Não foi nenhum sacrifício. Ela é uma moça adorável. É muito fácil gostar de Jael.

Do outro lado da praça, Nathan e Otoniel discutiam a formação dos sacerdotes na Marcha. Era necessário espalha-los pelo meio do exército ou mantê-los todos juntos?

— Parece-me que está havendo algum tipo de conflito – Hulda observou preocupada.

Deborah seguiu em direção aos sacerdotes. Eles pararam ao vê-la se aproximar.

— Qual é o problema?

Nathan explicou o impasse. Otoniel insistia pelo ato de espalhar os sacerdotes e estava conseguindo convencer uma boa

parte daqueles homens. Ela, então, buscou o olhar do sacerdote mais velho. Ela o reconheceu como o mesmo ancião que fez o discurso quando elas foram apresentadas nas Cavernas.

— Como se chama, senhor?

— Eu sou Finéias.

— Finéias, é necessário espalhar os sacerdotes para que a proteção cubra todo o exército?

— Não, minha senhora. A força da cobertura será gerada através de nossas mentes unificadas e conectadas com o propósito da Profecia.

Ela suspirou e olhou em direção a Otoniel.

— Isso quer dizer que, essa cobertura seria mais forte se o grupo se mantivesse unido e em harmonia de pensamentos?

— Poderia perfeitamente funcionar da outra maneira... O alcance seria mais fácil e... – começou Otoniel.

— Desculpe-me, Otoniel, mas não há tempo para experiências – ela falou em um tom baixo e calmo. – Se a união deles torna a cobertura mais eficiente, não vejo por que separá-los.

Otoniel fechou o semblante e Deborah perdeu a paciência. Ela o chamou para um canto mais afastado.

— Você vai continuar agindo como se todos estivessem errados e apenas você estivesse certo?

— Eu passei a vida inteira...

— Estudando a Profecia? – ela deu um passo e parou na frente dele. – Eu passei toda a minha existência vivendo a Profecia! Não venha pesar conhecimentos, Otoniel.

— O que quer que eu faça, então?

— Seja mais humilde e aceite que não é o único sacerdote desse mundo — a voz dela estava mais suave.

Ela voltou-se para Finéias, no grupo que aguardava. O velho a olhava, agradecido.

— Reúna o seu grupo e faça como achar melhor.

— Farei isso, minha senhora.

Miriam aproximou-se de Hulda e falou em seu ouvido.

— Ela já é uma rainha, embora não aceite.

Hulda concordou, mas nada respondeu.

Quando Jael chegou junto aos Queneus, o povo a recebeu com aclamações. Sarah aproximou-se dela e devolveu-lhe o shofar de Héber. Jael desmontou e abraçou a amiga.

— Vou lhe pedir que fique com o shofar por mais um tempo – ela falou.

— Por quê? Você não vem conosco?

Jael respirou fundo e voltou-se para o povo.

—Queneus! Voltei – ela falou num tom alto e forte. – No entanto, como Luminar, eu devo marchar na vanguarda, junto à Herdeira. Peço que continuem seguindo o toque do shofar que está nas mãos de Sarah. No entanto, saibam que eu também estou com vocês.

Sarah colocou-se ao lado dela e falou:

— Se o povo concordar em continuar seguindo a minha liderança, terá que fazer isso sem o shofar em minhas mãos.

Houve um murmúrio entre o povo. Sarah estendeu o shofar para Jael.

— Você voltou e é nossa líder. Não importa em que posição vai marchar. Se tocar o shofar lá na frente, escutaremos o toque com clareza. Não vou ficar com o símbolo de sua autoridade em minhas mãos, tendo sua presença entre nós.

Jael pegou o shofar e o ergueu diante do povo, que gritou em aclamação.

— Vocês concordam em se submeter à autoridade de Sarah enquanto marchamos, mesmo que ela esteja sem isso?

— Sim! – o povo gritou unânime.

— Que assim seja, então – ratificou Jael.

Nesse momento, um homem grande e um pouco hesitante, se aproximou. Era Izaque. Ela aguardou que ele falasse, mas a vergonha o dominava de tal maneira que sua cabeça mantinha-se baixa.

— Não precisa manter sua cabeça baixa diante de mim, rei de Midani. É meu aliado e meu amigo.

O homem olhou para ela, surpreso.

— Eu a entreguei covardemente a Babilos. Como pode me perdoar?

Ela sorriu.

— Você mostrou o que é capaz de fazer para salvar aqueles a quem ama. Foi uma atitude egoísta, mas não um ato individual. Arriscou toda a causa da Profecia para salvar e preservar o povo que ama.

Ele concordou tristemente.

— Mas, eu lhe pergunto onde se encontra o seu coração agora? Por quem lutará?

— Midani lutará pelo cumprimento da Profecia, pela queda de Salema e Babilos, pela volta da luz dos Tronos. O meu coração está nisso.

— Nesse caso, vamos esquecer o que houve. Recebo você e sua tribo como parte do meu povo.

Ele ergueu a espada e pôs a mão no peito.

— E nós, midanitas, nos submetemos ao shofar de Héber. Lidere—nos, Jael, e verá até onde vai a nossa fidelidade.

Quando Jael voltou à frente do exército, tomou o seu lugar ao lado de Deborah. Hulda, finalmente, tivera tempo de chegar até ela e chorar como uma mãe amorosa ao reencontrar uma filha que julgava quase morta. A profetisa, naqueles dias, estava com o coração vulnerável. Ela sentia sua força se apagar diante das emoções. A tristeza, por muitas vezes lhe enchia o semblante, que ela buscava ocultar sob o capuz do manto sacerdotal. À pedido de Deborah, Nathan e Miriam dariam o apoio necessário a Hulda, a fim de que ela pudesse ter suas forças restauradas novamente.

Os sacerdotes, posicionados na frente da Marcha, seguiam montados em jumentos. Atrás deles, vinham as duas Luminares. Hulda, Nathan, Miriam e Otoniel permaneceram ao lado delas, como conselheiros.

— Pretende iniciar o cerco ainda hoje? – perguntou Jael. – Nesse ritmo chegaremos aos montes de Salema ao anoitecer.

— Não, ainda é cedo para isso. O exército tem que descansar. Nas Cavernas, fizemos uma parada muito rápida. Eles

mal tiveram tempo de sair dos cavalos.

— E onde pretende parar essa noite?

— Após cruzarmos o Grande Rio, há uma planície que servirá de acampamento. Talvez seja necessário demorarmos um pouco por lá. Existem decisões quanto ao cerco que devem ser tomadas. Cada um precisa saber como agir durante esse período.

— Teremos tempo de conversar, então? – havia ansiedade na voz de Jael.

— Precisamos conversar. Isso é indiscutível. Não chegarei aos montes de Salema, sem que tudo seja esclarecido antes.

Jael olhou para a irmã e viu como ela apertava a rédea do cavalo.

— E como você está, minha irmã?

— Cansada, Jael. Estou cansada de tentar fingir uma força que não tenho. O meu destino se aproxima de mim e a cada passo, eu sinto o meu coração fraquejar.

— E o que a mantém em pé?

Ela sorriu e olhou para o céu.

— O sol me dá esperanças. Ele é o sinal de que uma promessa será cumprida muito em breve.

Elas continuaram em silêncio até o cair da tarde.

CAPÍTULO 31

O Cerco de Salema

Quando cruzaram o rio e Deborah ordenou que o acampamento fosse levantado, a movimentação entre os exércitos foi intensa. Ainda era cedo para as fogueiras serem acesas, então, o trabalho imediato foi o de armar barracas e preparar um cercado para os cavalos. A planície entre o rio e as montanhas que circundavam Salema era extensa, e poderia muito bem ser o palco de um campo de batalhas. A paisagem trazia a mensagem da guerra para os mais ansiosos. Deborah fez questão de passar por cada agrupamento e conversar com seus líderes pessoalmente. Tirou algumas dúvidas e deixou clara a intenção de passar o dia de amanhã preparando as estratégias do cerco. Ela não passou pelos

Queneus, pois conversaria diretamente com Jael. Quando Deborah voltou, estava tão cansada que tudo o que fez foi entrar na barraca e se deitar. O sono veio com o tempo de ela fechar os olhos. O sonho também veio. Eram imagens que já passaram por seus olhos antes.

“O pátio do templo com a figura central que representava a deusa; a sua volta, a fonte de águas claras continha sangue. Ela viu a menina que lhe oferecera flores. A garotinha segurava a garganta e se tremia em pé ao lado da fonte. Deborah percebeu que seu pescoço sangrava. Em seguida, a imagem mudou. Ela agora acompanhava uma multidão agitada. Todos gritavam ensandecidos, com ódio de alguém. Ela passou por entre aquelas pessoas e viu um homem arrastando um menino até uma pedra lisa e lapidada como uma mesa. Ele trazia um machado na mão e o garotinho olhava para ela com os olhos de súplica. Ela também já os vira antes. O homem colocou o braço do menino sobre a mesa e ergueu o machado na altura da mão, para decepar-lhe o dedo”.

Quando o machado caiu fazendo um arco, ela acordou sentando-se na cama. Estava ofegante e o suor escorria-lhe pela testa. Lá fora, já era noite e uma fogueira tinha sido acesa. Ela aguardou alguns minutos, até o seu coração normalizar as batidas. Em seguida, respirou fundo e saiu da tenda. Jael estava de frente para a fogueira e colocava alguma coisa dentro de uma panela. Deborah sentou-se ao seu lado.

Jael olhou para ela com atenção.

— Por que está se esforçando tanto? Tem pessoas para ajudar. Não precisa fazer tudo sozinha, Deborah.

— Eu precisava ocupar minha mente – ela falou enquanto pegava um odre com água e sorvia uns goles.

— E adiantou?

— Não muito – Deborah respondeu, lembrando-se do sonho.

Jael tampou a panela e se recostou numa pedra.

— Como estão os Queneus?

— Felizes com minha volta e cheios de fidelidade a você, como sempre estiveram.

Deborah, então, a olhou com mais atenção.

— Existe algo lhe perturbando, Jael. Eu sei disso. Por que não me conta?

— Vamos dar uma volta.

— E a sopa?

Jael riu e retirou a panela do fogo.

— Vai estar aí, quando voltarmos.

Deborah a acompanhou em silêncio até o cercado onde puseram os cavalos. Bruma e Solaris não estavam entre eles, pois se acostumaram a ficar soltos no pasto e sempre perto das donas. Deborah cruzou os braços e esperou. Jael, então, lhe contou sobre o veneno que havia no chicote e sobre o encantamento que estava sobre ele. Ela expôs o medo que estava sentindo por servir de elo entre elas e as forças de Salema e Babilos.

— Se não fosse a cobertura dos sacerdotes, a sua localização já teria sido descoberta pela rainha.

— Assim como a sua – Deborah completou.

Jael balançou a cabeça.

— Ela não precisa mais de mim, Deborah. Você é o grande prêmio, agora.

Deborah não respondeu e baixou a cabeça em reflexão.

— Como fez aquilo? – perguntou Jael. – Como entrou na minha mente?

Deborah lhe contou tudo, desde que tivera a intenção de ir direto a Babilos, até a teoria de Nathan sobre elas serem “gêmeas geradas pela Profecia”. Ela teve apenas que juntar alguns fatos, para ter certeza do que tinha que fazer.

— O que aconteceu em Gades conosco derrubou essas barreiras? – Jael perguntou.

— Isso mesmo. Aquela experiência nos mudou Jael. Tornou—nos mais fortes para suportar o insuportável.

Jael estremeceu ao se lembrar das torturas pelas quais passou, mas lhe veio a mente algo mais sinistro. Se Atalia fez

aquilo com ela, o que não faria com Deborah? Afinal, o ódio que a rainha sentia pela Guardiã, não era nem metade do que sentia pela Herdeira, a quem perseguia desde o nascimento.

— Eu poderia fazer isso também?

Deborah respirou fundo.

— Assim como eu fiz, acredito que você também possa fazer. O que aconteceu, aconteceu com nós duas.

— Me diga como – Jael pediu.

Deborah olhou-a, preocupada.

— Jael, me prometa que não vai fazer isso.

— O quê?

— Entrar na minha mente, quando for a minha vez.

Jael balançou a cabeça sem compreender.

— Por que não? Eu não a deixaria sozinha. Seria uma maneira de estar ao seu lado, irmã.

Deborah pôs as mãos sobre os ombros da irmã e a olhou nos olhos.

— Não quero que me sinta morrer.

Jael sentiu o choque daquelas palavras e desviou os olhos. As duas voltaram sem falar muito, para que o assunto não lhes fosse pesado. Mas ainda havia uma questão que Jael queria expor.

— E quanto a mim?

Deborah parou e olhou para ela.

— Sou um risco para você.

— Não enquanto estiver dentro da proteção dos sacerdotes. A presença deles aqui torna o lugar tão seguro quanto um dos lugares antigos. Além disso, temos a proteção do exército, que não é pequeno.

— Mesmo assim, não me sinto segura quanto a isso.

Deborah pensou um pouco.

— Jael, talvez isso venha a ter um propósito.

— Como assim? O que exatamente, nesta história toda, teria um propósito?

— Não se preocupe com isso, agora – ela pegou o braço da irmã e ambas voltaram a caminhar. – O tempo dirá o que devemos fazer.

O cerco começou dois dias depois. As tropas se espalharam ao longo da margem norte do rio e cobriram todo o perímetro de Salema. O exército de amazonas foi colocado sobre as muralhas da cidade. Atalia observava tudo da torre do palácio. Aquilo não a preocupava, pois Babilos estava a caminho com um exército duas vezes maior do que aquele. Além disso, havia Edonia e Amal, os dois novos aliados. Ela precisava apenas manter a calma de suas amazonas, principalmente da capitã, Kyara. Além do mais, ela já esperava por isso. Deborah, enfim, veio até ela. A deusa estava movendo seus inimigos e eles não estavam percebendo. A menos de um mês do Solstício e acontecia o milagre.

Ela tentara usar a magia para alcançar Jael, ou atingir Deborah, mas foi inútil. Segundo os sacerdotes de Babilos, que estavam morando no palácio, havia sido criado algum tipo de escudo de proteção espiritual. Aquilo a preocupou. Talvez, pegar a Herdeira não fosse assim tão fácil. Mas ela confiava na deusa a qual servia e sabia que tudo iria se reverter ao seu favor, no final.

Anrafel estava à frente do grande exército de Babilos. Eles ocuparam as montanhas ao sul de Salema e aguardavam o início da batalha. Edonia já havia chegado e os homens, como era do seu costume, esconderam-se por entre as rochas da montanha. Os saqueadores de Amal seriam úteis para batalhar contra quenitas e midanitas.

Como mandava a regra em toda a batalha, nenhum dos exércitos atacaria antes de ser afrontado primeiro. A força de Hazorah continuava apenas na intimidação do cerco. Aquilo começou a inflamar os homens e as mulheres mais exaltados e impacientes. Houve problemas com as tropas de Quedes e com os homens do Litoral. Eúde, porém, conseguiu acalmar os ânimos mais uma vez.

A Ordem cuidava de não deixar nenhuma caravana entrar na cidade. Muitas já haviam chegado meses antes e Salema já se encontrava lotada para a festa do Solstício. Pela movimentação dentro da cidade, eles pareciam confiantes na própria força, e na de seus aliados. Quando questionavam Deborah sobre o motivo dela

não ter ordenado um ataque antes que as forças de Babilos tivessem chegado, a resposta que ela dava era uma só. Barak era o sinal. Era necessário aguardar a sua chegada.

Nathan encontrou Jael jogando pedras no rio.

— Você me parece estar bastante ocupada – ele disse sorrindo.

Ela tomou um susto e largou a pedra que ia atirar. Nathan assumiu um olhar preocupado.

— Desculpe, eu não pensei que estivesse tão distraída.

— Aconteceu alguma coisa? – ela perguntou.

— Desde que o cerco começou você tem evitado o acampamento principal. Por quê?

Ela sentou-se numa pedra grande e lisa.

— Porque eu sei que Deborah vai me interrogar novamente sobre algo que eu quero esquecer.

Ele aproximou-se e pousou a mão no ombro dela.

— Jael, ela só quer que você ponha isso para fora. Caso contrário, como suportará tudo o que está por vir?

Subitamente, aquilo que não podia ser mais contido, explodiu. Jael colocou o rosto entre os joelhos e chorou o que tinha que chorar. Ela jogou sobre Nathan tudo o que estava sentindo, e também o que sentiu e o que passou em Babilos. O medo, a dor, a vergonha por ter sido açoitada como um animal.

— A tortura tira a dignidade que existe dentro de você – ela sussurrou entre lágrimas. – E quando você pensa que acabou, vem a revelação de que foi usada em seu próprio corpo, a fim de prejudicar aqueles a quem ama.

Ela enxugou o rosto com a manga da túnica.

— Eu não queria despejar isso sobre Deborah. Não é algo que eu gostaria que ela soubesse. Não por mim, mas por ela. Uma coisa é se estar consciente de que vai ter que passar por algo assim, como ela parece estar, mas outra, bem diferente, é vivenciar aquilo. Eu não poderia contar pra ela.

— Eu entendo você – Nathan falava a verdade. – Mas, agora que conseguiu chorar e soltar um pouco essa dor, volte. Ela

precisa do seu apoio.

Jael concordou.

— Obrigada por me ouvir calado, Nathan.

— Acho que lhe conheço um pouco, Jael.

Ela sorriu e beijou a mão dele em agradecimento.

Deborah estava sentada na sombra de uma árvore. De lá, ela observava a muralha da cidade e o movimento das amazonas sobre os muros de Salema. Maalá se aproximou trazendo alguém com ela. Deborah reconheceu o velho Silas e correu para abraçá-lo. O homem sorriu feliz ao reencontrá-la.

— Minha caravana se atrasou este ano – ele explicou. – Fomos proibidos de entrar por causa do cerco. Fico feliz por isso ter acontecido. Se eu estivesse lá dentro, talvez não surgisse uma oportunidade de rever você.

— Conte-me como tem andado sua vida, Silas. Acredito que tenha muitas histórias para me distrair.

Deborah passou o dia na companhia de Silas. O velho amigo lhe fez esquecer os problemas com suas histórias de viajante. Quando ele voltou para sua caravana já estava anoitecendo. Ela encontrou Jael a sua espera na tenda e sorriu ao vê-la.

— Senti sua falta, minha irmã.

— Nathan me ajudou – ela sabia que Deborah entenderia.

– Eu estou bem agora.

Deborah decidiu que não pressionaria mais Jael com perguntas. Elas tinham tão pouco tempo.

— Que tal um pouco de treino? – Jael convidou.

— Espadas ou arco?

— Não pode ser os dois?

As duas saíram em busca de um lugar tranqüilo.

Quando Deborah e Jael voltaram, mais visitas as esperavam. Simeão e Ana haviam cruzado o rio, pois Shilloh ficava na área desprotegida, e foram ao encontro da neta. Deborah abraçou os avós com emoção. Jael ficou com eles e compartilharam

a mesma refeição. Em seguida, Ana chamou Deborah, e juntas entraram na tenda.

A conversa entre avó e neta foi de cunho muito particular. Simeão, que esperava do lado de fora com Jael, mostrava a paciência de quem já sabia do que se tratava.

Quando elas saíram da tenda, Ana trazia os olhos vermelhos. Deborah olhou com ternura para o avô.

— Saíam de Shiloh – ela pediu. – Venham para cá e fiquem na segurança do acampamento.

— O santuário não pode ficar desamparado – Simeão falou.

Avó e neta trocaram um olhar.

— Enquanto a chama arder em seu jardim, ele não estará desamparado – afirmou Ana.

— Concorda em ficar, então? – o marido parecia surpreso.

— Sim, eu concordo. Deixe o santuário cumprir o seu papel.

A mulher afastou-se e deixou Simeão sem entender suas palavras. Ele se desculpou e seguiu a esposa. Jael olhou para a irmã e soube que tinha algo a ver com a Profecia. Deborah tentou sorrir, mas havia tal peso em seu peito, que ela preferiu baixar a cabeça e evitar o olhar. Jael pôs a mão no ombro dela.

— Tudo bem? Quer conversar?

Deborah enxugou os olhos com a palma da mão. Jael não a via chorar assim há muito tempo.

— Precisamos falar sobre coisas as quais não queremos Jael. Venha comigo. Eu quero lhe mostrar algo.

Agora, o coração de Jael estava pesado enquanto seguia Deborah pela margem do rio. Era uma noite escura, pois a lua estava encoberta pelas nuvens. Soprava um vento frio que fazia todos se encolherem em seus agasalhos. Elas pararam em um local distante do acampamento. Era um lugar escondido por entre as árvores. Lá, havia uma trilha que vinha do norte e atravessava o

rio, seguindo em direção às montanhas localizadas a leste da cidade.

No meio do rio tinha uma ponte. Era estreita, de madeira já meio apodrecida pelo tempo. Jael a olhou e sentiu um calafrio ao se lembrar de uma visão compartilhada entre elas há muito tempo, quando ambas, em lugares diferentes, lutavam por suas vidas. Naquela ocasião elas não chegaram a cruzar a ponte. Deborah encostou-se numa árvore e fechou o agasalho em volta do corpo.

— Minha avó teve uma visão – ela explicou com a voz baixa e sussurrante. – Essa visão não veio até ela agora, mas da primeira vez em que me viu. Ela viu à minha morte, antes mesmo que a Profecia fosse aberta.

Jael aproximou-se.

— Como isso seria possível?

— Porque ela vivia em Shilloh, o último lugar sagrado dessa terra. A visão tinha um propósito. Minha avó veio até mim hoje, para me mostrar o que vai acontecer.

— E o que vai acontecer? – Jael perguntou pausadamente. Deborah respirou fundo, e falou com a voz sufocada.

— Ela teve uma visão parcial do que vai me acontecer. Ana me viu ser presa em Shilloh. É para lá que eu tenho que ir, Jael. Jael olhou em direção ao leste.

— Shilloh está na área desprotegida – ela murmurou. – Sua armadura lhe dá imunidade e lhe torna invisível aos olhos da rainha, mesmo que atravesse o rio. Como pretende ser encontrada lá?

Deborah caminhou até a ponte e olhou para Jael.

— Precisa cruzar essa ponte comigo quando chegar a hora, Jael. Lá, do outro lado, você estará exposta. Precisa me levar até Shilloh.

Jael franziu a testa. Ela balançava a cabeça sem acreditar no que tinha ouvido.

— Não pode me pedir para fazer isso! Não pode!

Deborah não podia ser menos cruel com a irmã.

— Você me prometeu Jael. Um dia você disse que gostaria de cruzar essa ponte comigo, quando chegasse a hora.

— Não essa ponte, Deborah! Eu morreria com você, se eu pudesse lhe seguir. Mas, eu sei que esse é um caminho só seu. Não me peça para levar você para a morte, minha irmã.

Deborah deu um sorriso triste.

— Eu realmente não posso fazer isso sozinha, Jael. Não por covardia ou medo, mas pela situação. A força que há em mim, impede que meus inimigos me vejam. Eu preciso de você.

— Eu tenho suportado o fato de trazer essa “capacidade” dentro de mim, contra a minha vontade. Agora, você me pede para torná-la útil? Babilos, no final, lhe fez um favor ao me usar!

Deborah pegou as mãos dela.

— Não, Jael! O poder de Babilos é que foi usado em favor da Profecia. Havia uma razão para o que aconteceu.

As palavras de Deborah atingiram Jael com a força de um raio. Uma razão? Naquele momento, pela primeira vez na vida, Jael teve raiva da irmã. Deborah sentiu o choque daquele sentimento e, dando um passo para trás, virou-se de costas.

— Talvez seja melhor assim – ela murmurou. – Me odeie, Jael. Vai ser mais fácil para você cumprir o seu papel.

Sem nada responder, ela deixou Deborah sozinha e voltou para o acampamento.

CAPÍTULO 32

Despedidas

Atalia mantinha contato com Anrafel. Babilos aguardava um sinal de Salema para atacar. Mas a rainha não queria ordenar o massacre antes do dia do Solstício. Ela tinha planos que queria concretizar. Queria o exército de Deborah abalado psicologicamente e vulnerável para entrar em qualquer batalha. O sacrifício, daquela em quem eles colocaram toda à sua esperança, desestruturaria todo o exército. Mas o tempo estava passando e ela não conseguia penetrar no estranho campo espiritual que fora levantado pelos sacerdotes das Cavernas do Sal.

A sacerdotisa-chefe do templo a esperava no pátio, junto a estátua da deusa. A mulher a havia chamado para lhe mostrar

uma coisa. A cor da água na fonte estava da cor do sangue! Atalia parou espantada ao ver aquilo.

— Será um mau presságio?

A sacerdotisa sorriu.

— Alegre-se, Atalia. Esse é o sinal de que um grande sacrifício será oferecido a nossa deusa. Ela já o aceitou previamente. Isso quer dizer que o que você planeja, vai acontecer.

Atalia, no lugar de voltar ao palácio, cortou caminho pelo corredor subterrâneo que ligava o templo ao anfiteatro. Um sacerdote de Babilos havia sido colocado como responsável pelo setor. A rainha encontrou o sacerdote em uma sala ampla, cheia de mesas e prateleiras contendo potes e caixas cheios de porções e objetos de culto. Ele verificava os instrumentos usados nas mais diversas execuções e os separava dizendo palavras mágicas ao pegar cada um. Era nisso que consistia o poder de Babilos.

— Onri – ela chamou.

O velho virou-se e fez uma reverência ao ver a rainha.

— Majestade! O que a traz aqui?

— Vim lhe dar algumas instruções que devem ser seguidas antes do sacrifício deste ano.

O homem soltou o instrumento que segurava.

— Tem algo a ver com a caixa que sua capitã me trouxe outro dia?

Atalia sorriu.

— Você é um homem muito perspicaz, Onri. Espero que não tenha aberto aquela caixa.

— Não, mas gostaria de ter a honra de usá-la no dia, já que parece tão importante.

O semblante da rainha se tornou sombrio.

— Essa honra será minha, Onri. Somente minha.

O velho pareceu desapontado e aguardou respeitosamente que a rainha falasse.

— Um dia antes do sacrifício, acenda o fogo sobre a mesa sagrada.

— Pretende oferecer alguma oferta queimada?

— Apenas faça o que eu estou ordenando – a voz da rainha era dura. – Eu quero aquele fogo queimando o dia todo, entendeu?

Ele abaixou a cabeça num gesto de concordância.

— E não ouse abrir aquela caixa antes de mim. Do contrário, você irá experimentar um de seus queridos instrumentos no próprio corpo.

O corpo do sacerdote estremeceu com a ameaça.

Deborah agradeceu ao Pai pelo exército estar tranqüilo. Não houve reclamações naquela semana e o que pairava no ar era uma ansiedade em torno da volta de Barak e do sinal para a batalha. Eles pareciam ter entendido isso. Jael sumira. Segundo Hulda, ela entrou na tenda, pegou o arco e se foi. Sarah não via Jael a duas noites. Ela não havia aparecido no acampamento quenita e o povo começava a ficar preocupado. Deborah apenas ouviu, mas nada comentou.

Naquele momento, ela cavalgava Bruma em direção à casa de Zípor. A velha parteira já fora vê-la no acampamento, mas Deborah estava em algum lugar no meio das tropas. Quando ela chegou à casa, viu com alegria que a filha de Zipor, Ofra, tinha um garotinho nos braços. Era um garotinho de quase dois anos, exatamente o tempo que havia passado desde a sua visita a Salema. Zipor e a filha a esperavam na entrada. Deborah desceu do cavalo e o deixou livre. Abraçou às duas mulheres e pegou o menino nos braços. Ele, imediatamente, se encantou pelos cabelos dela e ficou brincando com a trança bem feita.

— Obrigada, Deborah – disse Ofra. – Graças ao que você ensinou para minha mãe, eu pude ter minha alegria de volta.

— E me parece uma alegria bem saudável – ela beijou a barriga do menino, fazendo-o se encolher.

Ela o devolveu a mãe e entrou de braços dados com Zipor.

— Procurei você no acampamento, mas parecia bem ocupada.

— Não tem sido fácil segurar os mais exaltados.

Elas entraram e conversaram sobre as muitas coisas que ocorreram desde que Deborah se fora. Zipor ficou aliviada ao saber que Ana e Simeão estavam seguros no acampamento.

— Amanhã a noite o meu genro estará voltando das montanhas com muitos produtos novos. Ele comercializa nossos produtos com as vilas da montanha. Venha depois de amanhã. Traga seus amigos mais íntimos e vamos compartilhar um jantar.

Deborah sorriu e a abraçou.

— Faça o que diz o seu coração. Estaremos aqui.

No caminho de volta, Deborah se perguntava onde estaria Jael. Ela havia se fechado para qualquer tipo de contato mental. Deborah não conseguia sentir se estava perto ou longe. No final de tudo, parece que ia estar mesmo sozinha.

A idéia do banquete que Zipor ia oferecer foi agradável para todos. No dia, ainda pela manhã, Nathan procurou Deborah em sua tenda. Ela estava sentada no chão, de pernas cruzadas, polindo a espada. Ele entrou e sentou-se no catre estreito que servia de cama. Ela sorriu para o amigo, mas continuou trabalhando.

— O tempo parece estar parado – ele comentou. – Não se houve ninguém conversando sobre a guerra. Parece que todos aguardam algum acontecimento repentino.

Ela soltou a espada sobre o colo, mas permaneceu em silêncio.

— Quando vai acontecer? – ele perguntou.

— Hoje à noite – ela não teve coragem de olhar nos olhos do amigo.

— Como pode saber? Ainda falta um dia para o Solstício.

Ela encostou a cabeça no colo do sacerdote e amigo.

— O meu coração sabe.

Ele começou a passar a mão sobre os cabelos dela.

— Por que não compartilhou isso conosco?

— A espera é muito dolorosa, Nathan. Eu queria poupá-los disso.

Eles ficaram em silêncio. Nathan podia sentir as lágrimas de Deborah que caíam sobre o seu colo. Por mais que ele quisesse, não havia nenhuma maneira de confortá-la.

— Jael voltará Deborah. Ela não vai deixar você sozinha nessa hora.

— Ela já me deixou, Nathan. Ela já fez sua escolha.

Havia uma conformação triste na voz da moça. Aquele fora um fato que ela não previra e que a dilacerava por dentro.

— Posso lhe pedir uma coisa? – ela ergueu a cabeça e o fitou nos olhos.

— O que é?

— Não conte a Hulda.

— Deborah, ela tem que saber!

Deborah se levantou e foi sentar-se no outro catre.

— Ela não tem sido a mulher forte de antes, Nathan.

— Mas ela ainda é uma profetisa, filha. Ela sente que algo vai acontecer. Não pode esconder isso dela.

Nathan estava certo. Deborah encontrou Hulda a sua espera nas margens do rio. Ela estava só e parecia ter passado a noite sem dormir. As duas se olharam numa comunicação sem palavras. Por fim, a mulher abriu os braços e Deborah se aconchegou a eles.

— Quando vai aprender que não pode fazer tudo sozinha? – Hulda falou de uma forma carinhosa. – É para isso que nós existimos. Para servirmos de suporte uns para os outros. Você é minha filha, Deborah. Sempre foi. Desde que a peguei nos braços e lhe dei o primeiro leite que bebeu. Eu a vi crescer a cada ano em que ia até Gades, e sentia o orgulho crescer dentro de mim. E continuo tendo esse orgulho ao ver no que você se tornou.

— Eles vão me odiar, mãe – ela murmurou ainda nos braços da profetisa. – Todos aqueles que colocaram suas esperanças em mim, irão se sentir enganados, traídos.

— Será um sentimento passageiro. Você sabe que o fim não será assim.

Deborah afastou-se e virou-se para o rio.

— Sim, eu sei. Mas um véu desceu sobre mim. A visão que me trazia esperança desapareceu. Eu só vejo aquilo que não queria ver. Tento me manter firme, mas a angústia começa a me dominar.

— Eu gostaria de poder oferecer o conforto que você precisa.

— Fique firme por mim. Ajude a manter o exército de pé. Converse com os líderes e lhes exponha a verdade. Se isso tem que acontecer, que seja da maneira certa. Eles precisam continuar aguardando o sinal.

Hulda prometeu que o faria.

O banquete foi organizado e desenvolveu-se em meio a um ambiente descontraído. Além de Deborah e dos sacerdotes mais íntimos, Maalá e Sarah, Miriam e Rute, Eúde e Silas, Simeão e Ana completavam a lista dos convidados. Havia uma tranqüilidade reinante entre o exército, que foi considerada como um bom sinal. Silas divertiu a todos com suas histórias; Sarah cantou algumas canções antigas de Gades; O clima se desenvolveu nesse ritmo até o final do banquete, quando Deborah ergueu uma taça e olhou para os amigos ali reunidos.

— Eu gostaria de brindar a todos vocês. Cada um que está aqui, de uma forma ou de outra, pôs o seu nome gravado na história. Alguns com bravura, outros com fé. Acreditem na causa que abraçaram, meus amigos – a voz dela começou a ficar embargada, e os olhos úmidos. – Nunca deixem que a esperança desse dia se dissolva. Seus corações foram moldados e fortalecidos para entender essa guerra. Mantenham-se firmes e não deixem que as circunstâncias apaguem o que construíram. Quando tudo parecer difícil, olhem para cima e saibam que depois da noite, o sol surgirá. É assim que o Pai fala conosco.

Ela virou-se para Zípor, que se encontrava aconchegada com o neto no colo.

— A você, Zipor, que não pensou na própria segurança quando ajudou Hulda a fugir comigo nos braços. Seus filhos iam ser mortos pelo que fez, mas o Pai já protegia a sua vida naquele tempo.

— Maalá, minha amiga, o que eu posso dizer? Você, que tanto tempo de sua vida doou para ver a Profecia se cumprir. E hoje, aqui, demonstra que seu vigor apenas se multiplicou. Ser comandante de um exército não é uma tarefa fácil.

— Sarah, eu conheço você desde criança. Crescemos juntas em Gades. Eu agora a vejo aqui, após ter tomado uma decisão que seus líderes não foram capazes de tomar. Uniu-se a uma causa em que acredita. Arriscou sua vida para salvar uma amiga, não uma Luminar. Dou a você o meu voto de confiança e o meu agradecimento sincero.

— Éúde, Barak sempre confiou em você como a um irmão. Sua liderança junto aos homens de Quedes tem evitado muitos problemas. Mostrou-se um líder sábio, tolerante e que não se importa em ouvir. Essa é uma qualidade sua que eu admiro e aplaudo. Continue sendo um dos baluartes desse exército.

— Silas, eu adoro suas histórias! Elas me fizeram muito bem na primeira vez em que vim a Salema. Lembro-me de como você me aceitou como companhia sem fazer perguntas. Através de você, eu conheci um pouco da bondade que há no mundo.

— Miriam e Rute. Amizade, irmandade. Não sei como defini-las. Encontrei um lar entre vocês, naquela pequena casa em que fui buscar abrigo. Rute, minha pequena Rute! Você me elegeu como a “Herdeira”, antes de qualquer um. Para você, eu só precisava acender a Tocha para oficializar isso. Existe um lugar que é só de vocês em meu coração.

— Simeão e Ana, meus avós! Único vínculo de sangue familiar que possuo. Nunca, em minha vida, imaginei encontrá-los vivos. O pouco tempo que passamos juntos me ensinou que não existe tempo perdido. O amor não acaba, mas se renova. Não chore, Ana! Alegre-se, porque tudo vai se cumprir, e isso só vai acontecer porque cada um fez o seu papel.

— Otoniel, sempre fiel à letra escrita e imutável da Profecia. Sua rigidez me tirou do sério muitas vezes, mas também me ensinou. Você é um homem íntegro e fiel. Luta pelo que crê e não dá as costas aqueles a quem ama. Apesar de tudo, sempre estive do nosso lado. Tenho muito a lhe agradecer.

— Miriam, a profetisa. Não tive o prazer de conhecê-la antes, mas devo a você o meu primeiro leite. Têm se mostrado uma boa conselheira e uma sábia mulher. Salvou a vida de Jael e a ajudou quando mais precisava. Eu só sinto o fato de não a termos tido conosco desde o início.

— Nathan, as palavras me faltam para falar de você, meu amigo e conselheiro. Acho que nessa terra, você é o único pai que conheci. Compreendendo-me com apenas um olhar, me exortando durante as minhas falhas. Cuidou de mim fisicamente, mentalmente e espiritualmente. Quantas vezes o seu conhecimento não me salvou a vida?

— Hulda, minha mãe. As lágrimas teimam em me impedir de falar. Amor é a única palavra que poderia descrever você. Foram seus braços que me seguraram enquanto fugia por esses montes.

Sua voz que me acalentou a cada choro. Era seu rosto que eu ansiava ver, a cada ano de visitação em Gades. Amo você.

Ela voltou-se para um lugar vazio.

— Jael não está aqui. Eu esperei que viesse. Uma esperança vã, eu acho. Minha irmã, minha amiga, minha outra face. Sem ela aqui, eu me sinto sozinha. A fidelidade de Jael é incondicional. Lembrem-se disso, todos os que estão aqui. Ninguém me foi mais fiel na vida do que ela. Uma flecha não me atingiria se ela pudesse se jogar na frente.

Quando terminou de falar, ela se afastou da mesa e ficou de costas. As lágrimas banhavam o seu rosto. O silêncio ficou pesado até ser cortado pela voz juvenil de Rute.

— Deborah, por que você fala como se fosse uma despedida?

— Não é uma despedida, Rute – ela explicou ainda de costas. – Eu só abri o meu coração. Vocês todos me são muito queridos.

Quando o banquete terminou, todos começaram a se dispersar. Deborah chegou-se a Nathan e Hulda. Ela segurava as rédeas de Bruma.

— Você não vai voltar conosco, não é? – Hulda perguntou.

— Não, eu não vou.

Ela, então, se ajoelhou diante deles.

— Por favor, me dêem sua bênção.

Nathan e Hulda se entreolharam. Ambos sentiam o coração dilacerado. Eles esticaram as mãos trêmulas e as puseram sobre a cabeça de Deborah. Nathan proferiu as palavras antigas de bênção e Hulda as completou. Ela, então, levantou-se e abraçou os dois. Um abraço rápido para evitar mais dor. Em seguida, sem mais nenhuma palavra, ela os deixou.

Quando Deborah chegou à ponte, desmontou e afagou a cabeça de Bruma.

— Volte para o acampamento, meu amigo.

Ele relinchou em protesto, e ela encostou o rosto no pelo macio e brilhante.

— Também amo você, mas não pode me seguir. Agora, vá! Vamos nos ver em breve.

Num trotado leve, ele se foi, confundindo-se com a escuridão da noite. Ela caminhou até a ponte e fechou os olhos tentando tomar coragem.

— Pretende mesmo fazer isso sozinha?

Deborah abriu os olhos e se voltou. Jael saiu do meio das árvores. Ela ainda trazia o arco cruzado no ombro. Por um momento, nenhuma falou.

— Eu tentei odiar você, Deborah – começou Jael. – Mas eu não pude. Não faz parte de minha essência odiar você.

— Sei que mereci sua tentativa.

— Não. A verdade é que você estava certa. Há um propósito para tudo nessa vida. Minha revolta me cegou para a verdade.

Deborah aproximou-se e pegou nos cabelos da irmã.

— Jael, você me fez tanta falta.

Jael sorriu.

— Eu não vou te abandonar agora.

Ela apontou para a ponte.

— Está pronta?

Deborah riu nervosamente.

— Pronta? Não, eu não estou pronta. Mas irei mesmo assim.

As duas deram-se as mãos e foram juntas para a ponte. Uma névoa subia do rio, tornando o caminho encoberto mais na frente.

— Igual à visão – Jael comentou.

Elas foram andando com cuidado, pois a madeira era velha. Quanto mais a margem se aproximava, mais o coração de Deborah se oprimia. Elas continuaram até alcançar a outra margem. Jael respirou fundo.

— Quando eu pisar fora dessa ponte, à rainha imediatamente saberá em que região estou – ela virou-se para a

irmã com o olhar cheio de tristeza. — Não haverá mais volta.

Deborah olhou firme para ela.

— Você é a Guardiã, agora, Jael. Faça com que a Profecia se torne real.

Elas apertaram mais as mãos e pisaram juntas sobre a margem.

Atalia sentiu o chamado do poço das visões. Ela estava na torre, observando o evento celeste que marcava a importância daquele Solstício. Afastando-se da janela, ela correu para a beira do poço e olhou. Jael! Ela a encontrou, finalmente. Podia ver nitidamente a imagem da moça se projetando através da água. Sua intuição lhe deu a direção no mesmo instante. A rainha foi até a porta e gritou com uma das amazonas que montavam guarda.

— Localize Kyara e mande que envie uma patrulha para a região leste das montanhas. A Guardiã foi localizada.

Elas subiram o caminho estreito, e quase desconhecido, que levava ao Santuário de Shilloh. A lua não estava ajudando muito e a escuridão era quase total. Quando avistaram o muro do santuário, Deborah parou e se voltou para a irmã.

— Chegamos. Agora, você precisa voltar.

Jael hesitou.

— O que vai acontecer agora?

Deborah olhou para o santuário.

— Existe algo que eu preciso fazer, antes que me encontrem.

Jael a abraçou com força.

— Por que eu não posso ficar com você?

— Foi para esse momento que eu nasci, Jael – murmurou Deborah. — É minha missão e de mais ninguém.

As duas se separaram.

— Vá, por favor – Deborah pediu. – Não gostaria de vê-la cair nas mãos de uma patrulha amazona.

— Deborah, eu...

Deborah sorriu.

— Não precisa usar palavras. Agora, vá, por favor!

Jael virou-se e correu pela trilha com a agilidade de uma caçadora experiente. Deborah analisou o ambiente a sua volta e correu para a entrada do santuário. Ana havia lhe dado à chave da porta. Estava tudo pronto para o ato final.

CAPÍTULO 33

Captura em Shilloh

Deborah fechou o portão. A solidão a envolveu e ela nunca sentiu a noite tão ameaçadora como naquele momento. No meio do jardim, a chama que tornava o lugar sagrado ainda ardia. Ela ajoelhou-se diante da chama e encostou a testa na coluna que lhe servia de base. Um vento frio a fez estremecer e cruzar os braços em volta do corpo. Olhando para o céu, ela agora podia distinguir os contornos da lua que começava a empalidecer embaixo de camadas de nuvens. Sumindo, assim como ela.

— Que a armadura que me protege, seja retirada de mim.

A sensação de vazio e solidão que a envolvia passou a envolver o seu íntimo. A angústia de sentir que algo que lhe pertencia, estava sendo arrancado de dentro dela era quase insuportável. Ela cerrou os dentes e soltou um gemido. O corpo dela tremia como se estivesse nua e exposta ao vento. Quando a ventania foi baixando de intensidade, ela respirou fundo. Estava feito, ela sabia. O seu espírito e o seu corpo estavam prontos.

Jael chegou à margem do rio e correu até encontrar a ponte. Olhou para trás e teve vontade de voltar, mas respeitaria o desejo de Deborah. Tinha que ser feito daquela forma. Ela se arrependia por ter deixado a irmã durante um tempo de tanta fragilidade. Foi uma longa batalha que travara com ela mesma na solidão das montanhas. Dormia ao relento e caçava a própria comida. Tentava manter a mente fechada para qualquer comunicação. Foi nesse espírito que o Pai lhe falou ao coração e a fez perceber o quanto estava sendo egoísta.

Ela viu, ao longe, archotes na escuridão. Pelo número de tochas, era uma patrulha. Estavam longe do santuário e pareciam perdidas. Procurariam Deborah por cada recanto daquelas montanhas, pois o caminho para o santuário não era lembrado e nem conhecido pelas amazonas. Assim como Gades, Shilloh tornara-se um lugar "esquecido e escondido". Sem querer ser vista, Jael entrou no nevoeiro e cruzou a ponte de volta. Ao pisar na outra margem, ela ficou surpresa ao ver um grupo de sacerdotes esperando por ela. Eles cercaram-na e um dos homens se adiantou. Eram cinco ao todo.

— Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou, enquanto olhava o rosto de cada um.

— Vimos quando cruzou a ponte para o lado desprotegido, junto com a Herdeira. Onde está ela?

Antes que ela pudesse responder, um dos sacerdotes apontou.

— Vejam! As tochas de uma patrulha amazona.

O sacerdote que primeiro falou com ela, ordenou.

— Vamos levá-la ao sacerdote Finéias!

Dois homens agarraram seus braços, enquanto outro lhe tomava o arco. Suas mãos foram amarradas nas costas.

— Por que estão me prendendo? — ela se debateu, irritada. — Com qual acusação?

O homem a olhou friamente.

— Traição.

Aquela palavra teve o poder de deixar Jael sem ação, enquanto era empurrada pelo caminho de volta ao acampamento.

Deborah levantou-se e, com muita calma, retirou a espada da bainha em suas costas e a depositou em cima do banco. Em seguida, ela voltou-se para a chama que ainda brilhava. No céu já não havia mais o sinal da lua. Era uma noite que ela nunca desejou passar. A mesma escuridão que envolvia sua visão profética ao tentar ver o próprio destino, antes da abertura da Profecia Selada. Ela percebeu que a chama ia diminuindo de intensidade e sentiu o coração acelerar. Estava com tanto medo.

— Por que tem que ser assim? Não pode haver outro caminho?

Como única resposta, a chama se apagou.

Atalia perdeu a visão de Jael e se desesperou. Não podia perder o seu sinal. Não agora. Ela estava se preparando para ir de encontro à sacerdotisa-chefe e pedir orientação, quando percebeu as águas do poço vibrando. Correu de volta e não viu nenhuma imagem, apenas uma sensação incrivelmente forte. Deborah! O sinal da presença da Herdeira estava muito próximo! Ela gritou e Kyara apareceu. A capitã aguardava novas ordens a qualquer momento e a rainha insistira para que ela ficasse por perto.

— Vá pessoalmente com uma patrulha e una-se a que já está lá. A Herdeira se revelou.

— E para onde devemos ir, exatamente, majestade? Aquela área é muito grande. Por que a Herdeira se arriscaria indo para aqueles lados? O que há por lá?

Atalia fechou os olhos e respirou profundamente. Ela não tinha respostas para Kyara. No entanto, havia a sensação de proximidade. Uma sensação que lhe permitia uma sondagem mental de toda aquela área. De repente, um nome há muito esquecido lhe veio a mente. Shilloh!

— Vá para Shilloh, o velho santuário.

Kyara a fitou surpresa. O santuário ainda existia? No entanto, a rainha tinha razão. Era o único lugar que poderia atrair a presença de Deborah para aqueles lados.

— Ela está em algum lugar ao meu alcance – disse a rainha. – Eu cuidarei para que tenham uma captura fácil.

Ela olhou em volta como se esperasse que o perigo viesse de qualquer lado. Com a chama apagada, sua presença seria sentida pela rainha em pouco tempo. Se Jael não a houvesse levado até ali, Atalia poderia levar dias procurando por ela, em volta do perímetro da cidade. Mas a direção foi indicada pela Guardiã, e isso tornaria a busca mais limitada.

Aguardou com ansiedade o terrível ataque que já a havia surpreendido por duas vezes. Dessa vez seria diferente. Ela não lutaria contra ele. A chama que tornava o local encoberto pelo poder da luz, ao se apagar, tornou—o visível à percepção da rainha. Não demoraria agora.

Quando chegou, foi rápido e fulminante como o ataque de Sísera. Ela sentiu nitidamente a lâmina cortar o seu braço novamente e o fogo tomar conta dele. Com um grito, ela caiu de costas se debatendo, enquanto sentia, além do fogo, correntes invisíveis sendo atadas em volta de seu espírito. Ela não conseguia se mover, a não ser pelos espasmos naturais que sofria pelo ataque. A sua volta, passavam vultos semelhantes a nuvens de fumaça. A luz vermelha começava a envolver o seu braço e ela gritou. O suor escorria pelo rosto devido à dor e ao terror. Ela não podia lutar contra aquilo. Não dessa vez. Sentiu-se se esvaír. Não tinha mais domínio sobre o próprio corpo, que jazia sem forças no chão, balançado pelos espasmos ocasionais. Quando a luz vermelha envolveu todo o seu braço, ela sentiu que caía num mundo de escuridão.

Jael foi empurrada para dentro do acampamento, debaixo de alguns olhares surpresos. Os sacerdotes não deixaram que ninguém chegasse perto durante a sua passagem. Eles foram direto ao local onde se reuniam os chefes, sob a liderança do ancião Finéias. Nathan e Hulda os seguiram ansiosos por saber o que havia acontecido e por que motivos tratavam Jael daquele jeito.

Os sacerdotes estavam reunidos em círculo dentro de uma ampla tenda. Ela foi empurrada para o meio e ficou lá, de pé, sob o olhar dos chefes. Finéias fez sinal para que o homem que a levava se pronunciasse. Ele relatou tudo o que vira. Nathan e Hulda escutavam do lado de fora, proibidos de entrar. Jael esforçava-se para não despejar sua indignação em cima daqueles homens que representavam o Conselho de guerra. Ela sabia que sua situação era crítica. Finéias não teria nenhuma dúvida quanto a sua culpabilidade, já que desconfiava dela há bastante tempo.

— Eu vou entrar! – disse Hulda.

Nathan a segurou pelo braço.

— Não vai adiantar, Hulda! Não sabemos o que aconteceu. Espere até termos condições de falar com Jael.

— E se não nos permitirem, Nathan? – Hulda passou a mão pelo rosto. – Como podem pensar que Jael faria tal coisa?

Lá dentro, todos falavam ao mesmo tempo. Finéias ergueu-se e ficou frente a frente com Jael.

— Não vai se defender, filha de Héber? Admite sua culpa diante desse conselho?

Jael olhou em volta.

— Não falarei em minha defesa, pois aqueles que me conhecem podem falar por mim – Jael enfrentou o olhar do sacerdote. – Mas também não admitirei nenhuma culpa. Vocês formam o Conselho dessa guerra. Só peço que me julguem com prudência.

— Tenho motivos para acreditar que as acusações são bem fundamentadas, mas não nego que seu passado e o fato de ser quem você é, tornam tudo mais difícil. Uma heroína não se torna traidora da noite para o dia.

Ela olhou para o ancião com respeito. Não esperava uma resposta tão ponderada.

— Há muitas testemunhas, meu senhor – gritou o sacerdote que a havia prendido.

— Sim, mas nada sabemos sobre o que aconteceu – ele respirou fundo e virou-se para o Conselho. – Armem uma tenda ao lado dessa e mantenham Jael, a quenita, em reclusão. Ninguém deverá vê-la ou molestá-la, sem minha ordem. Não tomarei nenhuma decisão antes de saber o que houve.

Deborah acordou e demorou em saber onde estava. O cheiro das flores do jardim a fez lembrar-se de tudo. Não apenas sua cabeça doía, mas o corpo todo. Era como se tivesse levado uma surra que a deixara prostrada. E aquilo foi o que de fato aconteceu.

Uma surra espiritual. O menor movimento causava espasmos musculares e ela gemia. Sentia-se fraca. Nas duas outras vezes, aquilo aconteceu pelo seu esforço ao lutar contra o poder de Atalia. No entanto, agora era diferente. O poder da rainha vencera dessa vez. A rainha havia parado o ataque por um motivo. Sabia onde ela estava e como ela estava. Deborah olhou em direção ao portão apreensiva. Ela era uma guerreira e não queria ser encontrada naquela posição de vulnerabilidade. Com um tremendo esforço, ela buscou o apoio do banco a fim de ajudá-la a levantar. Seu corpo era quase um peso morto. Ela fechou os olhos e respirou fundo várias vezes até sentir que a cabeça ficava mais leve. Fincando um pé no chão, foi se levantando devagar. Suas pernas, que tremiam pelo esforço, foram ficando mais firmes. Ela buscou o cabo da espada sobre o banco e o agarrou.

Nesse momento, ela ouviu o som dos cavalos chegando. Agarrando-se firmemente à espada ela esperou. Era uma guerreira e estava no seu instinto reagir ao perigo. Já que seria presa, o seria com dignidade. Quando o portão foi aberto e as amazonas entraram, a que vinha na frente, ao vê-la com a espada na mão, hesitou. As duas de trás, porém, não se intimidaram e foram em sua direção. Ela girou a espada e conseguiu desarmar uma das amazonas. Porém, foi tudo o que ela conseguiu fazer antes de ser agarrada e atirada ao chão, caindo de costas.

— As correntes! – gritou a amazona que a derrubou.

Deborah lutou tentando se livrar. A amazona havia se ajoelhado sobre a sua barriga e prendia suas mãos. Era uma mulher grande e pesada. Debilitada como estava, Deborah não conseguiu se soltar. Quando ela viu a figura de Kyara se aproximar com as correntes, teve consciência da derrota. A mulher ajoelhou-se e passou-as em volta de seus pulsos, que estavam bem seguros pela amazona que a imobilizara. O contato com as correntes de ferro a fez sentir como se o chão se abrisse embaixo dela. Ela parou de lutar, tentando reagir à letargia que começava a invadir seu organismo.

— Pode soltá-la – ordenou Kyara. – Não há mais perigo agora.

A amazona robusta saiu de cima dela. Kyara agachou-se e agarrou Deborah pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás.

— Lembra-se de mim, Deborah?

Deborah a olhou fixamente, sem se intimidar.

— A covarde que fugiu de mim durante a batalha...

A resposta enfureceu Kyara e ela apertou mais a mão que lhe agarrava os cabelos. Deborah gemeu.

— Você não está em posição de provocar a minha raiva – ela falou com os dentes trincados.

Kyara a soltou e levantou-se. Em seguida, tomada pela fúria de quem vê o inimigo derrotado aos seus pés, ela voltou-se e deu um chute que pegou Deborah na altura das costelas. Ela se encolheu, sem fôlego para gritar, e logo em seguida, imitando a líder, as outras amazonas copiaram o seu gesto. Seu corpo foi vítima de incontáveis golpes, dos quais ela tentava defender o rosto, o ventre e os seios. Ao final da seção de espancamento, seu corpo todo machucado foi virado de bruços, enquanto ela arquejava por ar. Kyara pôs um joelho sobre suas costas, pressionando as costelas machucadas pelos chutes. Deborah soltou um gemido dolorido e sentiu a vista ficar turva.

— É pela rainha que eu não mato você agora, "Herdeira".

Kyara levantou-se e fez um sinal para que Deborah fosse erguida e levada para um dos cavalos. Era hora de voltar ao palácio.

Nathan conseguiu convencer o velho Finéias a deixá-los falar com Jael. Eles foram acompanhados por um rapaz, novo na ordem. Ele os encaminhou para a tenda onde Jael estava sendo mantida. Lá dentro, não havia nada além da coluna de sustentação. Jael estava sentada no chão, com as mãos amarradas atrás da coluna. Ela tinha o olhar desolado e, quando os viu, tentou virar a cabeça. Hulda ajoelhou-se ao lado dela.

— Filha, o que houve? Fale comigo.

Nathan ajoelhou-se do outro lado.

— Jael, você sabe que não pode esconder nada de nós. Conhecemos você e temos convicção de que essas acusações não

fazem sentido.

Jael o encarou. Ele nunca vira aquele olhar nos olhos dela. Era uma mistura de vergonha, desespero e medo.

— As acusações fazem sentido sim, Nathan. Foi por minha causa que a encontraram.

— Explique—nos o que aconteceu – pediu Hulda.

Jael voltou o olhar para a profetisa e soube que não podia esconder a verdade daquela mulher que já estava sofrendo tanto.

— Ela precisava de mim para ser achada. Eu não queria, por isso fui embora. Mas ela estava certa. Era o único jeito e tinha que ser feito. A rainha tinha que ser atraída para ela.

— Então, você voltou porque resolveu realizar o pedido dela – Nathan acompanhava a narrativa.

— Eu a esperei na ponte. Atravessamos juntas e eu a levei para Shilloh. Não sei o que aconteceu depois. Ela não me disse o que ia fazer. Tudo o que sei, é que as amazonas já estavam lá quando saí.

Hulda ficou em pé.

— E por que estão acusando você?

— Um grupo de sacerdotes me seguiu e viu quando atravessamos a ponte juntas, assim como me viu ao retornar sozinha. Como já havia uma desconfiança sobre mim, eles apenas levaram adiante o julgamento.

Nathan balançou a cabeça.

— Por que não diz a verdade?

Jael fechou os olhos e suspirou, encostando a cabeça na coluna.

— Porque o povo não vai compreender a atitude dela em se entregar. Eles não estão com seus corações abertos para isso. Apenas a guerra, e o calor da batalha passam por suas mentes. Esse caminho da renúncia e do sacrifício, eles não conhecem. Não iriam acreditar em mim, e nem entender o meu gesto.

Hulda voltou a ajoelhar-se.

— Você sabe que eles podem lhe condenar a morte por traição, não sabe?

— Acha que fariam isso? — Jael perguntou, apreensiva. —
Chegariam mesmo a esse ponto?

Nathan levantou-se e começou a caminhar pela tenda,
pensando.

— Pedirei um prazo a Finéias – ele falou. – Tentarei
convencê-lo a não tomar nenhuma decisão até que se passe o
Solstício.

— E o que ganharemos com esse tempo? – perguntou
Hulda.

— Talvez Barak retorne, e tudo se resolva.

Finéias escutou a sugestão de Nathan, e não deu uma
resposta de imediato. Deliberou com mais dois anciãos do Conselho
e voltou-se para ele.

— Vamos até a tenda – ele falou. – Quero que ela saiba
qual foi a minha decisão.

Nathan o acompanhou. Hulda levantou-se quando eles
entraram. Jael ergueu a cabeça e olhou para Finéias, apreensiva
quanto à sentença. O velho postou-se na frente dela.

— A sua vida está ligada ao destino da Herdeira, agora.
Aguardaremos o prazo que Nathan sugeriu. Se Deborah morrer até
lá, você morre.

Ela foi levada para uma das celas do corredor subterrâneo
que ligava o templo ao anfiteatro. Foi jogada e deixada lá, quase
inconsciente. As Amazonas aguardavam a chegada da rainha.
Pareciam perdidas e sem saber o que fazer com ela. A exaustão,
causada pelo estresse emocional, pelo ataque espiritual sofrido,
pelas correntes e pelo espancamento físico, finalmente a venceu e
ela desmaiou.

CAPÍTULO 34

Atalia e Deborah

Eunice fora chamada por Kyara naquela mesma noite. A
comandante as esperava com impaciência. As instruções diziam

respeito a custódia de uma prisioneira, que deveria ser mantida sobre restrita vigilância e transferida para uma das celas do anfiteatro. Ficou claro para Eunice que se tratava da vítima do sacrifício anual do Solstício.

Quando elas chegaram à cela, a capitã se deteve diante da porta. Não podia ser Deborah! A Herdeira havia sido capturada sem nenhum alarde. Como aquilo era possível? Ela abriu a porta e se aproximou. Deborah, de volta a consciência, virou a cabeça ao ouvir o som da porta se abrindo. Aguardou apreensiva pelo que deveria esperar dessa vez.

— Viemos levá-la para um outro lugar – disse Eunice. – Pode levantar?

— Não sem ajuda... – a voz da moça era fraca, como se evitasse esforço.

Eunice olhou para suas subordinadas e duas amazonas levantaram Deborah. A Herdeira franziu o cenho e prendeu a respiração, enquanto a erguiam. A guerreira imaginou o tratamento que lhe fora dado pelas amazonas, sob o comando de Kyara.

— Para onde, capitã Eunice? – perguntou uma das amazonas.

— Para uma das celas do anfiteatro – Eunice não deu a ordem com prazer, e sim, com pesar.

Deborah ergueu a cabeça e olhou para a capitã.

— Eunice?... A mesma da saca de cereal?...

Eunice deu um passo à frente, surpresa.

— Você lembra?

Deborah balançou a cabeça e sorriu. Apesar de toda a dor que estava sentindo, aquela mulher ainda teve o ânimo de lhe dar um sorriso de reconhecimento. Eunice sentiu vergonha do que estava prestes a fazer.

As amazonas passaram por ela, levando Deborah na frente. O caminho até a cela era um enorme corredor, que fazia uma única curva no final. Era para lá que estavam indo. Passaram por uma sala que possuía alguns instrumentos espalhados pelas prateleiras. Eram objetos que faziam qualquer um estremecer, usados nos mais diversos sacrifícios. No canto havia uma mesa, a

qual o sacerdote deu o nome "mesa sagrada", pois servia para ele manipular e inventar poções cheias de encantamento. No centro da mesa, havia um espaço circular, que servia para acender o fogo no qual ele "purificava" os instrumentos banhados com as poções.

Ela foi levada para um novo corredor, que possuía apenas uma cela em um dos lados. Dessa vez, não a jogaram da porta. Eunice ordenou que a deixassem lá dentro e saíssem. Deborah observou que, em um dos cantos da cela, pendiam duas correntes do teto.

— A rainha virá pela manhã – Eunice falou, seguindo o olhar dela.

A capitã ordenou, que as outras amazonas saíssem e a esperassem do lado de fora. Quando as mulheres se foram, ela virou-se para Deborah.

— Eu só queria dizer que nunca esqueci aquele encontro. Você me ensinou que eu posso ser uma guerreira bem melhor do que isso em que me tornei.

Deborah respirou fundo e fechou os olhos. Sentia-se tonta e enjoada pelo cheiro que vinha do lado da sala das poções. Algum tipo de incenso devia estar sendo preparado. Mesmo assim, ela abriu os olhos e encarou Eunice.

— Você é aquilo que você sente, Eunice... Uma boa guerreira sabe aprender com os próprios erros...

— Eu não gostaria de estar aqui, fazendo esse trabalho. Meu coração está pesado.

Deborah sorriu.

— Não deve pensar assim... Graças a você eu fui poupada de, sabe-se lá que outros tipos de tratamento... Foi gentil comigo e eu lhe agradeço por isso...

Eunice suspirou mais aliviada.

— Preciso ir, mas tentarei ficar por perto o máximo que eu puder.

Eunice saiu, trancando a porta da cela. Deborah repousou a cabeça sobre os braços e tentou esquecer a dor, pois precisava estar preparada para o que ainda viria.

Jael não conseguia dormir. Ela se questionava quanto ao que poderia fazer para escapar daquela situação. Deixar-se ser acusada e sentenciada a morte não seria acabar de uma vez com toda a esperança? Ela se martirizava por ter sido tão imprudente. Mesmo alegando inocência, Finéias já dera a sua decisão. O que ela poderia fazer?

Um movimento nos fundos da tenda lhe chamou a atenção. Um vulto passou por debaixo da lona e se aproximou dela. Imediatamente, Jael reconheceu Zacarias. O menino, assim como Rute, havia crescido e tomado corpo. Ele vestia uma roupa de guerreiro quenita e trazia uma vasilha de barro nas mãos.

— Sarah achou que poderia estar com fome.

Ela tomou a sopa que estava na vasilha com avidez, enquanto ele a segurava. Quando ela terminou, Zacarias passou um lenço, limpando sua boca. O menino sorriu.

— Os Queneus acreditam em você. O seu povo está do seu lado.

Jael teve vontade de chorar.

— Isso muito me alegra, Zacarias.

Um movimento do lado de fora lhes chamou a atenção.

— É melhor você ir – ela pediu. — Finéias deu ordens para ninguém se aproximar dessa tenda. Não quero que tenha problemas.

— Voltarei amanhã com mais comida.

Antes de sair, porém, ele depositou um objeto em suas mãos. Parecia algo cortante.

— Existem alguns sacerdotes insatisfeitos com a decisão de Finéias – ele explicou ao seu ouvido. – Parecem exaltados lá fora. Eles queriam ver a sentença cumprida logo.

Jael agradeceu e o menino se foi. Ela encostou a cabeça na coluna e fechou os olhos. Respirando fundo, ela começou a cortar as cordas que lhe prendiam os pulsos.

Naquela noite, Jael foi surpreendida ao ter a tenda invadida por três sacerdotes e dois homens encapuzados, que ela reconheceu como os homens de Quedes, talvez lenhadores. A idéia

com certeza era a de arrastá-la para fora e fazer o trabalho que Finéias não realizou.

Ela já havia cortado a corda dos pulsos, portanto, teve como levantar-se e se desvencilhar daqueles que tentavam pegá-la. A única arma que ela possuía era a pequena faca deixada por Zacarias. Os sacerdotes se encolheram, quando ela assumiu uma posição de combate, com a faca em punho. Os dois homens, entretanto, não se intimidaram e ficaram aguardando o melhor momento de atacar.

A única coisa que estava entre eles era a coluna de sustentação. Com um movimento rápido, ela cortou uma das cordas que seguravam a estrutura da tenda e uma parte desta caiu em cima dos homens. Ela aproveitou para sair por baixo da armação e correr.

Jael precisava chegar até o acampamento quenita. Com o apoio do seu povo, ela saberia o que fazer. No caminho, ela parou ao encontrar Solaris amarrado a uma árvore, ao lado da tenda principal do Conselho. Ele levantou a cabeça quando ela se aproximou pedindo silêncio. Em seguida, Jael cortou a corda que o prendia e montou.

— Sabe para onde me levar, companheiro – ela murmurou no ouvido do cavalo.

Uma mulher coberta por um manto vermelho e parecendo mais velha do que realmente era, parou diante da porta. Era a sacerdotisa-chefe. Deborah a reconheceu do dia em que esteve no anfiteatro. Ela oficializava os sacrifícios naquele dia. Trazia nas mãos um pote de vidro com um pó prateado. Fez um sinal com a cabeça e a porta foi aberta. Duas amazonas, do grupo de Kyara, entraram na frente e ergueram Deborah diante da mulher. A sacerdotisa-chefe era pequena e o tamanho de Deborah a irritava, pois tinha que olhar para cima se quisesse falar com a moça.

— A rainha lhe verá pela manhã – ela falou com uma voz que lembrava o silvo de uma serpente. – Mas você, minha jovem, não poderá vê-la.

Deborah demorou apenas alguns segundos para reconhecer o cheiro enjoativo e compreender o que era aquele pó prateado. Ela se debateu nos braços das amazonas.

— Não!!!

As mulheres a jogaram contra a parede e uma delas firmou sua cabeça para cima, segurando-a pelos cabelos. Ela fechou os olhos com força.

— Atalia não tem coragem de me olhar nos olhos?! – ela falou enquanto tentava livrar o rosto da mão da amazona.

Como a mulher não conseguiu abrir os olhos dela, lhe deu uma joelhada no estômago. Deborah se encolheu para frente e os abriu por reflexo, em resposta ao choque. Então, a sacerdotisa aproveitou para soprar em seus olhos aquele pó. Uma leve ardência foi tudo o que Deborah sentiu. Ela piscou com os olhos lacrimejantes. As amazonas a soltaram, e ela caiu sentada, deslizando pela parede, enquanto tateava com as mãos acorrentadas pelo próprio rosto. Não conseguia ver nada. Seus olhos, agora, estavam arregalados de pavor diante da escuridão que a cercava.

— A cegueira não é permanente – explicou a mulher. – Mas, infelizmente, você não terá tempo de voltar a enxergar de novo.

Em seguida, ela foi erguida e as correntes que cingiam suas mãos foram presas a outras correntes que pendiam do teto. Quando os braços dela foram levantados, uma dor aguda a fez prender a respiração. Deborah deixou-se acorrentar e agüentou tudo em silêncio, apesar do suor que escorria pelo seu rosto revelar o que sentia realmente.

Ela foi deixada só novamente. Sem a armadura e sem a visão, ela sentia-se nua no escuro. Por mais que ela tenha se preparado para aquele dia, ele a estava surpreendendo. Cansada, ela escondeu o rosto entre os braços e deu vazão a toda a angústia que vinha guardando. Não era vergonhoso chorar.

Atalia veio de manhã. Deborah abriu os olhos ao sentir a presença de sua maior oponente. O cansaço era tanto, que ela não

chegou a ouvir a porta da cela se abrir. A rainha caminhou ao redor dela, analisando e avaliando o que via.

— Vejo que cumpre o que promete – Atalia falou. – Disse que nos veríamos em breve.

— Eu não vejo você.

Atalia riu.

— É melhor assim. Não gosto do seu olhar desafiador e seguro. Prefiro essa ausência de vida que vejo em seus olhos, agora.

Deborah não respondeu. A rainha ajustou um pouco mais a alavanca que nivelava as correntes, fazendo-as esticarem até o ponto dela se ver apoiada apenas pela ponta dos pés. Deborah cerrou os dentes para não gritar.

— Está sofrendo, Deborah? Espero que esteja. Planejei cada minuto desse dia, para que amanhã o meu povo assista um sacrifício que jamais irá esquecer.

— Eles não são o seu povo!... – ela falou, tentando recobrar a respiração.

— Eu os moldarei a minha imagem. Salema será tão temida quanto Babilos.

— Não conseguirá mudá-los...

— E quem conseguirá? Você? Uma rainha derrotada, a caminho da morte?

— É somente assim que me vê?... Uma rainha derrotada?...

Atalia suspirou.

— Acha mesmo que é mais do que isso? Por causa dessa história de “Profecia”? Isso não existe. O que existe é aquilo que eu decido. Criarei leis para esse mundo e o tornarei habitável para mim.

— Você diz que a Profecia não existe, mas tem medo dela... Foi por isso que me perseguiu todo esse tempo... Eu sempre fui um empecilho para os seus planos... Eu sou a única que pode destruir o que você construiu...

— E amanhã você não existirá mais. Essa é a minha vitória e o fim dessa história.

A rainha aproximou-se das costas dela e, num único movimento, rasgou-lhe a túnica na altura da cintura. Deborah sentiu a tensão nas têmporas. Os dedos da rainha roçaram sobre o sinal da lua.

— Esse sinal me deu muitos pesadelos. Sabe por quê? Porque ele indica quem você é. Tem razão, Deborah. A Profecia existe, e eu sei disso muito bem. No entanto, eu destruirei você de todas as formas possíveis. Apagarei tudo o que você é. Quando o machado cair sobre os dedos de suas mãos, eu tirarei a sua força; quando caírem sobre os dedos de seus pés, eu tirarei seu equilíbrio. Uma rainha que não tem forças para se defender e nem para ficar em pé, não serve para nada. Mas, antes de fazer isso, eu preciso anular algo muito mais forte. Preciso anular a sua essência. Aquilo que a torna quem você é. Uma Luminar.

— Não pode anular o que eu sou...

Atalia riu alto.

— Posso sim.

A rainha tocou novamente no sinal da lua.

— A sua essência está aqui, nesse sinal. É o que Ihe identifica para o mundo.

— E acha que pode anular isso?... Você não tem esse poder... — argumentou Deborah — Além do mais, tudo estará acabado quando eu morrer... Por que se importa com isso?...

— Quero que sua morte seja definitiva — sibilou a rainha. — Não quero que Ihe reste nenhum poder que possa impedir isso. Amanhã, Deborah, a filha de Cirene, será sacrificada, e não a Herdeira.

A rainha se afastou deixando Deborah imersa em pensamentos. As palavras de Atalia soaram incompreensíveis para ela.

Atalia entrou na sala das poções. Onri, o sacerdote, a acompanhava. Ele havia acendido o fogo sobre a mesa sagrada, como ela havia ordenado. Ele, então, entregou para a rainha a caixa que fora incumbido de guardar. Atalia a tomou e colocou em cima de uma mesinha estreita. Abriu e retirou de dentro um ferro

comprido cuja ponta terminava numa espiral do tamanho da palma de uma mão. O sacerdote tocou o ferro admirado. Era negro e vítreo, sem nenhuma marca ou impureza.

— Esse material é... — ele começou a falar.

— Foi forjado diretamente da pedra do céu. Posso dizer que é um pedaço da própria pedra, feito especialmente para esse dia.

Ela o entregou para ele.

— Ponha no fogo.

Finéias e um grupo de sacerdotes entraram no acampamento quenita pela manhã. A fuga de Jael pegara-os desprevenidos. O velho sacerdote começava a achar que havia errado em ser tão moderado. Eles pararam diante da tenda principal. Para sua surpresa, Jael o recebeu. Ela olhou severamente para o velho e, em seguida, para os homens que o rodeavam com cordas nas mãos.

— Viemos para levá-la de volta — ele falou. — Não foi sábio de sua parte ter fugido.

— Eu não fugi. Se o tivesse feito, não estaria falando comigo agora.

Ela afastou-se e indicou o interior da tenda.

— Não quer entrar, senhor?

Ele olhou confuso para os que o acompanhavam. Ela, realmente não estava agindo como ele esperava.

— Esta não é uma visita comum, minha jovem — ele tentou ser firme.

— Muito bem — ela cruzou os braços. — Falaremos aqui, então.

— Eu não vim para conversar.

— Nesse caso, eu serei clara. Não vou voltar para sua prisão, sacerdote. Quase perdi minha vida essa noite, pelo fato do senhor não ter controle sobre seus próprios homens. Aceitei a sua decisão e ficarei aqui, junto ao meu povo, aguardando o que vai acontecer. Mas não vai me levar de volta.

Dois sacerdotes se adiantaram com as cordas na mão. Sarah e Jafé surgiram de dentro da tenda com as mãos nas espadas.

— Vejo que está bem guardada — observou Finéias.

— Eu não admiti nenhuma culpa, senhor. Julga-me dessa forma porque não confia em mim. Mas eles confiam. Para eles, a palavra de uma Luminar merece algum crédito. Ficarei aqui e serei julgada segundo a lei que prescreveu. Dou a minha palavra de que não vou fugir.

— Foi exatamente isso o que fez essa noite! — Finéias exclamou irritado.

— Eu fui atacada! Entraram na tenda pra me matar! — ela respondeu no mesmo tom. — Sinto muito, mas não confio na sua palavra.

Finéias estava vermelho de raiva e vergonha, pois sabia que teria que sair do acampamento sem Jael. Tirá-la de lá seria comprar uma guerra contra toda a tribo quenita.

— Muito bem, eu a deixarei ficar. No entanto, colocarei homens na vizinhança para vigiar seus passos. Se tentar sair do acampamento, a sentença poderá ser executada de imediato.

Jael baixou a cabeça em concordância. Quando eles se foram, ela sentiu a mão de Sarah em seu ombro.

— Você não pode morrer, Jael. Se algo acontecer com Deborah, você se tornará a única esperança desse povo. Não tem o direito de morrer.

— Esse não é o meu desejo, Sarah. Tudo o que posso fazer é esperar que Barak volte.

Jael entrou na tenda. Ela queria aproveitar aquele tempo para tentar se comunicar com Deborah. Embora a irmã lhe tenha proibido de fazer isso, ela precisava saber de alguma notícia. Deitando-se na cama, ela fechou os olhos. O local onde estava era seguro, por causa da proteção gerada pelos sacerdotes. Não custava nada tentar uma vez...

"Deborah" — a voz soou alta e clara em sua mente.

— Jael, por favor, não faça isso... — ela falou. — Saia da minha mente... Você prometeu que não faria isso...

— "Eu precisava falar com você. Sei como deve estar se sentindo".

— Não, Jael, você não sabe... — ela suspirou. — Mas, como é bom ouvir sua voz!...

Para Deborah a voz de Jael soava como se a irmã estivesse ali ao lado dela. A falta da visão acentuava a sensação de proximidade.

— "Me deixe ficar com você. Não precisa agüentar isso tudo sozinha. Sinto sua angústia".

Deborah ouviu passos se aproximando.

— Precisa me deixar, agora... Vem vindo alguém...

Jael não respondeu, mas Deborah sabia que ela continuava lá. Era teimosa o suficiente para isso.

Atalia abriu a porta. Nas mãos ela trazia o ferro que mandara forjar em Babilos. A ponta em espiral estava vermelha, por causa do calor do fogo a que fora submetido, praticamente, o dia todo. Deborah sentiu o calor e uma fraqueza que fez suas pernas amolecerem. Ao ficar suspensa apenas pelos braços, mal tocando o chão e sustentando o peso do próprio corpo, ela soltou um gemido fraco, contido. O calor aproximou-se e ela o sentiu diante do rosto.

— Você não pode ver o que estou segurando, mas eu lhe direi. Embora eu ache que, pelo calor, você tenha alguma idéia do que seja.

A rainha brincava com ela, colocando o ferro perto o suficiente de várias partes de seu corpo, a fim de que ela sentisse o calor intenso que fluía dele.

— Esse ferro, eu mandei forjá-lo com o único material cuja origem está relacionada ao poder dos Luminares. A própria pedra do céu. Eu estava lá, quando retiraram o pedaço que se transformaria nesse instrumento. Guardei-o para ser usado nesse momento. Você entende, não é, minha sobrinha? Eu não terei o

prazer de usar o machado em seus dedos, mas mutilarei você de uma forma muito mais profunda. O que você será depois disso?

— Você tirou a minha liberdade... Tirou a minha visão... Minha dignidade... Já tem a minha vida em suas mãos... Isso não basta? — Deborah podia sentir o perigo contido no calor.

— Não, isso não basta. Não para mim. Quero que entenda uma coisa, Deborah. Eu vivi cada momento desde a queda de Hazorah, sonhando com esse dia. O dia em que eu a derrotaria de todas as maneiras possíveis de se imaginar.

A rainha se colocou atrás dela. Deborah tentou se afastar. O seu instinto, o seu corpo, pedia que ela lutasse contra aquela violação.

— Acabou, Deborah — ela sibilou. — Com esse ato, eu venço e apago você desse mundo. A Herdeira deixará de existir. Será que a filha de Cirene aguentará o que a espera amanhã?

Dito isso, ela encostou a ponta do ferro sobre o sinal da lua. A espiral vermelha cobriu todo o desenho. Deborah gritou com uma força que ela não sabia que ainda possuía. A fumaça subia enquanto sua pele era queimada, camada após camada. A sensação, além da dor ardente e intensa, era a de estar tendo uma parte do seu corpo arrancada de si. Uma mutilação mais profunda do que ter seus dedos amputados. A rainha retirou o ferro depois de um tempo que, para Deborah, foi uma eternidade. Ela parou de gritar e seu corpo pendeu sem forças, inconsciente.

— Está feito — A voz de Atalia soou triunfante.

O sacerdote a soltou e Deborah caiu no chão, imóvel. Nas costas dela, onde antes brilhava o sinal da lua, havia apenas uma imensa e profunda queimadura.

Jael sentou-se na cama com um grito. Zacarias correu para dentro com o olhar apavorado.

— O que foi, senhora? Alguém entrou aqui?

Jael tentava analisar o que havia acontecido. Algo fora rompido. Foi como se um cordão se partisse. Ela perdeu o contato com Deborah. Não a sentia mais.

— Zacarias, chame os conselheiros. Eu preciso falar com eles, agora.

O menino hesitou em deixá-la só.

— Pode ir, eu vou ficar bem — ela o tranqüilizou.

Hulda, Otoniel, Nathan e Míriam entraram na tenda de Jael e ouviram o seu relato.

— Fico me perguntando se já aconteceu antes do que prevíamos? — Jael perguntou, aflita.

— Não consegui mais nenhum contato com ela? - perguntou Nathan.

— É como se ela não existisse mais. Sinto um vazio no peito.

Jael estava desolada. Hulda a abraçou.

— Não acho que já tenha acontecido. Um grande sacrifício está sendo anunciado para amanhã — ela tentava consolar a filha que lhe restara, embora não houvesse consolo.

— Bem, isso não nos serve de muito consolo, não é? — Míriam falou. — De qualquer forma, ela morrerá amanhã.

Jael olhou para a profetiza, pensando no que dizer.

— A morte não é o fim, Míriam.

— O que quer dizer?

Jael ia responder, quando a tenda foi invadida. Finéias entrou investido de um anel sacerdotal, que o classificava como autoridade suprema.

— Então, pelo que entendi, existe uma possibilidade de já ter acontecido? Deborah pode estar morta?

Otoniel ergueu-se indignado.

— Desde quando o maior entre os sacerdotes fica escutando por trás das portas?

O velho sorriu.

— Como eu deixei bem claro, a vigilância que designei foi bastante eficiente.

Ele bateu palmas e três sacerdotes entraram. Um deles trazia uma corrente de Hazorah. Jael deu um pulo para trás, enraivecida.

— Ninguém que lute do lado da Profecia vai usar isso em mim!

— Nós a usaremos se não vier conosco de forma pacífica – Finéias olhava para ela como um caçador olha para a presa.

Hulda tomou a frente da moça.

— O prazo é até amanhã, Finéias.

— O prazo expira se houver uma chance de já ter acontecido.

— Não sabemos o que houve! — Nathan tentou explicar.

Finéias estava impaciente.

— Seja como for, eu pretendo levar Jael sob minha custódia, agora.

Jael deu um passo vacilante à frente.

— Guarde a corrente, e eu vou com você.

Finéias deu o sinal e o sacerdote guardou a corrente dentro de um saco. Os quatro conselheiros cercaram Jael.

— Nós a escoltaremos para você - disse Míriam.

O velho suspirou, contrariado.

— Que seja, então!

No caminho para a tenda onde Jael ficaria confinada mais uma vez, um mensageiro chegou até Hulda e lhe entregou um pequeno rolo com o selo de Salema. Ela o abriu e, depois, ergueu os olhos para os outros.

— Salema oferece uma trégua — ela disse. — Abrirão os portões amanhã para quem quiser assistir o sacrifício. Estão utilizando os termos que dão armistício em tempos de festa religiosa.

— Estamos sendo convidados para vê-la morrer — murmurou Nathan.

Hulda ergueu a cabeça e olhou para Finéias.

— Acho que isso prova que nada aconteceu ainda.

— Mesmo assim, Jael ficará sob minha custódia — o velho era irredutível.

Otoniel ia protestar, mas Jael lhe segurou o braço.

— Eu fico. Por favor, não vamos mais perder tempo com isso. Chega de brigarmos entre nós.

Ela virou-se para Finéias.

— Apenas lhe peço sua palavra de que aguardará o prazo.

— Você tem a minha palavra.

CAPÍTULO 35

O Sacrifício

Amanheceu e a cidade de Salema despertou em festa. Apesar do medo pelo cerco, eles foram informados que as forças aliadas de Babilos, Edonia e Amal estavam aguardando, agindo na proteção da cidade. O sacrifício iria ocorrer como todo ano. A população inteira começava a chegar ao anfiteatro e tomar seus lugares. No centro, uma grande pedra quadrada, com sulcos em volta, indicava a natureza do sacrifício. Um rei ou rainha iria morrer. O sangue escorreria pelos sulcos e inundaria o lagar em volta, penetrando aos poucos na terra. A estátua rudimentar da deusa, que vivia no templo, fora transferida para lá e ocupava um lugar de honra. Na plataforma, ao lado do altar sacrificial, estava Atalia, sentada em um trono de marfim. Ao lado dela, a sacerdotisa-chefe e Onri aguardavam, em pé, o início da festa.

Junto ao povo que entrava vestidos de roupas comuns, estavam Nathan, Míriam e Otoniel. Hulda preferiu ficar ao lado de Jael. Seria penoso demais ter que assistir o que ia acontecer.

Hulda pediu a Finéias que a deixasse ficar na tenda com Jael. Ele permitiu, pois no fundo compreendia e respeitava o momento de dor. Hulda sentou-se encostada a coluna e Jael deitou-se em seu colo.

— Ainda que tenhamos a visão da Profecia, nada se compara a um momento vivido — sussurrou Jael. — É como se toda a esperança deixasse de existir. Concentramos—nos apenas na nossa dor, e nada mais.

— Mas sabemos que não será assim — Hulda brincava com os cachos do cabelo de Jael.

— Sei que haverá vitória no final e que a morte não prevalecerá. No entanto, existe o sofrimento a que ela está sendo submetida. Eu pude sentir a dor dela antes da comunicação se romper... Não vai ser uma morte fácil... Eles não vão deixar que seja.

— Ela se preparou para isso, Jael. Se alguém pode agüentar, esse alguém é ela.

— Nunca duvidou que poderia ser de outra forma?

Hulda sorriu.

— Eu sempre confiei em vocês.

— Não inspiro muita confiança agora — Jael sentou-se e a encarou.

A profetisa suspirou e passou a mão no rosto da filha.

— Eu vou manter minha esperança até o fim, Jael. Acredito que Barak virá no tempo certo, e tudo será feito de acordo com a Profecia. Jael deitou-se no colo dela novamente.

— Ajude-me a manter essa esperança, mãe, pois a morte também paira sobre mim.

Eunice e mais duas amazonas chegaram naquela manhã para buscar Deborah. A moça estava sentada, abraçando as pernas e com o rosto enterrado no joelho. Ela parecia alheia a presença delas. Eunice aguardou, pois percebeu que ela orava ao seu deus. Quando terminou, Deborah levantou a cabeça olhando para frente e esperou. Eunice, estranhando o olhar parado e sem vida, se aproximou e passou a mão diante do rosto dela. A realidade a fez ficar enojada. A túnica, rasgada nas costas, revelava a carne queimada na altura da cintura. Faltou pouco para ela sair correndo, diante daquele quadro.

— Estou pronta — Deborah falou.

Eunice admirou-se da firmeza que ela demonstrava. Ela agachou-se e amarrou uma corda nas correntes que prendiam as mãos de Deborah.

— Eu guiarei você pelo caminho — ela disse.

Deborah levantou-se sozinha com movimentos lentos e cuidadosos. Seu corpo, além de machucado, estava enfraquecido

pela febre causada pela ferida em suas costas. Eunice a puxou gentilmente pela corda, pois viu que ela fazia um esforço sobre—humano para se manter de pé. As duas amazonas que seguiam atrás trocavam olhares, sem entender o tratamento que Eunice dava a inimiga de sua rainha. O que a levava a ser tão gentil? Quando estavam alcançando a porta que se abria para a arena, Eunice parou e Deborah a imitou.

— Aqui há degraus - disse a capitã. — São três no total.

Deborah assentiu e conseguiu subir sem tropeçar. Um pouco mais á frente, porém, Eunice parou de novo, em um gesto brusco de surpresa.

— Mas, o que é isso? — ela murmurou consigo mesma.

Eunice ficara se questionando sobre o motivo que fizera Kyara passar a custódia de Deborah para ela. Agora ela tinha a resposta. O fato é que à comandante estava ocupada na preparação de outra coisa.

— Deborah, essa não vai ser uma caminhada fácil — A amazona falou tentando avaliar o quadro à sua frente.

Deborah respirou fundo, e se preparou.

— Eu nunca achei que seria.

Diante delas, duas filas de amazonas se postaram, formando um caminho até o altar. Eunice sabia perfeitamente para que servia aquela formação. Geralmente era utilizada como brincadeira ou punição. Ela achava que, naquele caso, os dois tipos seriam utilizados.

— Vamos — ela entrou pelo caminho, enquanto puxava Deborah pela corda.

— Por que não olha onde pisa, Herdeira! — gritou uma das amazonas da fila.

A mulher pôs o pé na frente, fazendo Deborah tropeçar e cair de quatro. A multidão riu. Estavam se divertindo. Ela se levantou com dificuldade e continuou a caminhar, seguindo a direção de Eunice. Mais na frente, uma outra mulher a empurrou para o lado, enquanto a outra revidava. Ela foi avançando sendo empurrada de um lado para o outro.

— Ei, o que é isso nas suas costas? — uma amazona bateu na queimadura de Deborah com uma tira de couro.

Deborah gritou com a dor súbita que explodiu em seu cérebro e perdeu o equilíbrio, caindo nos braços de outra amazona. A mulher lhe deu uma joelhada no estômago. Ela caiu no chão sem fôlego. Eunice a alcançou antes que mais golpes começassem.

— Parem com isso! Vocês não cansam nunca?

Ela ajudou Deborah a se levantar.

— Já andamos metade do caminho.

Quando Eunice se virou, deu de frente com Kyara. A comandante estendeu a mão, pedindo-lhe a corda.

— Eu cuido disso agora, Eunice. Você parece ter adquirido um coração. Isso não é bom.

— Ela já está caminhando para a morte, Kyara! Por que não a deixam em paz?

— Porque nós prometemos um espetáculo para este povo. É isso que eles terão.

Eunice ficou sem reação ao ver Deborah ser arrastada por Kyara sem o menor cuidado. Em certo momento, o puxão na corda foi tão forte que ocasionou outra queda. Mais risos. No lugar de esperar que ela se levantasse, Kyara a arrastou pelo chão, provocando gargalhadas.

Quando caiu e foi arrastada pelo chão, Deborah sentiu a fratura nas costelas se agravar e soltou um grito involuntário. Quando Kyara a mandou levantar, o seu corpo não quis obedecer. A face direita ardia com os arranhões provocados pelas pedrinhas espalhadas pelo solo arenoso. Além disso, a dor da queimadura era insuportável.

— Levante-se! — gritou Kyara.

Deborah tentou responder que não podia, mas a dificuldade para respirar a impedia de falar qualquer coisa. Ela buscava desesperadamente o ar em arquejos curtos que faziam subir poeira do chão.

Kyara tirou o chicote que trazia pendurado ao cinto, mas foi barrada por Eunice.

— Faça isso e eu esquecerei que é minha comandante — ameaçou Eunice.

Kyara vacilou, pois sabia que na luta, Eunice a venceria facilmente, tanto pela idade quanto pela agilidade.

— Quando isso acabar, pode dar adeus a sua carreira de amazona.

— Acredite que isso não me fará a menor falta.

Faltavam apenas cinco passos para chegar à plataforma. Eunice apoiou o braço de Deborah em seus ombros, ignorando a presença de Kyara, e a ajudou a levantar. Foi assim, praticamente arrastada, que ela conseguiu chegar até o altar.

Em cima da plataforma, as correntes foram tiradas de suas mãos e ela foi deitada no altar de uma forma brusca, pelos auxiliares dos sacerdotes. A superfície da pedra machucava sua ferida. Seus braços foram abertos e seus pulsos presos em aros de metal. Abaixo de cada mão, formava-se um sulco profundo na pedra, por onde o sangue deveria escorrer. As pernas só seriam presas após o procedimento, por causa da posição dos pés. Enquanto isso, ela sentiu que lhe tiravam as botas. Atalia se pôs de pé e começou a recitar preces em honra à deusa—terra. A sacerdotisa-chefe cantava um hino monótono.

Atalia aproximou-se do altar e ergueu os braços.

— Ó, grande deusa! Entrego em tuas mãos, a inimiga de meu povo. Aquela que tenta destruir o reino que tu estabeleceste. Não poderia eu, tua humilde serva, te oferecer maior sacrifício.

Foram palavras breves. Atalia tinha pressa. O silêncio tomou conta do lugar. Onri, o sacerdote, tomou o machado na mão e caminhou em direção ao braço esquerdo de Deborah. Um auxiliar a fez abrir a mão. Deborah respirou fundo, aguardando o golpe. O som do machado veio acompanhado de um grito angustiado. Seu grito. A dor de nervos, tendões e ossos se rompendo de forma tão traumática, é uma das piores que existe. Ela sentiu a onda de choque subir pelo braço e comprimir o peito, deixando-a sem fôlego. Onri sorriu ao ver a quantidade de sangue que fluiu do local. Ele caminhou lentamente até a outra mão. O mesmo procedimento

foi feito. Dessa vez, o grito uniu-se a um choro descontrolado. Era o costume esperar algum tempo para a vítima do sacrifício se recuperar, antes de continuar a execução. Quando Onri se encaminhou para o pé direito, duas amazonas seguraram a perna flexionada, mantendo o pé firmado na superfície do altar. O golpe foi tão impactante que Deborah ergueu a cabeça num movimento involuntário com a boca aberta, sufocando um grito que não chegou a sair, e soltou o ar, sem forças. A onda de choque pelo dedo decepado subiu até a virilha. Sua cabeça bateu com força na superfície da pedra ao voltar à posição inicial. A essa altura, ela não tinha mais consciência do que ocorria a sua volta. Os sons se misturavam em sua cabeça e tudo eram somente dor e escuridão. A dor a mantinha consciente. O seu corpo estava quebrado, queimado e dilacerado. Mas ainda faltava um. Quando o machado caiu, ela não tinha mais o que colocar para fora. Tudo o que fez foi fechar os olhos com o impacto e soltar um grito angustiado e sufocado, quase sem força, enquanto apertava as mãos, fazendo o sangue escorrer mais rápido.

Suas pernas foram estiradas e seus pés presos em argolas de ferro, assim como os pulsos. O sangue fluía pelos quatro lados do altar e ia, vagorosamente, encharcando a terra em volta. Sua respiração agitada combinava com seus batimentos cardíacos. Seus músculos tremiam espasmodicamente enquanto os nervos interrompidos enviavam ondas de dor pelo seu corpo.

Atalia aproximou-se e aproveitou aquele momento extremo de fragilidade para se gloriar.

— Deborah, filha de Cirene, diga-me: O que você é, agora? Como você vai se apresentar na outra vida?

Para o espanto de todos, a rainha abaixou o rosto e depositou um beijo frio na testa de sua vítima.

— Morra na sua inutilidade – sibilou ela aos ouvidos de Deborah.

Deborah forçou os dentes a pararem de bater e conseguiu pronunciar quatro palavras.

— Você perdeu... Eu venci... – A rainha deu um passo para trás, assustada.

No céu, um trovão soou assustadoramente alto.

No local, não se ouvia nenhuma ovação pelo sacrifício. O povo assistia estarecido. As imagens, que antes provocaram risadas, foram substituídas pelo horror. Os gritos angustiados de Deborah a cada golpe do machado, pareciam ter desarmado o coração frio daquelas pessoas. Nathan observou que muitos choravam, enquanto outros olhavam para o outro lado, tentando ignorar o espetáculo. Muitos foram embora quando ela foi colocada no altar. Otoniel, ao seu lado, chorava copiosamente. Míriam orava em silêncio com os olhos fechados.

Seus dedos polegares amputados foram colocados dentro de um cesto e incinerados aos pés da estátua. O sangue que escorria pela pedra, em seus quatro cantos, começava a encher o lagar e entrar pela fenda da terra.

Eunice manteve-se ao lado dela para evitar mais algum tipo de agressão. Ela não se importava com o que ia lhe acontecer futuramente, apenas sentia que havia escolhido o caminho certo.

A perda de sangue começava a causar reações no organismo de Deborah. Ela tremia de frio em uma manhã quente e sem nuvens, por causa da febre e da perda de sangue. Seus olhos, que antes eram capazes de ver até mesmo o pensamento das pessoas, não conseguiam vencer a escuridão. No entanto, ela os mantinha abertos, olhando em direção ao céu, buscando algum sinal de luz. A rainha olhava para ela com ar de triunfo, um sorriso nos lábios. No pátio, embaixo, as amazonas formavam um grupo homogêneo a espera do último suspiro para comemorar. A sacerdotisa-chefe e Onri se ocupavam em oferecer as libações que vinham acompanhadas com a oferta do sacrifício. Ninguém pareceu notar as nuvens escuras que se formavam sobre a cidade. Não eram nuvens de chuva, mas de tempestade.

Deborah estava pálida e um suor gelado banhava o seu rosto, enquanto ela continuava a tremer de frio. O coração batia forte, como se fosse explodir de seu peito, e ela começou a buscar oxigênio. Já havia perdido muito sangue e quando sentiu que o

corpo não respondia mais, ela inspirou e se preparou para um último fôlego. Queria se livrar de tudo aquilo e descansar. Dessa forma, ela soltou o ar pela última vez.

Deborah morreu com os olhos fitos no céu. Eunice ficou na plataforma, ao lado do altar. Durante a execução, ela se manteve de guarda, no lugar que Kyara deveria estar ocupando. A sua intenção era evitar mais atitudes hostis por parte das amazonas. Ela ficou ali observando a respiração de Deborah ficar cada vez mais fraca, até se extinguir de vez. Ela baixou a cabeça por alguns minutos, enquanto Kyara liderava às amazonas em um grito de comemoração. A um sinal da comandante, trombetas foram tocadas nas muralhas, anunciando que o sacrifício fora oferecido.

Eunice, ignorando as comemorações e o olhar ameaçador da rainha, caminhou até o altar e, segurando as lágrimas de revolta, fechou os olhos de Deborah. Em seguida, sem dar atenção às nuvens escuras que se aglomeravam sobre a cidade e o vento forte que começara a soprar, ela abriu as argolas de metal que prendiam os braços e as pernas da valorosa guerreira, colocando-a numa posição digna.

— Mas, o que você pensa que está fazendo? — gritou Kyara, subindo a plataforma.

Eunice retirou a espada da bainha e a fez parar a milímetros da garganta de sua comandante. Kyara estacou diante da fúria que havia no seu olhar.

— Não ouse se aproximar dela — ela falou com os dentes cerrados.

— E o que pretende fazer com o corpo? — gracejou Kyara.
— Vai levá-la para casa?

— Entregarei ao povo dela, para que tenha um sepultamento digno.

Kyara cuspiu no chão, aos pés de Eunice.

— Você está morta, Eunice.

— Não é verdade — a voz da capitã era tranquila. — Eu acabei de renascer.

Jael e Hulda se abraçaram ao ouvir o som das trombetas anunciando o final do sacrifício. Uma era incapaz de consolar a outra. Hulda, no entanto, tentou segurar a dor de Jael, ignorando a sua própria dor. A moça chorava feito criança em seus braços. Muito embora houvesse a visão e a certeza de que aquele não era o fim, o momento era real demais. A presença da morte era maior do que qualquer coisa, e a dor tomava todo o espaço.

No acampamento, a Ordem de Zelofeade ajoelhou-se em reverência e ficaram ali, de cabeças baixas, sem acreditar que ela havia morrido. Trombetas começaram a ser tocadas por todo o acampamento. Eram notas fúnebres. Notas de lamento. Os exércitos se uniram em harmonia para chorar por aquela que lhes havia suprido com a esperança da vitória e da mudança.

Os Queneus atiraram uma chuva de flechas para o ar. Em cada flecha havia uma tira azul escura amarrada. Eram as tiras que eles usavam para prender os cabelos. Aquele ato, para eles, era um sinal de luto e lamentação.

Em meio a toda aquela dor, que cobria todo o acampamento, Finéias seguia com seu grupo em direção à tenda, onde Jael era mantida. Os olhos do velho sacerdote passavam incredulidade, pois não queria acreditar na verdade, mas também havia decisão. Por mais que fosse difícil, uma sentença teria que ser cumprida. Um ato grave havia sido cometido e não deveria ser ignorado. Antes, porém, que os sacerdotes alcançassem a tenda, o céu começou a trovejar.

Rute correu colina acima em prantos. Não aceitava aquela morte. O seu mundo havia virado de cabeça para baixo. No caminho, jogou sua espada longe. De que adiantaria ser uma guerreira em um mundo decaído? Um mundo sem Deborah. Um mundo sem esperança. Ela não ligou para os gritos de Rebeca, que ainda tentou alcançá-la, mas desistiu no meio do caminho. A menina também estava sentindo o golpe do destino e, parando de correr, sentou-se no alto da colina e chorou. Deixaria Rute extravasar sua própria dor.

Ainda correndo, a vista embaçada pelas lágrimas, uma profunda dor no coração, Rute caiu sem forças sobre a relva. Ela não percebera que havia chegado ao vale onde o exército acampou antes de alcançar o rio. Ela perdeu a noção do tempo em que ficou ali, deitada de bruços, chorando. Ela não percebeu quando um cavalo se aproximou e alguém saltou com passos apressados.

— Rute? - disse uma voz conhecida e preocupada.

Rute ergueu a cabeça e limpou os olhos. Quando ela viu quem estava na sua frente, sentou-se e lançou-se em seus braços.

— Noa? É você mesma?

Noa acariciava os cabelos da menina, enquanto ela chorava descontrolada.

— Rute, o que houve?

Com palavras entrecortadas pelo choro, ela contou tudo a Noa.

— Nossa esperança acabou - disse Rute. — Se vocês tivessem chegado mais cedo, talvez...

— Rute, olhe para o vale — Noa pediu.

Rute virou o rosto e olhou. Ela piscou várias vezes para ter a certeza de que não estava tendo visões. Tomando todo o vale, estava o maior exército que ela já vira. Era o dobro do exército que saía de Hazorah. Na frente, montado em seu magnífico cavalo branco, estava Barak. O rosto da menina ficou petrificado. Como ele parecia diferente e poderoso!

— Nós não chegamos tarde, menina - disse Noa, com um sorriso. — Chegamos na hora determinada pela Profecia.

Lá embaixo, uma confusão se formara. As amazonas se colocaram ao lado de Kyara e cercaram Eunice. Esta, no entanto, não ficou só. Outras guerreiras que foram tocadas por todos os acontecimentos, e que viram as atitudes tomadas por sua capitã, subiram na plataforma e ficaram do seu lado. Atalia, ignorando a iminente luta, olhava incrédula para o povo que se mantinha em silêncio. Ninguém se manifestara, além das amazonas, no momento em que as trombetas tocaram. Havia um clima tenso no lugar. Ela olhou para o corpo de Deborah. O rosto pálido, a pele fria, o peito

parado. Ela, Atalia, vencera! Por que, em seu reino, ninguém comemorava?

Subitamente, um raio rasgou o céu e caiu sobre a estátua da deusa. Um pedaço enorme de rocha caiu sobre o sacerdote Onri. O homem mal teve tempo de gritar, antes de ter sua cabeça e parte do tronco esmagados. O povo, agora, gritava e se desesperava em busca da saída. Alguns, no entanto, apesar do medo, resolveram ficar. Raios caíam por toda a parte, dentro da arena do anfiteatro. A sacerdotisa-chefe puxou o braço da rainha e gritou em direção às amazonas.

— A rainha precisa de proteção!

Kyara praguejou alguma coisa, e chamou um grupo de amazonas para ajudar a tirar a rainha daquele lugar. Antes de ir, ela virou para Eunice.

— Se um raio não cair sobre você, eu a encontrarei mais tarde.

A plataforma era o único local não atingido pelos raios. A estátua da deusa se fora. Aquilo era um presságio. O sacrifício não fora aceito. Ou, talvez, como acreditavam alguns, o deus de Deborah não queria entregá-la a deusa e, aparentemente, estava vencendo a luta.

Finéias entrou na tenda. O semblante do velho era triste. Ele olhou Jael nos olhos, e ela entendeu que ele esperava outro final. A moça levantou-se e aguardou calada o veredicto.

— Ela está morta — ele falou.

Jael respirou fundo e enxugou as lágrimas.

— Eu sei.

— O prazo acabou, eu sinto muito.

Hulda adiantou-se.

— Finéias, por favor, espere...

— Eu sinto muito, filha.

Jael deixou-se ser amarrada com os pulsos atados na frente do corpo, e foi levada pelo caminho até o campo que era utilizado para treinamento. No céu, os raios pareciam ser atraídos em direção à cidade. Uma chuva fina começava a descer. No limite

da tristeza e da revolta pela morte da Herdeira, aqueles que acreditaram nas acusações contra Jael, começaram a jogar pedras e insultos contra ela. Uma pedra a atingiu na têmpora, fazendo-a cambalear e cair de joelhos atordoada, levando as mãos atadas em direção à testa. Hulda se pôs na frente dos revoltosos.

— Quem vocês pensam que são para agirem como juízes naquilo que não entendem?

— Ela traiu Deborah! — gritavam. — Traiu a Profecia!

Hulda sentia a raiva subir ao peito.

— Onde vocês, revoltosos, estavam quando Jael matou Sísera para salvar a vida de Deborah? Com que grau de conhecimento vocês julgam a vida dessa mulher, cuja fidelidade Deborah exigiu que fosse lembrada? Essa sentença veio de pessoas sem visão, que não compreenderam a verdade escrita por trás da letra. Jael morrerá hoje, pela vontade de vocês! Mais uma Luminar será sacrificada. É isso que querem, não é? Aliviará a tristeza que sentem agora, com certeza! Esta noite, quando olharem para o céu, não encontrarão o brilho da lua e nem o daquela estrela mais brilhante, companheira dos viajantes e sábios. Seus brilhos foram apagados e vocês contribuíram para isso.

O povo se acalmou após o discurso de Hulda. Jael, ainda tonta e com a testa sangrando, foi levada à frente por um grupo de sacerdotes cabisbaixos e envergonhados. Finéias não ousou levantar os olhos para encarar a profetisa.

Quando chegaram ao campo, Jael, em silêncio, foi levada até um dos postes utilizados como alvo. Lá, ela foi amarrada com seus braços puxados para trás. Um sacerdote veio com uma venda para ser posta sobre seus olhos, enquanto uma equipe de arqueiros do Litoral tomava posição de frente para ela, pois nem quenitas, nem midanitas e nem os homens de Quedes aceitaram participar da execução. Ela rejeitou a venda.

— Não preciso disso. Não há culpa em mim que me faça temer a morte.

O homem concordou e saiu da frente. Finéias caminhou até o centro do terreno e alçou a voz cansada.

— Estamos aqui, meus irmãos, para executar uma sentença. Jael, filha de Héber, rainha dos Queneus, que traz em si o sinal da Profecia, agiu como traidora de sua própria causa. Não existe outra sentença para o crime cometido. Sem demora, que seja feito como foi decidido.

Ele saiu da frente e ergueu o braço. Hulda observava Jael, com o coração apertado. Sarah se colocou ao lado dela, pois sabia o quanto a profetiza precisaria de apoio. Hulda virou-se para ela e agradeceu com um sorriso. Ao voltar-se para Jael, viu que ela se mostrava como sempre fora. Destemida, corajosa e certa de suas atitudes. O olhar da Guardiã encontrou o seu. Ela estava a ponto de perder outra filha naquele dia. Como poderia suportar?

Antes, porém, que Finéias abaixasse o braço, dando o sinal, uma flecha passou raspando pela fila de arqueiros. Os homens, com o susto, caíram no chão e soltaram os arcos. Quem teria atirado? Todos olharam em direção a colina, inclusive Jael. Lá, havia um cavaleiro montado em um cavalo malhado com trote faceiro. Ele segurava um arco na mão e não estava só. Atrás dele, um enorme grupo de arqueiros e arqueiras, usando roupas claras e soltas, o seguiam.

— Héber — murmurou Jael, com o coração palpitando de alívio e alegria.

Hulda baixou o capuz que lhe cobria a cabeça e apurou a vista. Sarah soltou uma exclamação de surpresa.

— O povo de Gades! Eles decidiram lutar!

Héber desceu a colina a galope, com o povo de Gades junto com ele. Ele alcançou o centro do terreno e olhou fixamente para Finéias. O velho olhava estarecido para o rapaz de cabelos negros e turbante em volta da testa.

— Por que o povo da Profecia está tentando matar uma Luminar? Há traição maior do que essa?

Antes que o velho pensasse em responder, ele desceu do cavalo e caminhou com passos largos e decididos até Jael. Com uma faca, ele cortou a corda que prendia a esposa e a tomou nos braços. Jael ficou sem fôlego com o beijo do marido.

— Dá próxima vez, eu não a deixarei mais sozinha — ele sussurrou em seu ouvido.

Ela o abraçou com força, sem acreditar que era real.

— Por que demorou tanto?

Ele afagou os cabelos dela e sentiu o cheiro do campo neles.

— Eu cheguei na hora certa, caso contrário, não a teria em meus braços agora.

Hulda correu na direção deles, seguida por Sarah e Finéias.

— Héber, onde está Barak?

O rapaz virou-se para ela e olhou duramente em direção ao sacerdote.

— Barak está vindo. Encontramos um exército aliado de Salema no caminho. Eles estavam prontos a cair sobre vocês, mas nós os surpreendemos primeiro.

— Babilos? - perguntou Jael.

— Não. Eram homens do sul, habitantes do deserto. Foram completamente derrotados.

Sarah olhou para o exército que acompanhava Héber.

— O povo de Gades não é numeroso. Como conseguiu derrotá-los?

Héber riu alto.

— O povo que está comigo representa apenas uma fração do que vem com Barak.

— O que quer dizer? - perguntou Hulda.

— Os reis do norte se aliaram a nós. Todos aqueles reis que foram libertos das prisões de Hazorah se dispuseram a nos seguir.

Jael olhou impaciente para a colina.

— Mas onde ele está, Héber?

Ele a olhou com gravidade.

— Ele não virá direto para cá. Você é a Guardiã e os quenitas são o seu povo. Reúna os melhores arqueiros e vamos para a cidade. Devemos limpar o caminho para Barak entrar.

Diante dos olhares confusos, ele falou:

— Deborah já esperou tempo demais.

Finéias tomou a frente com o olhar perturbado.

— Será que esqueceram o fato de que uma sentença estava para ser aplicada aqui?

Héber respirou fundo para manter o controle.

— No caminho para cá, encontramos Rute. Ela estava vagando sozinha, em prantos. Noa a viu de longe e a levou até Barak. Ela nos contou tudo o que aconteceu com Deborah, assim como o que estava por acontecer com Jael. Barak me enviou na frente quando viu o meu desespero. Ele me enviou sacerdote, para anular a sua sentença.

O velho abriu a boca para falar, mas Héber ergueu a mão.

— Diante da presença do Rei, você perde sua autoridade máxima. A última palavra é a dele.

Dito isso, eles se afastaram. Havia muito a ser feito.

CAPÍTULO 36

O Cetro do Rei

As amazonas que mantinham seus postos sobre a muralha, ficaram sem ação ao ver o exército que surgira acima das colinas. O seu número, unido ao dos sitiantes, as excedia em muito. Sem Babilos e os aliados, elas cairiam como formigas diante de uma força tão poderosa. Dois cavaleiros e uma guerreira se aproximaram do portão. Elas a reconheceram como Jael, a Guardiã.

— Amazonas, abram o portão! — ela ordenou.

— Por que faríamos isso? Obedecemos a rainha e os portões permanecerão fechados.

Jael percebeu a insegurança por trás das veementes palavras.

— Antes que esse dia acabe, a ordem desse mundo irá mudar. E isso não depende de nenhuma de vocês. Dou-lhes a oportunidade de escolher um lado. Fiquem aí e morram lutando pela rainha, ou abram para o Rei e vivam.

As mulheres se olharam indecisas.

— Como pode garantir que iremos viver?

O cavaleiro que estava atrás se adiantou. Era Barak. Ele as analisou com os olhos brilhantes e ergueu a mão.

— Eu garanto a vida de vocês! Eu, o Rei!

Diante da presença luminosa de Barak, elas tiveram consciência da diferença entre as trevas que cobriam Salema e fluíam de Atalia, e daquela luz que parecia irradiar por todos os lados, em volta daquele homem. Primeiro uma, depois outra, e mais outra depuseram seus arcos.

— Abram o portão! — gritou a líder. — Abram para o Rei!

Os pesados portões de Salema foram abertos. Jael fez um sinal com a mão e os arqueiros quenitas invadiram a cidade na direção do anfiteatro. Em seguida, ela e Héber os seguiram a cavalo. Barak vinha atrás, seguido por outro grupo de guerreiros. À sua passagem, o povo saía das ruas. Os olhares admirados o acompanhavam por cada rua e viela. O Rei da Profecia estava entrando e algo iria acontecer. Muitos seguiram o exército após a sua passagem. A curiosidade os impelia a isso. Os mercadores que já se encontravam dentro da cidade, antes do cerco começar, largaram suas barracas de venda e seguiram o cortejo. Muitos conheciam as lendas sobre a Profecia e se perguntavam naquele momento: "Será verdade?".

Os portões do anfiteatro foram fechados. A multidão, impedida de sair, corria para os lugares mais altos a fim de se proteger dos raios que continuavam a cair sobre a arena. A rainha fora levada para o corredor subterrâneo, mas antes de ir ela virou-se para Kyara.

— Volte e destrua o corpo! Não quero que sobre nada dela, entendeu?

Kyara assentiu e chamou suas amazonas de volta. Teriam que lutar para realizar o desejo da rainha. Eunice continuava lá, fiel como um cão de guarda. Elas avançaram, tomando cuidado com os raios. Duas amazonas foram arremessadas para longe ao serem atingidas por um deles. Os corpos, caídos de uma forma irregular, não deixavam dúvidas quanto a morte de ambas as mulheres. Com raiva, ela continuou avançando.

No meio da arquibancada, Nathan, Míriam e Otoniel, viram ser impossível sair dali e decidiram ficar observando, para ver no que ia dar a luta que estava para ser iniciada. Eles precisavam pensar numa maneira de não deixar que o corpo de Deborah fosse profanado. Nesse exato momento, os raios pararam. As Amazonas também pararam de avançar. Os olhos delas estavam fixos no alto do muro que rodeava o anfiteatro. Nathan olhou para trás e viu o que as havia feito parar.

Em cima do muro, separados por um espaço de três metros, posicionavam-se arqueiros quenitas. Ele reconheceu, com alívio, Jael bem no centro. Héber estava ao seu lado, assim como Sarah, Jafé e Joakim. Lá embaixo, Atalia, ao ver que os raios tinham cessado, voltou à arena e ficou a olhar, perplexa, o alto do muro. Jael!

Jael não sabia o que iria ver por trás daqueles muros. Ao subir e tomar o seu lugar, ela conteve a respiração ao ver o corpo da irmã mutilado, machucado e estendido naquela pedra. A visão da Profecia não era tão desoladora quanto o quadro real. Não poderia haver dúvidas de que um grande milagre estava por acontecer ali.

Jael, tentando manter o controle diante da cena desoladora que via, ergueu o shofar de Héber com as mãos trêmulas e o levou à boca. O som correu pelo vento. Alto, claro, mágico. Não era, com certeza, um toque de lamento, mas de chamada. Héber e Sarah pularam para dentro e, afastando o povo que se concentravam perto do portão, eles o abriram. Jael continuou tocando o shofar, aumentando a expectativa de todos.

Quando ele entrou, foi como se o sol tivesse retornado. O céu, antes coberto por nuvens pesadas, começava a clarear. Barak marchou com Alvorada em um trote lento. Os cascos do cavalo faziam um barulho que ecoava no recinto, diante do silêncio que se formara. A armadura dourada que cingia o seu tórax, refletia os raios do sol que começavam a atravessar as nuvens

remanescentes. Os cabelos louros pareciam mais compridos e brilhantes. Tudo nele irradiava luz e autoridade. Nos olhos, ele trazia a sabedoria adquirida pela experiência. Descansando em sua mão direita, sobre o colo, estava o Cetro de seu poder. Ele avançou para o centro e se posicionou entre os dois grupos que estavam prontos a lutar entre si. Kyara tentou manter o seu orgulho e permaneceu firme, mas suas subordinadas largaram as armas diante da dureza do olhar daquele homem quase divino. Ele virou-se para o outro grupo. Eunice e as outras guerreiras estavam ajoelhadas com as espadas ao chão. Ele sorriu satisfeito. Seu olhar, então, caiu sobre o corpo em cima do altar. Ao ver a esposa morta, com o corpo mutilado, machucado, e a roupa rasgada, ele olhou para cima e soltou um brado de dor.

Todos estremeceram diante daquele grito. Era como se ele pudesse fazer os raios retornarem em sua ira. Nesse momento, aos olhos do povo, Barak podia fazer qualquer coisa. Ele desceu do cavalo com o Cetro na mão, e subiu à plataforma. Ao chegar ao lado do altar, ele afagou os cabelos negros da mulher e viu, através dos sinais da violência espalhados em seu corpo, o quanto havia sofrido. O rosto parecia sereno e perfeito, apesar dos hematomas e arranhões. Inclinando-se, ele depositou um beijo em seus lábios frios, e agarrou-se a ela, chorando. Ele sabia que não era o fim, mas lamentava pelo que ela teve que suportar para chegarem até aquele momento. Todas as privações de não poder viver uma vida normal, todos os medos e anseios, toda a renúncia, a levaram até aquele ponto.

Após um longo momento, ele se recompôs e voltou-se para a multidão.

— Um dia, esse mundo viveu em harmonia com a luz. A luz dos Tronos irradiava em cada cidade de Hedhen, tornando sábios os reis e rainhas que as governavam. Essa luz, dada pelo Pai de toda a criação, dava vida aos homens e fertilidade a terra. Um dia, o homem passou a adorar a natureza criada, e chegou a se fazer objeto de adoração. A deusa, criada a partir da adoração a essa natureza, exigia o trabalho árduo do homem para recompensá-lo. Os governantes, então, vendo a força que essa

crença tinha no coração dos homens, começaram a tirar vantagens para si. A deusa passou a agir conforme as suas vontades. Conforme a vontade humana.

Ele parou e olhou em direção da rainha, que continuava na porta da entrada subterrânea. Sua postura era orgulhosa e impassível. A postura de um inimigo que não admitia a própria derrota.

— Foi então espalhada à mentira de que a deusa-natureza exigia mais do que apenas o trabalho árduo dos homens. Ela exigia também a sua vida. O sangue dos homens, sua essência de vida física, foi requerido para alimentar essa deusa e fertilizar a terra. Hoje, pela vontade da rainha e não da deusa, foi morta a verdadeira herdeira do trono de Salema — houve murmúrios entre o povo nessa hora. — Herdeira não apenas desse reino, mas também de um dos Tronos dos Luminares — O povo se levantou entre exclamações de surpresa.

Barak apontou para a estátua.

— A deusa que vocês foram levados a adorar por tanto tempo, e que requeria, inclusive, a vida de suas crianças, acabou! Eu venho aqui hoje para lhes revelar o poder do Pai-Criador. O poder daquele que dá a vida e não a pede de volta. Depois que esse poder lhes for revelado, posicionem-se do lado que corresponde aos anseios de seus corações. Se quiserem morte, fiquem com a deusa e seus servos, mas se querem vida, busquem a face daquele que criou a vida.

Dito isso, ele caminhou para a parte da frente do altar. Pegando o Cetro, Barak o colocou atravessado aos pés, mutilados e sangrentos, de Deborah. Em seguida, ele caminhou para o outro lado e pôs as duas mãos envolvendo-lhe a cabeça.

— Desperte, meu amor — ele sussurrou baixinho, colocando em seu poder todo o desejo de seu coração.

Todos os olhos estavam fixos no que ia acontecer. Uma luz suave começou a emanar do Cetro, e também das mãos de Barak. Essa luz foi se espalhando pelo corpo de Deborah, a partir das extremidades. Ninguém, em todo o lugar, se mexia ou falava.

Quando uma fonte de luz encontrou-se com a outra, na altura do ventre, houve uma explosão que fez tremer o anfiteatro. O muro rachou e os quenitas, que ainda estavam lá em cima, foram obrigados a descer. A luz, após a explosão, tornara-se intensa e ninguém conseguia olhar em sua direção por muito tempo. O corpo de Deborah havia sumido dentro dela, assim como a forma de Barak. O sol parecia ter baixado no centro da arena. Quando a luz, finalmente foi diminuindo, eles puderam ver. Barak retirou as mãos da cabeça da esposa e deu um passo para trás.

— Desperte — ele sussurrou mais uma vez, dessa vez com autoridade.

As exclamações e os gritos que se seguiram entre o povo dizia respeito a dois fatos. Em primeiro lugar, as roupas sujas e rasgadas de Deborah, deram lugar a uma roupa branca, que parecia concentrar uma parte daquela luz que a envolveu, de tão alva que era. Em segundo lugar, seu corpo estava perfeito. Não havia sinais de mutilação ou violência. Muitos, diante desse quadro, levantaram-se apavorados com o desconhecido. Nunca tinham visto algo assim acontecer antes, diante de olhos humanos. Algumas pessoas desmaiaram, enquanto outras permaneciam olhando e esperando o que ainda ia acontecer.

Deborah abriu os olhos e piscou por causa da claridade do céu. Era um céu muito azul, em cuja superfície passeavam nuvens em forma de finos algodões. Ela demorou um pouco para se lembrar. Ao fazê-lo, levou instintivamente as mãos ao rosto. Estava enxergando novamente! Foi então, através desse gesto que ela viu suas mãos e sentou-se, surpresa e assustada. Estavam inteiras e perfeitas! Todos os seus dedos estavam ali. Ao redor dela, no anfiteatro, as pessoas gritavam de pavor, ou davam vivas, ou se ajoelhavam, ou queriam fugir.

— Deborah — a voz de Barak era como uma canção.

Ela respirou fundo, fechando os olhos. Queria absorver aquele som. Ao se virar, um instante depois, e encontrar o olhar do marido, que se postara ao seu lado, ela não se conteve e, levantando-se da pedra sem nenhuma dificuldade, atirou-se em

seus braços. Ele a envolveu, sabendo que tinha nos braços o seu bem mais precioso naquela terra.

— Eu não pensei que fosse capaz... — ele sussurrou com a voz rouca. — Tive tanto medo de não conseguir, de não ter fé suficiente.

— Mas conseguiu — ela tocou o rosto dele com as mãos, para se certificar que era real. — Você me trouxe de volta.

Barak, segurando a mão da esposa após levá-la aos lábios, voltou-se para o povo.

— Este é o poder do Pai-Criador, povo de Salema! Farei agora uma única pergunta: Vocês escolhem a morte ou a vida?

Como uma só pessoa, o povo se ajoelhou diante deles.

Atalia pegou no braço da sacerdotisa-chefe.

— Tire-me daqui! Leve-me para o palácio!

As duas mulheres entraram pelo corredor e sumiram na escuridão. Kyara incentivou as amazonas, que se encontravam perplexas, a se armarem e ir à luta. As mulheres olharam umas para as outras e algumas delas correram para o lado de Eunice. Kyara bufou de raiva.

— Traidoras! Que morram, então!

A comandante tinha sede de sangue, mas diante de tudo o que havia acontecido ali, a prudência falou mais alto. Ela virou-se para as mulheres que permaneceram ao seu lado.

— Vamos voltar ao palácio. Precisamos reagrupar as patrulhas que estão dispersas. Ficar aqui não vai adiantar, pois o nosso grupo está em desvantagem. Apenas no palácio, teremos alguma chance de conseguir um contingente maior.

Dessa forma, as amazonas deixaram o lugar.

Na plataforma, Eunice aproximou-se dos Luminares, mas parou insegura.

— Aproxime-se, Eunice - disse Deborah ao notar o seu gesto.

A capitã chegou perto e viu o quanto aquela mulher estava diferente. A vida havia retornado para ela de uma forma

plena.

— Eu a vi morrer — Eunice disse com esforço. — Vi o momento de seu último suspiro e fechei seus olhos. Agora a vejo viva e inteira diante de mim e não sei o que fazer.

A mulher ajoelhou-se.

— Por favor, deixe-me lutar ao seu lado, apesar do meu passado me condenar.

Deborah pôs a mão sobre a cabeça dela.

— Levante-se e tome o seu lugar, capitã. Ainda há muito a ser feito.

Eunice sorriu e se foi. Nesse momento, Deborah viu Jael vir correndo ao seu encontro. Barak a soltou e ela foi abraçar a irmã.

— Acabou, Deborah! O pesadelo da morte acabou! — Jael ainda sentia o sabor amargo daqueles momentos que antecederam a chegada de Barak.

— Sim, minha irmã. Acabou. O Pai foi fiel em cumprir a Profecia da maneira que nos foi mostrada.

Ela viu o corte na testa de Jael e franziu as sobrancelhas.

— O que aconteceu com você?

Jael sorriu.

— Nada, graças a Héber — ela, então, lembrou-se da primeira visão que teve de Deborah ao entrar no anfiteatro. — E nada, diante do que aconteceu com você...

A Herdeira, então, lembrou-se da rainha.

— Onde está Atalia? — ela perguntou.

— Fugiu para o palácio, junto com a sacerdotisa-chefe e as amazonas — respondeu Jael. — Vão tentar reagrupar as forças por trás das muralhas que cercam sua fortaleza.

Deborah virou-se para Barak, preocupada.

— Ainda temos que terminar o que começamos — ela disse.

— Conquiste o seu trono — ele disse. — Eu levarei o exército e enfrentaremos a força de Babilos. O mal deve ser completamente varrido dessa terra.

Barak pegou o Cetro, que ainda emanava um brilho suave, e montou Alvorada. Deborah subiu na garupa e saíram ambos do anfiteatro. Jael correu de volta para os quenitas dando ordens para voltar ao acampamento. O povo também começou a dispersar. Era evidente que um confronto logo teria início e que ambas as partes deveriam se preparar.

No acampamento, houve momentos de profunda emoção quando Barak e Deborah chegaram. Ela desceu do cavalo e foi envolvida pelo abraço de Hulda, que chorava e beijava o seu rosto com alegria incontrolável. Foram tantos abraços e reencontros que seguiram ao primeiro, que Barak teve que tomar a palavra com autoridade.

— Amigos, eu sei que a alegria de vocês é grande. Mas o inimigo ainda reúne forças para impedir que a luz retorne. É hora de lutar e buscar a vitória que já nos foi dada, através do sacrifício da Herdeira — ele tomou Deborah pela mão, e a olhou com todo o amor que sentia. — Pela fidelidade dela, tudo foi possível. Agora, vamos nos preparar e deixar essa alegria para a comemoração final.

Depois disso, cada um procurou se preparar para a batalha. O povo de Salema havia feito sua escolha e seria poupado, assim como a cidade. O alvo estava no palácio, onde se escondia a rainha e todo o seu séquito. O exército poderoso de Barak seguiria de encontro às forças de Babilos. O povo de Quedes, de Midani, e o contingente do exército profético marchariam com o Rei, para o campo de guerra. Com Deborah ficariam os Queneus, a Ordem e o povo de Gades. Héber e Sangar apoiariam Barak. Noa e Hadassa ficariam com Deborah. Os sacerdotes formariam a cobertura espiritual que fortaleceria a fé de cada um e que os levaria a vitória.

Noa e Hadassa foram recebidas com muita alegria e expectativa pelas companheiras da Ordem. Maalá retornou formalmente o cargo de comandante do exército para Noa. Ela, no entanto, abraçou a velha amiga.

— Minha amiga, para que essa formalidade entre nós? Somos iguais. A Ordem é uma irmandade, lembra?

— Você voltou diferente - disse Maalá. — Parece mais experiente e segura.

Noa sorriu.

— Foi uma experiência que mudou a todos nós. Deborah sabia que eu tinha algo para fazer naquele lugar. Mas, tirando isso, continuo a mesma.

Ela olhou em volta e aprovou as novas guerreiras da Ordem.

— Rute, você cresceu e finalmente está no lugar que sempre desejou. Notei isso, mesmo quando a encontrei chorando lá no vale.

Rebeca não conhecia Noa, mas ficou admirada ao ver a comandante. Ela parecia exalar uma atmosfera de segurança e tranquilidade.

— Rebeca, eu já ouvi falar de suas aventuras com Rute, e posso dizer que a impulsividade que vocês demonstraram para chegar até aqui, será muito necessária agora.

— Pode contar com minha coragem, impulsividade, teimosia. Estou no meu lugar e nada vai me impedir de cumprir o meu papel.

Noa admirou-se com as palavras da moça.

— Acredito em você.

Rute e Hadassa se olhavam com mútuo interesse.

— Você mudou também - disse Rute. — Não parece mais a adolescente que saiu daqui.

— E como me pareço? - perguntou Hadassa.

— Você cresceu. É uma mulher agora, e não uma menina. Acho que perdi uma amiga.

Hadassa olhou-a confusa.

— Rute, você não tem olhado o próprio reflexo? Você também cresceu guerreira. E como pode dizer que perdeu uma amiga se eu acabei de voltar?

As duas riram e se abraçaram.

— Bem, está na hora de falarmos sobre o que vai acontecer - disse Noa.

Deborah acompanhou Barak até o seu lugar no exército. Ela apertou com força a mão dele, ao chegarem ao local onde Alvorada aguardava ansioso.

— Babilos é uma força muito maior do que Hazorah — ela lembrou.

Ele sorriu.

— Nós somos imunes a qualquer poder daquela terra, agora. Só precisamos confiar na vitória que já nos foi dada pelo Pai-Criador.

— O que fez comigo, Barak? — ela perguntou em um tom baixo.

— Eu dei a você a vida dos Luminares. A mesma que me foi dada. Sem ela, eu não poderia ter feito o que fiz.

— E quanto a Jael? Ela continua sujeita aos poderes do mal. Mas ela também é uma Luminar.

Barak segurou as duas mãos da esposa e a olhou nos olhos.

— Deborah, quando eu recebi essa dádiva, não sabia o que fazer com ela. Eu tive que seguir o meu coração. Sei que a hora de Jael vai chegar. Não posso dizer quando e nem como, mas o seu coração dirá.

— O meu?

Ele sorriu.

— Ela está mais ligada a você do que a mim. Quando chegar a hora, acredito que o seu coração será avisado.

Ele se inclinou e a beijou longamente.

— Conquiste Salema, Herdeira — ele falou. — Quero que o exército marche vitorioso por dentro da cidade, quando voltarmos.

— Marchará sim, meu Rei, e debaixo da saudação do povo. E eu estarei ao seu lado.

Ele a soltou e montou no cavalo. O exército iniciou a marcha para campo aberto e rumo à batalha contra Babilos.

CAPÍTULO 37

A Conquista de Salema

Os portões de Salema foram abertos pelas amazonas comandadas por Eunice. Quando Deborah passou pelo portão, no alto de Bruma, notou o desconforto das amazonas. Ela desmontou e cumprimentou Eunice com um abraço sincero. A mulher ainda se sentia culpada pelo que foi cometido a ela e recebeu aquele gesto com timidez. Deborah olhou em volta e suspirou.

— Vocês estão com medo de mim?

Silêncio. Ninguém se manifestou. Ela fixou o olhar em Eunice e a mulher se adiantou.

— Muitas dessas mulheres participaram de sua prisão.

Deborah olhou para o grupo reconhecendo algumas, inclusive a grandona que a subjugou no chão. Todas mantinham as cabeças abaixadas.

— E muitas, que você não viu, estavam formando o corredor até o altar.

Deborah balançou a cabeça e pensou um pouco antes de falar.

— O que vocês fizeram no passado está enterrado para mim. Hoje, vocês escolheram o lado pelo qual iriam lutar. Só peço que não tenham feito isso por temor, mas pelo fato de terem presenciado o poder do Pai-Criador. O poder da vida.

Ela apontou para ela mesma.

— Eu sou uma guerreira e sirvo a Ele. Ele não exclui as mulheres, como vocês foram ensinadas a pensar. A mãe, inventada por Atalia, não existe. O Pai, entretanto, sabe muito bem ser mãe quando quer. Ele é a plenitude de tudo. Pai e Mãe unidos em um só ser. E a essa união, eu chamo de "Pai". Ele as ama também e não as despreza por serem guerreiras. Ele as fez assim, porque ele é o Criador de tudo. Lutem hoje, por esse Pai e queiram conhecê-lo. Mas não lutem por medo. Eu já perdoei vocês e me sinto feliz em tê-las do meu lado agora. São meu exército, meu povo, minhas irmãs.

A grandona ergueu a espada.

— Lutemos por Deborah e pelo Pai-Criador!

As outras gritaram em favor ao chamado. Deborah sorriu e voltou-se para Eunice.

— Qual é a situação na cidade?

— Há um grande contingente de amazonas reunido do lado de dentro do palácio. A rainha se trancou na torre, junto com a sacerdotisa-chefe. Não duvido que estejam mantendo uma comunicação direta com o rei Anrafel. Ela pode comandar grandes ataques espirituais de lá, com a ajuda daquela bruxa que se diz sacerdotisa.

Deborah ergueu os olhos para Jael, com preocupação. A irmã, montada em Solaris, entendeu o que se passava em sua mente. Ela não estava imune ao poder da rainha.

— Não se preocupe comigo. Ainda sou uma Luminar, lembra?

Deborah voltou-se para Eunice.

— E quanto ao povo?

— Estão seguros em suas casas. Nós conseguimos convencê-los a não sair até que tudo tivesse passado. Não podemos garantir que a batalha não se estenderá pelas ruas da cidade.

— E quanto aos mercadores e indigentes, que não possuem uma casa para se abrigar? — a pergunta foi de Jael.

— Estão abrigados fora dos muros. Foi erguido um acampamento junto ao rio para aqueles que não tivessem casa em Salema. As ruas estão desertas e prontas para a passagem do exército.

Deborah voltou a montar, satisfeita pelo trabalho de Eunice. Ela olhou para trás e ergueu a mão.

— Vamos entrar!

Jael virou-se para Sarah, que estava ao seu lado.

— Eu quero que você assuma o comando de Gades, Sarah. Os arqueiros gaditas podem ver tão bem no escuro, quanto na luz do dia. Posicione-os sobre os mais altos telhados e diga-lhes para aguardarem o sinal.

Sarah deu uma olhada em volta e encontrou o que queria em dois prédios que se destacavam dos demais pela altura. Um era o mercado de tintas e o outro, uma hospedaria. Ambos estavam localizados em lados opostos e pelo comprimento, podiam manter um número suficiente de arqueiros sobre sua estrutura.

— Já sei como fazer isso — ela saiu no mesmo instante para cumprir as ordens.

Eunice apontou para o lado sul da muralha.

— Existe uma falha no muro, daquele lado. Ainda não foi consertada e, acredito que com o tremor dessa manhã, tenha se agravado.

— Kyara pode ter tido tempo de mandar consertá-la — ponderou Deborah. — Elas estão numa situação de defesa, e a reparação do muro deveria ser uma prioridade.

Eunice riu.

— Não para Kyara. Ela não está acostumada a agir na defensiva. O seu forte é o ataque.

Deborah olhou para Noa.

— Eu e a Ordem usaremos essa entrada, quando os arqueiros de Gades começarem o ataque. Uma vez lá dentro, será fácil chegar ao portão — Noa falou com segurança.

— Fique atenta — aconselhou Deborah. — Verifique se a passagem está segura, antes de tentar a ação.

Jael pôs uma mão no braço de Joakim. O rapaz estava ajoelhado perto dela.

— Quando o portão for aberto, lidere os quenitas na batalha que vai ser iniciada e dê apoio à Ordem.

— E quanto a você? — ele perguntou.

Jael procurou o olhar de Deborah.

— Jael entrará comigo no palácio — Deborah respondeu. — O nosso alvo é a rainha e sua guarda pessoal.

— Não esqueçam a sacerdotisa-chefe — falou Eunice. — Ela tem um reduto perto da torre que é totalmente preparado para suas feitiçarias.

— Você e suas amazonas, podem nos guiar para dentro? — Deborah perguntou.

Eunice a olhou com surpresa.

— Confiaria em nós?

Deborah olhou fixamente nos olhos da capitã e sorriu.

— Você me guardou na minha morte. Acredito que me guardará agora que estou viva, também.

Os gaditas foram discretos ao subir e tomar posição em cima dos prédios. De lá, os vultos das arqueiras amazonas eram bem visíveis para eles. Sarah daria o sinal através de um apito silencioso, utilizado nas caçadas. Os ouvidos do povo de Gades estavam acostumados com aquela vibração sem som. Jael ergueu a mão e Sarah apitou. Uma chuva de flechas varreu o ar e alcançou certamente as arqueiras que estavam de prontidão nos muros.

Aproveitando o momento de susto pelos gritos das mulheres, Noa e a Ordem correram em meio a escuridão até o lado sul do muro. Andaram poucos passos até encontrar uma brecha de um metro de altura. A rachadura se abria mais na base e dava para passar uma pessoa rastejando.

— Maalá, Milca, Hogla e Tirza, vocês vêm atrás de mim - disse Noa. — Hadassa, Rute e Rebeca, eu preciso que vocês corram e subjuguem quem estiver no portão. Ele precisa ser aberto o quanto antes.

A brecha, por sorte, estava escondida entre alguns arbustos. Elas puderam passar e ficar despercebidas. A um sinal da cabeça de Noa, Hadassa liderou as duas meninas na direção indicada. Elas foram usando carroças abandonadas e caixas empilhadas como esconderijo até chegarem de surpresa ao portão. Lá haviam quatro amazonas e guarda.

— Estão prontas? - perguntou Hadassa.

— É só dar a ordem - disse Rebeca.

— Vamos lá!

As três pularam sobre as mulheres, surpreendendo-as. Três foram subjugadas, mas a quarta conseguiu escapar. Ela ia dar o grito de alerta das amazonas, mas uma flecha atirada por Noa, que estava atenta a cada movimento, calou a sua boca. Isso deu

tempo para que elas pudessem tirar a pesada trave do portão e abri—lo sem dificuldade.

Quando Joakim viu o portão ser aberto, ergueu a espada para o ar e gritou:

— Queneus, venham comigo!

Eles invadiram o pátio do palácio aos gritos. Lá dentro, as amazonas, que eram numerosas, não davam conta da voracidade com a qual os quenitas se dispuseram a lutar. A Ordem lutava entre eles. Deborah e Jael seguiram atrás, mas o seu objetivo era abrir caminho até a entrada do palácio.

Da janela, Kyara pôde ver o momento da invasão. Era necessário impedir a entrada deles no palácio. Ela defendia a rainha não por devoção, mas porque sabia que se Atalia morresse, também seria o seu fim. Ela lutava pela própria vida.

— Vamos descer e proteger o acesso à torre! — ela ordenou.

Havia um bom número de amazonas com ela. Suficientes, segundo o seu ponto de vista, para prover a defesa interna.

Distante dali, a batalha com Babilos estava sendo árdua. Ocorreram muitas baixas em ambos os lados, mas o exército do Rei continuava em superioridade. Eúde fora ferido gravemente e teve que ser retirado do campo. Hagai também fora atingido por uma flecha envenenada, mas ainda lutava pela própria vida. Héber comandava um batalhão composto de midanitas e arqueiros do Litoral. Sangar ficou com a liderança de Quedes no lugar de Eúde, e Barak seguia no comando geral dos reinos do norte.

A luta estava quase decidida, quando o Rei ficou frente a frente com Anrafel. O rei de Babilos trajava-se todo de negro em contraste com o branco e o dourado da roupa de Barak. Ele deu um sorriso de escárnio e atacou Barak com um grito de guerra. O rapaz esquivou-se.

— Você é um Luminar — gritou Anrafel, mostrando a espada. — Essa lâmina lhe é mortal. Uma espada de ferro negro

puro.

Barak sorriu de volta.

— A ordem das coisas foi mudada, Anrafel.

— Ainda não, reizinho!

Anrafel tinha muita experiência com espadas. Ele conseguiu surpreender Barak o suficiente para ferí-lo no ombro com a ponta afiada. O rapaz cambaleou e levou a mão direita ao ombro ferido. O rei de Babilos gargalhou. De súbito, porém, ele parou de rir ao ver o que estava acontecendo. Barak ergueu novamente o corpo. A ferida foi parando de sangrar, até o corte se fechar totalmente. Barak, respirando normalmente, olhou para ele e disse:

— A ordem foi mudada — ele repetiu. — O que poderia ser a minha fraqueza, tornou-se minha fortaleza. O poder da pedra do céu tem a mesma essência da luz que está dentro de mim. Portanto, você me ajudou a fortalecer mais essa luz.

— Não... — murmurou Anrafel.

Ele soltou a espada e começou a correr de Barak. Seu corpo, entretanto, foi alvo de incontáveis flechas atiradas pelos próprios homens de Babilos, ao ver o seu rei fugir em meio a batalha. Quando Anrafel caiu, com os olhos esbugalhados, Babilos rendeu as armas. A batalha no campo havia terminado.

Eunice abriu o caminho para Deborah e Jael entrarem no palácio. Enquanto, as amazonas se batiam elas duas subiram as escadas em linha reta. Em certa altura, a escada passava por uma espécie de refeitório. Lá, elas pararam ao encontrar Kyara e um outro grupo de meia—dúzia de guerreiras que desciam as pressas. A comandante parou ao ver as duas Luminares na sua frente e sorriu sem muita segurança.

— Ora, que surpresa! Procuram por alguém?

Deborah não tinha muita vontade de gastar suas palavras com Kyara. Ela retirou das costas, duas espadas curtas e começou a avançar. Jael abateu duas das mulheres com o arco e uma terceira com a espada. Deborah cuidou das outras três com uma fúria que deixou Jael preocupada. A irmã partiu, então, para cima da

comandante. Kyara não queria ser chamada de covarde mais uma vez, por isso se preparou para a luta. Deborah não conseguiu evitar que as lembranças da sua prisão e da tortura que passara na arena viessem à tona. Ela deu liberdade a uma raiva incontrollada e lutou com Kyara, tendo como único objetivo acabar com a vida daquela mulher. Kyara, debaixo do rápido ataque da Herdeira, caiu para trás e ficou acuada contra a parede. Deborah pôs uma espada em seu pescoço e a outra apontada para o seu peito. Jael correu e segurou-lhe a mão.

— Não, Deborah! Acabou! Ela está derrotada! Não faça isso!

Deborah respirou fundo, e baixou devagar as duas espadas. Ela encarou os olhos de Kyara, como se pudesse ver a escuridão daquela alma.

— Por mais que você transpire maldade, eu não posso deixar de acreditar que ainda possa haver uma chance para você.

Ela ergueu-se e guardou as espadas novamente. Jael a puxou pelo braço.

— Vamos continuar.

Elas mal chegaram ao pé da escada, quando foram surpreendidas por um grito de dor. Ao virarem-se, viram o que tinha acontecido. Kyara levantara-se com a espada na mão para surpreender Deborah pelas costas, quando foi transpassada pela espada de Eunice, que chegava naquele momento. A comandante tinha um olhar de pavor ao cair dura e sem vida no chão. Deborah olhou para Eunice, agradecida. Jael, porém, leu a perturbação no seu olhar.

— A hora dela havia chegado — ela falou. — Pelo menos não foram suas mãos que fizeram isso.

Deborah sorriu para a irmã.

— Obrigada por ter me impedido.

Eunice guardou a espada.

— O caminho está livre para vocês. Ficarei aqui até que voltem.

Deborah lançou mais um olhar em direção ao corpo sem vida de Kyara, antes de subir o resto da escadaria com Jael.

Elas chegaram a um corredor escuro com uma porta larga e aberta ao fundo. Ouviram vozes lá dentro. Deborah sacou as espadas e Jael preparou o arco. Quando elas entraram, Atalia e a sacerdotisa-chefe estavam no meio de uma discussão. A rainha, ao ver Deborah na sua frente, não soube o que fazer. Toda a arrogância e prepotência pareciam ter fugido de seu espírito. Jael observava atentamente cada movimento da mulher feiticeira que se dizia sacerdotisa. Ela notou que os lábios da mulher se mexiam quase imperceptivelmente. Enquanto isso, Atalia dava pequenos passos para trás, em direção a estreita escada que levava a torre.

— O seu reino acabou, Atalia — Deborah falou, fixando nela o seu olhar. — Eu venci.

— Você sabia o que ia acontecer — Atalia a acusou. — Eu fui a ludibriada o tempo todo.

— Você se fechou para a luz. Escolheu esse caminho.

A rainha olhou para as espadas que Deborah tinha nas mãos.

— E você veio aqui me matar?

— Sua rendição me basta.

Atalia soltou uma gargalhada sonora.

— Prefiro a morte de que me render a você.

Jael tinha o arco apontado para a sacerdotisa-chefe, mas não pode evitar o susto ao ver sombras negras saírem de dentro de uma grade no chão. Ela se lembrou das sombras que as atacaram no celeiro, a caminho das Cavernas do Sal. Deborah as viu e preparou-se com as espadas. A sacerdotisa enviava os encantamentos através de palavras mágicas. Jael começou a atirar flechas nas sombras que se desfaziam em cinzas. Deborah golpeava outras, mas eram tantas que lhes obscureciam a visão. Atalia aproveitou para subir e se refugiar na torre. Jael sabia o que tinha que fazer.

— Deborah, eu cuido disso — ela falou ao atirar mais uma flecha. — Vá atrás da rainha.

— São muitas sombras, Jael!

— Eu sei qual é a fonte delas.

Deborah hesitou.

— Vai logo!

Quando Deborah decidiu subir a escada, Jael já havia abatido mais duas sombras. Elas dançavam na sua frente, impedindo que tivesse uma visão clara da sacerdotisa. Para ganhar tempo, Jael subiu em uma mesa comprida no centro da sala e chutou o conteúdo de um caldeirão dentro da grade por onde saíam às sombras. A sacerdotisa deu um berro de indignação.

Deborah chutou a porta da torre e encontrou a rainha com ar de vitória, circulando o tanque do poço das visões.

— Não há mais para onde fugir — a rainha disse.

— Por que está dizendo isso pra mim? Não sou eu que estou fugindo.

Atalia apontou o tanque.

— Esse lugar é a fonte do meu poder. Aqui, eu ainda sou poderosa.

A rainha parecia dançar em um transe fora de si.

— Suas amazonas foram derrotadas. Os seus aliados foram derrotados. Você está só, Atalia. Renda-se e aceite o exílio que eu lhe ofereço.

— Exílio? Para mim? Eu sou a rainha de Salema! Tive que matar minha própria irmã para conseguir isso.

Deborah sentiu o sangue gelar.

— O que você disse?

Atalia riu e passou a mão pelos cabelos.

— É isso mesmo, querida. Eu matei sua mãe. A envenenei aos poucos até que não houvesse nenhuma força nela, na época de seu nascimento. Como eu odiei aquela mulher! Ela tinha o reino! Ela tinha a veneração do povo! Ela tinha ao seu pai!

Deborah apenas encarava a rainha sem saber o que fazer.

— Cirene nunca soube, mas uma vez eu tive o seu pai em minha cama — ela acrescentou com uma risada, que foi subindo de intensidade.

— Cale essa boca! — Deborah gritou com uma súbita raiva.

Atalia olhou para ela estreitando os olhos, pronta para dar o bote.

— Ainda não percebeu? Sísera era seu irmão.

Jael conseguiu acabar com todas as sombras. A sacerdotisa, porém, não se deu por vencida e começou a bailar no meio da sala, como se flutuasse. Sua boca se mexia novamente e uma sombra maior começava a se formar. Jael preparou o arco e, sem pensar duas vezes, atirou bem no coração da mulher. O corpo da sacerdotisa-chefe tremeu de uma forma incontrollável, até perder a leveza e cair no chão imóvel. Jael deu a volta na mesa e aproximou-se. O corpo havia se transfigurado e tomado a aparência de uma boneca feita de casca de madeira. A sombra que começara a se formar sumiu quando a sacerdotisa-chefe morreu. Jael respirou fundo e foi para a escada. Era o momento de ajudar Deborah.

— Eu usei um feitiço e me tornei Cirene aos olhos dele. Um homem bêbado e apaixonado! Nem chegou a perceber a diferença. Foi a melhor noite de minha vida.

Deborah olhava aquela mulher com incredulidade. A mentira fluía dos lábios de Atalia como música.

— A sua vida é um engano, Atalia. Você não merece viver.

Atalia abriu os braços, quando viu que não poderia enganar Deborah com palavras.

— Então, me mate! Ou eu farei isso com você — ela apontou para o poço.

— O poço não tem mais poder sobre mim. Você não tem mais poder sobre mim.

Nesse momento, Jael entrou na sala. Atalia sorriu vitoriosa ao ver a moça.

— Não, eu não tenho mais nenhum poder sobre você, Deborah — A rainha pôs a mão dentro da água e a agitou — Mas tenho sobre ela!

Jael soltou o arco com um grito, e caiu para trás com as mãos sobre a cabeça. Ela se debatia no chão como se lutasse com braços invisíveis.

— Saia da minha cabeça! — Jael gritou.

— Eu limparei sua mente por completo, Guardiã. Ficará apenas o vazio.

— Não! — Deborah gritou.

Ela soltou as espadas e se agarrou com a rainha, tentando afastá-la do poço. As duas lutaram, numa feroz luta corpo a corpo. Atalia, apesar da idade, era tão alta quanto Deborah e tinha a força de uma mulher jovem. Deborah tentava impedir que ela voltasse a mexer as águas, enquanto Atalia forçava o corpo dela para dentro do tanque. Jael jazia deitada no chão, quase inconsciente.

— Já foi feito, Deborah — sibilou a rainha. — A mente dela está se esvaindo. Não pode salvar sua irmã.

Deborah reuniu toda a força que tinha e empurrou o corpo de Atalia com as pernas. A mulher cambaleou para trás em direção a janela e tentou se segurar nas cortinas. O pano, porém, rasgou-se e ela caiu no vazio. O rosto mostrava o pavor de quem temia a morte. O grito durou toda a queda, até o corpo se espatifar na escadaria do palácio. Era o fim de Atalia.

Deborah correu para Jael. A irmã fitava o vazio. O corpo estava vivo, mas a mente não respondia.

— Jael! Fale comigo! — Deborah sacudia o corpo de Jael.

Não havia reação. A mente de Jael se fora. Deborah abraçou o corpo da irmã num choro desesperado.

— Esse não pode ser o seu destino, Jael. O que eu posso fazer?

Ela olhou para cima e gritou:

— Pai, o que eu posso fazer?

Ela, então, lembrou-se do que havia conversado com Barak sobre a vida dos Luminares. O corpo de Jael estava vivo. Respirando fundo, ela pôs a mão sobre a cabeça da irmã e aguardou. Nada aconteceu. Deborah fechou os olhos e procurou a serenidade. Precisava se concentrar e acreditar que poderia fazer aquilo. De repente, sem que ela percebesse, uma luz começou a envolver o corpo de Jael. Deborah, de olhos fechados, só sentia que suas mãos estavam quentes. Quando ela abriu os olhos, depois de

certo tempo, sentou no chão e ficou contemplando a irmã. Jael estava diferente. Os cabelos estavam num tom mais claro, quase mel, e a mecha branca havia desaparecido. A roupa era a mesma, mas brilhava com pontos prateados, como se fossem milhares de estrelas. Jael piscou e olhou para ela, confusa.

— Acabou? — ela perguntou.

Tudo o que Deborah conseguiu fazer foi chorar de alívio, em resposta.

Elas surgiram na janela da torre e o exército, vitorioso, as aclamou com gritos de alegria. Elas deram as mãos e ergueram os braços em sinal de vitória. Os gritos se tornaram mais fortes.

— Vamos descer - disse Deborah.

— Sim, vamos.

Ao passarem pela sala da sacerdotisa-chefe, Deborah aproximou-se do corpo e olhou incrédula para Jael.

— O que era isso?

Jael balançou a cabeça.

— Não faço idéia, mas agora fica mais fácil imaginar até onde iam os conhecimentos ocultos da rainha.

Elas apressaram-se em sair dali, e continuaram descendo as escadas até chegar ao ponto onde Eunice permanecia esperando, agora com um grupo maior de amazonas. Quando elas surgiram, as mulheres imediatamente se puseram de joelhos. Eunice ergueu a espada.

— Viva a rainha Deborah! — ela bradou.

— Viva! — as outras responderam em uma só voz.

Lá embaixo, o encontro foi igualmente emocionante. O povo começava a sair de suas casas e uniu-se ao coro daqueles que já aclamavam Deborah como a nova rainha de Salema.

CAPÍTULO 38

A Cidade Dourada

Houve uma limpeza na cidade. Era festa e os vestígios da morte deveriam ser varridos dali. O povo encarregou-se de enfeitar as ruas com flores de variadas cores. As amazonas de Eunice

puseram suas armaduras de gala. Os sacerdotes, dentro do palácio, preparavam o ambiente espiritual do lugar, anulando todo o efeito de magia oculta que pudesse existir. O trono de Atalia foi substituído, ninguém soube dizer por quem, por dois tronos brancos de marfim e ouro. O pátio do palácio, que fora palco de uma batalha, agora estava limpo e enfeitado com bandeiras coloridas em volta do muro. Os corpos foram levados e queimados fora da cidade, logo após a batalha. Incluindo entre eles, o corpo da sacerdotisa-chefe. A pedido de Deborah, Atalia, como rainha, seria queimada numa cerimônia a parte.

Na metade do dia, um som de shofar se fez ouvir por toda a cidade. Era o shofar de Héber, tocado por Jael. Ela abria o cortejo que começava a passar pelo portão da cidade. Jael montava Solaris e usava uma túnica de gala cinza, que ressaltava ainda mais o brilho de estrelas que acompanhava qualquer roupa que ela vestisse. A túnica ia até os joelhos e era amarrada por uma faixa em volta da cintura. Por baixo, ela usava uma calça da mesma cor, por dentro de botas pretas cingidas com pele de urso. Para aquela ocasião, não havia armas. Ela levava apenas o shofar na mão e o tocava a cada dez passos dados por Solaris. Atrás dela, lado a lado, vinham Deborah e Barak. Ela, montada em Bruma, cujo pelo negro brilhava como se estivesse molhado, e ele, em Alvorada, de um pelo branco reluzente, quase irreal. Ela usava uma túnica comprida branca que ia até os pés, mas que era aberta na frente e cingida com apenas um cordão na altura da cintura. A roupa de dentro também era branca e enfeitada de modo artesanal. Suas botas eram de pele de ovelha e os cabelos negros pendiam soltos. Barak usava uma veste e calças beges por baixo da armadura dourada e polida, guardada especialmente para aquele dia. Na frente da armadura estava entalhada a face de um leão. As botas eram recobertas com o mesmo material da armadura. Nas costas, uma capa da mesma cor da veste era balançada pelo vento. Eles eram os Luminares e tudo neles brilhava.

Atrás deles marchavam os comandantes dos exércitos vitoriosos e os sacerdotes. O povo os aclamava durante o desfile. Jael era muito assediada pelas crianças e distribuía sorrisos na

direção delas. Deborah recebia flores pelo caminho e sorria com afeto para cada um que cruzava o olhar com o seu. Barak acenava e pegava nas mãos daqueles mais ousados. Quando o cortejo chegou ao palácio, eles desceram dos cavalos e continuaram o trajeto a pé, na mesma formação. Lá dentro, a sala do trono estava adornada com enfeites vindos de todos os povos ali representados. Flores, bandeiras, objetos de ouro e prata, tapeçarias coloridas cedidas pelas tribos de mercadores. Jael subiu os três degraus e posicionou-se em pé, entre os tronos. Barak sentou-se no que tinha o encosto mais alto e Deborah no mais baixo, mas nem por isso de menor esplendor.

Três sacerdotes foram escolhidos para a coroação dos Luminares. Nathan, Otoniel e Salum entraram em fila trazendo nas mãos uma almofada cada um. Sobre cada almofada, uma coroa. As três foram guardadas na cidade de Aroer e enviadas a Salema para essa ocasião. Eram coroas feitas de um material desconhecido, mas que pareciam captar qualquer luz do ambiente no qual se encontravam. Otoniel deu um passo à frente e Jael foi ao seu encontro. Ela ajoelhou-se diante dele. Solenemente, ele depositou em sua cabeça uma das coroas. Esta passou a refletir o mesmo brilho que se via na roupa de Jael. Feito isso, ela se ergueu e encontrou o olhar orgulhoso de Otoniel. Sorriu para ele e voltou ao seu lugar. Nathan foi o próximo. Deborah não precisou se erguer ou ajoelhar-se. Ele foi até o trono e ela inclinou a cabeça. Nathan depositou em sua cabeça a segunda coroa. Suas mãos tremiam de emoção e ele não conteve as lágrimas. A coroa, ao ser colocada na cabeça de Deborah, passou a emanar uma forte luz branca e pulsante. Quando ela ergueu a cabeça, pegou as mãos pequenas do sacerdote e as beijou afetuosamente. Barak também aguardou no trono, enquanto Salum trazia a sua coroa. O sacerdote sorriu ao ver o olhar do rapaz. Ele parecia não acreditar no que estava acontecendo. Salum aguardou que ele inclinasse a cabeça e colocou a coroa após respirar profundamente. O sol invadiu o salão e parecia explodir da cabeça de Barak. Todos tiveram que proteger os olhos. Ninguém duvidava. Os tempos foram mudados e os Tronos eram soberanos novamente. Começava a nova Era dos Luminares.

Houve festa em Salema durante toda a semana. Nesse meio tempo, Deborah conseguiu realizar um desejo há muito tempo esperado. Ela foi com Hulda visitar o túmulo dos pais. Ficava numa cripta, na ala subterrânea do palácio. Estava abandonada e escura, mas Deborah decidiu que muitas reformas seriam feitas ali. Ela pousou a mão sobre a pedra escura e fria que indicava o local do túmulo de Cirene.

— Sua mãe tinha esperanças de que você chegasse aonde chegou - disse Hulda. — Essa esperança a acompanhou na morte.

— Fico feliz por não tê-la desapontado.

Deborah encostou o rosto na superfície da pedra.

— Eu gostaria tanto de tê-la conhecido.

— Olhe para dentro de você e verá sua mãe.

Deborah sorriu para Hulda e ambas caminharam em direção a saída.

— Para onde vai, agora? — Deborah perguntou.

— Voltarei a Ilha dos Profetas com Míriam e ficarei uns tempos por lá, descansando.

— Não vai desaparecer, vai?

Hulda riu.

— Você sabe que nessa era que se inicia o tempo não será contado como sempre foi. Temos tempo sobrando a nossa disposição.

Sangar e Noa caminhavam de mãos dadas sobre a colina que circundava a cidade. Ele parou e a puxou para si, dando-lhe um beijo apaixonado.

— Tem certeza de que não quer ir comigo?

Eúde não sobrevivera aos ferimentos da batalha e morreu no caminho para Salema. Os homens de Quedes elegeram Sangar como seu novo líder e ele pretendia partir para as florestas do norte com sua nova gente.

— Amo você, Sangar, mas o meu lugar é aqui. A Ordem Branca do Templo, que foi destituída por Atalia, agora vai poder reviver. É meu dever, como líder da Ordem de Zelofeade, repassar

os ensinamentos que nos foram dados e moldar uma nova geração de guerreiros—sacerdotes que lutarão para manter a paz.

Ele suspirou.

— É uma grande missão.

— Temos chamados diferentes, em lugares diferentes.

— Quedes não fica tão longe de Salema — ele falou.

Ela riu.

— Tem razão. O tempo e a distância não podem mais ser causa de dificuldades para nós. Visitarei você na floresta sempre que puder.

— Haverá uma forte razão para vir mais á Salema, além da festa anual que foi instituída.

Os Luminares, em conjunto, decidiram substituir a festa do Solstício, pela celebração da era de luz. Todo o povo era convidado a comparecer na cidade para assistir, não a um sacrifício, mas a representações artísticas, que contassem a história daquela vitória que mudou o mundo que conheciam.

— Você é única, Noa. Apesar da distância, o meu coração escolheu você e serei fiel a esse sentimento.

Ela o abraçou com força.

— Eu também escolho você, Sangar.

Hadassa cuidou dos ferimentos de Hagai, por quem já sentia uma forte afeição. O rapaz tímido deixou que ela lhe fizesse a barba e cortasse seus cabelos. A moça admirou-se quando viu o que tinha diante dos olhos. Ele era tão jovem quanto ela, tinha cabelos lisos e negros, olhos amendoados e risonhos. Ele estava em uma cama, na enfermaria do palácio.

— Por que você se escondia atrás de todo esse cabelo?

Ele sorriu e tocou no rosto dela.

— Isso não importa mais. Você me achou.

Eles se beijaram suavemente.

— Você vai embora com Sangar? — ela perguntou com medo da resposta.

— Ele já pode se proteger sozinho — ele nunca havia falado tanto. — É você quem eu tenho que proteger agora.

Ela o olhou em silêncio.

— Vai se unir a Ordem ou às novas amazonas? — ele perguntou.

Sob o comando de Eunice, as amazonas se tornaram uma elite de guerreiras que cultuavam os valores humanos e respeitavam a vida. As jovens, que antes eram arrastadas à força para ingressar no exército, eram agora estimuladas pelos pais a se tornarem guerreiras a serviço dos Tronos.

— Ainda não decidi. Deborah disse que me ajudaria a procurar minha família. Essa é minha prioridade no momento.

Ele sorriu.

— Está vendo como eu tenho razão? Vai precisar de proteção.

— Então, pretende ir comigo?

— Mesmo que eu vá rastreando os seus passos.

Abinoão estava velho, mas sentia-se muito orgulhoso do filho. Barak beijou o rosto do pai, antes que este subisse na carruagem que o levaria de volta a Quedes.

— Eu vou, mas meu coração está tranquilo — ele disse. — Você encontrou o seu lugar no mundo, meu filho. Sua presença estará em toda a parte.

— Cuide-se, meu pai. Sabe que o meu desejo era o de tê-lo aqui, junto a mim.

— Eu não conseguiria me manter longe das árvores. A floresta é o meu lugar.

Sangar aproximou-se.

— Estamos prontos.

Barak sorriu e abraçou o amigo.

— O povo de Quedes conseguiu um novo líder de valor.

— É bom ter um povo para cuidar.

Barak ficou sério.

— Fez o que lhe pedi?

— Sim. O corpo de Eúde será levado e uma cerimônia irá se realizar em sua homenagem. Ele foi um grande líder.

O povo de Quedes partiu em uma manhã de sol. Partiu sem medo por estradas retas e sem perigo.

Nathan e Otoniel resolveram ir para Babilos. Eles expuseram seus motivos diante dos três Luminares.

— Por que desejam ir para aquele local? - perguntou Jael, que ainda mantinha recordações sombrias daquele lugar.

— Para reconstruí-lo, filha — Otoniel respondeu. — Lá está a origem da pedra do céu. A fonte de todo o poder do mal que no final tornou-se uma arma do bem. Precisamos conhecer essa energia tão poderosa, e evitar que seja corrompida em algum outro momento de nossa história.

— Evitar que seja corrompida? — Deborah perguntou com interesse. — Como pretendem fazer isso?

Os dois trocaram um olhar inseguro.

— Ainda não sabemos, mas... — começou Nathan.

— Eu tenho uma proposta - disse Barak. — Por que não transformamos Babilos em um centro de estudos sacerdotais? Apaguem os vestígios do mal naquele lugar, e descubram o bem que pode existir em seu interior. Não vão sozinhos, mas levem um grupo de sacerdotes sábios como vocês. Tornem Babilos um lugar abençoado.

Todos aprovaram a proposta do Rei. Finéias queria fazer parte do grupo escolhido e os midanitas se dispuseram a ajudar na reconstrução da cidade. (Babilos tornou-se o principal centro de estudos proféticos e muitos jovens que tinham vocação para o sacerdócio encontravam o seu caminho. Nathan tornou-se o responsável pela instituição e Otoniel era o responsável pelos estudos mais profundos. Finéias percebeu que preferia ser um mero aluno daqueles dois. O povo de Midani limpou a cidade, pintou seus muros, consertou suas pontes e conquistou um povo que vivia escravizado pelo medo. Babilos, agora, era uma terra abençoada).

Héber e Jael estavam sentados diante de Deborah e Barak.

— Soube que os Queneus estão de partida - disse Deborah.

— Sim, estão. É tempo de voltar e continuar com nossas vidas - disse Jael.

Deborah olhou fixamente para a irmã.

— Você tem um trono, Jael. Não pode voltar a viver em tendas.

Jael e Héber se entreolharam confusos.

— Deborah, eu não tenho um trono, vocês sim. O meu lugar é entre o meu povo.

— Eu não disse que não era — Deborah respondeu com um sorriso.

Héber segurou com força a mão da esposa.

— Eu não entendo onde vocês querem chegar. Jael não pode ficar longe de mim. Ela é minha esposa.

Barak sorriu.

— Você também tem um trono, Héber.

Jael olhou para o casal na sua frente e sentiu que havia algo no ar, sendo compartilhado. Deborah encontrou o olhar da irmã e concordou.

— O que planejaram para nós? — ela perguntou a Deborah.

— Vocês devem reinar em Hazorah — respondeu Deborah. — O seu trono está lá, Jael. Você tem direito a um, pois uma coroa foi posta em sua cabeça. E quanto a você, Héber, tornou-se um único ser com Jael ao casar-se com ela. Portanto, o trono também pertence a você.

— Reinem sobre os Queneus e sobre todo o povo que habita aquela região. A luz dos Luminares deve ser estendida de um extremo ao outro dessa terra — completou Barak.

Por um momento, Jael e Héber ficaram sem fala, mas logo em seguida, quando a realidade da mudança os atingiu, ela teve medo.

— E se eu não souber reinar?

— Você saberá, minha irmã. Além disso, nossas mentes estarão unidas sempre que precisar de conselhos. Assim como eu

sei que precisarei dos seus.

Héber inclinou a cabeça em agradecimento.

— Esse é um papel que eu nunca pensei em exercer. Mas confio no julgamento de vocês e aceito ser o novo rei de Hazorah. E que o pai me ajude a ter sabedoria.

— Aprendi a conhecê—lo, Héber — falou Barak. — A sua coragem e, sobretudo, a sua humildade falaram muito ao meu coração. Um rei humilde saberá ser sábio.

Os tempos foram mudados e a terra ficou em paz. A cada ano transcorrido, todos se reuniam em Salema, que agora era conhecida como a Cidade Dourada. Era um mês de festividades e reencontros com velhos amigos. Silas resolveu trazer a família do oriente e morar definitivamente em Salema. Zípor já era avó de três netos saudáveis e enérgicos. Pessoas de todas as regiões afluíam para a cidade a cada ano, na esperança de ver os Luminares e ouvir da boca de testemunhas oculares, como se deu o milagre de Deborah ter voltado a vida, após uma morte confirmada, e diante de uma multidão. Em cinco anos passados, a memória do mal sobrevivia apenas em canções folclóricas, pois a história não pode ser apagada. Durante esse tempo, Noa e Sangar casaram-se, Hadassa conseguiu reencontrar a família, Nathan pôde entrar em Aroer e visitar a mãe, a Ordem Branca crescia como uma força guerreira que buscava sua fonte nas coisas espirituais, Hulda e Míriam assumiram a direção da Ilha dos Profetas e Salum se sentia realizado por ser o principal conselheiro do palácio.

EPÍLOGO

O Leite e o Mel

Durante a festa da Quinta Celebração, Deborah e Jael entraram no santuário de Shilloh, onde a chama do altar voltara a arder e para onde as pessoas iam, quando queriam sentir a presença do Pai. Simeão e Ana continuavam a cuidar do santuário, que agora era um lugar vivo. Elas entraram trazendo duas crianças pelas mãos. Os avós de Deborah pararam diante delas com um

sorriso no rosto. Era o ano em que deveriam apresentar os jovens príncipes diante da Chama Eterna.

Deborah aproximou-se da chama, empurrando gentilmente a menina loira e de profundos olhos azuis, filha do seu amor com Barak. Jael fez o mesmo com o menino robusto e inquieto, de cabelos castanhos encaracolados e olhos cor de mel. Seu filho com Héber. Simeão limpou a garganta para parecer sério, apesar de toda a alegria e satisfação que faziam seu coração querer explodir.

— Como se chama essa jovem princesa que hoje se apresenta diante da Chama Eterna?

Deborah apertou gentilmente os ombros da filha, estimulando-a a falar.

— Eva, senhor. Eu vim para dizer ao Pai-Criador que minha vida pertence somente a Ele.

Ana olhou para o menino e sorriu.

— E o jovem príncipe? Como se apresenta diante da Chama Eterna?

Ele olhou para cima procurando o olhar da mãe. Jael sorriu e fez um sinal para que ele fosse em frente.

— Sou Davi. Meu coração já pertence ao Pai-Criador e nada poderá me separar dele.

Dito isso, a Chama ardeu com mais intensidade, aprovando os dois corações. Simeão derramou cinco gotas de azeite na cabeça loira de Eva e Ana fez o mesmo com Davi. Ao final, elas soltaram os filhos, que correram para os braços dos dois pais orgulhosos que assistiram de longe, pois a lei especificava que a mãe é quem deveria prover o momento da apresentação. Eles correram alegremente atrás dos filhos, brincando de esconde—esconde pelo jardim. Simeão aproximou-se das mães não menos orgulhosas.

— Escolheram bons nomes para seus filhos — ele comentou. — Nomes fortes.

Elas o olharam com interesse.

— Vocês já pararam para pensar no que significa o nome de vocês?

Deborah olhou para Jael e sorriu.

— Jael deve significar "fidelidade".

— E Deborah, com certeza, é "sabedoria" — rebateu Jael.
Simeão riu.

— Não, eu devo dizer que vocês nem chegaram perto. Deborah significa "abelha", e Jael significa "cabra selvagem". A abelha nos dá o delicioso mel, e a cabra supre o povo da terra com seu leite forte. Uma terra que, de Hazorah até Salema, de norte a sul, nos oferece o leite e o mel, através de vocês. Uma terra que jorra leite e mel. Uma terra de promessas.

As moças sorriram entre si, refletindo nas palavras de Simeão. Ele entrou e as deixou a sós.

— Foi bom ser fiel — comentou Deborah, com um suspiro.

— Foi difícil, mas foi bom — concordou Jael.

Deborah olhou para ela, preocupada.

— Falei com Nathan esta manhã.

— Sobre os sinais?

Deborah suspirou.

— Sim, mas ele ainda não tinha nenhuma resposta a dar.

— Ele não sabe o que significam? — Jael perguntou alarmada.

Elas se olharam em silêncio. Quando seus filhos nasceram, elas notaram que ambos traziam na cintura uma marca na forma de uma folha de oliveira. As marcas eram idênticas e nenhum sacerdote parecia saber o que significavam.

— Talvez seja por nossa causa, Jael.

— O que quer dizer?

— Aquela história de "gêmeas", lembra? Isso pode ter afetado nossos filhos.

Jael olhou para Davi que brincava e corria atrás do pai.

— Davi me disse que às vezes consegue conversar com Eva, mesmo estando lá em Hazorah.

Deborah sorriu.

— Eu já presenciei um desses momentos. Eva conversava com alguém, mas quando cheguei perto vi que não tinha ninguém

com ela. Ela me disse que falava com Davi. Ele estava lhe contando uma história que aprendeu com você.

Jael suspirou.

— Espero que você esteja certa quanto ao significado.

— De qualquer forma, não há nenhuma revelação sobre isso.

— Talvez devamos esperar o tempo oportuno para saber.

O som das risadas ficaram mais fortes. Elas, nesse momento, viram os filhos derrubarem os pais sobre a grama verde e açoitá-los com cócegas. Héber estava vermelho de tanto gargalhar e Barak parecia estar sem fôlego.

— Parece que nossos reis estão em apuros - disse Jael com um brilho nos olhos.

Deborah cruzou os braços e meneou a cabeça.

— Não esperava voltar à batalha tão cedo, mas a situação parece crítica.

Ela olhou para Jael e sorriu.

— Está pronta?

— Sempre!

Elas correram e se uniram aos risos e às cócegas em meio ao jardim. Sobre a coluna, a Chama Eterna ardia com mais intensidade ainda, como sinal da bênção do Pai-Criador sobre aquela terra e sobre aquelas vidas.

